

EDUARDO MOURA DA COSTA

**O MÉTODO NA OBRA DE VIGOTSKI E A ABORDAGEM ONTOLÓGICA DO  
DESENVOLVIMENTO HUMANO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA**

ASSIS

2020

EDUARDO MOURA DA COSTA

**O MÉTODO NA OBRA DE VIGOTSKI E A ABORDAGEM ONTOLÓGICA DO  
DESENVOLVIMENTO HUMANO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Doutor em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Prof. Dr. João Batista Martins

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

ASSIS

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Laura Akie Saito Inafuko - CRB 8/9116

C837o Costa, Eduardo Moura da  
O método na obra Vigotski e a abordagem ontológica do desenvolvimento humano: uma análise histórica / Eduardo Moura da Costa. Assis, 2020.  
379 p. : il.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis  
Orientador: Dr. João Batista Martins

1. Vigotsky, L. S. (Lev Semenovich) - 1896-1934. 2. Marx, Karl - 1818-1883. 3. Psicologia. I. Título.

CDD 150.9

**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

**TÍTULO DA TESE: O método na obra de Vigotski e a abordagem ontológica do desenvolvimento humano: uma análise histórica**

**AUTOR: EDUARDO MOURA DA COSTA**

**ORIENTADOR: JOÃO BATISTA MARTINS**

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em PSICOLOGIA, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. JOÃO BATISTA MARTINS  
Programa de Pós-graduação em Psicologia / UNESP/Assis

Profª. Dra. CLAUDIA APARECIDA VALDERRAMAS GOMES  
Departamento de Psicologia Social / UNESP/Assis

Prof. Dr. HERCULANO RICARDO CAMPOS  
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes / UFRN/Natal

Profª. Dra. GISELE TOASSA  
Faculdade de Educação / UFG/Goiânia

Prof. Dr. BRUNO PEIXOTO CARVALHO  
Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural / UFPR/Curitiba

Assis, 14 de setembro de 2020

*Aos meus pais, por terem me dado a liberdade de buscar o meu  
caminho.*

## **AGRADECIMENTOS**

A realização de uma pesquisa é um trabalho solitário, mas que só se realiza coletivamente. Portanto, sou grato a essas pessoas que fizeram com que algo, que parecia impossível para um, se tornasse possível com ajuda de muitos. Esta tese é nossa!!!

Agradeço imensamente aos meus pais (Oscarlito Aparecido da Costa e Francisca Moura da Costa) e à minha irmã Caroline Moura da Costa, por terem me dado as condições objetivas e afetivas, para que eu pudesse buscar o meu caminho. O empenho e a dedicação necessários para a conclusão deste trabalho tiveram neles sua inspiração.

Agradeço à Marita Pereira Penariol, pelo companheirismo e pelo amor mútuo. Com você, aprendi a ver o mundo por outros olhos e a vislumbrar um novo caminho.

Agradeço à Elaine Gibelli Pereira Penariol e ao José Francisco Penariol, por terem feito parte de minha vida, nesses anos de formação: ganhei dois novos pais.

Agradeço ao meu orientador, Dr. João Batista Martins. Seu exemplo como professor e pesquisador transcende os limites da prática acadêmica. Sua postura de trabalho sempre carinhosa e afetuosa, que me deu autonomia para efetivar este trabalho, são uma inspiração.

Agradeço ao Prof. Dr. Herculano Campos, pelas contribuições a este estudo. A crise instalada no Exame de Qualificação, em relação aos rumos desta tese, encontrou acolhida e aprovação necessárias a fim de que mantivéssemos o ânimo para terminar esta empreitada.

Agradeço à Dr.<sup>a</sup> Cláudia Aparecida Valderramas Gomes, pela leitura cuidadosa e pelas contribuições, no momento do Exame de Qualificação.

Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gisele Toassa, por ter aceitado fazer parte da avaliação deste trabalho. Sua dedicação e seriedade no trabalho acadêmico foram um exemplo seguido durante a escrita desta tese.

Agradeço ao Prof. Dr. Bruno Peixoto Carvalho, por fazer parte da avaliação desta pesquisa. Espero que o término desta investigação seja uma inspiração, assim como o trabalho dele o foi para mim.

Agradeço aos amigos queridos que fizeram parte da minha vida, durante esta jornada, especialmente ao Paulo, Lucas, Pedro, Maico, Murilo, Nelson, Nivaldo, Mariana, Wagner, Emily, Mario, Eduardo e Magali. O contato humano com esses camaradas possibilitou o enriquecimento da minha formação para além do que estas páginas têm condições de expressar.

Agradeço à Dr.<sup>a</sup> Priscila Nascimento Marques, pelo apoio com as traduções e discussões sobre termos russos. Certamente, esta tese se enriqueceu com o seu conhecimento.

Agradeço ao grandioso trabalho da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ekaterina Zavershneva, em tornar os manuscritos de Vigotski acessíveis e pela tradução do material, pelo Prof. Dr. René van der Veer. Devemos parte das conclusões desenvolvidas neste trabalho ao acesso aos referidos materiais.

Agradeço aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UEM, na figura das Professoras Dr.<sup>a</sup> Silvana Calvo Tuleski, Dr.<sup>a</sup> Marilda Gonçalves Dias Facci, Dr.<sup>a</sup> Adriana de Fátima Franco, Dr.<sup>a</sup> Maria Lucia Boarini. Agradeço especialmente à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvana Calvo Tuleski, quem me apresentou Vigotski, no primeiro ano de Graduação, em 2007, e que me abriu as portas da Pós-Graduação. Este estudo é o resultado do aprendizado e da motivação nutridos por essas mestras.

Agradeço ao Achilles Delari Júnior. O seu esforço em organizar a produção de Vigotski está refletido neste trabalho.

Agradeço aos trabalhadores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNESP-Assis, na figura do técnico João Paulo Zanette. O suporte deles foi essencial para que esta pesquisa pudesse ser concretizada.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

*Não existe uma estrada real para a ciência, e somente aqueles que não temem a fadiga de galgar suas trilhas escarpadas têm a chance de atingir seus cumes luminosos.*

(MARX, 1867).

*Só quem tem a coragem de ser absolutamente negativo tem a força de criar a novidade.*

(FEUERBACH, 1842/2008a).

*A ciência é o caminho da verdade, ainda que caminhe através de erros. Devemos nos considerar unidos e relacionados com o que é anterior a nós, porque, inclusive quando o estamos negando, estamos nos apoiando nele.*

(VIGOTSKI, 1927).



*Esse longo caminho que eu traço  
Muda constantemente de feição  
E eu não posso saber que direção  
Tem o rumo que firmo no espaço  
Tem momentos que sinto que desfaço  
O castelo que eu mesmo levantei  
O importante é que nunca esquecerei  
Que encontrar o caminho é meu empenho  
Como posso saber de onde venho  
Se a semente profunda eu não toquei?*

*(Canção do Mestre Ambrósio)*

COSTA, E. M. da. **O método na obra Vigotski e a abordagem ontológica do desenvolvimento humano: uma análise histórica.** 2020. 379 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2020.

## RESUMO

A presente tese teve como objetivo apreender o desenvolvimento histórico do problema do método e da metodologia na obra de L. S. Vigotski. Esse psicólogo soviético produziu, entre meados da década de 1920 e início da década de 1930, o projeto de uma Psicologia científica que pretendia superar o reducionismo materialista mecanicista, bem como o idealismo subjetivista. Foi analisada a relação entre objeto, método do conhecimento e procedimentos de pesquisa. Constatou-se que, para o autor, o princípio explicativo da gênese da consciência não está nela própria, porém, nas relações sociais. A análise externa do comportamento alterou-se para a análise interna da consciência. No final da sua vida, Vigotski elaborou a hipótese de que a consciência teria uma estrutura sistêmica e semântica. O método de análise modificou-se, por imposição dos fatos, trasladando-se da atividade instrumental mediada pelo signo para o pensamento verbal cuja unidade é o significado. Essa modificação representou a alteração do método de análise das partes componentes para o método de análise por unidades. O método genético experimental se adequou aos resultados das pesquisas, redundando no método de cortes genéticos, que permitiu o estudo não apenas da gênese do desenvolvimento, mas de todo o processo, incluindo a adolescência. A forma de coleta dos dados também foi requalificada, ao longo de sua produção. As situações experimentais, predominantes durante o período baseado no estudo do ato instrumental, deram lugar a outros procedimentos menos restritos, tais como observações, estudo de casos clínicos, aplicação de questionário, definição de conceitos e entrevistas. Conclui-se, com esta pesquisa, que o método, para Vigotski, não é uma produção lógico-gnosiológica, mas responde ao objeto pesquisado, sendo uma abordagem ontológica, pois as modificações operadas em seu método e em suas explicações do fenômeno não foram produto da delimitação lógico-racional prévia, todavia, refletiram a regularidade do fenômeno em cada contexto de observação. Assim, o autor não fundiu nem dividiu epistemologia e ontologia, isto é, não reduziu o conhecimento ao estatuto biológico que compõe o homem, muito menos advogou a suposta tese do antagonismo entre a qualidade material do ser em contraposição à natureza espiritual do conhecimento. Ao contrário, dado que, para ele, o estatuto do ser é encontrado nas relações sociais, a origem do conhecimento está condicionada por esse estatuto, fato que redundava numa compreensão a qual leva em conta o papel do desenvolvimento do significado, tanto para um quanto a outro. Por fim, foi possível constatar a relação intrínseca entre tais princípios metodológicos com aqueles de Marx, sobretudo a fundamentação ontoprática do conhecimento, a determinação social do pensamento e da presença história do objeto, a teoria das abstrações e a lógica da concreção.

Palavras-chave: Psicologia. Vigotski. Método. Marx.

COSTA, E. M. da. **The method in Vygotsky's work and the ontological approach to human development:** a historical analysis. 2020. 379 f. Thesis (PhD in Psychology) – São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2020.

### ABSTRACT

The present thesis aimed to apprehend the historical development of the problem of method and methodology in the work of L. S. Vygotsky. This Soviet psychologist produced, between the mid-1920s and the early 1930s, the project of a scientific psychology that sought to overcome mechanistic materialistic reductionism, as well as subjectivist idealism. The relationship between object, method of knowledge and research instruments was analyzed. It was found that, for the author, the explanatory principle of the genesis of consciousness is not in itself, but in social relations. The external analysis of behavior has changed to the internal analysis of consciousness. At the end of his life, Vygotsky hypothesized that consciousness would have a systemic and semantic structure. The method of analysis was modified by imposing the facts, moving from instrumental activity mediated by the sign to verbal thinking whose unity is the meaning. This change represented a change from the method of analysis of the component parts to the method of analysis by unitys. The experimental genetic method was adapted to the research results, resulting in the method of genetic sections, which allowed the study not only of the genesis of development, but of the entire process, including adolescence. The form of data collection was also requalified, throughout its production. The experimental situations, predominant during the period based on the study of the instrumental act, gave rise to other less restricted procedures, such as observations, clinical case studies, questionnaire application, definition of concepts and interviews. It is concluded, with this research, that the method, for Vigotski, is not a logical-gnosiological production, but responds to the researched object, being an ontological approach, because the modifications operated in his method and in his explanations of the phenomenon were not a product the previous logical-rational delimitation, however, reflected the regularity of the phenomenon in each observation context. Thus, the author did not fuse or divide epistemology and ontology, that is, he did not reduce knowledge to the biological status that makes up man, much less advocated the supposed thesis of antagonism between the material quality of being as opposed to the spiritual nature of knowledge. On the contrary, given that, for him, the status of being is found in social relations, the origin of knowledge is conditioned by this status, a fact that results in an understanding that takes into account the role of the development of meaning, both for one and the other. Finally, it was possible to verify the intrinsic relationship between such methodological principles with those of Marx, especially the ontopractical foundation of knowledge, the social determination of thought and the historical presence of the object, the theory of abstractions and the logic of concretion.

Keywords: Psychology. Vygotsky. Method. Marx.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                              |     |
|------------------------------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 1- ESQUEMA DA ATIVIDADE MEDIADA.....                                  | 130 |
| FIGURA 2- PEÇAS UTILIZADAS NOS EXPERIMENTOS COM PALAVRAS<br>ARTIFICIAIS..... | 146 |
| FIGURA 3- PRIMEIRA HIPÓTESE DO DESENVOLVIMENTO DOS<br>CONCEITOS .....        | 197 |
| FIGURA 4- FORMAÇÃO DOS CONCEITOS PARTINDO DOS GRAUS DE<br>GENERALIZAÇÃO..... | 198 |
| FIGURA 5- MEDIDA DA UNIÃO COMUM DOS CONCEITOS.....                           | 199 |
| FIGURA 6- ESQUEMA DE COMUNICAÇÃO EXTERNA.....                                | 207 |
| FIGURA 7- ESQUEMA DE TOMADA DE CONSCIÊNCIA .....                             | 207 |

## SUMÁRIO

|                                                                                              |            |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1 APRESENTAÇÃO.....</b>                                                                   | <b>15</b>  |
| <b>2 INTRODUÇÃO.....</b>                                                                     | <b>17</b>  |
| <b>3 SOBRE O MÉTODO DE CONHECIMENTO .....</b>                                                | <b>34</b>  |
| 3.1 Entre o ponto de vista epistemológico e o ontológico .....                               | 34         |
| 3.1.1 Marx e a abordagem ontológica do conhecimento.....                                     | 41         |
| 3.1.2 Princípios fundamentais da abordagem ontológica.....                                   | 48         |
| 3.2 Vigotski e a divulgação de sua obra: sobre o predomínio das leituras epistemológicas ... | 57         |
| <b>4 VIGOTSKI E A CONSTITUIÇÃO DO SEU PROJETO DE PESQUISA .....</b>                          | <b>67</b>  |
| 4.1 Elementos contextuais da sua vida e obra .....                                           | 68         |
| 4.2 Fontes e influências: diálogo, negação e superação .....                                 | 74         |
| 4.3 Os cadernos de Vigotski e a pré-história do seu projeto de pesquisa .....                | 81         |
| 4.3.1 Breve contextualização dos manuscritos .....                                           | 82         |
| 4.3.2 Em busca de uma nova definição ontológica.....                                         | 84         |
| 4.3.3 Implicações metodológicas da definição ontológica .....                                | 92         |
| <b>5 CRISE DA PSICOLOGIA E A CONSULTA AOS FATOS.....</b>                                     | <b>98</b>  |
| 5.1 Crise da Psicologia e os métodos para sua superação .....                                | 98         |
| 5.1.1 Diagnóstico da crise da Psicologia.....                                                | 101        |
| 5.1.2 Método de análise dos fenômenos psicológicos.....                                      | 108        |
| 5.2 Método instrumental e o estudo do comportamento cultural .....                           | 116        |
| 5.2.1 Antecedentes do método instrumental .....                                              | 118        |
| 5.2.2 Método instrumental e a pesquisa do desenvolvimento cultural da criança.....           | 123        |
| 5.3 Entre a reflexão e a prática de pesquisa.....                                            | 133        |
| <b>6 FORMAÇÃO DOS CONCEITOS E A IMPOSIÇÃO DOS FATOS.....</b>                                 | <b>137</b> |
| 6.1 O desenvolvimento do método experimental de estudo dos conceitos .....                   | 138        |
| 6.1.1 Sakharov e as bases metodológicas para o estudo da formação do conceito .....          | 139        |
| 6.1.2 Metodologia instrumental de investigação dos conceitos artificiais .....               | 143        |
| 6.1.3 Desenvolvimento dos conceitos na adolescência.....                                     | 147        |

|          |                                                                                     |            |
|----------|-------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 6.2      | Investigação do processo de desintegração da consciência na esquizofrenia.....      | 159        |
| 6.3      | Expedições à Ásia Central e o estudo das funções psicológicas .....                 | 164        |
| 6.3.1    | Breve histórico das expedições à Ásia Central.....                                  | 165        |
| 6.3.2    | Estrutura dos experimentos .....                                                    | 167        |
| 6.3.3    | As expedições à Ásia Central e as pesquisas sobre a formação dos conceitos .....    | 171        |
| <b>7</b> | <b>EM DIREÇÃO À PSICOLOGIA DO ÁPICE .....</b>                                       | <b>176</b> |
| 7.1      | A estrada real para a Psicologia histórica .....                                    | 176        |
| 7.1.1    | A pedra angular que foi rejeitada pelos construtores.....                           | 177        |
| 7.1.2    | Questões de método no estudo do pensamento e da linguagem.....                      | 181        |
| 7.1.3    | Sobre a necessidade de uma nova hipótese de trabalho .....                          | 187        |
| 7.1.4    | O significado leva ao sistema.....                                                  | 192        |
| 7.1.5    | Análise semântica e o estudo da consciência.....                                    | 201        |
| 7.1.6    | A face oculta da consciência e seu método de investigação na ontogênese .....       | 211        |
| 7.1.6.1  | Fala egocêntrica e a análise semântica da consciência .....                         | 212        |
| 7.1.6.2  | Estudo do desenvolvimento dos conceitos científicos na infância.....                | 221        |
| 7.2      | Sobre o problema psicofísico.....                                                   | 233        |
| 7.2.1    | Crise da Psicologia e o problema psicofísico .....                                  | 234        |
| 7.2.2    | Primeira tentativa de resolução do problema psicofísico.....                        | 235        |
| 7.2.3    | Reorientação do problema psicofísico .....                                          | 239        |
| 7.2.3.1  | Estatuto ontológico do fenômeno mental .....                                        | 240        |
| 7.2.3.2  | Psicologia dialética e a unidade entre o psíquico e o fisiológico .....             | 246        |
| 7.2.4    | O método semântico e uma nova alternativa de resolução do problema psicofísico..... | 249        |
| 7.3      | O problema do meio na investigação psicológica .....                                | 253        |
| 7.3.1    | Visão geral do problema do meio na obra de Vigotski .....                           | 257        |
| 7.3.2    | Meio social, desenvolvimento infantil e o conceito de vivência.....                 | 260        |
| 7.3.3    | O meio social e as crises do desenvolvimento.....                                   | 267        |
| 7.3.4    | Sobre a relação entre interno e externo.....                                        | 276        |
| 7.3.4.1  | Totalidade entre afeto e intelecto e a dinâmica entre pensamento e ação.....        | 277        |
| 7.3.4.2  | Doença de Pick e o problema da transferência entre pensamento e ação .....          | 283        |
| <b>8</b> | <b>PARA UMA LEITURA HISTÓRICA DO MÉTODO NA OBRA DE VIGOTSKI..</b>                   | <b>295</b> |

|          |                                                                               |            |
|----------|-------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 8.1      | Vigotski e o método de Marx .....                                             | 296        |
| 8.2      | Dialética entre teoria e prática .....                                        | 298        |
| 8.3      | Objeto de estudo e princípio explicativo .....                                | 308        |
| 8.4      | Modo de proceder à análise .....                                              | 316        |
| 8.4.1    | Em busca da análise indireta do fenômeno psicológico .....                    | 316        |
| 8.4.2    | Historicidade como fundamento metodológico .....                              | 320        |
| 8.4.3    | Método reverso .....                                                          | 325        |
| 8.4.4    | Os procedimentos de pesquisa .....                                            | 328        |
| 8.5      | Considerações sobre o problema do método de análise na obra de Vigotski ..... | 335        |
| 8.5.1    | Sobre a necessidade de uma abordagem histórica ao método de análise .....     | 335        |
| 8.5.2    | Método de análise e a imposição dos fatos .....                               | 340        |
| <b>9</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                             | <b>352</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                      | <b>366</b> |

## 1 APRESENTAÇÃO

Apresentamos aqui os resultados da pesquisa de doutoramento que teve como objetivo investigar o problema do método e da metodologia, na obra de Lev Semionovitch Vigotski (1896-1934). Esta investigação é o resultado do aprofundamento de estudos realizados em nossa pesquisa de Mestrado, concluída em 2015, na Universidade Estadual de Maringá, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvana Calvo Tuleski. Nessa ocasião, investigamos quais foram os principais conceitos de Vigotski apropriados pelo Construcionismo Social. Como conclusão do trabalho, constatamos que o problema central da incompatibilidade de tal apropriação foram as questões de fundo filosófico e metodológico.

Com efeito, a teoria formulada por Vigotski e o Construcionismo Social partem de premissas ontológicas, epistemológicas e metodológicas inteiramente distintas. Apesar do evidente contraste entre essas duas tradições, sendo uma voltada ao conhecimento da realidade e outra agnóstica e, muitas vezes, beirando ao irracionalismo, ainda não tínhamos total conhecimento de como Vigotski operou a reprodução do objeto pesquisado. Isso se deve ao fato de que, naquele momento, não estávamos totalmente seguros sobre como se processaram o método e a metodologia, em sua obra. A literatura consultada naquele período nos fornecia poucas pistas sobre esse problema. Portanto, foi na tentativa de compreender essas diferenças que fomos impelidos a elucidar, de uma forma mais qualificada e aprofundada, as nuances do seu caminho rumo à verdade.

Esta pesquisa foi motivada por algumas perguntas que nos inquietavam e que, para serem respondidas, necessitavam de uma análise aprofundada do problema do método, na obra de Vigotski. Observávamos avanços na Psicologia do desenvolvimento, nas Neurociências, na Antropologia, na Psicologia comparada, dentre outras áreas, e nos perguntávamos: como Vigotski analisaria esses achados? Em outro sentido, tais fatos refutariam ou comprovariam suas análises? A partir dessas indagações, também constatávamos que algumas metodologias de pesquisa se diziam devedoras de Vigotski (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017; RATNER, 1997). Com isso, voltávamos a nos questionar: essas metodologias seriam fiéis aos princípios metodológicos de Vigotski? Entendíamos que somente seria possível responder a essas perguntas, extraindo seu método de cognição dos fenômenos objetivos. Portanto, esses foram apenas um norte para a pesquisa, não sendo nosso objetivo abordá-los, neste momento.

Além dessas questões, uma das principais motivações deste trabalho foi tentar compreender o papel da filosofia de Karl Marx, o pai do socialismo científico, na produção de



Vigotski. Apesar de uma questão central, pouco se produziu sobre como os fundamentos filosófico-metodológicos do materialismo dialético se expressaram, ao longo de sua obra.

Esta tese não é um trabalho de cunho psicológico *stricto sensu*, mas metodológico, pois se define como um estudo sobre o método do conhecimento. Partimos do princípio de que não há como um texto ser psicológico, sem falar de pessoas reais. Ou, como propunha Politzer (1973), não é possível fazer Psicologia abstrata: é preciso produzir uma Psicologia concreta, isto é, que se desloque do estudo de funções e processos isolados para as pessoas, as quais, no drama da vida cotidiana, orientam, significam e dão vida a tais funções e processos. Nessa mesma linha, Vigotski também apontou que os processos psicológicos somente possuem significado nas relações reais entre as pessoas. Portanto, em razão do caráter teórico-conceitual desta pesquisa, ela não se caracterizaria completamente como um estudo psicológico, apesar de o tema da origem social do desenvolvimento humano atravessar todo o trabalho. Esta tese também não tem a pretensão de dar respostas cabais sobre o problema do método, na obra vigotskiana. A despeito disso, pretende-se ao menos discutir questões centrais na sua produção, que têm recebido pouca atenção, apesar da sua importância.

Confiemos que este é um exercício para tentarmos entender a obra de Vigotski, de uma forma holística, tal qual preconiza Dafermos (2018), isto é, que busca compreender a obra de Vigotski em seu desenvolvimento histórico e não se limita a analisá-la restrita a um momento específico. Por conseguinte, a presente pesquisa busca analisar Vigotski de maneira dialética, acompanhando o processo de criação do seu projeto de pesquisa. Diante da quantidade de perguntas que ainda não foram respondidas, tal como apontado acima, esperamos que este seja um primeiro passo, o qual poderá nos levar ao esclarecimento delas.

## 2 INTRODUÇÃO

*Esta é a última coisa que eu fiz na psicologia — e morrerei no cume, como Moisés, tendo vislumbrado a terra prometida, mas sem colocar os pés nela. Adeus, queridas criações. O resto é silêncio.*

(VYGOTSKY, [1934])<sup>1</sup>.

Estas foram, provavelmente, as últimas palavras escritas por Vigotski. Elas são dramáticas, se considerarmos que expressam a consciência do seu fim. Além disso, podem ser interpretadas de duas maneiras. Por um lado, elas vocalizam certa frustração, por ter apenas vislumbrado a “terra prometida”, indicando que seu trabalho foi incompleto e limitado. Mas, por outro, também demonstram sua convicção de que aquilo que fez foi grandioso, pois se compara com um simbólico personagem bíblico.

Foram justamente os métodos desenvolvidos por Vigotski que o levaram a vislumbrar essa “terra prometida”. Iarochevski e Gurguenidze (2004, p. 471) afirmam que “[...] a força das concepções desenvolvidas por Vigotski procede de sua base e orientação metodológica.” Ainda conforme os referidos autores, Vigotski teve o grande mérito de partir dos princípios metodológicos do marxismo e aplicá-los às ciências concretas. Elkonin (2006) e Rivière (1984) reconhecem esse mesmo aspecto da produção do autor, ao ressaltarem que ele foi um “metodólogo” da Psicologia.

Antes de continuarmos, faz-se necessário abrir um parêntese, a fim de esclarecermos o que Vigotski compreendia sobre “método”, em contraposição à forma corrente do entendimento e, também, para fazermos algumas distinções terminológicas. Wertsch (1985a) esclarece que, na Psicologia soviética, o termo “metodologia” [*methodology*] ou “metodologista” [*methodologist*] não se referia ao projeto ou condução de pesquisas empíricas. Para além desse significado, o termo concerne ao “[...] estudo de questões metodológicas e teóricas gerais que fundamentam qualquer investigação do fenômeno psicológico.” (p. 61). A metodologia, para o contexto de Vigotski, seria constituída pelos fundamentos gerais de um empreendimento científico. Desse modo, esse termo não tem relação com a tradição científica moderna, sobretudo devedora da visão norte-americana, do método enquanto procedimentos envolvidos na coleta e na pesquisa empírica.

---

<sup>1</sup> Quando a referência utilizada formar um conjunto de textos escritos e organizados por Vigotski, nós apenas referenciaremos o material consultado. Quando o material consultado fizer parte de uma coletânea de textos, diversos em seu tema e no período de sua escrita, referenciaremos o texto exato que foi usado. Quando a data de escrita do texto citado for relevante, apresentaremos entre colchetes a sua data aproximada. Na sequência, indicaremos a data da sua primeira publicação e a data da publicação do material consultado. As traduções de termos e das passagens em russo foram feitas por Priscila Nascimento Marques. Apesar disso, a forma de emprego das mesmas são responsabilidade do autor. As demais traduções são de nossa inteira responsabilidade.

Vigotski explicitou que existem dois momentos na pesquisa, mas que são intercambiáveis. Ao discutir sobre a situação da crise da Psicologia ele comenta: “[...] usualmente a palavra “método” [*metód*] nos remete a duas coisas distintas: 1) a *metódika*<sup>2</sup> de pesquisa, o procedimento técnico e; 2) o método de conhecimento [*metod poznaniya*], que determina o objetivo da pesquisa, o lugar da ciência e sua natureza.” (VIGOTSKI, [1927]1982/2004a, p. 283). Em seus escritos, não há a divisão clara entre os conceitos de “método” [*metód*], *metódika* e “metodologia” [*metodologii*]. Esses termos são utilizados de modo intercambiado. Demonstra isso o fato de que, em determinados momentos, ele emprega a palavra método [*metód*] para se referir também aos procedimentos de pesquisa, diferente do sentido acima de “método do conhecimento” [*metod poznaniya*]. Nesse caso, ele usa, por exemplo, método de dupla estimulação [*metód dvoínói stimuliátzii*] e método [*metód*] de definir conceitos. Ele também recorre à palavra *metódika*, para abordar os procedimentos da Psicologia, como a introspecção e os procedimentos da reflexologia (VIGOTSKI, 1926). Esse fato denota que ele utilizava as palavras *metod* e *metódika* de forma intercambiada, a fim de se referir aos procedimentos técnicos de pesquisa.

Além disso, ele usa a palavra metodologia [*metodologii*] para indicar a “[...] base metodológica [*metodologicheskaya*] de estudo” ou quando comenta sobre a “[...] lacuna entre a metodologia [*metodologii*] e a pesquisa [*issledovaniya*]” (VYGOTSKY, 2018a). Isto é, no sentido de método de conhecimento [*metod poznaniya*]. Portanto, é preciso considerar o contexto da argumentação, para interpretarmos a qual aspecto da “metodologia” ele estava se aludindo. O mais importante é compreendermos que ele fazia essa diferenciação entre método do conhecimento e os procedimentos de pesquisa. Esse problema terminológico já adianta a discussão que será empreendida nas próximas páginas, pois expressa que não existe uma separação entre essas instâncias, contudo, uma relação dialética entre elas.

Em razão desse problema terminológico, além de nos faltar, no português, uma tradução que contemple a palavra *metódika*, não nos comprometeremos a padronizar a utilização das palavras “método” e “metodologia”, pois o próprio autor não fez tal distinção. Em certos momentos, empregaremos uma ou outra forma, para focalizar tanto o método do conhecimento quanto os procedimentos práticos de pesquisa. Afora isso, tentamos usar metodologia num sentido mais amplo, o qual abarca não apenas o método do conhecimento

---

<sup>2</sup> Não temos em português outra palavra para traduzir *metódika*, a não ser método ou metodologia. Tal palavra é utilizada por exemplo, para se referir a *metódika* de ensino de idiomas. Ou seja, com etapas ou caminho para se ensinar um idioma.

mas também os procedimentos técnicos, a *metódika*. Fechado esse parêntese, voltemos para a nossa introdução.

Apesar da importância do método da Psicologia, para Vigotski, Veresov (2010) afirma que suas criações metodológicas ou permanecem desconhecidas na Psicologia hegemônica contemporânea ou foram mal compreendidas. Elhammoumi (2009) argumenta na mesma direção, ao afirmar que o legado deixado por Vigotski, na tentativa de formular uma Psicologia a partir das bases marxistas, ainda constitui uma *terra incógnita*, isto é, um campo inexplorado pela ciência psicológica.

Conforme Zinchenko e Pervichko (2013), Vigotski foi um dos primeiros a apresentar uma teoria psicológica que não era baseada exclusivamente em dados empíricos, mas em “[...] determinados pressupostos teóricos sobre o caráter social da consciência e das funções mentais superiores e sobre os símbolos como mediadores das funções mentais superiores.” (ZINCHENKO; PERVICHKO, 2013, p. 46).

Kravtsova (2010) destaca que Vigotski teria desenvolvido duas ideias revolucionárias: em primeiro lugar, ele teria identificado o caminho do desenvolvimento especificamente humano que ele classificou como caminho cultural, e o tornou operacional dentro dos conceitos científicos. Esse desenvolvimento não seria simplesmente mental, contudo, seria o desenvolvimento da pessoa como um todo. Sua segunda ideia versa sobre o fato de o desenvolvimento humano envolver a capacidade de domínio da própria conduta, como aponta a autora: “Seguindo esta lógica, todos os fatores externos, incluindo o conhecimento, não são assimilados ou apropriados, mas tornam-se instrumentos, ferramentas, que os homens usam para tornarem-se sujeitos do seu próprio comportamento, atividade e personalidade.” (KRAVTSOVA, 2010, p. 20).

De um modo geral, a Psicologia do início do século XX dividia-se entre duas tradições, uma materialista mecanicista e outra idealista subjetivista. O modelo mental pautado na explicação biológica ancorava-se na visão mecanicista, atomista e reducionista, tendo como principais representantes, naquele momento, a reflexologia e o comportamentalismo. Essa tradição explicava os processos psicológicos paralelamente aos processos físico-químicos. Já as posições idealistas, de maneira oposta, concebiam os processos mentais como determinantes ou independentes do substrato material do corpo. A base para a separação da Psicologia, nessas duas visões, estava amparada no dualismo cartesiano, o qual separava as leis do corpo das leis da mente. O estudo do homem apartado das relações sociais era o que unia essas duas tradições. O homem desapareceu da Psicologia daquele período (DAFERMOS, 2018; POLITZER, 1929/1973).

Vigotski, segundo Toassa (2015), já na sua obra psicológica inaugural, *Psicologia Pedagógica*, enfatizou que a Psicologia deveria superar a “velha Psicologia”, para gradualmente introduzir uma abordagem holística e integrativa. Diferentemente da Psicologia hegemônica, Vigotski buscou compreender as características genuinamente humanas. Seu objetivo foi caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formaram, no decorrer da história humana, e de como se desenvolve, durante a vida de uma pessoa. Dada a complexidade do fenômeno a ser estudado, o autor modificou o método, os procedimentos e a própria explicação, ao longo de sua obra. Ao final da sua vida, ele estava convencido de que a Psicologia deveria ser uma ciência do “ápice”<sup>3</sup>, isto é, que explicasse os aspectos mais superiores da sua constituição.

Um bom exemplo sobre contra qual posição ele se opunha pode ser encontrada em sua crítica da noção de desenvolvimento infantil de Karl Buhler (VIGOTSKI, 1930/1998a). Nessa crítica, ele afirma que a tarefa do psicólogo era compreender o desenvolvimento da criança como um todo, não a reduzindo somente aos aspectos biológicos. Para o autor, existiriam duas linhas que compõem o desenvolvimento da ontogênese do comportamento do homem: uma linha evolutiva biológica e outra histórica.<sup>4</sup> As teorias da época, por não levarem em consideração as influências externas, do meio, para o desenvolvimento do homem, não conseguiam “[...] diferenciar entre as formas inferiores e as formas superiores de conduta e pensamento, entre os fatores de desenvolvimento biológicos e sociais que são próprios, específicos de uma criança de uma determinada época ou classe social, e as leis universais de desenvolvimento biológico.” (VIGOTSKI, 1930/1998a, p. 193). Vigotski orientou o seu projeto de pesquisa para explicar a origem social da consciência do homem. Nesse sentido, o objeto da Psicologia deveria abarcar, para além da linha biológica, também a linha cultural do seu desenvolvimento. A tarefa da Psicologia era, por conseguinte, explicar como o ser biológico se tornava ser cultural. É precisamente essa constatação que o diferiu em relação às teorias da época e que o faz influente até os dias de hoje

Temos aqui, portanto, uma introdução daquilo que diferenciava Vigotski das outras correntes psicológicas da época, tais como a reflexologia, o comportamentalismo ou a Psicologia da *Gestalt*. Essa diferença se situava na sua crítica ao exame limitador do indivíduo apartado dos aspectos sociais e culturais que circunscrevem o seu desenvolvimento. Dessa

---

<sup>3</sup> Vigotski (VYGOTSKY, 2018a), ao final da sua vida, abordou várias vezes a necessidade de desenvolvimento de uma “psicologia do ápice”, em contraposição à psicologia profunda, em referência à psicanálise, e também como forma de superação das teorias que ficavam na “superfície”, isto é, as quais se limitavam aos fundamentos biológicos do homem e não explicavam suas qualidades superiores, em comparação aos demais animais.

<sup>4</sup> Para uma visão atualizada dessa concepção, consultar Tomasello (2003).

consideração surgem diversos problemas de método e de metodologia, pois, ao se tomar como objeto de estudo não somente o homem, as estruturas mentais ou os processos psicofisiológicos, mas os fatores sociais que organizam a sua conduta, tem-se a necessidade de se partir de uma nova base filosófica e, também, desenvolver novas metodologias para estudar o homem sob novas perspectivas.

Vigotski evidenciou que o método clássico estudava as formas de comportamento ou limitadas ao comportamento biológico ou à experiência imediata do homem. Era preciso, ao contrário, encontrar uma forma de estudar o objeto no seu processo de desenvolvimento. Para isso, ele criou um método genético-experimental, o qual combinava as duas linhas de desenvolvimento, isto é, a linha biológica e a cultural. O método proposto era objetivante, pois se “[...] centra direta e fundamentalmente sua atenção nos procedimentos e estruturas psíquicas internas ocultas a observação direta.” (VYGOTSKI; LURIA, [1930]1984/2007, p. 73). Por isso, para Vigotski a Psicologia deveria ir além da experiência imediata, ultrapassar a ideia de que os fatos “[...] dizem por si mesmos.” (VIGOTSKI, [1927]1982/2004a). Desse modo, nesse ímpeto de ir além do observável diretamente, temos uma orientação em termos de método que diferenciava Vigotski dos demais autores da sua época. A interpretação era a chave do método de estudo indireto. “Nesse sentido, para a Psicologia a interpretação não é só uma amarga necessidade, mas um modo de conhecimento libertador, essencialmente fecundo, *salto vitale* que, para os maus saltadores, se transforma em *salto mortale*.” (VIGOTSKI, [1927]1982/2004a, p. 287).

O desenvolvimento histórico da produção teórica de Vigotski é a expressão dessa tentativa de criar uma Psicologia interpretativa do homem e não simplesmente descritiva. O seu processo de investigação reflete o movimento de criação de metodologias que tinham como propósito a objetivação dos processos subjetivos, internos. A complexidade do processo está no fato de que aquilo que ele consegue tornar visível orientou suas interpretações em direções distintas, ao longo de sua produção. Em um primeiro momento, o visível foi limitado em razão dos procedimentos utilizados. Como consequência, sua interpretação também padeceu dos mesmos limites. Posteriormente, aquilo que ele conseguiu tornar visível abriu novas possibilidades interpretativas. Em linhas gerais, o objetivo da presente tese é tentar entender esse movimento, o qual não é contínuo, mas feito de avanços, momentos de crise e de abandonos, tal qual o próprio desenvolvimento humano identificado por ele.

A produção de Vigotski somente começou a ser divulgada no Ocidente, depois de passados mais de vinte anos de sua morte. Isso ocorreu em razão do contexto político que se desenvolveu, durante o regime de Stalin, na antiga União Soviética. Após sua morte, em 1934,

seus trabalhos foram banidos pelos próximos vinte anos, voltando a serem publicados somente em meados da década de 1950. Parte desse banimento é explicado pelo fato de Vigotski ser um dos líderes da pedologia soviética. A pedologia era conhecida, no início do século XX, como a ciência do desenvolvimento infantil. Seu foco era gerar conhecimentos para serem empregados nas instituições educacionais e médicas (FRASER; YASNITSKY, 2016).

O “boom” de divulgação e interesse por suas obras, no Ocidente, se deu a partir da década de 1980, sobretudo depois da publicação de alguns de seus textos num livro – sob o título de *Mind in society: The development of higher psychological processes* –, organizado por Michael Cole, Vera John-Steiner, Sylvia Scribner e Ellen Souberman, editado em 1978 (VYGOTSKY, 1978). Também foi decisivo para o aumento do interesse pelo psicólogo bielorrusso a publicação de uma resenha do filósofo britânico Stephen Toulmin, em 1978 (TOULMIN, 1978). Foi nessa resenha de três livros relacionados diretamente a Vigotski, *Mind in society: The development of higher psychological processes*, *The psychology of Art* e *Soviet Developmental psychology: an anthology*, que Toulmin qualificou Vigotski como o “Mozart da Psicologia”. Toulmin criticou a Psicologia americana, tradicionalmente orientada pelo Behaviorismo, e teceu grandes elogios a Vigotski e Alexander Luria. Além desses fatores, também contribuiu para a divulgação de seus trabalhos o início da publicação, a partir de 1982, na União Soviética, de uma coletânea em seis volumes de suas obras escolhidas.<sup>5</sup> Seguiram, após tais publicações, as traduções inglesas (em seis volumes) e a espanhola (em seis volumes). Suas obras completas não foram publicadas na íntegra em língua portuguesa. Elas foram editadas esparsamente, desde a década de 1980. Contudo, apesar do grande interesse por sua obra, a recepção de seu pensamento no Ocidente não aconteceu sem problemas de interpretação, simplificações, adaptações e perdas (DAFERMOS, 2015; DUARTE, 2001; VERESOV, 2010).

Para Veresov (2010), existiriam duas razões para estudarmos o legado de Vigotski: uma histórica e outra metodológica. A importância histórica do estudo da obra de Vigotski se dá em razão do seu diagnóstico da crise da Psicologia e as alternativas originais para tentar superá-la. Sobre essa questão, Dafermos (2014) aponta que a situação de crise da Psicologia era notada por vários autores, tais como William James, Hans Driesch, Nikolai Lange, dentre outros. De acordo com Sturm e Mulberger (2012), tais diagnósticos da crise geralmente serviram para reorganizar as pesquisas e se baseavam nas críticas às abordagens de um ponto

---

<sup>5</sup> Hoje se sabe que essa publicação deixou de fora importantes trabalhos e não manteve os textos fiéis aos originais (ZAVERSHNEVA, 2016a).

de visto epistemológico e ontológico. As causas da crise da Psicologia variaram entre os diferentes autores e perspectivas. Buhler, por exemplo, via a crise na fragmentação metodológica, já Driesch entendia a crise em função dos dilemas ontológicos dessa ciência, isto é, nas formas de abordar a relação mente-corpo.

Isso demonstra que a situação de crise da Psicologia não era nova, nem Vigotski foi o primeiro a diagnosticá-la. Entretanto, a originalidade do seu trabalho estava na sua abordagem. Ela teve como objetivo criar uma proposta histórico-cultural como alternativa metodológica para a crise. O autor buscou elaborar, juntamente com seus colaboradores, uma abordagem dos fenômenos psicológicos que captasse as formas mais desenvolvidas das funções psicológicas humanas, pautado principalmente no método qualitativo e interpretativo, e não quantitativo e descritivo. Nesse sentido, do ponto de vista do legado histórico, faz-se extremamente importante colocar em discussão uma alternativa para a crise, a qual, de certo modo, se estende até nossos dias. A despeito de Vigotski não ter realizado em sua plenitude o projeto almejado por ele, sua obra ainda tem o potencial de cooperar para a solução dos problemas encontrados ainda hoje, na ciência psicológica.

Já em relação ao legado metodológico, desenvolvido para se contrapor à crise instalada na Psicologia, colocam-se duas questões relevantes: 1) a crítica ao empirismo e aos métodos descritivos; e 2) o desenvolvimento de métodos de pesquisa analíticos e qualitativos, baseados no materialismo histórico e dialético.<sup>6</sup>

Quanto à primeira questão, Vigotski criticou o empirismo por este levar a uma situação em que se perdia a sustentação teórica na abordagem do fenômeno psicológico e pelo fato de ele se aproximar de um certo ecletismo que assimilava elementos distintos, no processo interpretativo. Conforme Veresov (2010), para Vigotski, os modelos e princípios descritivos baseados em métodos empíricos de investigação deveriam ser substituídos por modelos e princípios explicativos. Essa substituição seria necessária, porque o principal erro da Psicologia empirista tradicional seria a decomposição das formas e estruturas psicológicas superiores em elementos primários. Ao se orientarem por essa concepção, ignoravam o problema da qualidade do fenômeno, o qual não pode ser reduzido às diferenças quantitativas.

---

<sup>6</sup> A relação entre materialismo dialético e materialismo histórico será abordada mais adiante. Podemos adiantar que, na visão de Vigotski, o materialismo histórico é a aplicação à história do materialismo dialético. Portanto, o autor não trata de “materialismo histórico e dialético”, mas de materialismo dialético. Ele argumenta: “A dialética abarca a natureza, o pensamento, a história: é a ciência em geral, universal ao máximo. Essa teoria do materialismo psicológico ou dialética da psicologia é o que eu considero psicologia geral.” (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a).



Com respeito à segunda questão, Vigotski propôs que, em contraposição à mera descrição dos estágios de desenvolvimento, a teoria psicológica deveria procurar formas de explicar o desenvolvimento (incluindo suas fontes, leis, condições, forças moventes, contradições e mecanismos subjacentes) (VERESOV, 2010). Para ele, o desenvolvimento humano é visto como um processo complexo e contraditório, mas, marcado, sobretudo, por mudanças qualitativas. O método utilizado por Vigotski tinha como pretensão superar os métodos que eram puramente descritivos e orientados para a quantificação do fenômeno, os quais partem da ideia de que os fatos empíricos falam por si mesmos, não necessitando de uma teoria geral para explicá-los.

Como destaca Toomela (2007), em sua análise do problema metodológico da Psicologia, haveria duas maneiras de superar as limitações metodológicas dessa disciplina: 1) criar novos métodos de pesquisa, isto é, desenvolver métodos de análise de dados e de mapeamento cerebral por imagem mais eficientes; ou 2) olhar para a história do pensamento metodológico e verificar se certos princípios foram abandonados por suas limitações ou simplesmente por razões culturais e não científicas. É com base nessa segunda forma de abordar problemática da metodologia da pesquisa que nosso estudo se orienta.

A importância do estudo de Vigotski está, portanto, no seguinte aspecto: se hoje concordamos com sua afirmação de que precisamos investigar as funções tipicamente humanas e que o caminho para tal passa pela crítica ao reducionismo e ao empirismo estreito, então podemos nos inspirar na sua obra, a fim de pensarmos alternativas ao reducionismo biológico e psicológico, os quais ainda estão presentes na Psicologia contemporânea.

Nos últimos anos, vem ocorrendo um processo de redescoberta e de revisão dos escritos vigotskianos, que têm questionado interpretações e leituras da sua obra até então enraizadas. O questionamento de tais interpretações ocorreu, principalmente, graças a novos documentos dos seus arquivos que vieram à luz, nos últimos anos. Ainda é corrente a interpretação da produção de Vigotski que toma como base as formulações feitas durante a que ficou conhecida como “fase instrumental” da sua produção (GONZÁLEZ REY, 2013; ROTH; JORNET, 2017; ZAVERSHNEVA; VAN DER VEER, 2018). Já a fase final de sua produção é pouco conhecida e estudada, e é nesse período que encontramos as principais modificações, no que tange às questões de método e da metodologia operadas por Vigotski, na análise dos fenômenos psicológicos. Desse modo, esta tese pretendeu verificar como se deram os rearranjos, em termos de método do conhecimento e dos procedimentos de pesquisa, que se processaram entre o método instrumental e o método semântico.

Destacamos, nesse momento de revisão de sua obra, os estudos desenvolvidos por Zavershneva (2016a, 2016b). O trabalho dessa autora com os arquivos de Vigotski, os quais estão sob os cuidados de seus herdeiros, tem sido de extrema importância para compreendermos seu pensamento, sobretudo no que diz respeito às modificações pelas quais sua obra passou, no decorrer da sua produção.

Segundo Zavershneva (2016b), no final da sua vida, Vigotski desenvolveu uma nova hipótese de trabalho que o fez rever suas hipóteses anteriores e também criticar a posição dos seus colegas. Segundo a autora, essa nova fase teria como norte o entendimento da consciência como sendo um desdobramento da dinâmica do sistema semântico. Essa nova visão seria a reelaboração de concepções anteriores sobre o desenvolvimento psicológico calcado na ideia da mediação dos signos (ZAVERSHNEVA, 2016b). Ainda conforme a autora, Vigotski modificou a análise externa do comportamento para a análise interna da consciência. Assim, Zavershneva pôde identificar uma nova modificação no trato do seu objeto no final de sua vida, o qual recaiu no problema da vivência [*pereživânie*], entendida por ele como unidade de análise que expressa a relação entre a personalidade da criança e o meio.

Nessa mesma linha interpretativa, encontramos o trabalho de Fraser e Yasnitsky (2016). Esses autores sugerem que, entre 1929 e 1931, Vigotski vivenciou uma crise teórica e pessoal que coincide com os resultados da Revolução Cultural<sup>7</sup> e o rápido desenvolvimento social e econômico do seu país. Durante esse período, ele teria intensamente criticado seu trabalho, o que teria acarretado uma mudança substancial na sua produção teórica. Desse modo, a presente pesquisa almejou verificar a pertinência desse tipo de interpretação. Ou seja, nosso projeto inicial era analisar o desenvolvimento do seu método, sobretudo no que diz respeito aos problemas encontrados por ele, ao longo do caminho.

Fraser e Yasnitsky (2016) assinalam, ainda, que no trabalho de Vigotski existem várias formulações sobre o objeto da Psicologia, tais como: consciência, personalidade, funções psicológicas superiores, consciência como síntese da dinâmica semântica e vivência. Nesse percurso teórico, é possível observar avanços, retrocessos, sínteses e superações, no que concerne às elaborações sobre o objeto, o método e as metodologias, no seu projeto científico. É sob essa perspectiva que o presente trabalho se propõe compreender algumas mudanças-chave que se processaram no tratamento de Vigotski dos seus problemas de pesquisa, desde

---

<sup>7</sup> A Revolução Cultural ocorreu a partir da necessidade de se desenvolver a socialização da cultura para as massas de trabalhadores. Essa socialização envolveu todos os âmbitos da sociedade, passando pela ciência, educação, artes etc. Para mais detalhes, ver Trotsky (1923/1979).

sua origem, em meados da década de 1920, até suas produções finais, elaboradas no início de 1934.

Pouco antes do movimento de revisão da obra de Vigotski exemplificado acima, surgiu na Rússia, nas últimas décadas, uma compreensão do autor como sendo um representante da visão “não clássica”, dentro da Psicologia. De acordo Robbins (2007), a Psicologia “não clássica” não seria oposta à Psicologia clássica, mas seria sua transformação. O objetivo desse movimento seria voltar às intenções gerais da teoria de Vigotski e esclarecer muitas de suas hipóteses gerais. A visão clássica seria aquela que compreende os processos mentais como sendo exclusivamente internos, a qual estaria amparada no paradigma das ciências naturais. Vigotski, por outro lado, interpretou a personalidade como sendo individual, cultural e social. Em outras palavras, segundo Kravtsova (2010), neta de Vigotski, a Psicologia não clássica não teria experimentadores ou cobaias, pelo menos não no sentido clássico, contudo, desenvolveria diferentes leis que tornariam possível descobrir o curso específico do desenvolvimento humano, ao ter como foco as pessoas como indivíduos autorregulados. Ainda conforme a autora, a Psicologia clássica desconheceria os problemas da “personalidade”, porque não compreenderia a teoria das funções mentais superiores.

Outros autores, como Zinchenko e Pervichko (2013), vão além da classificação “não clássica” da obra de Vigotski e advogam que ela pode ser caracterizada por um entendimento “pós-não clássico” do objeto e do método de estudo da Psicologia. Na visão desses autores, ocorreu um movimento de crítica da Psicologia soviética nas décadas de 1980 e 1990, além da penetração de metodologias estrangeiras que resultaram num desenvolvimento de estudos de natureza empírica, na Psicologia russa. Esses estudos teriam como foco exclusivo a correlação entre objetos e fenômenos e estariam se deparando com questões metodológicas urgentes. A principal ideia da Psicologia “pós-não clássica” de Vigotski, que poderia ser aplicada à Psicologia clínica, por exemplo, seria a ideia de sistemas psicológicos e de como esses sistemas podem ser descritos como sistemas “autodesenvolvidos” que revelam qualidades “autodeterminantes” e “auto-organizativas”. Em outras palavras, Vigotski teria demonstrado o condicionamento social das funções mentais superiores e o caráter “autodesenvolvido” dos sistemas mentais. Os conceitos de “forças moventes” do desenvolvimento psicológico e “crises no desenvolvimento”, dentre outros aspectos importantes da teoria, levariam a uma enorme gama de novas opções de pesquisa para a clínica psicológica.

Alguns pesquisadores nacionais vêm tocando em aspectos concernentes a questões ligadas ao método e à metodologia, na produção de Vigotski (BULHÕES; MARTINS, 2018; CARMO, 2008; DELARI JÚNIOR, 2015, DUARTE, 2000; MARTINS, 2008; SANTA;

BARONI, 2014). Essas pesquisas localizam o método de Vigotski dentro da tradição do materialismo histórico e dialético. Martins (2008), por exemplo, afirma que Vigotski fez parte dos esforços de cientistas soviéticos em aproximar o Marxismo e a Psicologia. Vigotski teria buscado contribuir para a criação de uma *nova Psicologia* sobre as bases da “epistemologia marxiana”, a qual se traduz nos princípios do “materialismo histórico dialético”. A autora revisa tais princípios do marxismo e os alinha à própria produção de Vigotski. Em uma publicação recente, Bulhões e Martins (2018) reafirmam a referida análise, ao terem por objetivo demonstrar como “[...] três pilares que fundamentaram a crítica marxiana à sociedade burguesa” (p. 47) ampararam a análise histórica do psiquismo humano empreendida por Vigotski. Nessa publicação, são analisados os princípios marxianos da análise do Capital: 1) “Unidade mínima de análise”; 2) “Historicização categorial” e 3) “Essência contraditória do fenômeno estudado”. Nas palavras das autoras, tais pilares “[...] se configuram também nos pressupostos os quais respaldam epistemologicamente a trajetória analítica vigotskiana, e que, por conseguinte, sustentam a compreensão cultural e interfuncional do psiquismo humano.” (p. 48).

A leitura dos referidos textos nos provocou alguns questionamentos: como o método de Marx se expressou, no projeto de pesquisa de Vigotski? Antes dessa questão, poderíamos indagar: será que a propositura marxiana foi uma epistemologia e o que Vigotski fez foi sua aplicação? Nossos questionamentos vão no sentido de tentar entender a relação entre a produção de Vigotski e a filosofia marxiana. Ou seja, dizer que Vigotski procurou produzir uma nova Psicologia sobre as bases do marxismo não nos responde como isso foi feito, nem como tais princípios se materializaram na prática de pesquisa e a que tempo e mediante quais dificuldades enfrentadas. A existência de tal esforço, por parte Vigotski e de outros pesquisadores, é inquestionável. O próprio Vigotski dá diversos indícios da filiação aos preceitos marxianos (VIGOTSKI, [1927]1982/2004a). Portanto, não é essa questão que nos move, todavia, a de que modo os fundamentos filosóficos de Marx se materializaram nas suas pesquisas, ou seja, na sua prática. Essa é uma questão para a qual os pesquisadores de Vigotski ainda não deram uma resposta satisfatória, até o momento (SÈVE, 2018).

Acreditamos, assim como Toomela (2014a), que a aceitação ou rejeição de uma teoria deve estar relacionada às evidências objetivas que a sustentam. Essa premissa é coerente com o materialismo dialético e com os próprios princípios adotados por Vigotski. Desse ponto de vista, seguindo Toomela, acreditamos que o resgate de Vigotski não surge simplesmente de uma “genealogia” da teoria conhecida atualmente como Psicologia Histórico-Cultural, mas sob duas perspectivas: 1) a primeira está relacionada com os limites das interpretações dos

escritos de Vigotski (DAFERMOS, 2018; VERESOV, 2010). É possível observar, na literatura, uma forte tendência em simplificar e esquematizar o seu pensamento; e 2) a segunda nasce da constatação de que existem aspectos da teoria vigotskiana ainda inexplorados, sendo o problema do método um desses aspectos. A compreensão desses pontos pode nos permitir estabelecer relações entre as evidências, hipóteses e teorizações desenvolvidas por Vigotski, de sorte a contribuir para o desenvolvimento da ciência psicológica contemporânea e a superar as suas interpretações simplificadoras.

A presente tese procurou compreender a obra de Vigotski não como uma produção lógica do autor, mas como um processo de reprodução do objeto de sua Psicologia e que teve um processo histórico de elaboração e reelaboração. Além disso, pretendeu captar o desenvolvimento histórico do seu processo de investigação, os momentos de crise e as saídas desenvolvidas para superar os problemas surgidos. Com os resultados aqui expressos, almejamos estabelecer um diálogo com as interpretações correntes da teoria vigotskiana e, assim, colaborar para novas possibilidades de interpretação de sua obra. Com isso, objetivamos analisá-la criticamente, a fim de rever certas interpretações, tendo em vista os limites e os avanços de cada momento de sua produção, a exemplo do esforço que alguns autores têm feito, nos últimos anos (DAFERMOS, 2018; TOASSA, 2016, 2017; TOOMELA, 2014a; ZAVERSHNEVA, 2014).

Temos por propósito compreender a produção de Vigotski no seu movimento de construção e reconstrução frente ao seu problema de pesquisa, que é o estudo da consciência e o desenvolvimento da personalidade (DAFERMOS, 2018). Esse processo implica a tentativa de pensar a articulação, na sua produção, do método de conhecimento e da metodologia de pesquisa. Nesse sentido, empreendemos uma análise cronológica da sua obra disponível em português, espanhol e inglês, cotejando as traduções com o material original, sempre que possível. Seguimos a ordem cronológica, para poder acompanhar o processo de gênese da sua produção. Logo, pretendemos constatar como se desenvolveu a relação entre o pesquisador e o objeto de pesquisa, bem como o processo de construção da articulação entre o método e os procedimentos de pesquisa. Desse modo, a análise cronológica das obras foi fundamental para verificarmos os momentos de avanço e de crise, no seu processo de investigação.

Para tanto, pretendemos exercitar a compreensão da produção de Vigotski através da dialética. Dafermos (2018) destaca a necessidade de que o processo de transformação da teoria de Vigotski deva ser compreendido a partir de um ponto de vista dialético. Isso significa pensar o processo de construção do conhecimento que destaque as conexões, o movimento e o desenvolvimento, tanto do objeto quanto do processo de sua apreensão. O

autor ainda frisa que a dialética tem desaparecido da ciência moderna. A perda desse referencial seria, provavelmente, uma das explicações para as leituras reducionistas da obra vigotskiana. Levar em conta a dialética na produção de Vigotski implica investigar como ocorreu, ao longo de sua obra, a reprodução do movimento real do fenômeno pesquisado.

A pesquisa que aqui será exposta buscou compreender as mudanças expressas na teoria de Vigotski, suas contradições, avanços e retrocessos, no processo de tradução do fenômeno pesquisado. A hipótese que desenvolvemos, ao longo da investigação, versa sobre o fato de que o método, ao ter sido construído e reconstruído no contato com o objeto, demonstra sua filiação ao método marxiano, na medida em que ele tinha consciência de que era o objeto que condiciona o método. Vigotski expressou textualmente esse princípio, quando enfatiza que o objeto de uma ciência surge no final do processo de investigação e não no começo (VYGOTSKY, 2018a, VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a). Desse ponto de vista, entendemos a trajetória de Vigotski como a expressão do desenvolvimento de uma perspectiva materialista dialética, no ato de confrontação com o objeto a ser conhecido.

Constatamos que a primazia do objeto, em sua determinação ontológica, foi central para a construção do seu projeto de pesquisa. Isso quer dizer que Vigotski não “colocou” nada no objeto, porém, buscou extrair suas determinações essenciais. É notório que essa extração foi limitada em diversos momentos, em razão dos procedimentos de pesquisa e dos métodos de conhecimento. No entanto, é possível notar o desenvolvimento de uma abordagem ontológica ao desenvolvimento humano.

Certos autores, como Carmo e Jimenez (2013), já buscaram analisar a obra de Vigotski através dos fundamentos ontológicos da obra de Marx. As autoras pretenderam “[...] averiguar se estaria pressuposto em Vygotsky, o fundamento ontológico do método de Marx, no sentido recuperado por Lukács” (p. 623-624), o qual trata da origem do ser social amparado na centralidade do trabalho. De forma semelhante às autoras, pretendemos tomar como objeto de investigação o problema do método envolvendo a obra de Vigotski e Marx. Contudo, diferimos quanto ao escopo da análise. Nossa investigação pretendeu se concentrar no caminho trilhado por Vigotski, no processo de reprodução do seu objeto de investigação, que é a expressão do ser social. Isso quer dizer que, foi possível observar paulatinamente a constituição de um ponto de vista ontológico, no seu processo de produção de conhecimento do seu objeto de estudo. Em outros termos, não negamos a centralidade ontológica conferida ao trabalho, na constituição do ser social, a qual está presente na obra de Vigotski, tal como as autoras demonstram. É evidente que a análise feita por Vigotski da ontogênese tem como base a gênese do ser social. Entretanto, abordamos o problema da pesquisa, identificando os

marcos ontológicos e não os lógico-gnosiológicos, como hegemonicamente se compreende o processo de produção de conhecimento. Nosso objetivo foi analisar como Vigotski empreende a análise da personalidade consciente, em vários momentos de sua obra, e como a abordagem ontológica foi sendo constituída.

Como achado decorrente da investigação, foi possível verificar que Vigotski, de maneira coerente com os pressupostos de Marx, expressou a orientação ontológica como princípio fundamental para o conhecimento de seu objeto. Nossa hipótese, gestada no decorrer do trabalho, foi de que os princípios propostos por Vigotski sobre o método da Psicologia, no manuscrito *O significado histórico da crise da psicologia*, não se refletiram imediatamente no seu programa de pesquisa, mas emergiram concretamente, no contato prático com o objeto. Desse modo, a tese aqui proposta é a de que, na produção de sua teoria, podemos entrever diferentes níveis de reprodução do fenômeno que Vigotski buscou conhecer.

Assim, seria idealismo tentar procurar, em suas produções do início da década de 1920, respostas para os problemas enfrentados no final da sua vida. O que ocorreu foi uma íntima relação entre o método e os procedimentos criados, para que os processos internos do objeto pudessem ser observados e estudados. O chamado “método instrumental” foi a primeira gama de procedimentos de pesquisas criados por Vigotski, a fim de realizar tal observação. No entanto, o próprio autor notou os limites de tais procedimentos para o processo de reprodução do movimento do real. Argumentaremos que foi no contato com o fenômeno, em sua forma mais desenvolvida, ou seja, a partir dos estudos dos adolescentes, que Vigotski pôde ampliar sua reprodução fenomênica e abarcar uma esfera que estava fora da sua observação, a qual foi a análise semântica da consciência. O que esta tese pretendeu fazer, pois, foi analisar historicamente sua produção e buscar entender como se deu esse contato entre sujeito e objeto de pesquisa.

Acreditamos que há um movimento dialético no pensamento de Vigotski, em razão do seguinte aspecto: ao se defrontar com novas facetas do objeto, por meio da metodologia de pesquisa, verificou-se a necessidade de ele alterar o método de conhecimento. Expressão desse movimento seria o deslocamento do estudo da atividade mediada para a análise semiótica da consciência. Além desta, outra hipótese seria que cada unidade de análise desenvolvida pelo autor, ao longo de sua obra, indicaria uma abrangência maior na compreensão dos problemas psicológicos de que ele passou a se ocupar.

A visão hegemônica sobre o processo de aquisição do conhecimento parte da concepção lógico-gnosiológica, a qual compreende que é o sujeito que “constrói” os métodos e o objeto do conhecimento. Isso faz com que se procure em Vigotski e no que ele disse sobre

o método e a metodologia a chave para a crise em que a Psicologia contemporânea se encontra. De outro modo, faculta-se a análise psicológica atual, ao encontro dos delineamentos metodológicos que estariam contidos nas pesquisas concretizadas por Vigotski, tal qual um “manual”. De início, discordamos desse tipo de leitura e pretendemos demonstrar isso, ao longo da presente tese. Todavia, para adiantar, podemos asseverar que, assim como não existe um método em Marx, igualmente não há um método em Vigotski, pelo menos não no sentido tradicional do termo, tal como a ciência se constitui, nos séculos XIX e XX.

Os resultados da pesquisa realizada foram divididos em seis capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “Sobre o método do conhecimento”, apresentaremos a discussão iniciada no parágrafo acima. Faremos uma reflexão sobre como se concebeu a relação entre sujeito e objeto do conhecimento, ao longo da história, e as razões histórico-sociais para o predomínio da concepção lógico-gnosiológica. Como contraposição a essa concepção, focalizaremos a abordagem ontológica do conhecimento e os seus princípios fundamentais. Além disso, faremos uma breve descrição de como predominaram as análises epistemológicas da obra de Vigotski.

O capítulo seguinte, cujo título é “Vigotski e constituição do seu projeto de pesquisa”, possui dois itens. No primeiro, temos como objetivo introduzir o pensamento de Vigotski, expondo alguns dados biográficos sobre sua trajetória como pesquisador, suas fontes e influências, o contexto político e cultural de sua época, bem como quais foram os problemas que ele almejou resolver, durante sua trajetória. O outro item trata diretamente sobre o processo de gênese do projeto vigotskiano para a construção de uma Psicologia científica. Com base em achados recentes, oriundos de manuscritos que estavam inéditos, procuramos reconstruir quais eram as concepções teórico-metodológicas de Vigotski, antes da constituição daquela que foi chamada posteriormente, pelos seus discípulos e críticos, de Teoria Histórico-Cultural.

O terceiro capítulo, cujo título é “Crise da psicologia e a consulta aos fatos”, tem como objetivo central abordar os primeiros passos dados por Vigotski, no desenvolvimento do seu projeto de pesquisa. O capítulo se inicia com sua análise da crise da Psicologia. Destacaremos algumas elaborações metodológicas que já aparecem nesse momento e que guiaram o desenvolvimento do seu projeto de pesquisa. Após essa discussão, passamos para a análise do nascimento do seu projeto de pesquisa. Demonstraremos que esse primeiro movimento de tentativa de superar os limites das teorias da época se assentou sobre o método instrumental. Apresentaremos quais foram as origens dessa metodologia de pesquisa e quais procedimentos sustentam as pesquisas efetuadas. O argumento central para a sua explicação do



desenvolvimento cultural se fundamenta na atividade psicológica mediada. Desse modo, o autor buscou, ainda com base no modelo experimental clássico da época, criar situações experimentais que revelassem o caráter mediado das funções psicológicas.

O quarto capítulo, denominado “Formação dos conceitos e a imposição dos fatos”, tem como objetivo discutir alguns fatores que levaram Vigotski a perceber os limites do método instrumental e a propor um método mais abrangente, focado na análise da consciência enquanto um sistema semântico. O objetivo desse capítulo é expor como os estudos experimentais, utilizando conceitos artificiais, se constituem como momento intermediário entre as pesquisas que adotaram o método instrumental e o método semântico. Apesar dos limites desses estudos do desenvolvimento dos conceitos, eles foram fundamentais para Vigotski perceber a existência dos “sistemas psicológicos”. Evidenciaremos, ainda nesse capítulo, como outras formas de abordagem do objeto também fizeram parte da produção de Vigotski, impactando na sua produção posterior. Abordaremos os dados oriundos da sua prática clínica, as quais o fizeram se defrontar com os processos de desintegração da consciência. Somaram-se a esses dados aqueles fornecidos por Luria, quando de suas investigações feitas na Ásia Central.

O quinto capítulo, cujo título é “Em direção à psicologia do ápice”, tem como objetivo enfocar a última hipótese de Vigotski sobre a origem da consciência. Analisamos o método que possibilitou o desenvolvimento de sua nova hipótese, o método sêmico ou semântico. Destacamos como os fatos se impuseram e fizeram Vigotski modificar o seu método. Apresentamos os procedimentos criados para a análise indireta da face interna da consciência. O significado foi elevado a unidade de análise da relação entre pensamento e fala. Enfatizaremos o estudo da fala egocêntrica e da formação dos conceitos espontâneos e científicos. Além disso, sublinharemos como esse novo método também acarretou a reavaliação do problema psicofísico. Por fim, analisamos outra unidade de análise, a vivência [*pereživânie*]. Esta foi considerada por Vigotski, no final da sua produção, como uma forma de analisar a totalidade estabelecida entre o indivíduo e o meio. Veremos, ainda, como a tentativa de resolução do problema da transferência entre o pensamento e a atividade foi um dos últimos esforços intelectuais de Vigotski.

Após finalizada a apresentação do quinto capítulo, faremos um balanço dos nossos achados, no sexto e último capítulo, intitulado “Para uma leitura histórica da obra de Vigotski”. Nesse texto final, realizaremos uma síntese dos principais problemas de método encontrados na pesquisa ora empreendida. Será objeto de análise a relação entre o método de Marx e a expressão deste, na produção de Vigotski. Discutiremos a relação entre objeto de

estudo e princípio explicativo. Além disso, colocaremos em tela a análise sobre o método de análise na obra de Vigotski. Pretendemos evidenciar que houve a passagem da análise das partes componentes – os elementos – para a análise por unidades. Por fim, destacaremos o modo de proceder à análise, desenvolvido por Vigotski. Nessa análise, pretendemos evidenciar que o aspecto central do seu método foi procurar uma forma de analisar o fenômeno indiretamente. Ademais, demonstraremos como a historicidade foi um fundamento metodológico importante em sua investigação. Sobre esse princípio, enfocaremos o fato de que a análise do fenômeno, em sua forma mais desenvolvida, pode ser concebida como uma justificativa para a mudança da sua hipótese de trabalho. Por fim, examinaremos as mudanças que os procedimentos de pesquisa tiveram, no decorrer de sua trajetória. Argumentaremos que as situações experimentais, apesar de promoverem o controle do fenômeno, produziram um limite na observação do mesmo. Com isso, indicamos como os contextos de coleta de dados deixaram o limite do ambiente controlado e passaram e se voltar mais para aspectos da vida cotidiana, menos controlados pelos pesquisadores.

Com essa exposição, pretendemos mostrar que não houve uma “aplicação” de uma suposta “epistemologia marxiana” por Vigotski. Demonstraremos isso, ressaltando o fato de que a tomada de consciência por Vigotski de certos princípios ontológicos do método de Marx não se expressaram imediatamente na sua pesquisa. Ao contrário, pretendemos indicar que houve um movimento dialético no processo de construção do seu objeto, pois era este que colocava limites ao pesquisador e se impunha, levando-o a reelaborar os métodos e metodologias de pesquisa. Ele incessantemente produziu abstrações do objeto de pesquisa, elevando do concreto ao abstrato e, por fim, retornando ao concreto, como concreto pensado. Desse modo, esperamos demonstrar como a premissa de Vigotski – de que o método não é simplesmente um pré-requisito da pesquisa, mas é também o seu produto – está presente na análise histórica do seu processo de investigação.

### **3 SOBRE O MÉTODO DE CONHECIMENTO**

Antes de iniciarmos a apresentação dos resultados da investigação realizada sobre a obra de Vigotski, é necessário discutirmos algumas questões importantes sobre o problema do método de conhecimento. No presente capítulo, justificaremos a importância e a atualidade da reflexão sobre os problemas envolvendo o método e a metodologia, na obra de Vigotski. Será apontada uma diferenciação entre as posições epistemológicas e ontológicas em relação à produção de conhecimento. Levantaremos uma breve discussão sobre a diferença sobre o papel do sujeito e do objeto do conhecimento, em cada uma das orientações. A discussão se centrará na posição ontológica de produção de conhecimento e as implicações, em termos de método, decorrentes dessa posição. Além dessa diferenciação, demonstraremos que, a despeito de não existir um método do conhecimento, em Marx, tal como concebido pela ciência moderna, existem princípios, que são inerentes ao objeto e que devem ser levados em consideração, na produção científica.

Na última parte do capítulo, examinaremos a forte tendência de análise da obra de Vigotski pelas lentes da concepção lógico-epistemológica, a qual é a forma hegemônica de ciência, na contemporaneidade. Esse fato, em nossa análise, colocou e ainda coloca grandes dificuldades nas leituras da obra de Vigotski, pois a forma corrente de compreensão do método científico, orientado pelo centramento na figura do homem ou da “razão”, que constrói o conhecimento, é antagônica à postura assumida e desenvolvida pelo psicólogo soviético, a qual, pretendemos argumentar, foi de caráter ontológico.

#### **3.1 Entre o ponto de vista epistemológico e o ontológico**

Conforme Lukács (2018), houve uma forte resistência do pensamento filosófico em tomar como base o questionamento do ser (ontologia), nas discussões acerca da produção de conhecimento. A origem dessa resistência decorreu do fato de que, nos últimos séculos, o pensamento filosófico foi dominado pela teoria do conhecimento, pela lógica e pela metodologia. O papel assumido pela teoria do conhecimento, que culminou em Immanuel Kant, foi, conforme o filósofo húngaro, o de “[...] fundamentar e assegurar o direto à hegemonia científica das ciências naturais.” (p. 7). Ela teria sido desenvolvida desde o Renascimento e foi criada para que a ontologia religiosa fosse preservada. Desse modo, até meados do século XIX, sobretudo até Marx, observou-se uma separação entre ontologia, ou a teoria do ser, e a epistemologia, a teoria do conhecimento. Esse fato permitiu que as ciências

naturais se desenvolvessem, sem alterar a ontologia religiosa<sup>8</sup>, mesmo que, em muitos momentos, tenham entrado em contradição. Em razão dos resultados obtidos no campo das ciências naturais, tal abordagem se tornou hegemônica. Qualquer outra proposta de produzir conhecimento fora dessa tradição foi prontamente desqualificada.

Em outros termos, a problemática do conhecimento, para a ciência moderna, possui apenas uma forma de abordagem, ou seja, aquela que parte da compreensão do sujeito como polo regente do conhecimento. A ciência moderna não admite a possibilidade de existência de outra abordagem do conhecimento. Além disso, descarta que o problema do conhecimento tenha como pressuposto uma ontologia, ou seja, uma determinada concepção prévia do que seja a realidade (TONET, 2013). Apesar disso, é patente que a abordagem gnosiológica tenha uma concepção de ser, mesmo que implícita. Esse fato redundava na assertiva de que o problema do conhecimento pode ser feito de dois pontos de vista, um lógico-gnosiológico e outro ontológico. É sobre essa divergência que tratarão as linhas seguintes.

Tonet (2013) chama atenção para o fato de que a abordagem de caráter ontológico pode ser feita de duas formas, a partir de uma ontologia metafísica ou de uma ontologia histórico-social. Cada uma delas resulta em diferentes maneiras de tratamento das questões relativas ao conhecimento. Como veremos mais adiante, essa diferença se dá na medida em que não são construções arbitrárias, mas o produto de condições históricas e sociais particulares. Isso quer dizer que determinados períodos históricos, por questões sociais específicas, tenderam a produzir uma ontologia metafísica. Por outro lado, em períodos diversos, socialmente distintos, produziram uma ontologia histórico-social.

Estamos demarcando que a diferença decisiva entre a abordagem gnosiológica e a ontológica, no tratamento do conhecimento, diz respeito, essencialmente, à relação entre sujeito e objeto. A discrepância fundamental está no peso que cada abordagem coloca em um dos polos regentes. A gnosiologia tem como polo regente do conhecimento o sujeito. Já a ontologia parte da primazia do objeto. A questão primordial a ser respondida, conforme Tonet (2013, p. 13), é “[...] quem é o polo regente do processo de conhecimento?” Tonet (2013) sublinha a diferenciação entre gnosiologia e ponto de vista gnosiológico e ontologia e ponto de vista ontológico. Gnosiologia seria o estudo do conhecimento ou a tomada do conhecimento do objeto de estudo. No outro polo, ontologia é o estudo do ser ou a “[...]”

---

<sup>8</sup> Lukács utiliza o termo *ontologia* em dois sentidos complementares. Ontologia é usada tanto como teoria do ser, na acepção da filosófica clássica, quanto como de visão de mundo (LESSA, 2012). Para Lukács, cada formação social instaurou uma concepção sobre o homem. Essas concepções sempre foram conservadoras e justificadoras da dominação de classe da sociedade na qual elas foram produzidas.

apreensão das determinações mais gerais e essenciais daquilo que existe. A ontologia pode ter um caráter geral, quando se refere a todo e qualquer existente ou um caráter particular, quando diz respeito a uma esfera determinada do ser, como, por exemplo, o ser natural ou o ser social.” (p. 12). Tonet (2013, p. 13) sintetiza que o ponto de vista gnosiológico é

[...] a abordagem de qualquer objeto a ser conhecido que tem como eixo o sujeito. Lembrando a chamada “revolução copernicana” levada a cabo por Kant, podemos dizer que, neste ponto de vista, é o sujeito o elemento central. Em vez de o sujeito girar ao redor do objeto, como no caso da concepção greco-medieval, aqui é o objeto que gira ao redor do sujeito. Enfatiza-se, neste caso, não só o caráter ativo do sujeito no processo de conhecimento, mas especialmente, o fato de que é ele que constrói (teoricamente) o objeto. O sujeito é o polo regente do processo de conhecimento. É ele que colhe os dados, classifica, ordena, organiza, estabelece as relações entre eles e, desse modo, diz o que o objeto é.

O ponto de vista ontológico, por outro lado, “[...] é a abordagem de qualquer objeto tendo como eixo o próprio objeto.” (TONET, 2013, p. 14). Tal abordagem visa a extrair as determinações mais gerais do objeto e não reproduzir a sua integralidade em forma aparente. Isso quer dizer que esse procedimento se coloca para além dos elementos empíricos imediatos, isto é, pretende capturar aqueles elementos que constituem sua essência. Por conseguinte, o elemento central no processo de conhecimento é o objeto. Isto significa que o sujeito se subordina ao objeto e não o cria “teoricamente”. O sujeito, ao contrário, deve “traduzir” de forma abstrata, em conceitos, o movimento do próprio objeto. Nos próximos itens, nós nos dedicaremos à descrição de como esse processo se efetiva. Por ora, vamos nos limitar a explicitar as divergências entre os dois pontos de vista.

Diferentemente do ponto de vista lógico-gnosiológico, o qual, como vimos, tem como ponto de partida o exame da razão, para o ponto de vista ontológico, o ponto de partida é o ser. Ao invés de perguntar como a razão conhece, deve-se perguntar: “O que é o ser, o que é a realidade”? Somente após a resposta a essa questão é que se pergunta como se conhece o ser. E o ser humano, de acordo com a ontologia histórico-social de Marx, é o resultado do processo histórico de constituição enquanto ser social.

É imperioso pontuar que o predomínio do ponto de vista gnosiológico tem uma razão histórico-social. Isto é, existiram determinantes históricos que fizeram com que a pergunta sobre como se conhece tivesse predomínio, no período moderno. É possível localizar a transição do período medieval para o moderno, como sendo o marco da alteração da primazia ontológica para a epistemológica. Esse fato teve como seu motor histórico as transformações das relações sociais de produção. Tonet (2013) assevera que, nos períodos grego e medieval, predominou a centralidade da objetividade. Esta era entendida no seu sentido ontológico, isto é, referente à coisa em si. Esse fato ocorreu em razão do modo de organização dessas

sociedades. A forma de trabalho que organizava essas duas sociedades era a escravista e a servil. As forças produtivas estavam precariamente desenvolvidas, sobretudo porque os escravos e os servos não tinham interesse em aumentar a produção. Desse modo, havia uma clara divisão entre o pensar e o fazer. Isso quer dizer que não existia a relação direta entre produção de conhecimento científico sobre a realidade e a transformação da natureza. Ocorreu uma clara diferenciação entre aqueles que transformam a natureza e aqueles que organizam e dirigem a sociedade.

Tal base material fez com que se desenvolvesse uma concepção de mundo para a qual a realidade possuía uma estrutura fixa e imutável. Em razão disso, cabia ao homem uma postura passiva em relação ao mundo, o qual deveria simplesmente se adaptar a essa ordem superior natural. Compreendia-se que, mesmo agindo no mundo, seu destino não seria decidido por ele, mas por um ser superior. Logo, pontua Tonet (2013), tanto o conhecimento quanto a ação do homem tinha como polo regente a objetividade. Essa concepção não sofreria alteração até o final da Idade Média:

Desta realidade do mundo objetivo, grego e medieval, deriva a característica predominantemente metafísica, idealista e ético-política e/ou ético-religiosa do conhecimento. O automovimento da razão, guiado pela lógica, era o principal instrumento para a produção deste saber. Como o objetivo principal não era a produção de um conhecimento voltado para a transformação da natureza, mas para a organização e a direção da polis e/ou da vida para a transcendência, tratava-se de elaborar um tipo de conhecimento que pudesse servir a esses propósitos. Fundamental, para isso, seria o conhecimento da ordem universal e dos valores mais sólidos, universais e imutáveis, tais como a verdade, o bem, a justiça, o belo, etc. Só eles permitiriam encontrar estruturas mais firmes que garantissem maior estabilidade à organização da polis e da sociedade. Por outro lado, quem elaborava esse tipo de conhecimento eram aqueles que se ocupavam das coisas do espírito. Não é difícil entender como isso proporcionava um fundamento aparentemente sólido à autonomia das ideias. (TONET, 2013, p. 25).

Como resultado, deu-se que, para os pensadores desses dois períodos, a razão deveria superar os dados empíricos, de sorte a ter acesso ao saber essencial. Por isso, conhecer era sinônimo de apreender a essência das coisas. A verdade “[...] não era algo construído pelo sujeito, mas algo que se encontrava no próprio objeto, isto é, no ser.” (TONET, 2013, p. 27). Com o desenrolar do movimento histórico, essa espécie de compreensão foi sendo gradativamente suplantada, com a chegada da modernidade.

De maneira análoga ao período greco-medieval, o padrão moderno de pensamento deveu-se as transformações ocorridas na forma de produção material da sociedade. Da passividade do homem frente à natureza, passamos ao seu polo oposto, qual seja, do papel fundamental do sujeito na modificação da realidade. O polo regente da objetividade, do período anterior deu lugar à centralidade de subjetividade. Com a transição do modelo feudal

de produção para o modelo capitalista, o trabalho servil foi paulatinamente sendo substituído pelo padrão assalariado de trabalho, porque as trocas mercantis se desenvolveram de tal monta que deram início ao excedente de produção. O aumento do capital mercantil passou a impulsionar o intercâmbio cada vez mais intenso entre a Europa e o mundo oriental. Com isso, as formas produtivas se desenvolveram, atravessando as fases do artesanato, da manufatura, até chegar à grande indústria. Uma nova espécie de sociabilidade se desenvolveu, em função desse incremento no modo de acumulação de capital. Surgiram, portanto, nesse processo, duas classes antagônicas: a classe burguesa e a classe proletária. O ato de compra e venda da força de trabalho passou a ser a forma de relação organizadora dessa nova sociedade.

Tal forma de sociabilidade circunscreve-se à percepção dos indivíduos frente ao mundo. Do papel totalmente dependente em relação a uma instância superior, o Estado ou Deus, agora o mercado, sintetizado na relação de troca individual, seja de mercadoria, seja de força de trabalho, é o fator que passa a organizar a dinâmica social. Para que isso ocorresse, foi necessário que uma nova ordem fosse estabelecida, a qual teria como base a liberdade individual para perseguir seus próprios interesses. Essa busca por satisfazer os interesses individuais deu origem ao indivíduo moderno, tal como o conhecemos hoje. Esse processo foi responsável por produzir mudanças profundas em várias áreas da sociedade, como na política, nas artes, na filosofia, na ciência, na educação etc. O Estado moderno adquiriu a forma que tem atualmente. O resultado desse processo foi que o indivíduo passou a ser o centro da vida social. Enquanto, no feudalismo e na antiguidade clássica, tínhamos os sujeitos subsumidos à comunidade, a ponto de acontecer uma anulação do indivíduo em face das relações sociais, na modernidade, temos uma prioridade do individual sobre o comunitário.

Essa mudança na organização da sociedade impactou diretamente na relação que o homem estabelecia com a realidade. A concepção do mundo como sendo finito, estável e imutável dos momentos anteriores foi substituída por uma visão do mundo infinito, sem uma ordem hierárquica e em constante movimento (TONET, 2013). Essas transformações sociais trouxeram mudanças significativas para o modo de compreensão do conhecimento e do seu papel social. O homem passou a se enxergar como centro do processo de construção do conhecimento e de alteração da realidade.

No capitalismo, a nova maneira de produzir riqueza material é a produção de mercadorias. A base da geração de lucro do sistema capitalista estava na criação e desenvolvimento de formas cada vez mais sofisticadas de sua produção. Essa forma de produção se caracterizou pela transformação dos recursos naturais em mercadorias. Diferentemente dos modelos de produção anteriores, nos quais a classe dominante não se

ocupava diretamente da produção, mas apenas usufruía dela, no capitalismo, a classe burguesa passa a controlar diretamente o processo produtivo (TONET, 2013). Essa nova lógica de produção fez com que se verificasse um rápido e intenso processo de desenvolvimento das forças produtivas, posto que o aumento da riqueza esteve diretamente ligado a ele. Desse modo, fica evidente o porquê de o conhecimento ter adquirido tal importância, desde esse período.

Do ponto de vista do conhecimento, a aparência começou a ser entendida como única instância do fenômeno que poderia ser apreendida. A razão para isso é assim explicada por Tonet (2013, p. 36):

As exigências da produção material mudaram, por sua vez, completamente, o direcionamento da investigação, orientando-a para o conhecimento da natureza. Este conhecimento, porém, ao contrário do caráter contemplativo e ético/político ou religioso do conhecimento greco-medieval tinha, agora, um caráter eminentemente ativo e prático. Estava voltado para a transformação da natureza com o intuito de dominá-la e de colocá-la a serviço dos interesses humanos. Por isso mesmo, ele não poderia estar direcionado à busca da essência das coisas, mas à apreensão daquelas qualidades que pudessem ser submetidas à mensuração e à quantificação.

Isso significou que o conhecimento adquiriu um caráter cada vez mais utilitarista e pragmático. Logo, sinônimo de conhecimento verdadeiro era aquele que possuía correspondência com a realidade e que teria aplicação prática.

A compatibilização entre a razão e os fatos empíricos principiou a ser a norma orientadora da produção de conhecimento. Desse modo, a própria concepção do “real” passou por uma significativa modificação. O real veio a ser compreendido como aquilo que pudesse ser captado pelos sentidos. Estes ganharam estatuto de única mediação entre o mundo subjetivo e o objetivo. Esse fato redundou na concepção de que o conhecimento da realidade é sempre parcial, nunca se podendo chegar ao conhecimento da totalidade da realidade. Por essa razão, os dados empíricos começam a ter a importância que tiveram, ao longo da ciência moderna, pois eles seriam a garantia possível do conhecimento.

Para o autor, a “razão” individual tornou-se o centro do problema do conhecimento, na teoria moderna do conhecimento. Dada a constatação de que tanto os sentidos quanto a razão estariam sujeitos a enganos, empreender o exame das possibilidades e limites da racionalidade se tornou pré-requisito ao processo de conhecimento objetivo. Foi isso que Kant pretendeu desenvolver, ao investigar os fundamentos da razão, com o objetivo de estabelecer os fundamentos sólidos para o conhecimento. A primeira pergunta de Kant foi: O que posso conhecer? “Somente após ter determinado as possibilidades e os limites da razão é que se pode proceder à efetivação do conhecimento sem cair nas armadilhas do racionalismo e do



empirismo.” (TONET, 2013, p. 40). Temos, portanto, o sujeito como polo fundamental do conhecimento. “Tanto os elementos singulares, as sensações, quanto os elementos gerais, a universalidade, são produtos do sujeito.” (TONET, 2013, p. 43). Tonet (2013) resume tal concepção da seguinte maneira:

Passando por cima do debate travado entre os vários tipos de empirismo e os seus críticos, poderíamos dizer que o percurso geral é este: elaboração de hipóteses (um livre desenvolvimento do espírito), colheita de dados empíricos, organização, classificação, análise e elaboração de uma teoria explicativa como coroamento de todo este processo. Como consequência, o resultado final não é o objeto real, **teoricamente traduzido**, mas um objeto **teoricamente construído**. Essas duas simples expressões – **traduzido** ou **construído** – traduzem a abissal diferença entre a abordagem da problemática do conhecimento a partir de uma perspectiva ontológica e gnosiológica, respectivamente. (p. 46, grifo do autor).

O que se processou na ciência moderna, nos últimos duzentos anos, foi uma atualização da primazia kantiana da razão na produção de conhecimento científico. Se, com o positivismo, ocorreu um reavivamento das tendências empiristas, no final do século XIX, observou-se um retorno a Kant. O método hipotético-dedutivo, o qual é dominante nas ciências exatas e naturais, foi uma proposta de reformulação realizada por Karl Popper, com influência de Kant.

Como resultado desse cenário, temos o fato de que a ciência moderna possui um discurso de objetividade e neutralidade. Seu caráter pretensamente neutro está no fato de que se preocupa com os “comos” e não com os “porquês” dos fenômenos. Quando a ciência não se preocupa com o porquê dos fenômenos, ela nega precisamente a ontologia. Ela apenas parte da realidade como um dado e se limita a explicar os seus mecanismos aparentes. Essa orientação redundante numa postura parcial de conhecimento da realidade, pois nega a problemática da origem e constituição do ser.

A perspectiva ontológica, por sua vez, ao colocar como centro da problemática o “porquê” do ser social, instaura como horizonte a negação de qualquer essência humana, metafísica ou biológica, e o configura como motor da história. O que o ponto de vista ontológico faz é permitir a apreensão das determinações da vida social, as quais, por sua vez, colocam a classe trabalhadora como protagonista e a revolução como horizonte.

Realizada essa diferenciação inicial entre as posturas lógico-gnosiológica e ontológica, cabe agora aprofundar a caracterização dessa última. Com efeito, foi com Marx que a ontologia, agora com novo caráter, histórico-social e não mais metafísica, foi desenvolvida. A ontologia do ser social criada por Marx possibilitou, pela primeira vez, a criação de uma ontologia que superasse e não apenas justificasse e conservasse a ordem social vigente.

### 3.1.1 Marx e a abordagem ontológica do conhecimento

Foi Marx quem instaurou uma maneira completamente nova de conceber a realidade social, tendo como referência as modificações operadas na realidade material, mais especificamente, nos desdobramentos dos novos meios de produção e nas demandas da classe trabalhadora. Com a modificação da burguesia de classe revolucionária para classe conservadora, a classe trabalhadora se tornou a classe social que passou a plasmar em si a possibilidade de transformação radical da sociedade. Do ponto de vista do conhecimento, por seu caráter conservador, a classe burguesa veio a limitar a compreensão científica da realidade, em razão da necessidade de sua manutenção como classe dominante. Desse ponto de vista, Marx baseou sua reflexão na constatação de que o ser se funda através das relações sociais de produção. Essa concepção de mundo reconhece os avanços da classe burguesa no processo de transformação da realidade e também por possibilitar, pela primeira vez na história, a superação da exploração do homem pelo homem, porque fez com que a produção baseada na carência desse lugar à produção em abundância. Com isso, passou a fazer parte do horizonte do homem, enquanto ser genérico, a transformação radical da sociedade. Do ponto de vista filosófico, o homem, individualmente, perdeu o *status* mistificador de responsável único pelas transformações sociais.

Para uma melhor compreensão do ponto de vista ontológico do processo de conhecimento da realidade objetiva, como já aludido, precisamos trazer à baila as análises empreendidas por Marx. Por seu caráter ontológico, o qual não parte dos limites da razão ou de qualquer concepção apriorística em relação ao objeto, não existe em Marx uma receita a ser seguida, a fim de podermos “traduzir” um dado objeto. Apesar disso, existem princípios que são inerentes ao ser e que podem ser sistematizados. Porém, antes de entrarmos nessa discussão, apresentaremos brevemente a trajetória que Marx trilhou, desde a negação da filosofia dominante de sua época até chegar a essa nova ontologia.

A melhor forma de compreender essa questão, em nossa opinião, se dá por meio da análise do estudo da gênese do pensamento marxiano, isto é, o período no qual ele se afasta das concepções idealistas e inicia sua produção intelectual voltada para a compreensão materialista da organização da sociedade. De sorte a realizar tal exposição, utilizaremos como intermediário dessa análise as reflexões de José Chasin, as quais foram sintetizadas no seu livro *Marx: o estatuto ontológico e resolução metodológica*. Conforme Chasin, teria havido, na tradição marxiana, o desinteresse com a origem da produção de Marx sobre os aspectos econômicos e filosóficos da sua análise da sociedade. Predominou, segundo o autor, o

interesse na “[...] desembocadura do método redentor.” (CHASIN, 2009, p. 30). Sua tarefa, no referido livro, foi demonstrar o porquê do desinteresse desse tipo de análise. O autor ainda demonstrou que a própria obra marxiana sofreu com as análises lógico-gnosiológicas.

A tese fundamental de Chasin é que não há uma questão de método no pensamento marxiano, pelo menos não no sentido tradicional do termo. Sua análise pretendeu reproduzir pelo interior da reflexão marxiana o traçado dos seus escritos, analisando o modo como o próprio autor os concebeu e expressou. Nesse processo de acompanhar o movimento inicial do pensamento de Marx, ele demonstra como o filósofo do socialismo científico recusa completamente a ideia de que existe uma lógica que antecede o conhecimento da realidade. Apesar disso, como veremos no item seguinte, há, de fato, princípios ontológicos, os quais são intrínsecos ao ser, que devem ser levados em consideração no processo de conhecimento da realidade.

Vaisman e Alves (2009) sintetizam a resolução metodológica à qual chegou Chasin, em sua análise do trabalho de Marx, ao asseverar que “[...] o saber não é o primeiro momento, mas a apreensão mesma das coisas, a efetivação da assimilação dos objetos conhecidos, bem com a dilucidação das características do ente ativo que executa o ato cognitivo.” (p. 15). Isso quer dizer, continuam os autores, citando Chasin, que o padrão marxiano de cientificidade se caracteriza pela “[...] inexistência de qualquer tipo de antessala lógico-epistêmica ou apriorismo teórico-metodológico” (VAISMAN; ALVES, 2009, p. 16). Em outros termos, em Marx inexistiria uma fundamentação *a priori* do saber. Os autores completam o argumento, ao afirmarem:

Praticamente colado ao texto da afamada “Introdução de 1857”, Chasin afirma que produzir abstrações e expor o objeto, traçar o perfil de entificação do mesmo, ordenando o material recolhido na marcha da investigação efetiva, no corpo a corpo com o ente, não são compreendidos como atos puros ou formas *a priori*, mas como submissão ativa do sujeito à lógica intrínseca do objeto real. A produção de ideias revela aqui uma série de determinações essenciais compartilhadas com todas as outras formas de apropriação do real, num conjunto articulado de procedimentos de natureza ontológica e não epistêmico-metodológica. (VAISMAN; ALVES, 2009, p. 16).

Por conseguinte, Chasin analisa a gênese do processo de mudança de postura reflexiva de Marx diante do objeto. Para isso, ele buscou o “[...] modo como o próprio autor os concebeu e expressou.” (CHASIN, 2009, p. 25). Como já aludido, tal formulação seria contrária ao “epistemologismo atual”. A própria obra marxiana teria sofrido com o “imperialismo gnosiológico”, uma vez que se tinha certeza de que a base da reflexão marxiana ou resolução de suas dificuldades “[...] estava em algum canteiro do subsolo lógico-gnosioepistêmico.” (CHASIN, 2009, p. 27).

De sorte a realizar tal análise, o autor tomou como ponto de partida precisamente uma dessas formas de análise do pensamento de Marx, que, em sua concepção, seria equivocada. O principal representante dessa visão foi Karl Kautsky<sup>9</sup>, precisamente por ser a mais antiga das falsas análises “lógico-gnosioepistêmicas”. Esse autor teria concebido o pensamento de Marx como o resultado de um “amalgama tríplice”.

De acordo com Kautsky, segundo Chasin, o mérito de Marx estaria na aglutinação de três pensamentos pré-existent: inglês, francês e alemão. Da Inglaterra provinham as contribuições “materiais” (dado o desenvolvimento do capitalismo na Inglaterra e, consequentemente, o desenvolvimento da economia política); a segunda fonte seria a ciência política francesa; e a terceira advinha dos avanços da filosofia clássica alemã. Em suma, a análise de Kautsky partiu da ideia de que o mérito de Marx estaria na aglutinação de procedimentos pré-existent. Tal posição teria sido ainda chancelada por Lenin, conforme Chasin, e, por isso, teria sobrevivido durante o século XX.

Para demonstrar como a leitura epistemológica estaria equivocada, Chasin procura lançar luz sobre uma importante transição na reflexão de Marx. Essa transição se deu do estudo do problema jurídico-político do Estado para a forma material de organização social. Em outros termos, aconteceu com a passagem de suas preocupações filosóficas para preocupações práticas, as quais redundaram no estudo crítico da economia política.

O primeiro equívoco da concepção do “amalgama originário” que Chasin procura dirimir diz respeito à relação de Marx com a tradição filosófica hegeliana. Nessa filosofia, inexistiria a contradição entre o pensar e o ser. Em Hegel, o pensamento é ser.

O ser da lógica hegeliana é o ser da antiga metafísica, que é anunciado de todas as coisas indistintamente, já que, segundo ela, todas as coisas coincidem em que estas são. Mas este ser indiferenciado é um pensamento abstrato, um pensamento sem realidade. O ser é tão diferenciado como as coisas que são. [...] O ser não é um conceito universal, separável das coisas. É uno com o que é. (CHASIN, 2009, p. 44).

Marx empreendeu uma ruptura com a filosofia hegeliana e iniciou uma virada ontológica, em meados de 1843. Ao iniciar a formulação do seu próprio pensamento, ele não tinha diante de si apenas a “ontologia universalmente explicitada” por Hegel, mas também a negação desta por Feuerbach. Antes desse período, Marx manteve um vínculo com o “idealismo ativo” próprio dos neo-hegelianos. Ele estava vinculado mais ao pensamento de Bruno Bauer do que ao de Feuerbach.

---

<sup>9</sup> Kautsky foi um teórico marxista e um dos fundadores da socialdemocracia (partido social democrata). Foi um dos primeiros e mais notáveis estudiosos da obra de Marx.

Foram os artigos escritos para ao jornal *Gazeta Renana*, antes de sua virada ontológica, que levaram Marx a questionar e abandonar todo o complexo teórico que se inseria na sua reflexão. Nesse momento, ele identificou na política e no Estado a própria realização do humano e de sua racionalidade. Assim, Chasin propõe que Marx exercitou uma concepção “ontopositiva da politicidade”. Isso quer dizer que, para Marx, naquele momento, o Estado seria expressão da razão (Estado descansa sobre a livre razão) e, por isso mesmo, seria a “realização da razão política e jurídica”. Contudo, “[...] desde que tivera de examinar os problemas sociais concretos, faceu os limites e viu questionada a validade de sua base teórica primitiva.” (CHASIN, 2009, p. 53).

Diante da impossibilidade de o seu arcabouço teórico dar conta dos problemas reais, Marx se recolheu ao “gabinete de estudos”. A grande mudança em sua concepção teórica ocorreu apenas com a revisão da filosofia do direito de Hegel. No meio do caminho do seu autoexílio, em Kreuznach, Marx passou então à revisão do pensamento de Hegel. Duas poderosas influências foram fundamentais, nesse momento. A primeira foi constituída pelos desafios teóricos suscitados pelos “interesses materiais”, enquanto a segunda correspondeu aos lineamentos feuerbachianos contidos em dois textos: *Necessidade de uma reforma da filosofia* e *Princípios da filosofia do futuro* (FEUERBACH, 1842/2008a, 1843/2008b). Segundo Chasin, Marx resumiu o feito de Feuerbach em três pontos:

A adesão aos novos referenciais, nítida e franca, abrange igualmente três dimensões: descarte da especulação, ou seja, do logicismo e da abstratividade próprios aos volteios da razão autossustentada; reconhecimento do caráter fundante da **positividade** ou **objetividade** autopostas, determinação ontológica mais geral que subjaz ao perfilamento, igualmente ontológico, do homem em sua autoefetividade material; identificação da sociabilidade como base da inteligibilidade (não importa, aqui, o equívoco de Marx, pouco depois ultrapassado, em conferir caráter social à relação feuerbachiana de “homem a homem”). (CHASIN, 2009, p. 56-57, grifo do autor).

A viragem ontológica se deu, pois, quando Marx veio a perceber que as relações jurídicas não podem ser compreendidas em si mesmas, nem a partir do chamado desenvolvimento geral do espírito humano, mas, pelo contrário, elas se enraizariam nas relações materiais de produção e reprodução da vida. Relembremos que a concepção anterior partia da visão de que o Estado seria o demiurgo racional da sociabilidade, isto é, da universalidade humana. O que aconteceu foi a inversão da relação determinativa. Chasin (2009) atesta que tal mudança na produção de Marx não foi produto de uma mudança

metodológica, mas uma forma de *imposição*<sup>10</sup> do mundo das coisas. O autor assim expõe a questão:

Mostram-se invertidos na ordem da determinação pela força e peso da lógica imanente a seus próprios nexos, não em consequência formal e linear de algum pretensioso volteio especial nos arranjos metodológicos, isto é, não como resultante de uma simples e mera reorganização da subjetividade do pesquisador, mas por efeito de uma trama reflexiva mais complexa, que refunde o próprio caráter de análise, elevando o procedimento cognitivo à analítica do reconhecimento do **ser-precisamente-assim**. Nesta, o direito **unilateral** da razão especulativa interrogar o mundo é superado pela via de mão dupla de um patamar de racionalidade em que o mundo também interroga a razão, e o faz na condição de raiz, de condição de possibilidade da própria inteligibilidade, como foi visto há pouco a respeito da apropriação marxiana dos indicativos feuerbachianos. (CHASIN, 2009, p. 58, grifo do autor).

Essa passagem explicita a discrepância entre os modelos lógico-gnosiológico e ontológico do conhecimento. Para o primeiro, o conhecimento é o resultado de uma “reorganização da subjetividade”; já para a filosofia de Marx, o conhecimento é o resultado não da razão que “interroga” o mundo, mas o contrário, no qual o mundo interroga a razão. De maneira mais contundente, o autor afirma:

Essa flexibilidade fundante do mundo sobre a ideação promove a crítica de natureza ontológica, organiza a subjetividade teórica e assim faculta operar respaldado em critérios objetivos de verdade, uma vez que, sob tal influxo da objetividade, o **ser** é chamado a paramentar o **conhecer**, ou, dito a partir do sujeito: sob a consistente modalidade do rigor ontológico, a consciência ativa procura exercer os atos cognitivos na deliberada subsunção, criticamente modulada, aos complexos efetivos às **coisas** reais e ideais da mundaneidade. É o trânsito da especulação à reflexão, a transmigração do âmbito rarefeito e adstringente, porque genérico, de uma razão tautológica, pois autossustentada – e nisso se esgota a impostação imperial da mesma, para a potência múltipla de uma racionalidade flexionante, que pulsa e ondula, se expande ou se diferencia no esforço de reproduzir seus alvos, empenho que ao mesmo tempo entifica e reentifica a ela própria, no contato dinâmico com as ‘coisas’ do mundo. Racionalidade, não mais como simples rotação sobre si mesma de uma faculdade abstrata em sua autonomia e rígida em sua conaturalidade absoluta, porém, como produto efeito da relação, reciprocamente determinante, entre a força abstrativa da consciência e o multiverso sobre o qual incide a atividade, sensível e ideal, dos sujeitos concretos. (CHASIN, 2009, p. 58, grifo do autor).

Marx ([1843] 2010), no seu embate com Hegel, deixa explícito que o conceito lógico não se separa do objeto, e que se deve “[...] apreender a lógica específica do objeto específico.” (p. 109). Para deixarmos ainda mais clara essa mudança da racionalidade para o “ser-precisamente-assim”, citamos uma passagem de Marx utilizada por Chasin, para dar substância à sua explicação:

---

<sup>10</sup> Tentaremos demonstrar que a concepção sobre a “imposição do mundo das coisas” também permite compreender o processo de produção da explicação de Vigotski para a personalidade consciente.

O trabalho filosófico não consiste em que o pensamento se concretize nas determinações políticas, mas em que as determinações políticas existentes se volatilizem no pensamento abstrato. O momento filosófico não é a lógica da coisa, mas a coisa da lógica. A lógica não serve à demonstração do Estado, mas o Estado serve à demonstração da lógica. (MARX, [1843] 2010, p. 38-39).

Chasin (2009) ressalta que o movimento da reprodução teórica da coisa e a imposição da coisa mesma são entrelaçados, mas sem que

[...] desapareça o momento predominante do ontológico sobre o gnosiológico, do “ser-precisamente-assim” em relação à representação ideal: retoras no movimento cognitivo, as “determinações existentes” não são passíveis de reprodução intelectual pelos andamentos a priori de qualquer configuração da lógica, e não podem conviver com qualquer *démarche* especulativa. (CHASIN, 2009, p. 59).

Em síntese, o que Chasin (2009) nos ensina é que a orientação marxiana somente pode ser explicada através de sua “revolução ontológica”. A passagem da sua reflexão que localizava no Estado racional o “demiurgo da racionalidade humana”, a imediata negação da mesma, que tem como base a “reprodução ideal do efetivamente real”, fez surgir uma nova posição “filosófico-científica e sua correlata postura prática” (p. 63).

Após essa virada, Chasin afirma que Marx encarna uma postura “ontonegativa da politicidade”, pois, diferentemente do momento anterior, exclui o atributo da política da essência do ser social. Desse modo, o outro elemento referido como sendo parte do “amalgama originário” não seria encontrado em Marx, como propunha Kautsky. Chasin demonstra que Marx não se apoia nela, mas a nega:

Numa frase, Marx havia se defrontado com o esgotamento histórico da filosofia precedente. A partir das singularidades dos “apuros”, gerados pelo enfrentamento dos “interesses materiais”, acabara diante da contradição universal imanente à nova sociedade, em face da qual “a onipotência ontológica da razão”, para usar expressões lukacsianas, “não pode deixar de se revelar inteiramente inadequada enquanto centro do pensamento filosófico”. (CHASIN, 2009, p. 67).

Em suma, Chasin sublinha uma passagem do criticismo neo-hegeliano à crítica ontológica.

Uma outra crítica ontológica empreendida por Marx é a crítica da economia política. Essa crítica também leva à negação do outro elemento do dito “amalgama originário”. Ela foi a última a integrar o programa de Marx, mas foi a mais desenvolvida. Segundo Chasin, Lukács destacou que

[...] é no pensamento marxiano, que, “pela primeira vez na história da filosofia, as categorias econômicas aparecem como as categorias da produção e reprodução da vida humana, tornando assim possível uma descrição ontológica do ser social sobre bases materialistas” e que isso tem “sua primeira expressão adequada nos Manuscritos econômicos-filosóficos”. (LUKÁCS *apud* CHASIN, 2009, p. 75).

A anatomia da sociedade civil deveria ser procurada na economia política. Em um nível mais elementar, Marx assinala: “Ao produzir seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material.” (MARX; ENGELS, [1846] 1921/2007, p. 87).

Unindo os vários termos da bateria de equações, temos: ao buscar a anatomia da sociedade civil pela crítica da economia política, Marx depara com o pressuposto insuprimível dos homens ativos, que remete à totalidade do laço metabólico entre sociedade e natureza, em especial sob a forma da indústria moderna, donde a emergência da figura centralíssima do trabalho- o segredo reconhecido, positivamente, pela economia política ilustrada. Reconhecido, mas não desvendado; descoberto, mas não explicitado. Por isso mesmo, concebido unilateralmente, só pelo seu lado positivo, enquanto “essência subjetiva da riqueza”. (CHASIN, 2009, p. 79).

Marx, conforme Chasin, teria percebido que os economistas partiam de uma visão “empirista abstrata”, ao passo que identificavam os fatos, porém, sem os compreender como resultantes da prática social dos indivíduos. Além disso, não se reconhecia a centralidade do trabalho para o processo metabólico da produção e reprodução da sociedade:

Os economistas exprimem as relações da produção burguesa, a divisão do trabalho, o crédito, a moeda etc. como categorias fixas imutáveis, eternas. [...] Os economistas nos explicam como se produz nessas relações dadas, mas não nos explicam como se produzem essas relações, isto é, o movimento histórico que as engendra. (MARX *apud* CHASIN, 2009, p. 81).

Para esses economistas, as instituições burguesas seriam naturais, isto é, eternas. Eles seriam incapazes de explicar os fenômenos que abordam, de mostrar os processos constitutivos, bem como o movimento que produz os fatos estudados. Em outros termos, eles tomam os fatos como “fatos mortos”. Ora, os fatos são tratados de forma abstrata, imediatamente convertidos em leis, os quais são incompreendidos, porque são “[...] desentranhadas dos nexos imanentes aos complexos reais.” (CHASIN, 2009, p. 82). Seus conceitos são um conjunto de categorias fixas, imutáveis e rígidas, uma vez que ignoram as origens e os desenvolvimentos.

Chasin (2009) sintetiza o processo criativo de Marx da seguinte maneira:

A descrição do arcabouço das três críticas encadeou material e formalmente os passos constitutivos do pensamento marxiano. A resultante é um panorama integrado, cujas articulações emanam dos próprios textos de Marx, sem que a intervenção de qualquer fator ou critério exterior a eles seja responsável pela unidade encontrada. Em outros termos, o exame imanente dos materiais revela a natureza e organização de um pensamento que dispensa qualquer artificialismo ou recurso extrínseco para evidenciar consistência e identidade. Não precisa de aditivos, recortes ou remontagens para ser legitimado no universo do pensamento de rigor. Ao contrário, a própria configuração de sua gênese- impulsionada pelo reconhecimento da necessidade de estabelecer um patamar de cientificidade além das esferas esgotadas da racionalidade prática, filosófica e científica de seu tempo – impede que seja abordado retroativamente, inclusive por variantes modernizadas de filosofias



anteriores, tornando incongruentes quaisquer tentativas de o reidentificar e refundamentar (ou o contrário) por meio delas. Por isso mesmo a própria voz dos escritos pulveriza as interpretações irrazoáveis desse feito e desmancha as hipóteses de investigação centradas em apriorismos, equações sempre subjetivas, não importa em que paradigma creiam estar apoiadas, pois construtos desse tipo nunca podem ser nada além de moldagens ou figuras, mais ou menos organizadas, de elementos da própria subjetividade, e enquanto tais, já nascem em crise, pois estão em originária tensão dicotômica com os objetos. Muito em especial e de modo agudo quando investidos do propósito analítico de desvendar o *corpus* teórico marxiano, uma vez que, por seu princípio, estão impedidos de respeitar o estatuto teórico daquele, entrando em contradição frontal com o mesmo, choque do qual só pode brotar a **guerra santa** contra a letra e o espírito que o anima- a decifração das efetividades enquanto elas mesmas e a partir delas próprias, respeitadas em suas formas de constituição e existência, de modo que sejam vertidas ou decantadas à forma teórica em suas específicas densidades lógicas, e não simplesmente dissolvidas por generalizações ou mumificadas sob incriteriosa desagregação factual. Teoria, pois, como **descoberta**, não como jogo especulativo, reducionismo abstrativante ou versão arbitrária, imputativa de significado. (p. 84-85, grifo do autor).

O pensamento especulativo-filosófico, a economia política e a reflexão política não foram bases ou fontes provedoras de materiais teóricos acabados ou semielaborados para montagem da obra marxiana, contudo, rigorosamente, objetos de crítica, dos quais Marx não é devedor, mas saltou para além delas (CHASIN, 2009):

Portanto, a transmigração de Marx ao estatuto de seu pensamento definitivo se deu pelo abandono de uma concepção de mundo calibrada por uma filosofia da autoconsciência, enervada pela contradição entre essência e existência, entre forma e matéria, como costumam assinalar alguns de seus intérpretes, em favor de uma ontologia na qual o **ser** só é reconhecido pela identificação à objetividade, em especial à objetividade social- enfim decifrada como atividade sensível, o que supera em larga escala os indicativos feuerbachianos, em que pese a grande utilidade que tiveram no arranque da trajetória marxiana. (CHASIN, 2009, p. 86, grifo do autor).

Em suma, trouxemos à baila essas longas citações, para deixarmos explicitado o caminho trilhado por Marx na constituição da abordagem ontológica do ser. Como vimos, o mérito de Marx não foi aglutinar as três formas de pensamento pré-existentes, entretanto, foi negá-los, ao apontar suas debilidades na tarefa de explicar a realidade social. Como tivemos oportunidade de mencionar, a primazia do objeto no processo de “tradução” do mesmo não deixa margem para padrões de racionalidade anteriores ao confronto com o objeto, contudo, demonstraremos que, dada a própria condição do objeto, este impõe alguns princípios orientadores da sua apreensão.

### 3.1.2 Princípios fundamentais da abordagem ontológica

A despeito de não existir um método, em Marx, tal como entendido pela ciência moderna, isto é, como uma “teoria autônoma das faculdades cognitivas” que tem existência anterior ao ato de confrontação com o objeto a ser pesquisado, Chasin (2009) atesta a

existência de “caminhos objetivo-ontológicos” rigorosos, na confrontação de Marx com seu objeto de estudo. Nesse sentido, o “ponto de vista ontológico”, ou seja, a forma de compreensão do processo de conhecimento da realidade objetiva, possui determinadas diretrizes ou princípios norteadores que orientam a postura do sujeito diante do objeto a ser investigado. Destacamos que, diferentemente das orientações lógico-gnosiológicas, as quais determinam uma lógica prévia de apreensão que guia o conhecimento do objeto, “construindo-o”, a orientação ontológica desvela a natureza do ser e, conseqüentemente, quais características desse ser devem ser respeitadas, para que se possa conhecer a realidade.

De acordo com Chasin (2009), tendo como ponto de partida sua análise da obra de Marx, especialmente quando ele examina a sociedade burguesa, pode-se identificar quatro princípios ontológicos: 1) a fundamentação ontoprática do conhecimento; 2) a determinação social do pensamento e da presença histórica do objeto; 3) a teoria das abstrações; e 4) a lógica da concreção. Esses princípios impedem uma falsa associação da análise ontológica de Marx ao empirismo. Diferente deste, no qual o pesquisador recebe acriticamente as formas de aparição do objeto, para Marx, há o processo ativo do sujeito em “desvelar” o objeto. Isso quer dizer que o pesquisador, para a posição ontológica, é um ser que transcende a aparição imediata do objeto e procura alcançar a sua essência, por meio da reflexão sobre os traços constitutivos do objeto. Isso implica que tal postura é antagônica ao padrão subjetivista de conhecimento, o qual coloca limites ao conhecimento, ao supor que o homem somente pode conhecer a imediatez da aparição do fenômeno.

A objetividade e a subjetividade humanas são produtos da “autoconstitutividade do homem”, pela superação de sua base natural. Os traços universais que o compõem e que o diferenciam dos outros seres vivos decorrem da sua capacidade de modificar a natureza e, com isso, modificar a si próprio, através da forma fundante do intercâmbio do homem com a natureza, que é o trabalho. Desse modo, não há separação entre indivíduo e sociedade, pois o indivíduo é *ser social*. A essência humana descoberta por Marx, que foi negligenciada por Feuerbach, seria o caráter ativo da constituição desse ser. Feuerbach teria encarado o homem como um “objeto sensível” e não como um ser ativo, tendo uma objetividade social, já que a mesma, “[...] em sua realidade, é o conjunto das relações sociais.” (CHASIN, 2009, p. 95).

O materialismo antigo ignora por completo a qualidade da objetividade social, isto é, sua energia, sua atualização pela atividade sensível dos homens ou, simplesmente, desconhece a forma subjetiva. Para esse materialismo a realidade é apenas exterioridade, multiverso contraposto ao sujeito, que este pode mentalizar, não havendo qualquer outro vínculo entre objetividade e subjetividade, que restam oclusas e imobilizadas no isolamento de suas distintas esferas. (CHASIN, 2009, p. 97).

Chasin procura demonstrar que a solução de Marx ao problema da relação entre objetividade e subjetividade se relaciona com a ideia de “atividade humana sensível”, a qual permite que subjetividade e exterioridade objetiva se entrelacem e se fundam. Em outros termos, o que Marx propõe como diametralmente oposto à concepção burguesa é o fato de que não existe uma separação fixa entre sujeito e objeto. Relembremos a famosa passagem de Marx, do capítulo quinto do primeiro tomo do *O Capital*:

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. (MARX, 1867/2013, p. 326-327).

Mas qual seria a relação entre essa compreensão do homem, enquanto “autocriador”, ser social por excelência, e o processo de produção de conhecimento? A resposta para tal questão está em que, dotado da capacidade de produzir e reproduzir sua existência material, por meio do trabalho, o conhecimento se torna um fator fundamental para esse processo de construção de si. É no processo de construção do mundo e de si que o homem demonstra a efetividade do seu pensamento. Essa é a pedra angular da fundamentação ontoprática do conhecimento, primeiro princípio da ontologia de Marx discutido por Chasin (2009):

A **prática** subentende, traz embutida em si, indissoluvelmente, ao contrário da negação da atividade do pensamento, a presença de dois de seus momentos exponenciais: a subjetividade proponente- teleologia, e a subjetividade receptora-capacidade cognitiva. (CHASIN, 2009, p. 100, grifo do autor).

Nesse sentido, o homem, conforme Chasin (2009), é um ser ativo e pensante que é capaz de conhecer. Dessa maneira, é “[...] no exercício de capacidade peculiar que o homem deve **comprovar** seu conhecimento.” (p. 100, grifo do autor). Em outros termos, dada sua constituição como ser ativo, a qual possibilita a transformação da realidade para a sua reprodução, parte da sua constituição como tal advém precisamente do ato de conhecer a realidade. A garantia do conhecimento da realidade seria dada pela “comprovação do conhecimento”, por meio da prática, pois é “[...] na prática que o homem tem de provar a verdade, isto é, a realidade e o poder, a natureza interior [*Diesseitigkeit*] de seu pensamento.” (MARX; ENGELS, [1846] 1921/2007, p. 533).

A originalidade da abordagem de Marx sobre a problemática do conhecimento está no fato de que ele não isola o saber do fazer, ou seja, não há a separação do pensamento como “[...] predicado do ser que pensa” (CHASIN, 2009, p. 102). Logo, há um princípio imperativo

na elaboração de Marx que determina que aquilo que é, ou seja, o **ser**, antecede qualquer tratamento sobre temas “gnosioepistêmicos”. Isso significa que o modo de conhecimento alcançado pelo ser social é secundário à própria forma de constituição desse ser. Tal questão fica evidenciada pela famosa passagem de Marx: “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência.” (MARX; ENGELS, [1846] 1921/2007, p. 94).

A resolução referente à natureza ontológica do conhecimento evita que se pense o conhecimento como um exercício de “[...] uma subjetividade que se impõe idealmente ao objeto.” (CHASIN, 2009, p. 104). Isso significa que não há um encontro entre um sujeito ideal e o seu objeto a ser conhecido. Muito pelo contrário, o sujeito, enquanto ser social, está carregado de determinações que organizam socialmente o seu pensamento e, conseqüentemente, a sua apreensão do objeto a ser conhecido. Esse fato remete ao segundo princípio encontrado em Marx, que é a determinação social do conhecimento.

Chasin chama a atenção para uma leitura equivocada do pensamento marxiano, a qual concebe o caráter social do conhecimento como uma forma de obstáculo, de impedimento, ao processo de aquisição do saber. Essa é a base do irracionalismo das concepções pós-modernas de conhecimento. Diferentemente dessa concepção, haveria o seu oposto, condição positiva do caráter social do conhecimento, ao passo que a sociabilidade é “[...] condição de possibilidade do pensamento.” (CHASIN, 2009, p. 105). A atividade ideal depende da atividade sensível, isto é, o pensamento não está descolado da atividade social. Nas palavras de Chasin (2009): “O pensamento tem caráter social porque sua utilização é a atualização de um predicado do homem, cujo ser é, igualmente, atividade social.” (CHASIN, 2009, p. 106).

Para Marx, as formas de pensamento seriam vinculadas inteiramente à sociabilidade. As representações da realidade, verdadeiras ou falsas, surgem sempre do intercâmbio social. “Correta ou fantasiosa, efetiva reprodução ideal de um objeto, ou rombudo borrão mental, as ideias não são autoengendradas, variando de um pólo a outro em função do potencial societário em que se manifestam.” (CHASIN, 2009, p. 107). Em uma determinação recíproca com a determinação social do conhecimento, Marx também mostra o caráter histórico do objeto. Como exemplo dessa relação, Marx trata a reflexão de Aristóteles. Esse filósofo provavelmente foi primeiro a analisar a forma valor. Contudo, seu modo de análise não concebia o que fazia com que existisse uma relação de igualdade entre as mercadorias. Marx descobriu que aquilo que confere igualdade ao valor das mercadorias é o trabalho. No entanto, de maneira contrária, a análise aristotélica teria sido limitada, em razão da forma de organização produtiva da sociedade grega, a qual tinha como base o trabalho escravo. Desse

modo, a reflexão produzida por membros daquela sociedade estava limitada às condições de possibilidade que o modo de sociabilidade da sua época lhe apresentava (CHASIN, 2009).

Outro exemplo que expressa o caráter histórico do objeto se encontra na crítica de Marx aos economistas clássicos. Estes tiveram o mérito de descrever a “[...] matéria viva da atividade humana” (CHASIN, 2009, p. 117), ou seja, a forma de articulação do sistema produtivo do capital. Entretanto, conceberam esse sistema como um processo eterno e natural. Desse ponto de vista, ao invés de desvelarem o objeto analisado, tais economistas passaram a uma atitude apologética e justificadora das relações sociais capitalistas. Essa leitura explica o caráter inócuo da economia política alemã, pois, historicamente, a Alemanha desenvolveu tardiamente a forma burguesa de produção e comercialização de mercadorias. Faltava aos alemães o “terreno vivo” da economia política. Isto é, não havia condições materiais que permitissem tais teóricos compreenderem os fenômenos políticos e econômicos da Alemanha.

Tal analítica marxiana, qual seja, da determinação histórica do objeto, desemboca na sua famosa passagem, segundo a qual “[...] a anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco” (MARX, [1857] 2011, p. 85). Marx utilizou essa metáfora (que será usada muitas vezes por Vigotski, como veremos), para dizer que a forma inferior de um objeto somente pode ser compreendida quando sua forma superior for conhecida. Para a sua discussão, era importante pontuar que a sociedade burguesa fornece a chave para a compreensão das sociedades anteriores, menos desenvolvidas. Todavia, ele alerta que não se pode, com isso, apagar as diferenças históricas, tal como o fizeram os economistas clássicos, os quais “[...] apagam todas as diferenças históricas e veem a sociedade burguesa em todas as formas de sociedade.” (CHASIN, 2009, p. 85).

Desse modo, Chasin (2009) sintetiza essa diretriz, ao assinalar que “[...] a plena entificação ou a atualização do objeto é fundamental na relação cognitiva; a presença histórica de seu corpo maturado faculta, de seu pólo, o conhecimento, ao passo que em graus imaturos atua como obstáculo ou provoca obnubilação.”<sup>11</sup> (p. 119). Isto é, estaria nessa compreensão a razão para que a economia política florescesse na Inglaterra e não na Alemanha, pois o objeto estava historicamente constituído em sua forma mais desenvolvida, em uma região e não em outra. Chasin (2009) resume os tópicos tratados até aqui da seguinte maneira:

A universalidade do quadro emergente é, pois, a do sujeito ativo situado em face de objetos mutantes, de individualidades cognoscitivas, geradas em tempos e lugares

---

<sup>11</sup> Veremos, ao longo do trabalho, como o foco na análise da forma menos desenvolvida do objeto “obnubilou” a explicação de Vigotski sobre os fenômenos pesquisados.

sociais, diante da processualidade entificadora das **coisas** materiais e espirituais, igualmente societárias. Em decorrência, a conjunção cognitiva ideal depende do encontro entre um sujeito plasmado em **posição** adequada à objetivação científica, ou seja, portador de ótica social em condição subjetiva de isenção, e de um objeto desenvolvido, isto é, perfilado na **energia** de seu complexo categorial estruturalmente arrematado. Resta saber de que modo específico atua, no encontro intrincado dessa dupla processualidade, o sujeito cientificamente interessado. Entre as dificuldades que se opõem ao trabalho científico, Marx, referindo-se à análise das formas econômicas (mas a observação, obviamente, pode ser generalizada para todo o âmbito das formas humano-societárias), inclui o fato de que nessas investigações “não podem servir nem o microscópio nem reagentes químicos”. Afirmção desdobrada por Lukács em termos de que “é da maior evidência que, no ser social, graças à sua essência, os experimentos no sentido das ciências naturais são ontologicamente impossíveis por princípio, dado o específico predomínio do elemento histórico enquanto base e forma de movimento do ser social”. (p. 121, grifo do autor).

Os fenômenos econômicos, diferentes dos naturais, os quais se utilizam do microscópio ou de reagentes químicos, têm na força da abstração a forma de análise para substituir ambos. Com isso, chegamos ao terceiro princípio ontológico extraído do processo de Marx de escavação do real, que é a abstração. É por meio dela que o sujeito “opera cognitivamente” e chega a “[...] analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e rastrear seu nexos interno. Somente depois de consumado tal trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real.” (MARX, 1867/2013, p. 129-130). Empregando o jargão das ciências da natureza, a abstração é o instrumento que permite ao sujeito conhecer o ser social. Marx não deixou explicitada sua caracterização da abstração, mas Chasin (2009) pôde mapear algumas de suas indicações. A abstração seria, portanto,

[...] uma qualidade individual ou força essencial de apropriação peculiar dos objetos, que se realiza de modo específico de acordo com a sua própria natureza e em consonância com a natureza do objeto apropriado. Enquanto força performática, sua apropriação ideal, reprodução intelectual de entidades reais, o que se confirma pelo caráter ontológico das abstrações produzidas. (CHASIN, 2009, p. 123).

Desse modo, a abstração, articulada com a discussão realizada até aqui, corresponde a “representações gerais extraídas do mundo real” e não determinados pontos de vista gnosiológicos ou metodológicos. Em outros termos, a abstração não é uma produção meramente individual, porém, o resultado da extração das determinações da realidade.

De forma imbricada com a determinação social do pensamento e a historicidade do objeto, a abstração é produto de condições históricas e sociais específicas e, por conseguinte, está condicionada pelos limites de sua época de construção. Isto é, sua validade está condicionada pelos limites impostos no período e contexto de concepção. Entretanto, por mais abstratas que possam ser certas representações de um objeto dado, a abstração representa modos de ser, “determinações de existência” ou seja, estão dadas tanto na “[...] realidade

como na cabeça.” (MARX, [1857] 2011, p. 85). Isso implica o afastamento de qualquer concepção suprasensível ou ideal das formas de abstração.

O processo de abstração consiste no destacamento das “determinações comuns” do objeto de investigação. Tal procedimento é denominado por Marx ([1857] 2011) “abstração razoável”. Essas categorias são o ponto de partida do conhecimento científico. Marx ([1857] 2011) chega à conceituação desse tipo de abstração, quando, na sua famosa Introdução de 1857 aos *Grundrisse*, coloca em questão o problema da produção como objeto geral da sua investigação. Marx assim define a produção em geral:

A **produção em geral** é uma abstração, mas uma abstração razoável, na medida em que efetivamente destaca e fixa o elemento comum, poupando-nos assim da repetição. Entretanto, esse **Universal**, ou o comum isolado por comparação, é ele próprio algo multiplamente articulado, cindido em diferentes determinações. Algumas determinações pertencem a todas as épocas; outras são comuns apenas a algumas. [Certas] determinações serão comuns à épocas mais moderna e à mais antiga. Nenhuma produção seria concebível sem elas; todavia, se as línguas mais desenvolvidas têm leis e determinações em comum com as menos desenvolvidas, a diferença desse universal e comum é precisamente o que constitui seu desenvolvimento. As determinações que valem para a produção em geral têm de ser corretamente isoladas de maneira que, além da unidade - decorrente do fato de que o sujeito, a humanidade, e o objeto, a natureza, são os mesmos -, não seja esquecida a diferença essencial. (MARX, [1857] 2011, p. 56-57, grifo do autor).

Desse exemplo, podemos depreender que, para Marx, uma abstração razoável é aquela forma de abstração que destaca aspectos reais comuns a diferentes momentos do fenômeno considerado. No que diz respeito à produção, apesar da sua variabilidade expressa ao longo de diferentes formações sociais, no decorrer da história, existiriam elementos que, comparativamente, poderíamos dizer que pertencem a todas elas. O que é fundamental nessa discussão é o fato de que o elemento geral é abstraído das formas concretas de existência do fenômeno, não sendo, por consequência, uma produção autônoma do sujeito que opera tal procedimento.

Por outro lado, também faz parte desse momento inicial a consideração das diferenças. São estas que permitem a distinção ou identidade de diferentes objetos. Exemplo da análise que não faz a distinção entre diferentes fenômenos é a naturalização da sociedade capitalista pelos economistas clássicos. Ao não levarem em conta aquilo que é diferente nessa espécie de sociedade em relação às anteriores, colocaram de lado aquilo que lhe é específico. A linguagem é outro exemplo. Marx ([1857] 2011, p. 57) ressalta que, “[...] se as línguas mais desenvolvidas têm leis e determinações em comum com as menos desenvolvidas, a diferença desse universal e comum é precisamente o que constitui seu desenvolvimento.” Em síntese, a eliminação da diferença impede a reprodução do “[...] ser-precisamente-assim,

indeterminando o objeto pelo cancelamento de sua processualidade formativa e especificação histórica.” (CHASIN, 2009, p. 125).

A extração dos elementos comuns e divergentes da processualidade do objeto é o primeiro passo da abstração. Ao chegar a esse ponto, temos que fazer o caminho inverso, ou seja, retornar ao concreto, agora como “concreto pensado”. Essa é a lógica da concreção, quarto princípio que se articula estritamente com a abstração. O concreto pensado se caracteriza porque agora não há uma representação caótica do todo, mas uma totalidade de terminações.

As abstrações razoáveis, relações gerais ou as mais simples das categorias – pontos de partida da autêntica *démarche* científica – “são determinantes” ou, em outras palavras, “sem elas não se poderia conceber nenhuma” formação concreta; todavia, elas não determinam nenhum objeto real, isto é, “não explicam nenhum grau histórico efetivo” de existência. Mesmo assim, “o curso do pensamento abstrato se eleva do mais simples ao mais complexo”, ou seja, “as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento”, e nesse itinerário é que se realiza “o método que consiste em se elevar do abstrato ao concreto”. Realização metodológica que subentende, pois, uma complexa metamorfose das abstrações razoáveis, pela qual, mantendo as condições de pensamentos, isto é, de abstrações, deixam de prevalecer como momentos abstratos, para se converter em momentos concretos da apreensão ou reprodução dos graus históricos efetivos dos objetos concretamente existentes. (CHASIN, 2009, p. 129).

Marx ([1857] 2011) dá como exemplo, do resultado e não ponto de partida da abstração, a população. Depois de alcançadas as determinações mais simples da população, deve-se fazer a “viagem de retorno” ao concreto. Porém, dessa vez, a representação caótica da população, no momento inicial da abstração, agora retorna ao concreto como “[...] uma rica totalidade de muitas determinações e relações.” (p. 76). O erro dos economistas clássicos, aponta Marx, foi terem começado pela abstração e não pelo concreto. Marx sintetiza o processo da seguinte maneira:

Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida efetivo e, em consequência, também o ponto de partida da intuição e da representação. Na primeira via, a representação plena foi volatilizada em uma determinação abstrata; na segunda, as determinações abstratas levam à reprodução do concreto por meio do pensamento. (MARX, [1857] 2011, p. 78).

O pensamento é um modo de apreender o concreto, pondera Marx ([1857] 2011). Ele não gera o próprio concreto. Esse teria sido o equívoco de Hegel, segundo Marx, qual seja, a concepção de que o concreto é o resultado do pensamento. A fim de não restarem dúvidas de que esse processo é uma “criação” do pensamento, vejamos como Marx conclui esse raciocínio:



O todo como um todo de pensamentos, tal como aparece na cabeça, é um produto da cabeça pensante que se apropria do mundo do único modo que lhe é possível, um modo que é diferente de sua apropriação artística, religiosa e prático-mental. O sujeito real, como antes, continua a existir em sua autonomia fora da cabeça; isso, claro, enquanto a cabeça se comporta apenas de forma especulativa, apenas teoricamente. Por isso, também no método teórico o sujeito, a sociedade, tem de estar continuamente presente como pressuposto da representação. (MARX, [1857] 2011, p. 79).

A fase conclusiva do processo analítico é a **delimitação e a articulação das abstrações razoáveis**. A delimitação concerne à captação detalhada da matéria. Ela também consiste na análise das várias formas de evolução do fenômeno e na busca pelas suas conexões íntimas. Esse processo é essencial para a exposição do movimento real do objeto. “Em termos bem sintéticos, na rota que vai do simples ao complexo, do abstrato ao concreto, as abstrações razoáveis devem perder generalidade por especificação, adquirindo os perfis da particularidade e da singularização, ou seja, a fisionomia de abstrações razoáveis **delimitadas**.” (CHASIN, 2009, p. 129-130, grifo do autor).

O processo de articulação, seguido da delimitação, é construído “[...] segundo a lógica imanente aos nexos do próprio complexo examinado.” (CHASIN, 2009, p. 133). Isso quer dizer que a articulação não responde a uma “[...] simples operação formal do intelecto” (CHASIN, 2009, p. 132). Exemplo disso é a crítica que Marx fez do modo como os economistas clássicos agruparam a produção, distribuição, troca e consumo. Operou-se um encadeamento superficial desses elementos, porque se articularam complexos de natureza inteiramente diversa. “O resultado a que chegamos não é que a produção, distribuição, troca e consumo são idênticos, mas que todos eles são elementos de uma totalidade, diferenças dentro de uma unidade.” (MARX, [1857] 2011, p. 75-76).

Essa questão nos leva a dois outros aspectos que fazem parte do processo de abstração: o **momento predominante** e a **natureza das determinações reflexivas**. O momento predominante é aquela categoria que estrutura o todo concreto. É a abstração razoável que se destaca, que liga as outras abstrações razoáveis, “[...] sobredeterminando as demais com seu peso ordenador específico.” (CHASIN, 2009, p. 135). Marx identificou na análise do seu objeto, a sociedade burguesa, que a produção seria o ponto de partida efetivo, ou seja, o **momento predominante** dessa totalidade fenomênica. Todas as outras abstrações razoáveis envolvidas no processo decorrem dessa abstração, que é a que determina todas as outras. Já em relação às determinações reflexivas, Chasin (2009, p. 135) assim as sintetiza:

[...] se trata, obviamente, de uma figura que se manifesta no interior do processo de articulação, quando o foco recai em pares ou conjuntos de categorias cuja conexão é indissolúvel, de tal modo que a apreensão efetiva de cada um de seus membros depende da apreensão recíproca dos outros. Aqui o ponto delicado e essencial é a

preservação da especificidade de cada um deles, isto é, deve-se evitar sua homogeneização conceitual, que tende a se dar pela promoção da identidade ou da diversidade abstratas entre os mesmos.

O exemplo tomado dentro da reflexão marxiana é do par formado entre produção e consumo. Marx ([1857] 2011) enfatiza que a produção se transforma imediatamente em consumo. É duplamente consumo, porque o indivíduo que produz precisa consumir suas forças vitais para produzir. Em segundo lugar, há o consumo dos meios de produção. Além disso, há também o consumo das matéria-prima. Marx ([1857] 2011, p. 64) resume essa relação da seguinte forma:

[...] a produção é imediatamente consumo e o consumo é imediatamente produção. Cada um é imediatamente seu contrário. Mas tem lugar simultaneamente um movimento mediador entre ambos. A produção medeia o consumo, cujo material cria, consumo sem o qual faltaria-lhe o objeto. Mas o consumo também medeia a produção ao criar para os produtos o sujeito para o qual são produtos.

O que foi possível compreender da definição de abstração no sentido ontológico descrito acima é que esta toma a realidade concreta como ponto de partida do conhecimento. Contudo, não é um conhecimento que se eleva idealmente à realidade material concreta, mas retorna ao concreto para colocar à prova as determinações extraídas do objeto. Isso significa que seria completamente inadmissível a existência de qualquer procedimento lógico-formal anterior ao ato de conhecimento. A abstração é o “[...] órgão peculiar da individualidade na apropriação ideal dos objetos.” (CHASIN, 2009, p. 136). Em suma, Chasin (2009, p. 137) sintetiza a teoria das abstrações como “[...] arcabouço dos procedimentos cognitivos marxianos e, a rigor, está colocada à base do que pode ser chamado de seu método científico.”

### **3.2 Vigotski e a divulgação de sua obra: sobre o predomínio das leituras epistemológicas**

Após a realização da distinção entre as orientações lógico-gnosiológicas e ontológicas, no trato do conhecimento, na presente seção, justificaremos o porquê dessa diferenciação, para compreendermos as maneiras pelas quais a obra de Vigotski foi apropriada e divulgada. Esse resgate histórico é imprescindível, porque o destino que a divulgação da obra de Vigotski obteve no Ocidente determinou fortemente as formas de compreensão dos seus escritos. O ponto central de nossa argumentação será a de que a concepção do método da ciência moderna foi a base da interpretação dos seus escritos, fato que, como veremos ao longo do trabalho, diverge da abordagem proposta por Vigotski para o estudo dos fenômenos psicológicos.

Antes de apresentarmos alguns exemplos das leituras lógico-gnosiológicas da obra de Vigotski, no Ocidente, são necessárias algumas palavras sobre como sua obra foi tratada, na

então URSS. Vigotski faleceu em junho de 1934. Dois anos depois, em julho de 1936, foi editado um famoso decreto pelo Partido Comunista, “Sobre as deturpações pedológicas no sistema Narcompros” (AQUINO; TOASSA, 2019). Esse decreto baniu oficialmente os estudos em pedologia da União Soviética. A pedologia foi uma disciplina, surgida no Ocidente, no final do século XIX, sobretudo através do trabalho de autores como Stanley Hall e outros, que tinha como interesse o estudo da criança. Essa disciplina pretendia criar uma ciência da infância, ao congregar conhecimentos de diferentes áreas, como a Medicina, Psicologia, Biologia etc. (MARTINS; SOUZA, 2018). Esse decreto atingiu em cheio a produção de Vigotski, tendo ele sido um dos principais representantes da pedologia, na União Soviética. Com isso, ele sofreu inúmeras críticas e sua obra foi suprimida. Contribuiu para o “esquecimento” oficial de sua produção a censura sofrida por algumas de suas obras, em função de suas referências a Leon Trótski, inimigo político de Josef Stalin, e que foi assassinado a mando deste, em 1940. Foi somente após a morte de Stalin que as obras de Vigotski voltaram, vagarosamente, a ser editadas na URSS.

Vale a pena mencionar que a reabilitação dos textos de Vigotski não foi um processo fortuito, mas esteve atrelada à forma que a ciência psicológica havia tomado, após sua morte, sobretudo após os expurgos que ocorreram em todas as esferas da sociedade, dentre eles, entre os cientistas. Eis como Joravsky (1987) alude ao destino do legado das obras de Vigotski, na URSS:

Grande parte de seu trabalho foi realmente ocultada por seus autodeclarados discípulos ou pela censura, ou por alguma combinação de discípulos tímidos e temíveis censores. Seus principais livros não foram publicados por 40 anos em um caso, 55 em outro. Quando eles finalmente apareceram, seus admiradores haviam se tornado adeptos completamente especializados em uma ou duas partes de seu projeto abrangente, condicionadas a ignorar o resto. Existem características peculiarmente soviéticas nesta história irônica, mas também existem analogias impressionantes para o destino de Wundt ou James entre os psicólogos ocidentais, que também professam reverência por pais fundadores e ignoram suas ideias centrais. (p. 190-191).

A academia ocidental, a exemplo do contexto soviético, também possuía um contexto institucional e científico que determinou o processo de recebimento e interpretação da obra vigotskiana. No início do “descobrimento” de Vigotski, a academia norte-americana foi a principal divulgadora dos seus escritos, a despeito de um papel importante de pesquisadores da Inglaterra e da França. Ao localizarmos historicamente esse contexto, constataremos que foi exatamente no período de “descoberta” dos seus escritos, a partir das décadas de 1960 e 1970, que o Cognitivismo estava surgindo como uma alternativa aos limites do Behaviorismo.

A expressão máxima do positivismo na Psicologia foi o Behaviorismo norte-americano, o qual se tornou a visão hegemônica naquele país durante grande parte do século XX. Contudo, parte dos teóricos da Psicologia do final do século XIX e início do século XX notaram os limites do positivismo e buscaram superá-los. A determinação de que o conhecimento deveria ser obtido por meio da observação dos fenômenos naturais impossibilitava a Psicologia de se enquadrar nesse padrão, em razão da dificuldade de acesso direto ao fenômeno psicológico. O método positivista era indutivo, ou seja, partia da descrição do fenômeno e não do modelo hipotético-dedutivo. A saída para tal problema deu origem ao método introspeccionista, utilizado, no final do século XIX, por cientistas como Wilhelm Wundt, considerado o pai da Psicologia científica. No início, a preocupação dos investigadores era descrever a experiência imediata e estudar a estrutura dos processos psicológicos que se vinculavam às sensações. Contudo, esse método foi duramente criticado por seus limites metodológicos.

O Behaviorismo floresceu até meados do século XX, quando o Cognitivismo surgiu como alternativa para o estudo dos processos mentais, adotando o método hipotético-dedutivo e não indutivo. O cognitivismo foi a expressão, na Psicologia, das críticas feitas pelo filósofo austríaco Karl Popper ao Positivismo e ao Neopositivismo, as quais redundaram no novo padrão de produção científica conhecido como Racionalismo Crítico (CASTAÑON, 2006).

A indução foi um dos seus principais alvos de ataques ao Positivismo. Conforme Castañon (2006), Popper argumentou que a indução genuína não existe, pois não existe uma observação pura, na qual a mente do pesquisador “[...] esteja livre de pressupostos e hipóteses.” (CASTAÑON, 2006, p. 28). Toda observação se orientaria por expectativas teóricas, conscientes ou não. Seria impossível observar um fenômeno de maneira livre e desinteressada. Nossa consciência possuiria formas prévias de conhecimento sobre a realidade e as expectativas criadas por essa formação prévia orientariam a nossa percepção da realidade. Nesse sentido, Popper é contrário à ideia de que nossa mente seria uma “tábula rasa”. Para ele, haveria estruturas inatas e, portanto, apriorísticas que determinam nosso conhecimento da realidade. Logo, a ciência deveria se orientar pelo modelo hipotético-dedutivo, o qual parte do princípio de que é impossível realizar a observação pura do fenômeno. O caminho até a produção do conhecimento deveria passar pela elaboração de hipóteses sobre um dado fenômeno, e essa hipótese não deveria ser comprovada, porém, falseada. Castañon (2006, p. 31) assim sintetiza esse procedimento:

Primeiro, constatamos um problema (uma teoria que tínhamos não deu conta da realidade e nos frustrou); segundo, elaboramos hipóteses como tentativas de solução

do problema; terceiro, temos que colocar em teste empírico estas hipóteses (aqui está a questão do falsificacionismo: se ela não puder ser, em tese, falsificada por nenhuma observação possível, não pode ser científica); quarto, verificamos se a hipótese foi corroborada (ou seja, a previsão se concretizou) ou falsificada (a previsão não se confirmou na observação). Quando corroborada, temos uma teoria científica, que no entanto, tem validade provisória, até ser refutada por alguma observação. Quando refutada (falsificada), também temos conhecimento, pois eliminamos uma teoria que agora sabemos ser falsa.

Essa postura é devedora de Kant, como aludido acima. Sobre essa relação, Castañon (2006) afirma que foi a partir de Kant que foi possível compreender as condições necessárias para o conhecimento. Com efeito, segundo Kant, a racionalidade ou os limites racionais do homem determinam os níveis e as possibilidades de conhecimento. Esses limites estariam no conceito kantiano de “fenomenalismo”. “Segundo esta teoria, não conhecemos as coisas em si, mas somente como se nos apresentam, ou seja, somente conhecemos o fenômeno. Existe realidade objetiva, mas não podemos conhecer sua essência.” (CASTAÑON, 2006, p. 93). Castañon (2006) admite que o objetivismo e o realismo crítico, os quais formaram as bases da Psicologia cognitiva, sustentam essa tese.

O enfraquecimento do Positivismo como padrão de cientificidade abria as possibilidades para o surgimento do Cognitivismo. Este seria racionalista e construtivista, ainda conforme Castañon (2006), e aderiria às orientações do Racionalismo Crítico de Popper, no trato do seu objeto. Desse modo, não é possível compreender o Cognitivismo sem sua relação com o Racionalismo Crítico. O Cognitivismo surgiu como proposta de estudo dos processos mentais. Não é por acaso que a obra de Jean Piaget é considerada a primeira obra científica legitimamente cognitivista (CASTAÑON, 2006). O psicólogo genebrino foi o primeiro a colocar em prática um modelo experimental cognitivista, que se baseava no modelo hipotético-dedutivo. Ele compreendia que os processos cognitivos eram organizados pela aplicação de regras “[...] construídas durante o processo de desenvolvimento cognitivo através da ação no mundo de um sujeito orientado por metas e dotado de consciência como um fenômeno biológico básico.” (CASTAÑON, 2006, p. 169). Em síntese, expusemos brevemente o Cognitivismo, para demonstrar que, ao tomar como base o modelo hipotético-dedutivo e aderir aos princípios do Racionalismo Crítico, as interpretações feitas da obra de Vigotski foram contaminadas por esses princípios. Também é possível compreender as origens da associação entre as ideias de Piaget e a produção de Vigotski.

Somou-se à leitura cognitivista da obra de Vigotski o contexto sociopolítico daquele período, marcado, sobretudo, pela Guerra Fria. Predominou, no Ocidente, de modo acentuado nos Estados Unidos da América, um forte clima anticomunista e antimarxista. Como consequência, o aporte marxiano contido na obra de Vigotski foi esterilizado e, quando

assumido, foi encarado como uma referência protocolar e “ideológica”. Como exemplo dessa leitura, temos uma das principais referências daquele período, na Psicologia cognitivista, Jerome Bruner. Vejamos o que ele declara:

Para um público de língua inglesa, será de pouca utilidade seguir o curso ideológico da obra de Vigotski através dos terremotos e das tempestades que envolvem a psicologia na União Soviética [...]. Sob a perspectiva ideológica marxista, Vigotski tornou-se conhecido como o homem que conheceu a determinação histórica da consciência [...]. (BRUNER, 1998, p. VII).

A questão principal, para diversos intérpretes e divulgadores de Vigotski, foi “limpar” seu texto do mencionado aspecto “ideológico” proveniente do marxismo. Exemplo desse processo são as primeiras publicações de sucesso de Vigotski nos Estados Unidos, as quais, apesar de todos os problemas, permanecem sendo os principais textos consultados e citados de Vigotski (ROTH; JORNET, 2017). Estamos nos referindo a *Pensamento e Linguagem e Formação Social da Mente*, ou em inglês, consecutivamente, *Thought and language* e *Mind in Society*. Essas duas obras possuem problemas gravíssimos. A primeira constitui uma versão editada e resumida da última obra de Vigotski. Conforme aponta Sève (2018), todas as referências a Marx feitas por Vigotski foram suprimidas. A outra obra consiste de uma coletânea de vários textos de Vigotski compiladas por seus organizadores (mencionados na introdução). Tal obra é um desserviço à divulgação da obra de Vigotski, por duas razões: em primeiro lugar, trata-se de uma obra que foi editada. Conteúdos foram suprimidos e reescritos para, conforme os editores, retirar as “repetições” de Vigotski. Em segundo lugar, um grave defeito dessa obra é compilar textos de diferentes períodos. Isso faz com que se perca de vista o desenvolvimento histórico da produção de Vigotski. Além disso, leva o leitor que não tem familiaridade com a obra a inferir que determinadas concepções não se alteraram.

Alguns autores, como Mainardes e Pino (2000), destacavam, há duas décadas, que as obras de Vigotski disponíveis em português – as traduções dos textos americanos, textos esparsos e incompletos – levaram muitos leitores a perderem de vista a fundamentação marxista de sua obra. A despeito de terem surgido uma ou outra nova tradução de suas obras, depois dessa constatação, a maioria das suas obras ainda continua inacessível. Esse fato evidencia que, apesar da rápida difusão das suas ideias, não se desenvolveu uma compreensão aprofundada da sua teoria.

Essa limpeza ideológica respondeu a uma interpretação da sua produção, pelas lentes do padrão de conhecimento hegemônico do Ocidente, aquele baseado no modelo lógico-gnosiológico. Como caminho lógico, diversos autores advogaram por uma aproximação entre Vigotski e Piaget, porque ambos teriam, a princípio, o mesmo objeto de estudo, que seria o

desenvolvimento infantil. Ao se fazer isso, reduz-se o pensamento de Vigotski em alguns níveis: 1) Passam a julgar que o seu método de pesquisa seria o mesmo dos investigadores ocidentais; 2) Reduz o seu objeto de pesquisa ao desenvolvimento infantil, fato que é falso, se olhada a integralidade da obra do autor. Desse modo, nossa tese é a de que o antimarxismo que fez parte e que ainda faz parte da sociedade e da academia, em geral, foi o responsável por usar a régua do “epistemologismo” ocidental, para a leitura da obra de Vigotski, o que levou à completa perda não só da dimensão do método empregado pelo autor, como também das conclusões às quais ele chegou.

Daniels (2008, p. 11) recentemente reforçou a interpretação corrente da obra vigotskiana, ao propor que o mérito de Vigotski e de seus colaboradores foi o de ter desenvolvido “ideias teóricas e metodologias” para compreendermos “[...] os processos pelos quais a mente humana é formada.” Mais adiante, o autor completa que o legado deixado por Vigotski está na criação de “[...] ferramentas e artefatos para conceber maneiras de pesquisar e maneiras de pensar nos objetos de nossa pesquisa.” (DANIELS, 2008, p. 11). Nessas duas passagens, o autor deixa evidente a orientação lógico-gnosiológica. Vigotski, para ele, teria desenvolvido “ideias teóricas e metodológicas” para investigar o objeto de pesquisa. É perceptível que essa interpretação está calcada no paradigma epistemológico, no qual se criam “ideias” para se investigar um dado objeto. Em outra passagem, o autor assim se expressa:

A escola cultural-histórica russa de teoria social que se desenvolveu no despertar da contribuição de Vigotski enfatizava muito a necessidade de desenvolver teorias e metodologias vigorosas que capacitariam cientistas sociais a estudar os modos como os seres humanos tanto moldam quanto são moldados pelos artefatos que medeiam seu engajamento com o mundo. (DANIELS, 2008, p. 13).

Nesse fragmento, o autor deixa ainda mais explícita sua concepção de que são as “teorias e metodologias” que possibilitam aos cientistas compreenderem como o ser humano se constitui.

Outro exemplo do ponto de vista epistemológico que se apropriou dos escritos de Vigotski foi o Construcionismo Social. Em outro momento, examinamos as inadequações desse movimento com a produção de Vigotski (COSTA, 2015). Embora partindo de uma perspectiva sociológica, o Construcionismo Social toma como polo regente do conhecimento o próprio homem, mesmo admitindo a dimensão social do mesmo. Razão para essa interpretação está na concepção das relações sociais como simples interação comunicativa entre indivíduos, que criam e sustentam certa concepção de mundo, independentemente da realidade ou das determinações materiais que produzem tais relações. Portanto, a relação entre sujeito e objeto do conhecimento não são os mesmos de Vigotski, pois, para os autores dessa

perspectiva, como Kenneth Gergen (2001), a garantia de verdade do conhecimento se funda no consenso de vários atores sociais. Não há, por isso, a compreensão de que o conhecimento deve desvelar as determinações do objeto e reproduzir o seu movimento. Ao contrário, o objeto é secundário frente à “construção social”.

Tal concepção, assim como o Construtivismo, na sua forma radical (DUARTE, 2001), leva, inevitavelmente, ao irracionalismo e à negação da possibilidade do conhecimento, seja ele qual for. Constatamos, na discussão anteriormente feita, que isso se deve à compreensão subjetivista de que existem limites inerentes aos sentidos ou à própria racionalidade, os quais impediriam o conhecimento da realidade (COSTA, 2015). Também tentaremos apontar, ao longo deste trabalho, que Vigotski não compactua com essa concepção. A razão para isso seria, precisamente, sua abordagem ontológica do conhecimento.

Um tipo de leitura da obra de Vigotski que expressaria muito a visão de que ele teria seguido o método moderno de pesquisa seriam as formas de caracterizar a sua produção em fases. Dafermos (2018) menciona várias dessas periodizações. De modo geral, existe a tendência de apontar que seu “pensamento” teve três fases. A primeira teria sido anterior à Psicologia Histórico-Cultural propriamente dita, que abarcaria sua produção até por volta de 1927. Os autores caracterizam essa fase como sendo aquela que partia da concepção reflexológica sobre o problema do psiquismo. Nesse momento, Vigotski teria se utilizado do paradigma “estímulo-resposta” de Pavlov, de sorte a explicar a consciência. O segundo momento seria o de construção da Teoria Histórico-Cultural do desenvolvimento psíquico. Nesse período, ele teria criado o método instrumental para investigar as funções psicológicas superiores. A terceira fase seria o período que compreende os últimos anos de sua produção. Vigotski teria reorganizado sua concepção sobre o processo de desenvolvimento das funções psíquicas superiores, através de uma nova chave explicativa, orientado pela concepção semântica sistêmica da consciência (ZAVERSHNEVA, 2014).

Esse tipo de leitura tende a localizar o manuscrito *O significado histórico da crise da psicologia* como um antecedente da Teoria Histórico-Cultural. Autores como Friedrich (2012) reforçam a leitura de que tal manuscrito constituiria os “prolegômenos” de Vigotski. Para a autora, neles estariam as bases e as elaborações dos conceitos-chave do autor. Conforme a autora, Vigotski, no referido manuscrito, “[...] tentava resolver as bases e as premissas necessárias para uma psicologia que pudesse ser uma ciência por inteiro.” (FRIEDRICH, 2012, p. 21).

Concordamos que, nesse manuscrito, estão colocados os problemas centrais para a ciência psicológica da época e que já estavam sendo delineados os princípios filosóficos



orientadores da sua pesquisa futura. Contudo, acreditar que, nessa obra, já estava delimitado o “método” de Vigotski seria adotar uma leitura lógico-gnosiológica e negar os próprios princípios ordenados pelo autor, contidos naquele texto. Veremos que um princípio fundamental era o papel da prática para o desenvolvimento da teoria. Desse ponto de vista, seria a prática que deveria reorganizar os métodos e não o contrário. Além disso, Vigotski critica os autores que entendem que o método cria a realidade. Prova disso está no fato de que há problemas de ordem do método de pesquisa que somente surgiriam na medida em que Vigotski se defrontou com seu objeto de estudo. Em suma, discordamos da análise da referida autora, ao entendermos que, apesar de o manuscrito versar sobre o problema do conhecimento, ele não “aplicou” tais princípios diretamente na sua produção.

Outro exemplo de leitura lógico-gnosiológica da obra de Vigotski seria aquela feita por González Rey (2013). Seguindo a mesma linha interpretativa para a qual a obra de Vigotski possui diversas fases, González Rey salienta que o segundo momento de sua obra, aquele da “fase instrumental”, dá “[...] um passo atrás em relação ao primeiro momento de sua obra, de crítica da psicologia objetiva.” (GONZÁLEZ REY, 2013, p. 66). Esse primeiro momento seria aquele caracterizado pelos seus estudos sobre a Psicologia da arte. O foco desse momento estaria, segundo o autor, no problema das emoções. Vigotski teria atribuído enorme peso aos sentimentos e à fantasia, sendo esta a via de expressão das emoções. Segundo González Rey, construções teóricas desse momento foram tematizadas no período final da produção de Vigotski. Em sua opinião, o primeiro momento seria mais criativo, se comparado com o segundo, este caracterizado por uma ênfase na pesquisa objetiva. Nas palavras do autor: “[...] a tensão entre sua representação objetiva da psicologia e suas ideias ricas e abrangentes sobre a complexidade e integridade do sistema psíquico entra em contradição de diferentes formas ao longo de sua obra [...]” (GONZÁLEZ REY, 2013, p. 58-59). O autor aponta claramente uma separação entre as “ricas ideias” de Vigotski de um período e a “representação objetiva da psicologia” de outro. Ele sugere que a “integralidade do sistema psíquico” não é uma tradução do movimento do fenômeno objetivo, mas uma “ideia rica” do pesquisador.

Tal interpretação de González Rey (2013) também se expressa, quando ele assevera que a nova construção teórica de Vigotski, da sua segunda fase, “[...] leva-o a uma ênfase nas funções cognitivas.” (GONZÁLEZ REY, 2013, p. 65). Esse autor lê essa mudança na teoria como uma expressão das concepções e interesses de Vigotski. Argumentaremos, no desenrolar do trabalho, que a aparente mudança temática e de explicação de Vigotski expressa não sua teorização, mas uma das mudanças teóricas de Vigotski, na caracterização de seu

objeto de estudo. Foram esses que orientaram suas explicações e não o contrário. É lógico esperar que, ao tomar como objeto a “obra de arte”, a temática das emoções e afetos aparecesse de modo mais direto do que o tema das “funções cognitivas”. De igual maneira, tendencialmente, poderíamos esperar que as “funções cognitivas” teriam lugar central na tematização de questões surgidas das observações de situações experimentais organizadas para o estudo da resolução de problemas. Em outros termos, o predomínio de um ou outro tema diz mais sobre o objeto do que sobre o pesquisador. É por essa razão que julgamos que tal análise tende a pensar o conhecimento como uma construção do sujeito.

Para concluir esta apresentação sobre as leituras “epistemologistas”, citamos como último exemplo a produção de Langford (2005). Fica patente, na interpretação desse autor, a adoção da perspectiva hegemônica para julgar a obra de Vigotski. Essa visão se expressa na seguinte afirmação: “O método de Vigotski não modificou em seus fundamentos desde o tempo em que escreveu ‘A psicologia da arte’ (1925) até sua morte.” (p. 165). O autor afirma que sua teoria, ao contrário, se modificou três vezes. Essa modificação na teoria seria justificada, porque “[...] não se pode esperar que o método, como a maioria dos métodos, encontre a resposta certa imediatamente.” (LANGFORD, 2005, p. 165). Em primeiro lugar, ele separa o método da teoria que explica o fenômeno pesquisado. Em segundo lugar, estamos diante de uma interpretação de método que antecede o confronto do pesquisador com os dados empíricos, com o objeto de pesquisa. Outra ideia que corrobora essa constatação é o fato o autor compreender o método apenas como um “tipo de racionalidade”. Veremos, ao longo do trabalho, que, mesmo se concebermos o método como procedimentos de pesquisa, tal afirmação não seria verdadeira.

Acreditamos que esse tipo de leitura não encontra respaldo nos escritos de Vigotski. No decorrer do trabalho, focalizaremos nossa atenção justamente em tentar evidenciar que o método não só se modificou, como se modificou, porque Vigotski o compreendia não como ponto de partida, mas também como resultado da investigação. Em suas palavras: “[...] o método é, ao mesmo tempo, premissa e produto, a ferramenta e resultado da investigação.” (VYGOTSKI, 2000a, p. 47). Além disso, ele também deixa claro que o método deve ser “[...] adequado ao objeto que se estuda” (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a, p. 47). Em outros termos, o que ele está colocando, que é central para a compreensão do seu processo de pesquisa, é o fato de que o método não é uma construção anterior ao contato com o objeto, muito menos é formulado anteriormente, todavia, nasce do embate e da reprodução do próprio objeto.

Veremos que, no *Psicologia da arte*, estavam em processo de elaboração diversos princípios filosófico-ontológicos a respeito da abordagem do objeto de pesquisa. Contudo, outros princípios foram sendo “descobertos”, na medida em que Vigotski se defrontava com o objeto real e os limites que algumas metodologias impunham à sua tradução. Citamos, como exemplo, o princípio de análise do fenômeno em suas unidades constituintes. Essa descrição do fenômeno não estava dada no *Psicologia da arte*. Também não estava colocada para Vigotski, por volta de 1928, pois, no artigo “Problema do desenvolvimento cultural da criança” (VYGOTSKY, [1928] 1929/1994a), ele compreendia que o método de análise deveria seguir o estudo das partes componentes. Somente quando Vigotski rompe os limites do método instrumental, na década de 1930, é que se lhe abre a possibilidade de apreender a totalidade do fenômeno pesquisado. Existem outros exemplos de que trataremos, no decorrer do trabalho, mas essa é uma forte evidência de que o método de análise por unidades foi desenvolvido ao longo do seu processo de contato com o objeto.

Estabelecendo uma síntese deste capítulo, foi apresentada a diferença entre as orientações epistemológicas e ontológicas, no trato do objeto do conhecimento. A divergência principal está na forma de abordagem do objeto. Em uma das posições, o sujeito é o polo regente no processo de produção de conhecimento, ou seja, é o homem que cria os métodos e as formas de cognição do objeto e, no extremo, “constrói” o objeto. Por outro lado, o trato ontológico coloca como polo regente do conhecimento o objeto em si. Seria este que determina o método, as hipóteses e a confirmação sobre o seu conhecimento. Em outros termos, como vimos, é no retorno ao objeto, depois de sua abstração, como concreto pensado, que ele pode ser conhecido. Também esclarecemos que, apesar de não existirem princípios prévios ao trato do objeto, haveria alguns princípios que seriam intrínsecos à sua tradução.

Também demonstramos que as leituras da obra de Vigotski partiram da orientação lógico-gnosiológica, hegemônica na ciência moderna. Esse fato é explicado em razão da determinação social do conhecimento, porque o paradigma lógico-gnosiológico, dominante na ciência ocidental, está imbricado fortemente com as necessidades produtivas de tal sociedade. Desse modo, nossa hipótese para o equívoco nas interpretações de Vigotski foi a utilização da régua lógico-gnosiológica, a fim de interpretar uma obra que claramente nega esse princípio.

#### 4 VIGOTSKI E A CONSTITUIÇÃO DO SEU PROJETO DE PESQUISA

O presente capítulo tem como objetivo introduzir o pensamento de Vigotski. Pretendemos esboçar inicialmente um panorama sobre a vida e a obra desse autor, destacando suas fontes e influências, o contexto histórico e social e a trajetória de pesquisa que foi desenvolvida até o fim da sua vida. A essência da discussão subsequente tem como intenção abordar aspectos do método e da metodologia, no início da produção psicológica desse autor. Lançaremos luz sobre qual era sua visão de homem, em meados da década de 1920. Demonstraremos quais eram suas principais preocupações, do ponto de vista do método e do objeto da Psicologia. Por fim, apontaremos algumas tentativas preliminares de resolver os problemas que já vinham se apresentando na sua tentativa de investigar o fenômeno psicológico.

Tentamos reconstruir esse momento de sua obra, utilizando principalmente as suas anotações feitas durante esse período, que vieram a público recentemente (VYGOTSKY, 2018a). Tal empreendimento editorial somente foi possível com a abertura dos arquivos de Vigotski por sua família, em 2006. Segundo Zavershneva (2010a), o estudo do arquivo tinha como objetivo principal a compilação dos seus escritos, sobretudo tendo como perspectiva a publicação futura das suas obras completas:

O plano era estruturar a nova edição das obras de L. S. Vigotski cronologicamente, acompanhadas de um detalhado comentário textual e fotografias do arquivo, e da atualização das referências históricas; o posfácio para cada volume forneceria uma análise detalhada das ideias de L. S. Vigotski relacionada a cada período de seus escritos e mostraria a continuidade dessas ideias no contexto de toda a sua carreira científica. A principal fonte para os trabalhos reunidos foram os arquivos da família de L. S. Vigotski. Nossas tarefas foram realizar um inventário completo do arquivo, procurar por manuscritos desconhecidos, restaurar os textos autênticos das obras já publicadas de Vigotski e compilar um esboço de suas obras completas reunidas. (ZAVERSHNEVA, 2010a, p. 14-15).

Essas anotações expressam o “laboratório criativo” de Vigotski (VYGOTSKY, 2018a), uma vez que elas não foram sistematizadas para publicação, mas serviram como fixação da sua “fala interna”. Vale ressaltar que, para Vigotski, a função da fala interna é a de organizar nosso pensamento e nossa ação. A dificuldade aumenta, na medida em que, muitas vezes, não temos o “subtexto” que completaria o significado contido nas suas formulações, seja porque os materiais necessários para tal contextualização foram perdidos, seja porque desconhecemos as referências feitas por Vigotski ou mesmo porque elas estavam “predicadas”, isto é, que apenas teriam sentido para ele e para mais ninguém. Assim, muito do material ficará inevitavelmente sem compreensão. Por outro lado, o contexto pode ser alcançado, cotejando-se as passagens com as publicações diretamente ligadas a elas, como, por exemplo, as

reflexões contidas nos Capítulos 21 e 22, as quais formam a base para o livro *Pensamento e Linguagem*.

Em razão da natureza desses manuscritos, suas ideias podem ser consideradas como especulações, hipóteses, algumas formulações de difícil compreensão e ideias que são anunciadas e que foram descartadas, no curso de suas pesquisas. Esses fatos expressam o processo de construção da sua compreensão sobre fenômeno psicológico que apareceram de forma acabada, em seus textos preparados para publicação. Apesar da incompletude das ideias contidas nessas anotações, acreditamos que elas são extremamente valiosas para compreendermos o processo de construção do seu projeto de pesquisa. Contrapomos essas anotações, na medida do possível, com textos que foram publicados. Assim, podemos ter um parâmetro de análise de tais anotações, ao compararmos com outros textos que versam sobre um mesmo tema. Recorreremos a esses manuscritos, em outros momentos deste trabalho.

#### **4.1 Elementos contextuais da sua vida e obra**

Vigotski é conhecido por ter fundado a escola psicológica mais importante da União Soviética. Ele desenvolveu um ambicioso programa de unificação da Psicologia que teve como centro uma abordagem “histórico-cultural” como característica central (JORAVSKY, 1989). Ele nasceu no final do século XIX, precisamente no ano de 1896. Apesar de a tuberculose ter abreviado sua vida, em 1934, ele deixou uma extensa obra, que é estudada até hoje. Também deixou vários discípulos, os quais procuraram desenvolver e ampliar sua abordagem.

Vigotski nasceu em Orsha, que era uma cidade provinciana nas proximidades de Minsk, atual capital da Bielorrússia. Sua família se mudou para uma cidade chamada Gomel, após o nascimento de Vigotski. Ele foi o segundo filho de uma família de oito irmãos. Eles fizeram parte da comunidade judaica de Gomel. Seu pai trabalhava como gerente bancário e era representante de uma companhia de seguros. Os Vigodski<sup>12</sup> tiveram uma ótima educação, dispondo de tutores particulares e acesso a uma grande biblioteca particular, fato que denota que aparentemente tinham uma vida confortável (VAN DER VEER; VALSINER, 2009).

Desde muito cedo Vigotski tinha interesse nas humanidades, sobretudo em história, literatura, poesia, línguas e cultura judaica. Em 1911, ele foi admitido em uma escola particular e graduou-se em 1913. No colégio, Vigotski iniciou uma sociedade de debates, na

---

<sup>12</sup> Esse era o sobrenome da sua família. Yasnitsky (2018) afirma que Vigotski mudou a grafia do seu nome, para não ser confundido com seu primo, David Vigodski. David foi um poeta, linguista e filólogo, o qual também publicou no mesmo período de Vigotski. Essa teria sido a possível razão para ter optado por alterar a grafia do seu nome.

qual se discutia literatura, história e filosofia. Nos grupos de estudos que promovia, sempre focalizou os aspectos filosóficos do processo histórico. Foi nesse período que Hegel se tornou seu ídolo filosófico (YAROSHEVSKY, 1989). Com isso, podemos ver que, desde muito cedo, já existia no jovem Vigotski um interesse por várias áreas do conhecimento e uma tendência do seu interesse voltado para as artes e para a filosofia.

Vigotski foi aceito na Universidade Imperial de Moscou, por sorteio. Isso se explica em razão da discriminação que os judeus recebiam de diversas formas pelo Império Russo. Aos judeus era negada a possibilidade de ocuparem cargos públicos, a menos que se convertessem ao cristianismo ortodoxo (YASNITSKY, 2018). Esse fato limitava as possibilidades de ocupação dessa população, fato que os levava a profissões liberais, tais como a advocacia, a medicina e o comércio. No outono de 1913, Vigotski iniciou o curso de Medicina. Porém, meses depois, transferiu-se para a Faculdade de Direito. Em 1914, ele começou a cursar a Faculdade de História e Filosofia da Universidade do Povo. Esta foi a primeira universidade privada da Rússia. Ela ficou conhecida por sua pluralidade, pois aceitava pessoas de diversas etnias, gêneros e religiões. Além disso, admitiu professores que foram demitidos pelas universidades imperiais, por fazerem críticas ao imperador Nicolau II.

Seus interesses artísticos e literários se aprofundaram, no período de formação universitária. Durante esse período, Vigotski produziu vários ensaios críticos de obras de autores como Tolstói e Dostoiévski. Ele também começou a publicar resenhas literárias de autores que formavam os pilares do simbolismo russo. Suas resenhas críticas envolveram ainda peças teatrais (YAROSHEVSKY, 1989). *Hamlet*, peça de Shakespeare, se tornou foco do seu interesse, sobre a qual escreveu um ensaio, em 1916. Foi esse interesse pela obra de arte que levou Vigotski a um primeiro movimento em direção a questões referentes à Psicologia (GONZÁLEZ REY, 2013). Como resultado, entre 1915 e 1922, ele acumulou um material escrito que deu forma ao seu livro *Psicologia da Arte*, o qual se tornou sua tese de Doutorado. Nesse livro, Vigotski já expressava sua intenção de estudo objetivo da obra de arte, diferentemente da “crítica do autor” ou da análise do receptor, que eram as tradições de estudo das obras de arte da sua época. Vigotski já apresenta igualmente sua visão social e histórica da compreensão da psique:

Sua compreensão da natureza social da psique nessa obra escapa do reducionismo mecanicista que compreendia a psique como resultado imediato da organização socioeconômica e política da sociedade, tendência que, posteriormente será muito forte com a vulgarização do marxismo, que se estendeu na filosofia e nas ciências sociais soviéticas. (GONZÁLEZ REY, 2013, p. 33).

Em 1918, Vigotski retorna a Gomel, sem nenhum diploma universitário. Ele saiu de Moscou com o *status* de curso incompleto e não há evidências de que se graduou em Direito, na Universidade Imperial (YASNITSKY, 2018). Além disso, a Universidade do Povo não era reconhecida pelo Império Russo e, por isso, não fornecia certificação. Esse fato restringiu suas possibilidades de atuação profissional. Em razão disso, ele passou a trabalhar como professor primário.

Entretanto, um fato mudou radicalmente sua vida. Lembremos que, em 1917, ocorrera a Revolução de Outubro, acontecimento que alterou completamente a história russa e mundial. Nesse período, irrompeu uma profunda Guerra Civil, a qual durou até 1922. Em 1919, Gomel foi reconquistada pelos Bolcheviques e anexada à República Socialista Soviética da Ucrânia, cuja capital foi proclamada como sendo Kharkov. Gomel se tornou um centro administrativo dessa nova república. Várias pessoas próximas a Vigotski se tornaram representantes do Estado. Seu primo David Vigodski, por exemplo, foi indicado chefe do Departamento de Trabalho Literário. Com isso, Vigotski também começou a trabalhar em postos da burocracia do recente Estado soviético. Entre 1919 e 1920, Vigotski trabalhou como chefe do Departamento de Estatística da Cooperativa de Trabalhadores de Gomel. Em 1920, ele obteve um novo cargo burocrático, agora como chefe do Departamento de Teatro (YASNITSKY, 2018).

Nesse período, Vigotski não estava plenamente convertido à causa bolchevique. Seus interesses passaram paulatinamente das questões judaicas para questões sociais e referentes às transformações culturais trazidas pela Revolução. Foi nesse momento, por exemplo, que ele publicou um texto intitulado “Teatro e Revolução”.

Outro fator fundamental para a entrada de Vigotski na Psicologia foi seu ingresso na carreira docente, em 1922, quando ele foi contratado como professor da Faculdade Pedagógica de Gomel, na qual lecionou várias disciplinas relacionadas à Psicologia e Pedagogia para professores em formação (YASNITSKY, 2018). Além de atividades de docência, ele também começou a realizar pesquisas em Psicologia Experimental, tais como aquelas sobre o desenvolvimento da memória. Como resultado dos cursos que ministrou e dos estudos feitos, Vigotski publicou um manual intitulado *Psicologia Pedagógica*, em 1926 (VIGOTSKI, [1924] 1926/2003). O livro tinha como objetivo servir como um manual prático para o trabalho cotidiano dos professores. Ele tratou de temas como a função da secreção interna, o sistema nervoso, teoria evolutiva, condicionamento clássico, memória, origem dos instintos, educação moral e estética, as vantagens das escolas mistas, necessidade da educação sexual e a origem da linguagem. O livro se harmonizava com as ideias de Konstantin

Kornilov e aproveitava as descobertas de Ivan Pavlov e Ivan Sechenov (VAN DER VEER; VALSINER, 2009)<sup>13</sup>.

Do ponto de vista social, Vigotski estava inserido em uma sociedade pós-revolucionária, que tinha como projeto a emancipação humana. Nesse sentido, diferentemente das orientações “idealistas”, as quais não tinham nenhum compromisso com a realidade, estava totalmente engajado na constituição de uma Psicologia que contribuísse com esse movimento transformador (GONZÁLEZ REY, 2013; YASNITSKY, 2018). Isso quer dizer que os aspectos científicos e filosóficos estavam entrelaçados com essa exigência de ordem prática. Além disso, filosoficamente, ele fez parte de um movimento que estava comprometido com a criação de uma “Psicologia marxista”.

Segundo Joravsky (1989), foi Kornilov quem substituiu Georgi Chelpanov, um dos representantes da Psicologia idealista, na URSS, no comando do Instituto de Psicologia de Moscou, em 1923. Para Kornilov, ainda conforme Joravsky, o marxismo não seria uma filosofia especulativa, mas uma perspectiva e uma metodologia inerentes à prática da ciência experimental. Kornilov foi o principal proponente na busca por uma Psicologia que se apoiava no método de Marx, naquele período. Para levar a cabo tal projeto, ele se cercou de jovens pesquisadores que pudessem desenvolver tal projeto, como Vigotski, Luria e Leontiev. Foi nesse contexto que o trabalho de Vigotski chamou a atenção de outros pesquisadores. A oportunidade de trabalho surgiu em 6 de janeiro de 1924, quando ele fez duas apresentações no Segundo Congresso Panrusso de Psiconeurologia, que ocorreu em Petrogrado. Em uma de suas apresentações, ele apontou os limites da reflexologia e propôs uma conciliação com os métodos da Psicologia experimental (YASNITSKY, 2018).

Após sua chegada a Moscou, em 1924, Vigotski foi contratado pelo Instituto de Psicologia. A remuneração era insuficiente para a manutenção da sua vida e de sua esposa, de sorte que ele precisou de fontes adicionais de renda. Em razão de sua posição no Instituto, ele passou a lecionar em instituições educacionais. Ademais, ocupou cargos burocráticos no *Narkompros*.<sup>14</sup> Seu foco de trabalho foram atividades políticas ligadas a questões educacionais relativas às crianças deficientes (YASNITSKY, 2018). Em função dessa posição, foi escolhido como representante da União Soviética em uma conferência sobre crianças surdas, realizada em Londres, em 1925 (VAN DER VEER; ZAVERSHNEVA, 2011). Após a

---

<sup>13</sup> Apesar dessa aproximação, já encontramos, nesse livro, algumas críticas à reflexologia. Para uma análise sobre essa questão, conferir Martins (2010).

<sup>14</sup> *Narkompros* era a sigla para Comissariado do Povo para Educação. Era um departamento soviético responsável pela administração da educação pública e pela maior parte das matérias relativas à cultura. Esse órgão tinha *status* de ministério e Vigotski foi um funcionário de quarto escalão (YASNITSKY, 2018).



chegada desta viagem ao exterior, ele logo foi internado no hospital de Zakharino, para tratamento da tuberculose. Essa doença já o acometia desde 1920. Essa internação durou até o início de 1926.

A busca por construir uma Psicologia sobre as bases do marxismo levou Vigotski e seus companheiros a um estudo crítico do estado da Psicologia na época. Ele analisou a crise em que a Psicologia se encontrava, com base nas lentes do materialismo dialético. Essa análise foi sintetizada num manuscrito intitulado *O Significado Histórico da Crise da Psicologia*, que foi escrito, provavelmente, entre 1926 e 1927, e publicado somente em 1982. Nesse texto, Vigotski constatou que o problema da Psicologia era, sobretudo, de ordem prática. Isso quer dizer que foi sua aplicação em problemas concretos que colocaram a Psicologia em estado de crise. Além disso, a origem da crise também seria o fato de que existiam duas vertentes filosóficas que orientavam as produções teóricas, as quais se separavam entre o idealismo e o materialismo. Uma versão muito resumida das suas reflexões feitas no referido manuscrito foi publicada num artigo com o título de “Ciência da Psicologia” (VYGOTSKY, 2012).

Diante desse diagnóstico, Vigotski procurou desenvolver sua própria metodologia de pesquisa do fenômeno psicológico. Inspirado nos estudos de Wolfgang Kohler sobre a inteligência prática dos chimpanzés, Vigotski e seu grupo começaram a desenvolver investigações com o objetivo de estudar o comportamento instrumental, mediado, das crianças. Esse objetivo envolveu a criação de situações experimentais que permitissem observar processos psicológicos que eram inacessíveis à observação direta. Seu objetivo foi o estudo do comportamento cultural da criança, o qual, em sua visão naquele momento, era alcançado através do uso de instrumentos psicológicos que mediavam o comportamento da criança, fato que levava ao controle do seu próprio comportamento (VYGOTSKY, 1994).

Vigotski fez parte de várias instituições, durante seus anos de trabalho em Moscou. Tensões entre Vigotski e Kornilov muito provavelmente o fizeram transferir suas pesquisas do Instituto de Psicologia para a Academia Comunista de Educação, em 1928 (YASNITSKY, 2018). Os estudos clínicos também se tornaram um campo promissor para suas investigações. Desde sua chegada a Moscou, ele esteve ligado a instituições de saúde. A primeira foi o Instituto de Defectologia Experimental. Em 1929, por sua vez, ele assumiu a posição de pesquisador na Clínica de Doenças Nervosas, da Primeira Universidade Estatal de Moscou:

O novo emprego reflete o interesse crescente de Vigotski em questões sobre patologia do desenvolvimento humano e seu crescente envolvimento com prática clínica no Instituto Defectológico Experimental como consultor em meio período e

chefe do laboratório de psicologia e responsável por pesquisas nessa instituição. (YASNITSKY, 2018, p. 74).

O interesse e o envolvimento com questões ligadas às psicopatologias levaram Vigotski, juntamente com Luria, em 1931, a iniciarem a formação em Medicina, em Kharkov. Datam desse período seus estudos referentes a diversas psicopatologias.

Para além das suas atividades profissionais de pesquisa, Vigotski também se mostrou engajado politicamente. Conforme Yasnitsky (2018), foi a partir da década de 1930 que ele começou a se envolver em questões políticas. Ele foi membro da Sociedade Materialista de Psiconeurologistas da Academia Comunista. Além disso, no Instituto de Psicologia, ele atuou como representante e chefe local da unidade da Associação de Trabalhadores em Ciência e Tecnologia para o avanço da construção socialista. Em 1931, publicou o texto “A formação socialista do homem”, no jornal dessa instituição (VYGOTSKY, 1994b). Nesse mesmo ano, ele também se tornou membro do poder representativo dos Sovietes, tendo sido eleito como deputado. Ele ainda fez parte de uma comissão que definia os brinquedos que seriam utilizados nas práticas educativas, na União Soviética (VYGOTSKY, 2018a).

Pouco antes de sua morte, em 1934, Vigotski trabalhou com pesquisas clínicas, fato que fez com que recebesse a oferta para fundar um Departamento de Psicologia no Instituto Experimental Médico de Toda a União Soviética (YASNITSKY, 2018). Ele participou brevemente das atividades do instituto, no entanto, não chegou a fazer parte de tal Departamento.

Como legado, ele deixou um projeto de pesquisa inacabado e não pôde estabelecer uma teoria integral. Seu último grande trabalho foi a compilação de pesquisas a respeito da relação entre pensamento e linguagem (VIGOTSKI, 1934/2001a). Esse livro reunia textos da sua produção final, durante a década de 1930. Além disso, suas últimas pesquisas versaram sobre casos clínicos de pacientes acometidos com a chamada doença de Pick e investigações sobre a motivação em crianças com deficiência. Sua preocupação era com a explicação da transferência [*perenós*] entre o campo do pensamento e o campo da ação, sobretudo, o papel do campo semântico na transição entre essas duas instâncias, entre a face interna e externa da relação do homem (VYGOTSKY, [1934] 2018a).

Desse modo, o tema central dos últimos esforços se concentrou no estudo da consciência. Seu objetivo foi construir uma teoria da consciência baseada no seu estudo interno, através da análise do significado. Contudo, ele apenas deixou algumas formulações iniciais desse projeto, as quais podem ser encontradas no referido livro e em alguns outros textos esparsos. Vigotski transitou entre várias áreas do conhecimento, a fim de buscar

elaborar seu projeto de pesquisa e, como todo grande pensador, parte da originalidade do seu trabalho está não somente nas suas explicações, mas também nas perguntas e hipóteses sobre o fenômeno investigado. Durante essa trajetória a qual apenas foi esboçada aqui e será aprofundada, nos próximos capítulos, várias influências podem ser mapeadas. Essas influências serão tratadas na próxima seção.

## **4.2 Fontes e influências: diálogo, negação e superação**

Neste item, discutiremos brevemente quais foram as principais fontes e influências da produção teórica de Vigotski. A tarefa de Vigotski de criar uma “nova Psicologia” não pode ser pensada sem uma compreensão de uma ampla variedade de filosofias e correntes científicas daquele momento histórico. Apesar disso, as pesquisas sobre seus escritos têm dado pouca atenção aos fundamentos filosóficos (DAFERMOS, 2018). Esse fato fica evidente, na medida em que o próprio Vigotski identificou que o problema de fundo da Psicologia era justamente sua base filosófico-metodológica.

Com esta apresentação, não queremos dar a entender que Vigotski foi influenciado de igual maneira por todos os autores e correntes que serão aqui sumarizados. Ao contrário, temos como intuito demonstrar uma pequena parcela do que Iarochovski e Gurguenidze (2004) chamam de primeiro laboratório de Vigotski, que foi o da história. Isso quer dizer que Vigotski, antes de se constituir como um pesquisador, se nutriu de referências das mais diversas, seja da Filosofia, seja da Literatura, História, Psicologia. Tais referências foram convergidas para suas reflexões sobre o problema do método da ciência e das diversas correntes psicológicas; assim, pôde vislumbrar “[...] um gigantesco dispositivo experimental, onde se levam a cabo as provas de hipóteses, teorias, escolas.” (IAROCHEVSKI; GURGUENIDZE, 2004, p. 511). Tal incursão foi fundamental, como veremos na sequência do trabalho, para que Vigotski pudesse desenvolver um diagnóstico da crise da Psicologia e também refletir sobre os problemas metodológicos que a produziam. Além disso, dificilmente Vigotski poderia ter produzido um projeto científico, sem se apoiar nas pesquisas científicas daquele período, concernentes aos fenômenos psicológicos.

Vigotski possuía uma formação cultural, científica e filosófica riquíssima. Ele foi filho da “Era de Prata da Cultura Russa” (VERESOV, 2005), sendo um grande conhecedor de filosofia e humanidades. Esse fato demonstra que ele não foi um pensador isolado, porém, desenvolveu um projeto de pesquisa assentado numa tradição ampla dentro da história do pensamento filosófico e científico de sua época. Desse modo, o que vemos em sua produção é uma rica articulação de conceitos e linhas de pensamento de diversas áreas, contudo, é

importante mencionar que ele foi um crítico da articulação eclética de várias matrizes de pensamento (VIGOTSKI, [1927]1982/2004a), levando-nos a pensar que sua preocupação era a de assegurar uma coerência filosófica no processo de construção da Psicologia. Esse fato o levou a se apropriar criticamente tanto das reflexões metafísicas da filosofia da época quanto de trabalhos em Psicologia que tratavam dos mesmos problemas que os seus, mas que apenas descreviam empiricamente os fenômenos e forneciam explicações insuficientes para ele.

No período em que viveu, estava se consolidando uma tendência empirista da ciência, calcada sobretudo no Positivismo, a qual se limitava a descrever os fenômenos como se apresentavam. Isso implicava uma completa recusa da metafísica no processo de constituição do conhecimento científico, o que produziu a negação do próprio papel da filosofia. Ao contrário dessa concepção, Vigotski acreditava que a Psicologia, tal qual as demais disciplinas científicas, não poderia escapar da filosofia. Além do papel fundamental no processo de abstração dos dados empíricos, Vigotski compreendia que se apresentava pela primeira vez, ante o conhecimento humano, por meio de ciências concretas como a Psicologia, a possibilidade de colocar a prova problemas filosóficos que antes somente foram tratados de forma especulativa.

Existe uma espinha dorsal que orientou toda a trajetória de Vigotski, a qual, em termos gerais, pode ser traçada pela tradição filosófica desde Baruch Espinosa, passando por Georg Wilhelm Friedrich Hegel e culminando em Karl Marx. Essas tradições se relacionam, na medida em que Hegel considerou Espinosa como o ponto de partida de qualquer filosofia (DAFERMOS, 2018) e que Hegel, por sua vez, foi o filósofo que possibilitou a Marx compreender o desenvolvimento da sociedade capitalista. Porém, este o fez, colocando sua concepção de “cabeça para baixo”, isto é, recusando o seu idealismo e produzindo uma interpretação materialista do desenvolvimento da sociedade.

Toassa (2017) destaca a circunstância de que Vigotski teve como propósito estabelecer uma apropriação crítica do trabalho de Espinosa. O psicólogo bielorrusso foi apresentado ao pensamento de Espinosa, antes mesmo de aderir ao marxismo. A originalidade do filósofo holandês residiria no fato de que ele teria sido o primeiro a explicar a natureza, abdicando das explicações de ordem teleológica. “O plano [de Vigotski] era tornar o monismo espinosiano um guia para uma nova ciência monista, juntando corpo e mente em uma ‘unidade psicofísica’.” (TOASSA, 2017, p. 15). Assinala Vigotski ([1927]1982/2004a, p. 232):

É precisamente Espinosa quem lutou por uma explicação causal, determinista, naturalista e materialista das paixões humanas. Ele foi precisamente o pensador, que pela primeira vez, fundou no plano filosófico a possibilidade de uma psicologia

explicativa do homem como uma ciência no verdadeiro sentido e demarcou o caminho para seu desenvolvimento futuro.

Espinosa também teria influenciado Vigotski, ao situar a base da consciência nos afetos, ao integrar o sistema psicológico (abarcando afeto, vontade e desejo) e, sobretudo, na Ética de Espinosa como referência de vida (TOASSA, 2017). Conforme Dafermos (2018), o engajamento de Vigotski com a filosofia de Espinosa e Hegel não seria uma coincidência:

A definição de Marx da filosofia hegeliana como uma unidade antagonista da substância de Espinosa e a auto-consciência de Fichte pode ser considerada como uma tentativa de superar o dualismo sujeito-objeto, a lacuna entre a mente e o mundo material que constitui uma das raízes epistemológicas da crise metodológica da psicologia. (DAFERMOS, 2018, p. 74).

Ainda nos referindo a Dafermos, o autor afirma que Hegel foi um marco na filosofia ocidental, porque teria desenvolvido sua filosofia em confrontação com as teorias individualistas e naturalistas sobre a natureza humana. Nesse sentido, o homem foi compreendido pelo filósofo alemão como um ser autoconsciente que criou a si próprio. A característica fundamental dessa autoconsciência seria o fato de que ela não vive isolada, mas que existe numa relação mútua com outras consciências. Hegel teria contado a história do processo de formação e constituição da consciência, no seu nível filogenético. “Hegel, em seu livro ‘Fenomenologia do Espírito’, focalizou principalmente sobre o estudo da formação da consciência na história social, enquanto Vigotski investigou principalmente a ontogênese da consciência.” (DAFERMOS, 2018, p. 75). E o autor prossegue:

A concepção de Vigotski do desenvolvimento das funções mentais superiores foi elaborada sobre as bases de uma reflexão crítica da dialética hegeliana do desenvolvimento. O desenvolvimento das funções mentais superiores foi examinado por Vigotski como transformações qualitativas que surgem como o resultado de contradições, conflitos, e crises, mais do que uma simples acumulação de mudanças qualitativas. (DAFERMOS, 2018, p. 78).

Somado a Espinosa e Hegel, Marx foi uma influência central para o projeto vigotskiano de estudo da consciência. Vigotski fez parte do movimento que buscava, na União Soviética, criar uma nova Psicologia sobre as bases do marxismo. Ele partiu de uma leitura da Psicologia através das lentes do marxismo, uma vez que, para ele, “[...] ser donos da verdade sobre a pessoa e da própria pessoa é impossível enquanto a humanidade não for dona da verdade sobre a sociedade e da própria sociedade.” (VIGOTSKI, [1927]1982/2004a, p. 416). Com isso, o psicólogo soviético deixa explícita sua orientação no sentido de pensar a totalidade entre homem e sociedade. Essa concepção fica patente na sua busca por explicar a origem social da consciência. Ele argumenta que a mudança para uma nova ordem social levaria inevitavelmente a uma mudança na personalidade humana e no homem em si mesmo

(VYGOTSKY, 1930/1994b). Desse ponto de vista, ele era inteiramente contrário às concepções para as quais existiria uma essência humana imutável, independente das suas formas de sociabilidade. A explicação para o homem não estaria nele próprio apenas, entretanto, também fora dele, nas relações sociais. Foi com base nessa premissa que ele desenvolveu o seu projeto de pesquisa.

Assim como Hegel, Marx também buscou entender o homem em seu processo de “autodesenvolvimento”. Contudo, diferentemente de Hegel, que compreendeu esse processo a partir de uma chave de compreensão idealista, ou seja, que via na ideia a fonte do movimento histórico de tal constituição, Marx demonstrou que tal desenvolvimento é o resultado do processo de produção e reprodução da vida material (LUKÁCS, 2018). O trabalho adquire categoria central na filosofia marxiana, na medida em que seria aquela atividade que funda o ser social, isto é, aquilo que torna capaz o processo de “autodesenvolvimento”. O homem, quando trabalha, transforma pelo seu trabalho não só a natureza como a si próprio. Desse modo, o modelo capitalista de produção foi o objeto de Marx, porque seria a forma mais desenvolvida de organização social.

Podemos sustentar que a concepção materialista da origem da consciência é uma das bases filosóficas do marxismo adotado por Vigotski. Desde o seu trabalho sobre a *Psicologia da arte*, Vigotski ([1925] 1965/1999a) tinha clareza de que as produções culturais, nesse caso específico, as artísticas, surgem com base nas relações econômicas de produção. Todavia, Vigotski também reconhece que tal relação não se dá de forma direta, mas que há uma distância entre as formas econômicas e as formas ideológicas. Esse fato, segundo o autor, levaria à necessidade de estudo do psiquismo, pois este seria o mediador entre a ideologia e as relações econômicas e político-sociais. Portanto, os objetivos e o método de Vigotski não podem ser pensados fora desse caminho aberto por Marx.

Outro aspecto central da filosofia marxiana, determinante para o desenvolvimento do projeto de Vigotski, foi a concepção materialista da história. Vigotski utilizou esse princípio para destacar a diferença entre a evolução biológica e a história social (DAFERMOS, 2018). Em sua gênese, Vigotski procurou descobrir quais foram os elementos que possibilitaram o salto do comportamento biológico ao cultural. No início de sua produção, Vigotski desenvolveu uma analogia entre o domínio, pelos homens, dos instrumentos de trabalho para o controle das forças naturais, com o uso de instrumentos simbólicos como forma de dominar o próprio comportamento. A chave para a compreensão desses dois processos seria a sua análise histórica.

Somada ao fundamento filosófico por trás do projeto vigotskiano temos a influência da produção científica em Psicologia praticada na União Soviética e fora dela. Dentre os compatriotas de Vigotski, citamos três nomes que foram essenciais para sua produção: Pavlov, Pavel Blonski e Kornilov.

Pavlov foi um importante fisiologista e o primeiro a descobrir o “reflexo condicionado”. Em razão das suas pesquisas pioneiras, ele também foi a referência de estudo objetivo do comportamento para Vigotski, durante a primeira metade da década de 1920. Ele formulou uma teoria sobre o mecanismo reflexo, que explicava como o sistema nervoso central funciona e os mecanismos fisiológicos que sustentam a atividade reflexa. Para Pavlov, existiam duas formas de comportamento: os hereditários e os adquiridos. Os primeiros seriam incondicionados, isto é, aqueles que são comuns a todos os animais e herdados desde o nascimento, tal como o reflexo de sucção dos bebês. Já os comportamentos adquiridos seriam aqueles que surgem da experiência individual. A função biológica desse tipo de comportamento seria a possibilidade de que o animal se adapte a situações ambientais. “O processo de elaboração dos reflexos condicionados nada mais é do que o processo de adaptação da experiência herdada da espécie às condições individuais.” (VIGOTSKI, [1924] 1926/2003, p. 54). Segundo Vigotski, naquele período, a teoria dos reflexos condicionados apresentava um conjunto de conceitos que serviriam de ponto de partida para a reconstrução da Psicologia: o “[...] reflexo condicionado é o nome daquele mecanismo que nos **transfere da biologia para a sociologia** e permite elucidar a essência mesma e a natureza do processo educacional.” (VIGOTSKI, [1924] 1926/2003, p. XI, grifo nosso).

O trabalho de Vigotski (1924/2004b) apresentado no II Congresso de Psiconeurologia de Leningrado foi uma proposição de articulação do método de estudo dos reflexos condicionados com o método da Psicologia experimental. Vigotski compreendia que a reflexologia se limitava ao “denominador comum” entre o homem e os demais animais. Isso ocorria, porque a reflexologia não investigava os “reflexos de ordem superior”, ou seja, os reflexos secundários, como a linguagem. Seria por meio dessa concepção que Vigotski acreditava que se deveria articular o método do estudo do reflexo condicionado com a metodologia de interrogatório da Psicologia experimental. A Psicologia deveria investigar os reflexos inibidos, como o pensamento, introduzindo o controle desses reflexos não manifestos. “A reflexologia é obrigada a também levar em conta os pensamentos e a totalidade da psique se quiser compreender o comportamento. A psique é apenas um movimento inibido, e não apenas o que objetivamente se pode tocar e que qualquer um pode ver.” (VIGOTSKI, 1924/2004b, p. 11).

Veremos que o modelo experimental de Pavlov foi a base para a criação do seu projeto de pesquisa. Isso pode ser comprovado por meio de uma publicação de 1928, na qual Vigotski apresenta o “método instrumental” (VYGOTSKY, [1928] 1929/1994a). Nesse texto, Vigotski afirma que “[...] esse método é baseado no método das ciências naturais de estudo do comportamento, em particular no método do reflexo condicionado.” (VYGOTSKY, [1928] 1929/1994a, p. 70). Nesse mesmo texto, Vigotski assinala que a essência do método seria a decomposição do comportamento em partes isoladas.

Outro psicólogo que influenciou Vigotski foi Kornilov. Ele substituiu Chelpanov, de orientação idealista, na direção do Instituto de Psicologia Experimental de Moscou. Kornilov rejeitava tanto a Psicologia idealista como a reflexologia. Ele propunha uma “síntese dialética” entre a Psicologia subjetiva e objetiva, através do conceito de “reação”, o qual seria uma combinação eclética e mecanicista dos componentes mentais e físicos (DAFERMOS, 2018). É possível observar que, em meados da década de 1920, Vigotski utiliza a expressão “reação” para explicar a diferença entre os homens e os demais animais (VYGOTSKY, 2018a) e essa foi a base para sua explicação da “reação estética”, no estudo da *Psicologia da Arte* (VIGOTSKI, [1925] 1965/1999a), o qual foi elogiado por Kornilov (VYGOTSKY, 2007). Segundo Yasnitsky (2018), Kornilov estava entusiasmado com o trabalho de Vigotski.

No entanto, ao que tudo indica, Vigotski passou a discordar das concepções reactológicas e acabou desenvolvendo uma forma própria de interpretação do comportamento humano. Esse movimento de independência das produções de Vigotski elevou as tensões entre eles. Kornilov acusou Vigotski de “idealista” e que estaria se “desviando do marxismo” (YASNITSKY, 2018, p. 62). Não está claro como as tensões se desenvolveram, porém, como resultado, Vigotski transferiu suas pesquisas para a Academia Comunista de Educação, onde Luria chefiava o laboratório de Psicologia, desde meados da década de 1920.

Conforme Shuare (1990), podemos ver influências claras de Blonski na obra vigotskiana. Esse autor foi o primeiro a propor a criação de uma Psicologia sobre as bases do marxismo, na União Soviética. Blonski pensava que a Psicologia deveria estudar seu objeto, a partir dos métodos científicos das ciências naturais, cuja base seriam a observação e a experimentação. Por outro lado, ainda de acordo com Shuare, a Psicologia deveria estar em estreita relação com as ciências sociais e econômicas. Para Blonski, toda atividade humana seria social por natureza. Ainda conforme a referida autora, a ideia de Blonski de que os fenômenos psíquicos são sociais, negando que existe uma divisão entre Psicologia social e individual, tem análogos em Vigotski, embora este diferenciase a Psicologia individual da coletiva. Outra ideia importante de Blonski que está na base da constituição do projeto de



pesquisa de Vigotski é da necessidade de estudar o comportamento em seu desenvolvimento histórico:

[...] a investigação histórica do comportamento não é algo que complementa ou ajuda o estudo teórico, mas constitui seu fundamento. De acordo com esta tese, tanto as formas presentes atuais, como as passadas, podem ser estudadas historicamente. E esta interpretação histórica deve aplicar-se igualmente a psicologia geral. P. Blonski a expressou na seguinte tese geral: o comportamento somente pode ser compreendido como história do comportamento. Esta é a verdadeira concepção dialética em psicologia. (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a, p. 68).

Também é possível notar que Vigotski estava atualizado com a produção psicológica alemã, principal fonte de cultura geral para a Rússia, naquele período, e também referência na produção científica em Psicologia. Vemos Vigotski, em meados da década de 1920, citando autores da Psicologia da *Gestalt*, também conhecida como Psicologia Estrutural, demonstrando seu conhecimento sobre essa corrente e expressando o conhecimento de outros autores alemães, como Wilhelm Stern e Wilhelm Dilthey. Destacamos a influência do austríaco Alfred Adler, na obra de Vigotski, pelo menos durante certo período de tempo. Vigotski tomou o conceito de “supercompensação” de Adler como conceito explicativo para o problema do desenvolvimento das crianças com algum tipo de deficiência.

Outro autor, Kohler, embora não fosse alemão, mas estava produzindo na Alemanha, foi uma forte influência para a constituição do seu projeto de pesquisa. Os estudos de Kohler com macacos antropoides foram importantíssimos para ele. Kohler propunha que a característica distintiva do comportamento humano seria a utilização de instrumentos e que os rudimentos dessa marca poderiam ser encontrados nos macacos.<sup>15</sup> Vigotski ficou impressionado com os estudos de Kohler, tendo-se inspirado em suas situações experimentais para desenvolver pesquisas sobre a atividade mediada em crianças. Vigotski descobriu que a principal distinção entre o uso de instrumentos pelas crianças e pelos primatas antropoides era que, nas primeiras, o instrumento modificava e reorganizava o comportamento, enquanto, nos primatas, não se verificava qualquer modificação permanente dos instrumentos.

A influência da Psicologia Estrutural tem sido pouco mencionada pelos estudiosos de Vigotski. Conforme Yasnitsky (2016), pouco se tem dito sobre a relação entre o grupo de Kurt Lewin e o “círculo de Vigotski”. Os primeiros contatos entre os grupos teriam ocorrido desde a segunda metade da década de 1920. Apesar de não existir comprovação documental, Yasnitsky lança a hipótese de que, durante as viagens de Luria para os Estados Unidos e de

---

<sup>15</sup> Atualmente, essa tese não se sustenta, em razão dos dados empíricos descobertos a partir da década de 1960 (GOODALL, 1964). Hoje se sabe que diversos animais criam e utilizam instrumentos, incluindo os macacos antropoides.

Vigotski para a Inglaterra, eles teriam se encontrado com Kurt Koffka, Kohler e Max Wertheimer. Inicialmente, os membros do grupo de Vigotski e Luria replicaram os experimentos de Kohler, durante o “período instrumental” da década de 1920, com o objetivo de investigar a inteligência prática das crianças. Nesse movimento de aproximação, alguns textos dos gestaltistas foram publicados em russo. Além disso, conforme Yasnitsky, vários discípulos de Kurt Lewin teriam ido à União Soviética ou contribuído com a divulgação das obras de Vigotski, nos Estados Unidos. Assim, o paradigma holístico que estava sendo buscado na URSS, no início de 1930, e o trabalho de Lewin foram importantes referências teóricas para o círculo de Vigotski.

Apesar da importância do intercâmbio entre esses dois grupos de pesquisadores, vale ressaltar que Yasnitsky (2016) não dá respostas precisas de como esses autores influenciaram a produção de Vigotski. Além disso, no final da sua produção, Vigotski se apropria criticamente da “teoria do campo” de Lewin. Ressaltamos que foi uma apropriação crítica, porque, segundo veremos, Vigotski discorda das formulações de Lewin e explica o fenômeno psicológico de maneira diversa. Destacamos, ainda, o fato de que Lewin partia de um fundamento filosófico distinto de Vigotski. Conforme Dafermos (2018), Lewin se apoiou na tradição kantiana, a qual focalizava o papel ativo do sujeito no processo de conhecimento e constituição da realidade. O autor explica que Vigotski contestou a ideia kantiana e neokantiana de que “a razão dita as leis da natureza”. Ele seguiu a tradição hegeliano-marxista, ao invés da tradição kantiana, que foi aceita pelos representantes da Psicologia da *Gestalt*. Logo, a tradição na qual Lewin se apoiou, tem no sujeito, o polo regente do conhecimento.

Essas foram algumas das principais influências que a literatura destaca como sendo fundamentais para a constituição do projeto científico de Vigotski. É importante enfatizar que Vigotski foi influenciado por diferentes pensadores, com diferentes visões de mundo. Como aponta Dafermos (2018), a despeito dessas diferenças, é possível observar algumas linhas em comum que orientam os interesses filosóficos de Vigotski: monismo, ao invés de dualismo, dialética, ao invés de metafísica, determinismo, ao invés de indeterminismo.

Ao longo deste trabalho, retornaremos a algumas dessas fontes e influências de Vigotski. A partir daqui, traçaremos um panorama sobre a constituição do seu projeto de pesquisa, apontando quais foram suas concepções sobre o processo psicológico, os problemas surgidos em função da sua relação com o objeto de pesquisa e o processo de constituição da sua metodologia de pesquisa.

#### **4.3 Os cadernos de Vigotski e a pré-história do seu projeto de pesquisa**

Para tentarmos entender a grandiosidade do empreendimento de Vigotski, é fundamental recorrermos ao caminho traçado por ele, desde suas formulações iniciais. A origem do seu projeto científico está ligada ao diagnóstico da crise da Psicologia, a qual está presente ainda hoje (GOERTZEN, 2008). Portanto, a reconstrução do surgimento de sua teoria psicológica, ou pelo menos de seu projeto, não satisfaz o mero interesse histórico restrito à sua obra ou a de seus continuadores. É algo que vai além, pois pode ser fonte de reflexão para se pensar o estado atual dessa ciência.

Na presente seção, utilizaremos alguns textos contidos nos manuscritos de Vigotski (VYGOTSKY, 2018a), a fim de buscaremos compreender quais problemas de método e metodologia se faziam presentes, em meados da década de 1920. Esse material abarca anotações que foram realizadas antes desenvolvimento das pesquisas usando o método instrumental. Logo, lançam as bases para o desenvolvimento desse método.

Analisaremos dois conjuntos de anotações que foram concebidos entre 1925 e 1928 (VYGOTSKY, 2018a). Eles foram escritos pouco tempo depois do seu retorno de congresso em Londres e vão até o início do estudo do problema do desenvolvimento cultural da criança. Com relativa semelhança, alguns autores datam essa fase como sendo o primeiro período de sua produção em Psicologia (GONZÁLEZ REY, 2013; VAN DER VEER; VALSINER, 2009; VERESOV, 1999; YASNITSKY, 2018; ZAVERSHNEVA, 2014). Os textos foram organizados com o título de “Do Hospital de Zakharino” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a) e algumas anotações que foram agrupadas sob o título “Em direção à Teoria Histórico-Cultural” (VYGOTSKY, [1926-1928] 2018a). Eles serão tratados conjuntamente, pois possuem temáticas comuns. Não seguiremos a ordem dos temas que aparecem nos manuscritos, dado que não existe uma sequência lógica, pois cada fragmento trata de um assunto ou diferentes assuntos. Nesse sentido, agrupamos as discussões com base em núcleos temáticos e de relevância para a obra do autor.

#### 4.3.1 Breve contextualização dos manuscritos

Em uma anotação feita provavelmente em 1927, conforme os editores dos manuscritos supõem, Vigotski ressalta que o debate sobre o que a Psicologia deveria ser, seja introspectivo-subjetiva ou materialista-objetiva, passa inevitavelmente pelo debate sobre o método. Na sequência, ele afirma o seguinte: “A primeira coisa que devemos evitar é considerar métodos de forma puramente abstrata, fora do tempo e espaço. O papel dos métodos desta ou daquela ciência particular é sempre subserviente, subordinada ao objetivo.” (VYGOTSKY, [1927] 2018a, p. 110). Outra prova de que a questão do método da Psicologia

ocupava um lugar central nas reflexões de Vigotski, nesse período, pode ser encontrada em uma carta endereçada a Luria, em março de 1926, quando estava internado no hospital de Zakharino. Ele escreve para seu companheiro de trabalho: “Para mim, a primeira questão é a questão do método; isso, para mim, é a questão da verdade e, portanto, de descoberta científica e invenção.” (VYGOTSKY, 2007, p. 18). Nesse sentido, o debate sobre o método na sua produção também deve ser enxergado dessa maneira, isto é, devemos ter em mente os condicionantes científicos, filosóficos e sociais envolvidos nos seus objetivos. Acima de tudo, devemos ter em mente que não é somente o objeto que possui uma história, mas também a própria relação do pesquisador.

Do ponto de vista da produção de Vigotski, os manuscritos ora objeto de análise estão localizados anteriormente ao desenvolvimento do seu projeto de pesquisa de estudo das funções psicológicas superiores. Essa fase seria a “pré-história da Teoria Histórico-Cultural” (VERESOV, 1999). Esses cadernos representam um primeiro movimento de Vigotski, no intuito de buscar alternativas para a Psicologia, a partir dos limites constatados tanto na reflexologia (VIGOTSKI, 1924/2004b) quanto na reactologia (VIGOTSKI, 1925/2004c).

Fazem parte desse caderno fragmentos de anotações escritas enquanto Vigotski estava internado para o tratamento da tuberculose. Desde o final da década de 1910, Vigotski já convivia com essa doença, sendo que sua primeira crise ocorreu em 1920.<sup>16</sup> Nessa segunda crise, Vigotski ficou internado aproximadamente por seis meses, tendo entrado em novembro de 1925 e saído em maio de 1926. Após a alta, ele voltou para a casa e ficou sem trabalhar formalmente durante o resto do ano de 1926 (YASNITSKY, 2018). Uma anotação do próprio caderno nos dá uma clara dimensão da gravidade de sua saúde, durante aquele período. Antes de sua saída, ele escreveu: “Após passar meio ano nesta casa, onde a morte foi tão normal e comum como o café da manhã e as visitas do médico, eu absorvi tantas impressões da morte que estou inclinado à morte como uma pessoa cansada está inclinada ao sono.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 85).

As anotações apresentadas nesse caderno podem ser consideradas um dos únicos materiais disponíveis que discutem de forma clara, talvez pela primeira vez, os problemas enfrentados por Vigotski na sua entrada na Psicologia. A referida coletânea de manuscritos possui textos escritos antes dessas anotações, os quais se resumem a passagens sobre a

---

<sup>16</sup> Nessa primeira crise, Vigotski já estava antevendo sua morte e incumbiu seu amigo de Gomel, Semen Dobkin, de enviar seu manuscrito sobre o *Hamlet* para seu professor de Moscou, Yulii Aikhenval'd, a fim de que ele fosse publicado depois de sua morte (YASNITSKY, 2018).

questão judaica, outras referentes à escrita do livro *Psicologia da Arte* e um diário da sua viagem a Londres (VYGOTSKY, 2018a).

Ao contrário do que se acreditava, baseado em relato de Luria, o revolucionário manuscrito sobre a crise da Psicologia muito provavelmente não foi escrito nessa ocasião, mas depois de sua alta do hospital (ZAVERSHNEVA, 2012). É possível notar, de maneira geral, que o caderno de Zakharino trata das seguintes temáticas: anotações referentes ao texto *Psicologia da Arte*, planos para a monografia intitulada *Zoon Politikon*, reflexões importantes sobre a natureza da palavra e do signo, questões sobre o problema psicofísico e anotações dedicadas a temas tratados no manuscrito *O significado histórico da crise da Psicologia*.

Já as anotações intituladas “Em Direção à Teoria Histórico-Cultural” tratam do objeto da Psicologia e sobre a “questão da metodologia da pedagogia”, no qual defende a importância da observação e recomenda o uso de abordagem “multimétodos”.

O tema central das anotações reflete suas preocupações daquele período de sua produção. Ele estava insatisfeito com os limites da sua proposta anterior, em unir a metodologia reflexológica e a Psicologia experimental. Nesse sentido, passou a refletir sobre os problemas de método e metodologia da Psicologia. A problemática sobre o objeto da Psicologia também aparece nessas anotações. Temos a hipótese de que, nesse momento, ele caminhava no sentido de uma compreensão ontológica da origem do conhecimento, porque Vigotski compreende que não existe objeto antes da produção científica, mas que este surge dos dados obtidos através do método de pesquisa e que, por sua vez, passam pelo crivo da interpretação (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a). Porém, podemos ver que existem claras indicações sobre qual deveria ser o objeto da Psicologia, bem como quais deveriam ser os fundamentos que iriam orientar o método do conhecimento. É sobre essas questões que discutiremos a seguir.

#### 4.3.2 Em busca de uma nova definição ontológica

Ao tratarmos de definição ontológica, partimos do ramo da filosofia que se ocupa do estatuto do “ser”, isto é, que reflete sobre o fundamento daquilo que existe. No caso de Vigotski, diz respeito a como ele enxergava seu objeto de estudo. Apesar das considerações que se seguem, devemos alertar o leitor para a circunstância de que Vigotski acreditava que não poderia haver uma compreensão do objeto de pesquisa, antes da pesquisa em si. O objeto seria justamente o resultado do processo de conhecimento dos fatos empíricos mediados pela abstração. Tal afirmação entra em acordo com a discussão exposta no capítulo anterior.

Durante o período em que passou internado, Vigotski estava em pleno processo de mudança de sua concepção ontológica com respeito ao objeto da Psicologia. O problema da relação entre a origem animal e cultural (política) do comportamento do homem, questão central para os seus trabalhos futuros (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a; VYGOTSKY; LURIA, 1930/1996<sup>17</sup>), foi o cerne dessa nova definição ontológica. O plano para escrever uma monografia que teria o título de *Zoon Politikon* é a expressão dessas reflexões.

Essa concepção já vinha sendo desenvolvida desde o seu livro *Psicologia da Arte*. Nesse estudo, Vigotski critica as Psicologias individualistas e aponta para a necessidade de estudar o “psiquismo social” (VIGOTSKI, [1925] 1965/1999a). Sua abordagem ontológica estava se delineando, por intermédio de Marx e Engels. Nessa mesma publicação, ele afirma que, segundo Marx, o “[...] homem, no mais lato sentido, é um *zoon politikon*, não só um animal a quem é intrínseca a comunicação mas um animal que só em sociedade pode isolar-se.” (MARX *apud* VIGOTSKI, [1925] 1965/1999a, p. 14).

Vigotski enfatiza, em várias passagens do caderno de Zakharino, a origem social da consciência. No primeiro fragmento do caderno, ele anota os seguintes tópicos referentes a essa questão:

Psicologia individual e social. Pensamento e fala. A análise dos atos de empatia constitui o desenvolvimento de um tema: 1. A metodologia de bio e sócio; 2. O problema concreto, central, fala é a consciência, o indivíduo é organizado de acordo com o tipo de estrutura social; 3. Seu mecanismo é **empatia por objetos**, a objetificação das condições internas. (VYGOTSKY, ([1925-1926] 2018a), p. 73, grifo do autor).

Acreditamos que tais anotações denotam, de forma embrionária, a concepção sobre a natureza da constituição da pessoa que foi sintetizada pelo autor, na “lei genética geral do desenvolvimento cultural”. No texto intitulado “Gênese das funções psíquicas superiores”, que faz parte do estudo sobre a *História do desenvolvimento das funções psicológicas superiores*, Vigotski define a “lei genética geral do desenvolvimento cultural” da seguinte maneira: “[...] toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos; primeiro no plano social e depois no plano psicológico, ao princípio entre os homens como categoria intersíquica e logo no interior da criança como categoria intrapsíquica.” (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a, p. 150). Com isso, quando Vigotski assevera que o “[...] indivíduo é organizado de acordo com o tipo de estrutura social”, temos indícios para supor que não houve modificação substancial da sua concepção ontológica. O

---

<sup>17</sup> A escrita do texto em parceria com Luria sobre a história do comportamento foi contratada por uma editora, em 1927, e concluído por volta de 1930, como as cartas de Vigotski indicam (VYGOTSKY, 2007b). O livro foi publicado com o título de *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança*.

que se operou foi uma melhor compreensão das interações entre processos intersubjetivos e intrassubjetivos. Ou seja, sobre o referido problema da transferência, visto como central no final da sua produção (VYGOTSKY, [1934] 2018a).

Sua busca por uma nova definição ontológica implicou a crítica às orientações dos autores da sua época. Vigotski criticou diversas correntes teóricas. Por exemplo, no texto *O significado histórico da crise da Psicologia*, ele critica a psicanálise, o behaviorismo, o personalismo e a *Gestalt*. Mas essa crítica também incluiu seus compatriotas, Pavlov e Kornilov, representantes das principais orientações psicológicas da época, a reflexologia e a reactologia, respectivamente. Nas anotações do hospital de Zakharino, Vigotski critica especificamente Kornilov. Mencionamos, no item anterior, o fato de Vigotski ter rompido com esse psicólogo, a partir de 1928. Contudo, antes desse período, é possível constatar críticas feitas a Kornilov, tanto no “Significado histórica da crise da psicologia” quanto nos “Cadernos de Zakharino”.

Em uma anotação feita no hospital, Vigotski argumenta que a definição do comportamento como um sistema de reações envolve um mal-entendido crucial. Ele afirma que é errada a proposição de que o homem é passivo ao meio ambiente. “Minha ação muda a situação e não é apenas determinada pela situação anterior, mas pelo processo de mudança como um todo - tanto externamente quanto internamente.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a), p. 75). A questão, para ele, seria que, diferentemente da reactologia de Kornilov, o comportamento humano não é passivo ao ambiente, porém, interfere nesse ambiente e muda sua situação. Isso evidencia que, nesse período, Vigotski estava consciente da relação global entre indivíduo e ambiente, fato que seria reelaborado na produção da década de 1930, através dos conceitos de “situação social de desenvolvimento” (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b) e de vivência [*pereživânie*] (VYGOTSKY, 1934/2018b). A concepção do indivíduo como um ser ativo é uma definição ontológica fundamental que já estava tomando forma, nesse momento da sua reflexão.

A discussão sobre o aspecto ativo do comportamento do homem se relaciona com a diferenciação entre o comportamento humano e o comportamento animal. Na sequência da sua discussão, enfatiza que adaptação é um bom termo “para a adaptação morfológica (uma resposta às condições ambientais)” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 75). Para os homens, comportamento é atividade, e não uma resposta. Segundo o autor, o comportamento humano difere do animal nos seguintes aspectos: “1) Estímulos artificiais; 2) O aparato trazido de fora (empatia); 3) Reações artificiais (fala etc.).” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 76).

Nessa diferenciação, a qual teve como base, provavelmente, seus estudos sobre as pesquisas do comportamento animal e suas reflexões sobre a origem do ser social, podemos identificar a pré-história do seu método instrumental de pesquisa. Vigotski compara a palavra enquanto um “estímulo criado artificialmente”, com a “ferramenta” de trabalho. Portanto, nessa época, já estava presente em sua reflexão a concepção sobre o papel do estímulo artificial como elemento fundamental para a diferenciação entre o homem e o animal. “O comportamento verbal difere do comportamento não-verbal, como o trabalho difere da adaptação dos animais (a ferramenta também está fora do organismo, ou seja, é um órgão da sociedade).” ( VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 75). A palavra seria um estímulo para “regulação” e organização do comportamento, seja dos outros, seja ao nosso próprio comportamento.

A discussão sobre o comportamento verbal encontra ressonância na sua hipótese sobre a origem da consciência. Vigotski (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a) anota que a “[...] consciência é fala para si mesmo, ela tem origem na sociedade com a linguagem (Marx).” (p. 74). Na sequência, ele acrescenta: “[...] fala é sempre diálogo (*Shcherba*). Consciência é diálogo consigo mesmo.” (p. 74). Para concluir a demonstração da ligação dessas hipóteses com o método instrumental, citaremos um trecho de uma anotação que fará eco com a lei genética geral do desenvolvimento cultural. A citação é a seguinte:

Já o fato de que a criança primeiro escuta e compreende e depois adquire consciência verbal indica que: (1) A consciência se desenvolve a partir da experiência; (2) Falando consigo mesmo = agir conscientemente, a criança assume a posição do outro, relaciona-se consigo mesmo com outra pessoa, imita outra pessoa falando com ele, substitui a outra pessoa em relação a si mesma, aprende a ser outra pessoa em relação para o seu corpo adequado. (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 74).

Relativamente a essa discussão sobre a correlação ente o biológico e o cultural, Vigotski aproxima-se da noção de “autodesenvolvimento”, inspirado em Stern. Ele concorda com esse autor, ao entender que o crescimento infantil não pode ser explicado pela adaptação. Se isso fosse verdadeiro, a ontogênese deveria repetir a filogênese. Apesar de concordar nesse aspecto, o autor discorda de Stern, na medida em que ele subestimaria o homem e superestimaria as coisas. Apesar disso, outra concepção de Stern teria valor: “A família, as pessoas são para ele uma pessoa; digamos, ao contrário, que a Pessoa é formada como uma família = uma comunidade dentro de si.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 80). Aqui também é possível ver claramente a concepção ontológica sobre o papel da coletividade na origem da pessoa.



Juntamente com o problema da origem do fenômeno psicológico, há também o problema “psicofísico”, o qual passa pela discussão sobre a relação entre subjetividade e objetividade. Para ele, não existiria uma essência subjetiva que não se relaciona com a objetividade. A questão é a natureza social da mente. O fenômeno mental é constituído das relações entre “[...] dois indivíduos sociais (interpsicológico) ou entre o corpo e o ‘ego’.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 78).

Precisamos descobrir a consciência, o fetichismo dos fenômenos mentais, assim como o fetichismo das mercadorias. O fenômeno mental é, assim como uma mercadoria, uma coisa sensorial-supersensorial; a parte super-sensorial é a relação social, reificada, social projetada em uma coisa (na palavra). Assim como a mercadoria é uma mercadoria não por suas propriedades físicas, mas por causa das relações sociais por trás dela, o processo fisiológico nos nervos em si não é um ato comportamental, mas as relações sociais por trás dela, que lhe dão esse significado. (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 79).

Vigotski está nos indicando que o fenômeno mental não é uma “coisa em si”, que tem existência independente do seu substrato objetivo, que são as relações sociais. Assim como Marx precisou ir além da aparência da mercadoria para desvendar sua natureza, por meio das relações sociais de produção e consumo, Vigotski indica que é preciso realizar a mesma operação, a fim de se estudar os fenômenos psicológicos.

Vigotski continua a discussão sobre o problema psicofísico e podemos dizer que chega a três conclusões, nesse momento de sua reflexão: 1) a mente não é um processo nervoso; não é uma coisa ou um processo, mas uma relação entre processos; 2) o processo mental não é a expressão de processos psicofisiológicos, mas relação societal de processos nervosos; 3) Psicologia é a ciência da pessoa (não do comportamento ou do fenômeno mental).<sup>18</sup> Vigotski (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a) critica o paralelismo psicofísico, pois “[...] a mente não consome energia porque não é um processo físico mas a qualificação societal dos processos nervosos,” (p. 79). Nesse sentido, mais adiante, ele assinala que a “[...] Psicologia não estuda realidades físicas, mas sociais” (p. 80).

Essas discussões sobre o estatuto ontológico do fenômeno mental estão diretamente associadas ao problema do objeto da Psicologia. Nos dois conjuntos de anotações ora analisados, é possível observar que Vigotski está elaborando sua definição do objeto da

---

<sup>18</sup> Essa concepção do objeto da Psicologia está muito próxima da noção de Georges Politzer. Esse filósofo também criticava as correntes que analisavam processos isoladamente das pessoas e dos seus “dramas” cotidianos. Vigotski escreveu isso alguns anos antes de Politzer publicar sobre essa questão. Vigotski tomou contato com seus escritos somente no final da década de 1920, como poderemos ver, em outro manuscrito, este de 1929 (VIGOTSKI, 1986/2000b). Isso aponta para o fato de que esse aspecto da crise da Psicologia era percebido por diferentes autores.

Psicologia. Existe a ideia de “pessoa” como objeto da Psicologia e de “vida altamente organizada”.

Vigotski associa o aspecto consciente da pessoa com as relações sociais. Já o aspecto biológico representaria o “inconsciente”. A junção da origem biológica e social ou “[...] a vivida cooperação desses dois princípios é a pessoa.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 80).

Partindo para o estudo de outro conjunto de manuscritos, escritos entre 1926 e 1928, Vigotski retoma o debate sobre a definição do objeto da Psicologia. Em anotação posterior à sua saída do hospital, de forma mais condensada, ele escreve: “A pessoa para a Psicologia = o organismo para a biologia” (VYGOTSKY, [1926-1928] 2018a, p. 107). Essa formulação de Vigotski deixa explícita sua filiação ao “método reverso”<sup>19</sup> de Marx. Esse método diz respeito à ideia de Marx de que o estudo do estágio de desenvolvimento mais adiantado nos permite explicar os estágios anteriores do desenvolvimento de um determinado fenômeno. Esse método é a expressão da dialética em Marx, pois a síntese de um fenômeno complexo traz dentro de si tanto a antítese a momentos passados como novas sínteses. Isso quer dizer que um fenômeno complexo não supera totalmente aspectos de momentos anteriores do seu desenvolvimento, o que fica claro no objeto de Marx, o qual foi o modelo capitalista de produção. Apesar de ser uma antítese dos modelos anteriores, ele ainda guarda resquícios desses estágios anteriores de desenvolvimento do processo de produção e reprodução material da vida social. Por isso, sua compreensão possibilita desvelar aspectos oriundos dos estágios anteriores.

Essa perspectiva coaduna com a crítica de Vigotski ao reducionismo metodológico operado pela reflexologia, por exemplo, que parte do estudo dos mecanismos fisiológicos dos animais, isto é, do aspecto inferior do objeto, e os generaliza para os homens, a forma superior. Contrariamente às perspectivas reducionistas, Vigotski afirma: “Nós devemos perguntar (1) sobre suas funções específicas e não sobre as gerais, (2) sobre as funções psicológicas.” (VYGOTSKY, [1926-1928] 2018a, p. 107). Ele está colocando como desafio para a Psicologia o estudo que é específico ao homem, isto é, o “[...] psicológico como dado real” (p. 108). Ou seja, é preciso estudar as “funções específicas” e não as “gerais” ou comuns a todos os animais. Além disso, é preciso estudar as “funções psicológicas”, as quais têm origem social, e não as respostas fisiológicas, que são significadas socialmente. O fato de o “método reverso” ser uma atitude metodológica que redunde em uma concepção ontológica demonstra

---

<sup>19</sup> Denominaremos “método reverso” a adoção do princípio de Marx, já anunciado, de que a anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco.

a relação dialética entre método do conhecimento e definição ontológica do fenômeno a ser estudado.

Em uma anotação escrita provavelmente na primeira metade de 1927, Vigotski aponta o limite da ideia de estudo das funções psicológicas como objeto da Psicologia. Ele assevera que as funções são insuficientes, porque nós devemos saber o que está funcionando, isto é, a sua estrutura. Conforme Zavershneva e Van der Veer (2018), essas anotações demonstram que, no período em que estava escrevendo *O significado histórico da crise da Psicologia*, Vigotski não estava considerando o conceito de funções psicológicas superiores como um conceito central para sua concepção.

Analisando sua produção posterior, é possível constatar que a ideia das “funções psicológicas” se tornou um problema central, em sua “fase instrumental”, sobretudo a noção de “funções psicológicas superiores”, a qual foi utilizada até o final da sua vida, mas reorganizada sob novas hipóteses (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a, 1931/2006a, [1932-1934] 1984/2006b). É possível que ele tenha retomado o estudo das funções psicológicas em razão do desenvolvimento de uma forma de análise experimental das estruturas psicológicas. A estrutura foi compreendida como sendo fundada pelo comportamento mediado que se realiza através de certos estímulos auxiliares. Posteriormente, o método para estudar o desenvolvimento desse processo foi a reconstrução do fenômeno, quer dizer, que consistia no estudo do comportamento mediado desde o seu nascimento.

Vigotski, em suas especulações sobre o objeto da Psicologia, na anotação “Em direção à Teoria Histórico-Cultural” (VYGOTSKY, [1927] 2018a), sugere que deveria ser a “vida altamente organizada”. Ele sustenta que a mente altamente organizada é a manifestação de formas de vida altamente organizadas. Em suas palavras:

Se é correto que a mente seja uma propriedade de matéria altamente organizada, isso implica que (a) altamente organizado = manifestação de formas superiores de vida, (b) essa propriedade é inerente à matéria na medida em que é matéria viva, altamente vivo, ou seja, é uma propriedade da própria vida, como um estado dessa matéria, (c) as formas de vida nas quais essa propriedade se manifesta representam, obviamente, manifestações superiores de vida, especiais, únicas, isto é, minha definição é a única fórmula materialista da psicologia. O objeto da psicologia é a vida altamente organizada que tem essa propriedade. (VYGOTSKY, [1927] 2018a, p. 108).

Nesse conceito de “vida altamente organizada”, podemos ver dois aspectos importantes da sua especulação. O primeiro é a relação entre a mente e as formas “superiores de organização da matéria”. Temos aqui uma concepção materialista antiessencialista, pois a mente seria o resultado, não de uma essência imutável, mas a expressão de uma forma superior de organização da própria matéria. Em segundo lugar, vemos que a origem dessa

espécie de organização seriam as “formas superiores de vida”. Interpretamos que, quanto mais organizadas são as formas de vida, mais altamente organizada é a mente. Desse modo, para compreender a mente, seria preciso ter como objeto não a mente em si, todavia, a forma superior de organização da vida que lhe dá origem. Pensando na mente humana, não deveria ser ela o objeto da Psicologia, mas a forma de organização da vida que lhe dá origem. Os editores dos cadernos de Vigotski, Zavershneva e Van der Veer (2018), afirmam, em nota explicativa, que essa nova concepção dificilmente poderia ser vista como um avanço em suas teorizações, contudo, que pensar nas formas de organização superior e tipicamente humanas o levaram à abordagem histórico-cultural. No entanto, ao abordarmos a construção teórica de Vigotski em movimento, acreditamos que tal momento pode ser vislumbrado como um “avanço” que possibilitou o passo inicial em direção ao seu projeto de pesquisa da atividade mediada.

Essa questão mostra que sua visão estava em franca modificação, por meio da mudança da sua concepção sobre qual deveria ser o objeto da Psicologia. Mas essa alteração deve ser vista mais como modos de se abordar o fenômeno do que como sendo uma determinação quanto ao objeto de fato da Psicologia. Esse fato é percebido, quando Vigotski declara que o objeto não deve surgir antes da Psicologia, mas depois:

O objeto da ciência é uma parte da realidade, representada em conceitos, e isso vem no final. É por isso que vale a pena dar a definição não no começo, mas no final do curso: Então, ela será rica em conteúdo. A primeira definição fornece um ponto de vista que deve ser aceito pelo seu valor nominal: você deve acreditar em mim que existe algo vital, psicológico, etc. Logo veremos o que é. Desde esta primeira definição até o curso todo (cada nova peça de conhecimento significa uma definição do assunto) até a definição completa final, que deve terminar com a psicologia. (VYGOTSKY, [1927] 2018a, p. 109).

Desse modo, o que Vigotski faz nessa discussão do estatuto ontológico é procurar definir apenas o que existe, pois é somente a investigação que vai dizer de fato o que é esse objeto. Na sequência Vigotski ressalta que o objeto surge a partir de aproximações sucessivas, durante o curso do processo científico. Ou seja, a investigação não é a construção do objeto pesquisado, mas a aproximação do pesquisador e sua reprodução ideal. “A psicologia é a ciência da vida mental. Mas qual vida mental? A resposta é a psicologia como um todo.” (VYGOTSKY, [1927] 2018a, p. 109).

Em suma, devemos ver essas concepções de Vigotski apenas como um ponto de partida, já que o problema do objeto da Psicologia somente confirmará ou refutará essas definições (“pessoa”, “funções psicológicas” e “vida altamente organizada”), no processo de aproximação durante a representação conceitual do material de pesquisa que surgiu dos dados

empíricos. Em outros termos, Vigotski, nessa explanação sobre o problema ontológico, parte do que existe, que é o fenômeno mental; já sua explicação somente será alcançada no término do curso da investigação. No próximo item, veremos quais as implicações que a caracterização desse fenômeno traz para o problema do método do conhecimento.

#### 4.3.3 Implicações metodológicas da definição ontológica

Reconhecer que o homem é mais do que sua origem biológica implica necessariamente a elaboração de novos métodos e procedimentos de pesquisa, para investigar precisamente sua origem social. O método esboçado nesses apontamentos (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a) foi fundamental para a composição do manuscrito sobre a crise da Psicologia e para a elaboração de metodologias de pesquisa que originaram o método instrumental.

Desde a sua entrada na Psicologia, Vigotski já tinha claro que o método dessa ciência não poderia se restringir aos aspectos observáveis. Ainda munido do referencial da reflexologia, ele reflete sobre a necessidade de se elaborar uma nova metodologia para “[...] investigar os reflexos inibidos” (VIGOTSKI, 1925/2004c, p. 77), que seriam inacessíveis à observação direta. Ainda nessa publicação, Vigotski criticou as concepções que se limitavam ao estudo das “reações visíveis”. Essas concepções negavam a possibilidade de estudo da consciência e seus métodos privariam “[...] os meios mais fundamentais para investigar as reações não manifestas nem aparentes à primeira vista, tais como os movimentos internos, a fala interna, as reações somáticas, etc.” (VIGOTSKI, 1925/2004c, p. 57).

A primeira aparição desse problema nas anotações em análise é quando Vigotski reflete sobre a relação entre pensamento e fala (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a). Ele discorda de certos autores, como Hunter e John Watson, para os quais a palavra é apenas um estímulo que substitui um objeto ou reação. Vigotski destaca que a palavra não é a relação entre som e a palavra que ela denota, mas sim “[...] uma relação entre um falante e um ouvinte. É uma relação interpsicológica, que estabelece a unidade dos organismos em direção a um objeto.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 74). Na sequência, o autor argumenta: “A Linguística transforma a palavra em um fetiche; o psicólogo revela que por trás das relações visíveis entre as coisas estão as relações entre as pessoas (cf. Marx, o fetichismo da mercadoria).” (p. 74). Vemos claramente a referência marxiana no método indireto de estudo dos fenômenos psicológicos. Isto é, desde esse momento, Vigotski expressava a noção de que seria necessário compreender o fenômeno de forma indireta, ou seja, para além da sua

manifestação imediata. Essa atitude metodológica será fundamental para suas pesquisas futuras.

Em outro fragmento, agora dedicado totalmente ao método de Marx, são levantadas algumas questões que são centrais para a reflexão que Vigotski desenvolve, no texto *O significado histórico da crise da Psicologia*. Dentre elas, destacamos a indicação da abstração como o método de conhecimento necessário para acessar indiretamente o fenômeno e penetrar na sua essência. Tal reflexão se coaduna diretamente com a discussão feita no capítulo anterior. Nessas anotações, Vigotski coloca em evidência o problema do método de análise dos fenômenos. A abstração seria o “microscópio” que deve ser utilizado para ir além das aparências (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a). Na discussão sobre o papel da abstração, Vigotski remete, em vários momentos, ao método de análise de Marx. Vigotski se refere à famosa passagem de Marx (1867/2013), feita no prefácio do Livro I de *O Capital*, que versa sobre a natureza dos fenômenos que pretende abordar.

As “formas econômicas”, diferentemente dos fenômenos naturais, não podem se servir do microscópio nem de reagentes químicos. “A força da abstração [*Abstraktionskraft*] deve substituir-se a ambos.” (MARX, 1867/2013, p. 113). A abstração não diz respeito à livre especulação que não se orienta pelos fatos, muito pelo contrário. Althusser (2013) esclarece que, a despeito de não podermos “tocar com as mãos” o “capital social total” e o “mais-valor”, conceitos elaborados por Marx para explicar o modo de produção capitalista, “[...] esses dois conceitos abstratos designam realidades efetivamente existentes.” (p. 61).

Apesar de partir do método de análise que toma a abstração como fundamento do estudo do fenômeno psicológico, Vigotski não descarta o papel do método de observação. Isso demonstra que, na sua crítica às orientações que se limitavam a tomar análise como a mera descrição da sua aparição fenomênica, não o fez desprezar tal método. Em sua última anotação do conjunto analisado, que está provavelmente ligada à sua apresentação no Primeiro Congresso Pedológico de Toda a Rússia, ele defendeu o emprego desse método da seguinte maneira:

Na abordagem metódica de <P><sup>20</sup>, a observação desempenha um papel insignificante: é o próprio sujeito que está observando, o experimentador registra o que o equipamento indica, o experimento foi mecanizado. Hoje em dia, a abordagem metodológica da psicologia experimental continua cada vez mais num caminho em que o papel do observador se torna imenso, especialmente a observação, que se transforma em um experimento. <Eu estou me referindo aos> experimentos de Köhler e Jaensch, as filmagens de experimentos, etc. Psicólogos concordarão

---

<sup>20</sup> Conforme os editores dos manuscritos de Vigotski atestam, provavelmente ele estava se referindo ao psiquiatra soviético Viktor Pávlovich Protopópov.

comigo. Não uma hierarquia de métodos, mas a cooperação de todos esses métodos, os fundamentos da matéria e da dialética em princípio. (VYGOTSKY, [1927] 2018a, p. 111).

Nessa citação, é possível ver a crítica de Vigotski às orientações que reduzem o método experimental à pura “mecanização”, retirando do observador o papel de protagonista do processo de conhecimento do fenômeno psicológico. Ao contrário, ele atesta que o papel do observador é “imenso”. Desse modo, é possível constatar a íntima relação entre ressaltar a importância do método de abstração do fenômeno e o importante papel do observador, no processo de conhecimento. Em outros termos, a abstração só pode ser alcançada em função do papel ativo do observador que percebe um fenômeno e o analisa, dentro de um sistema de fenômenos.

Enfatizamos anteriormente o valor do “método reverso” para a definição ontológica do fenômeno psicológico. Comentamos que esse método deu fundamento filosófico para Vigotski tratar, como foco de seu olhar, os fenômenos em suas formas mais desenvolvidas.

O método de análise e o estudo do fenômeno “mais desenvolvido” também teriam sido sintetizados no *Psicologia da Arte*, como o próprio Vigotski menciona, no *O significado Histórico da Crise da Psicologia* (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a). Isso ocorreu, na medida em que ele elegeu como objeto de estudo a análise de uma fábula, um romance e uma tragédia. No texto *O significado Histórico da Crise da Psicologia*, Vigotski ([1927] 1982/2004a) diz que *O Capital* foi escrito seguindo esse método. Marx analisou a “célula” da sociedade (a forma do valor da mercadoria) e evidenciou que deve existir uma mediação entre o organismo mais desenvolvido e a sua célula. O princípio do estudo do “mais desenvolvido” junta-se à abstração, visto que, ao se escolher um representante de um fenômeno, se está operando uma generalização.

Nos cadernos de Zakharino, Vigotski reflete sobre o conceito de “supercompensação” de Adler e o coloca dentro da matriz marxiana. Ele frisa que, para Marx e Engels, o socialismo seria o capitalismo que foi superado. O mesmo poderia ser dito em relação à arte e à saúde. Ele completa, ressaltando que “[...] no fundo, isso [a ideia de supercompensação] é um princípio dialético de natureza filosófica e epistemológica.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 81). Esse autor foi usado por Vigotski (VYGOTSKI, [1924] 1927/1997a), nas suas pesquisas sobre o desenvolvimento de crianças deficientes. González Rey (2013) atesta que Adler influenciou Vigotski, no concerne ao papel do social na formação da pessoa e por meio do seu conceito de “supercompensação”. Contudo, futuramente, Vigotski se distanciou desse autor, em razão da compreensão de que são as consequências sociais e não o defeito que

afetam a pessoa. Como resultado dessa concepção, Vigotski se afastou do determinismo objetivo sobre a psique presente na obra de Adler. Esse determinismo compreende uma relação direta entre a doença ou a deficiência e a configuração psíquica.

Vigotski (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a) voltou a discutir esse conceito, alguns anos depois, ao tratar da relação entre as funções psicológicas inferiores e superiores. Ele salienta o movimento dialético dessa relação, ao explicar o significado da palavra “superar”, em alemão e em russo. Essa palavra teria um duplo significado, denotando tanto destruição como conservação. Em outra ocasião, discutindo o “Desenvolvimento das funções psíquicas na idade de transição”, ele sublinha que “[...] cada estágio superior nega o inferior, mas nega sem destruí-lo, mas incluindo-o como categoria superada, como momento integrante.” (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a, p. 119). Essa ideia nos remonta à discussão anterior sobre o “método reverso”, pois, aquilo que foi superado também está presente nos estágios mais desenvolvidos. Em suma, a concepção dialética de superação foi fundamental para as pesquisas futuras de Vigotski. Ela está na base da constituição de sua visão de homem, porque, como vimos, ele entendia o homem como superação da sua raiz biológica. De forma mais clara, essa noção aparece nas pesquisas com crianças deficientes e em casos clínicos, mas também nas investigações sobre o “ato instrumental”, já que o foco sempre foi descobrir como a criança supera uma situação-problema, utilizando-se de instrumentos psicológicos.

O problema metodológico direcionado ao método de análise do fenômeno toma uma forma diferente, em um fragmento com o título de “Para o artigo sobre o método”. Nessa reflexão, Vigotski ([1925-1926] 2018a) aborda o problema da aplicação do materialismo dialético às ciências naturais. Ele aponta para a necessidade de criação de uma ciência intermediária, que “[...] explica a aplicação concreta dos princípios abstratos do materialismo dialético ao domínio dado dos fenômenos.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 87). E acrescenta:

Para conseguir isso, nós devemos revelar sua **essência**, a leis das suas mudanças, a qualidade e a quantidade das suas características, sua causalidade, em uma palavra, nós devemos criar o **nosso próprio “Capital”**. Materialismo dialético não é o materialismo histórico. O primeiro é universal e abstrato, o segundo histórico e concreto. (p. 87, grifo do autor).

Para ele, a aplicação do materialismo dialético nas Ciências Biológicas e na Psicologia, como foi feito naquela época, não foi mais do que a aplicação a um fenômeno particular. As relações entre os fenômenos são desconhecidas e seguem as categorias da lógica formal. O materialismo dialético sozinho não pode ser aplicado ao estudo do fenômeno, pois precisa de uma teoria intermediária, para que seja possível revelar a essência dos fenômenos. Nesse



sentido, era preciso extrair as determinações do fenômeno particular e não aplicar o materialismo dialético como uma lógica apartada do objeto.

Em folhas inseridas ao bloco de notas (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a), ele considera que a Psicologia pertence às ciências que não permitem o estudo direto do seu fenômeno, isto é, que requerem sua reconstrução. O princípio de reconstrução do fenômeno foi basilar no processo de criação do seu projeto de pesquisa (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a; VYGOTSKY, [1928] 1929/1994a), conforme veremos mais adiante.

Podemos concluir que os princípios desenvolvidos nessa fase dizem respeito ao problema dos meios de estudo daquilo que não é observado diretamente. A fim de chegar a isso, Vigotski entendeu a necessidade de adotar o “método reverso”, a abstração e a reconstrução do fenômeno. Estes seriam os “instrumentos” necessários para conhecer aquilo que nos diferencia dos animais e constituíram o caminho dos anos seguintes de sua investigação e de seus colaboradores.

Podemos depreender, do estudo das suas anotações feitas nos manuscritos analisados, que, em meados da década de 1920, já Vigotski esboçara um projeto de pesquisa que durou quase dez anos, abarcando hipóteses, ideias, conceitos etc., os quais se consolidaram e se alteraram, ao longo de seu percurso. É possível constatar, ainda, a construção de sua visão sobre qual é o objeto Psicologia e os métodos necessários para estudá-lo. Em suma, é possível verificar o seu laboratório intelectual sendo construído.

Os cadernos de Zakharino nos permitiram concluir que, pelo menos entre o final de 1925 e início de 1926, Vigotski já estava refletindo sobre problemas metodológicos que orientaram sua produção, até o final da sua vida. Nas anotações examinadas, pudemos perceber que princípios centrais que aparecem no manuscrito *O significado Histórico da Crise da Psicologia*, tais como o “método reverso”, a análise indireta e o papel da abstração, na pesquisa científica, já figuravam em sua reflexão pelo menos um ano antes da escrita do texto *O significado Histórico da Crise da Psicologia*. Além disso, nos cadernos de Zakharino, inicia-se uma discussão acerca da linguagem, que se concretizará alguns anos depois, na forma de instrumento psicológico (VYGOTSKI; LURIA, [1930]1984/2007), e, no final da sua produção, surge como explicação para o desenvolvimento da consciência. Vislumbramos ainda nesse material, de maneira embrionária, a gênese da “lei genética geral do desenvolvimento cultural”, a qual foi desenvolvida a partir das pesquisas com o “método instrumental” e que aparecem de modo consolidado somente na virada da década de 1920 para 1930.

No próximo capítulo, analisaremos o desdobramento da sua definição ontológica e dos princípios metodológicos, com base em outro manuscrito. Com isso, o objetivo principal é apresentar como essas reflexões organizaram o modelo experimental calcado no método instrumental.

## 5 CRISE DA PSICOLOGIA E A CONSULTA AOS FATOS

*Não quero receber de lambuja, pescando aqui e ali algumas citações o que é a psique, o que desejo é aprender na globalidade do método de Marx como se constrói a ciência, como enfocar a análise da psique.*  
(VIGOTSKI, 1927)

Foi possível observar, ao longo desta pesquisa, que a reflexão de Vigotski sobre os problemas filosóficos da Psicologia começaram antes de 1927. Um marco, como trabalhado no último capítulo, foram as suas anotações feitas enquanto estava internado no hospital de Zakharino. Após esse período, ele aprofundou suas reflexões sobre o problema do método da Psicologia, o qual foi concebido como a chave para a crise que estava instalada nessa ciência. Ele sintetizou as elaborações sobre essa questão, no seu manuscrito intitulado “O significado histórico da crise da Psicologia” (a partir de agora SHCP)<sup>21</sup>. O presente capítulo terá como objetivo abordar o seu diagnóstico sobre os problemas metodológicos que deram origem ao estado de crise que se instalou na Psicologia. Além disso, buscaremos evidenciar os princípios desenvolvidos nesse momento, os quais foram centrais para a elaboração do seu projeto de pesquisa.

A segunda parte do capítulo tem como objetivo apresentar as primeiras tentativas de Vigotski em organizar uma prática de pesquisa condizente com o método do conhecimento proposto no “O significado histórico da crise da Psicologia”. Também reconstruiremos as principais fontes e influências de Vigotski para a elaboração do seu método instrumental, que é o procedimento técnico de estudo do comportamento cultural. Com isso, pretendemos mostrar como Vigotski vê os problemas do método do conhecimento e os procedimentos de pesquisa. A descrição do processo de aplicação desse método nos ajudará e será fundamental para o contrastarmos com a nova hipótese desenvolvida por ele, no final da sua vida, que surgiu da constatação dos limites do método instrumental.

### 5.1 Crise da Psicologia e os métodos para sua superação

Difícilmente um pesquisador que se propõe discutir questões referentes ao método da Psicologia vigotskiana o faz, sem, ao menos, mencionar o texto “O significado histórico da crise da Psicologia”, porque esse manuscrito contém os alicerces filosóficos e metodológicos do projeto de Psicologia científica proposto por Vigotski, conhecido posteriormente como

---

<sup>21</sup> De acordo com Delari Júnior (2015), a palavra *smisl* pode ser traduzida, na linguagem cotidiana, como “significado” e “sentido”. Porém, o autor chama atenção para o fato de que, futuramente, Vigotski diferencia “significado” e “sentido”, utilizando respectivamente os termos *znatchenie* e *smisl*.

Psicologia Histórico-Cultural. Por sua importância, existem inúmeras publicações que o tomam como objeto de estudo (por exemplo, DAFERMOS, 2014; HYMAN, 2012; LORDELO, 2011). Essas publicações, no entanto, focalizam a abordagem vigotskiana sobre a situação da crise da Psicologia. Aqui, buscamos outro caminho, qual seja, discutir os desdobramentos filosófico-metodológicos formulados no manuscrito, os quais foram fundamentais para o desenvolvimento do seu projeto de uma Psicologia científica.

O método contido na referida obra, em continuidade com as anotações feitas durante o período em que estava internado, procurou responder àquela definição ontológica que estava em desenvolvimento. Tal definição, como exposto anteriormente, possuía uma crítica às orientações reducionistas daquele período histórico. Esse reducionismo compreendia que a psique era um mero efeito dos processos “objetivos”, quer corporais, quer ambientais. A nova definição ontológica desenvolvida por Vigotski. já no seu primeiro livro, *Psicologia da arte*, concebia a psique não através do reducionismo mecanicista, mas como um fenômeno de natureza social e histórica. Veremos que foi um longo processo até Vigotski formular sua própria metodologia sobre as bases dessa nova definição ontológica.

Em sua pesquisa, Zavershneva (2012) assevera que o SHCP foi escrito entre 1926 e 1927 e sua importância vem do fato de que representa um ponto de virada, no pensamento do autor, uma vez que, desde meados da década de 1920, ele já vinha se afastando das concepções reflexológicas e reactológicas. Vale lembrar que, já em 1925, o autor apontava os limites da reflexologia (MARTINS, 2010; VYGOTSKI, 1925/2004c). Contudo, como teremos oportunidade de discutir, a abordagem por trás do reflexo condicionado foi empregada por ele até pelo menos o final da década de 1920.

Zavershneva (2012) destaca a dificuldade em precisar a data de escrita do manuscrito SHCP. Existia a crença de que ele havia sido escrito, quando Vigotski estava internado no hospital de Zakharino, enquanto se tratava de uma crise de tuberculose, em 1926. Essa ideia teve início com o testemunho de Luria, seu companheiro do Instituto de Psicologia de Moscou. Conforme a referida autora, essa afirmação não encontraria base documental sólida. Contra essa tese, a autora lança a hipótese de que, naquele período, Vigotski escreveu apenas algumas notas preliminares ao que seria o SHCP, como apresentadas no capítulo anterior. Ou seja, o manuscrito foi concebido no hospital, todavia, escrito depois de sair dele. Soma-se a isso o fato de que, muito provavelmente, Vigotski ainda estava terminando o livro *Psicologia da arte*, pois as evidências apontam para a escrita de materiais adicionais a esse texto, na primavera de 1926. As referências contidas no manuscrito também corroboram a tese de que ele foi escrito entre 1926 e 1927. Além disso, há sinais de que Vigotski ministrou uma

palestra interna para o seu grupo de pesquisa sobre a crise da Psicologia, no início de 1927, fato que acaba por reforçar a tese da autora.

O SHCP pode ser interpretado como um acerto de contas com a Psicologia de sua época, tanto com relação ao que se produzia na URSS como no Ocidente. Em carta enviada a Luria, em 5 de março de 1926, portanto provavelmente em concomitância com a escrita do SHCP, Vigotski (VYGOTSKY, 2007) expressa sua preocupação com a “causa”, qual seja, o esforço coletivo para reformular a Psicologia, fato que outros, como Kornilov, não estavam dispostos a pensar. Em suas palavras: “Quão seriamente precisamos pensar sobre o nosso destino (científico) e o destino da causa que assumimos se K. N. [Kornilov] e outros ‘líderes’ não estão dispostos a pensar sobre isso.” (VYGOTSKY, 2007, p. 17). Além disso, na mesma carta, ele já ressaltava uma ideia central que aparecerá no diagnóstico da crise da Psicologia. Ele assim a expressa, para Luria: “Para mim, a primeira questão é a questão do método; isso, para mim, é a questão da verdade e, portanto, da descoberta científica e invenção.” (VYGOTSKY, 2007, p. 18).

O SHCP, tal como conhecemos hoje, somente veio à tona em 1982, com o início da publicação das obras escolhidas de Vigotski, na Rússia. Vigotski não preparou o texto para publicação, apesar de as ideias contidas no manuscrito aparecerem em outros textos, tais como: “A ciência da psicologia” (VYGOTSKY, 1928/2012), “A psique, a consciência e o inconsciente” (VIGOTSKI, 1930/2004d), “Psicologia estrutural” (1930) e “Eidética” (1930) (estes dois últimos indicados por ZAVERSHNEVA, 2012). Além dessas publicações, as ideias expostas no SHCP também aparecem em praticamente todos os textos que discutem os problemas de método da Psicologia, tais como “História do desenvolvimento das funções psicológicas superiores” (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a), “Prefácio ao livro de Leontiev ‘O desenvolvimento da memória’” (VIGOTSKI, 1931/2004e), “A questão da pedologia e as ciências vizinhas” (VYGOTSKI, 1931) e a monografia “Teoria das emoções” (VIGOTSKY, 1933/2004f).

Apesar da importância do SHCP para a história da Psicologia e para a teoria desenvolvida por Vigotski, sua primeira publicação em russo não obteve o cuidado que uma obra dessa envergadura mereceria. Consequentemente, as traduções dessa edição para o inglês, espanhol e português possuem os mesmos problemas encontrados na publicação original. Somam-se a isso as falhas decorrentes do processo de tradução.

Somente recentemente foi possível termos conhecimento das condições físicas do manuscrito, da natureza do seu conteúdo, bem como dos problemas encontrados em sua primeira publicação. Segundo Zavershneva e Osipov (ZAVERSHNEVA, 2012;

ZAVERSHNEVA; OSIPOV, 2012), fica evidente que Vigotski não preparou o texto para publicação, em razão das seguintes condições: sua escrita é apressada, pois não há sinais de edição e não há referências; também existem alguns problemas nas citações. Além desses sinais, há notas críticas nas margens do texto de autoria não identificada e o fato de que a última página do manuscrito é uma cópia feita à caneta, datada de meados do século XX.

Existem enormes discrepâncias entre a publicação do SHCP de 1982 e o manuscrito original, como atestam Zavershneva e Osipov (2012). Uma das divergências é a referência a textos de Lenin, Marx, Pavlov e outros, os quais apenas foram publicados posteriormente à escrita do texto. Ademais, a parte final do manuscrito original não corresponde à edição publicada. Isso certamente se deu em razão das inúmeras referências a Trotsky. Como já apontado, essas referências impediram que as obras de Vigotski fossem publicadas, após a sua morte. Além desses aspectos mais visíveis, uma análise pormenorizada evidencia outros problemas mais graves, tais como omissões de certos termos, como pedologia, remoção da maioria das observações críticas ligadas a Engels, erros de edição, como a confusão entre Kant e Comte, remoção de indicações a citações, abreviação de citações, substituições (por exemplo, tem-se a substituição de “negativo” por “positivo” e de “pedologia” por “psicologia infantil”). Em resumo, os autores identificam inúmeros “erros” de edição, sendo os principais a remoção de referências a autores, publicações ou termos, erros de substituições, e o mais grave, adições. Nesta última categoria, encontra-se a adição de um parágrafo na última página que não está no original. Portanto, os problemas apresentados na publicação russa ainda expressam o contexto histórico marcado pelo stalinismo.<sup>22</sup>

Dada a importância do SHCP para a compreensão da obra de Vigotski e para a história da Psicologia, faremos a seguir uma breve apresentação das suas principais formulações sobre o problema do conhecimento que se desdobraram ao longo do processo de construção do seu projeto de pesquisa. Elegemos essas formulações, baseando-nos na aparição delas em produções subsequentes ao manuscrito, o que reflete, de certa forma, o amadurecimento das ideias contidas no SHCP e, principalmente, porque foram guias para sua prática de pesquisa futura.

#### 5.1.1 Diagnóstico da crise da Psicologia

O núcleo da teorização empreendida por Vigotski no SHCP diz respeito ao diagnóstico da crise da Psicologia. Em sua interpretação, o estado de crise decorreria da existência de duas

---

<sup>22</sup> Quanto às críticas stalinistas dirigidas a Vigotski, nos anos 1930, consultar Toassa (2016).

grandes tendências teóricas que caracterizariam as várias escolas psicológicas, as idealistas e as materialistas. Essa discussão forma a base do texto publicado com o título de “Ciência da Psicologia”, em 1928 (VYGOTSKY, 1928/2012). Esse artigo expressa, de forma concisa, a reflexão sobre a crise advinda do que ele mesmo classifica como “guerra” entre essas duas tendências de pensamento.

Cabe registrar que a tensão entre as correntes idealistas e materialistas não era contemporânea a Vigotski, pois já era enunciada no período pré-revolucionário, por Sechenov. Nesse sentido, Dupont (2009) esclarece que Sechenov desenvolveu um programa de pesquisa no campo da atividade nervosa superior, que influenciou Pavlov. O famoso texto de Sechenov "Quem deve desenvolver a Psicologia e como fazê-lo" foi uma marca na Psicologia soviética, porque é um manifesto materialista contra a Psicologia “idealista”.

A tese que atravessa todo o SHCP e que aparece igualmente no artigo de 1928<sup>23</sup> é que o caminho para a superação da crise provocada pela tensão entre idealismo e materialismo não seria a adoção de uma terceira via, porém, a criação de uma Psicologia de base marxista, ou seja, fundada no materialismo dialético. Como argumento para justificar sua formulação, Vigotski aponta, tanto no manuscrito quanto no artigo de 1928, que são as aplicações práticas da Psicologia que iriam colocá-la à prova e levá-la ao caminho da verdade. Essa preocupação aparece já no primeiro parágrafo do SHCP, uma vez que o autor anuncia que os problemas colocados à Psicologia geral não vêm dos filósofos e nem dos psicólogos teóricos, mas dos psicólogos práticos, psiquiatras e psicotécnicos (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a, p. 203).

Vigotski não foi o primeiro autor a constatar a separação da Psicologia em duas grandes tendências. Ele próprio aponta vários autores, como Franz Brentano, Stern, Paul Natorp, Wilhelm Dilthey e Hugo Münsterberg, os quais constataram tal situação. A ideia de uma Psicologia unificada também não foi uma proposta exclusiva de Vigotski. Antes dele, outros autores, como Brentano, já teorizavam sobre a necessidade de criação de tal Psicologia (VYGOTSKY, 1928/2012). Para Vigotski, essas duas posições se misturaram ao longo dos séculos, desde a filosofia grega, e delinearam todo o desenvolvimento da Psicologia.

No artigo de 1928, Vigotski parte do processo histórico da Psicologia, na Rússia (algo que não aparece sistematizado no SHCP), a fim de construir sua perspectiva para a Psicologia. O desenvolvimento da Psicologia, na Rússia, teria seguido a tendência pendular que se processou no Ocidente. Ela se desenvolveu através das discussões sobre a alma, fato que suscitou seu polo oposto, o surgimento de sua negação, dando origem a uma Psicologia sem

---

<sup>23</sup> Referimo-nos ao artigo “A ciência da Psicologia”. A partir de agora, essa será a forma de referência a ele.

alma, por meio da Psicologia experimental e, aos poucos, voltou a incorporar elementos especulativos antes da Revolução de 1917. Somado a isso, Chelpanov, em 1914, teria discursado na inauguração do Instituto de Psicologia de Moscou, na direção de unificação dessas duas formas de produção de conhecimento.

Pavlov, com sua descoberta do reflexo condicionado, foi o primeiro a desenvolver uma teoria do comportamento baseada na ciência natural, na Rússia. De acordo com Vigotski (VYGOTSKY, 1928/2012), antes da Revolução, os psicólogos estudavam os fenômenos mentais e os fisiologistas estudavam as atividades nervosas. Após a Revolução, as ideias de Pavlov ganharam força, por conta do seu parentesco com as ideias revolucionárias. Na avaliação de Vigotski, a teoria do reflexo condicionado associava-se à concepção darwiniana da origem hereditária da organização dos animais com a influência do meio no comportamento, ou seja, Pavlov demonstrou que todos os processos mentais têm origem “terrestre”. De certa forma, tal interpretação se adequava, mesmo que de forma restrita e limitada, à máxima de Marx de que a raiz do ser humano é o próprio ser humano (MARX, 1844/2010).

Ao mapear o que outros autores escreveram sobre a crise da Psicologia, Vigotski ([1927] 1982/2004a) constatou que alguns a negaram e outros a perceberam, no entanto, estes deram um valor subjetivo a ela. Chelpanov e a maioria dos russos da velha escola negaram a crise. Watson, por exemplo, admitiu sua existência, entretanto, via as outras teorias como erradas e a dele como a mais correta. Outros mais sentiram a crise do que a compreenderam. Ainda em sua análise, foi Ebbinghaus quem definiu a crise com maior exatidão. O sentido da crise seria que havia muitas psicologias, as quais, ao tentarem se definir como uma Psicologia geral, acabaram criando uma Psicologia particular (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a, p. 326).

Conforme Vigotski, havia na Psicologia, praticada até aquele momento, uma contradição inerente às orientações que pretendiam se orientar pelo empirismo. Os empiristas tentaram incluir a Psicologia no rol das ciências naturais, estas sim, compreendidas como verdadeiramente científicas, pois partiam dos dados objetivos e independentes dos subjetivos. Contudo, Vigotski frisa que o desacordo dessas tentativas estava no caráter negativo delas em relação à natureza do objeto da Psicologia, porque, ao se colocar em relevo apenas os dados objetivos, se perderia a essência do próprio fenômeno psicológico, inacessível à observação direta. Segundo ele, a contradição estaria no fato de que a Psicologia desejava ser uma ciência natural, baseada na “empíria”, porém, ocupando-se de coisas completamente distintas das que se ocupam as ciências naturais (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a). Desse modo, a Psicologia pretendia se aproximar das ciências naturais por um viés negativo, ou seja, apenas por



renunciar à metafísica. Esse fato levava inevitavelmente ao estado de crise no qual a Psicologia empirista se encontrava, naquele momento, o que acabava reforçando a divisão entre orientações materialistas e idealistas.

Outro fator determinante para a crise que foi evidenciado por Vigotski foram as propostas que procuravam uma conciliação, fusão ou negação entre as duas orientações em disputa. Essa alternativa, na visão do autor, acabava por realçar ainda mais o estado de crise da Psicologia. Quanto a essa terceira via, Vigotski ([1927] 1982/2004a) comenta que os cegos ou ecléticos adotavam uma ou outra posição, quando lhes convinham. Para ele, as principais teorias que buscaram a terceira via foram a Psicologia da *Gestalt*, o personalismo e a Psicologia marxista mecanicista. Sua posição era aquela que entendia que o caminho para a superação da crise não seria uma questão de acordo, mas de ruptura, isto é, não culminaria numa terceira Psicologia, além das duas em luta, todavia, se faria sobre uma delas. Essa opção foi feita não por uma escolha, “[...] não porque gostamos, mas porque a consideramos o verdadeiro.” (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a, p. 405).

Tanto no manuscrito SHCP quanto no artigo de 1928, a Psicologia marxista é compreendida como o caminho para a superação da crise e para o desenvolvimento da Psicologia como ciência natural. Essa necessidade de aplicação do marxismo à Psicologia seria uma ideia defendida por certos autores, como Kornilov, Struminskii, Blonski e outros. Segundo Vigotski (VYGOTSKY, 1928/2012), a Psicologia materialista se esforçava para ser uma Psicologia social, em primeiro lugar. Essa ideia já estava presente na discussão sobre o método da Psicologia, no livro *Psicologia da arte*, no qual Vigotski assinala que a Psicologia seria antes de tudo uma ciência social (VIGOTSKI, [1925] 1965/1999a). Nesse texto, Vigotski criticava as teorias empiristas que compreendem o social como reunião de indivíduos. Para o autor, ao contrário, o psiquismo de um indivíduo é socialmente condicionado. A ideia é completada, destacando que seria o psiquismo desse indivíduo particular o que constitui o objeto da Psicologia social.<sup>24</sup>

Segundo avaliação de Vigotski ([1927] 1982/2004a), apresentada no manuscrito, o que se tinha feito até o momento era uma aplicação escolástica, lógico-formal ou verbal do materialismo dialético na Psicologia. Para ele, os problemas com os quais a Psicologia iria se defrontar não poderiam ser encontrados nos textos de Marx, Engels ou Plekhanov, porque esses problemas não estavam colocados para esses autores. Assim, o que se devia buscar nos

---

<sup>24</sup> Não acreditamos que o autor tenha tido a intenção de limitar o estudo da psicologia social ao estudo individual, mas sim que teve como objetivo reforçar a noção de que não há psicologia individual, já que todo indivíduo se constitui socialmente, pois a base de sua constituição viria da experiência social.

clássicos não era a solução de uma questão ou as hipóteses de trabalho, mas o método de construção do “materialismo psicológico”, porque a questão do método, para ele, era o núcleo da crise. Como prognóstico para o desenvolvimento de uma Psicologia marxista, o autor aponta

[...] que a única aplicação legítima do marxismo em psicologia seria a criação de uma psicologia geral cujos conceitos se formulem em **dependência direta da dialética geral**, porque essa psicologia nada seria além da **dialética da psicologia**; toda aplicação do marxismo à psicologia por outras vias, ou a partir de outros pressupostos, fora dessa formulação, conduzirá inevitavelmente a construções escolásticas ou verbalistas e a dissolver a dialética em pesquisas e testes; a raciocinar sobre as coisas baseando-se em seus traços externos, casuais e secundários; à perda total de todo critério objetivo e a tentar negar todas as tendências históricas no desenvolvimento da psicologia; a uma revolução simplesmente terminológica. (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a, p. 392, grifo nosso).

Diferentemente de autores como Binswanger e Kant, Vigotski enfatiza, no SHCP, que são as exigências da própria realidade que determinam os caminhos a serem percorridos pela ciência, isto é, de forma distinta dos dois primeiros, não pensa ser a razão ou os métodos de conhecimento que determinam a realidade, mas é a realidade que determina o objeto e o método da ciência. A partir dessa crítica, fica patente a postura ontológica e não lógico-gnosiológica de Vigotski. Desse modo, a dialética não seria “aplicada” à Psicologia, mas decorreria da dialética da própria Psicologia. De maneira complementar à nossa análise, citamos a seguinte passagem de Vigotski:

L. Binswanger parte, da mesma forma que toda sua corrente, de uma concepção idealista do saber científico, ou seja, de premissas idealistas de caráter **gnosiológico** e de uma **concepção lógico-formal** das ciências. Para ele, **os conceitos estão separados dos objetos reais por um abismo intransponível**. O saber tem suas leis, sua natureza e seu apriorismo. Conduz a uma realidade conhecida. Por isso, para Binswanger, é impossível estudar esses apriorismos, essas leis, esses conhecimentos isolados, independente do que se conhece com eles. Segundo ele, é possível aplicar a crítica da razão científica em biologia, psicologia, física, assim como para Kant era possível a crítica da razão pura. Binswanger está disposto a admitir que os **métodos de conhecimento determinam a realidade**, assim como para Kant a razão ditava leis para a natureza. Para ele, as relações entre as ciências não estão determinadas por seu desenvolvimento histórico nem pelas exigências da experiência científica (isto é, pelas exigências da própria realidade que se conhece através das ciências), mas pela estrutura lógico formal dos conceitos. (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a, p. 246, grifo nosso).

Com essa passagem, acreditamos que dificilmente restariam dúvidas quanto à posição de Vigotski em relação ao saber científico. Ele se contrapõe claramente a posturas racionalistas, como as de Binswanger e Kant, para os quais “os métodos de conhecimento determinam a realidade”. Segundo sua proposição, a lógica formal estaria apartada dos

fenômenos. Como mencionado acima, a dialética, expressa na reprodução conceitual, não está apartada dos “objetos reais”.

Na sequência, Vigotski reafirma a tese central do materialismo de Marx, a qual atesta a realidade como determinante do objeto e do método de uma ciência. Vigotski acata essa posição e complementa a crítica feita acima, na seguinte passagem:

Esse enfoque não seria concebível sob outra perspectiva filosófica, pois renunciaríamos a essas premissas lógico-formais e gnoseológicas e isso suporia a queda imediata dessa concepção da ciência geral. Basta adotarmos a perspectiva realista-objetiva - isto é, materialista em gnoseologia e dialética em lógica - na análise teórica do conhecimento científico para que aquela teoria se torna inviável. Esse novo enfoque nos indica que a **realidade determina nossa experiência**; que a **realidade determina o objeto da ciência e seu método**, e que é totalmente impossível de estudar os conceitos de qualquer ciência prescindindo das realidades representadas por esses conceitos. (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a, p. 246, grifo nosso).

O que Vigotski afirma e reafirma, que é de maior importância para a problemática sobre o método de produção de conhecimento, radica no fato de que é a realidade e não o homem que determina o conhecimento. Vigotski remete-se a Engels, para reforçar seu argumento, argumentando que, “[...] para a lógica dialética, a metodologia das ciências é o reflexo da metodologia da realidade.” (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a, p. 246). Nesse sentido, os conceitos não seriam simplesmente abstrações apartadas do objeto, mas esquemas da realidade. Ainda amparado em Engels, Vigotski reafirma a dialética em contraposição à lógica formal. A dialética seria a “[...] ciência das leis mais gerais de todo devir. Isto significa que suas leis devem reger tanto o devir da natureza e a história humana quanto o que se dá no campo do pensamento” (ENGELS *apud* VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a, p. 247). Vigotski ([1927] 1982/2004a) arremata com a proposta de que, da mesma forma que a dialética da ciência natural é a dialética da natureza, a dialética da Psicologia é a “[...] dialética do homem como objeto da psicologia” (p. 247). Com isso, ele deixa claro que a dialética não é uma lógica do pensamento, anterior ao contato com o objeto, mas é o resultado da reprodução ideal do movimento real.

O problema da relação entre sujeito e objeto do conhecimento nos leva até uma definição de Vigotski da dialética materialista, a qual demonstra como sua abordagem é ontológica e não lógico-gnosiológica. Seguindo Engels, ele assim se expressa:

A fórmula de Engels de não impor à natureza os princípios dialéticos, mas derivá-los dela (K. Marx e F. Engels, Obras, t. 20, p. 387) é aqui substituída pela fórmula contrária: os princípios da dialética se introduzem na psicologia a partir de fora. Mas o caminho a seguir pelos marxistas deve ser distinto. A aplicação *direta* da teoria do *materialismo dialético* às questões das ciências naturais, e em particular ao grupo das ciências biológicas ou à psicologia, é *impossível*, como o é aplicá-la *diretamente*

à história ou à sociologia. Existem entre nós aqueles que pensam que o problema da “psicologia e o marxismo” limita-se a criar uma psicologia que responda ao marxismo, mas o problema é, de fato, muito mais complexo. Da mesma maneira que a história, a sociologia necessária [sic] de uma *teoria especial* intermediária, do materialismo histórico, que esclareça o valor *concreto* das leis *abstratas* do materialismo dialético para o grupo de fenômenos de que se ocupa. E igualmente necessária é a ainda não criada, mas inevitável, teoria do marxismo biológico e do materialismo psicológico, como ciência intermediária, que explique a aplicação concreta dos princípios abstratos do materialismo dialético ao grupo de fenômenos que trabalha.

A dialética abarca a natureza, o pensamento, a história: é a ciência em geral, universal ao máximo. Essa teoria do marxismo psicológico ou dialética da psicologia é o que eu considero psicologia geral. (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a, p. 392-393, grifo do autor).

Nessa passagem, Vigotski deixa evidente sua compreensão da relação entre materialismo dialético e materialismo histórico. Para ele, o materialismo histórico é a “aplicação” à história do materialismo dialético. Este seria a “ciência em geral”, a qual deve ser derivada da natureza e não imposta a ela. Ou seja, já em 1927, Vigotski tinha plena consciência de que a “dialética da Psicologia” não seria produzida aplicando-se uma lógica alheia ao desenvolvimento histórico do objeto da Psicologia. Mas a dialética, ou o movimento real desse objeto, deveria ser extraído dele próprio.

Para o autor, existiriam três fatos os quais sustentam que o germe da futura Psicologia estaria na Psicologia aplicada. Em primeiro lugar, a prática obriga a Psicologia a reestruturar seus princípios, de forma que possam ser colocados à prova. Além disso, seria a prática que exige uma metodologia da ciência. O método seria um meio de cognição ou investigação, que seria determinado pelo objeto a ser investigado e pelos objetivos que o conduzem. E, nesse sentido, a prática reestrutura toda a metodologia da ciência. Por último, o autor atesta que a psicotécnica incita a ruptura e formaliza a Psicologia real. A psiquiatria, da mesma maneira, supera a Psicologia idealista, pois, para podermos tratar os doentes e curá-los, não podemos nos basear na introspecção (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a).

O cerne dessa discussão se encontra na interpretação materialista da história, legada pelo marxismo que Vigotski adota, no SHCP. Dado o fato de que a atividade científica é uma atividade do homem social, dentre outras, os fatores externos, da vida social, também determinam o destino de uma ideia científica. No artigo de 1928, essa concepção surge, quando Vigotski aponta que a vitória ou derrota das duas PsicoLOGIAS em litígio foi determinada pela ascensão ou queda de ondas sociopolíticas e que foram alimentadas por humores progressistas ou reacionários, em cada período histórico (VYGOTSKY, 1928/2012, p. 90). Em outras palavras, são as necessidades e condições materiais, objetivas, de cada período histórico que movem a adoção de uma ou outra concepção psicológica, porém, de

maneira dialética, é o seu sucesso ou fracasso, do ponto de vista prático, que irá determinar o grau de objetividade e verdade de uma dada teoria.

Compreender historicamente o desenvolvimento humano significa reconhecer que ele ocorre em saltos revolucionários, marcado por reviravoltas, e não pela linearidade. Nessa direção, Vigotski estabelece os limites da reflexologia, ou seja, apesar da sua importância para compreendermos a base biológica do comportamento animal, seria insuficiente para explicar o comportamento livre e consciente do homem. É sob essa perspectiva que Vigotski ([1927] 1982/2004a) critica o fato de Pavlov seguir o caminho de estudo do animal ao homem, e não do mais desenvolvido (o homem) para o menos desenvolvido (o animal), conforme princípio estabelecido em Marx, por meio do “método reverso”.

De forma resumida, Vigotski coloca a análise histórica como denominador comum, tanto para pensar a crise da Psicologia quanto para pensar caminho para sua superação. Fica patente, em sua análise, a sua filiação a dois princípios apresentados no primeiro capítulo, referentes à “fundamentação ontoprática do conhecimento” e sobre a “determinação social do pensamento”. A crise da Psicologia teve uma história, que foi a disputa entre as orientações materialistas e idealistas. Essa história foi circunscrita pelos diferentes contextos sócio-históricos nos quais ela se desenrolou. Vigotski demonstrou que a saída para a crise passava pela compreensão histórica do objeto da Psicologia. Além disso, seria a realidade que determinaria o objeto e o método da ciência. Esse fato negaria tanto as concepções materialistas mecanicistas quanto idealistas. As primeiras, por partirem da objetividade, prescindindo da história e dos processos internos intrínsecos ao homem, e as segundas, por partirem do fenômeno psicológico sem considerar sua relação com a base material da existência humana.

### 5.1.2 Método de análise dos fenômenos psicológicos

Como destacado acima, a questão do dualismo da Psicologia, no que concerne à abordagem do fenômeno psicológico, é um dos núcleos da discussão empreendida por Vigotski, no SHCP. A forma de produção do conhecimento sobre o fenômeno psicológico também expressaria o dualismo ontológico, que, derivado da disputa entre concepções materialistas e idealistas, culmina na contraposição entre o método analítico e fenomenológico.

No artigo de 1928, Vigotski ressalta que, apesar das diferentes interpretações sobre a crise, o fundamental é que existem duas formas de abordar a “vida mental”, e disso decorre a confusão do método e a própria cisão da Psicologia. Em uma das formas, podemos ver os

fenômenos mentais como um dentre outros fenômenos e estudá-lo usando métodos científicos gerais. Para essa abordagem, o fenômeno seria visto como uma “cadeia objetivante”, com causas e efeitos, que possui leis que os regem e que cujo objetivo final é a previsão e o domínio desse processo. Essa abordagem entende ainda que o fenômeno mental tem um desenvolvimento natural, sem relação com a ação do indivíduo no meio nem em relação com a dinâmica social.

A outra abordagem da vida mental parte do ponto de vista interno, subjetivo. O objetivo principal seria compreender o fenômeno como ele ocorre dentro de nós mesmos. Para tanto, seria realizada uma descrição dele, a fim de se chegar mais próximo da experiência imediata. Nessa concepção, a mente seria independente das conexões com o mundo físico, seria um mundo “autocontido”. Em síntese, uma visão seria natural, materialista, uma Psicologia objetiva, e a outra, metafísica, idealista ou uma Psicologia subjetiva (VYGOTSKY, 1928/2012).

Conforme o autor, um dos principais problemas da Psicologia diz respeito ao desprezo que as consequências ontológicas têm para a teoria do conhecimento. Vigotski ([1927] 1982/2004a) demonstra que a diferença entre o método analítico e o método fenomenológico advém da confusão entre o problema gnosiológico e ontológico. Nessa confusão está colocada a não diferenciação entre o estatuto objetivo dos fenômenos e a forma de trato deles. Vigotski coloca essa questão da seguinte forma:

[...] é comum identificar o subjetivo com o psíquico, e a partir daí se conclui que o psíquico não pode ser objetivo; também se confunde a consciência gnosiológica (como um dos termos da antinomia sujeito-objeto) com a consciência empírica, psicológica, e a partir disto se diz que a consciência não pode ser material e supor tal coisa é ‘machismo’<sup>25</sup>. Como resultado dessa colocação chega-se ao neoplatonismo, dentro do espírito das essências infalíveis, nas quais a existência coincide com o fenômeno. É uma fuga do idealismo que leva a mergulhar nele de cabeça. Já que se teme mais do que ao fogo identificar a existência com a consciência, chega-se assim em psicologia a identificá-las totalmente, numa linha husserliana. Mas, como esclarece muito bem Hoffding, não se deve confundir a relação entre sujeito e o objeto com a relação entre a alma e o corpo. A diferença entre o espírito e a matéria é uma diferença que se estabelece no nível do conteúdo do nosso conhecimento, ao passo que a diferença entre sujeito e objeto pode ser estabelecida independentemente do conteúdo desse último. Tanto a alma quanto o corpo são para nós objetivos, mas enquanto os objetos espirituais são por sua própria essência afins ao sujeito cognoscitivo, o corpo é para nós **somente** objeto. (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a, p. 379-80, grifo do autor).

O problema central dessa divergência seria a confusão entre fenômeno e existência. Mas o que isso quer dizer? Vigotski usa a fenomenologia como exemplo, para explicar essa

---

<sup>25</sup> O “machismo” é como ficou conhecida a proposta do físico Ernst Mach. Segundo ele, a ciência deveria se amparar, principalmente, nos fatos observáveis.

posição. Essa doutrina parte, conforme o autor, da diferença entre a natureza física e a existência psíquica. Disso redundava que, para autores como Edmund Husserl, há uma diferença entre o pensamento e a realidade. Enquanto, na natureza, distinguimos fenômeno e exigência, Husserl não faz essa diferenciação, na esfera psíquica. Para este, na esfera psíquica, ao contrário, fenômeno e existência coincidem entre si. Vigotski sintetiza esse problema na seguinte passagem:

De qualquer forma é preciso saber formular o problema gnosiológico sobre a **psique** e também desvendar nele a diferença entre existência e pensamento, como nos ensinou a fazer o materialismo em sua teoria do conhecimento do mundo exterior. O reconhecimento da diferença radical entre psique e natureza física oculta a identificação em psicologia do **fenômeno com a existência**, do espírito com a matéria, ou seja, oculta a resolução da antinomia mediante a eliminação no **conhecimento psicológico** de um membro - a matéria - no conhecer psicológico; é a quintessência do idealismo de Husserl. Por outro lado, na distinção em psicologia entre fenômeno e existência e no reconhecimento da existência como objeto real de estudo, manifesta-se o materialismo de Feuerbach. (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a, p. 378, grifo do autor).

Essa discussão sobre o estatuto do ser, ou seja, sobre a qualidade do psíquico, se desdobra para o problema do conhecimento. No SHCP, a emergência do método de análise deriva principalmente da crítica aos autores da sua época, tanto empiristas quanto idealistas, os quais tinham como base os estudos que envolviam a percepção direta do fenômeno, como podemos notar pela referência ao “machismo”. Algumas correntes da época se limitavam a observar somente os dados objetivos imediatos, no caso de orientações materialistas, ou descrever o pensamento “puro”, no caso dos idealistas. Contrariamente, Vigotski ([1927] 1982/2004a) compreendia que o conhecimento e a percepção direta não coincidem, em absoluto. O caminho para podermos estudar aquilo que não aparece diretamente seria a reconstrução do fenômeno. O objetivo seria poder captar o objeto em movimento, desde seu nascimento até seu funcionamento superior. Em outros termos, a questão central era observar o objeto, no seu desenvolvimento histórico. O método deveria ser orientado pela explicação e interpretação dos seus vestígios e influências. Esse princípio contido no SHCP formou a base do que posteriormente Vigotski denominou como “método genético-experimental”.

Vigotski evidenciou que o método clássico estudava as formas de comportamento estáveis, enquanto o método genético-experimental combinava as duas linhas de desenvolvimento humano, a linha biológica e a linha histórica. Tal método era objetivante, pois se centrava nas estruturas internas ocultas à observação direta (VYGOTSKI; LURIA, [1930] 1984/2007). A Psicologia deveria ir além da experiência imediata, ultrapassar a ideia

de que os fatos “dizem por si mesmos”. A interpretação não seria apenas uma necessidade, mas um modo de conhecimento libertador (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a).

Vigotski ([1927] 1982/2004a) aprofunda a discussão do método de análise, quando passa para a crítica das teorias que optaram pela terceira via. O tratamento dessas teorias levou o autor a uma exposição mais detalhada do método analítico, na crítica ao método fenomenológico de Husserl. O método analítico é expressão da diretriz marxiana da abstração como método das ciências sociais. A diferença entre o método analítico e o método fenomenológico seria que, no primeiro, se estuda um fenômeno como representante típico de uma série e a partir dele se deduz princípios para toda a série (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a, p. 367).

Diferentemente de descrever cada objeto como sendo único, como faz a fenomenologia, isto é, em seus traços externos e imediatos, a Psicologia deveria conquistar o direito de considerar o singular, isto é, a partir da análise experimental de um indivíduo generalizar para toda uma classe. Como exemplo dessa premissa, Vigotski cita a teoria do reflexo condicionado de Pavlov, realçando que ele captou de forma genial o comum no individual. É possível perceber a utilização desse preceito em toda a sua produção posterior ao SHCP, como no estudo do uso de instrumentos como processo fundamental para o desenvolvimento humano (VYGOTSKI; LURIA, [1930] 1984/2007), na pesquisa sobre a educação de crianças deficientes (VYGOTSKI, [1924] 1927/1997a), na aprendizagem da linguagem escrita (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a), no estudo do desenvolvimento dos conceitos e na sua explicação da formação do sistema psicológico (VIGOTSKI, [1930] 1982/2004g). Em suma, o método analítico teria o potencial de explicar o fenômeno, em seu nível mais geral.

Ainda distinguindo o método analítico do descritivo, fenomenológico, Vigotski ([1927] 1982/2004a) salienta que o primeiro é indutivo, ou seja, está orientado ao conhecimento da realidade, enquanto o segundo está orientado para “possibilidades ideais”. O método analítico seria um caso particular do conhecimento experimental, real, enquanto o método fenomenológico seria apriorístico, não sendo uma variedade do experimento ou do conhecimento real. Além disso, o método analítico chega a novas generalizações, a partir de novos fatos individuais, somados aos anteriores, mas que têm fronteiras e graus de aplicação, limites e exceções. Por outro lado, o método fenomenológico estaria à margem da realidade, não levando ao geral, mas às essências (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a).

A questão que Vigotski ([1927] 1982/2004a) coloca como fundamental para a Psicologia é: devemos estudar os fenômenos enquanto tais ou como nós os representamos?



Vigotski assevera que o materialista, diante dessa pergunta, reagiria sem pensar e diria que é o fenômeno objetivo em si, enquanto o idealista diria que é sua percepção do fenômeno. Esses dois caminhos expressam a essência do problema entre a abordagem lógico-gnosiológica e ontológica, tal como apresentado no primeiro capítulo. Os fatos deveriam ser tomados tal como existem, e não como aparecem para nossa percepção. Amparado em Lênin, ele afirma que a única propriedade da matéria é ser uma realidade objetiva, isto é, fora da nossa consciência. Nesse sentido, a tarefa do pensamento é reconstruir o objeto que está fora da nossa consciência.

Segundo a visão materialista adotada por Vigotski, a matéria existe independente de nossa consciência e é refletida por ela. É o cérebro e nossa consciência que, enquanto produto da própria natureza sócio-histórico-cultural, refletem a realidade (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a). Isso seria a pedra angular do materialismo. Todavia, não há uma relação direta entre realidade e consciência, pois a psique seria um sistema gerador. Desse modo, a consciência atribui sentido à realidade gerada, isto é, há sempre um modo de apropriação específico, singular, da realidade, embora social e historicamente produzido. Vale apontar ainda que, para a filosofia marxiana, segundo Kopnin (1978), reflexo não é a cópia da realidade pela consciência, porque o pensamento objetivo se relaciona com a atividade do sujeito e a subjetividade não é criação do objeto enquanto tal, mas apenas a imagem ideal do mesmo. Ademais, segundo o autor, o reflexo é representado em grau variado de plenitude, ou seja, é uma adequação que busca penetrar na essência das coisas.

Vigotski (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a, p. 383) afirma que “[...] nenhuma ciência é possível a não ser separando diretamente a sensação do conhecimento.” Para ele, somente os psicólogos introspeccionistas acreditam que sensação e conhecimento coincidem. Ou seja, uma coisa é a nossa percepção da realidade e outra, muito diferente, é o conhecimento da própria realidade. Nesse sentido, Vigotski traz à baila a famosa citação de Marx: “Se a essência e a forma de manifestação das coisas coincidissem, toda ciência seria desnecessária” (MARX *apud* VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a, p. 383). Isso quer dizer que o fenômeno a ser estudado é muito mais do que sua expressão aparente. É preciso analisar a relação entre essência e fenômeno como um processo dinâmico e histórico. Alguns fenômenos podem apresentar sua essência de forma direta em certo momento e não em outros. O mesmo valeria para o estudo da consciência: existem aspectos na sua constituição que podem estar aparentes à observação direta e outros não. Em outros termos, não podemos confundir essência com aquilo que está oculto e aparência como tudo que o fenômeno expressa diretamente e que

podemos observar, por meio dos sentidos. Em resumo, a ciência seria mais do que o registro, pois deveríamos conhecer a realidade para além de como ela nos possa aparecer.

Entretanto, se devemos superar a aparência imediata do fenômeno, qual deve ser o método para tal investida? Seguindo Marx, Vigotski ([1927] 1982/2004a) disse que a principal ferramenta do método analítico para conhecer a realidade é a abstração, que são os esquemas da realidade. Já mencionamos anteriormente o papel determinante da realidade frente às abstrações conceituais, como um princípio de método em Vigotski, anunciado no SHCP. Esse princípio foi desenvolvido de maneira aprofundada em toda a sua obra posterior (VIGOTSKI, 1934/2001a; VYGOTSKI, 1931/2000a, 1931/2006a; [1932-1934] 1984/2006b). É possível constatar que, no momento da escrita do SHCP, isto é, entre 1926 e 1927, Vigotski estava fortemente influenciado por Engels, em função do seu livro inacabado *Dialética da natureza*. A questão da abstração é central para ambos os autores, no processo de produção de conhecimento. A abstração e a generalização, propiciadas pelos conceitos, permitem que se vá para além das aparências e se chegue à essência dos fenômenos. Isso é fundamental no método analítico, pois a abstração enseja captar o comum no individual, ou seja, conhecer os traços gerais dos fenômenos, por meio das suas condições específicas, singulares.

O instrumento para a abstração é a linguagem. Esta, por sua vez, possibilita a abstração em forma de conceitos. Para Vigotski ([1927] 1982/2004a), a confusão no uso da linguagem reflete a confusão da própria ciência, isto é, as palavras utilizadas pelos psicólogos em suas teorias refletiriam a doença geral da ciência. Conforme sua visão, a palavra faz a ciência avançar, na medida em que corresponde ao estado objetivo das coisas e generaliza o mundo objetivo. Ele ressalta ainda que o emprego de um conceito implica uma crítica dos próprios conceitos, já que é somente sob a perspectiva dos fatos torna-se possível que os conceitos sejam modificados, porque, se os conceitos já estivessem dados de antemão, a ciência seria dispensável. Essa mesma ideia é retomada no texto *Pensamento e linguagem* (VIGOTSKI, 1934/2001a), quando ele trata de demonstrar que a palavra é a célula do pensamento e, enquanto abstração da realidade, já é a gênese da ciência. Vigotski salienta que a escolha de uma palavra já acarreta um método. Portanto, o estudo científico seria tanto o estudo dos fenômenos quanto a forma de cognição desses fenômenos (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a).

A explanação sobre o método de análise do fenômeno psicológico, que tem a abstração o seu principal método, reverberou na produção subsequente de Vigotski. Ela é retomada e sistematizada na primeira parte do texto “História das funções psicológicas superiores” (VYGOTSKI, 1931/2000a), quando aborda o problema do método de

investigação de tais funções. No capítulo três, intitulado “Análise das funções psíquicas superiores” (VYGOTSKI, 1931/2000a), vemos um encadeamento de argumentos que está muito próximo das ideias apresentadas no SHCP.

Nesse livro, seguindo as ideias desenvolvidas no SHCP, Vigotski, no capítulo em que discute as questões metodológicas para o exame das funções psicológicas superiores (VYGOTSKI, 1931/2000a), aponta que a velha Psicologia ou se contrapõe à explicação ou se reduz à descrição e ao fracionamento das vivências. Ela seria incapaz de captar os nexos dinâmico-causais e as relações internas de alguns processos complexos. Dotada do método descritivo, o máximo que a velha Psicologia (associacionista) pôde fazer foi desenvolver uma visão atomista, isto é, indicar que as funções superiores seriam nada mais que a soma dos elementos isolados.

Como prognóstico para a Psicologia se libertar do dogma da Psicologia descritiva, o qual nega a possibilidade de explicar cientificamente os processos psíquicos, Vigotski (VYGOTSKI, 1931/2000a) concebe que existem três momentos determinantes para a análise das formas superiores de comportamento. A primeira indica que se deve diferenciar a análise do objeto da análise do processo. Até aquele momento, para a análise psicológica, o processo analisado quase sempre se confundia com o objeto. Entendia-se a formação psíquica como algo estável e sólido. Analisar o processo consiste em focalizar o desenvolvimento dinâmico de um dado fenômeno, nos seus momentos mais importantes e que fazem parte do seu desenvolvimento histórico (VYGOTSKI, 1931/2000a). Isso quer dizer que se deve utilizar o “método genético-experimental”, sendo preciso criar de forma artificial o processo genético do desenvolvimento psíquico, pois se deve reestabelecer geneticamente todos os momentos do desenvolvimento do processo que se pretende investigar. Em outras palavras, a tarefa da análise é buscar compreender o processo em sua etapa inicial, converter o objeto em processo, colocando-o em movimento, abordando-o historicamente.

A segunda tese consiste na contraposição das tarefas descritivas e explicativas de análise. Na velha Psicologia, a análise coincidia com a descrição e era contrária à explicação. A tarefa da ciência seria mostrar as relações e os nexos dinâmico-causais que constituem a base de todo fenômeno (VYGOTSKI, 1931/2000a). Vigotski compara essa situação da Psicologia com o caminho percorrido por outras ciências. A própria biologia amadureceu passando da descrição para a explicação. A grande revolução na biologia ocorreu com Darwin. O ponto de vista genético foi fundamental para se alcançar a explicação de um dado fenômeno. Apoiado em Kurt Lewin, Vigotski (VYGOTSKI, 1931/2000a) disse que dois processos aparentemente iguais podem ser diferentes, desde o ponto de vista “dinâmico-

causal”. Como exemplo da diferença entre os pontos de vista fenotípico e genético, Vigotski (VYGOTSKI, 1931/2000a) cita o caso da linguagem. A linguagem da criança pequena, em seu aspecto externo, se parece com a do adulto. Contudo, apesar da aparência, na realidade, a criança e o adulto compartilham o mesmo signo, mas não o mesmo significado, visto que o significado das palavras na criança ainda precisa evoluir, até chegar ao nível de complexidade do adulto; assim, tal perspectiva traz a ideia da diferença entre aparência e essência.

A terceira tese do método explicativo é que a Psicologia deve procurar os processos fossilizados. Eles se manifestam no que Vigotski chama de processos psíquicos automatizados e mecânicos (VYGOTSKI, 1931/2000a). Esses processos perdem seus aspectos primitivos, e sua aparência externa não revela sua natureza interior. Para se estudar as formas superiores de comportamento, não existe outra via que o desenvolvimento dinâmico do processo. Nesse sentido, não se deve procurar o resultado acabado do desenvolvimento, mas no seu processo de aparecimento, em todo seu aspecto vivo. Poderíamos sintetizar esse princípio, afirmando que a tarefa da Psicologia, para Vigotski, seria analisar de maneira explicativa o processo de desenvolvimento das funções psicológicas desde o seu nascimento, focalizando sua dinâmica interna, e não apenas sua manifestação externa (VYGOTSKI, 1931/2000a).

Retomando o diagnóstico feito no SHCP, Vigotski orienta que, a partir da unidade dialética entre método (enquanto uma diretriz filosófica), metodologia (ou seja, os instrumentos e estratégias para se acessar o fenômeno) e a prática (que seria o parâmetro de validade do conhecimento), seria possível desenvolver uma verdadeira Psicologia científica. Além disso, o destino dessa ciência estaria na ruptura e na separação total entre as duas Psicologias em disputa, em favor do desenvolvimento de uma Psicologia materialista. Ele afirma que a escolha entre um dos caminhos não foi feita por uma questão de gosto, “[...] mas porque consideramos o verdadeiro.” (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a, p. 405). Dessa ruptura se desenvolveria o método analítico da realidade psíquica.

A análise empreendida até aqui propiciou compreender o desenvolvimento do método da teoria vigotskiana, sendo possível constatar como determinados princípios seguiram se desenvolvendo, junto com a criação do seu projeto de pesquisa. Como exemplo paradigmático, podemos citar o caso do método genético-experimental. Ele se tornou um princípio basilar para a pesquisa futura do autor e possui suas raízes tanto no princípio materialista quanto no método analítico, que, como mencionamos, abarca a compreensão do objeto desde o seu nascimento. A implementação desse método foi colocada em prática até o final de sua

produção. No entanto, ele se alterou para o método dos “cortes genéticos”.<sup>26</sup> Veremos, a seguir, como esse método foi a base para o estudo da atividade mediada, entendido como chave para a explicação da origem cultural do desenvolvimento infantil.

O SHCP deve ser visto como a concretização de muitas formulações desenvolvidas anteriormente. Como tivemos condições de mencionar, no seu estudo *Psicologia da arte* (VIGOTSKI, [1925] 1965/1999a), Vigotski já utilizava alguns princípios que posteriormente foram anunciados no SHCP. Outro exemplo são seus estudos em defectologia, realizados anteriormente à escrita do manuscrito. No seu texto “Defeito e compensação”, de 1924, Vigotski já discutia o limite das visões biológicas em analisar a personalidade de um ponto de vista estático. Nesse artigo, já está contida sua visão sobre o desenvolvimento histórico e social da personalidade e a necessidade de compreender os fenômenos em movimento. Somam-se a esses textos suas anotações analisadas no capítulo anterior e que serviram de base para a escrita do SHCP.

Outro dado importante é o fato de que esse texto reflete o desenvolvimento de suas reflexões sobre o problema do método. Assim, não podemos julgar que eles foram imediatamente transferidos para sua prática de pesquisa, pois correríamos o risco de sermos contrários ao que ele próprio anunciou como princípio. Como mencionamos até aqui, o objetivo da análise desse texto é verificar como tais princípios filosófico-ontológicos se expressaram no seu contato com o objeto. Isso será fundamental para constataremos se, nesse contato, tais princípios resistiram à comprovação prática ou ainda quais foram de fato empregados. Como teremos oportunidade de mencionar, adiante, veremos que alguns princípios não foram alcançados imediatamente, em razão dos limites impostos pelo enfoque de pesquisa e pelos procedimentos de coleta dos dados que foram adotados. Também verificaremos que foram os próprios limites impostos pela tradução do real que fizeram Vigotski reorientar seus procedimentos. É sobre essa questão que começaremos a tratar, na próxima seção.

## 5.2 Método instrumental e o estudo do comportamento cultural

---

<sup>26</sup> Argumentaremos, ao longo do trabalho, que Vigotski reorientou seu método genético-experimental para o método dos cortes genéticos por imposição do objeto. Ele notou, na entrada da década de 1930, que, com o seu método instrumental, somente fora possível estudar o início do desenvolvimento e que este não explicava suas formas mais desenvolvidas de pensamento, as quais se processam na adolescência. Apesar de o método dos cortes genéticos ter surgido como uma necessidade prática, Vigotski (1931/2006a) se remete diretamente ao médico norte-americano Arnold Gesell. Contudo, como de praxe, mesmo se apoiando nesse autor, Vigotski criticou sua concepção do desenvolvimento infantil.

Após a reflexão sobre a crise da Psicologia, Vigotski empreendeu a sua primeira tentativa de adequar sua investigação aos princípios apresentados na referida análise. O núcleo desse empreendimento centrou-se na tentativa de desvelar os processos envolvidos no desenvolvimento cultural da criança. Esse objetivo foi pretendido, colocando como objeto de análise a atividade mediada e seu impacto para as funções psicológicas. Como metodologia para se chegar a tal objetivo, Vigotski desenvolveu o método instrumental. Esse nome vem da ideia de que os artefatos culturais e que transformados em instrumentos psicológicos que medeiam a relação da criança com a realidade e com seus pares. Esses instrumentos são utilizados por ela, a fim de controlar o seu próprio comportamento. Ao se apropriar dos instrumentos, os quais possuem modos de ação incorporados nele, o instrumento se converte em fonte do desenvolvimento do comportamento individual da criança (VYGOTSKI; LURIA, [1930] 1984/2007). A linguagem seria entendida como o instrumento psicológico que estabelece a relação do homem com a realidade e consigo mesmo. Esse “instrumento psicológico” é a via para a formação da personalidade e da visão de mundo.

Tomando a obra vigotskiana como um todo, entendemos que este é um momento de passagem e, ao trazê-lo para o centro de nossa atenção, podemos vislumbrar tanto as questões relativas ao método do conhecimento empregado como sua visão de homem. Isso se justifica por dois motivos. O primeiro, histórico, diz respeito à clarificação de um período de transição de sua explicação, pautado no “método instrumental”, em comparação com a produção posterior, fundamentada no “método semântico” de investigação da faceta interna da consciência. Em segundo lugar, do ponto de vista do método, pretendemos analisar que essa transição na explicação tem como base a transição do “método de análise das partes componentes” (VYGOTSKY, 1929/1994a) para o “método de análise por unidades.” (VIGOTSKI, 1934/2001a). A análise do método é importante para colocar em discussão os limites e problemas de uma fase teórica que é replicada constantemente, como se representasse a totalidade de sua concepção, isto é, que desconsidera as modificações ocorridas no tratamento do objeto, na sua produção subsequente.

Nossa hipótese de trabalho é que, durante o final da década de 1920, especialmente após o texto SHCP, o método do conhecimento estava em desacordo com a metodologia de pesquisa, isto é, os procedimentos técnicos. Do ponto de vista do método do conhecimento, tinha-se como princípios filosóficos: 1) o método analítico e não descritivo; 2) o esboço do que seria o método genético-experimental, o qual tinha como princípio o estudo histórico do fenômeno; e 3) o estudo do mais desenvolvido como chave para explicar o menos desenvolvido. Contudo, os procedimentos de pesquisa adotados, que se expressaram nas

situações experimentais restritas ao laboratório, não possibilitaram o estudo do fenômeno em toda sua complexidade, abarcando apenas parte dele. O próprio autor reconheceu esse limite dos experimentos. Prova desse reconhecimento, conforme pretendemos apresentar, está no fato de Vigotski reformular suas hipóteses, o que se deu a partir da prática clínica e ao analisar o desenvolvimento dos adolescentes. Este será um dos núcleos do argumento que pretendemos desenvolver, no próximo capítulo. Por ora, nós nos limitaremos a indicar como o método instrumental foi levado a cabo nas pesquisas realizadas por Vigotski e seus colaboradores.

### 5.2.1 Antecedentes do método instrumental

Em meados da década de 1920, Vigotski começou a apontar os limites do método reflexológico na análise da consciência (VIGOTSKI, [1924] 1926/2004b, 1925/2004c). Na sua famosa comunicação no II Congresso de Psiconeurologia de Leningrado, em 1924, publicada em 1926, com o título “Os métodos de investigação reflexológico e psicológico”, é destacada a incapacidade da reflexologia em estudar as “[...] interações muitíssimo complexas e variadas.” (VIGOTSKI, [1924] 1926/2004b, p. 3). Ele afirma que a reflexologia seria obrigada a levar em conta os pensamentos e a totalidade da psique, se quisesse compreender o comportamento. Nesse momento, a consciência é concebida como um “[...] mecanismo de transmissão entre sistemas de reflexos.” (VIGOTSKI, [1924] 1926/2004b, p. 15). Em outros termos, a psique é um movimento de “reflexos inibidos” (VIGOTSKI, [1924] 1926/2004b, p. 11). Ainda podemos ver, no referido texto, que já está evidente a formulação sobre a origem social da consciência. Além disso, também já é mencionado como a palavra pronunciada atua como um excitante e que essa seria a explicação para o desenvolvimento da consciência. Essa ideia pode ser considerada a pré-história do método instrumental. Nas palavras do autor:

No sentido amplo da palavra, é na fala que reside a fonte do comportamento e da consciência. A fala constitui, por um lado, um sistema de reflexos de contato social e, por outro, o sistema preferencial dos reflexos da consciência, isto, é, servem para refletir a influência de outros sistemas. (VIGOTSKI, [1924] 1926/2004b, p. 17).

Já no texto “A consciência como problema da psicologia do comportamento”, é repetida a crítica feita à reflexologia (VIGOTSKI, 1925/2004c). Com outras palavras, ressalta-se que seu problema era estudar o comportamento, sem recorrer a fenômenos subjetivos. Nesse sentido, Vigotski estava em busca de um método que pudesse investigar a consciência de forma objetiva, mas sem deixar de lado seu aspecto subjetivo. Como perspectiva, o autor aponta que era preciso investigar não os reflexos, mas o comportamento.

Ao se estudar o comportamento, se a consciência se materializaria. Nessa fase, a consciência é entendida como “mecanismo do comportamento”, ou seja, sua estrutura não pode ser apresentada como “sistemas de reflexos” nem como reações.

Ainda acerca do texto objeto de discussão, Vigotski afirma que a experiência social constitui um importante componente do comportamento do homem. O comportamento dos animais, por outro lado, é o resultado da experiência hereditária somada à adquirida. Os animais adaptam-se passivamente, apesar de alguns terem formas instintivas que são ativas; já o homem adapta-se ativamente ao meio (VIGOTSKI, 1925/2004c). Seguindo Marx, Vigotski explica que o trabalho permite ao homem uma adaptação ativa à realidade, o que ocorreria através da “experiência duplicada”, na medida em que o homem, para poder modificar a realidade, antes cria o modelo dessa ação na sua mente. Quando Vigotski explica esse processo, ele se remete à seguinte citação de Marx:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente. Isso não significa que ele se limite a uma alteração da forma do elemento natural; ele realiza neste último, ao mesmo tempo, seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, o tipo e o modo de sua atividade e ao qual ele tem de subordinar sua vontade. (MARX, 1867/2013, p. 327).

Do ponto de vista fisiológico, Vigotski assevera que o comportamento é um “sistema de reações triunfantes”, ou seja, seria a coordenação de vários reflexos. O comportamento que se realiza é uma expressão muito pequena das inúmeras excitações que acontecem no organismo. Em outras palavras, o comportamento é o resultado de uma “luta de reflexos”. Nessa perspectiva, o autor caracteriza a consciência nos seguintes termos: “[...] a capacidade que tem nosso corpo de se constituir em excitante (através de seus atos) de si mesmo (e diante de outros novos atos) constitui a base da consciência.” (VIGOTSKI, 1925/2004c, p. 70). Essa noção também será importante para compreendermos o ato instrumental, em cuja gênese estrutura e função dizem respeito à criação de signos pelo homem, para controlar seu próprio comportamento.

A modificação da concepção de consciência como “reflexos inibidos” para a consciência como “estrutura do comportamento” originou-se do limite dos métodos de pesquisa da época, notadamente os métodos reflexológico e introspectivo. Com base nesses limites, Vigotski propõe que os reflexos internos – que caracterizariam a consciência – podem ser descobertos de forma indireta. Como veremos, essa será a base do método instrumental.



Há nesse texto também uma formulação muito importante para a compreensão do método instrumental, qual seja, a que diz que “[...] a experiência determina a consciência.” (VIGOTSKI, 1925/2004c, p. 80). Segundo o autor, a consciência é um caso particular da experiência social. O que existe é a socialização da consciência. Em suas palavras: “Disso se conclui que o reconhecimento, a prioridade temporal e efetiva pertence à vertente social e à consciência. A vertente individual se constrói como derivada e secundária sobre a base do social e segundo seu exato modelo.” (VIGOTSKI, 1925/2004c, p. 82). Também é possível constatar, nessa formulação, a gênese teórica da “[...] lei genética geral do desenvolvimento cultural” (VIGOTSKI, 1931/2000a). Desde esse momento, pode-se perceber o peso colocado por Vigotski na experiência social para a constituição da vida mental.

Essa mudança ontológica foi o passo mais significativo dado no período de sua produção que vai de 1924 a 1927. Ela se relaciona com a passagem de um sistema baseado no “homem-meio”, típico da reflexologia, para outro baseado no esquema “meio social - signo cultural - homem” (VERESOV, 1999). Esse novo sistema foi elaborado como resposta ao problema imposto pela reflexologia, quanto à relação sujeito-objeto. Para a reflexologia, haveria uma relação direta entre eles. O princípio da mediação cultural do signo foi uma saída metodológica para tentar superar o problema entre o interno e o externo. Em outros termos, substituiu-se a análise do sistema estímulos externos pela análise da estrutura interna da função psíquica. Vigotski assevera que o método construtivo possui dois sentidos: “1) estuda não as estruturas naturais, mas construções; 2) não analisa, mas constrói processos.” (VIGOTSKI, 1929/2000b, p. 23). O método instrumental, ao seguir esse princípio, nada mais é que o caminho para se tentar acessar a estrutura interna do fenômeno, através da sua exteriorização. Esta, por sua vez, seria observada não de maneira imediata, como Vigotski anotou, no manuscrito de 1929, mas fazendo o processo surgir por meio da criação de condições para tanto. Desse modo, apesar da importância do desenvolvimento do método construtivo, ele foi carregado de limites e contradições.

Além dessas discussões do ponto de vista teórico, é preciso ter clareza de que o que impulsionou Vigotski à concepção da mediação dos signos foram suas pesquisas com crianças com deficiências físicas ou mentais, as quais, no período, se enquadravam no chamado campo de estudos “defectológicos”. De acordo com Veresov (1999), essa questão é pouco enfatizada na literatura sobre a origem da produção teórica de Vigotski. Veresov destaca que, a partir dessas pesquisas, Vigotski começou a desenvolver sua Psicologia experimental, fato que será fundamental para a criação de situações experimentais para o estudo da função instrumental.

Diferentemente da tradição da época, Vigotski entendia a deficiência não somente do ponto de vista biológico, mas social (VYGOTSKI, [1924] 1927/1997a). Para ele, a deficiência acarreta perdas das funções sociais, mais do que somente físicas. A deficiência prejudica os vínculos sociais e conduz ao deslocamento de todos os sistemas de comportamento (VYGOTSKI, [1924] 1927/1997a).

Em 1924, Vigotski afirmava que a deficiência significa apenas a ausência de um dos vínculos condicionados com o meio. Segundo ele, o princípio psicológico fundamental da formação de reações condicionadas é a mesma, tanto nos deficientes quanto nos “normais” e, como consequência, a natureza do processo educativo seria a mesma. Fundamentado em John Dewey, Vigotski (VYGOTSKI, 1924/1997b) assevera que o estímulo físico não é completo, porém, que é a interpretação que se dá por meio da atividade social e o pensamento que lhe confere toda a riqueza de seu significado. “O que importa é o significado, não o signo. Muda-se o signo, o significado é igual.” (VYGOTSKI, 1924/1997b, p. 84).

Ao discutir a educação do “surdo-mudo”, Vigotski (VYGOTSKI, 1924/1997a) salienta que seu foco da intervenção não implica somente dar condições para que a criança se comunique com outras pessoas, mas também que seja desenvolvida sua consciência. Portanto, aqui já estava se delineando uma concepção de consciência atrelada ao desenvolvimento da linguagem enquanto ferramenta comunicativa, que possibilita a apreensão da experiência social.

Em rigor, a linguagem não é somente um **instrumento** de comunicação, mas também um instrumento de pensamento; a consciência se desenvolve sobretudo com ajuda da linguagem e surge da experiência social. [...] Precisamente, a linguagem é a base e o portador dessa experiência social. Em outros termos, sem linguagem não há consciência nem autoconsciência. Podemos nos convencer com facilidade que a consciência surge da experiência social, precisamente no exemplo dos surdos-mudos. (VYGOTSKI, 1924/1997b, p. 84, grifo nosso).

A ideia central contida na produção defectológica da época, a qual, por consequência, se relaciona com o método instrumental, é aquela que diz que a saída para superação do defeito é através “super-compensação social” (VYGOTSKI, 1927/1997a). Tal compensação seria feita utilizando-se novas mediações, artificiais, criando uma via alternativa de contato com os signos culturais impossibilitados pela deficiência, desenvolvendo assim, a consciência. A teoria da super-compensação iria além da investigação do homem como pertencente à espécie animal, ou seja, em sua “posição horizontal”, como faz a reflexologia. Ela compreenderia o homem em sua “posição vertical”, superior, isto é, como produto das relações sociais. Nesse sentido, acreditamos que, com base nessa visão, o autor começa a lançar hipóteses sobre o papel do signo no desenvolvimento das funções psicológicas

superiores, isto é, seu caráter mediador, o qual se tornará uma das bases das suas pesquisas experimentais.

Um dos problemas centrais discutidos por Vigotski, no SHCP, diz respeito à origem da crise da Psicologia. Em sua avaliação, a crise não estaria nos fatos, mas nos conceitos usados para pensar esses fatos, ou seja, no “método de cognição” (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a). Com base em Espinosa, ele compara o método de conhecimento com os meios de produção, quer dizer, a produção de conhecimento, de forma análoga à produção material, guardaria similaridades, na medida em que também necessita criar suas “ferramentas conceituais” para se aproximar cada vez mais da cognição dos fatos. A esse respeito, Yaroshevsky menciona que a “[...] comparação dos conceitos científicos com os instrumentos de trabalho que se desgastam com o uso foi seguido pela psicologia instrumental, no qual signos culturais e seus significados foram considerados como um tipo de ferramenta que o indivíduo constrói seu mundo psíquico.” (YAROSHEVSKY, 1989 *apud* VERESOV, 1999, p. 147).

A análise de que a linguagem é um instrumento de pensamento pode ser considerada também como um elemento na pré-história do método instrumental. Ressaltamos, anteriormente, que, nos seus escritos do Hospital de Zakharino, Vigotski caracterizou a palavra como um estímulo artificialmente criado para servir como “ferramenta do comportamento”. Nas mesmas anotações, o autor escreve que a consciência é uma fala dentro de si, que surge na sociedade com a linguagem.

Essa questão também esteve presente nas reflexões que Vigotski fez sobre a distinção entre os animais e o homem. Essa preocupação o levou aos estudos antropológicos, principalmente amparados nas pesquisas de Kohler e Buhler. Tais pesquisas são sintetizadas nos livros *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança* (VYGOTSKY; LURIA, 1930/1996) e *O Instrumento e o signo no desenvolvimento da criança* (VYGOTSKI; LURIA, [1930] 1984/2007). Tal situação nos leva a concluir que há uma convergência evidente entre as pesquisas defectológicas e antropológicas que vão levá-lo para a elaboração do método instrumental.

Cabe lembrar que o primeiro passo em direção ao estudo do ato instrumental, no desenvolvimento infantil, foi dado através das pesquisas sobre inteligência prática e verbal nas crianças (VYGOTSKI; LURIA, [1930] 1984/2007). O objetivo era investigar o que está presente na criança que qualifica seu comportamento como sendo superior ao de um macaco antropoide. Vigotski e Luria constataram, por meio dos experimentos, que, diferentemente das

concepções correntes, a fala não apenas acompanha a atividade prática, todavia, desempenha um papel organizador do comportamento.

Como mencionamos anteriormente, Vigotski estava em busca de um método de análise indireta da consciência, que qualificasse seu estudo de forma objetiva, isto é, que fosse capaz de fazer os processos internos serem externalizados, a fim de que fosse possível seu estudo. Para tanto, era preciso superar a ideia da aparição imediata do fenômeno, como faziam a reflexologia e outras escolas psicológicas.

Conforme igualmente já indicamos, neste trabalho, ao contrário do método descritivo, que abarcava apenas os dados visíveis de manifestação dos fenômenos, Vigotski propunha o método indireto, que se tornou fundamental para o método instrumental, pois este se ampara justamente na criação de uma situação experimental, para que se possa “interpretar” os mecanismos por trás dos comportamentos que empregam signos culturais.

Como caminho para podermos estudar aquilo que não aparece diretamente, o autor salienta a necessidade de reconstrução do fenômeno, isto é, a elaboração do objeto recorrendo ao método de explicar ou interpretar seus vestígios e influências. Por conseguinte, o método instrumental também fez uso desse princípio analítico de pesquisa, porque o objetivo de Vigotski foi reconstruir historicamente o fenômeno que possibilita o desenvolvimento cultural e, para tanto, recorreu ao ato instrumento, naquele momento, entendido como menor elemento explicativo do comportamento cultural. Como já realçado, o método do conhecimento que busca a origem do fenômeno foi denominado “método genético experimental”.

Após essa breve contextualização dos antecedentes do método instrumental, faremos, na sequência, a exposição das principais características desse método, do ponto de vista da metodologia de pesquisa. Demonstraremos quais eram seus princípios gerais, objetivos e explicações sobre como ocorre o desenvolvimento cultural da criança.

#### 5.2.2 Método instrumental e a pesquisa do desenvolvimento cultural da criança

O método instrumental possui esse nome, porque se baseia na descoberta da “função instrumental” do comportamento mediado por signos e seu papel para o desenvolvimento cultural. No plano experimental, esse método de investigação assenta-se no “método funcional de dupla estimulação”, o qual, em essência, é a redução da organização do comportamento da criança com a ajuda de uma série de dois estímulos, cada um com distinta “importância funcional” no comportamento (VYGOTSKY, 1929/1994a). O núcleo desse método é a criação de situações experimentais, para que seja possível observar o processo mediado do comportamento, através de sua reconstrução.

Mencionamos anteriormente que, desde meados da década de 1920, Vigotski já havia se dado conta do papel do signo no processo de compensação da deficiência. Sabemos, por acesso às suas cartas, que, em 1927, ele já havia estabelecido o “método instrumental”. Em carta endereçada a Luria, datada de 26 de julho de 1927, ele propõe: “O único comentário sério é que todos deveriam trabalhar nos seus campos de acordo com o método instrumental. Eu estou investindo todo o resto da minha vida e toda minha energia nisso.” (VYGOTSKY, 2007, p. 19). Tal passagem indica o peso que Vigotski colocava naquele momento de sua produção no método instrumental.

A primeira publicação que apresenta o método instrumental foi no artigo “O problema do desenvolvimento cultural da criança” (VYGOTSKY, 1929/1994a), submetido à revista *The Pedagogical Seminary and Journal of Genetic Psychology*, em 1928, e publicado em 1929. Considera-se esse artigo como o marco na produção de Vigotski. Essa afirmação é feita, porque é nele que, pela primeira vez, é sistematizado o método instrumental de estudo do desenvolvimento cultural da criança, isto é, aquele que seria o meio pelo qual se daria a análise da gênese e da estrutura do comportamento cultural.

Vigotski expôs os resultados das pesquisas, adotando o método instrumental, em diversos textos publicados e não publicados naquele período. Além do artigo citado, foi publicado um livro que sintetiza os estudos antropológicos realizados por Vigotski e Luria (VYGOTSKY; LURIA, 1930/1996).<sup>27</sup> Os textos notoriamente “instrumentais” desse período, não publicados, foram os seguintes: “O método instrumental em psicologia” (VIGOTSKI, [1930] 1982/2004h), “O instrumento e o signo no desenvolvimento infantil” (VYGOTSKI; LURIA, [1930] 1984/2007)<sup>28</sup>, “História do desenvolvimento das funções psicológicas superiores” (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a).<sup>29</sup> Todos esses textos foram escritos

---

<sup>27</sup> Em carta datada de julho de 1929, endereçada a Leontiev, Vigotski (VYGOTSKY, 2007) expressa certo descontentamento com o método instrumental, o qual teria surgido da revisão do livro *História do comportamento: símios, o homem primitivo e a criança*. Ele diz que a tarefa é lutar contra “ideias confusas” e fazê-las confortáveis. E acrescenta que o instrumento e o signo estão misturados.

<sup>28</sup> Esse livro foi preparado para publicação no início da década de 1930, contudo, por algum motivo desconhecido, não foi publicado. Uma versão em inglês foi entregue por Luria a Michael Cole, na década de 1970, seu estudante de pós-doutorado, para que fosse publicado no Ocidente. Uma versão fragmentada foi publicada na coletânea *Mind in Society*, em 1978. Ele foi publicado na íntegra em russo, em 1984, decorrente de uma tradução do inglês, já que a versão em russo havia se perdido. Sua versão completa em inglês foi publicada em 1994, na coletânea *The Vygotsky reader* (VAN DER VEER; YASNITSKY, 2016a).

<sup>29</sup> Conforme Van der Veer e Yasnitsky (2016a), esse texto não consta em nenhum documento pessoal de Vigotski. Os autores lançam a hipótese de que ele provavelmente foi compilado com base em dois textos, “Investigações das funções psicológicas superiores” e partes do texto “História do desenvolvimento cultural da criança normal e anormal”. Apesar da edição consultada apontar que sua escrita foi em 1931, aventamos a possibilidade de ele ter sido escrito antes, entre o final da década de 1920 e início da década de 1930. Corrobora essa hipótese o fato de Vigotski, em 1930, proferir uma palestra com o título de “Sobre os sistemas

provavelmente entre 1927 e 1930. Cabe lembrar que, já em 1930, Vigotski começou a rever esse método e organizar novos procedimentos de pesquisa da consciência.

O problema central de Vigotski, como destacado anteriormente, era poder explicar o comportamento consciente de forma objetiva. Os esforços se concentraram na criação de métodos de investigação para os comportamentos propriamente humanos – lembrar, falar, pensar etc. – bem como na explicação histórica dos mecanismos psicológicos que estavam na essência desses comportamentos. Nesse sentido, do ponto de vista do método, Vigotski foi um dos primeiros a assumir uma abordagem histórica – fato que o levou aos estudos antropológicos. Foi preciso traçar tanto a história filogenética quanto social das funções psicológicas, para compreender a passagem do comportamento animal ao tipicamente humano, próprio do homem cultural. Essa questão era tão importante que, em um manuscrito datado de 1932, Vigotski a vincula ao problema central da Psicologia, qual seja, o da liberdade (ZAVERSHNEVA, 2016b). Isto é, seu foco foi entender como o comportamento humano saiu dos limites do reino animal – marcado pela relação imediata com o meio e determinada pela hereditariedade – e avançou em direção ao controle consciente e livre da sua vontade.

A mediação simbólica como princípio explicativo para o desenvolvimento das funções psicológicas possui sua gênese nas teorias que explicitam a história da adaptação do homem primitivo à natureza. Seguindo a leitura marxiana sobre esse processo, foi através do trabalho e da criação de instrumentos simbólicos pelos homens primitivos que se deu a ruptura entre a linha de desenvolvimento natural, biológica, e se fez desenvolver a linha cultural. Os signos culturais foram desenvolvidos para manipular e mediar o contato do homem com o meio, além de poder organizar coletivamente tal mediação. Para corroborar essa tese, Vigotski e Luria (VYGOTSKY; LURIA, 1930/1996) utilizaram os dados experimentais de primatas superiores e dados antropológicos sobre diversas tribos que possuíam uma organização social considerada “primitiva”.

Os estudos em comportamento animal foram realizados na tentativa de compreender o que os “homens modernos” possuíam de único, em relação aos macacos antropóides e aos “homens primitivos”. A fonte principal de pesquisa foram os achados experimentais de Kohler e Buhler, ambos psicólogos pertencentes à escola da *Gestalt*. Conforme Vigotski e Luria, “Buhler e Koffka estavam absolutamente certos ao dizer que o surgimento da primeira palavra da criança, como signo para denotar um objeto, constitui um paralelo psicológico perfeito do uso de um bastão pelos chimpanzés, em seus experimentos.” (VYGOTSKY;

---

psicológicos”, na qual ele aponta os limites das pesquisas que utilizavam o método instrumental. Além disso, ele também passou a estudar o conceito e não o signo, igualmente a partir desse período.

LURIA, 1930/1996, p. 145). Por intermédio das pesquisas de Kohler, Vigotski e Luria (VYGOTSKY; LURIA, 1930/1996) puderam constatar que a capacidade que os macacos desenvolveram, ao usar um instrumento para atingir um objetivo, foi um primeiro passo na evolução dos processos mentais superiores. A ideia de que a criação de instrumentos é a conquista primária do comportamento do homem foi derivada dos achados de Buhler. Vigotski compreendia que não era a criação de instrumentos que diferenciava os homens dos demais primatas, mas o fato de esses instrumentos modificarem o seu comportamento, sinalizando para suas características psicológicas.

Além desses dados experimentais, foram fundamentais as pesquisas antropológicas realizadas por pesquisadores como Lucien Lévy-Bruhl. Desse autor foi emprestada a ideia de que as funções mentais superiores estão ligadas às diversas formas de sociedade. Em função dos seus achados, Vigotski e Luria (VYGOTSKY; LURIA, 1930/1996, p. 126) concluem: “É fácil ver que a linguagem e seu caráter determinam a natureza e a organização das operações mentais no [mesmo] grau em que as ferramentas determinam a organização e a estrutura de toda a tarefa manual do homem.”

Vigotski sugere, no capítulo dois do livro *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança*<sup>30</sup>, que, no homem primitivo, instrumento e signo estão unidos. Essa relação tem expressão no pensamento mágico. Nesse tipo de pensamento, as leis da natureza coincidem com as leis do pensamento. Conforme Vigotski, esse tipo de pensamento teria aparecido em determinado estágio de desenvolvimento tecnológico, a partir do desenvolvimento de uma estrutura social. Desse modo, o desenvolvimento técnico foi pré-requisito para o aparecimento do pensamento mágico. Ademais, tal relação aparece também nas práticas primitivas de trabalho. Vigotski cita o caso de um povo que utilizava uma vara especial para cavar, na qual existia um dispositivo que, quando usada para trabalhar o solo, semeando arroz, produzia certo som que orientava o comportamento.

Esse som, assemelhando-se um pouco com um canto de trabalho ou a um comando, tinha a finalidade de organizar ritmicamente o trabalho. O som do dispositivo preso à vara servia de substituto para a voz humana. Neste caso, um instrumento utilizado como um meio de ter impacto sobre a natureza e um signo utilizado como meio para estimular o comportamento estão associados no mesmo dispositivo a partir do qual, mais tarde, se desenvolverão a pá primitiva e o tambor. (VYGOTSKY; LURIA, 1930/1996b, p. 149).

---

<sup>30</sup> Os capítulos 1 e 2 foram escritos por Vigotski, enquanto o capítulo 3 foi escrito por Luria.

Após esse período de união, no qual o instrumento e o signo estavam unidos na alteração consecutiva da natureza e do comportamento humano, ocorreu a separação entre os dois caminhos.

Paralelamente a um nível superior de controle da natureza, a vida social do homem e sua atividade de trabalho começam a exigir requisitos ainda mais elevados para o controle sobre seu próprio comportamento. Desenvolve-se a linguagem, o cálculo, a escrita e outros recursos técnicos de cultura. Com a ajuda desses meios, o comportamento do homem ascende a um nível superior. (VYGOTSKY; LURIA, 1930/1996b, p. 149).

Após os estudos antropológicos, o caminho empreendido foi investigar como acontece o desenvolvimento dos comportamentos culturais, na ontogênese (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a; VYGOTSKI; LURIA, [1930] 1984/2007). Foi o que Vigotski e seus companheiros de laboratório começaram a desenvolver, no final da década de 1920. Iniciaram os estudos de funções psíquicas superiores em crianças e, em momento oportuno, expandiram para a pesquisa com adultos semianalfabetos de regiões remotas. Foram adotados diversos instrumentos simbólicos, a fim de observar como esse processo de mediação ocorre internamente.

A crítica de Vigotski (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a) à Psicologia de sua época foi que ela não diferenciava os processos orgânicos dos processos culturais no desenvolvimento humano. Este era somente abordado em sua esfera natural. Exemplo disso são as pesquisas de Buhler, as quais tentavam investigar o que existia de similar ao comportamento dos chimpanzés, nas ações das crianças (VYGOTSKI; LURIA, [1930] 1984/2007). Para essa concepção, não existiria nenhuma alteração na ação da criança com o desenvolvimento da fala. Segundo os autores, esse fato demonstraria o perigo em se “animalizar” a Psicologia da criança.

Para Vigotski (VYGOTSKY, 1929/1994a), a diferença entre a linha “natural” e a “cultural”<sup>31</sup> não estaria nas capacidades inatas, mas na aquisição de “instrumentos culturais”. Em suas palavras: “Temos muitas razões para assumir que o desenvolvimento cultural consiste no domínio de métodos de comportamento baseados no uso de signos como meio de realizar qualquer operação psicológica particular.” (VYGOTSKY, 1929/1994a). Diferentemente da concepção de Buhler, para Vigotski haveria uma integração entre a linguagem e o pensamento prático (VYGOTSKI; LURIA, [1930] 1984/2007).

---

<sup>31</sup> Vigotski (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a) salienta que não há uma repetição da filogênese, na ontogênese. Em cada esfera, existiria a linha natural e a linha cultural de desenvolvimento.



Por isso, o objeto de estudo das “funções psicológicas superiores” abarca dois grupos de fenômenos que, apesar de parecerem heterogêneos, estão unidos. Estes são: 1) processos de domínio dos meios externos de desenvolvimento cultural: a linguagem, escrita, cálculo; 2) processos de desenvolvimento das funções psíquicas especiais, não limitadas nem determinadas com exatidão, que na Psicologia tradicional se denominam atenção, memória, lógica, formação de conceitos etc. (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a).

Na avaliação de Vigotski, os métodos de pesquisa do início do século XX estavam baseados no esquema estímulo-resposta (E-R). Com isso, esse método se limitava ao estudo das funções psicológicas elementares. Seria somente com a superação desse método que se poderia investigar adequadamente o desenvolvimento cultural do comportamento. Vigotski (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a) então propõe que o desenvolvimento psíquico do homem é parte do processo geral de desenvolvimento histórico da humanidade. Em razão disso, a atividade peculiar do homem é aquela que se orienta ao domínio do seu próprio comportamento: É “[...] o próprio homem cria os estímulos que determinam suas reações e utiliza esses estímulos como meios para dominar os processos de sua própria conduta.” (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a, p. 77). Portanto, o salto qualitativo do homem em relação aos animais estaria na criação de estímulos auxiliares para a determinação ativa do próprio comportamento com ajuda desses estímulos.

A resposta no comportamento reflexo possui um vínculo direto entre estímulo e o sistema nervoso, isto é, a origem desse processo está no organismo. Já no comportamento cultural, a resposta para o comportamento não está no organismo, mas nas relações sociais entre as pessoas, as quais são criadas coletivamente (VIGOTSKI, [1931] 1960/2000b 2000a).

Foi na negação da historicidade que repousou o problema das orientações empiristas em Psicologia (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a). Consequentemente, era exigido um método que envolvesse a perspectiva histórica do desenvolvimento dos fenômenos, para que fosse possível acessar as peculiaridades dos comportamentos superiores. Vigotski (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a) assume três princípios para o estudo das funções psíquicas superiores, conforme já assinalamos: 1) o estudo do processo e não do objeto; 2) a análise baseada na explicação e não na descrição; 3) a análise dos processos psíquicos fossilizados (automáticos e mecânicos), por meio da observação do seu processo de nascimento. Esses princípios são, em essência, o que Vigotski chamou de “método genético-experimental”.

Vigotski (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a) alude à análise do processo e não do objeto, porque procurava entender o fenômeno em todos os momentos de seu

desenvolvimento.<sup>32</sup> Deveriam ser criadas situações experimentais que produzissem artificialmente o processo, desde seu nascimento. O primado da explicação, e não a simples descrição, remete ao problema entre essência e aparência, tal como apresentado no item anterior. A análise dinâmica seria o método de acesso à essência do fenômeno, isto é, o caminho de explicação do fenômeno desde sua origem, determinando seus nexos dinâmico-causais e sua relação com outros processos que se relacionam a seu desenvolvimento (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a).

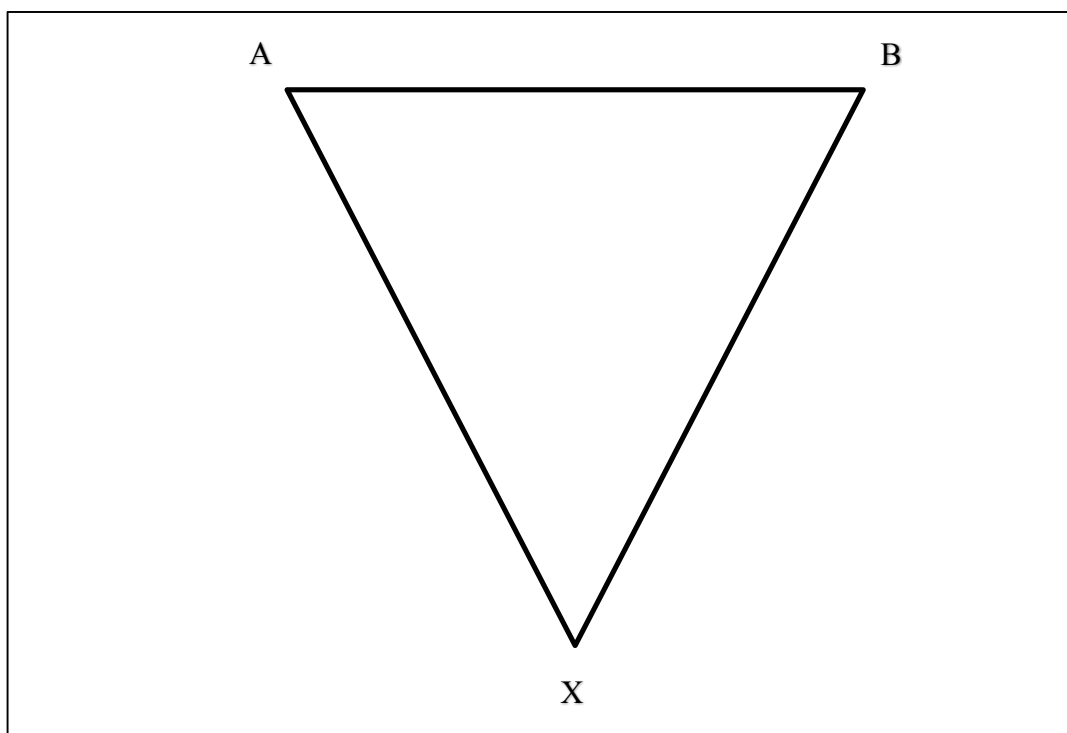
Os métodos de pesquisa consistiram na criação de situações experimentais, nas quais a criança deveria empregar meios externos para ajudá-la a resolver determinada tarefa. O experimentador deveria introduzir meios que possibilitassem à criança “[...] sintonizar a conexão correspondente” (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a). A tarefa era montada, para que a criança não conseguisse resolvê-la de maneira direta, ou seja, por meio do nexo direto entre estímulo e resposta. O signo externo funcionaria como um mediador entre o estímulo e resposta. Assim Vigotski descreve o experimento:

O característico do experimento radica em que no momento dado não há conexão entre ambos os pontos e nos dedicamos a investigar o caráter de sua formação. O estímulo A provoca uma reação que consiste em encontrar X que influi, por sua vez O ponto B. Portanto a conexão entre os pontos A e B não se estabelecem de forma imediata, mas mediada<sup>33</sup>. Isto consiste a peculiaridade fundamental da reação eletiva e de toda a forma superior de conduta. (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a, p. 116).

---

<sup>32</sup> Como veremos adiante, sua intenção não se concretizou imediatamente.

<sup>33</sup> Na sequência dessa explicação, Vigotski geralmente apresenta a figura de um triângulo, para mostrar esquematicamente essa relação (VYGOTSKY, 1929/1994a; VYGOTSKI, [1930] 1982/2004h; VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a; VYGOTSKI; LURIA, [1930] 1984/2007).

**FIGURA 1- ESQUEMA DA ATIVIDADE MEDIADA**

Fonte: Vygotski ([1931] 1960/2000a, p. 116).

Vygotski interpretava que há uma complexa unidade funcional e estrutural, a qual é afetada pela tarefa que precisa ser solucionada, através função instrumental, bem como pelos caminhos que essa função irá seguir. O mesmo problema, se resolvido por diferentes meios, terá uma estrutura diferente. A inclusão de um signo remodela toda a estrutura da operação psicológica, assim como a inclusão da ferramenta remodela toda a estrutura da operação de trabalho<sup>34</sup> (VYGOTSKY, 1929/1994a). O estímulo neutro adquire função de signo, quando se interpõe um obstáculo na resolução de alguma tarefa; a partir de então, a estrutura da operação adquire uma forma essencialmente distinta. As leis básicas que regem esse fenômeno não são abolidas com o domínio do próprio comportamento, mas são subordinadas a essa nova estrutura (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a).

A concepção genética do desenvolvimento das formas superiores está ligada ao conceito de desenvolvimento. A concepção predominante da época via na criança um adulto em miniatura, ou seja, partia de uma visão de desenvolvimento enquanto crescimento, maturação. Vygotski (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a) contraria essa concepção e reafirma a necessidade de compreender as transformações, do ponto de vista qualitativo. A essência do

---

<sup>34</sup> Apesar da analogia, Vygotski (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a) ressalta que a diferença entre a ferramenta e o signo está no fato de que o primeiro modifica algo externo, a realidade, ao passo que o segundo, algo interno, as funções psicológicas.

desenvolvimento seria a colisão entre as formas de comportamento “cultural” e “primitivo”. O mais importante seria o primeiro, pois parte da relação do organismo com seu meio. Por outro lado, os comportamentos “primitivos” não desaparecem, contudo, são superados com a utilização dos instrumentos culturais. No entanto, Vigotski (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a) salienta que superar não significa negar, mas que algo também se conserva no processo de desenvolvimento. Por isso, esta é uma diretriz que busca reproduzir dialeticamente o desenvolvimento do fenômeno.

Na história do desenvolvimento dos comportamentos mediados pelos signos, a criança começa a aplicar a si as formas de comportamento que antes os outros aplicavam a ela. Ocorre a transferência das formas sociais de comportamento para a criança. Inicialmente, o signo é um meio de influenciar os demais. Posteriormente, transforma-se em um meio de influência sobre si mesma. A passagem das funções do plano intersíquico para o plano intrapsíquico foi denominada por Vigotski (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a) “lei genética geral do desenvolvimento cultural da criança”. Ele assinala que a criança chega a dominar seu comportamento, quando domina um sistema de estímulos que é sua chave. Vigotski e outros pesquisadores desenvolveram pesquisas experimentais para observar como se desenvolvem as distintas funções psicológicas superiores, tais como atenção voluntária, memória lógica, formação de conceitos e desenvolvimento da vontade etc.

É no texto “O instrumento e o signo no desenvolvimento da criança” (VYGOTSKI; LURIA, [1930] 1984/2007) e na segunda parte do texto “História do desenvolvimento das funções psicológicas superiores” (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a) que Vigotski expõe os dados experimentais obtidos por meio da aplicação da metodologia desenvolvida.

Vigotski (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a) dedica boa parte do texto “História do desenvolvimento das funções psicológicas superiores” a discutir como se dá o ato instrumental, em diferentes funções psíquicas superiores. Isto é, ele procura demonstrar, a partir dos dados obtidos nos experimentos, como um comportamento inicialmente se utiliza do instrumento psicológico, de forma externa e, depois, de forma interna. Ele trata do desenvolvimento da linguagem oral, pré-história da linguagem escrita, desenvolvimento das operações aritméticas, domínio da atenção, desenvolvimento das funções mnemônicas e mnemotécnicas, desenvolvimento da linguagem e do pensamento e do domínio da própria conduta.

É nas funções mnemônicas e mnemotécnicas que podemos ver mais claramente a função instrumental, em todo seu aspecto funcional e estrutural, porque nela fica evidente a separação entre memória “natural” e “cultural”. Com a introdução de um signo externo para

mediar o processo de memorização, a criança dirige o curso de suas conexões nervosas, substituindo uma conexão nervosa por suas novas conexões (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a). Tem-se a passagem do emprego do signo externo como mediador dessa função para uma mediação interna, ou seja, sem a necessidade do signo externo. Com o desenvolvimento, a criança aprende a dominar os processos de memorização e passa a dirigi-los e governá-los muito mais rapidamente. Nos experimentos realizados, Vigotski observou que existe a tendência nos adolescentes e nos adultos de não usarem um estímulo externo, porém, meios internos para estabelecer ativamente a conexão entre a palavra memorizada e o seu conteúdo. Isso teria sido uma prova do curso do desenvolvimento interno do domínio do signo.

Desse modo, a essência da atividade mediada estava no fato de que, num primeiro momento, ela ocorre utilizando-se de instrumentos psicológicos externamente e que completa o seu desenvolvimento com a internalização<sup>35</sup> dessa mediação. Veremos, na sequência do trabalho, que Vigotski percebeu que essa explicação era simplificada, pois admitia que existia um comportamento empregando externamente o signo e, depois, ocorria sua “internalização”. Essa passagem direta foi vista como insuficiente para explicar o desenvolvimento infantil. Suas pesquisas sobre o desenvolvimento dos conceitos foram um primeiro esforço de mostrar que a utilização de um instrumento psicológico passa por um longo processo de desenvolvimento. Para isso, ele precisou se voltar para a investigação de crianças de várias faixas etárias e não somente de crianças pequenas.

Nas conclusões desse mesmo texto, Vigotski (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a) procura ampliar o que foi exposto sobre as funções psíquicas para uma visão mais integradora. Segundo o autor, nenhuma função se desenvolve por si mesma, com independência das demais. Ele afirma que existe um signo de igualdade entre o desenvolvimento cultural e a personalidade. A personalidade seria um conceito social que abarca, sobretudo, o natural e o histórico no ser humano. Por conseguinte, não seria inata, mas surge como resultado do desenvolvimento cultural, e, por isso, é um fenômeno histórico. A personalidade seria “[...] um conceito reflexo que forma na criança ao aplicar a si mesma os procedimentos de adaptação que aplica aos demais.” (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a, p. 337). A personalidade seria o “social em nós”. Com isso, o autor salienta a necessidade de

---

<sup>35</sup> Não utilizamos essa palavra por acaso. Veremos, mais adiante, que Vigotski, durante esse período, compreendia a transferência do externo ao interno de forma direta. Alguns anos depois, ele passou a compreender essa transferência como um “crescimento interno”.

compreender a totalidade do desenvolvimento humano, por mais que as funções psíquicas sejam investigadas e apresentadas separadamente.

A essência do desenvolvimento cultural consiste, como vimos, em que o homem domina os processos de seu comportamento. Mas a premissa imprescindível para esse domínio é a formação da personalidade, de modo que o desenvolvimento de uma ou outra função depende, e está sempre condicionado pelo desenvolvimento global da personalidade. (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a, p. 329).

A linguagem, por exemplo, reconstrói o pensamento, a memória e outras funções. No desenvolvimento infantil, a linguagem aparece como um meio de influência sobre seu entorno. No início, tem função de comunicação com os demais, depois disso, ela se converte em linguagem interna, que se baseia na comunicação consigo mesmo (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a). A conclusão, portanto, é que a linguagem interior se converte em ferramenta do pensamento da criança.

Vigotski (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a) ressalta que é a partir da formação da personalidade que a visão de mundo da criança é estruturada. A visão de mundo seria um sistema lógico, que forma uma concepção consciente sobre o mundo e sobre seus aspectos mais fundamentais. Em seus termos: “Para nós a concepção de mundo é tudo aquilo que caracteriza a conduta global do homem, a relação cultural da criança com o mundo exterior.” (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a, p. 328). A descoberta do seu “eu” ou a concepção de si começa a se dar por volta dos sete anos, quando a criança supera a lógica egocêntrica e começa a dominar seus próprios processos de pensamento. Entretanto, a concepção de mundo apenas seria formada na adolescência, pois antes haveria uma “atividade no mundo”.

### **5.3 Entre a reflexão e a prática de pesquisa**

No presente capítulo, apresentamos o balanço feito por Vigotski sobre a crise da Psicologia. Ao demonstrar que a crise repousa sobre a antinomia entre posições materialistas e idealistas, acirrada sobretudo pelas exigências da prática, coloca-se no cerne de sua preocupação responder às seguintes perguntas: o que é o psiquismo? Como consequência direta desta, surgiram outras duas: é possível estudar o psiquismo? Se sim, por quais meios? Para compreender o que é o psiquismo, Vigotski negava posições como as da reflexologia, a qual limita o estudo ao comportamento animal. Por essa via não seria possível compreender a diferença qualitativa entre o homem e os demais animais. O homem deveria ser o ponto de referência para o estudo. Este foi um princípio ordenador da sua pesquisa. Além disso, como premissa básica, Vigotski admitia que o psiquismo é objetivo e, consequentemente, seria passível de sua apreensão.

Ao apostar na possibilidade de estudo do psiquismo enquanto uma entidade objetiva, pela via materialista, colocou-se a questão de quais deveriam ser os métodos de cognição dos fatos. Tais métodos e não os procedimentos poderiam ser buscados nos clássicos do marxismo. A relação entre marxismo e Psicologia estava no centro da sua preocupação, tanto na demonstração de que a pretensão de aplicação direta do marxismo à Psicologia seria um sintoma da própria crise quanto, ao mesmo tempo, de ser um caminho necessário para sua superação. cremos, por meio de sua argumentação, que ela expressa seu acordo com a orientação ontológica, tal como anunciado no primeiro capítulo. Isso se evidenciaria, por exemplo, quando frisa que é preciso olhar para o que Marx e outros marxistas escreveram, não para aplicar diretamente à Psicologia ou a outra ciência, mas que precisamos encontrar nesses autores uma “[...] teoria que ajude a conhecer a psique, mas de modo algum a solução do problema da psique, a fórmula que contenha e resuma a totalidade da verdade científica.” (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a, p. 395). Tal verdade não poderia ser encontrada nos clássicos do marxismo, porque esse problema não existia para eles. A verdade sobre a psique seria obtida como “[...] resultado de um trabalho científico secular” (p. 395) e não decorreria da aplicação direta do materialismo dialético.

Ligam-se a essa crítica as formas de aplicação do marxismo à Psicologia e a sua explícita posição contrária a alguns autores, como Kant e Binswanger, os quais acreditavam que são os métodos de conhecimento que determinam a realidade. Vigotski deixa claro, nessa discussão, que é a realidade que determina o conhecimento sobre ela. Portanto, é a realidade que determina o objeto e o método da ciência. Em outros termos, é própria realidade que orienta os conceitos e não o pensamento. Essa seria a proposta da lógica dialética em contraposição à lógica formal. E a forma com que se atesta a compatibilidade dos conceitos com a realidade seria através da prática, tal como anunciado no início do manuscrito.

Vigotski aponta que o que deve ser estudado é o pensamento e não “o pensamento do pensamento”, tal como propunham os fenomenólogos. Isso quer dizer que, para ele, a psique é objetiva, ou seja, pertence aos processos da natureza e, por conseguinte, pode ser estudada. Em termos de teoria do conhecimento, existe, como mencionado, uma diferença clara entre sujeito e objeto. Dada a existência dessa divisão, o método de cognição do objeto do conhecimento seria feito a partir do método analítico-objetivo. Tal método está orientado para o conhecimento da realidade. Ele também possuiria uma estreita relação com o conhecimento experimental. Esse é um dado importante, pois, como vimos, foram as situações experimentais que orientaram sua busca de estudar o psiquismo de forma objetiva. O método analítico conduz à generalização, tendo como base a análise de fatos individuais, os quais são

generalizados para toda uma categoria. O método analítico, em última instância, permite ir para além das aparências e leva o investigador à essência do fenômeno. Desse modo, é por meio do método analítico que se concretiza o método indireto.

O primeiro passo dado por Vigotski no sentido de captar a dialética do homem como objeto da Psicologia foi através da reconstrução do fenômeno. Essa reconstrução pretendeu fazer com que os processos internos fossem transformados em processos externos. O método instrumental foi criado para dar conta da sua principal crítica às teorias da época, qual seja, as materialistas limitavam-se aos processos observáveis e as idealistas somente descreviam e não explicavam os processos internos, subjetivos. Partindo do princípio de que os processos conscientes são objetivos, foi preciso desenvolver uma metodologia que não se limitasse nem aos dados observáveis, nem renunciasse aos processos internos. Em outros termos, era necessária uma metodologia que desse conta de estudar a linha biológica e cultural do desenvolvimento, enquanto processos interligados, como uma totalidade. E, em consonância com os dados que ele já havia recolhido da realidade, por meio das observações de crianças deficientes e pelos dados de pesquisa com macacos antropóides, ele compreendeu que a questão fundamental era procurar entender como a criança adquire a experiência cultural e estabelece o contato social. Ele percebeu que o processo fundamental seria a atividade mediada. Os signos culturais seriam os instrumentos psicológicos responsáveis tanto pelo contato social como transmissão da experiência cultural.

Sua preocupação com a relação entre a base biológica e cultural e, ainda, como a experiência social passava a fazer parte da criança, tinha como base um problema que ele denominou, no final de sua produção, como a questão da “transferência” [*perenós*] (VYGOTSKY, 2018a). Ele acreditava que esse problema era central. O que vimos foi sua primeira tentativa de analisar essa transferência. No entanto, como já mencionamos, ela ainda compreendia a passagem do externo ao interno como sendo direta.

Fez parte do seu objetivo tornar o fenômeno observável, captá-lo no seu processo de desenvolvimento, olhando desde o seu início de formação. Essa orientação também foi uma tentativa de superar as orientações da época, as quais somente olhavam para o fenômeno tal como ele se apresentava ao pesquisador, de maneira imediata. Vigotski, ao contrário, quis explicar como ocorre o domínio do signo cultural, fato que ele entendia ser a chave para explicar a formação da personalidade. Portanto, somado à busca por estudar o fenômeno que estava oculto à observação direta, houve também o objetivo de observar o processo histórico de sua formação, desde sua gênese.



Foi possível identificar, no capítulo anterior, que Vigotski estava formulando várias concepções que dariam origem ao seu projeto científico, antes do que se imaginava. Zavershneva (2014) data em 1927 o aparecimento, de fato, da teoria histórico-cultural, já outros datam sua origem em 1928 (GONZÁLEZ REY, 2013; VAN DER VEER; VALSINER, 2009; VERESOV, 1999). Acreditamos que a data proposta por Zavershneva (2014) seja a mais precisa, porque foi no final de 1927 que Vigotski e Luria expuseram pela primeira vez os resultados do novo método de pesquisa adotado por eles. Segundo Yasnitsky (2018), Vigotski preparou duas apresentações para o Primeiro Congresso Pedológico de Toda a Rússia, que ocorreu no final de 1927. Uma das apresentações de Vigotski teve como título “Método instrumental em pedologia”. Essa exposição teve como complemento a apresentação de Luria intitulada “Sobre o método instrumental – pesquisa psicológica”.

Outra evidência que corrobora essa versão é uma carta endereçada por Vigotski a Luria, em julho de 1927, na qual enfatiza que “[...] o único comentário sério é que todos deveriam trabalhar em seu campo de acordo com o método instrumental” (VYGOTSKY, 2007, p. 19). Tais evidências demonstram o fato de que, antes do final daquele ano, eles já estavam redirecionando seus projetos de pesquisa, considerando o estudo do papel dos instrumentos psicológicos no desenvolvimento infantil.

Apesar dessa tentativa de articulação entre o método de Marx e as pesquisas experimentais, teremos oportunidade de destacar, a seguir, que os limites do método instrumental foram notados por Vigotski, principalmente em dois sentidos. Em primeiro lugar, o signo deixou de ser visto como algo estático e passou a ser relacionado com o desenvolvimento do conceito. Por outro lado, a noção de “funções psíquicas superiores” foi ampliada para um projeto mais unificado, no qual foi introduzida a concepção de “sistemas psicológicos”. No próximo capítulo, iremos mostrar como a prática se impôs e exigiu uma nova abordagem do objeto. As situações experimentais controladas, as quais foram centrais nas pesquisas sobre a atividade mediada, cederam lugar aos estudos de caso clínico e a pesquisas fora do laboratório psicológico.

## 6 FORMAÇÃO DOS CONCEITOS E A IMPOSIÇÃO DOS FATOS

No início da década de 1930, Vigotski ([1930] 1982/2004g) percebeu que a interpretação do processo de desenvolvimento infantil era mais complexa do que parecia anteriormente. Ele começou a desenvolver a hipótese de que a relação entre pensamento e linguagem expressaria o caráter mutável e não constante da consciência. Essa relação não permanece igual, no desenvolvimento posterior à primeira infância. Ele resumiu seus achados nesse período da seguinte forma:

A ideia principal (extraordinariamente simples) consiste em que durante o processo de desenvolvimento do comportamento, especialmente no processo de seu desenvolvimento histórico, o que muda não são tanto as funções, tal como tínhamos considerado anteriormente (**era esse nosso erro**), nem sua estrutura, nem sua parte de desenvolvimento, mas que o que muda e se modifica são precisamente as relações, ou seja, o nexo das funções entre si, de maneira que surgem novos agrupamentos desconhecidos no nível anterior. É por isso que, quando se passa de um nível a outro, com frequência a diferença essencial não decorre da mudança intrafuncional, mas de **mudanças interfuncionais**, as mudanças nos nexos interfuncionais, da estrutura interfuncional. (VIGOTSKI, [1930] 1982/2004g, p. 105, grifo nosso).

A chave explicativa da sua nova interpretação seria a consideração dos “sistemas psicológicos” e não mais a concepção do desenvolvimento das funções psicológicas isoladas. Ele começou a perceber a importância da formação conceitual no desenvolvimento dos sistemas psicológicos.

O limite observado por Vigotski nas pesquisas realizadas sobre o ato instrumental o levaram a essa mudança metodológica. Tal fato foi constatado, ao estudar o adolescente e também os processos de desintegração da consciência. Ele admite esse fato, ao afirmar que “[...] até agora, o defeito de nossas investigações decorreu do fato de nos limitarmos à idade infantil precoce e pouco nos interessarmos pelos adolescentes.” (VIGOTSKI, [1930] 1982/2004g, p. 117). As pesquisas sobre a atividade mediada deram lugar à preocupação sobre o papel dos conceitos no desenvolvimento das funções psicológicas. Metodologicamente ainda existia a ênfase na gênese do pensamento, contudo, a investigação dos conceitos não se limitaria ao início do processo, mas veio a considerar o mapeamento das diferenças pelas quais o pensamento passa, ao longo de toda a infância, até chegar à adolescência. Como veremos, isso fez ele ampliar o método genético-experimental e considerar o estudo dos “cortes genéticos”. Ao reorganizar a pesquisa para privilegiar a investigação do pensamento do adolescente, podemos notar, agora de forma prática, o princípio marxiano do estudo do fenômeno mais desenvolvido.

Aliados às investigações experimentais realizadas em laboratórios, outros dois procedimentos foram empregados, na década de 1930. O primeiro deles foi levado a cabo por Vigotski, através de estudos de casos clínicos. Ele entendia que a compreensão de um processo psicológico pode ser alcançada não apenas se investigando a gênese e a formação de tais processos, mas também através da observação da sua dissolução, em casos neurológicos ou psicopatológicos. Portanto, após a descrição das investigações experimentais de análise da formação dos conceitos, demonstraremos os principais achados de Vigotski obtidos, sobretudo, por meio da sua análise clínica de pacientes com esquizofrenia.

O outro procedimento de análise da formação dos conceitos empreendida por Vigotski e seus colaboradores foram os estudos interculturais. Tais estudos foram estruturados em parceria com Luria, com o objetivo de investigar o possível impacto das transformações sociais e econômicas no pensamento. Luria aplicou provas verbais em habitantes de áreas remotas do Usbequistão. Demonstraremos quais foram os objetivos, procedimentos e conclusões preliminares advindas dessas pesquisas. Também destacaremos algumas críticas e problemas metodológicos decorrentes delas.

Esperamos, ao final do capítulo, evidenciar como o estudo do desenvolvimento do pensamento conceitual se tornou temática principal da obra de Vigotski, no decorrer da década de 1930. A exposição dessa mudança metodológica no estudo do comportamento será fundamental para a compreensão do método semântico, o qual foi seu último método para o estudo da consciência.

## **6.1 O desenvolvimento do método experimental de estudo dos conceitos**

Ao analisarmos como se desenvolveram as investigações sobre a formação de conceitos em crianças, na obra de Vigotski, veremos que elas demonstram o limite da separação da sua obra em fases. Ao procurarmos resgatar como foram desenvolvidas as investigações sobre a formação conceitual, em sua obra, notamos uma sobreposição de tais estudos com as investigações sobre o ato instrumental. Um dos principais colaboradores de Vigotski, responsável pelos primeiros estudos e investigações sobre a formação de conceitos, foi Leonid Sakharov. Suas pesquisas, supervisionadas por Vigotski, foram desenvolvidas até o início de 1928, cujos resultados foram apresentados em primeiro de janeiro de 1928, em uma Conferência Pedológica em Moscou (TOASSA; DELARI JÚNIOR, 2013). Esse fato demonstra que, ao menos dois anos antes de Vigotski (VYGOTSKI, [1930] 1982/2004g) ter expresso que não se levou seriamente em consideração o pensamento do adolescente, sobretudo na forma com que os conceitos se formam, nessa fase do desenvolvimento, as

pesquisas sobre formação de conceitos já estavam sendo realizadas. Isto é, Vigotski já participava da elaboração e análise de dados de pesquisa experimental sobre a formação de conceitos, antes de tomar esse problema como central para sua pesquisa, no início da década de 1930.

No entanto, essa forma de estudo dos conceitos ainda estava sob a égide do “método funcional de dupla estimulação”, o mesmo utilizado para o estudo da atividade mediada. Nós nos deteremos, neste ponto, em descrever brevemente como foram realizadas essas pesquisas, para, na sequência, apontar como Vigotski estudou o processo de formação dos conceitos na adolescência, o processo de desintegração da consciência na psicopatologia e pesquisas com habitantes de regiões remotas, através de uma nova chave interpretativa, diferente daquela que considerava apenas a atividade mediada pelo signo como forma de explicar as funções psicológicas.

#### 6.1.1 Sakharov e as bases metodológicas para o estudo da formação do conceito

Na década de 1920, um dos principais métodos de estudo dos conceitos era o “método de definições”. Esse método fora desenvolvido e utilizado por psicólogos, tais como Francis Aveling, Narzi Ach e Rimat. Sakharov e Vigotski empreenderam uma revisão do trabalho desses autores, de sorte a estudar o desenvolvimento dos conceitos na infância, replicando esse método de estudo. Porém, diante dos problemas encontrados, ele foi reformulado para atender aos objetivos de pesquisa dos psicólogos soviéticos. Sakharov (1928/2013), na já referida publicação, empreendeu uma exaustiva análise de tal método, precisamente para apontar seus limites e demarcar as modificações que eles haviam empreendido, a partir dele. Sakharov (1928/2013, p. 696) assim o descreve:

As técnicas seguintes para estudar conceitos infantis são modificações do método de definição: o experimentador enumera atributos que são parte do conteúdo de um conceito e pede à criança para nomear o conceito ou conceitos, ou a criança deve produzir um conceito genérico unindo todos os atributos.

Assim como o objetivo do método instrumental é o estudo indireto da atividade mediada, Sakharov (1928/2013) ressalva que o “método de definições” é uma forma de estudo indireto dos conceitos. O propósito desse método não é o estudo da gênese da formação dos conceitos, mas os conceitos já existentes. O que esse método apresenta são os índices dos conceitos que a criança possui e não a forma com que eles são empregados em “tarefas vitais”. Isto é, tem-se a descrição do conteúdo dos conceitos e não o uso prático desses conceitos, como “[...] respostas aos objetos no mundo ao redor da criança.” (p. 697).

Esse método foi muito adotado para medir o “talento intelectual infantil”, isto é, como um instrumento de avaliação psicológica.

O principal desafio enfrentado pelos pesquisadores no estudo da formação conceitual, tal como descreve Sakharov (1928/2013), era diferenciar o que os alemães chamavam de quase conceitos (*Scheinbegriffe*) e conceitos genuínos (*echte Begriffe*). Em um caso, podemos ter uma criança definindo um conceito de uma forma mecânica, através da reprodução da sua definição memorizada e, no outro, podemos ter uma criança definindo o conceito de forma lógica. Todo o problema dos métodos de estudo desse período se centrava na tentativa de superação dessa ambiguidade. Era preciso “observar” o processo de formação de um conceito, sem tomar um “quase conceito” por um “conceito genuíno”. Como veremos mais à frente, Vigotski, ao propor o método semântico, se ocupou precisamente de criar procedimentos de pesquisa que pudessem captar o processo de formação dos conceitos e investigar os processos psicológicos por trás deles.

Alguns fatores intensificam a ambiguidade do experimento que utiliza o método de definições. Um deles é a confusão da criança, ao receber a tarefa. Outro fator é derivado do fato de que o significado da palavra permanece oculto à criança, em razão da forma com que ela usualmente aprende as palavras. Portanto, o defeito do método de definição, da maneira como era proposto pelos alemães, seria que ele não explica como a criança forma a definição de um conceito. Ou seja, esse método não considera como os conceitos são gerados e trabalha somente com “conceitos terminados”.

Na busca por compreender os métodos de investigação dos conceitos, Sakharov analisa as pesquisas que estudam um componente básico deles: a abstração. Ao revisar os estudos sobre a abstração levados a cabo até aquele período, sobretudo pelos psicólogos alemães, Sakharov percebeu que tais pesquisas estudavam “[...] situações essencialmente estranhas a condições naturais em que esses processos levam à formação de conceitos.” (SAKHAROV, 1928/2013, p. 701). A base dos experimentos era o emprego de formas geométricas, na maioria das vezes, com formas e cores distintas. Os pesquisadores investigavam o processo de abstração das crianças dessas características, limitados, portanto, aos “estímulos-objeto”.

Sakharov notou, sabiamente, que faltava a esses experimentos o fator mais importante na formação de conceitos: a palavra. “Os produtos de abstração, portanto, entram em relação íntima com as palavras, e um conceito nasce: o significado de uma palavra.” (SAKHAROV, 1928/2013, p. 701). Prova do papel fundamental da palavra no processo de formação conceitual, conforme o autor, seria vista nas investigações de crianças “normais” e surdas-

mudas. Era patente uma melhora no processo de abstração daquelas crianças surdas-mudas, quando da aprendizagem da linguagem. Sua capacidade de abstração aumentava significativamente com essa aprendizagem, fato que fazia a diferença em relação às crianças de desenvolvimento típico diminuir.

A importância das palavras para o processo de abstração levou Sakharov e Vigotski a se deterem nas pesquisas experimentais do processo de formação de conceitos em crianças. Diversos autores, principalmente alemães, desenvolveram procedimentos experimentais bastante sofisticados para o estudo do conceito. Eles elaboraram uma metodologia de pesquisa dos conceitos que, diferentemente do método de definição, que partia de conceitos já formados e que dependia do conhecimento escolar, utilizava palavras artificiais, no lugar de palavras da língua materna. O objetivo de certos autores, como Aveling, Ach, Rimat e outros, ao não usar palavras da língua materna, foi de buscar distinguir as “vivências de sentido” das vivências associadas à percepção da palavra como estímulo auditivo e visual. Em outros termos, tal método visava a “observar” a utilização de uma palavra, sem a sua associação imediata a um significado previamente estabelecido. Os autores pretendiam investigar o processo “puro” de abstração e formação de conceito, tal como ele se desenvolvia independentemente dos conceitos já desenvolvidos.

Sakharov (1928/2013) afirma que as pesquisas de Ach foram um marco no estudo do processo de formação dos conceitos, em razão do procedimento experimental criado por ele. O método de pesquisa de Ach era denominado método de busca (*suchmethode*). Esse método tinha quatro méritos: 1) focava-se no processo de formação de novos conceitos, não se limitando ao estudo dos conceitos já prontos; 2) o método de investigação experimental era “sintético-genético”, pois, durante o experimento, o sujeito deveria, gradualmente, chegar à construção de um novo conceito. Isso implica que deveriam ser criados conceitos experimentais “[...] com o agrupamento artificial de atributos que pertencem a eles” (p. 705); 3) era preciso empregar palavras artificiais, sem sentido, para que adquirissem sentido, durante o curso do experimento. Deveria ser possível, experimentalmente, investigar como uma palavra passava a representar um objeto ou grupo de objetos; 4) por fim, existia a necessidade de estudo do aspecto funcional do emprego dos conceitos. O sujeito experimental deveria ser capaz de, usando um conceito criado artificialmente, resolver tarefas colocadas a ele que somente poderiam ser resolvidas adotando-se o conceito criado artificialmente.

O experimento criado por Ach envolvia a apresentação de figuras geométricas feitas em papel cartão de diferentes formatos, tamanhos, pesos e cores. A criança deveria ser treinada, durante várias sessões, para identificar que cada uma dessas características possuía

uma palavra para se referir a ela, como figuras grandes e pesadas, as quais recebiam uma etiqueta com a palavra “gazun”. Depois de aprendidos os diferentes significados, o experimentador fazia questões para a criança que exigissem a utilização desses conceitos artificiais, tais como perguntar: “Como ‘gazun’ difere de ‘ras’?” (SAKHAROV, 1928/2013, p. 708). O objetivo principal do experimento é transformar um “[...] signo sem sentido em uma palavra significativa.” (SAKHAROV, 1928/2013, p. 710).

A despeito da importância do método de construção de conceitos artificiais de Ach, Sakharov (1928/2013) afirma que seus experimentos se limitavam à associação mecânica de objetos individuais a signos individuais (SAKHAROV, 1928/2013, p. 716). Além disso, os seguintes problemas são encontrados, nessa forma de experimento:

Os experimentos começam com uma associação mecânica de objetos individuais com signos individuais. O sujeito não sabe porque está fazendo isso, ele não tem uma “tarefa”. O agrupamento de figuras, a partir de sua simetria, distrai sua atenção das conexões condicionais formadas entre os objetos e os signos verbais, levando à formação de novas conexões, conexões entre os próprios objetos. Como resultado, o mecanismo de associação (até quando o primeiro período de exercício é deliberadamente prolongado para várias dúzias de repetições) torna-se impotente: um conceito não é formado. Embora tenha uma tarefa, o sujeito é incapaz de resolvê-la. Entretanto, ocorre um ponto de inflexão decisivo: apareceram uma tarefa e a elaboração de uma finalidade; todos os processos são gradualmente reordenados, o mecanismo de associação adquire novo uso e, depois de uma ou várias tentativas, a tarefa de selecionar um grupo de figuras é resolvida com base em um conceito formado com o auxílio de palavras. Eis o sentido do método de Ach. (SAKHAROV, 1928/2013, p. 716).

Ao argumentar sobre os limites do método de Ach, Vigotski (1934/2001a) também concorda que o principal defeito do método sintético-genético era a retirada do conceito da sua relação natural, “[...] fora do vínculo com os processos reais de pensamento em que surge, é descoberto e vive.” (p. 154). A palavra isolada fornecida pelo experimentador, para Vigotski, não dá ideia de como é a palavra “em ação”, de como ela opera com a palavra num processo vivo de solução de um problema. Em acréscimo, a palavra artificial era fixa e não se modificava. Ou seja, o experimento estava organizado, desde a instrução, para fornecer uma forma de uso pré-definida do signo, não dando margem para que a criança desenvolvesse individualmente o conceito. Em outros termos, Vigotski entende que o experimento está organizado de sorte que no próprio problema está contida sua solução, não dando margem para que a criança crie formas de pensamento próprias.

Em razão dessa organização que homogeneiza os problemas e os objetos, outro grande defeito, na opinião de Vigotski (1934/2001a), é o fato de que os dados obtidos não conseguem explicar as diferenças de pensamento, em cada faixa etária. Não é possível compreender como as formas de pensamento se desenvolvem, já que a forma de resolução é sempre a mesma para

todos. Por isso, Vigotski afirma a necessidade de se investigar a formação conceitual de um ponto de vista “genético-causal”.

Diante dos limites constatados no experimento de Ach, Sakharov e Vigotski desenvolveram uma outra maneira de estudar os conceitos utilizando palavras artificiais. Na sequência, apresentaremos as características gerais desse experimento e os achados feitos por Sakharov e Vigotski, a respeito de como ocorre a formação dos conceitos.

#### 6.1.2 Metodologia instrumental de investigação dos conceitos artificiais

A modificação operada por Sakharov e Vigotski, no estudo da formação conceitual, diferiu quanto ao significado que o método de dupla estimulação adquiriu nessa modalidade de pesquisa. O problema do método de dupla estimulação não havia sido colocado pela teoria de Ach, Rimat ou Aveling (SAKHAROV, 1928/2013). Essa nova forma de utilização do método de dupla estimulação foi influenciada pela ideia de Vigotski sobre o desenvolvimento de formas superiores de comportamento. Vigotski (1934/2001a) frisa que a essência de tal método é que se “[...] estudam o desenvolvimento e a atividade das funções psicológicas superiores com o auxílio de duas séries de estímulos; uma desempenha a função do objeto da atividade do sujeito experimental; a outra, a função dos signos através dos quais essa atividade se organiza.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 164).

Apontamos acima as advertências feitas por Sakharov e Vigotski ao método de Ach, no que diz respeito à falta de um sentido que a atividade experimental tem para a criança. Haveria, para os autores, uma acumulação mecânica de associações entre uma série de objetos e palavras. Essa associação seria insuficiente para caracterizar um conceito. Vigotski (1934/2001a) sustenta que, apesar de Ach querer demonstrar que o fortalecimento de uma relação associativa entre palavra e objeto era insuficiente para explicar o surgimento de um conceito, ele manteve “[...] inteiramente a forma tradicional de todo o processo de formação de conceitos, subordinando a um esquema que pode ser expresso pelas palavras: de baixo para cima, de alguns objetos concretos para poucos conceitos que os abrangem.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 162).

Esses limites foram constatados por Sakharov (1928/2013), ao conduzir uma série de estudos usando o método de Ach. Ele notou que a “[...] principal falha no procedimento era que as operações psicológicas em que estávamos interessados não eram suficientemente trazidas à superfície, **não eram externamente manifestas.**” (SAKHAROV, 1928/2013, p. 716, grifo nosso). O comportamento das crianças, nesses experimentos, era estereotipado, constituindo em pegar objetos em uma ordem específica e fazer a leitura das inscrições neles.



Desse modo, os estímulos apresentados pela situação experimental não tinham efeito no comportamento da criança. Além disso, a forma de organização da série de objetos também produzia uma falha fundamental, pois, “[...] em processos naturais de formação de conceitos, objetos nunca são agrupados em um sistema simétrico tão harmonioso.” (SAKHAROV, 1928/2013, p.717). Essa forma artificial de agrupamento dos objetos obscurece a interação que ocorre entre “estímulos verbais” e “estímulos-objeto”.

O mérito dos experimentos de Ach e Rimat foi demonstrarem que o ponto de vista associativo, isto é, que compreende que o conceito é simplesmente uma associação entre palavra e objeto que se fortalece continuamente, estava incorreto. Os experimentos revelaram, ao contrário, que a formação de conceitos possui um caráter produtivo e criador (VIGOTSKI, 1934/2001a). Eles também evidenciaram o papel funcional do conceito, ou seja, que ele somente surge, quando se apresenta algum problema prático cuja resolução depende da formação conceitual.

Tendo isso em vista, a maior inovação feita por Sakharov e Vigotski ao estudo dos conceitos utilizando conceitos artificiais foi dar um sentido ao mesmo. A criança teria uma tarefa que ela pudesse realizar, a fim de, ao longo do processo, desenvolver artificialmente determinados conceitos. Conforme Sakharov (1928/2013), “[...] as condições para a formação de conceitos são apresentadas apenas quando o sujeito elabora uma finalidade, uma tarefa. Sob a influência de uma tarefa e das tendências determinantes dela derivadas, processos mentais passam por uma mudança abrupta.” (SAKHAROV, 1928/2013, p. 715).

O experimento foi desenvolvido para que a palavra tivesse um papel principal no processo de formação do conceito. A palavra, agora como um “estímulo verbal” (*riétchvie stimuli*), desempenha um papel de estímulo “instrumental” (SAKHAROV, 1928/2013, p. 716). Esse estímulo foi chamado de “instrumental” pelo mesmo motivo focalizado no capítulo terceiro: ele deveria modificar o comportamento da criança.

A diferença em relação ao método de Ach estava em que não se estabelecia a ligação entre palavras e objetos, previamente. Ao invés de agrupar previamente os objetos, artificialmente, os objetos deveriam ser apresentados de forma não organizada, para que, então, pudessem ser denominados usando palavras. No método de dupla estimulação, por conseguinte, o problema é colocado desde o início, mas as formas de sua resolução vão sendo inseridas paulatinamente. Esse procedimento inverte a ordem da resolução do problema em comparação aos experimentos de Ach. O processo de solução do problema vai do geral ao particular e não do concreto ao abstrato, como no método de Ach. Nas palavras de Vigotski (1934/2001a, p. 165):

Ao transformar, assim, os meios de solução do problema, ou melhor, os signos-estímulos ou palavras em uma magnitude variável, transformando o problema em magnitude constante, ganhamos a possibilidade de observar como o sujeito experimental aplica os signos como meios de orientação das suas operações intelectuais e como, dependendo do meio e do emprego da palavra e da aplicação funcional, transcorre todo o processo de formação do conceito.

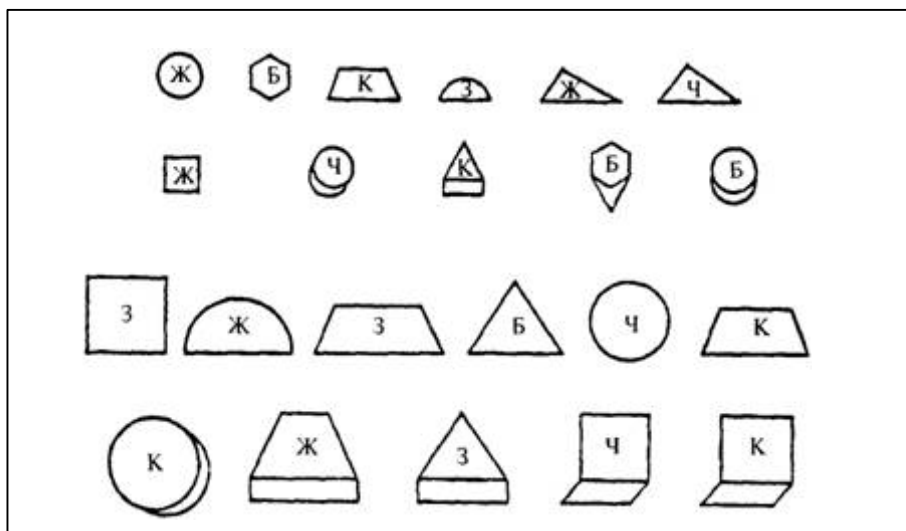
Essa foi a segunda inovação promovida pela metodologia de Sakharov e Vigotski. Portanto, vemos aqui uma clara ligação entre a investigação da formação dos conceitos e aquelas sobre o papel do signo no desenvolvimento do comportamento cultural.

O primeiro procedimento operado na modificação de Sakharov do modelo experimental de Ach consistiu na disposição aleatória de peças sobre um tabuleiro, sem um treinamento prévio ou demonstração de associação entre as peças e as palavras. Foram dispostas entre 20 e 30 peças, em um tabuleiro, com diferentes características: (1) cor (amarelo, vermelho, verde, preto, branco), (2) forma (triângulo, pirâmide, retângulo, paralelepípedo, cilindro), (3) altura (baixo e alto), (4) dimensões planas (pequeno e grande). Uma palavra-teste era escrita no fundo de cada figura.

Havia quatro palavras-teste: 1) “Bat” era escrita em todas as figuras pequenas e baixas, independentemente da cor e forma; 2) “Dek”, nas pequenas e altas; 3) “Rots”, nas grandes e baixas; e 4) “Mup”, nas grandes e altas (SAKHAROV, 1928/2013, p. 717-718). As peças são dispostas aleatoriamente no tabuleiro e se coloca a seguinte tarefa para a criança: as peças no tabuleiro são brinquedos de crianças de um país estrangeiro. É dito que alguns brinquedos são chamados de “bat” e que, se a criança colocar todos os brinquedos “bat” num lugar específico, ela irá ganhar um prêmio. A criança deve ser capaz de separar as peças, de acordo com as “palavras-testes” em lugares específicos do tabuleiro, sem virar as peças. O experimentador então observa a forma com que as crianças agrupam as diferentes peças. O princípio básico do procedimento exposto é que

[...] se dá a série de objetos de forma completa desde o início do jogo, mas a série verbal é gradualmente aumentada; todos os novos itens dessa série, gradualmente, entram no jogo um por um. Depois de cada mudança na série verbal, isto é, na natureza da dupla estimulação, a criança nos dá sua livre reação, com base na qual podemos avaliar o grau de utilização funcional dos itens na série verbal e as reações psicológicas da criança à série de objetos. (SAKHAROV, 1928/2013, p. 717).

**FIGURA 2- PEÇAS UTILIZADAS NOS EXPERIMENTOS COM PALAVRAS ARTIFICIAIS**



Fonte: Vigotski (1934/2001a, p. 166).

Em resumo, o experimento realizado por Sakharov difere do de Ach, uma vez que apresenta peças em quantidade aleatória de atributos e dispersas irregularmente, no tabuleiro. Como discutido acima, essa espécie de organização visava a observar o desenvolvimento de diferentes formas de pensamento. Esperava-se que a criança desenvolvesse os quatro conceitos, com base nas palavras inseridas no fundo das figuras. Cada conceito abrange dois atributos, como mencionado. A inovação do experimento é sua exposição em forma de jogo, dando um propósito a atividade realizada. Sua tarefa é separar as peças de acordo com os atributos representados pelos conceitos. Os objetos são dados imediatamente à criança, mas os conceitos são “descobertos”, na medida em que eventualmente ela erra a disposição das peças e é apresentada a uma nova palavra.

O objetivo do experimentador é observar quais formas de raciocínio a criança desenvolve, ao longo do processo, para agrupar as peças. Sakharov realizou uma análise preliminar (que tomou um parágrafo do artigo) dos dados experimentais. Verificou-se que os conceitos infantis passam por três estágios: primeiramente, a palavra é um “signo individual com seu nome próprio”; logo, torna-se um nome de família, no qual são associados objetos concretos (conceito por complexo); por fim, começa-se uma “abstração geral.” (SAKHAROV, 1928/2013, p. 720).

Sakharov não menciona que a forma de abstração geral se forma somente na adolescência, fato que foi abordado futuramente por Vigotski (VYGOTSKI, 1934/2001a; 1931/2006b). No início da década de 1930, Vigotski (1930/2004g) expandiu esse

procedimento de análise da formação dos conceitos. O foco principal foi estudar como os conceitos completam o seu desenvolvimento na adolescência e quais os impactos para as funções psicológicas. Na sequência, destacaremos como Vigotski interpretou esses achados e qual o valor da formação dos conceitos para a sua explicação da personalidade consciente.

### 6.1.3 Desenvolvimento dos conceitos na adolescência

As pesquisas sobre a formação dos conceitos utilizando o método de dupla estimulação tomou lugar central na metodologia de Vigotski, no início da década de 1930. Como indicado no início do capítulo, Vigotski abandonou o estudo da gênese da atividade mediada em favor do estudo experimental da formação dos conceitos. Os conceitos passaram a ser a chave explicativa para a formação das funções psicológicas superiores. Podemos acompanhar a trajetória das pesquisas de Vigotski, por intermédio de alguns textos.

O primeiro deles é o capítulo quinto do livro *Pensamento e linguagem* [*Michliênne i riétch*] (1934/2001a). O próprio Vigotski afirma que o capítulo quinto já havia sido publicado como parte de um curso por correspondência. É possível verificar que o texto “O desenvolvimento do adolescente e a formação de conceitos” (VYGOTSKI, 1931/2006b)<sup>36</sup> contém quase que inteiramente as formulações enfocadas no referido capítulo. Esse texto fez parte de um conjunto de textos sobre a “Pedologia do adolescente”, publicados em formato de manual para professores, entre 1928 e 1931. O texto referido sobre a formação conceitual nos adolescentes provavelmente foi escrito entre 1930 ou 1931. Podemos inferir a atribuição desse texto a esse período também em razão da concepção sobre o processo de desenvolvimento dos conceitos contidos nele, pois contrasta com anotações feitas por Vigotski, em meados de 1932 (VYGOTSKY, 2018a). Além disso, contrasta com o capítulo sexto de *Pensamento e linguagem*, escrito provavelmente entre 1933 e 1934.

Do ponto de vista metodológico, Vigotski (1931/2006a) ressalta a necessidade de aliar a análise funcional e genética, na investigação experimental do desenvolvimento dos conceitos. Ele tem plena consciência de que o experimento nunca reflete a forma como o fenômeno ocorre, na realidade. Contudo, este não é um defeito, mas um mérito da situação experimental, uma vez que ela expressa de maneira abstrata a gênese do processo de formação dos conceitos. Assim, tais situações têm a capacidade de revelar como esse processo ocorre,

---

<sup>36</sup> Esse material está disponível no quarto tomo das obras escolhidas em espanhol. Como indicado, os textos contidos nele foram publicados em manuais para professores. Também estão nesse conjunto de textos reunidos trabalhos sobre “Problemas sobre a psicologia infantil”, estes escritos entre 1932 e 1934. Estes últimos foram preparados para publicação, todavia, Vigotski faleceu antes de fazê-lo. Para diferenciar o conjunto de textos, indicaremos a partir das datas de publicação e de provável escrita.

na vida real. Para justificar sua posição, ele afirma que o pensamento dialético não contrapõe os métodos lógico e histórico do conhecimento. Vigotski remete a Engels, para o qual o método lógico de investigação é o mesmo que o método histórico, com a diferença de que, no método lógico, estão ausentes as formas históricas particulares do processo investigado. A contraposição entre o lógico e o psicológico seria uma característica dos neokantianos (VIGOTSKI, 1931/2006a, p. 80). Contrário a essa posição, Vigotski advoga que a análise lógica do desenvolvimento dos conceitos é a chave para o estudo do desenvolvimento psicológico, no qual o aspecto lógico não se contrapõe ao psicológico.

Vigotski (1934/2001a) faz uma descrição lógica dos principais momentos pelos quais passa o processo de formação de conceitos até sua forma superior, madura. Na vida real, o processo aparece de forma complexa, mista, e sua descrição lógica é “[...] um reflexo em forma abstrata do processo real de desenvolvimento dos conceitos.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 200). Vigotski (1934/2001a, p. 200-201) completa assim sua argumentação:

Desse modo, os momentos fundamentais do desenvolvimento dos conceitos, revelados na análise experimental, devem ser concebidos historicamente e interpretados como reflexo dos estágios mais importantes por que passa o processo real de desenvolvimento da criança. Aqui a análise histórica se torna a chave para compreensão lógica dos conceitos. O ponto de vista do desenvolvimento se torna ponto de partida para a explicação de todo o processo e de cada um dos seus momentos particulares.

Tal princípio se relaciona à discussão travada sobre o papel da abstração, no processo de conhecimento científico. Tendo como base esse princípio, Vigotski buscou analisar o desenvolvimento histórico dos casos particulares pelos quais passa a formação dos conceitos, com o objetivo de captar a sua lógica geral, isto é, a generalização do fenômeno.

Destacamos a afirmação que ressalta que a análise histórica é a chave para a compreensão da lógica dos conceitos. Vigotski estava convencido de que, para poder explicar logicamente o pensamento infantil, seria preciso acompanhar historicamente o aparecimento das suas formas superiores de pensamento, desde a gênese até as suas formas mais maduras. Desse modo, o método histórico é um dos fundamentos do método de Vigotski que ele absorve da dialética materialista.

Nessa linha, as pesquisas de Sakharov e Vigotski tiveram o objetivo de analisar historicamente o processo de formação de conceitos. Ao investigar crianças de diversas idades, adolescentes e adultos, foi possível elucidar as diferenças de pensamento, em cada momento do desenvolvimento. A conclusão principal, que Vigotski chama de lei geral, dá conta de que a formação do conceito começa na fase precoce da infância e completa seu desenvolvimento somente na puberdade. Antes do seu desenvolvimento completo, na adolescência, existiriam

“formações intelectuais originais”, as quais, em sua aparência, poderiam ser confundidas com um “verdadeiro conceito”. As formas intelectuais podem passar por verdadeiros conceitos apenas do ponto de vista funcional, pois surgem de maneira semelhante, na solução dos problemas. Contudo, os experimentos demonstraram que são diferentes em sua natureza psicológica, composição e estrutura (VIGOTSKI, 1934/2001a).

A pesquisa experimental da formação dos conceitos desenvolvida pelos psicólogos soviéticos produziu a seguinte tese básica: “[...] a formação de conceitos é um meio específico e original de pensamento, e o fator imediato que determina o desenvolvimento desse novo modo de pensar [...]” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 168-169). Esse novo modo de pensar é qualitativamente superior no adolescente. Isso quer dizer que funções psicológicas elementares, como associação, representações, juízos etc., participam da formação do conceito, mas nenhuma delas é o “[...] **momento determinante** e essencial [*opredeliaiushchim i sushchestvennim momentom*] que pode explicar o surgimento de uma nova forma de pensamento qualitativamente original e irreduzível a outras operações intelectuais elementares.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 169, grifo nosso).

Vigotski (1934/2001a) assevera que o momento determinante da formação conceitual é o emprego funcional da palavra como meio pelo qual o adolescente “[...] subordina suas próprias operações psicológicas, através do qual ele domina o fluxo dos próprios processos psicológicos e lhes orienta a atividade no sentido de desenvolver os problemas que têm pela frente.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 169). Dado que o conceito surge do meio social, é este que estimula o pensamento do adolescente, para que ele desenvolva as suas potencialidades. A motivação para o desenvolvimento dos conceitos vem da colocação de tarefas e problemas pelo meio social. Porém, conforme já ressaltado, o desenvolvimento do pensamento somente ocorrerá, quando a palavra for utilizada para resolver os problemas propostos. Portanto, o emprego funcional da palavra é um marco no processo de desenvolvimento do pensamento da criança, e é o que possibilita o desenvolvimento de funções psicológicas superiores.

As pesquisas experimentais sobre a formação dos conceitos chegaram à conclusão de que existem três fases pelas quais o conceito passa, até se desenvolver completamente, na adolescência. Na primeira fase, o conceito é um encadeamento sincrético. A segunda fase do desenvolvimento dos conceitos é caracterizada pela formação de complexos. E, por fim, a terceira fase completa o desenvolvimento com os verdadeiros conceitos.

No início da formação dos conceitos, há um **encadeamento sincrético dos objetos**, porque faltam nexos objetivos entre os objetos. Por essa razão, a criança estabelece nexos subjetivos para ordenar os objetos da realidade. O significado dado pela criança, nessa fase,

pode lembrar o significado dado pelo adulto. Contudo, isso demonstra apenas uma relação aparente entre as duas formas de emprego do conceito. Essa coincidência existe, porque, no meio dos diferentes traços, estão refletidos traços objetivos compartilhados pela criança e pelo adulto. Vigotski (1934/2001a) mostra que, frequentemente, os traços concretos de um objeto se cruzam na comunicação entre adulto e criança, e isso é suficiente para que se entendam.

No entanto, as operações psicológicas para se chegar ao significado são inteiramente diversas. Esse estágio, por sua vez, se divide em outras três fases. No primeiro momento, a criança escolhe novos objetos ao acaso. A base para tal escolha é tentativa e erro. Ela muda sua escolha imediatamente, após verificar o erro. A segunda fase de agrupamento dos objetos se guia pela percepção imediata. A criança se orienta pelos seus vínculos subjetivos e não pelos traços objetivos do objeto. É a impressão que a criança tem dos traços objetivos que orienta seu agrupamento. Por fim, a terceira e última fase é aquela na qual a criança passa à imagem sincrética. Nesse momento, a formação do conceito se apoia na atribuição de um único significado aos representantes de diferentes grupos, sobretudo àqueles que partem da percepção da criança (VIGOTSKI, 2001).

O segundo estágio pelo qual a formação conceitual passa é do **pensamento por complexos**. A característica principal dessa forma de pensamento é a construção de complexos que têm o mesmo sentido funcional de um verdadeiro conceito. Ao invés de realizar um agrupamento desconexo dos objetos, a criança começa a unificar objetos homogêneos em um grupo comum. Ela passa, então, a vincular os objetos através dos vínculos objetivos que descobre. Vigotski (1934/2001a) destaca que a criança, nessa fase, superou o egocentrismo e já não confunde suas próprias impressões com as relações entre os objetos. A principal diferença em relação aos verdadeiros conceitos, formados na adolescência, reside no fato de que os complexos são constituídos segundo leis do pensamento diversas das leis do conceito.

Ora, o tipo de agrupamento dos objetos reflete vínculos objetivos, mas de modo diferente dos conceitos. O complexo é definido como uma “[...] generalização ou a unificação de objetos heterogêneos.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 180). Os traços são associados de modo diverso, geralmente sem nada em comum. “No conceito, os objetos estão generalizados por um traço, no complexo, pelos fundamentos factuais mais diversos.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 181). Assim, como o estágio anterior possui fases intermediárias de formação, no pensamento por complexos também é possível ver cinco fases pelas quais tal forma de pensamento transcorre.

A primeira fase identificada por Vigotski é a fase **associativa**. A criança se baseia em qualquer vínculo associativo entre os objetos, para agrupá-los. A base da vinculação é um vínculo concreto entre os objetos. Nessa fase, as palavras deixam de ser denominadas pelo nome próprio e passam a ser denominadas pelo nome de família.

A segunda fase é a de **coleção**. Nessa fase, a criança combina os objetos a partir de um traço comum, segundo sua função. A diferença em relação à fase anterior é que, nesta, a criança não inclui exemplares repetidos, isto é, os objetos que possuem o mesmo indício externo. Ao invés de associação por semelhança, tem-se a associação por contraste.

A terceira fase do pensamento por complexos é a do **complexo em cadeia**. Essa espécie de complexo se “[...] constrói segundo o princípio da combinação dinâmica e temporal de determinados elos em uma cadeia única e da transmissão do significado através de elos isolados dessa cadeia.” (VIGOTSKI, 2001, p. 185). Ainda existe um vínculo associativo, mas agora não isolado, isto é, ligado a outro objeto. Essa fase evidencia uma diferença clara em relação aos verdadeiros conceitos, ao não existir um vínculo hierárquico, nem relações hierárquicas entre os traços dos objetos. Além disso, essa vinculação não possui um centro. O mero contato superficial entre os objetos já é suficiente para a formação de um vínculo.

A quarta fase é do complexo **difuso**. A combinação dos objetos é feita por vínculos difusos e indefinidos. Há a completa impossibilidade de se definir os limites da relação entre os objetos. Ocorre a oscilação dos traços que são vinculados. Permanecem os vínculos concretos. Contudo, a diferença é que esses vínculos se baseiam em traços incorretos.

Por fim, a última fase do pensamento por complexos é a fase dos **pseudoconceitos**. Externamente, essa forma de generalização parece o conceito de um adulto, mas diverge internamente, quanto à sua natureza psicológica (VIGOTSKI, 1934/2001a).

A forma de pensamento amparada nos pseudoconceitos é a forma predominante de pensamento por complexos da criança pré-escolar. Vigotski (1934/2001a) assinala que a causa para isso se deve ao fato de que o significado infantil não ocorre de forma livre, todavia, é estabelecido no discurso dos adultos. Somente a situação experimental permite observar a forma “livre” de generalização da criança, sem a influência da linguagem já elaborada. Com isso, é possível constatar como ela cria generalizações segundo seus próprios critérios. Na comunicação com o adulto está a forma superior de generalização. Entretanto, essa forma superior não é apropriada pela criança imediatamente, no momento em que utiliza os mesmos conceitos. Eles passam por um longo processo de desenvolvimento. É precisamente por isso que se acreditava que uma criança de três anos já possuía em sua plenitude as formas de



atividade intelectual do adulto. Confundia-se, em termos funcionais, o pseudoconceito com um conceito verdadeiro. Funcionalmente, eles poderiam se igualar, mas são inteiramente diferentes em sua estrutura.

O pseudoconceito tem um significado fundamental para o pensamento infantil. Vigotski destaca que ele é o elo entre o pensamento por complexos e o pensamento por conceitos. Nele já está contido o embrião do futuro conceito. Vigotski (1934/2001a) assevera que a comunicação verbal com os adultos é um “[...] potente fator de desenvolvimento dos conceitos infantis.” (p. 198). A criança aplica paulatinamente, em sua atividade prática, os conceitos que assimila dos adultos. Portanto, ela usa o conhecimento, antes de assimilá-lo. Desse modo, o “[...] conceito ‘em si’ e ‘para os outros’ se desenvolve na criança antes que desenvolva o conceito ‘para si’.” (p. 198). Essa descoberta será fundamental para a orientação do método semântico proposto por Vigotski, no estudo dos conceitos espontâneos e científicos. Logo, um ato de pensamento realizado pela criança com auxílio de uma palavra não coincide com as mesmas operações psicológicas de um adulto, quando este pronuncia a mesma palavra (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 215). Isso demonstra que o pseudoconceito é, para Vigotski, a ligação entre o pensamento concreto metafórico e o pensamento abstrato.

Vigotski (1934/2001a) deixa explícito que o pensamento do adulto não opera exclusivamente com verdadeiros conceitos, mas guarda resquícios do pensamento por complexos. Quando um adulto se remete, por exemplo, a utensílios domésticos ou artigos de vestuário, a palavra usada não é um conceito abstrato, mas uma combinação concreta de objetos em uma coleção. As próprias palavras contêm resquícios de formas de pensamento por complexo.

Ora, Vigotski (1934/2001a) ressalta que diversas palavras antigas do hebraico, chinês e latim possuem um significado ambíguo, denotando até mesmo seu oposto. Como exemplo, é mencionado que os romanos possuíam uma mesma palavra para indicar tanto alto como profundo. Essa característica da linguagem existe graças ao pensamento por complexos, porque um objeto concreto, “[...] ao integrar o complexo, não se funde com outros elementos desse complexo, mas conserva toda sua autonomia concreta.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 205). Segundo sua análise, haveria um paralelo em como ocorre a transformação da palavra no pensamento infantil e como é a história de uma palavra, em qualquer língua. Na história das palavras, o que guia o seu emprego e modificação do significado no qual originalmente nasceu não é nem uma necessidade lógica nem conexões entre conceitos, porém, os “complexos metafóricos concretos” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 213). Essas conexões teriam uma natureza idêntica observada no pensamento da criança. Como exemplo, Vigotski

(1934/2001a) cita a palavra russa *sutki* (dia e noite). Inicialmente, essa palavra significava costura ou um ponto de junção entre dois tecidos. Passou, paulatinamente, ao longo da história, a designar o crepúsculo (ligação entre o dia e a noite) até, finalmente, designar dia e noite.

Além de analisar para como uma palavra é utilizada cotidianamente ou como ela evolui historicamente para “comprovar” como o pensamento da criança passa por diferentes estágios de formação conceitual, Vigotski (1934/2001a) adota materiais adicionais de outros campos, a fim de igualmente justificar a sua hipótese. Como exemplo é citado o caso das crianças surdas-mudas que, ao não se comunicarem com os adultos, formam livremente seus complexos. Outro exemplo seriam os sonhos, os quais apresentam diversas características dos complexos: fusão, condensação, deslocamento. O sonho demonstra que não é somente nas formas mais desenvolvidas de pensamento que as generalizações ocorrem.

Ademais, Vigotski afirma que a forma peculiar do pensamento por complexos, na sua estrutura indeterminada e instável, também poderia ser encontrada no pensamento dos doentes mentais e nos “povos primitivos”. Em relação a esses últimos, ele alude aos estudos de autores como Levy-Bruhl. Na linguagem indígena existiria, conforme o autor, diversos termos que possuem referência a objetos ou fenômenos que se influenciam mutuamente, gerando uma identidade parcial entre eles. As palavras nas línguas desses povos, enfatiza Vigotski (1934/2001a), não operam com conceitos, mas são de natureza complexa, cuja aplicação funcional é diferente. Elas não são um meio de formação nem veículo de conceitos, porém, possuem uma “[...] função de nome de família para denominar grupos de objetos concretos unificados sob certo parentesco concreto.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 208). Ele cita como exemplo a palavra “arara” dos bororos do Brasil, que remete tanto ao animal “arara vermelha” quanto aos próprios bororos. Vigotski menciona um autor chamado Storch, que, ao estudar a esquizofrenia, também observou essa mesma forma de “identidade parcial” entre diferentes fenômenos ou objetos. Desse modo, o pensamento do esquizofrênico teria igualmente um caráter de complexo.

Vigotski (1934/2001a) arremata, realçando que a peculiaridade do pensamento da criança, do “primitivo” e do esquizofrênico, apesar das profundas diferenças entre os três, caracteriza-se por mecanismos funcionais que se baseiam na forma de complexo. A palavra é utilizada como nome de família, ou seja, objetos e fenômenos são agrupados segundo uma lógica que não corresponde à abstração dos seus traços constitutivos. Vigotski ressalta que se deve ter cuidado com as interpretações feitas dos “povos primitivos”. Ele repreende a maneira como Levy-Bruhl, por exemplo, interpreta os bororos, o qual presume que a afirmação de que

são “araras” significa que acreditam na identidade desses dois seres. Ao contrário, tal palavra deve ser compreendida como um complexo, sendo usada para designar aves e gente. “Disso não se pode deduzir que haja identidade entre papagaios e pessoas, da mesma forma que o fato de duas pessoas aparentadas compartilharem o mesmo nome de família não significa que sejam dois seres idênticos.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 209).

Passemos à explanação do estágio derradeiro do desenvolvimento dos conceitos. No estágio anterior, do pensamento por complexos, a criança agrupa determinados objetos segundo combinações de impressões dispersas. Este é um primeiro passo no processo de generalização da experiência. Por sua vez, o conceito, em sua forma desenvolvida,

[...] pressupõe não só a combinação e a generalização de determinados elementos concretos da experiência mas também a discriminação, a abstração e o isolamento de determinados elementos e, ainda, a habilidade de examinar esses elementos discriminados e abstraídos fora do vínculo concreto e fatural em que são dados na experiência. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 220).

O conceito possibilita a análise e a síntese da realidade, impossíveis aos complexos, os quais possuem uma fraca discriminação de atributos.

Assim como o estágio anterior passa por algumas fases, o mesmo se dá com a formação dos conceitos. A primeira fase pela qual ele passa é muito próxima do pseudoconceito. Nessa fase, a unificação dos objetos concretos é feita com base na maior semelhança entre eles. Vigotski (1934/2001a) afirma que a atenção da criança passa a guiar a unificação dos objetos, pois, dado que a semelhança entre os objetos nunca é completa, a criança, guiada pela sua atenção, busca os traços que refletem a máxima semelhança com o modelo que lhe foi dado. Pela primeira vez aparece, de maneira nítida, o processo de generalização. No entanto, conforme Vigotski (1934/2001a), esta é mais pobre e mais rica que o pseudoconceito:

Ela é mais rica do que o pseudoconceito porque sua construção de baseou em uma discriminação importante e essencial de traços perceptíveis no grupo geral. E mais pobre que o pseudoconceito porque os vínculos em que se baseia essa construção são paupérrimos, esgotam-se em uma simples impressão vaga de identidade ou de máxima semelhança. (p. 221).

A segunda fase do processo de desenvolvimento dos conceitos é chamada de **estágio de conceitos potenciais**. Depois de agrupar objetos conforme atributos comuns, a criança destaca um grupo de objetos que ela generaliza. Pela aparência, tal quadro pode ser confundido, novamente, tanto com o pseudoconceito quanto com o conceito verdadeiro. Vigotski (1934/2001a) argumenta, com base em Karl Groos, que essa forma de generalização é uma ação do hábito. Isso quer dizer que o conceito potencial seria uma forma pré-intelectual

de pensamento. Assim, a abstração que isola os traços da realidade já poderia ser verificada nos animais. Vigotski (1934/2001a) cita como exemplo dessa constatação os dados experimentais fornecidos por Kohler, ao estudar os chimpanzés. No experimento de Kohler, o chimpanzé tem à sua disposição uma vara, a qual deve utilizar como instrumento para alcançar o alimento. Na ausência da vara, o chimpanzé emprega diversos objetos que possam substituir a vara. Nesse sentido, há uma clara generalização de toda uma série de objetos concretos, em um determinado sentido. Essa forma de pensamento existiria nas crianças, antes da entrada na educação escolar.

Ao longo do desenvolvimento, o conceito potencial combina-se com o pensamento por complexos. No complexo associativo, por exemplo, o agrupamento pressupõe a discriminação de um atributo comum a diversos objetos. Porém, diferentemente dos complexos, os quais exibem uma natureza instável na discriminação de um atributo, no conceito potencial, o atributo que serve de base para a inclusão de um objeto a um determinado grupo é um atributo privilegiado.

A terceira e última fase na evolução do pensamento infantil é aquela na qual a criança domina o processo de abstração. “O conceito surge quando uma série de atributos abstraídos torna a sintetizar-se, e quando a síntese abstrata assim obtida se torna forma basilar de pensamento com o qual a criança percebe e toma conhecimento da realidade que a cerca.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 226). Vigotski destaca o papel sumamente importante da palavra, em todo o processo, pois é ela que orienta a atenção da criança para determinados atributos. É a palavra que permite a síntese, a simbolização e a operação com os dados da realidade.

Vigotski (1934/2001a) é contrário à concepção de autores como Werner, o qual denomina o pensamento por complexo como a capacidade de fundir impressões particulares, sendo um pensamento concreto e não verbalizado. Essa definição poderia produzir uma interpretação equivocada de que pensamento dos “povos primitivos” dentro dessa definição. Ao contrário, Vigotski (1934/2001a) acredita que o pensamento dos “povos primitivos” seria uma forma superior de pensamento verbal, produto de uma longa evolução do intelecto humano e antecedente do pensamento por conceitos. Por isso, ele denomina o pensamento por complexos como um estágio do desenvolvimento do pensamento verbal. Essa forma de pensamento seria a transição entre o produto da evolução biológica e a forma de pensamento historicamente surgida do intelecto humano (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 227).

Vigotski constatou que o pensamento do adolescente é de natureza transitória, dado que oscila entre o pensamento por complexos e o pensamento por conceitos. Ele aplica o conceito a uma situação concreta, antes de poder defini-lo. Esse fato demonstra que o

conceito não surge de uma elaboração lógica. Ao contrário, o adolescente usa certos conceitos, antes de ter consciência deles. Essa constatação levou Vigotski a negar a descrição lógico-formal da visão tradicional da Psicologia sobre o pensamento conceitual. Esse ponto de vista concebe que um conceito é uma síntese de atributos semelhantes de uma série de objetos concretos. Tal visão seria completamente errônea, do ponto de vista da lógica dialética, argumenta Vigotski (1934/2001a). Os conceitos, ao invés de serem formados logicamente, do particular para o geral, seguem o caminho contrário, do geral para o particular. Vigotski (1934/2001a, p. 236) conclui:

[...] o experimento confirmou inteiramente a tese teórica segundo a qual os conceitos não surgem mecanicamente como uma fotografia coletiva de objetos concretos; neste caso, o cérebro não atua à semelhança de uma máquina fotográfica que faz tomadas coletivas, e o pensamento não é uma simples combinação dessas tomadas; ao contrário, os processos de pensamento, concreto e eficaz, surgem antes da formação dos conceitos e estes são produto de um processo longo e complexo de evolução do pensamento infantil.

Com as pesquisas sobre o pensamento do adolescente, Vigotski pôde negar o ponto de vista tradicional que era dominante em sua época. Havia alguns autores que, além de julgar que não surgia nada de novo no pensamento do adolescente, compreendiam que as mudanças emocionais dominavam a vida, nessa faixa etária. Inversamente, para o psicólogo soviético, o adolescente é um “ser pensante” e as principais modificações ocorridas em sua vida se devem ao desenvolvimento do pensamento conceitual. A criança, que está na primeira infância, e não o adolescente, é um ser emocional (VYGOTSKY, 1931/2006a).

Essa explicação tradicional vem da concepção dualista e metafísica que opera uma ruptura entre a forma e o conteúdo do pensamento. Para essa visão, as mudanças no conteúdo não têm relação com as operações intelectuais. Relega-se o pensamento a um processo biológico, determinado pela maturação orgânica do cérebro (VYGOTSKI, 1931/2006a, p. 57). Se a forma era dada pela biologia, as visões tradicionais consideravam o desenvolvimento do conteúdo do pensamento como resultado do desenvolvimento cultural, historicamente condicionado. Operava-se, por conseguinte, uma ruptura entre as formas inferiores e superiores de pensamento. Julgavam-nas como duas linhas independentes. Conforme Vigotski (1931/2006a), os autores que partem dessa concepção negam a existência da unidade dialética entre essas duas instâncias:

O conteúdo está unido estreitamente com a forma e quando dissemos que o adolescente em seu pensamento alcança um nível superior e domina os conceitos, estamos indicando as formas realmente novas de atividade intelectual e o conteúdo novo do pensamento, que se revela ao adolescente nessa época. (VYGOTSKI, 1931/2006a, p. 59).

Em outro momento, ele reforça a mesma ideia, ao sublinhar que “[...] o que funciona determina até certo ponto como funciona.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 387). Desse modo, segundo Vigotski, há uma unidade dialética entre a forma e o conteúdo do pensamento. Isto é, para se chegar a compreender a formação do pensamento, seria imperioso desenvolver métodos de análise dessa unidade.

Portanto, Vigotski demonstrou que o pensamento em conceitos é a chave para o problema das mudanças que ocorrem no pensamento do adolescente. Ele procurou demonstrar precisamente a unidade entre forma e conteúdo, ao evidenciar como os conceitos elevam o pensamento às suas formas mais abstratas, superiores.

O principal problema constatado por Vigotski, na literatura sobre o pensamento do adolescente, deve-se à abordagem fenotípica, puramente externa, do pensamento, nesse período do desenvolvimento. Somente uma análise dos aspectos aparentes pode fazer supor que o pensamento do adolescente nada tenha de novo, em comparação com uma criança pequena. Como vimos, apenas uma análise “genético-funcional e estrutural” (VYGOTSKI, 1931/2006a, p. 56) pode ser capaz de desvendar a forma de desenvolvimento das formas superiores de pensamento.

A fim de chegar à conclusão de que o conceito passa por diferentes momentos (imagens sincréticas, complexos e conceitos), relacionados entre si, Vigotski usou o que chamou de “método dos cortes genéticos” (VYGOTSKI, 1931/2006a, p. 61). Teorias como a de Thorndike viam as formas superiores de pensamento simplesmente como o acúmulo de nexos associativos. Ao negar tais teorias, por meio da observação das mudanças qualitativas do pensamento, Vigotski lançou mão do método dos cortes genéticos, para poder comparar cada estágio entre si. A inspiração de tal método vem da anatomia, que, para compreender as modificações de um órgão de um estágio ao outro, opera “cortes” em tal órgão, ao investigar diversos estágios do seu desenvolvimento, comparando-os entre si. Vigotski (VYGOTSKI, 1931/2006a) assinala que a essência de cada forma de pensamento “[...] se revela tão somente quando nós começamos a compreendê-la como um **momento determinado**, organicamente imprescindível, no complexo e contínuo processo de desenvolvimento.” (VYGOTSKI, 1931/2006a, p. 61, grifo nosso).

Com efeito, as investigações sobre o papel do signo no desenvolvimento do pensamento não chegaram a efetivar o estudo do processo, pois se limitaram ao seu início. Houve apenas a comparação com o pensamento do adolescente e do adulto, para comprovar que a atividade que antes era mediada externamente passa a ser mediada internamente. Por isso, o ponto de referência foi a criança. Ou seja, não se operou o “método reverso”. Já no

estudo do desenvolvimento dos conceitos, o ponto de partida foi o adolescente e a compreensão de que a formação conceitual era superior aos “complexos”, por exemplo. Dessa maneira, foi possível observar a sua preocupação com o estudo do “mais desenvolvido”. Somente dessa forma se poderia verdadeiramente chegar à conclusão do que há de novo no pensamento do adolescente, em comparação com o pensamento infantil.

Em resumo, demonstramos como o conceito, concebido não como um signo estático, se tornou o problema central para Vigotski, no início da década de 1930. Foi possível observar como a pesquisa experimental sobre a formação dos conceitos teve início com a crítica de Sakharov e Vigotski às metodologias tradicionais de estudo dos conceitos e da abstração. Acompanhamos as modificações feitas pelos autores ao estudo dos conceitos, utilizando palavras artificiais. Tal metodologia foi absorvida de outros autores, com a diferença de que o experimento passou a ter uma motivação, sendo colocada uma tarefa para a criança, e a palavra passou a ter um lugar privilegiado, funcionando como um “estímulo instrumental”. Além disso, eles puderam observar como o conceito foi sendo construído, no decorrer do experimento, não sendo dado desde o início para a criança. A base para essa investigação ainda foi o método de dupla estimulação. Como resultado, Vigotski demonstrou como o conceito se desenvolve até chegar à sua forma superior, na adolescência. Nessa fase, desenvolvem-se os verdadeiros conceitos, que são a forma superior de abstração da realidade, em contraste com a forma de pensamento sincrética e por complexos das fases anteriores. Na investigação sobre o desenvolvimento dos conceitos, expressou-se o princípio explicativo de Vigotski para a formação do pensamento humano, que é a comunicação como fator determinante para o desenvolvimento dessa espécie superior de pensamento.

Foi possível constatar que Vigotski deu enorme atenção ao pensamento por complexos. Como mostramos, isso ocorreu porque tal forma de pensamento, sobretudo os pseudoconceitos, constitui a fronteira entre o pensamento concreto e o pensamento abstrato. Desse modo, compreender essa forma ambígua de pensamento poderia ser a solução para compreender as formas superiores de abstração e, conseqüentemente, de desenvolvimento de formas superiores de pensamento. Em razão disso, Vigotski voltou sua atenção para dois conjuntos de fatos, tal como já indicado, que são os casos clínicos e dos ditos “povos primitivos”. Vigotski via nesses dois contextos um tipo de complementação da sua investigação da formação dos conceitos em crianças e adolescentes. Nessa perspectiva, na sequência, apresentaremos como o pensamento conceitual, o qual se forma na adolescência, se desintegra na psicopatologia e como esse processo demonstra, inversamente, o papel da formação dos conceitos para a organização da atividade consciente.

## 6.2 Investigação do processo de desintegração da consciência na esquizofrenia

Na análise de Zavershneva (2014), a fase mais elaborada do pensamento vigotskiano foi quando o autor passou a entender a consciência como um sistema semântico, ou seja, quando ele empreendeu uma análise interna do fenômeno psicológico. Para isso, ele investigou o desenvolvimento das conexões sistêmicas da consciência intrínsecas ao desenvolvimento dos sistemas conceituais. Essa nova orientação diferiu da anterior, que partia das relações externas entre o signo e a operação das funções psicológicas mediadas por eles. Vigotski se deu conta, na década de 1930, de que o significado se desenvolve (VIGOTSKI, 1934/2001a). Ademais, o foco de suas preocupações passa das funções psicológicas para as conexões interfuncionais, constituídas a partir do conteúdo dos significados, os quais possuem um desenvolvimento típico em cada fase do desenvolvimento. Essa nova perspectiva foi reorientada, como vimos acima, por sua análise do desenvolvimento do conceito, que foi uma etapa importante até a constatação do papel do significado no desenvolvimento humano. Como já assinalado, os estudos clínicos sobre a desintegração na esquizofrenia também contribuíram para o desenvolvimento de sua nova hipótese, somando-se às investigações do desenvolvimento dos conceitos, nos adolescentes.

As ciências na União Soviética das primeiras décadas do século XX não eram compartimentalizadas e especializadas, como a ciência atual. O envolvimento de Vigotski com a Psicologia clínica e das neuroses vem de muito antes das suas investigações sobre a esquizofrenia, no início da década de 1930. Relembramos que, desde meados da década de 1920, ele já estudava as implicações das diferentes deficiências para o desenvolvimento infantil. Portanto, de certo modo, sua trajetória acadêmica e de pesquisa esteve ligada a diferentes áreas, dentre elas a do transtorno mental, para usarmos um termo atual. Em 1929, ele conseguiu seu primeiro emprego no sistema *Narkomzdrav* da União Soviética. A *Narkomzdrav* seria equivalente ao Ministério da Saúde. Até esse período, ele esteve ligado à instituição que seria equivalente ao Ministério da Educação. O seu cargo foi como assistente em questões relacionadas à psiconeurologia infantil e Psicologia experimental, na Clínica de Doenças Nervosas na Universidade Estatal de Moscou (YASNITSKY, 2018). Foi através dessa posição que Vigotski tomou contato com diferentes “doenças nervosas”, que era o termo utilizado na época para as psicopatologias. Vigotski conheceu diferentes sintomatologias, como agnosia, apraxia, afasia e esquizofrenia. Essa patologia chamou sua atenção, por ser um estado de desintegração da consciência, tal como ele teorizou.



É importante assinalar que Vigotski produziu hipóteses sobre o mecanismo psicológico por trás da esquizofrenia, pois ele próprio admitiu que seria prematuro e arriscado criar uma teoria psicológica da esquizofrenia, naquele momento (VYGOTSKY, [1932] 2018a). No entanto, o próprio autor afirma que

[...] podemos muito provavelmente, com base nos resultados dos estudos psicológicos, avançar a hipótese de que, do ponto de vista psicológico, o ponto central na estrutura das síndromes esquizofrênicas e na imagem da consciência esquizofrênica como um todo é uma **mudança patológica na formação da significação** (do sistema semântico de conexões e organização da consciência) e **uma perturbação das conexões interfuncionais da consciência**. (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 323, grifo do autor).

Segundo Vigotski ([1930] 1982/2004g), um dos traços centrais da esquizofrenia consiste na cisão do ser humano com seu meio social. Ao perder as relações sociais com aqueles que o rodeiam, o paciente com esquizofrenia perde as relações para consigo mesmo. Isso acontece porque, para o autor, a personalidade se forma em função das relações externas, interpsicológicas, as quais são transladadas para o interior do sujeito. A partir dessa cisão, o paciente pode se tornar cada vez mais introvertido e, em casos extremos, manifestar uma forma de autismo. Ao romper a comunicação com os demais, ele também deixa de se dirigir a si mesmo, através da linguagem. Na esquizofrenia, por conseguinte, “[...] a consciência é arrancada das suas raízes reais: o naufrágio da consciência, das alturas, como se atingisse um penhasco submarino nas profundezas.” (VYGOTSKY, [1931] 2018a, p. 320).

No início do século XX, existiu uma tendência de conectar a Psicologia do adolescente com certos sintomas da esquizofrenia. De acordo com Vigotski (VYGOTSKY, [1931] 1934/1994c), aqueles que eram partidários dessa concepção sustentavam que, às vezes, é impossível diferenciar entre um difícil período de ajustamento sexual na adolescência e uma esquizofrenia em estágio inicial. Podemos interpretar, seguindo o seu princípio que propõe a análise da essência do fenômeno, que essa comparação abarcaria apenas o fenômeno do ponto de vista externo, sendo precárias as análises genéticas e funcionais. O autor chegou a conclusões muito diferentes, ao apontar que o núcleo dessa divergência é a formação dos conceitos, como observado na criança e no paciente com esquizofrenia.

Veremos, mais adiante, que a essência de sua hipótese está na compreensão de que aquilo que se desenvolve até a adolescência, o pensamento conceitual, é destruído nos estados patológicos. Os conceitos permitem ao adolescente operar logicamente com as contradições dos fenômenos. Já no esquizofrênico, a capacidade de perceber a realidade em suas contradições é perdida, precisamente porque é perdida a capacidade de articulação do/no sistema conceitual. Por isso, haveria uma relação inversa entre idade de transição, que é uma

das formas utilizadas para designar a adolescência, e a esquizofrenia, pois nesta ocorre a desintegração das funções que se desenvolvem a partir daquela.

No texto “Sobre os sistemas psicológicos”, Vigotski (VIGOTSKI, [1930] 1982/2004g) esclarece que o que se desintegra na patologia não são as funções psicológicas (memória, atenção, abstração etc.), mas as conexões entre as funções. O autor explica que não experimentamos os sentimentos de maneira pura, contudo, estamos conscientes de suas conexões conceituais. Em suas palavras:

No processo de desenvolvimento ontogenético, as emoções humanas entram em conexão com as normas gerais relativas tanto à autoconsciência da personalidade quanto à consciência da realidade. Meu desprezo por outra pessoa entra em conexão com a valoração dessa pessoa, com a compreensão dela. O desenvolvimento histórico dos afetos ou das emoções consiste fundamentalmente em que se alteram as conexões iniciais em que se produziram uma nova ordem e novas conexões. (VIGOTSKI, [1930] 1982/2004g, p. 127).

O objetivo de Vigotski ([1930] 1982/2004g) foi integrar a linha genética e a patológica, isto é, investigar tanto o desenvolvimento das crianças até a idade de transição quanto a deterioração do pensamento, na esquizofrenia e em outras patologias. Como apresentado na primeira parte deste capítulo, sua conclusão principal foi que, na adolescência, o desenvolvimento mais importante no pensamento acontece com a passagem do pensamento por “complexos” para o tipo de pensamento conceitual. Tal mudança não apenas revoluciona o processo intelectual, mas influencia a dinâmica da personalidade com um todo. Nesse sentido, de modo inverso, na esquizofrenia, haveria a deterioração dos sistemas de pensamento baseados nos conceitos. Ao estudar a formação dos conceitos, Vigotski ficou convencido de que a Psicologia do adolescente “[...] fornece a chave para a compreensão da esquizofrenia, e inversamente que o pensamento esquizofrênico ajuda a compreender a psicologia da adolescência. Em ambos, a coisa mais importante é a compreensão apropriada da função da formação de conceitos.” (VYGOTSKY, [1931] 1934/1994c, p. 314).

A nova forma de domínio do pensamento, por meio dos conceitos, leva a uma nova forma de pensamento no adolescente. As mudanças no pensamento do esquizofrênico são o resultado das desintegrações dessa forma complexa de pensamento. Vigotski (VYGOTSKI, 1931/2006a) explica que, para o “homem normal”, a consciência da realidade e da própria personalidade se dá mediante um sistema de conceitos. Portanto, seria natural que, com a dissociação de tal sistema, também se destruísse toda tomada de consciência da realidade e da personalidade. Para o esquizofrênico, suas vivências estariam divididas em duas esferas, as quais compõem o entrelaçamento de conexões novas e velhas, gerando confusão e desintegração do pensamento associativo, que seria o sintoma mais característico do

pensamento esquizofrênico. Vigotski cita a fala de um paciente que confirmaria o caráter indeterminado desse tipo de pensamento. Trata-se do relato de um professor de 24 anos:

Minhas ideias são tão dispersas e tudo tão instável que não há nada preciso para mim. Meus pensamentos se confundem, estão impregnados de sentimento, tudo se junta, um objeto se transforma em outro, parece que estou sonhando, não consigo concentrar-me em nada. (VYGOTSKI, 1931/2006a, p. 190).

A partir de experimentos realizados, Vigotski (VYGOTSKY, [1931] 1934/1994c) descreve que foi possível observar alguns padrões no pensamento conceitual dos pacientes com esquizofrenia. O autor constatou que os pacientes com essa psicopatologia olham para uma palavra-estímulo como um nome de família. Um nome de família, ao contrário de um conceito, constitui uma classe marcada pela proximidade física de seus elementos e pela similaridade concreta de certas partes. O paciente vincula vários objetos a uma família, em função de vínculos heterogêneos. Segundo o autor, esse tipo de associação é comum em crianças antes da adolescência: “A despeito de todas as diferenças no processo de pensamento numa criança e no paciente com esquizofrenia, há uma similaridade fundamental nas características mais essenciais. Portanto, em pessoas com esquizofrenia, o pensamento é realmente regressivo.” (VYGOTSKY, [1931] 1934/1994c, p. 316). Disso, o autor concluiu que a propriedade de manter os pensamentos separados é uma característica fundamental da consciência. Na esquizofrenia, essa característica se perde e o paciente “[...] funde tudo com tudo.” (VYGOTSKY, 2018a, p. 320).

Vigotski (VYGOTSKI, 1931/2006a) é contra a aproximação entre formas primitivas de pensamento e aquelas formas características do pensamento esquizofrênico. Alguns autores consideravam que o pensamento primitivo era marcado pela ausência da consciência de objetos constantes. Como, no paciente com esquizofrenia, o sintoma se dava através de níveis primitivos de percepção do objeto, concluía-se que se tratava de uma regressão aos estágios mais primitivos. O problema dessa tese é que, ao longo do desenvolvimento histórico da consciência, se desenvolveram, entre o pensamento “primitivo” e o pensamento abstrato do homem atual, etapas que completam essa função. Na verdade, segundo o autor, o dano causado na formação dos conceitos conduz a um regresso ao pensamento por complexos. Apesar do uso automático dos conceitos formados previamente, a formação de novos conceitos se torna extremamente difícil (VYGOTSKY, [1931] 1934/1994c). Portanto, com isso, seria possível comparar o grau de cisão e regressão do paciente com esquizofrenia com os vários estágios genéticos do pensamento por complexos.

Como conclusão dessa constatação, o autor aponta que, na esquizofrenia, há a destruição dos sistemas psicológicos que se encontram na base dos conceitos. Para o autor, o significado das palavras modifica-se, ao longo do desenvolvimento patológico, proporcionado pela esquizofrenia. O processo de comunicação é preservado parcialmente, na medida em que os “complexos” podem coincidir em sua referência direta ao objeto, mas, por outro lado, não possuem um grau de significação alcançado no curso do desenvolvimento dos verdadeiros conceitos. Esse fenômeno também explicaria o porquê de as crianças e os adultos conseguirem se comunicar, embora os termos empregados pelas crianças não possuam os mesmos significados dos usados pelos adultos. “As palavras do paciente com esquizofrenia coincidem com as nossas em sua relação com os objetos, mas não em seus significados.” (VYGOTSKY, [1931] 1934/1994c, p. 319).

Como exemplo da consequência do distúrbio da formação dos conceitos para outras funções psicológicas, Vigotski (VYGOTSKY, [1931] 1934/1994c) analisa o caso da função perceptual. Em uma das pesquisas relatadas, foi possível constatar que vários dos objetos com os quais o paciente esquizofrênico estava familiarizado perderam suas características perceptuais corriqueiras. Esse distúrbio se explicaria porque, na esquizofrenia, cada uma das funções psíquicas, tomadas por si só, não estão comprometidas, contudo, o que está danificado são as conexões entre as diversas funções. Nesse sentido, “[...] a percepção em conceitos, e mesmo a memória em conceitos, se dissocia e é substituída por formas primárias e iniciais de percepção e memória.” (VYGOTSKI, 1931/2006d, p. 193).

Como resultado dessa mudança na apreensão do mundo, tem-se ainda a modificação da “autoconsciência” da própria personalidade (VYGOTSKI, 1931/2006a). Segundo o autor, seria essa a razão da ocorrência frequente da desintegração do “*self*”, culminando na regressão a estágios mais primitivos de desenvolvimento da personalidade. Seria comum nos pacientes com esquizofrenia a percepção do “eu” como um complexo de componentes parciais, não agrupados em um todo global. Funções que atuavam em conjunto começam a atuar isoladamente, até mesmo uma contra outra (VYGOTSKI, 1936/1997c). A personalidade seria dissociada em partes isoladas, afetando a linha divisória entre o “*self*” e o mundo circundante. “A desintegração da consciência da realidade é paralela a desintegração da consciência da personalidade. Tanto um como outro vivem conjuntamente e guardam entre si uma conexão recíproca.” (VYGOTSKI, 1931/2006a, p. 194). Como exemplo desse processo, Vigotski (VYGOTSKI, 1931/2006a) retoma a fala do professor citado anteriormente, que

[...] conta que mantém relações sexuais com uma jovem, que vive longe dele, que a jovem é sua Eva e ele, seu Adão, mas que ele, ao mesmo tempo, é também serpente;

descobriu que era porque andava dando voltas e rodeios, embora sabia que na realidade era ele, porque cada um sabe algo também de si mesmo. Aparentemente, também era Eva, porque havia sentido uma picada no coração que significava uma dor no útero. A tudo que foi dito ele acrescentou que suas ideias não estavam claras, que eram na verdade instintos, sentimentos. (p. 194).

Para Vigotski (VYGOTSKY, [1931] 1934/1994c), o desenvolvimento intelectual do adolescente, o qual está intimamente conectado com a formação dos conceitos, implica o desenvolvimento da personalidade, da visão de mundo e da cognição de si mesmo e do meio. O prejuízo, nesse processo de significação, não faz com que os pacientes esquizofrênicos percam totalmente a capacidade de comunicação, em razão da relação da operação com conceitos a partir das particularidades concretas dos objetos. Contudo, a capacidade de formação de novos conceitos fica comprometida.

Nesse sentido, podemos inferir que todos os transtornos desenvolvidos nesse tipo de patologia advêm dessa desintegração. Na medida em que os conceitos dão sustentação para as funções psíquicas, ocorre conseqüentemente o comprometimento delas. Problemas na função perceptiva e o conseqüente aparecimento de alucinações visuais, auditivas e de outros tipos, podem ser ocasionados não por fatores intrínsecos à percepção, porém, por um prejuízo em sua estrutura conceitual subjacente. Também estaria aí a gênese dos distúrbios da personalidade típicos da esquizofrenia, porque a personalidade é constituída da mediação conceitual com o mundo e com os outros. Em outras palavras, uma falha na produção de conceitos pode acarretar o prejuízo na relação do sujeito com o mundo, com os outros e consigo mesmo.

### **6.3 Expedições à Ásia Central e o estudo das funções psicológicas**

As pesquisas realizadas por Luria, na Ásia Central, especificamente em regiões remotas do Uzbequistão, foram parte do desenvolvimento do projeto científico de Vigotski e seus colaboradores. Em meados da década de 1920, Vigotski começou a perceber a impossibilidade das correntes teóricas da época em estudar a consciência de maneira objetiva. Como vimos, as pesquisas se limitavam ao estudo das funções elementares e se baseavam na relação “homem-meio”. Desde 1927, Vigotski começou a trabalhar no método baseado no esquema “meio social-signo cultural-homem” (VERESOV, 1999).

Segundo Luria (1976), Vigotski teoriza sobre a natureza semântica e sistêmica dos processos psicológicos aplicados tanto à percepção quanto a outras atividades mentais. Essa concepção já era debatida antes de Vigotski. Durkheim, por exemplo, afirmou que os processos básicos da mente não surgiam da simples evolução natural, mas da sociedade.

Pierre Janet, no início do século XX, também propôs algo similar, ao argumentar que as formas de memória complexa tinham sua fonte na história e na sociedade (LURIA, 1979/1992). Nesse sentido, para Vigotski e seus colaboradores, colocou-se a tarefa de comprovar tais premissas, através de pesquisas experimentais.

Nessa perspectiva, essas expedições foram pensadas no contexto de desenvolvimento do projeto de pesquisa iniciado por Vigotski e seus colaboradores, futuramente conhecido como Teoria Histórico-Cultural, o qual, conforme sublinhamos, no capítulo anterior, teve como influência estudos antropológicos e em Psicologia comparada. Vigotski e Luria foram impelidos a “saírem” do laboratório e investigarem as funções psicológicas, em diferentes populações. O objetivo era analisar se os mecanismos da atividade mediada constituíam um processo universal ou se seriam restritos às sociedades industrializadas. As pesquisas experimentais da formação dos conceitos influenciaram fortemente as pesquisas de Luria, na Ásia Central. Veremos que um dos focos das expedições foi localizar o papel dos conceitos no pensamento dos habitantes daquela região.

Os experimentos lá realizados pretendiam investigar as funções psíquicas análogas às aquelas observadas em laboratório com crianças. A hipótese desenvolvida almejava verificar a correlação entre o nível de educação dos sujeitos e o pensamento abstrato, o pensamento lógico e a generalização categorial. Os pesquisadores esperavam que o desenvolvimento dessas funções impactasse diretamente em funções como atenção, percepção, memória etc. Dentre as pesquisas, a percepção foi uma das funções que recebeu destaque. Abordaremos em especial essa função, pois ela nos dá uma ideia clara das pesquisas efetuadas, dos métodos e das interpretações que foram extraídas dos achados na Ásia Central.

### 6.3.1 Breve histórico das expedições à Ásia Central

Como mencionado, o núcleo da explicação desenvolvida por Vigotski aponta para a origem social e cultural das funções psíquicas superiores. Para buscar a comprovação de tais premissas, além das experiências em laboratórios e em instituições escolares e médicas, foram organizadas expedições às regiões da Ásia Central. Essas regiões estavam sendo anexadas pela União Soviética e estavam passando por rápidas transformações. A iniciativa de realizá-las partiu de uma visita de Vigotski a Tashkent, em 1929, local no qual conduziu experimentos-piloto (LAM DAN, 2013). Luria se juntou à comitiva de cientistas financiada pela União Soviética e ficou responsável pela coleta dos dados empíricos. Foram feitas duas viagens para várias aldeias remotas da República Soviética do Uzbequistão, durante os verões de 1931 e 1932.

Conforme relata Proctor (2013), esses experimentos não devem ser vistos isoladamente. Vários estudos foram conduzidos, durante um período de revolução industrial e cultural, na União Soviética, entre os anos de 1928 e 1932. Além disso, eles fizeram parte de um breve momento de interesse da Psicologia Soviética em estudos interculturais. Em 1929, por exemplo, houve expedições científicas ao leste da Rússia. Alexander Zaporozhets, que foi um estudante associado a Vigotski e Luria, participou dessas expedições. Porém, seu foco foram pesquisas com crianças e estavam ligadas à política educacional soviética. Em vista disso, sua meta não estava relacionada ao impacto da coletivização<sup>37</sup> nos habitantes dessas regiões.

Lamdan e Yasnitsky (2016) destacam que Vigotski e Luria convidaram diversos pesquisadores de várias regiões do mundo, visando tanto ao intercâmbio intelectual quanto à arrecadação de fundos para a realização do projeto. A tentativa de atrair pesquisadores de outras regiões não foi bem-sucedida e a primeira expedição se deu apenas com pesquisadores soviéticos. Os resultados foram tão interessantes que logo iniciaram o planejamento de uma segunda expedição. Dentre os pesquisadores convidados, destacam-se os alemães Kurt Lewin, Wolfgang Kohler e Kurt Koffka. Destes, apenas Koffka aceitou participar e se juntou aos pesquisadores soviéticos, no verão de 1932. Contudo, sua participação foi breve, em razão de problemas de saúde que o fizeram voltar para Berlim, antes do fim da expedição. Havia ainda o plano de fazer uma terceira expedição, que teria como objetivo realizar uma contraprova dos resultados obtidos nas anteriores. Porém, em razão do clima político da época, que culminou nos processos de Moscou<sup>38</sup> e no recrudescimento do stalinismo, tal projeto foi abortado, bem como a publicação dos resultados parciais obtidos.

Luria (1979/1992) ressalta que o objetivo das expedições era investigar as funções intelectuais em indivíduos adultos de uma sociedade não tecnológica, iletrada e tradicional. Além disso, um objetivo secundário foi pesquisar as rápidas mudanças culturais que estavam ocorrendo na URSS e seu possível impacto nos processos de pensamento.<sup>39</sup> O autor aponta que foram observados tanto grupos iletrados, habitantes de aldeias, quanto grupos envolvidos com a vida moderna, os quais experimentavam as influências das mudanças sociais em curso.

---

<sup>37</sup> O processo de coletivização foi a estatização de pequenas e médias propriedades, na URSS.

<sup>38</sup> Foi uma série de julgamentos dos opositores de Stalin, acontecidos entre 1936 e 1938. Esses processos resultaram na execução de todos os membros do Comitê Central do Partido Comunista que fizeram parte da Revolução de 1917.

<sup>39</sup> Vale destacar que tais mudanças ocorreram de forma violenta, pois, como apontam Van Der Veer e Valsiner (2009), a coletivização da agricultura culminou na deportação, trabalho forçado e conflitos que tiveram como saldo milhões de mortes, seja por fome, seja nos próprios conflitos. Portanto, a situação das regiões visitadas era extremamente delicada, fato que, como veremos adiante, pode ter influenciado os resultados da pesquisa.

Para concretizar tais estudos, Luria e seus colegas investigaram, entre outros tópicos, a percepção, a formação de conceitos, o pensamento causal, o pensamento religioso e a capacidade de realizar operações numéricas. A primeira expedição concentrou-se em sujeitos adultos e a segunda incluiu também crianças, entre os sujeitos.

Segundo Lamdan (2013), apesar dos resultados promissores obtidos nas expedições, eles somente foram publicados por Luria, em 1974. Ainda conforme o autor citado, isso teria se dado por conta das divergências em relação aos achados de Koffka e do clima político da época. No início da década de 1930, Vigotski, Luria e outros pesquisadores foram duramente criticados por não desenvolverem o que era entendido por seus críticos como uma Psicologia “autenticamente” marxista. Como evidência dessa situação, Proctor (2013) cita que, após a segunda expedição, foi formada uma comissão para investigar as possíveis motivações políticas de Luria e de sua equipe. Como resultado, o trabalho na Ásia Central foi denunciado como pseudocientífico e antimarxista.

Ao revisar esse período, Toassa (2016) menciona que o núcleo da crítica foi a separação entre teoria e prática. Ou seja, os membros do Partido Comunista que faziam parte dos institutos de pesquisa compreendiam que pesquisas como as de Vigotski e Luria não contribuíam suficientemente para a Psicologia aplicada. Além disso, haveria uma indesejável convivência, dentro do instituto do qual faziam parte, com “Psicologias burguesas”. O diálogo com essas “Psicologias” era contrário à tendência que estava sendo desenvolvida de “[...] valorização de uma só perspectiva em cada ciência.” (TOASSA, 2016, p. 555). A autora conclui, afirmando que “[...] não era bem-vinda a pesquisa de diferenças culturais que mostrasse discrepância na escolarização populacional entre as nacionalidades soviéticas e/ou ineficácia de qualquer política.” (TOASSA, 2016, p. 557). Como resultado, a Psicologia se reduziu a estudos teóricos, focados em citar clássicos do marxismo e no trabalho experimental. Esse fato fez com que o projeto de Vigotski e Luria de desenvolver uma Psicologia cultural marxista tivesse uma vida curta.

### 6.3.2 Estrutura dos experimentos

Luria (1979/1992) relata que, para a realização de uma investigação completa, seria necessário um método além da simples observação. Por outro lado, havia também a dificuldade de aplicar testes psicológicos padronizados. Em razão disso, chegou-se a um formato de sessões experimentais que não adotavam esse tipo de teste. Tais testes não foram empregados, em razão da situação do campo de pesquisa. Os pesquisadores receavam que a presença de pessoas estranhas e a proposição de “problemas insólitos”, que não se



relacionavam com a atividade dos entrevistados, poderiam deixá-los desconfiados e perplexos. Realizar a coleta de dados através de testes isolados, em tais circunstâncias, poderia fornecer resultados que não representassem adequadamente as capacidades dos indivíduos. Logo, a estratégia foi estabelecer relações de amizade com os sujeitos, para que as sessões experimentais ocorressem naturalmente, nunca de modo ameaçador. Foi tomado o cuidado para que o material de teste nunca fosse apresentado de maneira ríspida ou de forma apressada (LURIA, 1979/1992). Luria relata da seguinte maneira como foram as sessões experimentais:

Via de regra, nossas sessões experimentais começavam com longas conversas, que às vezes eram travadas na atmosfera calma de uma casa de chá, onde os indivíduos passavam a maior parte de seu tempo, ou nos acampamentos nos campos e pastagens de montanha, em volta do fogo noturno. Essas conversas frequentemente aconteciam em grupo. Mesmo quando apenas uma pessoa era entrevistada, o experimentador formava com outros indivíduos um grupo de duas ou três pessoas, que ouviam atentamente o indivíduo entrevistado, e às vezes colocavam respostas e comentários às suas palavras. A fala muitas vezes tomava forma de uma livre troca de opiniões entre os participantes, e um problema em particular poderia ser resolvido simultaneamente por dois ou três sujeitos, cada um colocando uma resposta. Os experimentadores introduziam gradualmente as tarefas preparadas, que se assemelhavam aos “enigmas”, familiares à população, e assim se integravam como uma extensão natural da conversação. (LURIA, 1979/1992, p. 67-68).

Nenhum dos sujeitos dos experimentos possuía educação superior. No entanto, como afirma Luria (1979/1992), eram notáveis as diferenças em relação às atividades práticas efetuadas, o modo de comunicação e aspectos culturais. Nas duas expedições, os sujeitos foram divididos em cinco grupos: 1) Mulheres iletradas que viviam em vilas remotas e não estavam envolvidas em nenhuma atividade social moderna; 2) Camponeses que viviam em vilas remotas, os quais possuíam uma economia individual, eram iletrados e não tinham forma alguma de trabalho socializado; 3) Trabalhadores de fazendas coletivas e jovens que tinham frequentado algum curso, por curto período; 4) Trabalhadores e jovens que frequentaram cursos por um período curto. Eles tinham uma experiência considerável no planejamento da produção, distribuição do trabalho e na contabilização da produção; 5) Mulheres admitidas como professoras, depois de poucos anos de estudo (LURIA, 1979/1992).

Após a primeira expedição, Luria se comunicou com Kohler e apresentou alguns resultados parciais encontrados (VAN DER VEER; VALSINER, 2009). Ele apontou que ilusões visuais (como a ilusão de Muller-Lyer<sup>40</sup>) estavam presentes em praticamente todos os sujeitos, ao passo que outras ilusões, as quais Luria desconfiava que dependessem da interpretação da perspectiva nas figuras bidimensionais, eram bem menos frequentes. Sua

---

<sup>40</sup> Trata-se de uma ilusão envolvendo duas retas idênticas, as quais, ao serem apresentadas com ângulos invertidos nas extremidades, dão a impressão de possuírem tamanhos distintos. Foi desenvolvida pelo médico psiquiatra alemão Franz Müller-Lyer, em 1889.

conclusão foi que algumas ilusões, como a de Müller-Lyer, provavelmente teriam uma base psicológica, enquanto outras dependeriam do grau de desenvolvimento cultural do sujeito.

Luria (1979) afirma que as principais leis de *Gestalt* (lei da nitidez e da complementação do todo estrutural) podem ajudar a explicar as ilusões ópticas. Apesar disso, o autor aponta os seus limites, na seguinte passagem:

A teoria da Psicologia estrutural (Psicologia da Gestalt) deu contribuição importante e inovadora à análise da percepção integral das formas. Mas ela tem também as suas limitações. Concebendo as leis da percepção das estruturas como o reflexo natural das leis integrais dos processos fisiológicos e até físicos, ela abstrai o fato de que, todos os fenômenos da percepção humana, por ela descritos, formam-se em determinadas condições históricas e não podem ser interpretados definitivamente sem levarem em conta essas condições. Eis porque, como mostram os fatos, as leis da “nitidez da percepção”, “da conclusão do todo” (fechamento), apresentadas pelos partidários do gestaltismo como leis naturais de cada percepção, na realidade revelaram-se plenamente úteis apenas para a percepção do homem, formada nas condições de uma determinada cultura; elas não são confirmadas no estudo da percepção dos homens daquelas formações históricas nas quais a percepção das formas geométricas não tem o caráter abstrato que a distingue atualmente. As pesquisas histórico-comparativas, realizadas nos últimos decênios, limitaram substancialmente as leis descritas na Psicologia da Gestalt e permitiram que nos convencêssemos de que, em diferentes etapas do desenvolvimento histórico e da prática social, os processos de percepção podem subordinar-se a diferentes leis. Um exemplo disto pode ser visto no fato de que, em certas culturas, um círculo não fechado não é percebido como um círculo não fechado mas como um “bracelete”, percebendo-se um triângulo não fechado não como um triângulo não acabado mas como um “amuleto” ou uma “medida de querosene”, etc. (LURIA, 1979, p. 63-64).

Tal posição pode ser esclarecida, ao analisarmos os argumentos de Luria descritos em comentários sobre a expedição à Ásia Central. Uma discussão relativamente detalhada das expedições e uma apresentação dos resultados obtidos podem ser encontradas na autobiografia de Luria, intitulada “A construção da mente” (LURIA, 1979/1992). A tese central advogada por ele, que, como vimos na citação acima, não se modificou ao longo de sua carreira, diz que é a educação e, conseqüentemente, o pensamento conceitual desenvolvido com base na apropriação da linguagem, que levariam à modificação de certos aspectos da percepção dos sujeitos. Como vimos, na primeira parte deste capítulo e, ainda, como veremos no capítulo subsequente, Vigotski partilhava da mesma concepção. Um dos fenômenos que Vigotski afirma ter descoberto é que não existe uma estrutura das funções psicológicas, dentre elas a percepção, que esteja apartada do seu conteúdo, mas que há uma relação dialética entre eles. Nesse sentido, ele buscou evidenciar, por meio de situações experimentais, como a linguagem promovia o desenvolvimento de tais funções.

A premissa de que o desenvolvimento socioeconômico modifica a percepção do homem apareceu de forma indireta, nos estudos posteriores de Luria (LURIA, 1979, 1973/1981, 1979/1992). O impacto do desenvolvimento cultural se expressa no nível de

domínio da linguagem. O que notamos, nesses trabalhos, é uma caracterização das várias formas de percepção (tátil, visual, auditiva), do ponto de vista fisiológico e neuropsicológico. O elemento cultural da percepção é destacado, quando ele procura explicar os níveis superiores de atividade psíquica. A percepção não é apenas um efeito passivo em relação aos objetos sensíveis e coordena todos os mecanismos perceptivos, incluindo a fala (discurso). Logo, o homem sempre designa uma palavra aos objetos perceptíveis. A palavra abstrai os indícios secundários e coloca em destaque o traço fundamental representado pelo nome que lhe foi dado. Outra premissa levantada é de que a percepção evolui com a idade e com desenvolvimento mental (LURIA, 1979).

Luria (1979/1992) observou, nos camponeses iletrados, que a percepção conceitual não era compatível com os achados dos psicólogos da *Gestalt*, os quais apontavam a existência de leis universais da percepção. Nas observações, Luria constatou que os camponeses agrupavam objetos de acordo com sua utilidade e não de acordo com sua semelhança física. Conforme Luria (1979/1992, p. 70), os “[...] sujeitos muito instruídos podem classificar esses estímulos com base numa única propriedade ‘ideal’, mas isso não é um produto natural e inevitável da mente humana.”

Também foram investigadas a percepção e a classificação de cores em vários grupos, e os resultados alcançados foram análogos aos obtidos no estudo da percepção das figuras geométricas (LURIA, 1976). Sujeitos com alto nível de desenvolvimento cultural não tinham dificuldade em classificar as cores em diferentes grupos. Já os sujeitos que não tinham passado por educação formal não conseguiam agrupar as cores de formas distintas, misturando diferentes cores entre si.

Tais achados foram comparados com os experimentos de Vigotski sobre o desenvolvimento do pensamento conceitual em crianças (LURIA, 1979/1992). Vigotski ([1932] 1960/1998b) percebeu que os conceitos das crianças pré-escolares se baseavam na percepção gráfico-funcional ou na lembrança da relação concreta entre os objetos. Essa descoberta permitiu concluir que a instrução e o desenvolvimento de conceitos científicos se tornam a principal ferramenta de abstração e generalização. Nessa linha, Luria teve como objetivo investigar se o pensamento taxonômico dependia da educação formal, ao analisar os camponeses iletrados. Aquelas pessoas que haviam frequentado algum curso escolar misturavam modos de generalização práticos e teóricos. Para o autor, a função primária da linguagem mudaria, conforme aumenta a experiência educacional. “As palavras, para estas pessoas, tinham uma função totalmente diferente da que têm para as pessoas instruídas. Não

eram usadas para codificar os objetos em sistemas conceituais, mas para estabelecer as inter-relações práticas entre as coisas.” (LURIA, 1979/1992, p. 78).

A mudança no processo mental observado na percepção de figuras geométricas também é vista em ilusões ópticas. O raciocínio de Luria (1976) foi que, se os mecanismos que determinam o aparecimento de ilusões se alteram em diferentes estágios de desenvolvimento histórico, portanto, sua pesquisa poderia confirmar essa premissa. Em outros termos, sua hipótese era que as ilusões baseadas em fatores fisiológicos relativamente simples provavelmente permaneceriam inalteradas; já aquelas que envolviam a coordenação complexa de múltiplas funções psicológicas possivelmente manifestariam discrepâncias sob diferentes condições:

Luria (1976) conclui que as ilusões ópticas não são universais. O número de ilusões crescia quando o nível educacional dos sujeitos crescia. Não ocorriam em todos os sujeitos que possuíam alguma instrução educacional, caindo proporcionalmente em grupos cuja qualificação educacional era mais baixa. Por fim, o autor atesta: “Assim, os dados claramente mostram que as **ilusões ópticas são ligadas aos processos psicológicos complexos que variam de acordo com o nível de desenvolvimento sócio-histórico.**” (LURIA, 1976, p. 43, grifo do autor). Luria faz a ressalva de que os dados são preliminares, entretanto, cita que autores como Rivers, Allport e Deregowski também observaram o mesmo fenômeno, sendo possível sustentar que muito provavelmente a percepção não possui sua base somente nos processos fisiológicos, mas estes também são influenciados pelo desenvolvimento sócio-histórico.

### 6.3.3 As expedições à Ásia Central e as pesquisas sobre a formação dos conceitos

As pesquisas de Luria demonstraram que a percepção tem um longo caminho de desenvolvimento. Nesse processo, existe uma reorganização qualitativa, cujo resultado é a substituição de formas elementares imediatas por uma complexa atividade perceptiva, “[...] constituída tanto pela atividade prática de conhecimento do objeto quanto pela análise das particularidades essenciais deste, análise essa que é feita com a participação imediata do discurso.” (LURIA, 1979, p. 75). Em sua gênese, no bebê, a percepção é difusa, pois ele percebe apenas traços particulares e não os objetos destacados. Somente depois que o objeto começa a ser designado é que a percepção adquire caráter material constante e ela deixa de cometer certos erros perceptivos. Junto com a linguagem, participariam do processo de percepção de objetos complexos os movimentos táteis e os movimentos dos olhos, os quais distinguem os traços informativos essenciais do objeto e os sintetizam (LURIA, 1979).

As pesquisas realizadas por Vigotski e por outros psicólogos soviéticos comprovaram a relação entre o discurso e o desenvolvimento da percepção, na infância. Vigotski ([1932] 1960/1998b) notou que, no desenvolvimento infantil, a denominação do objeto se dá conjuntamente com sua percepção. As pesquisas mostraram que a percepção dos aspectos objetivos da realidade depende do significado e do sentido que as acompanha. “Ao dizer que nossa percepção é uma percepção atribuída de sentido, significa dizer que toda nossa percepção é uma percepção generalizada.” (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 378).

Segundo Luria (1979), Vigotski, na década de 1920, mostrou que a hipótese de William Stern estava errada. Tal concepção dizia que a percepção da criança se desenvolve dos objetos isolados, para depois perceber relações complexas entre as coisas. Através de experimentos com crianças, Vigotski levantou a hipótese de que os estágios de percepção de Stern não eram os estágios do desenvolvimento da percepção, mas estágios do desenvolvimento do discurso infantil. Nas palavras de Luria (1979): “Vigotski demonstrou essa afirmação propondo a crianças não narrar, mas **representar** ativamente o tema de um quadro. A criança, que através das palavras podia designar apenas alguns objetos isolados, conseguiu entender facilmente e ‘representar’ o tema do quadro.” (LURIA, 1979, p. 77, grifo do autor). Isso significa que, apesar da compreensão da relação entre os objetos surgir tardiamente, com o desenvolvimento dos significados, não significa que as crianças percebem primeiro os objetos isolados. Elas apenas dão a impressão de perceber isoladamente a realidade porque a linguagem ainda está pouco desenvolvida. Além disso, é no momento que as linhas de desenvolvimento do pensamento e da linguagem se encontram que a criança passa de uma percepção sincrética para uma conceitual. Na aparência externa, a criança nomeia os objetos. Contudo, ela não possui internamente desenvolvida a percepção plena dos objetos, em seus traços objetivos, nem da relação com outros (VIGOTSKI, 1934/2001a).

Vigotski (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b) enfatiza que o desenvolvimento da “percepção semântica” pode ser comparado, quando duas crianças olham para um tabuleiro de xadrez, sendo que uma delas sabe jogar e a outra não. A criança que não sabe jogar se diverte com as figuras; já a que sabe se comporta de outro modo. Isso revela que o desenvolvimento da linguagem é diferente, nas duas crianças. A criança que não sabe jogar equivale ao momento da criança que ainda não domina a linguagem e está sujeita à percepção direta dos objetos. Na medida em que nos apropriamos da linguagem, nós estabelecemos outro tipo de relação com os objetos e com a realidade ao nosso redor. Ao passo que a linguagem se desenvolve, ela passa a servir como “ferramenta” do pensamento. Passamos a não só denominar os objetos, mas também a lhes dar significado. O significado, enquanto uma

generalização, permite que percebamos a realidade em seus vínculos e relações semânticas. Voltando ao exemplo do xadrez, isso equivale a perceber as peças do tabuleiro, enquanto pertencentes a uma estrutura que possui uma forma de relação entre si. Nessa perspectiva, para Vigotski, percebemos toda a realidade com seus vínculos e relações semânticas de forma análoga à criança que sabe jogar xadrez. Todavia, da mesma forma que há um processo de desenvolvimento progressivo, o qual, aos poucos, desvela os vínculos e relações entre as peças, no desenvolvimento infantil também ocorre o mesmo. O desenvolvimento dos conceitos possui um processo de desenvolvimento paulatino que somente chega à sua formação na adolescência.

Luria (1976) afirma que psicólogos ocidentais, como Bruner, também concluíram que a percepção é um processo complexo e ativo de atribuição da informação de entrada a uma categoria conhecida, um evento intimamente relacionado com as funções de abstração e generalização da linguagem. Em suas palavras:

Uma vez que reconhecemos que a percepção é uma atividade cognitiva complexa empregando dispositivos auxiliares e envolvendo a participação íntima da linguagem, temos de alterar radicalmente as noções clássicas de percepção como um processo não mediado dependendo apenas das leis relativamente simples da ciência natural. (LURIA, 1976, p. 21).

As formas conceituais de percepção de cores ou de formas apenas expressariam leis típicas do ser humano, que as moldaram sob a influência de categorias, durante um período particular da história, notavelmente sobre a influência de certos conceitos aprendidos na escola. Em relação à percepção das cores, por exemplo, Luria (1976) aponta que autores como Humboldt e Sapir-Whorf teorizaram sobre o impacto do vocabulário linguístico e seu possível efeito na estrutura dos processos cognitivos. Esses e outros linguistas notaram “[...] que a ausência de nomes especiais para os grupos de cores, ou a presença de uma grande quantidade de subcategorias de outras cores, não é devido a particularidades fisiológicas de percepção das cores, mas a influência da cultura.” (LURIA, 1976, p. 23). Eles também teriam concluído que a variedade e a pobreza de certos termos para cores resultavam da importância que diferentes cores tinham, em diferentes culturas.

A percepção, portanto, deve ser entendida dentro de um sistema interfuncional, isto é, em relação com todo o sistema psicológico. Vigotski expressa essa ideia na seguinte passagem:

No processo do desenvolvimento infantil, surge uma conexão entre as funções de percepção e de memória eidética, e com isso um novo conjunto único, em cuja composição a percepção age como parte interna. Surge uma fusão imediata entre as funções do pensamento visual e as da percepção, a essa fusão é tal **que não**

**podemos separar a percepção categorial da imediata**, ou seja, a percepção do objeto enquanto tal do sentido, do significado, desse objeto. (VIGOTSKI, [1932] 1960/1998b, p. 25–26, grifo do autor).

No mesmo texto referenciado acima, Vigotski salienta que, dado esse caráter interfuncional, as teorias que consideram a percepção sem relação alguma com as outras funções são impotentes em explicar as propriedades desse fenômeno psíquico, em comparação com outros. No desenvolvimento infantil, portanto, o que se desenvolve não é a função da percepção isolada, mas emergem novos sistemas, dentro dos quais age a percepção. Conforme os sistemas se desenvolvem, a percepção se “liberta” de toda uma série de conexões que eram constitutivas das fases iniciais do desenvolvimento (VIGOTSKI, [1932] 1960/1998b).

Em síntese, buscamos evidenciar que Luria parte da explicação do fenômeno perceptivo associado ao desenvolvimento dos conceitos, em sintonia com os trabalhos finais de Vigotski. O conceito possibilita que o pensamento se desenvolva. As funções psicológicas superiores, mediadas pelos conceitos, superam as funções inferiores. No entanto, Vigotski (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a) salienta que superar não significa negar, mas que algo também se conserva, no processo de desenvolvimento. Desse modo, a percepção, mas não apenas ela, somente pode ser compreendida enquanto um sistema psicológico que envolve o movimento dialético entre as formas inferiores e superiores de pensamento.

A concepção de Vigotski e Luria nos dá margem para compreendermos a percepção como um fenômeno integrado ao sistema conceitual e de significação da realidade, que se relaciona com a percepção tanto do mundo externo quanto do interno. Esta é uma interpretação da percepção muito mais como um fenômeno do pensamento do que simplesmente ligado aos órgãos do sentido.

As críticas que Vigotski (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a) direcionou à Psicologia estrutural são de suma importância para entendermos as diferenças entre as duas concepções, no que diz respeito ao fenômeno perceptivo. O ponto central da crítica incide no fato de que essa concepção não compreende o desenvolvimento infantil como um desenvolvimento cultural e histórico. Apesar dos seus avanços em relação à Psicologia empirista subjetiva e objetiva, essa teoria veria as leis que regulam o desenvolvimento do pensamento e da concepção de mundo como imóveis e estáticas. Nessa crítica, Vigotski se remete, sobretudo, a Koffka, o qual, em 1925 publicou o livro *Fundamentos do desenvolvimento psíquico*. Segundo Vigotski, para essa orientação, as leis que regulam o desenvolvimento humano ficariam restritas ao reino da biologia, pois estudariam os aspectos culturais como se tratasse

de fatos naturais. Nas palavras do autor: “Estudam a criança e o desenvolvimento das funções psíquicas superiores *in abstracto*, a margem de seu meio social e cultural, assim como as formas de pensamento lógico, das concepções e ideias sobre a causalidade que predominam nesse meio.” (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a, p. 22).

Em suma, a influência da linguagem ou da educação formal nos processos psíquicos não pode ser explicada com base em um vínculo rígido e determinista, porém, fundada em uma relação complexa entre as diversas funções, as quais se relacionam em sistemas psicológicos. Isto é, os signos culturais não são fixos, mas possuem um desenvolvimento através do significado, que é uma das zonas de sentido das palavras. Dessa maneira, a questão do desenvolvimento psíquico não seria reduzida ao nível educacional ou de apropriação da língua, mas ao sistema conceitual (significação) e sua relação com a realidade social. Como mencionamos, essa relação pode ser observada através de outros achados que não somente aqueles obtidos nas expedições.



## 7 EM DIREÇÃO À PSICOLOGIA DO ÁPICE

*A descoberta da mudança de significados das palavras e seu desenvolvimento é a nossa descoberta mais importante*  
(VIGOTSKI, 1932).

Em meados da década de 1920, Vigotski estava em busca do elemento objetivo que mediava a relação entre a consciência e a experiência social, e que tinha o mesmo papel que a mercadoria nas análises de Marx do sistema capitalista. No ano de 1926, ele fez a seguinte anotação sobre essa questão: “Devemos descobrir a consciência, o fetichismo dos fenômenos mentais assim como o fetichismo das mercadorias.” (VYGOTSKY, 2018a, p. 79). Como vimos nos capítulos anteriores, Vigotski já tinha a hipótese de que a palavra poderia ser a “mercadoria” da Psicologia, porém, sua forma exterior, expressa no signo e depois nas palavras artificiais, não respondia suficientemente como a consciência se desenvolvia.

Isso se modificou em meados de 1932. Nesse período, ele descobriu que o significado da palavra seria a chave para a explicação da estrutura sistêmica da consciência. No final da sua vida, provavelmente não antes que 1933, ele fez uma anotação que respondia à pergunta feita muitos anos antes: “O sistema é reproduzido em todo significado como o sistema capitalista na operação com a mercadoria.” (VYGOTSKY, 2018, p. 354). Essa constatação revolucionou sua forma de compreensão do desenvolvimento humano. Todos os problemas que se colocaram diante dele poderiam, virtualmente, redundar na sua resolução, através dessa unidade de análise. Portanto, neste capítulo, temos como objetivo demonstrar os impactos dessa descoberta para a compreensão de Vigotski sobre o problema da consciência e do seu desenvolvimento, da relação entre os fenômenos físicos e psíquicos e entre o indivíduo e o meio.

### 7.1 A estrada real para a Psicologia histórica

O método semântico [*semanticheskiy*] foi a última expressão do método do conhecimento proposto por Vigotski. Ele também se refere a esse método como sêmico [*semic*] ou semasiológico [*semasiologicheskogo*] (VYGOTSKY, 2018). Sua forma mais elaborada, desenvolvida entre 1932 e 1934, foi o resultado de um longo processo de aproximação ao seu objeto de pesquisa, por meio dos diferentes procedimentos criados por ele e pelos seus colegas, a fim de estudar a natureza social da consciência. Temos como objetivo traçar o desenvolvimento histórico do método semântico, bem como apresentar as

características que o diferem das abordagens anteriores sobre o problema da relação entre palavra e desenvolvimento da consciência.

Além disso, também analisaremos as únicas formas de aplicação de tal método feitas por Vigotski. Ao final desta discussão, pretendemos levar o leitor a compreender como tal método buscou contemplar dois aspectos do problema, antes negligenciados por Vigotski: 1) a compreensão de que a essência do significado é seu caráter sistêmico e 2) a localização do significado da palavra dentro da interação social e comunicativa, diferentemente de momentos anteriores, nos quais Vigotski interpretou o conceito apenas como uma atividade mental (forma de abstração e generalização). Ademais, esperamos ainda abrir caminho para a compreensão de que tal explicação reverberou numa abordagem que incorpora o meio e a situação social como fundamentais para o desenvolvimento ontogenético, fato que também não estava em relevo, por exemplo, nas suas pesquisas sobre o ato instrumental.

#### 7.1.1 A pedra angular que foi rejeitada pelos construtores

Já mencionamos que o princípio do método semântico é a elevação do significado à unidade de análise da consciência. Esse método é diferente do método de análise das partes componentes. A razão para isso é o fato de que este último apenas possibilita a generalização do fenômeno, não sua análise. Ao decompor a água, por exemplo, se obtém o oxigênio e o hidrogênio. Contudo, nessa decomposição se perdem as propriedades inerentes à totalidade do fenômeno químico. Cada uma dessas partes possui propriedades que as diferem da totalidade do fenômeno que se quer explicar. Essa decomposição permite, unicamente, a constatação de que tanto a água da chuva quanto a do rio têm as mesmas propriedades. É por essa razão que o método de análise por unidades busca a análise e não a generalização. Essa análise tem como objetivo decompor o fenômeno em unidades que, diferentemente dos elementos, ainda mantenha as propriedades concretas do fenômeno em sua totalidade. Isto é, que não “[...] perdem as propriedades inerentes à totalidade e são suscetíveis de explicação [...]” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 397).

Vigotski constatou que havia, até o início da década de 1930, uma tendência, na Psicologia e na Linguística, de se analisar separadamente o pensamento e a linguagem. Com isso, se impossibilitava a análise da totalidade desse fenômeno. Essa totalidade encontra sua unidade no significado da palavra. É uma unidade, porque o significado não é um fenômeno exclusivo do discurso ou do pensamento, mas de ambos. Isso quer dizer que ela possui uma natureza externa, indispensável ao discurso, pois a palavra sem o significado é um som vazio, e também interna, porque é “[...] um fenômeno de pensamento na medida em que o

pensamento está relacionado à palavra e nela materializado, e vice-versa: é um fenômeno de discurso apenas na medida em que o discurso está vinculado ao pensamento e focalizado por sua luz.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 398).

Para entendermos a essência da “unidade” de análise, na obra de Vigotski, é necessário abrirmos um parêntese sobre o problema de tradução dessa palavra. Diferentemente do português, a língua russa possui duas palavras para se referir a “unidade”. Uma delas seria *edinstvu* (единству) e a outra *edínitsa* (единица).<sup>41</sup> Quando Vigotski assevera que o significado é a **unidade de análise** do pensamento e da linguagem, ele geralmente usa a palavra *edínitsa*. Já quando ele menciona que o pensamento discursivo é totalidade do pensamento e da linguagem, ele prefere a palavra *edinstvu*. A seguinte passagem expressa muito bem essa diferença: “A unidade [*edínitsa*] a que chegamos na análise contém, na forma mais simples, as propriedades inerentes ao pensamento discursivo enquanto unidade [*edinstvu*].” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 398).<sup>42</sup> Na primeira unidade, Vigotski está se referindo à unidade de análise do pensamento e da linguagem, que é o significado. Na segunda unidade, ele alude ao pensamento discursivo como unidade desses dois processos, agora com o significado de um sistema composto de várias unidades. Em outros termos, essa unidade [*edinstvu*] é o fenômeno em sua totalidade, o qual possui unidades [*edínitsa*] (significado, por exemplo) que compõem esse todo.

A tradução espanhola das obras escolhidas de Vigotski procura demarcar essa diferença, em alguns momentos, ao traduzir *edinstvu* por *integridad*, *todo* ou *conjunto*. Nessa tradução, o trecho citado ficou da seguinte forma: “*La unidad resultante del análisis resume las propiedades inherentes al pensamiento verbal como un todo*” (VYGOTSKI, 1934/2001b, p. 288). A tradução inglesa encontra uma saída mais coerente para esse problema de tradução, pois, tal como na língua russa, possui duas palavras para traduzir *edinstvu* e *edínitsa*, que são *unity* e *unit*, respectivamente. Em razão de essas traduções serem anteriores à tradução para o português, causa-nos estranheza a utilização da mesma palavra para designar duas palavras que claramente possuem significados diferentes. Esse fato é apenas um exemplo de como um problema de tradução pode levar a incompreensões teóricas, na obra de Vigotski. Fechado o

---

<sup>41</sup> Essa diferenciação foi apontada por Veresov e Fleer (2016).

<sup>42</sup> No original: “*Edínitsa, k kotóroi mi prikhódim v análize, sodérjit v sebié v kakom-to naiprosteichem vide svóistva, prisusche riétchevomu michléniiu kak edinstvu*” (VIGOTSKI, 1934, p. 262). Uma tradução alternativa seria: “A unidade [*edínitsa*] à qual chegamos na análise contém em si, na forma mais simples possível, as propriedades inerentes ao pensamento verbal como totalidade [*edinstvu*]”.

parêntese, voltemos à discussão de Vigotski sobre os limites das teorias da época sobre a análise do papel da palavra no pensamento.

A principal descoberta de Vigotski é a circunstância de que o significado da palavra se desenvolve. É por isso que essa unidade [*edínitsa*] tem a capacidade de explicar a totalidade [*edínstvu*] entre o pensamento e a linguagem. Tal descoberta contrastava com a concepção corrente naquele período, que postulava a constância e imutabilidade do significado. A relação entre a palavra e o significado, para a velha Psicologia, era uma ligação puramente associativa. O significado se formaria por meio da constante coincidência entre a palavra e o objeto que ela denota. O significado “lembra” o objeto, da mesma forma que o casaco de um homem conhecido lembra esse homem (VIGOTSKI, 1934/2001a). Para essa concepção, trata-se de reforçar ou diminuir o vínculo entre a palavra e o objeto. O significado, como uma fotografia, pode, no máximo, expor vínculos de aparência e contiguidade, se remeter a um círculo mais amplo de objetos. Em resumo, haveria a simples mudança quantitativa e externa e não uma mudança interna.

A análise semasiológica da época, a qual era uma área da Linguística ocupada do estudo do significado, assimilou a concepção associacionista e reduziu sua explicação apenas às mudanças nos vínculos associativos entre palavras isoladas e objetos isolados. Conforme Vigotski (1934/2001a), desconsiderava-se o desenvolvimento histórico da língua, a modificação da estrutura semântica dos significados. Ou seja, ignorava-se que o “[...] pensamento lingüístico passa das formas inferiores e primitivas de generalização a formas superiores e mais complexas, que encontram expressão nos conceitos abstratos [...]” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 400).

Essa concepção não permite a explicação do desenvolvimento do aspecto semântico na linguagem infantil. O desenvolvimento do significado da palavra da criança foi reduzido a mudanças puramente externas e quantitativas dos vínculos associativos que unificam palavra e significado. O mesmo ocorreria no pensamento do homem adulto. Compreendia-se a relação entre pensamento e palavra exclusivamente como uma relação linear, da palavra ao pensamento e do pensamento à palavra.

Vigotski (1934/2001a) afirma que, a despeito de a inconsistência teórica da teoria associacionista ter sido evidenciada pela via experimental, isso não modificou sua concepção da relação entre pensamento e palavra. A escola de Wurzburg<sup>43</sup> seria representante dessa

---

<sup>43</sup> Essa escola se desenvolveu na Universidade de Wurzburg e centrou-se na figura do psicólogo Oswald Kulpe. Esse pesquisador foi aluno de Wundt, mas se distanciou do seu mestre. Suas metas eram expandir os conceitos

concepção que nega a existência de relações entre o pensamento e a palavra. Para essa escola, o pensamento seria um ato espiritual, não vinculado à experiência sensível. A palavra foi reduzida a uma veste do pensamento, sendo considerada apenas como o seu veículo de expressão. Outras tentativas de explicação aprofundaram o divórcio entre o pensamento e a palavra, ao concluir que “[...] existe uma identidade de princípio entre o pensamento produtivo do homem e as operações intelectuais do chimpanzé.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 403). Isso significa que, para essa concepção, a palavra não introduz nada de novo no pensamento.

A Psicologia Estrutural, conhecida também como Psicologia da *Gestalt*, promoveu o mesmo reducionismo que as teorias associacionistas. Essa teoria foi amplamente criticada por Vigotski, apesar de todos seus méritos. Os autores da Psicologia Estrutural, a despeito da tentativa de superar o associacionismo, operaram a subordinação do pensamento às leis de formação estrutural da percepção, ao transformarem o problema da organização estrutural da consciência em um postulado (VYGOTSKY, [1932] 2018a). Isso quer dizer que algo como a percepção das formas, que deveriam ser um problema a ser investigado, se tornou premissa basilar da teoria. Com isso, manteve-se o divórcio entre o pensamento e linguagem. A respeito do reducionismo da concepção sobre o pensamento, Vigotski (1934/2001a, p. 406-407) assim se refere à Psicologia Estrutural:

Esta [...] levou a um denominador estrutural comum as percepções de uma galinha, as operações intelectuais de um chimpanzé, a primeira palavra consciente da criança e o desenvolvimento do pensamento produtivo do homem; não só apagou qualquer fronteira entre a estrutura da palavra conscientizada e a estrutura da vara e do fruto como ainda apagou a fronteira entre o pensamento nas suas formas mais avançadas e a percepção mais elementar.

Quanto à sua compreensão da linguagem, a Psicologia Estrutural a concebia como qualquer outro objeto. O princípio associacionista se mantém, na medida em que, no lugar da associação entre o objeto e a palavra que ela denota, passou-se a considerar a palavra e o objeto como fazendo parte de uma mesma estrutura. Para essa corrente, conforme Vigotski (1934/2001a), o “[...] vínculo entre a palavra e o seu significado se constitui da mesma forma que o vínculo entre a vara e o fruto.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 405). Sobre essa questão, ele arremata:

A origem das primeiras palavras conscientes na criança foi vista pelos representantes dessa corrente em analogia com as operações do chimpanzé de Kohler. Segundo eles,

a palavra passa a integrar a estrutura do objeto e adquire certo significado funcional, como a vara para o macaco entra na estrutura da situação de obtenção do fruto e adquire o valor funcional de instrumento de trabalho. Desse modo, o vínculo entre a palavra e o significado não é mais concebido como simples vínculo associativo e sim como vínculo estrutural. É um grande passo adiante. Mas, se examinarmos atentamente o que nos faculta a nova concepção dos objetos, não será difícil nos convenceremos de que esse passo adiante é mera ilusão e que, no fundo, continuamos onde estávamos: a ver navios da psicologia associacionista. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 404).

Em suma, ao analisar as correntes de sua época, as velhas e as novas, como a Psicologia Estrutural, Vigotski concluiu que nenhuma delas captou a natureza essencial da palavra, que é “[...] a generalização nela contida como modo absolutamente original de representação da realidade na consciência.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 407). Sem a generalização da realidade na palavra, não é possível nem o discurso nem o pensamento. Além disso, todas as correntes desconsideraram a palavra e o significado fora do desenvolvimento. Nenhuma delas captou o processo de generalização, desde o seu nascimento até suas formas mais desenvolvidas. Esses dois elementos se conectam, pois somente uma concepção adequada da natureza do significado da palavra pode levar a entender o seu desenvolvimento:

A descoberta da inconstância e da mutabilidade dos significados das palavras e do seu desenvolvimento é a descoberta principal e única capaz de tirar do impasse a teoria do pensamento e da linguagem. O significado da palavra é inconstante. Modifica-se no processo do desenvolvimento da criança. Modifica-se também sob diferentes modos de funcionamento do pensamento. É antes uma formação dinâmica que estática. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 407-408).

Portanto, ao estudar o desenvolvimento do significado da palavra se está, automaticamente, investigando também as relações entre pensamento e linguagem.

O método semântico foi, em resumo, a constatação dessa natureza mutável do significado e o seu papel central no desenvolvimento da personalidade consciente. Antes de demonstrarmos como essa nova hipótese para a investigação da consciência surgiu, quais suas características distintivas em relação à compreensão anterior de Vigotski e, depois, como os experimentos a confirmaram, passaremos à discussão sobre um problema de método central para a investigação da esfera da relação interna do pensamento e da linguagem, que se resume nas formas indiretas de análise.

### 7.1.2 Questões de método no estudo do pensamento e da linguagem

Apontamos, acima, que o principal defeito das teorias psicológicas criticadas por Vigotski era a recusa da análise dos fatos. Também destacamos que Vigotski contrariava as explicações que diziam que entre pensamento e palavra não haveria nenhuma relação além da

associativa. Parte desse problema de interpretação se deve ao método de pesquisa. Vigotski (1934/2001a) analisou a teoria de Piaget e Stern como forma de sublinhar os problemas metodológicos que levaram à percepção equivocada da inconstância do significado e do seu desenvolvimento interno. A crítica às obras de Piaget e Stern se coadunam com sua análise crítica do método da Psicologia, feito no SHCP, que já clamava pela necessidade de a Psicologia interpretar os fenômenos psicológicos por meio da análise da sua essência para além da sua aparência. Por isso, esse princípio metodológico foi fundamental para Vigotski desenvolver a sua explicação do aspecto interno do desenvolvimento da linguagem. Passaremos à análise desse princípio, para, na sequência, expormos o método semântico em detalhes.

As críticas metodológicas a Piaget, que figuram no livro *Pensamento e Linguagem*, apesar de terem sido escritas antes das constatações de Vigotski sobre a necessidade de um método semântico, podem ser entendidas como a base para tal método, porque ensinam a análise do fenômeno na sua forma interna e possibilitam a compreensão da relação entre linguagem e pensamento, fundamento de tal método. Vigotski afirma que a expressão da crise da Psicologia estava na contradição entre o material factual da ciência e os fundamentos metodológicos da sua análise. Nas palavras do autor:

A contradição entre a base factual das suas doutrinas e as construções teóricas erigidas sobre essa base, o caráter idealista desses sistemas, que ganha expressão profundamente original em cada um desses autores [Freud, Levy-Bruhl e Blondel], o ranço metafísico em várias das suas construções teóricas - tudo isso é uma revelação inevitável e fatal daquela ambigüidade de que já falamos como marca da crise. Essa ambigüidade deve-se ao fato de que a ciência, ao dar um passo adiante no campo da acumulação de material factual, dá um passo atrás em sua interpretação e sua elucidação. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 22-23).

Desse modo, sua crítica a Piaget teve como objetivo mostrar que o estado de crise também atingia os estudos sobre o problema da lógica infantil. A tese central da sua crítica seria que, malgrado suas inovações, em termos de procedimentos de pesquisa (Vigotski elogia o método clínico de Piaget<sup>44</sup>), este falhou, ao tentar superar a crise, restringindo-se ao “[...] círculo restrito dos fatos” (VIGOTSKI, 2001, p. 23),<sup>45</sup> isto é, limitando-se aos fatos e negando

---

<sup>44</sup> Ao apresentar o método clínico de Piaget, Claparède (1959, p. 9) assegura que a base dele é a “arte de questionar”, pois não se limita a observações superficiais. Nesse método, o observador não “desiste”, quando a criança dá respostas incompreensíveis ou contraditórias, mas persegue e tenta “agarrar” o seu pensamento, o “segredo de sua composição”.

<sup>45</sup> Veresov (2010) relata uma conversa que teria ocorrido entre Piaget e Galperin – que foi um dos continuadores da teoria de Vigotski –, em um congresso, em 1966, que revela como ele ficou fiel à análise restrita dos fatos. Além disso, demonstra a diferença das duas abordagens metodológicas, evidenciando a pertinência da crítica de Vigotski. Veresov conta que, após a apresentação de Galperin, Piaget teria dito: “Caro Professor Galperin! Eu vejo a diferença entre nossas abordagens. Eu investigo as coisas como elas são, enquanto você investiga as

qualquer possibilidade de interpretação sobre eles. Nas palavras de Vigotski (2001, p. 23), Piaget

[...] não quer saber nada além dos fatos. Foge conscientemente de generalizações, e evita mais ainda sair dos próprios limites dos problemas psicológicos para os campos contíguos da lógica, da teoria do conhecimento, da história da filosofia. Acha mais seguro o terreno do empírico puro.

Para demonstrar a inconsistência da metodologia adotada por Piaget, de recusa da interpretação dos fatos, Vigotski se concentra no problema do pensamento infantil, sobretudo na relação entre fala egocêntrica<sup>46</sup> e fala socializada. Vigotski reconhece o mérito de Piaget ter descrito a fala egocêntrica. Com base na fala egocêntrica, Piaget teria formulado a hipótese de que o pensamento egocêntrico seria uma forma transitória entre a forma autística e a realista de pensamento (VIGOTSKI, 1934/2001a). O conteúdo básico da teoria piagetiana seria que a fala egocêntrica acompanha a atividade, não modificando essencialmente o seu comportamento.

Vigotski argumenta que o erro de Piaget foi se limitar ao estudo da forma externa da fala egocêntrica e não analisar a sua função interna, nem o seu destino. Ao analisar somente a forma externa da fala egocêntrica, Piaget erroneamente a julga como sendo o reflexo do pensamento egocêntrico. Piaget teria emprestado da psicanálise a concepção de que o pensamento autístico seria a fase primária do desenvolvimento do pensamento.

Vigotski, ao contrário, entende que não existe relação direta entre a fala egocêntrica e o pensamento egocêntrico. Ele afirma que a “[...] linguagem egocêntrica surge com base na linguagem social, com a criança transferindo formas sociais de pensamento e formas de colaboração para o campo das funções psicológicas pessoais.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 63-64). Portanto, Vigotski está propondo que o que “funda” o desenvolvimento não é o substrato biológico, mas as relações sociais. São elas que possibilitam o desenvolvimento do pensamento nos seus níveis mais superiores. Resumindo, para Piaget, a fala egocêntrica expressa uma forma de pensamento autístico que progressivamente se socializa. Já para Vigotski, ao contrário, a fala egocêntrica seria uma forma de linguagem intermediária entre a linguagem social, exterior, e a linguagem interior. Mais adiante, trataremos das situações

---

coisas tal como elas podem ser”. Ainda conforme Veresov (2010, p. 270), Galperin teria respondido: “As coisas, tal como são, são apenas um caso privado de como elas poderiam ser.”

<sup>46</sup> A tradução feita direto do russo do texto *Pensamento e linguagem* converteu o termo *egotsentrícheskaia riétch* em “linguagem egocêntrica”. Conforme Priscila Marques (em comunicação pessoal), o termo *riétch* pode ser traduzido como “fala” ou “linguagem”. O tradutor da referida obra admite a possibilidade de traduzir *egotsentrícheskaia riétch* por “discurso egocêntrico”. Como Vigotski está tratando do ato de a criança falar consigo, utilizaremos o termo “fala egocêntrica”, ao invés de “linguagem egocêntrica”. Manteremos esses termos apenas nas citações diretas.



experimentais desenvolvidas por Vigotski e utilizadas por ele para demonstrar a incongruência da teoria de Piaget.

Podemos concluir, com esse exemplo da crítica de Vigotski a Piaget, que um procedimento fundamental de sua pesquisa é a superação da observação pura dos fatos e o estudo dos fenômenos em sua gênese, estrutura e função. Segundo Vigotski, Piaget falhou, ao ignorar a forma interna do fenômeno, bem como estudar o seu processo de gênese. Para Vigotski, o psicólogo genebrino, ao se basear na noção do princípio de prazer de Freud, foi forçado a ver o pensamento realista como um pensamento puro (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 69). Além disso, Vigotski critica a posição de Piaget, o qual nega a possibilidade de generalização, ao se limitar à “análise dos fatos”.

Vigotski procurou demonstrar, na sua crítica a Piaget, que “[...] quem examina fatos o faz inevitavelmente à luz dessa ou daquela teoria.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 24). Os fatos nunca são destacados de maneira pura da realidade, mas estão sempre “entrelaçados” com uma filosofia. Desse modo, a despeito de Piaget tentar se esquivar da interpretação dos fatos, Vigotski argumenta que há uma filosofia dos fatos, em sua obra. Isto é, mesmo com a intenção de apenas apresentar os fatos, Piaget expressa uma teoria sobre a origem do pensamento infantil.

A teoria por trás da análise de Piaget restrita aos fatos é aquela que se limita à base biológica do desenvolvimento. “O biológico é concebido como primário, fundante, que está contido na própria criança e forma a sua substância psicológica.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 79). O social é visto por Piaget como algo externo, que pressiona e reprime o pensamento da criança. Vigotski caracteriza a interpretação de Piaget da seguinte maneira:

A criança não é considerada como uma parte do todo social, como um sujeito das relações sociais que, desde os seus primeiros dias de vida, participa da vida social daquele todo a que ela pertence. O social é visto como algo situado fora da criança, que a pressiona e reprime os seus próprios modos de pensamento. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 79).

Vigotski continua a crítica, apontando que Piaget e outros autores da época, como Claparède, partiam da ideia de que a criança vive em dois mundos. Para essa visão, o processo de socialização seria estranho à criança. Vigotski complementa, argumentando que, para essa concepção “[...] só o choque do nosso pensamento com o pensamento alheio suscita em nós a dúvida e a necessidade de demonstrar” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 84). Como é de se esperar, tal concepção redundava numa posição idealista subjetivista, pois compreende que o pensamento possui existência independente da realidade. No entanto, Vigotski também aponta que tal concepção pode revelar uma teoria realista do conhecimento, “[...] pois o realismo

ingênuo, atribuído à criança indica evidentemente que desde o início a própria natureza da consciência determina o fato de ela refletir a realidade objetiva.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 87). Por essa razão, Piaget estaria na fronteira entre o idealismo e o materialismo.

A linguagem, como um produto social e, portanto, alheia à natureza biológica da criança, em nada interferiria no seu pensamento. O seu pensamento lógico se desenvolveria como uma forma de adequação ao pensamento dos outros e não como uma resposta à realidade externa, explicação contrária ao entendimento de Vigotski. Sobre essa questão, Vigotski (1934/2001a, p. 89) assinala:

Pois bem, essa tentativa de deduzir o pensamento lógico da criança e seu desenvolvimento da comunicação pura entre consciência, em pleno divórcio com a realidade, sem nenhuma consideração da prática social da criança, voltada para o domínio da realidade, é o que constitui o ponto central de toda a teoria de Piaget.

O ponto nevrálgico da construção teórica de Piaget está precisamente no fato de que, para ele, o pensamento está dissociado da realidade. O substrato da organização intelectual infantil estaria numa suposta essência biológica da criança e que o social pouco interfere no processo de desenvolvimento.

O sistema teórico de Stern possuía equívocos distintos dos de Piaget, mas redundava em um problema semelhante, que se trata da desconsideração da relação histórica entre pensamento e linguagem. Conforme Vigotski (1934/2001a), Stern tinha uma concepção intelectualista do desenvolvimento infantil. Apesar de propor que seu ponto de vista é genético-personalista, ele seria antigenético em sua essência. Para Stern, haveria uma tendência intrínseca ao pensamento de produzir uma concepção do mundo e designá-lo por meio de sons. Haveria nessa concepção uma “logicização da linguagem infantil” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 99). O pensamento exibiria uma “tendência intencional”, que seria responsável pela formação da linguagem. A criança “descobriria” naturalmente que cada objeto é representado por um conjunto de sons.

Além disso, também descobriria a relação entre signo e significado, ou seja, a função simbólica da linguagem. Vigotski (1934/2001a) afirma que os dados factuais não corroboram tal suposição. Ao contrário, eles demonstram que a compreensão dessa relação surgiria mais tarde, no desenvolvimento. Há, portanto, uma simplificação, ao propor que a questão sobre como a linguagem se desenvolve seja respondida atribuindo-se ao descobrimento do sentido da linguagem pela criança. Por conseguinte, Stern desconsiderava as mudanças estruturais e funcionais do pensamento, em função do desenvolvimento da linguagem.

Como conclusão da concepção personalista de Stern do desenvolvimento infantil, Vigotski atesta que esse autor produziu uma teoria que superestima os fatores internos. Apesar de partir do princípio de “convergência”, isto é, o princípio indiscutível de análise da linguagem da criança em interação com as condições externas, com o meio, tal utilização “[...] **dispensa** o autor da análise dos fatores sociais e mesológicos no desenvolvimento da linguagem.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 109, grifo do autor). Stern teria declarado que o meio social é o principal fator de desenvolvimento da linguagem infantil. Porém, Vigotski assevera que, apesar dessa afirmação, ele restringiu esse fator a uma influência puramente quantitativa. Como consequência, há uma completa superestimação dos fatores internos para o desenvolvimento da linguagem. Vigotski (1934/2001a, p. 109-110, grifo do autor) arremata sua crítica, afirmando:

Em parte alguma esse enfoque metafísico do indivíduo- mônade - se manifesta com tanta clareza quanto na abordagem do desenvolvimento; em parte alguma esse personalismo extremado, que ignora a natureza social do indivíduo, leva a tamanhos absurdos quanto na teoria da linguagem, esse mecanismo social de comportamento. A concepção metafísica de personalidade, que deriva todos os processos de desenvolvimento de uma teleologia de valor próprio, inverte a relação genética real entre indivíduo e linguagem: **em vez da história do desenvolvimento do próprio indivíduo, na qual cabe um papel de destaque à linguagem, cria-se uma metafísica do indivíduo, que de si mesma, de sua teleologia, gera a linguagem.**

Com a apresentação da crítica de Vigotski a dois representantes da Psicologia infantil de sua época, foi possível notar uma tendência comum a esses autores em naturalizar o desenvolvimento infantil. Em Piaget, temos uma visão que visa a explicar o desenvolvimento por meio da base biológica da criança. Essa explicação, que procura se limitar aos fatos, desconsidera o papel da linguagem e da realidade no desenvolvimento do pensamento infantil. O meio social é estranho ao indivíduo, não modificando em nada o curso do seu desenvolvimento. Por outro lado, de maneira semelhante, o intelectualismo de Stern relega ao pensamento o desenvolvimento da linguagem.

Nos seus manuscritos, Vigotski (VYGOTSKY, [1933] 2018a) contrasta as posições de Stern e Piaget em comparação com aquela que ele estava desenvolvendo. Para o primeiro, a base do desenvolvimento seria a relação “pessoa–coisa (sem a pessoa)”. Já a deficiência de Piaget seria que ele considera a relação “pessoa–pessoa (sem a coisa)”. Por fim, sua concepção parte da relação “pessoa–coisa–pessoa (unidade de comunicação, generalização e som)” (p. 354). Portanto, o principal limite desses e de outros autores foi a busca pelo “eterno infantil”, quando o que Vigotski propõe é a busca do “historicamente infantil” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 96), ou seja, a análise histórica da relação entre pensamento e linguagem. Isso somente seria possível partindo-se de um princípio basilar de que o pensamento não está

deslocado da realidade, nem é fonte única do desenvolvimento, mas que essa relação com a realidade tem um desenvolvimento histórico, o qual é orientado pela relação comunicativa com outros indivíduos, que se constituem histórica e socialmente.

Vigotski (1934/2001a) descobriu que a essência da relação entre pensamento e linguagem está na sua “grandeza variável”, diferentemente de outros autores, que não viam relação entre esses dois processos, colocando um sinal de igualdade entre eles ou postulando que o pensamento é a força movente do desenvolvimento da linguagem. A relação entre o intelecto e o pensamento não é paralela nem se iguala, tem um desenvolvimento não constante. Suas raízes genéticas são diferentes, todavia, as linhas de desenvolvimento dos dois processos se encontram em determinados momentos no curso do desenvolvimento infantil. A união dessas duas linhas possibilita o desenvolvimento de uma “[...] nova forma de comportamento muito característica do homem.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 130).

Como apresentado no capítulo três, o fundamento do processo de desenvolvimento do comportamento e da consciência é o emprego funcional do signo, ausente nos demais primatas superiores. No encontro dessas duas linhas, a “[...] **fala se torna intelectual e o pensamento verbalizado**” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 131, grifo do autor). A criança passa a “descobrir” a função simbólica da linguagem, momento em que ocorre uma revolução no seu pensamento. Demonstraremos, logo abaixo, como Vigotski descobriu que a ligação entre a linguagem exterior e a linguagem interior tem, na fala egocêntrica, seu momento intermediário. Vigotski constatou, desde as pesquisas com ato instrumental (instrumento e signo), que a linguagem não apenas acompanha o comportamento, mas passa a ter a função de planejar e organizar a solução das tarefas que surgem diante de si.

Nessa crítica aos métodos da Psicologia infantil ficou patente sua explicação do desenvolvimento que capta a intrínseca relação entre pensamento e linguagem. Compreender a forma de estruturação do pensamento oportunizada pela linguagem foi o foco do trabalho de Vigotski, durante boa parte de sua vida. Desse modo, foi necessário o aperfeiçoamento da sua compreensão da linguagem que pudesse captar a complexidade de tal relação. É disso que se trata o método sêmico ou semântico. É o que veremos, a seguir, partindo da descrição desse método e indicando as necessidades que fizeram com que tal método fosse desenvolvido.

### 7.1.3 Sobre a necessidade de uma nova hipótese de trabalho

O método semântico surgiu como um projeto de Vigotski para o estudo da Psicologia do ápice [*psikhologuiia verkhinnaia*] ou acmeísta [*akmeistícheskaia*]<sup>47</sup>, em contraposição à Psicologia da superfície e profunda. A Psicologia da superfície seria aquela que se limita aos estágios iniciais do desenvolvimento, enquanto a Psicologia profunda se preocupa com as esferas inconscientes, tendo sido desenvolvida notadamente por Freud. A Psicologia do ápice seria a expressão máxima das características distintivamente humanas, as quais não se limitam ao início do seu desenvolvimento, muito menos às forças que estão fora do seu alcance, numa essência ideal, ou na sua história evolutiva. Nos seus manuscritos, Vigotski (VYGOTSKY, 2018a) diversas vezes utiliza o termo latino *Ecce homo*, ou seja, “eis o homem”, quando discute essa tarefa da Psicologia.

O estudo do significado da palavra se tornou pré-condição para o estudo da consciência. Podemos observar como a investigação da face externa do fenômeno passou para a preocupação com os processos internos. Essa mudança de orientação se expressou na passagem do estudo do comportamento para o estudo da consciência. A descoberta da natureza sistêmica do significado e seu impacto na organização da consciência se tornou sua última orientação geral.

Apresentaremos as modificações operadas pela abordagem de Vigotski, sobretudo nos últimos dois anos de sua produção, algumas delas encontradas apenas nos seus referidos manuscritos. Os manuscritos de Vigotski permitem um estudo preciso das modificações teórico-metodológicas havidas em sua pesquisa. Como exposto nos capítulos segundo e terceiro, os seus manuscritos possibilitam tanto a constatação das principais questões metodológicas que o levaram até a formulação do método instrumental, como forma de análise da atividade mediada, quanto a análise desse processo, por meio de uma nova hipótese.

As primeiras menções a um suposto “método sêmico”, “semântico” ou “semasiológico” de que temos notícia foram feitas por Vigotski, em anotações datadas de 1932. A referência a esses termos, relacionados ao problema da consciência, estão em um conjunto de manuscritos recentemente publicados (VYGOTSKY, [1932] 2018a). Os organizadores dos manuscritos

---

<sup>47</sup> Vigotski, nos seus manuscritos (VYGOTSKY, 2018a), utilizou essas duas palavras para caracterizar a necessidade de investigar as formas superiores de pensamento. Ele utilizou de maneira mais frequente psicologia do ápice [*psikhologiya vershinnaya*]. Ele também a denomina de psicologia acmeísta [*akmeisticheskaya psikhologiya*]. A palavra grega *akme*, tem o mesmo significado das anteriores, que indica cume ou ápice. Na tradução inglesa dos referidos manuscritos, traduziu-se *psikhologiya vershinnaya* por *height psychology* (a tradução mais corrente para o português seria psicologia da altura). Acreditamos que seu objetivo era chamar a atenção para as formas superiores alcançadas pelo pensamento humano. Desse modo, nos parece que “altura” não capta em sua integralidade esse sentido. Desse modo, optamos pelo termo “psicologia do ápice”, pois indica a parte mais elevada de uma montanha. Fazemos tal opção, pois acreditamos que essa era a “imagem” que Vigotski gostaria de transmitir.

argumentam que a ideia da estrutura semântica da consciência tem sua origem em meados de 1932 e não no final desse ano, como se supunha. Uma conferência interna, para seu grupo de pesquisa, pode ser definida como um evento crucial no processo de elaboração da Psicologia do ápice. A conferência teve como título “Sobre as perspectivas de nossa pesquisa” (VYGOTSKY, [1932] 2018a). Uma síntese dessa conferência, composta de anotações feitas por seus colaboradores, apareceu pela primeira vez em russo, em 1968 (VIGOTSKI, [1932] 1968/2004i). Os manuscritos recentemente publicados nos ajudam a compreender o processo de desenvolvimento das suas reflexões, fixadas pelo seu próprio punho, feitas ao longo de 1932 e que culminaram nessa conferência. Em uma passagem da referida conferência, ele resume o problema central da análise semântica:

Nos primeiros trabalhos ignorávamos que o significado é próprio do signo. “Mas há um tempo para recolher as pedras e outro para espalhá-las” (Eclesiastes). Partíamos do princípio da constância do significado, e para isso despejávamos estes, tirando-o do parêntese. Mas já nas primeiras investigações **o problema do significado estava implícito**. Se antes nossa tarefa era mostrar o que havia de comum entre o “nó” e a memória lógica, agora consiste em mostrar a diferença que existe entre eles. (VIGOTSKI, [1932] 1968/2004i, p. 175-176, grifo nosso).

Em uma anotação do final de 1932, podemos constatar mais uma das razões que levaram a Vigotski a se voltar para o significado. Assinala ele:

**Nós tivemos que encontrar algo** que pudesse variar, algo dentro da própria fala, que nos permitiria encontrar uma explicação: **foi encontrada na mudança de significados**. Sem isso, não há análise psicológica da fala, caso contrário a fala teria uma função divina (em Hegel). (VYGOTSKY, 2018, p. 256, grifos grifo do autor).

Entre as anotações feitas em 1932, há uma que sintetiza a questão, envolvendo a natureza do método sêmico ou semântico. Nela, Vigotski compara o método de dupla estimulação com o método semântico. O método de dupla estimulação, que foi utilizado para o estudo do ato instrumental, segundo Vigotski (VYGOTSKY, [1932] 2018a), contém a “raiz do método semasiológico” (p. 254). Contudo, sem o “conceito de sistema e significado”, é impossível ao método de dupla estimulação desvelar as formas abstratas de pensamento. Ele apenas captaria os processos mínimos de intelectualização. Isto é, o método de dupla estimulação explica parte do fenômeno, mas não sua totalidade.

Por essa razão, em outro conjunto de anotações, feitas no outono de 1932, Vigotski expõe a necessidade de encontrar um método análogo ao método de dupla estimulação.<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> Veremos, a seguir, que o método de definições foi utilizado como procedimento de pesquisa do estudo da estrutura semântica da consciência. Como mencionado no capítulo quarto, o método de definições desenvolvido pelos psicólogos alemães foi entendido, num primeiro momento, como limitado aos conceitos já formados e não foram usados nas pesquisas que adotavam os conceitos artificiais. Contudo, tal método foi empregado nas

Vigotski se remete diretamente às pesquisas realizadas sobre a memorização, em sua argumentação do problema. Vigotski dá a entender que ele e seus colegas haviam concebido a memorização como uma operação não semântica, ou seja, ignorando-a como “construção de significados”. Ele assevera que o estudo que capta as “[...] diferentes curvas de memória não mediada e mediada” seria insuficiente para o estudo das formas superiores de pensamento (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 254). Para ele, deveria haver uma explicação similar ao “enraizamento” [*vrashchivanie*] e não uma explicação baseada apenas em um único princípio.

Isso indica que, no momento da utilização do método instrumental, eles compreendiam a memória de duas formas, como um processo imediato e outro mediado. Além disso, a forma mediada possuía na compreensão teórica daquele momento, dos níveis de funcionamento, uma memória que empregava instrumentos psicológicos externos que depois eram internalizados. Como Vigotski notou, essa explicação não captava a complexidade do fenômeno. Segundo já mencionamos, a sua preocupação era explicar a transferência [*perenós*] entre as relações externas e internas.<sup>49</sup> A questão não seria buscar as semelhanças entre o “nó” e a “palavra”, mas sim suas diferenças. Ao final da anotação, Vigotski dispara sua tese central, que preconiza que a memorização não pode ser estudada, sem se adotar o ponto de vista sistêmico e a análise semântica.

Faremos mais uma digressão, para discutirmos um problema de tradução da máxima importância, que possui uma consequência significativa na compreensão teórica. Dessa vez, gostaríamos de analisar a tradução da palavra *vrashchivanie* (вращивание). Essa palavra foi utilizada por Vigotski para denotar a passagem das relações interpsicológicas para as intrapsicológicas. Ela não possui equivalente, tal como Vigotski usou, na língua russa. Ele criou um neologismo a partir da palavra *vyrashchivanie* (выращивание), que significa criação ou cultivo. A expressão *vyrashchivanie rasteniia* [выращивание растение], por exemplo, pode ser traduzida como “cultivo de plantas”. A palavra é formada pela alteração do prefixo *вы-* (*vy-*), que indica um movimento para fora, pelo prefixo *в-* (*v-*), o qual pressupõe um movimento para dentro. Dado essa modificação na palavra realizada por Vigotski, a tradução inglesa utilizou a palavra *ingrowing*. Acreditamos que a opção por essa palavra foi feliz, pois capta justamente a ideia de que algo está crescendo internamente. A edição espanhola das suas obras escolhidas (VYGOTSKI, 1931/2006a) traduziu *vrashchivanie* por *arraigo*, que

---

expedições à Ásia Central. Além disso, Vigotski deu um grande peso ao método de definir conceitos, tal como ele ressalta (VYGOTSKY, [1933] 2018a, p. 358). Tal método foi considerado tão importante, que foi a base para suas pesquisas sobre os conceitos espontâneos e científicos.

<sup>49</sup> Observaremos, na última parte deste capítulo, a sua tentativa de resolver o problema da transferência, por meio da sua análise da vontade em crianças com deficiência e em pacientes com a doença de Pick.

significa o efeito de *enraizar*. Acreditamos que a tradução de *vrashivanie* como enraizamento é mais próxima da visão de Vigotski do que “internalização”, termo que é comumente usado por intérpretes de Vigotski, para explicar a passagem das relações externas às internas. Optamos por empregar enraizamento, porque, em primeiro lugar, mantém o referente utilizado pelo autor, que é o ato de cultivar ou relativo ao crescimento. Além disso, também conserva a visão do crescimento para dentro, pois o enraizamento das plantas ocorre dentro da terra. Poderíamos expandir essa metáfora com a ideia de que, ao mesmo tempo que cresce para dentro, o enraizamento também permite à planta crescer para fora. Na seguinte passagem, podemos ver tanto o conceito de transferência [*perenós*] quanto de enraizamento [*vrashivanie*]: [...] la transferencia [*perenesiénie*] de las formas de conducta, que se dan en la vida colectiva del adolescente, a la esfera interna de la personalidad y el gradual arraigo [*vrashivanie*] de nuevos modos de conducta, el traslado al interior de una serie de mecanismos externos.” (VYGOTSKY, 1931/2006a, p. 108) .

Em outro conjunto de anotações feitas entre julho e agosto de 1932, cujo título é “Sobre o problema da semiologia na pesquisa psicológica”, Vigotski ([1932] 2018a) nos fornece mais indicações sobre a diferença entre o método de dupla estimulação e um possível método semântico. Conjecturamos que a atitude de nomear e qualificar os objetos é impossível, sem a natureza semântica da linguagem. Esta, por sua vez, seria a base para a tomada de consciência.

Vigotski nos conduz a essa interpretação, ao teorizar sobre a natureza semasiológica da consciência. Ele utiliza como ponto de partida de sua análise observações de sua própria filha, Asya, que, na época, tinha por volta de dois anos, conforme uma das anotações nos leva a crer. Há uma descrição de uma situação em que Asya está conversando com uma boneca. Esta seria uma “[...] parceira de conversa imaginária” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 240), comenta Vigotski. Dessa observação há a dedução de que a fala egocêntrica na forma de diálogo se desenvolve antes do que como um monólogo.<sup>50</sup> Na sequência, e mais concernente ao problema que estamos buscando desvendar, há a menção sobre como Asya qualificava e adjetivava o mundo. “Se Asya é esperta, então inevitavelmente alguém deve ser mal, ela tenta encontrar quem seria; caso contrário à inferência é incompleta.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 240). Há a conclusão de que “[...] adjetivos com o grau comparativo muitas vezes vem antes do grau positivo” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 240). Vigotski comenta que esse processo tem como pano de fundo a tentativa de responder à seguinte questão: “O que é isso?”

---

<sup>50</sup> A hipótese de que a fala dialogada surge antes do monólogo é confirmada por Vigotski (1934/2001a), através da investigação experimental. Apresentaremos esses achados mais adiante.



Essa pergunta é de natureza semiológica, ele completa, pois é uma questão sobre o sentido. Entendemos que ele quer dizer que as crianças, ao buscarem conhecer as coisas, “naturalmente” as adjetivam e fazem isso geralmente partindo inicialmente de uma comparação. Esta seria uma questão sobre uma palavra, não sobre um nome, contudo, referente ao “*logos*”. Ele complementa que esta é uma função “compreensiva” de tomada de consciência.

Essa constatação contrasta com uma observação feita quase um mês antes, na qual ele percebe que as questões sobre o nome das coisas dizem respeito às coisas e não aos seus nomes. “O nome apenas satisfaz a questão sobre a essência das coisas. Nomear uma coisa é aprender o que ela é.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 239). Interpretamos que a tomada de consciência passa, inevitavelmente, pela natureza semiológica da língua e não simplesmente por uma necessidade de nomear a realidade, isto é, de estabelecer um vínculo entre um signo e um objeto. Mais do que nomear a realidade, a criança pensa sobre ela, daí a menção ao “*logos*”. E esse pensamento passa, não pela simples nomeação das coisas, mas na comparação entre elas, ou seja, no **estabelecimento e criação de relações**. Em suma, podemos entender que a tomada de consciência seria impossível para a palavra enquanto um signo, sem sua natureza sistêmica e semântica.

Nas investigações utilizando o método instrumental, o objetivo era verificar se, por meio de um instrumento psicológico, havia ou não atividade mediada. Vigotski ([1932] 2018a) assinala que ele e seus colaboradores quiseram deduzir tudo de um único significado. Ao contrário, ele percebeu que o “signo significa”, ou seja, tem relação com a realidade. Portanto, ele passou a buscar o elemento mutante da fala, o qual não existia como um elemento isolado, mas como um sistema. É sobre esse elemento que varia na fala que trataremos, na sequência.

#### 7.1.4 O significado leva ao sistema

A característica sistêmica da palavra foi sendo gradativamente percebida por Vigotski, entre 1929 e 1931. Ele criticou certos autores, como Piaget, Levy-Bruhl e Lipmann, por considerarem o significado da palavra como sendo constante e não variável. As raízes da mudança do signo para o significado, conforme o capítulo anterior indica, esteve nas pesquisas sobre o desenvolvimento dos conceitos. Em anotações provavelmente de 1929, Vigotski faz dois comentários que são determinantes para o desenvolvimento, futuramente, da análise do significado como uma estrutura sistêmica. O primeiro assinala que “[...] conceitos são os processos de estabelecimento de conexões, pensamento.” E o segundo afirma: “Sakharov e eu temos uma ideia central: não abstração, <mas> o estabelecimento de conexões

leva a formação de conceitos.” (VYGOTSKY, [1929] 2018a, p. 130). Em 1932, ele expressou diretamente que o “problema do significado e o sistema foi imposto a nós por esse estudo.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 272). Contudo, existe um comentário onde ele expressa certo pesar com essa descoberta. Ele ressalta: “Apresentamos o ponto de vista sistêmico tarde demais.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 273).

O lamento por ter apresentado o ponto de vista sistêmico “tarde demais” aparece em um comentário no qual Vigotski coloca em questão a relação entre a teoria e os fatos. Sobre essa questão, destaca: **“Nossa falha não é uma falta de fatos, mas a inadequação da teoria:** Esta é a principal dificuldade na análise da nossa crise e não a divergência dos fatos.” (VYGOTSKY, [1932] 2018, p. 273, grifo do autor). O problema não estaria nos fatos, como Vigotski comenta, mas na teoria que os explica. Portanto, a apresentação do ponto de vista sistêmico tardiamente decorre de dois fatores possivelmente relacionados: 1) é possível que os fatos tenham se expresso tardiamente, em consequência das novas abordagens do fenômeno (pesquisas com adolescentes, análise de casos clínicos etc.) ou 2) os fatos compareciam nas investigações e os pesquisadores não tinham os conceitos necessários para poder apreender sua natureza sistêmica.

Uma outra explicação poderia ser a de que a teoria desenvolvida impossibilitava a constatação dos novos fatos. Tal hipótese pode ser corroborada por um comentário de Vigotski (2018), feito em dezembro de 1932. Em uma das anotações, ele retoma esse problema, ao afirmar que a “teoria suprime os fatos”. Em contraponto a essa constatação, Vigotski assevera: “Devemos liquidar a relutância em deixar a teoria progredir a partir da pesquisa e evitar que essa pesquisa seja defendida contra a teoria; [devemos] **criar novos fatos.**” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 276, grifo do autor). Por isso, a teoria não pode “suprimir” os fatos, mas deve progredir dos fatos obtidos na pesquisa. Isso fica claro, quando é dito que o problema do sistema foi “imposto” pelos objetos de pesquisa – pela realidade. Acreditamos, ainda, que essa criação de novos fatos deveria ser feita com a reconstrução do fenômeno, isto é, por meio de situações que fizessem os processos internos se tornarem externos.

Vigotski encontrou as evidências para uma nova orientação em quatro conjuntos de fatos, além daqueles oriundos da sua investigação do desenvolvimento do conceito na adolescência. Estes o forçaram a desenvolver uma nova hipótese de trabalho. Eles foram obtidos através das observações de Asya, da constatação do desenvolvimento anômalo da

memória de Solomon Shereshevsky<sup>51</sup>, dos casos clínicos dos pacientes com esquizofrenia e da análise literária, sobretudo de poemas. As observações de Asya permitiram que ele constataste o desenvolvimento inicial da linguagem, sobretudo por meio de suas primeiras perguntas e a transformação da sua mente. Possivelmente, nessas observações, Vigotski pôde constatar a orientação da consciência para dar sentido ao mundo. Shereshevsky representa o desenvolvimento anômalo, no qual o sistema psicológico é dominado pela memória. Como pudemos descrever, no capítulo anterior, o contato com a desintegração da estrutura semântica na esquizofrenia também foi determinante para essa nova orientação. Por fim, há os dados obtidos por meio das poesias de Velimir Khlebnikov e outros poetas, que denotam uma utilização excepcional da linguagem, na forma de criatividade poética. A importância do estudo da poesia decorre do fato de que nela a palavra perde sua relação direta com os objetos, se tornando “[...] composição de puros significados.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 274).

Com isso, fica evidente que o processo de produção do conhecimento se dava dos fatos, isto é, do fenômeno, para a teoria. O problema não estava na criação de hipóteses ou teorias apartadas dos fatos, todavia, estes fariam surgir a necessidade de formulação teórica. Tal posição de Vigotski entra em acordo com as críticas feitas no primeiro capítulo às leituras lógico-epistemológicas da sua obra e confirma sua posição ontológica frente à origem do conhecimento. Essa abordagem também nos leva a confirmar o postulado de que o método é pré-requisito e produto da pesquisa. Tomemos um exemplo da relação entre os fatos e a teoria, na sua obra.

Vimos, no capítulo anterior, a importância das pesquisas experimentais com as palavras artificiais para a análise da formação dos conceitos. Indicamos que elas foram fundamentais para a descoberta de que o conceito não segue um desenvolvimento constante, ao longo do desenvolvimento. Contudo, Vigotski verificou que um dos principais limites de tais experimentos foi que eles não permitiam a análise do conceito enquanto um sistema. Em suas palavras:

Um erro na avaliação dos experimentos de Sakharov: (1) artificialidade + (2) como se houvesse um conceito e não o seu sistema: quando o “tsev” é resolvido, todos os outros são resolvidos imediatamente: não por indução das figuras “bik”, “lag”, “gur”, mas dedutivamente de “tsev”. (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 263).

É possível interpretar, por meio dessa passagem, que o problema central da pesquisa

---

<sup>51</sup> “Solomon Veniaminovich Shereshevsky foi um jornalista russo com uma memória extraordinária baseada na sinestesia. Ele foi estudado pelo fisiologista L. A. Orbeli e por Luria, quem escreveu um livro sobre ele” (ZAVERSHNEVA; VAN DER VEER, 2018, p. 265). O livro escrito por Luria teve como título *A mente do mnemonista*: um pequeno livro sobre uma vasta memória (LURIA, 1968).

com conceitos artificiais era precisamente sua natureza não sistêmica. Eles eram formados em relação a si próprios e não em relação aos demais. Ou seja, essa pesquisa encerrava um grande paradoxo, pois sua força estava no controle e análise indireta dos fatos, porém, ao mesmo tempo, impossibilitava a observação naquilo que tem de fundamental, sua essência sistêmica, que somente se faz presente na vida cotidiana. O caráter não sistêmico do conceito artificial seria o resultado do seu vínculo direto com o objeto. O conceito, na vida cotidiana, perde tal vinculação. Sobre essa questão metodológica, Vigotski reflete: “Por que não vemos no experimento artificial o que vemos na fala comum? O ponto central é o vínculo com o objeto, cujos limites a palavra deve transcender, a fim de possibilitar a análise de seu significado.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 256). A base dos conceitos, na “fala comum”, é seu caráter abstrato, o qual apenas é possível com o desenvolvimento de cadeias de significação. Portanto, a natureza mesma do significado é sua existência em conexão, como um sistema. Se não há isso, não há um significado. “A mudança de significados e a mudança das conexões sistêmicas são a mesma coisa, a mesma ideia em palavras diferentes.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 257).

Como temos percorrido, a diferença entre o signo e o significado é o fundamento central do método semântico. Vigotski diz com todas as letras que, anteriormente, estivera envolvido na análise externa da operação com signo. A análise semântica, ao contrário, seria a “[...] análise interna do uso de signos.” (VYGOTSKY, [1932] 2018, p. 259). Portanto, existe uma diferença entre o signo e o significado, mas não um antagonismo, pois o significado é próprio do signo. Outra forma de se remeter a essa mudança metodológica ocorre, quando Vigotski admite que ele e seus colaboradores trabalharam com o aspecto fásico da fala e que precisariam mudar para o seu aspecto semântico:

Esta é a nossa fórmula central. Quando estávamos na fronteira - processos naturais e mediados [-], trabalhamos com o método da dupla estimulação. Quando nos interessamos pelo movimento dentro do desenvolvimento de processos mediados, passamos à análise sêmica. Sobre a palavra: trabalhamos no lado fásico da fala, agora no lado semântico. (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 267).

Antes, o interesse estava no que há de comum entre o nó e a memória lógica, ou seja, no seu aspecto externo. Vendo esse limite, Vigotski indicou que se deveria identificar o que há de diferente entre as duas formas de memória. Essa diferenciação seria necessária, a fim de resolver diversos problemas, como a transferência [*perenós*], que não poderia ser explicada como simples repetição do externo no interno. Tal tarefa somente seria possível através da análise sêmica. Conforme Vigotski, os primeiros a encontrarem o problema da não coincidência dos lados fásico e semântico do discurso foram os atores, porque “[...] eles não

deveriam apenas criar palavras, mas também os pensamentos por trás delas.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 274). Nesse sentido, uma fala nunca expressa um sentido genuíno, mas é uma “mistura de significados” (VYGOTSKY, [1932] 2018, p. 258). Por trás de toda fala há um motivo oculto, um subtexto. Para usar uma outra metáfora de Vigotski, o significado é o “outro lado da lua”, que está afastado da nossa percepção direta, enquanto o lado fásico seria o lado voltado para nossa percepção (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 357).

Já fizemos alusão ao fato de que o signo não leva diretamente ao sistema. No entanto, o signo não se opõe ao significado, mas é o seu ponto de partida. Os experimentos organizados de acordo com o método de dupla estimulação não comportavam o caráter variável do significado. Um signo ou um nome se ligava diretamente a um objeto. “Nós [Vigotski e colaboradores] focamos nossa atenção no signo (na ferramenta) em detrimento do desenvolvimento da operação com o signo e o apresentamos como algo simples que passa por três etapas: mágica, externa e interna.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 275). Desse modo, existia uma relação direta entre um signo e o objeto que ele remete ou denota. Ao contrário, o significado da palavra é apenas compreendido dentro do sistema:

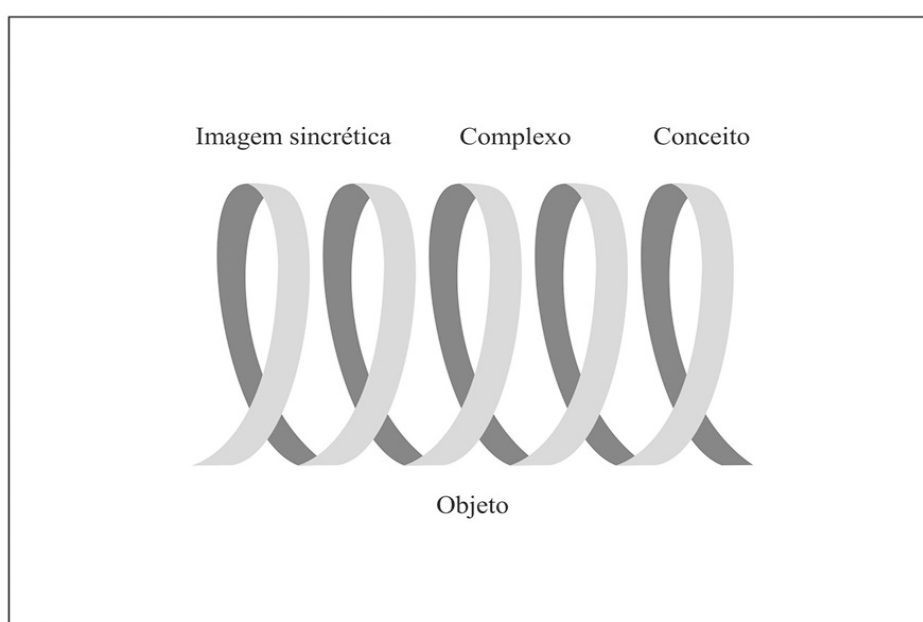
O **significado** é a primeira coisa social que é introduzida na consciência pelo signo em sua função comunicativa. **Além disso, o signo, criando significado e ao mesmo tempo chamando para a vida um novo sistema, cria as condições** sob as quais o **significado internamente medeia** o grupo de processos psicológicos na **consciência** (= as funções psicológicas superiores, o sistema). (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 258, grifo do autor).

Vigotski descobriu que a chave para o estudo do significado estava no seu “grau de generalidade”. Essa constatação foi uma inovação em relação às conclusões advindas dos estudos do desenvolvimento dos conceitos. O grau de generalidade “[...] é a característica mais básica e essencial de cada significado.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 361). Essa característica do significado somente foi possível de ser verificada, quando o autor percebeu o limite da pesquisa do desenvolvimento experimental dos conceitos, os quais mantinham uma relação direta entre objetos e conceitos. Vigotski frisa que eles procuraram, em vão, um sintoma confiável, “[...] para qualificar as estruturas de generalização [*obobschenie*] em significados de palavras reais (totalidade sincrética, complexos, etc.) e, assim, para uma ponte do experimento para os conceitos reais.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 361). Essa ponte foi descoberta por meio da noção de “graus de generalidade” [*mere obshchnosti*]. Vigotski acrescenta que o grau de generalidade do “[...] significado se define pelas relações de generalidade com outros significados, isto é, para ter um grau específico de generalidade. [Este] pode ser um critério mais confiável da estrutura de generalização de **conceitos reais**.”

(VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 361).

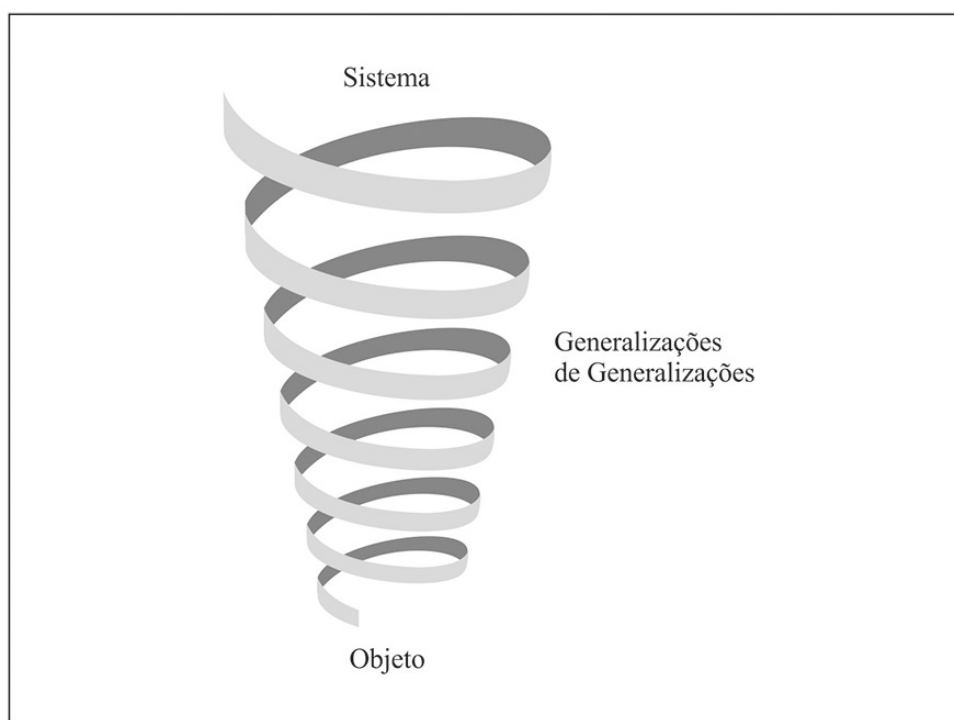
Nas investigações experimentais dos conceitos, foi estudado a relação “palavra–significado–objeto”, “[...] desconsiderando que cada nova etapa no desenvolvimento da generalização se baseia nas generalizações do estágio precedente, isto é, mediante generalizações de generalizações.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 369). A inovação com respeito à explicação baseada nos estudos dos conceitos foi que as estruturas de generalizações não “[...] emergem de objetos, mas da generalização de objetos generalizada na estrutura anterior (em complexos).” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 369). Não haveria um “automovimento” do desenvolvimento dos conceitos, ou seja, não haveria uma passagem de um estágio a outro, como se fosse uma operação do próprio pensamento. Lembremos que Vigotski era contra a ideia de que existe uma mudança nas formas de pensamento, apartada do conteúdo que está em funcionamento. O que muda não é o pensamento, entretanto, o pensamento que opera com palavras em diferentes graus de generalização. Esses diferentes níveis de generalização formam o sistema de significação, o “tecido do pensamento” para usar uma de suas metáforas. Por isso, ele considera que as etapas do desenvolvimento dos conceitos foram concebidas como uma série de círculos que se movem em um único plano, “[...] ao passo que deveríamos tê-los organizado como uma espiral, como uma série de círculos conectados e ascendentes.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 369). Com base nessa análise, elaboramos os diagramas abaixo:

**FIGURA 3- PRIMEIRA HIPÓTESE DO DESENVOLVIMENTO DOS CONCEITOS**



Fonte: Elaboração do autor.

**FIGURA 4- FORMAÇÃO DOS CONCEITOS PARTINDO DOS GRAUS DE GENERALIZAÇÃO**



Fonte: Elaboração do autor.

Em uma das suas últimas aulas, Vigotski (1934/2017a) discute o papel da generalização no desenvolvimento do pensamento do escolar. Essa generalização é o que possibilita o reflexo da realidade na consciência e faz com que se amplie a relação da criança consigo mesma e com o mundo. Ao argumentar, de forma complementar à ideia já expressa, que os conceitos se formam como um sistema ou, segundo ele aponta nesse texto, como um conjunto, ele nos dá a plena ideia da sua compreensão da formação dos conceitos como generalização de generalizações.

Vigotski retoma a ideia de que os conceitos não são uma cópia da realidade, mas podem ser representados como dois polos. Em um deles, o conceito se liga diretamente à realidade concreta, enquanto, em outro, ele ascende à abstração da realidade, porém, expressando a máxima relação com a realidade. De sorte a explicar a natureza do conceito, ele emprega a metáfora geográfica. Para ele, o conceito teria um nível de latitude, que ascende do concreto ao abstrato, e uma longitude, que coloca lado a lado diferentes conceitos que se conectam, ainda, à realidade concreta. Ou seja, todo conceito é formado de momentos concretos e abstratos. Como exemplo, ele cita o caso das palavras rosa, flor, planta e organismo. Essas palavras formariam um “ziguezague” da realidade concreta até a abstração, sendo a palavra rosa mais “concreta” e a palavra organismo mais abstrata. Ainda no mesmo

exemplo, ele descreve assim a longitude do conceito:

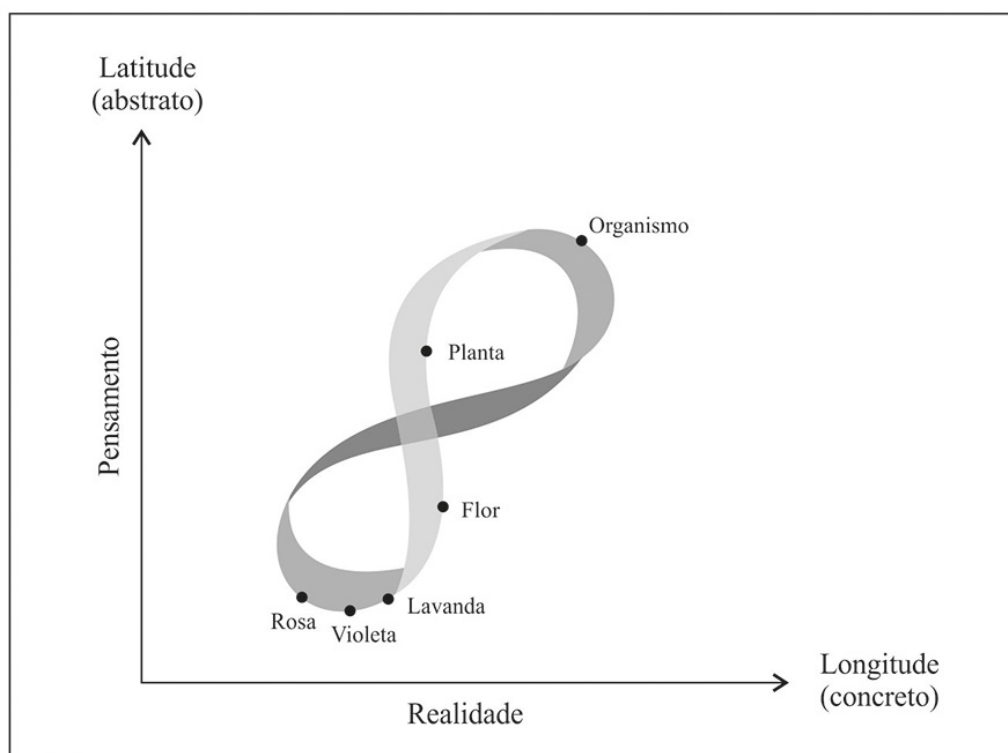
Flor- rosa, violeta, lavanda. Pergunta-se: esses conceitos são da mesma latitude? Sim, são da mesma. Todos eles são tipos particulares de um conceito mais geral. Eles refletem diferentes esferas da realidade. Os conceitos sempre vão ser definidos por sua longitude, pela relação com o trecho concreto da realidade que está representada neles, e que eles refletem. Cada conceito, deste ponto de vista, vai se caracterizar por um sistema desenvolvido de conceitos, por uma certa longitude e latitude que vão determinar sempre seu lugar num dado sistema de conceitos.

Estas longitude e latitude do conceito na pesquisa experimental foram denominadas de **medida da união comum dos conceitos**. Cada conceito tem a sua medida da união comum, ou seja, sua combinação em torno dos momentos concretos e abstratos, seu grau de abstração e sua parcela de realidade, representada nele. Este é o lugar que caracteriza a medida da união comum do conceito.

As relações entre os conceitos serão a relação de união comum (conjunto); por exemplo, a flor em relação à rosa é uma relação de união (conjunto). Se levarmos isso em consideração, podemos passar para um segundo momento que vai tornar mais claro, como me parece, como se desenvolvem as relações entre os conceitos. Os estudos mostram que essas relações de união comum possuem duas características principais. A primeira questão consiste no fato de que, já no desenvolvimento do pensamento da pessoa adulta, a presença dessas relações de união comum entre os conceitos existe, ou seja, o fato de que cada conceito não reflete a si mesmo, por si só um pedacinho da realidade, mas cada conceito, ao possuir uma latitude e uma longitude, é sempre um ponto em um **sistema de conceitos**. Consequentemente, contém em si a possibilidade de passagem de um dado conceito para quaisquer outros conceitos, e esse fato é o centro ao qual se reduz a explicação de todas as formas de pensamento acessíveis ao ser humano. (VIGOTSKI, 1934/2017a, p. 217-218, grifo nosso).

Acreditamos que uma representação gráfica possível da ideia que Vigotski buscava transmitir pode ser feita da seguinte maneira:

**FIGURA 5- MEDIDA DA UNIÃO COMUM DOS CONCEITOS**





Fonte: Elaboração do autor.

Utilizamos a imagem da fita de *Moebius* para indicar que, apesar de o conceito partir do concreto ao abstrato, existe o retorno do conceito mais abstrato ao concreto, como concreto pensado, pois a abstração ainda contém os estratos da realidade refletidos no conceito. Como Vigotski destacou, há um sistema de conceitos, de modo que devemos visualizar infinitas fitas de conceitos que se entrelaçam na consciência e que produzem a elevação do concreto ao abstrato. É nesse sentido que julgamos lícita sua metáfora do conceito como um som e não como uma fotografia (VYGOTSKI, 2018a). Assim como uma melodia só existe enquanto tal, na sua relação com as notas anteriores e em relação às notas que estão dentro das possibilidades futuras do campo harmônico, o mesmo ocorre com um conceito. Um conceito, como uma generalização ascendente da realidade, somente existe conectado com toda a “união comum dos conceitos”. Para exemplificar sua descrição do conceito, Vigotski utiliza o conceito de “cinco”.

Por que vimos que “cinco” como um conceito aritmético é mais rico e não mais pobre de conteúdo do que “cinco” numa representação mais geral? Porque o conceito aritmético “cinco” contém a relação do cinco com todo o restante, mas o objeto não existe por si só, mas na relação com os outros. “Cinco” é generalização, “cinco” não é apenas generalização, mas a relação entre generalizações. (VIGOTSKI, 1934/2017a, p. 219).

Desse modo, a representação, tal como feita acima, à moda de uma fita de Moebius (que também simboliza o infinito), denota o caráter “infinito” dos conceitos, pois, para Vigotski (1934/2017a), um mesmo conceito pode ser representado de modos infinitos. Acreditamos que essa “natureza” da formação conceitual é central para compreendermos o desenvolvimento potencialmente “infinito” do pensamento humano.

Vigotski (1934/2017a, p. 218) afirma que, “[...] dependendo do sistema de relações entre os conceitos de uma pessoa, tal é o círculo de operações mentais que lhe são acessíveis em cada campo.”. Esse fato demonstra a relação intrínseca entre a formação dos conceitos e o desenvolvimento do pensamento. Com isso, o método semântico não é puramente a análise do plano verbal e externo da fala, mas do seu nível interno. Todo o sentido desse método repousa na descoberta das relações interfuncionais e sistêmicas que compõem a consciência. **“A análise sêmica não é uma análise da fala, mas da consciência como um todo.”** (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 277, grifo do autor). Portanto, ao se estudar a fala, está-se desvelando, conseqüentemente, a estrutura sistêmica e semântica da consciência. Logo, no próximo item, detalharemos as possíveis implicações do método semântico para uma

compreensão da consciência.

### 7.1.5 Análise semântica e o estudo da consciência

Na aludida conferência de dezembro de 1932, Vigotski (VIGOTSKI, [1932] 1968/2004i) tematizou o problema da consciência e sistematizou suas reflexões sobre a relação entre o significado e o desenvolvimento da consciência. Ele se contrapunha claramente a duas doutrinas clássicas da consciência. Uma delas compreendia a consciência como um espaço psicológico fora das funções psíquicas. Vigotski cita como exemplo o caso de Karl Jaspers, que comparou a consciência a um cenário de teatro, no qual o drama se desenrola. A outra posição, contrária a essa, afirma que a consciência é uma qualidade geral própria dos processos psicológicos. “Também nessa representação a consciência age como algo carente de qualidade, que está fora, que é invariável, que não se desenvolve.” (VIGOTSKI, [1932] 1968/2004i, p. 174). Veremos que Vigotski discordava dessas duas posições. Sua hipótese era que a consciência não é o cenário, mas o drama, ou seja, se constitui na ligação entre os processos. Também não é simplesmente uma qualidade dos processos psicológicos, porém, se desenvolve a partir dos diferentes graus de generalidade que se produzem na comunicação e na relação com a realidade. Além disso, sua hipótese central sobre a conexão entre as atividades da consciência deve ser o principal problema da investigação:

O problema da conexão deve contrapor-se desde o princípio ao enfoque atomista. A consciência é desde seus primórdios algo integral- é isso que postulamos. A consciência determina o destino do sistema, como o organismo as funções. Deve considerar-se a mudança da consciência em seu conjunto como explicação de qualquer mudança interfuncional. (VIGOTSKI, [1932] 1968/2004i, p. 175).

A investigação do desenvolvimento das conexões da consciência tem um valor central, na metodologia de Vigotski. Tanto o é que ele próprio afirma: “[...] o desenvolvimento é nosso principal método [*métod*].” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 223). Dessa forma, a análise da consciência somente pode ser feita, considerando-a como um processo que não é autocontido, mas que possui um desenvolvimento histórico. O significado das palavras “[...] tem uma estrutura diferente em diferentes estágios do desenvolvimento da fala e em diferentes formas de processos psicopatológicos.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 336).<sup>52</sup> A chave para o estudo histórico da consciência seria o desenvolvimento do significado. Por isso, Vigotski entendia que palavra não surge como um golpe, todavia, possui um desenvolvimento, que

---

<sup>52</sup> Vigotski anotou, provavelmente em referência a uma palestra de Leontiev, que este não partia desse princípio, isto é, que o significado seria a chave explicativa da consciência.

seria ignorado por Leontiev:

Tudo é movido para o começo. Mas então tudo [é movido] para a concepção. A coisa mais importante não ocorre no começo, mas no final, pois o final contém o começo. O ponto de vista do ápice. [Ele] não deveria trabalhar o tempo todo perto dos limites inferiores. (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 247).

Com essa passagem, vemos em ação o princípio de Marx do estudo do fenômeno em sua forma mais desenvolvida. O superior, a formação do sistema semântico, possibilita o estudo do inferior, o estudo da atividade mediada.

Vigotski coloca em questão a ênfase na prática como força motriz do pensamento. Ele questiona qual seria a segunda força motriz do pensamento, além da prática. Conforme Vigotski anota, haveria, para ele, “[...] um exagero do significado da prática.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 261). O problema seria similar ao encontrado em Piaget, quando este é criticado por compreender que a lógica do pensamento é governada pela lógica da ação (VIGOTSKI, 1934/2001a). Assim, podemos vislumbrar que Vigotski é contrário à ideia do pensamento como derivado diretamente da ação prática. A ideia de que a fala e a ação são separadas, mas formam “[...] extremidades de uma espiral”<sup>53</sup> (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 263), redundou na análise da relação entre pensamento e fala, concluída alguns anos depois (VIGOTSKI, 1934/2001a).

Quando Vigotski aborda a relação entre a fala e o desenvolvimento da consciência, é preciso ter clareza de que o significado não é uma entidade divina, como ressaltado acima, nem muito menos uma ideologia. O emprego da palavra significativa é o “momento determinante” na organização e domínio dos processos psicológicos de quem os utiliza. Em outro momento, Vigotski comenta, de maneira complementar à ideia já abordada, que a formação conceitual é o momento determinante para todo o pensamento, que

[...] a presença do sistema e das **relações de união comum** (conjunto) entre o conceito é um **momento determinante** para todo o caráter do pensamento, que é específico para cada idade. Porém, essas relações de união comum (conjunto) surgem gradativamente, não se desenvolvem de imediato e, a cada estágio etário, lidamos com relações de união comum (conjunto) peculiares. (VIGOTSKI, 1934/2017a, p. 221, grifo nosso).

Vigotski (1934/2017a) destaca que as “relações de união comum” não surgem com as primeiras palavras proferidas pelas crianças. O desenvolvimento entre as primeiras palavras e as relações de união comum percorrem um longo caminho. Na fala autônoma infantil, as

---

<sup>53</sup> Discutiremos, na parte final deste capítulo, que Vigotski não desconsiderava o papel da prática e superestimava o papel do significado. Muito provavelmente, ele compreendia tanto um quanto outro como fazendo parte de uma totalidade. Nas suas análises sobre o campo semântico, ele buscou teorizar sobre a transferência de um plano ao outro.

palavras não funcionam como uma generalização, entretanto, são associadas aos objetos. Desse modo, o autor aponta que a criança na fala autônoma não generaliza, mas coloca as palavras lado a lado. Vigotski arremata, enfatizando que o “[...] destino da criança é decidido pela primeira relação com a união comum (conjunto), que surge ao final da fala autônoma infantil.” (p. 221). Essa é a explicação para ele ter considerado a formação sistêmica dos conceitos como “momento determinante” de todo o pensamento.

A palavra possibilita o desenvolvimento da consciência em suas formas mais elevadas. Porém, é o momento determinante de uma relação complexa que envolve o ato de comunicação social, o qual é sempre o resultado de um processo histórico-concreto, e a relação com a realidade, que está generalizada no significado. Vigotski não deixa margem para duvidarmos da relação intrínseca do significado com a realidade. No capítulo anterior, mostramos que, para ele, mesmo aquelas abstrações que se poderia julgar que se afastam da realidade, são as que mais ensinam o seu conhecimento, pois a fórmula do conceito é que ele “[...] perde algo para encontrar alguma coisa” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 287), isto é, o conceito perderia as particularidades do objeto, para formar uma concepção geral e, portanto, mais fiel ao objeto.

Além disso, o significado deve ser compreendido na relação entre comunicação, ação e contexto social. Nessa perspectiva, ele anotou que “[o] significado é a chave do reflexo da realidade na consciência.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 276). Vigotski dá a entender que reflexo da realidade e fala são sinônimos. O reflexo não é um ato individual, mas um “reflexo social”, em seus dizeres. Seria quase uma redundância asseverar que a fala é um reflexo social, porque a fala nunca seria um ato individual, pois nasce das relações sociais. Isso implica que o significado em sua natureza sistêmica não é produto de uma consciência pura, apartada da realidade, contudo, é intrinsecamente ligado a ela, que “[...] muda nossa relação com a realidade.” (VYGOTSKY, [1932] 2018, p. 276). Em outra passagem, ainda sobre a relação entre significado e realidade, temos que o “[...] signo significa: sinônimo - tem relação com a realidade. Logo, a prática não é um caso especial, mas permeia tudo.” (VYGOTSKY, [1932] 2018, p. 277). Em acréscimo, como vimos, a historicidade joga papel central no desenvolvimento da consciência, tanto do ponto de vista da história do gênero humano quanto do ponto de vista do desenvolvimento ontogenético, já que o reflexo da realidade na consciência possui um desenvolvimento histórico.

A discussão sobre abstração da realidade imediata leva, conseqüentemente, ao tema do idealismo. Vigotski, nessa discussão, se remete a Henri Bergson, para contrapor sua visão idealista do conceito. Segundo ele, Bergson “[...] não vê a unidade entre geral e particular no

conceito.” (VYGOTSKY, [1930] 2018a, p. 135). Bergson também teria reduzido o papel da palavra a um hábito motor. Vigotski então se ampara nos estudos de Lenin, acerca da filosofia hegeliana, a fim de refletir sobre essa questão, a partir da dialética materialista, de uma forma “não-idealista”. O que podemos apreender dessas anotações é que o conceito, em razão de sua natureza e, partindo de um ponto de vista dialético, ao mesmo tempo em que é “ideal” e se afasta da realidade, mais se aproxima dela, isto é, caminha em “[...] direção ao objeto e longe dele.” (VYGOTSKY, [1930] 2018a, p. 134). Tal afirmação, de um ponto de vista lógico formal, pode parecer contraditória. Porém, o que Vigotski está propondo é que quanto mais me aproximo da coisa, quando mais compreendo suas determinações, as quais não são dadas de forma imediata, mais eu estou longe dela, em termos aparentes, porém, me aproximo em termos essenciais. No conceito, existe a “[...] unidade particular e do universal, da coisa e da ideia.” (VYGOTSKY, [1930] 2018a, p. 134). Vigotski deixa claro que o conceito nos permite compreender melhor a realidade, em seus nexos e relações mais profundos.

Em síntese, nesse diálogo com Lenin, Vigotski revela que o reflexo da realidade possibilitado pelo significado é diferente do reflexo da realidade possibilitado pelas sensações. O significado, em razão da sua gênese social, não é uma fotografia da realidade, mas uma forma complexa de elevação acima da realidade, contudo, que, ao mesmo tempo, possibilita o alcance das suas particularidades essenciais.

A questão fundamental contida no problema da prática e do pensamento é uma questão de método, porque o problema é sobre “como introduzir uma análise interna” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 261), fato que o foco na prática não autoriza proceder. Conectado a essa discussão, Vigotski argumenta: “[...] o sistema não é objeto de estudo direto.” (VYGOTSKY, [1932] 2018, p. 262). Já em uma anotação de dezembro de 1932, Vigotski coloca em questão a análise psicológica do plano verbal e não verbal. Ele demonstra o problema do estudo externo e interno da consciência. Em uma das anotações, há a seguinte passagem: “O experimento verbal e o não verbal não são idênticos ao estudo da *fala e ação* e aos *conceitos* de fala pura. Este é um problema, mas o método de pesquisa vem em primeiro lugar.” (VYGOTSKY, [1932] 2018, p. 275).

Estão em discussão, portanto, os problemas filosóficos entre a análise interna e externa do fenômeno. O estudo do plano verbal e não verbal não seriam idênticos. Vigotski ressalta que “[...] **a análise sêmica é a análise que prossegue no plano verbal**. Isso é impossível com uma criança nova.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 275, grifo do autor). Por essa razão, segundo ele, o método semântico deveria partir das formas superiores, mais desenvolvidas do sistema conceitual, e não da criança pequena. Por tudo que Vigotski anota nos seus cadernos,

o elemento interno que poderia explicar a relação entre fala e ação e o desenvolvimento do sistema seria o significado da palavra. Essa afirmação é corroborada pela seguinte anotação de Vigotski: “O caminho do estudo do significado é a questão central do estudo.” (VYGOTSKY, [1932] 2018, p. 263).

O método semântico tem como princípio o estudo do plano verbal. Nesse sentido, parte da comunicação mediada pelas palavras como modo de análise da formação da consciência. Por questões óbvias, Vigotski ressalta que seria uma análise impossível em crianças pequenas. Vigotski concorda com Engels, quando preconiza que a necessidade de comunicação criou a fala. “A palavra não se desenvolve a partir das necessidades do pensamento, mas das necessidades de comunicação [...]” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 406). A comunicação é impossível sem palavras, sem uma forma mediada. A consciência somente se torna possível com a comunicação, com a interação social, por meio de palavras, pois a comunicação muda a relação não somente com outra pessoa, mas a relação consigo próprio. Isso quer dizer que, para Vigotski ([1934] 2018a), a palavra, além de possibilitar o entendimento mútuo, também permite o entendimento de si mesmo:

A comunicação de um pensamento muda o pensamento. Comunicação com outra pessoa (uma função interpsicológica) é sempre comunicação consigo próprio (ou seja, uma função intrapsicológica): esta última está **implícita** no primeiro. Ou seja, o que é possível para dois ao mesmo tempo se torna possível para um. (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 407, grifo do autor).

Essa questão se relaciona à discussão sobre o papel da linguagem na estrutura da consciência. O significado, dado sua origem na interação social, é uma “estrutura social” e não uma “estrutura psíquica” (VYGOSKY, [1934] 2018a, p. 405). Ou seja, o significado não nasce como forma de pensamento, porém, como derivação da relação entre comunicação e realidade. A comunicação é uma atividade “extracortical”, pois transcende seus limites. É ela que possibilita a “atividade dentro de si” (VYGOTSKY, [1933] 2018a, p. 358), diferentemente dos animais, que são ativos ao ar livre. A comunicação somente é possível em generalizações, que se contrapõem à comunicação instintiva, a qual apenas se limita a expressar estados internos do animal, nunca a realidade que extrapola o campo imediato. A generalização, conforme Vigotski, é uma forma de comunicação consigo mesmo, ou seja, é uma forma de o indivíduo agir dentro de si, de maneira social. É o “social dentro da personalidade” (VYGOTSKY, [1933] 2018a, p. 354). Vigotski (1934/2017a), em uma das suas últimas aulas, explicita que a generalização [*obobschenie*] não é possível sem comunicação [*obschenie*]. O autor assinala:

O que é mais típico, mais fundamental, mais importante para a consciência do ser humano e para sua forma peculiar de refletir a realidade? A natureza social e histórica dessa consciência.

Mas como já havia dito, e agora vou lembrar-lhes, a consciência humana não é um produto do desenvolvimento individual, mas um produto do desenvolvimento histórico da sociedade humana e, conseqüentemente, a consciência humana surge, se desenvolve, altera-se na *obschenie* das pessoas. Ou seja, é fato que não ocorre de tal forma que na cabeça de cada um se desenvolve sua própria consciência e que a pessoa efetua uma troca do produto pronto, mas a consciência se desenvolve e cria suas funções fundamentais no processo de *obschenie*. Este fato necessita de explicação e também precisa que a ela seja dado um lugar correspondente quando falamos sobre o reflexo da realidade na consciência da pessoa. (VIGOTSKI, 1934/2017a, p. 213).

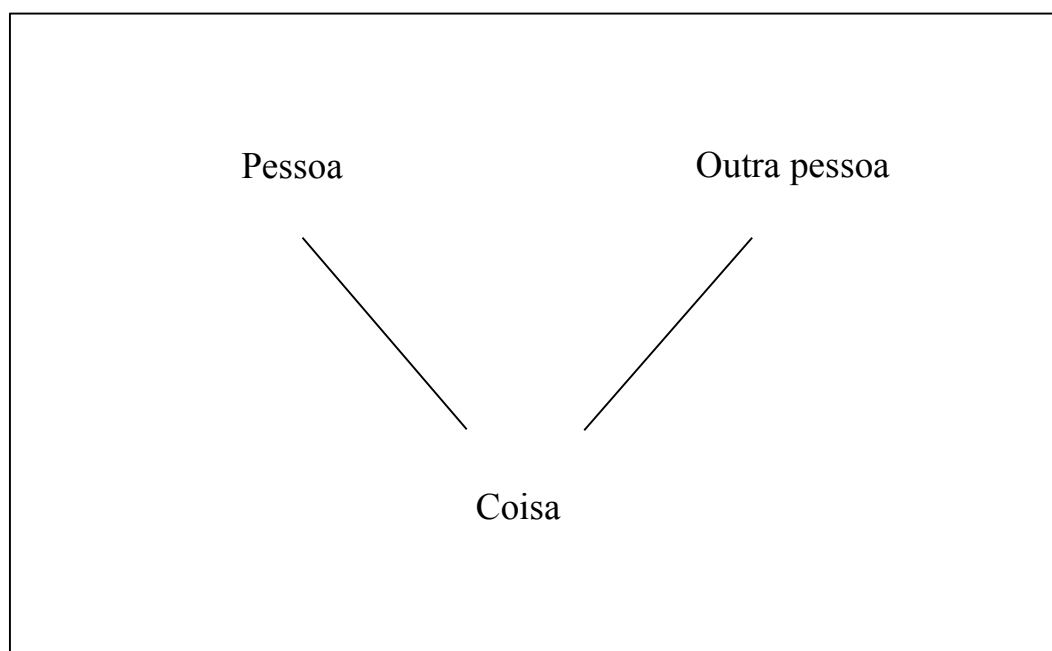
O autor completa, afirmando que o desenvolvimento da generalização leva a novas formas de relação da criança com outras crianças e com os adultos, novas formas de comunicação [*obschenie*].

Dentro do sistema conceitual produzido por Vigotski, a palavra *obschenie* (comunicação) forma uma “medida de união comum” com a palavra *obobschenie* (generalização). O fato de esta palavra também possuir o mesmo radical de *obschenie*, que indica que algo é comum e coletivo, já denota a importância da relação entre esses conceitos. Não há generalização [*obobschenie*] sem comunicação [*obschenie*]. Por sua vez, não há comunicação sem generalização. Mesmo na língua portuguesa, a palavra “generalizar” pode tanto significar a generalização de uma característica para vários objetos, como tornar algo comum, isto é, generalizar para várias pessoas um conhecimento, por exemplo. Desse modo, esses dois conceitos devem ser compreendidos na sua produção como um par inseparável, como uma totalidade. No início do livro *Pensamento e linguagem*, Vigotski assim demonstra essa unidade: “[...] a **comunicação** pressupõe necessariamente **generalização** e desenvolvimento do significado da palavra, ou seja, a generalização se torna possível se há desenvolvimento da comunicação. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 12, grifo nosso).

Por conseguinte, a importância da comunicação-generalização para o estabelecimento de novas relações da criança consigo e com os outros não vem em si da palavra que expressa essa generalização, mas sim da circunstância de essa palavra ser síntese das relações sociais, da comunhão entre a criança e as outras pessoas. Logo, a palavra generalizada na consciência não é um processo mental somente, mas social. Em outros termos, é uma relação entre duas pessoas ou uma relação psicológica, “dois em uma consciência” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 273). Para Vigotski, a comunicação era intimamente ligada ao desenvolvimento da consciência. O ato de se tornar consciente ocorre, porque a pessoa se divide em três. Em um único sujeito, há o objeto (causa da comunicação) e a relação com outra pessoa. Ele desenhou

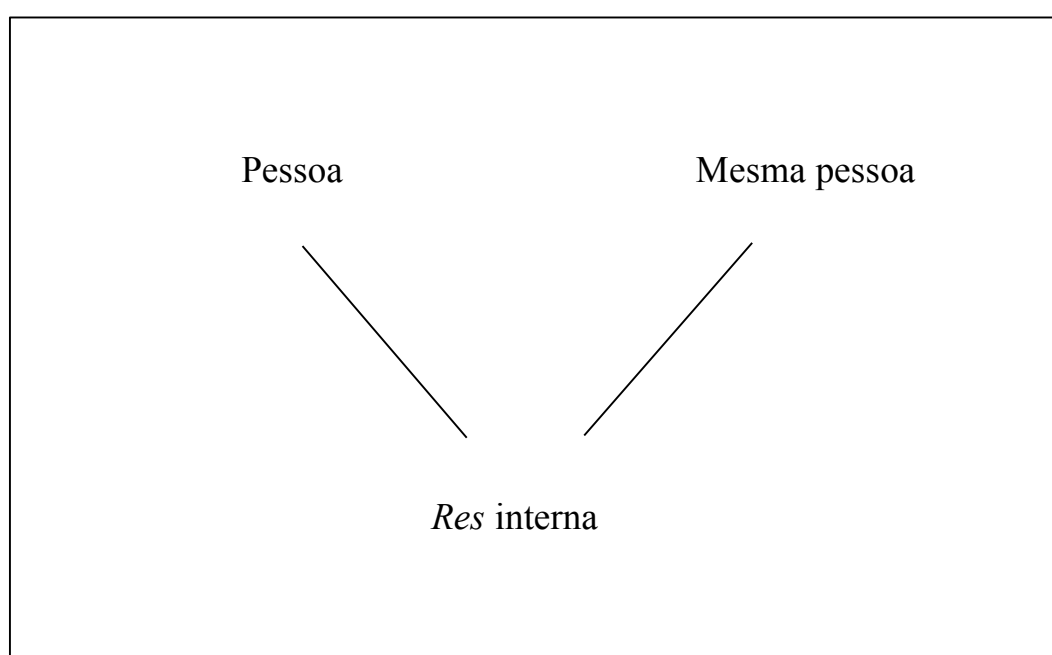
os esquemas abaixo, para explicar a diferença entre a comunicação externa e a tomada de consciência.

**FIGURA 6- ESQUEMA DE COMUNICAÇÃO EXTERNA**



Fonte: Vigotski ([1933] 2018a, p. 354).

**FIGURA 7- ESQUEMA DE TOMADA DE CONSCIÊNCIA**



Fonte: Vigotski ([1933] 2018a, p. 354).



Conforme Vigotski, a palavra não somente refletia a realidade, como alguns acreditavam, mas o pensamento se realizava pela palavra. Desse modo, para ele, não há uma coincidência entre a palavra e o pensamento na consciência (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 286). Vigotski dá o exemplo da tristeza. Nós não comunicamos os sentimentos, porém, o seu significado. O pensamento se realiza por meio da palavra. A “[...] consciência cria significado com a ajuda da palavra.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 258). Haveria, por isso, uma relação dinâmica entre pensamento e palavra. Em outros termos, fala e a ação não são uma expressão direta do pensamento, mas também não são separadas do pensamento, como uma roupa que veste o corpo, nem um hábito que coloca um símbolo de igualdade entre o pensamento e a fala. Seus companheiros ignoraram que o mais importante não é a palavra mais a ação, entretanto, é a mudança dos “[...] significados de fala e ação em si.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 287). Para explicar essa relação, Vigotski ([1932] 2018a) utiliza a metáfora da chuva:

O significado é o **caminho da palavra para o pensamento e do pensamento para a palavra**. Eu tenho um pensamento: uma nuvem que está pendurada acima do meu discurso, que se espalha como chuva. O pensamento é reorganizado em significado - assim a **palavra** é encontrada. Desse modo, no problema do pensamento-fala, o significado faz **parte da palavra** e não faz parte do pensar, isto é, encontra-se na **esfera do discurso**. (p. 286, grifo do autor).

Essa questão se liga ao problema entre forma e conteúdo, focalizado no capítulo anterior. Não haveria, para Vigotski, um funcionamento do pensamento apartado do conteúdo que opera, contudo, a forma também não se reduz ao conteúdo, pois o conteúdo produz certos sistemas psicológicos que, na singularidade, dependem do contexto histórico no qual o indivíduo se encontra, do contexto, ações etc. A palavra não seria a expressão do pensamento, porque um mesmo pensamento poderia ser dito de diferentes formas, com diferentes palavras. Além disso, uma mesma palavra poderia ter significados diferentes, dependendo da situação em que é empregada.

Isso fica claro, quando Vigotski destaca que o significado não é parte do pensar, mas do discurso. “A palavra significa uma coisa na técnica e outra na poesia.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 258). A palavra não deve ser estudada isoladamente, mas em conexão com a ação, que carrega significados. Ele cita como exemplo o caso do afásico, o qual pode ver um livro como livro, mas não como uma vara, ou seja, não consegue dar outro significado para o mesmo objeto. Ademais, Vigotski acrescenta que são os próprios significados que medeiam a percepção e a ação. Não haveria uma separação da palavra e da percepção, tal como propunha Stern. Para este, a fala seria neutra, como um vidro, permitindo apenas “[...] discernir a

percepção e nada muda nela.” (VYGOTSKY, [1932] 2018, p. 246). No entanto, Vigotski afirma que os experimentos com jogos demonstram que a percepção é alterada pela fala. Por conseguinte, não haveria uma percepção da realidade que não estivesse entrelaçada com o significado dessa própria realidade. Tal fato foi demonstrado por meio da sua posição em relação ao processo de desintegração da consciência e ao desenvolvimento dos adolescentes.

Essa questão nos traz novamente ao problema do método. O estudo da fala separado da percepção seria a expressão do não reconhecimento da unidade entre esses processos. Vigotski lembra que “[...] todos os autores mais antigos tomaram a fala como o objeto do estudo, enquanto a percepção, o pensamento e as outras funções servem como o assunto do conhecimento.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 247). Esse era o ponto principal que levava a posições como a de Stern. Este tomara o pensamento e a percepção como tendo um funcionamento próprio, independente da fala.

Em uma pequena passagem de outubro de 1932, mas fundamental para a presente tese, Vigotski menciona a controvérsia entre Bergson e Alfred Binet. Essa controvérsia nos leva a compreender como Vigotski pensava o problema da relação entre epistemologia e ontologia. Cada um dos autores citados divide ou funde o problema da relação entre epistemologia e ontologia. “Em Bergson: o cérebro é um órgão motor, mas a percepção é puramente espiritual; em Binet o cérebro é órgão sensorial, e a percepção é materialista.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 245). Para Bergson, há uma divisão entre o que o homem é (ontologia) e como ele percebe ou conhece a realidade. Já em Binet, o que o homem é (ontologia), um ser biológico, determina sua forma de percepção e conhecimento (epistemologia). Interpretamos que Vigotski não divide nem funde o problema entre epistemologia e ontologia, pois, para ele, a percepção não seria um fenômeno espiritual nem reduzido aos processos neurofisiológicos.

Dado que aquilo que está na gênese do homem é sua natureza social, e que a linguagem exerce papel determinante nessa transformação, Vigotski nos leva à hipótese de que, para ele, o objeto de estudo (o homem como ser social) coincide com o objeto do conhecimento. Ou seja, ao buscarmos a origem do homem enquanto ser social, ao mesmo tempo teremos que responder como ele conhece a realidade. Por isso, aquilo que permite o homem ser o que é, ou seja, o desenvolvimento da consciência através da comunicação significativa, que tem sua exigência material a atividade de trabalho, se torna também a forma de interpretar como o conhecimento é produzido. Essa afirmação está em consonância com a tese aqui apresentada, de que não há uma teoria do conhecimento em Vigotski *a priori* do seu contato com o objeto. Do mesmo modo, ele não encara seu objeto como tendo uma forma constitutiva independente de sua natureza social e cultural. Muito menos o conhecimento é

produzido por processos que estão à parte da natureza social do próprio homem. Em outros termos, podemos sustentar que, ao procurar esclarecer como o homem se desenvolve (respondendo à pergunta ontológica sobre a origem do homem), Vigotski chega ao mesmo tempo ao conhecimento sobre como o homem conhece o mundo (responde à pergunta sobre a origem e natureza do conhecimento).

O significado da palavra, por sua vez, possibilita o desenvolvimento de formas superiores de pensamento, as quais se organizam sistematicamente. Em razão da natureza artificial do sistema, ele é o “[...] lado puramente psicológico da cultura.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 275). Sobre a relação entre funções psicológicas inferiores e funções psicológicas superiores, Vigotski parece caminhar em direção à superação da sua explicação anterior, derivada do método instrumental, da relação entre essas duas formas de pensamento. Sobre essa questão, ele comenta que “[...] **as funções superiores e inferiores** não são construídas em dois andares.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 275, grifo do autor). Ele complementa, ressaltando que a função superior é o domínio da inferior. Em razão da natureza sistêmica da consciência, em outro momento, ele enfatiza que a palavra tem um papel na consciência como um todo e não nas funções individuais. Cada uma das funções “[...] deve ser considerada como uma função da consciência como um todo, em sua nova qualidade [...]” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 273). Portanto, não existe função que opera independentemente da totalidade da consciência.

Vigotski, em certa ocasião, recorre à analogia do teatro para explicar essa relação. Ele declara o seguinte: “As funções não estão fora da consciência; consciência não é um espaço mental, nem a cena de Gesell<sup>54</sup> que os atores interpretam o drama, mas o drama em si, que, por seu curso, determina cada movimento de cada ator.” (VYGOTSKY, , [1932] 2018a, p. 293). Por conseguinte, quando Vigotski alude a totalidade, não está considerando apenas a totalidade da consciência, mas a relação entre a consciência e a realidade. Em outro momento dos seus manuscritos, tratando da relação entre significado da palavra e consciência, ele demonstra o caráter dialético dessa relação. Não haveria uma relação direta em que o significado leva à consciência. A metáfora da relação entre célula e organismo é usada para explicar esse processo. A célula depende do organismo para se desenvolver. Logo, o “[...] significado depende da consciência, da consciência da vida. Mas o significado muda a consciência, a consciência muda a vida.” (VYGOTSKY, [1933] 2018a, p. 355).

---

<sup>54</sup> Na transcrição da conferência de Vigotski, “O problema da consciência”, essa ideia é atribuída a Jaspers. Os editores dos cadernos de Vigotski atribuem essa referência a Gesell como um equívoco. Ou seja, Vigotski provavelmente errou, ao atribuir essa ideia a Gesell e queria, provavelmente, ter escrito Jaspers.

O surgimento de formações novas na consciência constitui a base da atividade livre do homem. Na natureza, os animais são subordinados pelas suas funções. A consciência, que se estrutura semanticamente, possibilita a subordinação das funções à totalidade da consciência, executando diversos processos que tornam uma atividade livre. Esses processos se organizam e modificam as relações interfuncionais. O sistema leva à “[...] destruição das antigas conexões interfuncionais no plano natural: uma unidade sensório-motora.” (VYGOTSKY, [1932] 2018, p. 277). Novas conexões, de ordem superior, são criadas e suplantam as antigas, naturais, desenvolvendo formações novas que antes não estavam presentes.

Vigotski também expressa nos seus manuscritos, em diversas ocasiões, a intenção de tratar do “problema da consciência”, a partir da sua nova hipótese. Em um desses planos, o esquema para tratar o problema da consciência abarcaria, dentre outras questões, a seguintes etapas: 1) problema da consciência animal; 2) “o problema do significado das palavras, análise sêmica no sentido restrito. Os lados fásico e semântico da fala”; 3) o significado do discurso interno; 4) o pensamento e significado das palavras; 5) o problema da estrutura semântica da consciência; 6) o problema da estrutura sistêmica da consciência; 7) o princípio e o método do estudo da consciência (VIGOTSKI, [1932] 2018a, p. 281).

Em outro plano de trabalho, há o foco no estudo da fala na sua estrutura e relação com diferentes processos, tais como na relação com o intelecto prático, a sua estrutura fásica e semântica, sua forma egocêntrica e interna, na relação com o pensamento lógico e com o pensamento autista, seus aspectos motivadores, na relação com a memória lógica, na relação entre fala escrita e fala interna, na relação da fala com o desenho e com o comportamento motor (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 282). Além dessas questões teóricas, aparecem igualmente nesses planos as “conclusões preliminares”, que seriam obtidas a partir do estudo da ontogênese, da memória excepcional, das primeiras perguntas das crianças e com o estudo da consciência na esquizofrenia. É possível perceber que parte desse planejamento se expressou nos dois últimos capítulos do livro *Pensamento e Linguagem* (VIGOTSKI, 1934/2001a). É na análise desse material que buscaremos investigar qual a última explicação da consciência realizada por Vigotski.

#### 7.1.6 A face oculta da consciência e seu método de investigação na ontogênese

As reflexões desenvolvidas por Vigotski nos seus manuscritos, sobretudo no que diz respeito à criação de sua nova hipótese, são corroboradas, quando as cotejamos com os textos que foram publicados. Mencionamos o fato de que o método semântico foi vislumbrado por Vigotski, nos seus últimos anos de vida. Por essa razão, ele não teve oportunidade de colocá-

lo em prática de maneira exaustiva. Uma das únicas pesquisas que foram levadas a cabo, durante esse período, foi sobre o desenvolvimento da fala interna, baseada na análise da fala egocêntrica.

Além disso, ele procurou estudar como se diferenciam os graus de generalizações e como interagem, por meio do estudo dos conceitos espontâneos e conceitos científicos. Essas pesquisas podem ser descritas como sua análise do desenvolvimento do significado na ontogênese.

Vigotski também efetuou investigações de estudos clínicos baseados nesse método. As pesquisas sobre a relação entre intelecto e afeto, aos moldes das pesquisas de Lewin, as quais redundaram na criação do conceito de campo semântico, também podem ser consideradas pesquisas sob a égide do método semântico. Os estudos de casos dos pacientes K e Z são outro exemplo de estudos clínicos, nos quais Vigotski buscou compreender a relação entre a linguagem e o pensamento em processos psicopatológicos. Abordaremos, na sequência, as pesquisas sobre a ontogênese do significado e do pensamento, enquanto o conceito de campo semântico será focalizado na terceira parte desse capítulo.

#### 7.1.6.1 Fala egocêntrica e a análise semântica da consciência

A proposição mencionada acima, da necessidade urgente da transferência do foco do estudo da face externa da linguagem (fásico), para o seu aspecto interno (semântico), pode ser observada através da análise dos últimos dois capítulos do seu livro *Pensamento e linguagem* (VIGOTSKI, 1934/2001a). Neles se encontra a exposição das situações experimentais que corroboraram as análises feitas por Vigotski. No entanto, uma ressalva deve ser feita quanto ao modo como esse autor compreendia a relação entre hipótese de trabalho e investigação experimental.

Ele distinguiu, sabiamente, que existe um contexto de investigação e um de exposição. Esta, obviamente, começa pelo final, ou seja, o autor já extraiu os dados factuais e produziu uma interpretação sobre eles. Isso significa que a sua exposição não segue a ordem da investigação, ou seja, do movimento dos “fatos”. Sobre essa questão, Vigotski (1934/2001a, p. 393) comenta:

Resta-nos apenas dizer que, durante todo o processo de pesquisa, a nossa hipótese de trabalho e a investigação experimental se constituíram de modo diferente ao que apareceu aqui. No curso vivo do trabalho investigatório, a questão nunca se apresenta como em sua forma literária acabada. A construção da hipótese de trabalho não antecedeu a investigação experimental e esta não pôde apoiar-se desde o início em uma hipótese definitivamente pronta. Segundo expressão de Kurt Lewin, a hipótese e o experimento são dois pólos de uma totalidade dinâmica que se

formaram, se desenvolveram e cresceram juntos, fecundando-se mutuamente e um fazendo o outro avançar.

Não podemos deixar de relacionar esse fundamento com a idêntica contraposição feita por Marx. Vigotski argumenta, na mesma linha de Marx (2013):

Sem dúvida, deve-se distinguir o modo de exposição segundo sua forma, do modo de investigação. A investigação tem de se apropriar da matéria [*Stoff*] em seus detalhes, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e rastrear seu nexo interno. Somente depois de consumado tal trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Se isso é realizado com sucesso, e se a vida da matéria é agora refletida idealmente, o observador pode ter a impressão de que se encontra diante de uma construção *a priori*. (MARX, 1867/2013, p. 129-130).

Com a compreensão do processo de pesquisa a partir do objeto, fica claro que a hipótese de trabalho não pode ser feita antes do próprio contato com o fenômeno que se quer conhecer. Vigotski, com esse posicionamento, rompe com a abordagem lógico-gnosiológica, e esse é um elemento central da análise aqui empreendida. Assim como o procedimento de pesquisa não é anterior ao contato com o objeto, a hipótese de trabalho escolhida somente pode surgir por meio da dinâmica entre esses dois polos, os quais se orientam pela análise histórica do fenômeno, o que permite a compreensão de sua dinâmica interna.

Deixamos explícito, até aqui, como o método, que tem nas hipóteses de trabalho e nos procedimentos de pesquisa parte constitutiva, se modificou por “imposição” dos fatos. É o que podemos depreender, quando Vigotski, para captar a dinâmica interna da linguagem, lançou mão da fala egocêntrica, tal como apresentado no início deste capítulo. Ele não somente criticou a interpretação de Piaget com base nos próprios “fatos” apresentados pelo biólogo genebrino, mas criou situações experimentais originais, para poder “observar” as transformações da fala egocêntrica e, com isso, ter acesso à gênese do desenvolvimento do aspecto semântico da linguagem. Foi em razão de sua estrutura externa, todavia, que funcionalmente opera tal qual a linguagem interior, que Vigotski (1934/2001a) considerou a análise desse fenômeno como sendo fundamental para o estudo da totalidade da relação entre palavra e pensamento.

A diferença entre o aspecto externo da linguagem infantil e sua estrutura interna é possível de ser constatada, através estudo genético e funcional. Os dados factuais de outros autores da época, como do próprio Piaget, ajudaram Vigotski a interpretar que não há relação direta entre a linguagem e o pensamento. Ao analisar a gênese da linguagem no desenvolvimento infantil, ele verificou que ela transcorre da parte para o todo, isto é, da palavra para o pensamento pronto. Este não é refletido pela palavra, mas se reestrutura e se modifica, no processo de desenvolvimento.

Do ponto de vista estrutural, na gênese do processo, a forma gramatical da língua está adiante da sua forma lógica, ou seja, a criança emprega as palavras sem ter consciência delas. A criança usa uma palavra no lugar de uma frase. Apenas mais tarde essa relação se inverte, transcorrendo do todo para a parte, isto é, da oração para a palavra. Vigotski descobriu que a discrepância entre a forma gramatical e psicológica é o fundamento que permite que a dinâmica entre pensamento e linguagem possa se desenvolver. As formas literárias demonstram claramente a importância dessa discrepância, pois uma mudança gramatical pode acarretar uma mudança profunda do sentido (VIGOTSKI, 1934/2001a):

Um resumo do conhecimento que nos deu a análise dos dois planos da linguagem permitiria afirmar que a discrepância entre esses dois planos, a existência de um segundo plano interior da linguagem que está por trás das palavras, a autonomia da gramática do pensamento e da sintaxe dos significados verbais nos levam a perceber, no mais simples enunciado discursivo, não uma relação imóvel e constante, dada de uma vez por todas entre os aspectos semântico e sonoro da linguagem, mas um movimento, uma transição da sintaxe dos significados para a sintaxe da palavra, a transformação da gramática do pensamento em gramática das palavras, a modificação da estrutura semântica com a sua materialização em palavras. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 417).

No começo do desenvolvimento, os aspectos sonoro e significativo da palavra não são diferenciados pela criança. Ela tem dificuldade de separar o nome das propriedades do objeto. Isso faz com que a generalização seja impossibilitada no início do desenvolvimento, pois a criança não consegue transmitir o nome de um objeto a outro. É precisamente no processo de comunicação – com o exercício social da palavra – que a criança paulatinamente vai desenvolvendo a capacidade de generalização e passa a gradualmente a distanciar a palavra dos objetos que ela denota. Por conseguinte, o significado perde a sua referencialidade concreta.

Essa constatação da diferença entre a forma interna e exterior é fundamental para demonstrar que a linguagem interior é uma modalidade de linguagem específica que possui “[...] particularidades absolutamente específicas e situada em uma relação complexa com as outras modalidades de linguagem.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 425). Para compreender essas peculiaridades da linguagem interior, é preciso descobrir a relação que ela estabelece tanto com o pensamento quanto com a palavra. Diferentemente da linguagem exterior, que é uma linguagem para os outros, a linguagem interior é uma linguagem para si. A linguagem interior não é o mesmo que a exterior, em seu aspecto sonoro, mas uma linguagem de qualidade inteiramente diferente. Dada a dificuldade de acesso à linguagem interior, ela pode ser considerada uma das áreas mais difíceis da Psicologia:

Essa questão permaneceu quase inacessível a experimentos enquanto não se conseguiu aplicar a ela o método genético. Também aqui, o desenvolvimento foi a chave para a compreensão de uma das mais complexas funções interiores da consciência humana. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 426).

Como já destacado no início deste capítulo, Vigotski se afasta de Piaget, na sua interpretação da fala egocêntrica. Esta, para Vigotski, teria um valor metodológico fundamental, na medida em que possibilita o estudo da linguagem interior. Vigotski constatou, por meio da análise da fala egocêntrica, a possibilidade, pela primeira vez, de se estudar experimentalmente a linguagem interior. Sobre sua importância metodológica o autor afirma:

Quando estudamos os processos interiores para experimentar e objetivar o processo interior observado, somos levados a **criar experimentalmente o seu aspecto externo**, vinculando-o a alguma atividade externa, a levá-lo para fora a fim de possibilitar a sua análise objetivo-funcional baseada nas observações do aspecto externo do processo interno. No caso da linguagem egocêntrica, operamos com uma espécie de **experimento natural** construído segundo esse tipo. Trata-se da linguagem interior acessível à observação direta e à experimentação, isto é, de um processo interior por natureza e exterior por manifestação. É por este motivo que o estudo da linguagem egocêntrica é, para nós, o método fundamental de estudo da linguagem interior. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 427, grifo nosso).

Além da importância do estudo genético da linguagem interior, ensejado pela fala egocêntrica, existiria outra vantagem no seu estudo, que é a possibilidade de análise do fenômeno no seu aspecto dinâmico, ou seja, enquanto processo histórico. Com isso, é possível estudar as tendências do desenvolvimento da linguagem interior. Isso significa que a análise permite não somente o estudo do declínio da fala egocêntrica, mas o seu desenvolvimento essencial, isto é, verificar o que surge e cresce, nesse processo.

Como já apontado, para Piaget a fala egocêntrica era a expressão do egocentrismo do pensamento. Ele entendia que essa fala tende à extinção, sendo paulatinamente substituída pela fala socializada. Ela apenas acompanharia o comportamento da criança, não desempenhando nenhuma função especial. De modo oposto, Vigotski constatou, por meio da observação dos fatos, que a função da fala egocêntrica é semelhante à da linguagem interior. Ao invés de apenas acompanhar o comportamento da criança, a fala egocêntrica possui uma função de “orientação intelectual” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 430), pois é com base nela que a criança reflete sobre a realidade e supera os obstáculos que se lhes apresentam. Portanto, elas coincidem em sua função e estrutura apenas no início do desenvolvimento, diferenciando-se paulatinamente ao longo do processo.

Do ponto de vista genético, os experimentos demonstraram que a fala egocêntrica não se extingue, mas se desenvolve. Vigotski (1934/2001a) observou que a extinção da fala egocêntrica indica não o seu desaparecimento, porém, sua transformação em linguagem



interior. Essa hipótese explica o porquê de o coeficiente da fala egocêntrica aumentar, quando a criança é colocada em uma situação experimental na qual a tomada de consciência e a reflexão são exigidas. A fala egocêntrica aumenta, porque ele está exercendo a função de uma forma de pensamento em voz alta.

Do ponto de vista estrutural, a nova hipótese proposta por Vigotski também coloca a posição de Piaget em xeque. Vigotski (1934/2001a, p. 431) questiona o seguinte fato:

Se as peculiaridades estruturais da linguagem egocêntrica radicam precisamente no egocentrismo, é natural esperar que tais peculiaridades, cuja expressão sumária é a ininteligibilidade dessa linguagem para os outros, também venham a extinguir-se e reduzir-se gradualmente a zero como as próprias manifestações dessa linguagem.

Contudo, ele afirma que os fatos demonstram o inverso. Ao invés de se extinguir, as peculiaridades estruturais da fala egocêntrica não cessam, mas se desenvolvem. Sua estrutura interna deveria ser mais parecida com a linguagem socializada, muito mais compreensível. Entretanto, com o desenvolvimento da linguagem interna, há a tendência de essa linguagem se tornar mais ininteligível para os outros.<sup>55</sup> Em outros termos, se a linguagem socializada se impusesse no processo de desenvolvimento, a linguagem interna deveria ser mais parecida, estruturalmente, com a linguagem socializada; contudo, não é isso o que ocorre: a diferença estrutural entre as duas formas de linguagem se acentua.

A concepção de Piaget se assenta na ideia de que a fala egocêntrica se extingue com o crescimento da criança. Entretanto, a interpretação de Vigotski dos fatos mostra que “[...] as peculiaridades estruturais da linguagem interior e sua diferenciação funcional em relação à linguagem exterior aumentam com a idade.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 432). O que declina, no decorrer do desenvolvimento, é unicamente a vocalização, sua expressão sonora. Seria errôneo julgar que a extinção da vocalização equivale à extinção da fala egocêntrica. Apenas um método que parte somente da análise do fenômeno e não penetra na sua essência é capaz de produzir tal explicação.

As peculiaridades estruturais e funcionais da fala egocêntrica aumentam com o desenvolvimento da criança. “Aos três anos, é quase igual a zero a diferença entre essa linguagem e a linguagem comunicativa.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 433). A criança de sete anos possui uma linguagem social inteiramente diferente da linguagem da criança de três anos, por suas peculiaridades funcionais e estruturais. Essa diferença é amparada pelos fatos, os

---

<sup>55</sup> Vigotski critica a hipótese de Watson de que a fala em voz alta, o sussurro e a linguagem interior talvez se desenvolvam simultaneamente, desde o início. Apesar disso, Vigotski admite a existência de profundas diferenças entre a linguagem interior e exterior. Ele teria razão, ao declarar que, se a linguagem interior pudesse ser gravada, o resultado seria uma fala irreconhecível.

quais indicam que essas duas formas de linguagem, a fala para si e a fala para os outros, se diferenciam totalmente, fato oposto ao que ocorria no início do desenvolvimento.

Se não ocorre a extinção da fala egocêntrica, mas sua passagem ao plano interno, como se explicaria essa transição? Vigotski explica que é a abstração que se desenvolve a partir do aspecto sonoro da linguagem, fato que possibilita o desenvolvimento da linguagem interior. A criança passa a pensar e imaginar palavras e, em vez de pronunciá-las, ela opera com a imagem da palavra, em lugar da própria palavra (VIGOSTKI, 1934/2001a, p. 435). A hipótese de Vigotski (1934/2001a, p. 435-436) é sintetizada da seguinte forma:

[...] a contradição entre a extinção das manifestações externas da linguagem egocêntrica e o aumento das suas peculiaridades internas é uma contradição aparente. Em realidade, por trás do declínio do coeficiente de linguagem egocêntrica esconde-se o desenvolvimento positivo de uma das peculiaridades centrais da linguagem interior - a abstração do aspecto sonoro da linguagem e a diferenciação definitiva de linguagem interior e linguagem exterior. Desse modo, todos os três grupos fundamentais de traços - funcionais, estruturais e genéticos -, todos os fatos que conhecemos do campo do desenvolvimento da linguagem egocêntrica (inclusive os fatos de Piaget) atestam harmoniosamente uma única coisa: a linguagem egocêntrica se desenvolve no sentido da linguagem interior, e todo o curso do seu desenvolvimento não pode ser entendido senão como o curso de aumento progressivo de todas as propriedades distintivas da linguagem interior.

Como aludido, Vigotski não refutou a explicação de Piaget somente pela via teórica. Ele não criou essas hipóteses apenas a partir do estudo da lógica do processo, todavia, baseado no confronto com os dados fornecidos pela prática. Para analisar o papel da fala egocêntrica no desenvolvimento da linguagem interior, ele formulou três formas de observação da linguagem infantil. Vejamos como realizou os experimentos e as conclusões suscitadas por eles.

Os experimentos foram elaborados para verificar se a posição de Piaget de que a fala egocêntrica surge da insuficiente socialização da linguagem individual primária é correta ou se uma nova hipótese é requerida. O raciocínio de Vigotski (1934/2001a, p. 437), para organizar os experimentos, foi o seguinte:

[...] se a linguagem egocêntrica da criança deriva do egocentrismo do seu pensamento e da insuficiência de sua socialização [...] [então] qualquer contribuição para o seu isolamento psicológico e para a perda do contato psicológico com outras pessoas [...] deve levar necessariamente a um aumento do coeficiente da linguagem egocêntrica [...]. [Ao contrário, se] a linguagem egocêntrica deriva da insuficiência de diferenciação da linguagem para si e da linguagem para os outros, da insuficiente individualização da linguagem primariamente social, [...] então todas as mudanças de situação devem manifestar-se no acentuado declínio da linguagem egocêntrica.

Em síntese, se se cria certo contexto experimental que permite observar a expressão da fala egocêntrica no contato psicológico com outras pessoas, seria possível verificar a validade ou não da hipótese de Vigotski.

Em acréscimo, um conjunto de fatos relatados pelo próprio Piaget, contudo, a que este não deu atenção teórica, também foram fundamentais para Vigotski elaborar suas situações experimentais. Três peculiaridades dessa linguagem, a qual Piaget descreveu como constituindo apenas traços externos, chamaram a atenção de Vigotski (1934/2001a). O primeiro deles diz respeito ao fato de a fala egocêntrica representar um “monólogo coletivo”, ou seja, “[...] não se manifestar a não ser no grupo de crianças e na presença de outras crianças igualmente ocupadas na mesma atividade e não quando a criança está sozinha.” (p. 438). Além disso, esse monólogo coletivo é acompanhado de uma “ilusão de compreensão”. A criança acreditava que suas expressões egocêntricas eram compreendidas por aqueles que a rodeavam. Por último, há “[...] o fato de que essa linguagem para si tem caráter de linguagem externa, sem lembrar a linguagem socializada, e não se pronuncia por sussurros, de forma desarticulada, para si mesma.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 438). Esses fatos evidenciam que a fala egocêntrica, do ponto de vista da criança, ainda não está subjetivamente separada da social. Somente isso, afirma Vigotski, seria suficiente para que uma hipótese contrária àquela da teoria da insuficiência de socialização fosse demonstrada.

Essas peculiaridades testemunham antes a favor de uma socialização grande demais e de um insuficiente isolamento da linguagem para si em relação à linguagem para os outros. Porque elas sugerem que a linguagem egocêntrica, a linguagem para si transcorre nas condições subjetivas e objetivas próprias da linguagem para os outros. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 348).

Os experimentos foram criados com o objetivo de tornar as três peculiaridades da fala egocêntrica (vocalização, monólogo coletivo e ilusão de compreensão) observáveis de maneira dinâmica. Os experimentos foram divididos em três situações.

No primeiro conjunto de experimentos, Vigotski (1934/2001a) buscou anular a **ilusão de compreensão** por outras pessoas, que surge na fala egocêntrica. Foi colocada uma criança, que teve seu coeficiente de fala egocêntrica medido em uma situação análoga àquelas de Piaget, em um contexto que tinha como objetivo minar a ilusão de compreensão. Foram organizadas atividades da referida criança com outras que eram surdas-mudas ou que falavam uma língua estrangeira. Os experimentos revelaram que o seu coeficiente de fala egocêntrica, sem a ilusão de compreensão, “[...] declinou vertiginosamente e chegou a zero na maioria dos casos, mas em todos os restantes sofreu uma redução média de oito vezes.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 440). Em outros termos, a ilusão de compreensão é essencial para o aumento

do coeficiente da fala egocêntrica. Ela é essencial para o seu funcionamento e não simplesmente um “apêndice”. Esses dados entram em contradição com a descrição de Piaget, pois, se este estivesse correto, a fala egocêntrica deveria aumentar e não diminuir, ao se retirar a ilusão de compreensão. Os achados obtidos com esse experimento permitiram a Vigotski (1934/2001a, p. 441) fazer a seguinte conclusão:

Do ponto de vista da hipótese que defendemos, achamos que esses dados experimentais não podem ser considerados senão como prova direta de que a insuficiência de individualização da linguagem para si e a sua inseparabilidade da linguagem para os outros são a verdadeira fonte da linguagem infantil, que não pode ter vida autônoma nem funcionar fora da linguagem social. Basta excluir a ilusão de compreensão, momento psicológico fundamental de qualquer linguagem social, para que desmorone a linguagem egocêntrica.

A segunda série de experimentos teve como foco não mais a ilusão de compreensão, mas o estudo do **monólogo coletivo**. O coeficiente de fala egocêntrica foi medido antes da situação experimental, tal como na situação anterior. Depois dessa medição, a criança foi transferida para diversas situações em que a possibilidade de aparecimento do monólogo coletivo estava excluída. Ela foi colocada no meio de crianças desconhecidas e isolada, para que trabalhasse fora do grupo. O experimentador saiu da sala e observou o seu comportamento. Os resultados foram semelhantes aos anteriores. A impossibilidade do desenvolvimento do monólogo coletivo faz com que a fala egocêntrica diminua significativamente. Com esses dados, Vigotski chegou à mesma conclusão anterior: “Tudo indica que o monólogo coletivo não é um fenômeno casual e secundário, não é um epifenômeno em relação à fala egocêntrica, mas é funcionalmente inseparável dela,” (VIGOSTKI, 1934/2001a, p. 442). Se a posição de Piaget estivesse correta, a exclusão da criança do grupo deveria fazer a curva da fala egocêntrica ascender. Contudo, não foi o que ocorreu. Com isso, a hipótese de que a fala egocêntrica “[...] se baseia em uma diferenciação insuficiente, numa insuficiente desarticulação da linguagem para si e da linguagem para os outros [...]” foi confirmada pelos fatos (VIGOSTKI, 1934/2001a, p. 442).

Por fim, a terceira hipótese a ser analisada por via experimental tomou como foco de estudo a vocalização da linguagem. Seguindo o mesmo procedimento dos experimentos anteriores, o coeficiente da fala egocêntrica foi medido, antes da transferência da criança para a situação experimental, na qual sua vocalização estaria dificultada ou excluída. As crianças foram colocadas em uma sala, distanciadas umas das outras. Na sala ao lado, foram reproduzidas músicas ou sons altos que abafaram não somente voz dos outros, mas também a voz da própria criança. Por último, ainda foi dada a instrução de que a criança não poderia falar alto, além de sugerir que se conversasse apenas por sussurros. O mesmo resultado das

situações anteriores foi constatado. Verificou-se a diminuição do coeficiente de fala egocêntrica. Nessa prova, ocorreu a maior queda da curva.

Conforme Vigotski, esse conjunto de dados confirma que a “[...] exclusão desses momentos que aproximam a linguagem para si da linguagem para os outros redundam na extinção da linguagem egocêntrica.” (VIGOSTKI, 1934/2001a, p. 443). Ele conclui que a fala egocêntrica é uma forma de linguagem específica, distinta funcional e estruturalmente, e que sua manifestação “[...] ainda não se destacou definitivamente da linguagem social em cujo seio esteve sempre se desenvolvendo e amadurecendo.” (VIGOSTKI, 1934/2001a, p. 443). Portanto, a fala egocêntrica, ao contrário de ser a expressão do pensamento egocêntrico, é uma forma mista e transitória entre a fala para si e a fala para os outros.

As pesquisas de Vigotski ensejaram o descobrimento das peculiaridades essenciais da linguagem interior. Essa forma de linguagem não seria o mesmo que a linguagem exterior apartada do seu aspecto sonoro. Ela possui funções discursivas específicas e originais, tanto do ponto de vista da sua estrutura quanto do funcionamento. Ao mesmo tempo, não diverge da linguagem exterior, mas estabelece uma relação dinâmica com ela. O ponto de vista sintático é o elemento que mais as distingue. A linguagem interior tem uma estrutura abreviada, fragmentada e desconexa, se comparada com a linguagem exterior. Esse processo de abreviação poderia ser estudado através da análise genética da fala egocêntrica. Esse fenômeno nasce da linguagem externa, pois, se dois interlocutores estão conscientes da mesma referência da linguagem, há uma tendência à predicação no discurso. A predicação é uma estrutura gramatical pela qual, com apenas uma palavra ou uma oração se exprime uma ideia. Se, como vimos acima, a linguagem permite uma mesma pessoa se dividir em três (compor a relação entre duas pessoas e o referencial em apenas uma), a predicação se torna uma tendência da linguagem interna. Pensamos de maneira predicada, porque estamos plenamente conscientes dos referentes envolvidos.

O polo oposto da linguagem predicativa, da linguagem interior, é a linguagem escrita. Por ser uma linguagem que não possui um interlocutor, características como a entonação da voz, os gestos e demais aspectos da percepção acústica da linguagem estão ausentes. Além disso, na linguagem falada, os interlocutores estão na maioria das vezes conscientes do assunto tratado. O referente da comunicação é percebido facilmente no diálogo. Isso faz com que a linguagem escrita, de maneira oposta à linguagem falada e interior, seja uma linguagem desdobrada ao máximo.

Em síntese, o estudo da linguagem interior demonstra sua peculiaridade semântica em relação à linguagem externa. Vigotski observou uma dinâmica complexa entre a linguagem

exterior e a interior, e não uma simples tradução de uma a outra. Portanto, a linguagem interior é uma função inteiramente específica e original. A unidade fundamental, a qual promove o desenvolvimento da totalidade do pensamento discursivo, é o significado da palavra. As investigações experimentais da fala egocêntrica comprovaram a transição das funções psicológicas enquanto relação social (interpsicológicas) para as funções psicológicas individuais (intrapicológicas). Essa ideia já se encontra presente na formulação da lei geral do desenvolvimento cultural, formulada anos antes, que explora o processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Estas “[...] surgem inicialmente como formas de atividade em colaboração e só depois são transferidas pela criança para o campo das suas formas psicológicas de atividade.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 429). A descoberta do desenvolvimento do significado é o que permite a explicação tanto para o surgimento do processo comunicação externo como para o desenvolvimento do pensamento. A individualização da criança não é o ponto de partida, mas o resultado do processo de socialização.

A importância da socialização para o desenvolvimento da linguagem interior também pode ser constatada pelas pesquisas sobre os conceitos espontâneos e científicos, que explicitam o papel das relações sociais no processo de tomada de consciência. É dessas pesquisas que trataremos, na sequência.

#### 7.1.6.2 Estudo do desenvolvimento dos conceitos científicos na infância

As investigações da fala egocêntrica foram fundamentais para demonstrar a importância do vínculo social para o desenvolvimento da linguagem interior. Além disso, também comprovaram a relação dinâmica entre pensamento e linguagem na ontogênese. Seu valor metodológico, como vimos, deveu-se ao fato de ser uma situação “experimental natural” do estudo da linguagem interna.

Entretanto, apesar de sua importância, ela apenas possibilitou a “observação” da gênese do processo, não sendo possível, por essa via, o estudo das formas superiores de desenvolvimento interno da linguagem. Assim, foi preciso criar novos procedimentos para realizar a análise “objetivo-funcional” do processo interno. Um novo procedimento para a análise semântica foi requerido.

Somou-se a esse fato a constatação das falhas das pesquisas com as palavras artificiais, as quais seriam insuficientes para a compreensão da essência sistêmica dos significados. Vigotski também notou que nem todos os conceitos têm o mesmo nível de generalização, sendo alguns mais ligados à vida cotidiana do que outros. Isso pode ser verificado pela sua

noção de graus de generalização dos significados. Notando o limite dessas duas metodologias, Vigotski se voltou para o estudo de duas formas de generalização, os conceitos espontâneos e os conceitos científicos.

Vigotski considerava o estudo dos conceitos científicos a “[...] chave de toda a história do desenvolvimento mental da criança” e o “ponto de partida para o estudo do pensamento infantil.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 241). Apesar dessa importância, esse problema não havia sido abordado adequadamente. Sua interpretação da relação entre os conceitos espontâneos e os conceitos científicos, na idade escolar, teve como base a pesquisa experimental realizada por Josefina I. Chif, entre 1932 e 1933 (YASNITSKY, 2018). Dado que o nosso problema de pesquisa é demonstrar por quais meios o método semântico foi colocado em prática, apenas discorreremos sobre os procedimentos de pesquisa e os principais resultados encontrados por Vigotski, no estudo do desenvolvimento dos conceitos científicos. A divisão entre os conceitos espontâneos e científicos foi justificada pelo material empírico coletado e através da análise teórica.

A base metodológica da investigação dos conceitos científicos em idade escolar corrobora as anotações feitas nos seus manuscritos sobre a unidade intrínseca entre pensamento e linguagem. Ademais, através do estudo dos conceitos científicos, Vigotski pôde “observar” a natureza social do desenvolvimento humano, bem como desenvolver investigações sobre a relação entre aprendizagem e desenvolvimento.

Fica patente a diferença entre a metodologia utilizada no estudo do desenvolvimento dos conceitos científicos em comparação com as situações experimentais usando palavras artificiais para o estudo dos conceitos, efetuadas por Sakharov. Sobre a metodologia experimental da investigação, Vigotski (1934/2001a, p. 242) assim a sintetiza:

Com vistas ao estudo experimental, elaboramos toda uma metodologia experimental, que consiste em colocar diante do sujeito experimental questões congêneres e estudá-las paralelamente com base em matéria espontânea e científica. Lançamos mão de uma metodologia experimental de contar histórias seguindo uma série de quadros, concluir orações interrompidas pelas palavras "porque", "embora", desenvolver palestras clínicas com a finalidade de revelar os níveis de assimilação das relações de causa e efeito e de sequência com base em matéria espontânea e científica.

Em algumas passagens de seus manuscritos, Vigotski se refere a um certo “método de definições”. O método de definir conceitos, isto é, de “[...] tornar-se consciente dos significados e o desenvolvimento da operação com eles. Talvez este seja o nosso **método central** (através do significado), como a associação é o método central no estudo do pensamento sem foco.” (VYGOTSKY, [1933] 2018a, p. 358, grifo nosso). Em outra

passagem, ele afirma que o método de Otto Selz <sup>56</sup>, “[...] quando modificado e reconvertido do nosso ponto de vista, pode ser um dos métodos básicos para determinar a estrutura do conceito.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 361). Em suas últimas palestras, Vigotski nos proporciona uma compreensão da importância de tal método para o estudo do pensamento infantil, pois, como já mencionamos, o sistema de conceitos que são desenvolvidos em cada faixa etária condiciona as operações mentais da criança. A definição de conceitos se conecta com sua análise da equivalência dos conceitos. Ele assim se expressa:

O que significa definir um conceito? Se você tem a relação desse conceito com outros conceitos, você pode apresentar o equivalente desse conceito, mas se você não tem essas relações de união comum, ou elas estão pouco desenvolvidas, essa definição será pouco acessível. As pesquisas mostram, como fez em seus trabalhos Buhler, o que acontece em nossa mente quando pronunciamos algum conceito, por exemplo, “mamífero”. Na mente de vocês não ocorre a percepção de um mamífero, mas a mesma coisa quando eu digo 325<sup>57</sup>. Quando dizem mamífero, sinto aquele lugar estrutural no qual vocês me colocaram. (VIGOTSKI, 1934/2017a, p. 220).

Apesar de não deixar explícito na sua descrição da metodologia da investigação dos conceitos espontâneos e científicos, não restam dúvidas que o procedimento utilizado é exatamente aquele de “definir conceitos”, pois as crianças são questionadas e orientadas a definir certos conceitos. Esse método seria complementar à análise da fala egocêntrica, porque esta capta o nascimento da linguagem interna e o método de definir conceitos se propõe captar as suas formas superiores de formação conceitual.

Nas pesquisas realizadas por Chif, podemos notar que há uma preocupação em captar ao máximo a linguagem, tal como esta ocorre na vida cotidiana. O fundamento de tais pesquisas é a proposição de questões dialogadas, e Vigotski também menciona que ocorreram “[...] procedimentos auxiliares de observações em aulas especialmente organizadas.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 242). Participaram dos estudos crianças do 1º grau. Os resultados das pesquisas experimentais constataram que “[...] ambos os conceitos se comportam de maneira diferente em tarefas idênticas que requerem operações lógicas idênticas.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 262). A conclusão da pesquisa foi que, “[...] quando há os respectivos momentos programáticos<sup>58</sup> nos processos educacionais, o desenvolvimento dos conceitos científicos supera o desenvolvimento dos espontâneos.” (VIGOTSKI,

<sup>56</sup> Selz foi um filósofo e psicólogo alemão que elaborou uma teoria não associacionista de resolução de problemas (ZAVERSHNEVA; VAN DER VEER, 2018).

<sup>57</sup> Acreditamos que Vigotski possivelmente tenha querido dizer que os processos mentais despertados pela palavra “mamífero” não são as mesmas quando se diz 325. O texto em questão não foi escrito por Vigotski, mas são descrições de suas aulas, por essa razão, o texto contém algumas incongruências.

<sup>58</sup> Diferentemente do método clínico de Piaget, que propunha uma tarefa para a criança resolver e, então, a questionava para compreender a sua lógica, nas pesquisas realizadas por Chif, existiam processos educacionais que deveriam ocorrer antes da colocação das tarefas e da definição dos conceitos.



1934/2001a, 243). Ou seja, está por trás desse achado a máxima de que o ensino-aprendizado<sup>59</sup> promove desenvolvimento. E a chave para o aprendizado é o desenvolvimento dos processos psicológicos de generalização, mediados pelo desenvolvimento dos conceitos científicos. Vigotski sintetiza seus achados na seguinte passagem:

O crescimento contínuo desses níveis elevados no pensamento científico e o rápido crescimento no pensamento espontâneo mostram que o acúmulo de conhecimentos leva invariavelmente ao aumento dos tipos de pensamento científico, o que, por sua vez, se manifesta no desenvolvimento do pensamento espontâneo e redonda na tese do papel prevalente da aprendizagem [*obutchénie*] no desenvolvimento do aluno escolar. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 243).

A solução dos testes, que consistiam na interrupção de frases nas palavras “porque” e “embora”, obteve um nível de acerto maior, quando os conceitos científicos foram utilizados, em comparação com os conceitos espontâneos. As crianças tiveram mais dificuldades para responder às seguintes frases “O ciclista caiu de bicicleta porque..., ou o barco afundou com a carga no mar porque...” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 340), do que para responder a questões mais abstratas, como sobre aspectos sociais da União Soviética<sup>60</sup>. A explicação para essa diferença está no fato de que os conceitos espontâneos são uma forma não consciente de uso da linguagem. A criança tem dificuldade de responder adequadamente, porque opera com as noções de causa e efeito da vida cotidiana. Ela pode usar as palavras “porque” e “embora”, no seu dia a dia, mas o faz de forma não arbitrária.

Esse aspecto que falta no emprego dos conceitos espontâneos é precisamente o que os conceitos científicos possibilitam. De forma contrária aos conceitos da vida cotidiana, as crianças formaram os conceitos científicos com a ajuda dos professores. Elas ouviram a explicação do professor, imitaram, tiveram que resolver questões com sua ajuda, enfim, apreenderam o conteúdo de maneira consciente. Mesmo resolvendo a questão proposta por Chif sem ajuda do seu professor, Vigotski afirma que a criança continua a agir em colaboração, ainda que o professor não esteja no presente momento ao seu lado. Apenas aparentemente a criança está respondendo individualmente às questões. Internamente, ela recebe o auxílio do professor. Justamente por essa razão Vigotski conceitua que a “[...]”

---

<sup>59</sup> Prestes (2010) esclarece que a palavra *obutchénie* foi imprecisamente traduzida para o português como aprendizagem. Tal palavra, na língua russa, denota a relação entre ensino e aprendizagem, como um processo. Portanto, é um processo que se dá na relação entre quem ensina e quem aprende, não sendo um ato puramente individual, conforme a palavra aprendizagem pode levar a crer.

<sup>60</sup> Existe uma escassez de exemplos concretos dos contextos experimentais, na descrição de Vigotski. No referido caso, ele apenas cita a resposta da criança, mas não a pergunta. A criança teria respondido “Na União Soviética é possível desenvolver a economia de forma planejada, porque não existe propriedade privada: todas as terras, fábricas, usinas e centrais elétricas estão nas mãos dos operários e camponeses.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 341)

personalidade é o social em nós.” (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a, p. 336). Também é por essa razão que ele repete em vários momentos uma famosa frase de Feuerbach (1843/2008b), a qual preconiza que “[...] o que é absolutamente impossível para um homem só, é possível a dois.” (p. 19). Em suma, a essência do problema da relação entre essas duas formas de conceitos está na relação entre ensino-aprendizagem e desenvolvimento. Essa relação será objeto de análise adiante.

Como já aventado, o conceito, em termos psicológicos, é um ato de generalização. Esse processo possui uma história interna e não são absorvidos já prontos. “O resultado mais importante de todas as investigações nesse campo é a tese solidamente estabelecida segundo a qual os conceitos psicologicamente concebidos evoluem como significados das palavras.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 246). Por essa razão, os conceitos científicos são uma forma de abstração máxima que “descende ao concreto”. Os conceitos espontâneos fazem o caminho inverso, [...] “ascendendo para as generalizações.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 244). Dada essa natureza do processo, os conceitos espontâneos se manifestam pela incapacidade da criança para a abstração. Já a debilidade dos conceitos científicos seria o seu “[...] verbalismo, que se manifesta como o principal perigo no caminho do desenvolvimento desses conceitos, na insuficiente saturação de concretude.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 245). Entendemos, com essa passagem, que, em razão da perda das relações diretas com a realidade, os conceitos científicos podem se tornar de difícil apreensão. Seriam as condições de ensino que possibilitariam o desenvolvimento dos conceitos espontâneos aos científicos. Portanto, não são resultantes de um processo “natural” do pensamento infantil, mas surgem num processo educativo sistematicamente organizado.

O objetivo de Vigotski, com a análise dos dados factuais, foi tentar compreender como os conceitos científicos se desenvolvem na mente da criança, no processo de aprendizagem cultural. Ele notara que, na época, existiam duas respostas para essa questão. A primeira delas propunha que o conceito científico não possui uma história interna, sendo absorvido já pronto. A outra posição partia do princípio de que o desenvolvimento dos conceitos científicos repete, nos seus traços essenciais, o desenvolvimento dos conceitos espontâneos.

Piaget seria o representante desse segundo grupo. Conforme Vigotski, ele percebeu sabiamente que há uma diferença entre os conceitos infantis e que os conceitos científicos passam por um processo de desenvolvimento. Contudo, apesar desse raciocínio correto, ele tende à afirmação oposta, ao propor que somente “[...] os conceitos espontâneos da criança e suas representações espontâneas podem servir como fonte de conhecimento imediato da originalidade qualitativa do pensamento infantil.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 254). Desse

equivoco decorrem outros dois. Para Piaget, não haveria influência mútua de um grupo de conceitos sobre o outro. Existiria um limite intransponível entre essas duas formas de conceitos. Já o terceiro equivoco seria que os conceitos científicos não refletem as peculiaridades do pensamento infantil, sendo que este estaria submetido somente aos conceitos espontâneos.

A origem dessa contradição estaria na concepção do psicólogo suíço da relação entre ensino-aprendizagem e desenvolvimento. Já mencionamos acima que, para esse autor, haveria uma separação entre o indivíduo e o meio social. Este seria visto como um elemento externo que seria imposto à criança. “Para ele, o desenvolvimento intelectual da criança se constitui do processo de repressão gradual das qualidades e propriedades originais do pensamento infantil pelo pensamento mais poderoso e mais forte dos adultos.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 256). Haveria, portanto, um processo de desenvolvimento individual que é suprimido por forças externas, que fazem esse desenvolvimento ser extinto. O novo, no desenvolvimento, surge de fora. Não há o desenvolvimento de formas superiores de pensamento, a partir de formas elementares, mas a repressão das forças externas.

Essa forma de compreensão decorre da interpretação que separa a relação entre ensino-aprendizagem e desenvolvimento, por parte de Piaget. Desse modo, os conceitos científicos não produzem qualquer mudança nos conceitos espontâneos e, por consequência, no pensamento infantil. Por conseguinte, do ponto de vista da prática, Vigotski afirma que tal concepção em nada contribui para explicar o problema da obtenção dos conceitos científicos pela criança. Ou seja, não haveria nada mais importante para a “[...] técnica de lecionar do que o estudo das diretrizes espontâneas das crianças.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 259).

O estudo experimental permitiu a Vigotski (1934/2001a) elaborar três teses sobre a relação entre os conceitos espontâneos e científicos e, assim, se contrapor aos erros fundamentais das teorias da sua época. A primeira delas seria que os conceitos científicos não seriam assimilados já prontos, mas revelariam peculiaridades qualitativas em determinadas fases da evolução etária. Além disso, eles também expressariam toda a plenitude da natureza ativa do pensamento. A segunda tese proposta seria aquela que diz que não há oposição entre conceitos espontâneos e científicos, tal como a concepção equivocada de Piaget. Haveria, ao contrário, um desenvolvimento interligado entre essas duas formas de conceitos, no qual um exerceria influência sobre o outro. A hipótese proposta por Vigotski foi que os conceitos científicos se apoiariam em determinados níveis de maturação dos conceitos espontâneos. Por outro lado, os conceitos científicos não deixariam de influenciar o nível dos conceitos espontâneos. Esse desenvolvimento ocorreria como uma unidade e não como uma relação de

antagonismo. Em decorrência dessas hipóteses, a terceira tese preconiza que haveria uma relação positiva e complexa – e não de antagonismo – entre ensino-aprendizagem e o desenvolvimento, no processo de formação dos conceitos científicos:

Essa hipótese se baseia no fato amplamente conhecido de que a aprendizagem [*obuchénie*] é, na idade escolar, o momento decisivo e determinante de todo o destino do desenvolvimento intelectual da criança, inclusive do desenvolvimento dos seus conceitos; baseia-se igualmente na suposição de que os conceitos científicos de tipo superior não podem surgir na cabeça da criança senão a partir de tipos de generalização elementares e inferiores preexistentes, nunca podendo inserir-se de fora na consciência da criança. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 262).

Vigotski encontrou respaldo nos dados empíricos, na reflexão teórica e na aplicação prática como forma de justificar a separação entre os conceitos científicos e os conceitos espontâneos, bem como para formular uma compreensão correta da relação complexa entre essas duas formas de generalização.

Os dados empíricos revelam que a relação que a criança estabelece na sua experiência pessoal com a realidade social é diferente em cada uma dessas formas de pensamento conceitual. Elas surgem e se constituem a partir de processos diferentes. Os conceitos científicos têm sua gênese no processo de aprendizagem escolar. A criança começa a aprender o conceito por sua forma mais abstrata. Já os conceitos espontâneos surgem tendo como base a experiência pessoal da criança. A formação desses conceitos parte da relação direta com os objetos da realidade. A criança trava diferentes relações com a experiência, quando opera com uma forma ou com outra de conceito. Os conceitos espontâneos se formam de baixo para cima, enquanto os científicos se formam de cima para baixo.

Além disso, podem ser constatadas as diferenças entre essas formas de conceitos, por meio de suas forças e fraquezas, as quais são inversas. Naquilo que os conceitos científicos são fortes, os espontâneos são fracos e vice-versa. Vigotski (1934/2001a) usa como exemplo a Lei de Arquimedes<sup>61</sup> e o conceito de irmão. A criança é capaz de explicar tal lei, ao mesmo tempo em que não consegue explicar o conceito de irmão. Isso ocorreria, porque a lei de Arquimedes lhe foi ensinada com base nos conceitos científicos, já o conceito de irmão surge com base na experiência cotidiana da criança. Resumindo o problema da relação entre conceitos científicos e a tomada de consciência, Vigotski (1934/2001a, p. 290) afirma:

Desse modo, a tomada de consciência se baseia na generalização dos próprios processos psíquicos, que redundam em sua apreensão. Nesse processo manifesta-se em primeiro lugar o papel decisivo do ensino. Os conceitos científicos - com sua

---

<sup>61</sup> Em física, a lei de Arquimedes estabelece que um objeto total ou parcialmente imerso num fluido desloca um volume de fluido que pesa o mesmo que a aparente perda de peso do objeto.

relação inteiramente distinta com o objeto -, mediados por outros conceitos - com seu sistema hierárquico interior de inter-relações -, são o campo em que a tomada de consciência dos conceitos, ou melhor, a sua generalização e a sua apreensão parecem surgir antes de qualquer coisa. Assim surgida em um campo do pensamento, a nova estrutura da generalização, como qualquer estrutura, é posteriormente transferida como um princípio de atividade sem nenhuma memorização para todos os outros campos do pensamento e dos conceitos. Desse modo, a tomada de consciência passa pelos portões dos conceitos científicos.

A tomada de consciência advém do fato de que a totalidade dos processos psicológicos é revolucionada pelos conceitos, e este não se constitui como uma memorização. Desse modo, deduz-se que os conceitos científicos modificam os vínculos interfuncionais, ou seja, não alteram cada função psíquica em particular, mas modificam a totalidade das relações entre as funções. Essa constatação de Vigotski propõe que as relações interfuncionais não são inerentes à consciência, mas possuiriam um processo de desenvolvimento que depende inteiramente dos conceitos científicos. Assim, ele transforma o antigo postulado sobre a unidade funcional da consciência em um problema passível de ser estudado. Por essa razão, certas funções, como a percepção, são revolucionadas pelo conteúdo dos conceitos científicos.

O sistema de conceitos científicos não se desenvolveria por meio da imposição destes sobre os conceitos espontâneos que as crianças possuem, mas os primeiros se reconstróem e modificam os segundos. Os conceitos científicos estabelecem outra forma de relação com o objeto, ou seja, não refletem sua manifestação externa, empírica, porém, captam suas relações através do sistema de conceitos. Nesse sentido, os conceitos científicos devem ser tomados no conjunto de relações de generalidade. Vigotski se remete à famosa passagem de Marx, usada repetidamente em suas obras, contudo, agora para justificar o caráter sistêmico do conceito científico. O autor assinala:

Marx definiu com profundidade a essência de todo conceito científico: ‘Se a forma da manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente, toda ciência seria desnecessária’. Nisto reside a essência do conceito científico. Este seria desnecessário se refletisse o objeto em sua manifestação externa como conceito empírico. Por isso o conceito científico pressupõe necessariamente outra relação com objetos, só possível no conceito, e esta outra relação com o objeto, contida no conceito científico, por sua vez pressupõe necessariamente a existência de relações entre os conceitos, ou seja, um sistema de conceitos. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 293-294).

Conforme Vigotski (1934/2001a), Piaget falhou em responder como se processa a tomada de consciência, precisamente porque ele buscou as leis dos conceitos científicos fora do sistema. Ao não conceber o problema do sistema de conceitos, Piaget teria justificado que a não conscientização seria explicada pela não superação do egocentrismo do pensamento. Portanto, um dos problemas metodológicos centrais no estudo do desenvolvimento dos

conceitos científicos é a consideração de sua estrutura sistêmica. A investigação sobre a relação entre os conceitos espontâneos e os conceitos científicos foi um esforço de Vigotski em analisar experimentalmente seus diferentes graus de generalidade. Isto é, ele deixou de lado a investigação calcada na relação do conceito com os objetos e passou a tentar explicar as relações entre diferentes formas de generalização.

Do ponto de vista prático, o problema entre os conceitos espontâneos e os conceitos científicos exigiu a verificação da relação entre ensino-aprendizagem e desenvolvimento. As investigações sobre o desenvolvimento dos conceitos científicos levaram Vigotski (1934/2001a) a concluir que as concepções da época, as quais consideravam a relação entre aprendizado e desenvolvimento como dois processos diferentes, estavam incorretas. Piaget seria um dos representantes dessa concepção, pois acreditava que deveria existir um desenvolvimento, para que a aprendizagem se tornasse possível. Além disso, Vigotski também se opôs às teorias que fundiam aprendizagem e desenvolvimento. Seriam representantes dessa visão William James e Thorndike. Uma terceira concepção, desenvolvida por Koffka, unifica os dois pontos de vista anteriores, entretanto, sem resolver o problema. Esse representante da Psicologia estrutural, conforme Vigotski, transforma o problema em postulado, ao não explicar como ocorreria a interdependência entre os processos.

Com base em uma série de investigações experimentais, Vigotski procurou demonstrar como tais teorias sobre o ensino-aprendizagem e o desenvolvimento estavam equivocadas. Ele partiu da tese segundo a qual o ensino-aprendizagem e o desenvolvimento não são independentes, mas possuem relações complexas. Ele chegou a essa conclusão por meio de uma série de investigações específicas. Ele as sintetiza da seguinte forma:

Todas as investigações foram unificadas em torno da questão central da aprendizagem e do desenvolvimento e tiveram como objetivo descobrir as complexas relações de reciprocidade entre aprendizagem e desenvolvimento em áreas concretas do trabalho escolar como ensinar às crianças ler e escrever, gramática, aritmética, ciências naturais, ciências sociais. Elas abrangeram várias questões: as peculiaridades da apreensão do sistema decimal em relação com o desenvolvimento do conceito de número; a consciência que a criança tem das suas operações ao resolver problemas matemáticos; a elaboração e solução de problemas por parte dos alunos de primeira série. Elas revelaram várias peculiaridades no desenvolvimento das linguagens falada e escrita na primeira idade escolar, mostraram os graus de desenvolvimento da compreensão dos sentidos figurados, forneceram material para estudar a influência exercida pela assimilação das estruturas gramaticais sobre o curso do desenvolvimento psíquico, iluminaram a compreensão das relações no estudo das ciências naturais e sociais na escola. Essas investigações visaram a descobrir e elucidar os diferentes aspectos do problema da aprendizagem e do desenvolvimento, e cada investigação resolveu esse ou aquele aspecto dessa questão única. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 310-311).

Foi no contexto de uma série de investigações sobre a relação entre aprendizagem e desenvolvimento que Vigotski elaborou o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal [*zona blizáichego razvítiia*].<sup>62</sup> Esse conceito surgiu, porque ele percebeu, através do exame experimental, que o nível do desenvolvimento dos conceitos espontâneos diverge do nível de desenvolvimento dos conceitos científicos. Essa zona indica a distância entre o nível atual de desenvolvimento e o nível potencial. O processo de ensino-aprendizagem estaria sempre adiantado ao desenvolvimento, fazendo-o avançar. Portanto, sempre haveria discrepância e não paralelismo entre esses dois processos.

Na primeira série de experimentos, Vigotski investigou a relação entre a linguagem oral e escrita, para explicar esse processo. A conclusão a que chegou foi que a linguagem escrita não repete a linguagem falada. A linguagem escrita é a forma científica da língua, que exige um alto grau de abstração. Ao contrário, a linguagem oral faz parte da vida cotidiana da criança. É uma forma de linguagem não consciente, pois é o desenvolvimento do sistema conceitual, pelo conceito científico, que propicia a tomada de consciência pela criança. Desse modo, a linguagem escrita não é a pura transcrição gráfica do aspecto fonético da linguagem. Ao contrário, exige um desenvolvimento prévio da linguagem interior. “Se a linguagem externa aparece na evolução antes da interna, a escrita, por sua vez, aparece depois da linguagem interior, já pressupondo a sua existência.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 315). Essa diferença demonstra que a aprendizagem se apoia em processos psíquicos imaturos. Na linguagem falada, a criança usa as palavras sem ter consciência delas. A linguagem escrita exige a tomada de consciência das palavras. A utilização automática e “inconsciente” da linguagem, com o aprendizado da gramática, se torna consciente e intencional. Ao aprender a forma mais abstrata da língua, se estaria contribuindo para o desenvolvimento geral do pensamento. Essa lei básica pode ser constatada, de acordo com Vigotski, em todas as disciplinas escolares.

Foi na sua segunda série de experimentos que ele pôde investigar a relação temporal entre os processos de ensino-aprendizagem e desenvolvimento, na sua base psicológica. Assim ele resumiu seus achados:

[...] no momento da assimilação de alguma operação aritmética, de algum conceito científico, o desenvolvimento dessa operação e desse conceito não termina, mas apenas começa, a curva do desenvolvimento não coincide com a curva do aprendizado do programa escolar; no fundamental a aprendizagem está à frente do desenvolvimento. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 323).

---

<sup>62</sup> Esse conceito tem sido traduzido como próximo, proximal ou iminente. Em razão de Vigotski falar em termos de distância entre um nível e outro, optamos por traduzir o termo como Zona de Desenvolvimento Proximal.

Uma terceira série de experimentos buscou verificar a relação entre os conteúdos ensinados com as funções psicológicas que participam em cada matéria. Vigotski (1934/2001a) concluiu que os conteúdos escolares desencadeiam o curso da aprendizagem. Os experimentos permitiram estabelecer três conjuntos de fatos: 1) existe uma base psicológica da aprendizagem de diferentes matérias. Isso possibilita a influência de uma disciplina sobre a outra; 2) disso decorre que a influência da aprendizagem sobre o desenvolvimento vai além dos limites do conteúdo e do material de uma disciplina. Há a transferência entre os processos psicológicos imediatamente vinculados; e 3) como conclusão, Vigotski chega à constatação de que as funções psicológicas se relacionam de maneira interdependente.

O quarto conjunto de experimentos almejou elucidar as diferenças entre o nível de desenvolvimento atual e o nível de desenvolvimento potencial. Isso ocorreu, porque os dados evidenciaram que o nível do desenvolvimento não pode ser analisado simplesmente se levando em conta aquilo que a criança consegue realizar sozinha, todavia, seria necessário analisar o que a criança consegue realizar com o auxílio de alguém mais experiente. Essa distância entre o que a criança já é capaz de realizar de maneira autônoma e o que ela consegue realizar com auxílio é o que Vigotski qualifica como sendo a Zona de Desenvolvimento Proximal.

Os seus dados empíricos indicaram uma diferença peculiar na imitação das crianças em relação à imitação dos chimpanzés observados por Kohler. Vigotski constatou que os chimpanzés apenas podem imitar o que são capazes de fazer sozinhos. Já a criança, ao contrário de outros animais, tem a capacidade de imitar aquilo que está na sua zona de desenvolvimento proximal. “A imitação, se concebida em sentido amplo, é a forma principal em que se realiza a influência da aprendizagem sobre o desenvolvimento.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 331). Portanto, o processo de ensino e aprendizagem deve começar sempre pelos processos que ainda não estão maduros na criança. Essa é a razão para Vigotski afirmar que, “[...] na fase infantil, só é boa aquela aprendizagem que passa à frente do desenvolvimento e conduz.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 331). Como tarefa para a avaliação psicológica dessa premissa, coloca-se a necessidade de avaliar não apenas as funções prontas, mas também aquelas que estão em processo de desenvolvimento, isto é, que estão dentro da sua zona de desenvolvimento proximal.

Alguns autores, como Maria Montessori e Debries, apontaram a existência de um período “sensível” para a aprendizagem, que coincide com o conceito de Vigotski de zona de desenvolvimento. Contudo, esses autores o fizeram com base na analogia biológica. De forma



contrária a esses autores, Vigotski partiu da gênese social dos processos de aprendizagem. Ele assim justifica:

As nossas investigações mostraram que, nesse período, operamos com a natureza puramente social dos processos de desenvolvimento das funções psicológicas superiores, que surgem a partir do desenvolvimento cultural da criança cuja fonte são a colaboração e a aprendizagem. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 335).

O problema da relação entre aprendizagem e desenvolvimento explica o processo de inter-relação entre os conceitos espontâneos e os conceitos científicos. Essas duas formas de generalização, como já destacado, seguem caminhos contrários, no seu processo de formação. A criança deve atingir um “período sensível” (não determinado pela sua base biológica), para que seja capaz de apreender o conceito científico. Por outro lado, os conceitos espontâneos acabam alcançando o nível dos conceitos científicos. Vigotski afirma que esse fato demonstra que os conceitos científicos não deixam de influenciar os espontâneos. “Tal domínio leva à elevação do nível dos conceitos espontâneos, que são reconstruídos sob a influência do fato de que a criança passou a dominar conceitos científicos.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 343). Por conseguinte, os conceitos espontâneos localizam-se na Zona de Desenvolvimento Proximal, pois se tornam eficazes no processo de colaboração com o pensamento dos adultos. Essa descoberta de Vigotski permitiu explicar como a criança pode chegar a fazer sozinha algo que antes fazia em colaboração.

Com a investigação dos conceitos espontâneos e dos conceitos científicos, Vigotski pôde reformular sua compreensão sobre como o conceito se desenvolve de um estágio a outro. Diferente da sua concepção anterior, derivada do limite da investigação com conceitos experimentais, os quais o levaram a compreender que havia uma reconstrução dos conceitos em cada fase do seu desenvolvimento (que transitava entre imagem sincrética, complexo e conceito), a nova investigação, amparada no estudo dos conceitos reais, revelou que a mudança de um estágio a outro se realiza por outra via. Ele resume seus achados da seguinte maneira:

A criança forma uma nova estrutura de generalização primeiro com uns poucos conceitos, habitualmente readquiridos, por exemplo, no processo de aprendizagem; quando já domina a essa estrutura, por força disto reconstrói e transforma a estrutura de todos os conceitos anteriores. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 374).

Logo, não há a inviabilidade do trabalho anterior, mas uma reconstrução do sistema de generalizações. É precisamente esse sistema, assinala Vigotski, que permite que o pensamento passe a um novo plano, mais elevado. Esta é a essência do processo de desenvolvimento dos conceitos e a chave para a sua explicação do desenvolvimento da consciência.

Apresentadas a nova hipótese de trabalho e a modificação trazida por ela para o sistema teórico de Vigotski, passaremos à análise do problema psicofísico. Durante muito tempo, essa questão foi de seu interesse, dado que seu princípio explicativo para a formação da consciência era sua origem social. Por isso, o problema era conseguir compreender como o psíquico e o físico formavam uma totalidade. Veremos que o método semântico também impactou a sua concepção desse problema.

## **7.2 Sobre o problema psicofísico**

O problema do dualismo entre corpo e mente (ou alma, para a filosofia clássica) acompanha o pensamento humano desde o seu início, não só na história das religiões, mas também na história da filosofia. Lukács (2018, p. 93) argumenta que mesmo os filósofos que trabalharam para “[...] purificar a filosofia dos dogmas teológico-transcendentais, aqui tropeçaram e tiveram mesmo que sustentar o velho dualismo em novas formulações.”

O dualismo entre corpo e mente (alma), fenômeno e essência ou, como em René Descartes, extensão e pensamento, é uma doutrina filosófica que parte da concepção de que há uma separação entre essas instâncias, seja compreendendo um como realização de outro, seja como duas instâncias paralelas ou, ainda, que possuiriam relativa autonomia.

O problema do dualismo da filosofia foi transferido para a Psicologia, quando da sua autonomização da filosofia. A questão agora era compreender a relação entre o físico e o mundo psíquico, não a relação entre corpo e alma. O contexto intelectual do século XIX, período do desenvolvimento da Psicologia como ciência, foi marcado pela crença de que a verdadeira ciência deveria ser baseada na observação, experimentação e quantificação. Desse modo, diversos pesquisadores, advindos da medicina, fisiologia etc., começaram a desenvolver pesquisas calcadas na psicofísica. Partia-se da concepção do fenômeno psíquico como epifenômeno dos processos fisiológicos.

A despeito do dualismo que advém da filosofia, é evidente que o desenvolvimento da ciência biológica fornece fortes argumentos a favor da inseparabilidade entre consciência e corpo, fato que leva à comprovação da impossibilidade da existência de uma “alma” que exista de forma autônoma (LUKÁCS, 2018). No entanto, como destacado, o dualismo se transferiu para a Psicologia e foi expresso no dualismo entre corpo e mente.

O problema psicofísico foi o centro da atenção de Vigotski, desde o início da sua incursão na Psicologia (VIGOTSKI, [1924] 1926/2004b, 1925/2004c, [1925-1926] 2018a). Suas primeiras proposições metodológicas na Psicologia foram uma tentativa de superar o referido dualismo. Algumas vertentes teóricas da época estudavam o psíquico sem relação

com o físico, caso das orientações subjetivistas em Psicologia, enquanto outras, de vertente objetivista, tal qual a reflexologia, estudavam o comportamento prescindindo da psique. Vigotski considerou que, para superar o dualismo, era preciso acatar a experiência histórica e a experiência social no processo de constituição da consciência (VIGOTSKI, [1924] 1926/2004b, 1925/2004c). O caminho trilhado por ele para explicar o surgimento da consciência foi pensar o homem a partir de duas linhas de desenvolvimento, uma biológica e outra histórica.<sup>63</sup> O problema central foi compreender como o biológico se torna histórico, ou seja, como o *homo sapiens* se humaniza. Seus métodos e metodologias de pesquisa, desenvolvidos desde meados da década de 1920, foram direcionados, sobretudo, para solucionar essa questão.

A fim de analisar o desenvolvimento histórico da compreensão do problema psicofísico na obra de Vigotski, apresentaremos algumas reflexões desde o momento no qual esse problema foi formulado, ainda fundamentado na ideia do reflexo condicionado, passando pela sua tentativa de desvinculação desse princípio, que se expressa nas pesquisas com o método instrumental, para, finalmente, chegarmos à fase final de sua produção, período no qual ele virtualmente “resolve” essa problemática, por meio da descoberta do significado da palavra. Apesar das diferenças no trabalho da relação entre mente e corpo, é distintivo de toda a produção psicológica de Vigotski seu intento em produzir uma orientação “monista”, ou seja, que buscava superar o dualismo vigente até então.

### 7.2.1 Crise da Psicologia e o problema psicofísico

O desacordo entre as orientações objetivas e subjetivas se fez presente na Psicologia, desde o seu nascimento como ciência moderna. Desde o início, a Psicologia esteve entre duas formas de estudar o fenômeno psicológico. A primeira tinha em vista a observação das próprias experiências psicológicas, numa postura “compreensiva” que desconsiderava a relação entre o psíquico e o físico. A orientação contrária levava em conta apenas as reações fisiológicas observadas externamente, nos organismos animais e nos humanos, fato que limitava ou desconsiderava a possibilidade de estudo das vivências subjetivas. A compreensão sobre como se constituem e se articulam o corpo e a mente repousa sobre esse problema mais amplo. Este é o pano de fundo do problema psicofísico. A crise da Psicologia estava

---

<sup>63</sup> Atualmente, esse problema é reduzido ao *nature vs nurture*, ou seja, entre natureza e criação. Mesmo as visões dominantes na psicologia perceberam os limites em separar a base biológica dos aspectos culturais e têm reivindicado uma abordagem integrativa. Para um exemplo dessa posição, consultar Keller, Poortinga e Scholmerich (2002).

localizada no fato de que algumas orientações investigavam o fenômeno psicológico ora do ponto de vista objetivo, ora do subjetivo.

Vigotski desde muito cedo identificou essa contradição, isto é, a cisão entre orientações naturalistas objetivistas e descritivas idealistas. Antes de escrever seu tratado que analisou a crise da Psicologia, ele já havia dado indícios de que o problema da Psicologia passava por essa relação. A tensão entre interno/subjetivo e externo/objetivo não era uma questão puramente científica, mas também social e política, na Rússia e na União Soviética (DAFERMOS, 2018). Antes mesmo da Revolução de Outubro de 1917, houve embates entre as orientações objetivas e subjetivas em Psicologia. Após a Revolução, a orientação objetivista de estudo penetrou em todas as áreas do conhecimento, inclusive na Psicologia. Desse modo, Vigotski (1928/2012) expressa esse momento histórico singular.

No entanto, diferentemente do objetivismo reducionista dos naturalistas e dos fisiólogos da sua época, que propunham uma análise puramente empirista dos fenômenos psicológicos, Vigotski via a necessidade de estudar os fenômenos que estariam inacessíveis à observação direta. Repensar os achados de Pavlov, por exemplo, serviu como uma direção importante para a fundação do seu projeto de pesquisa (DAFERMOS, 2018), pois, inicialmente, Vigotski propôs “reformular” a reflexologia. Essa reformulação preservaria a orientação objetiva de estudo dos fenômenos psicológicos acrescidos dos aspectos subjetivos. Isso seria feito conciliando-se as metodologias de estudo da reflexologia e da Psicologia experimental (VIGOTSKI, [1924] 1926/2004b, 1925/2004c). Contudo, tal tentativa de conciliação encerrou graves problemas metodológicos, que o fizeram reorientar seu projeto de pesquisa.

### 7.2.2 Primeira tentativa de resolução do problema psicofísico

Uma consideração preliminar da visão de Vigotski sobre o problema psicofísico é precisamente o fato de conceber a existência da “mente” e da consciência como fenômeno distintivo que nos separa dos demais animais. Essa é uma premissa que está implícita na sua crítica às teorias que desconsideram o estudo da consciência e igualam o comportamento dos homens aos princípios universais existentes na natureza, os quais não explicam a especificidade do comportamento do homem. Considerar a consciência como objeto de estudo implica criar “meios” indiretos de “acessá-la”.

A partir do momento em que Vigotski se propõe admitir a consciência como objeto de estudo da Psicologia, coloca-se a questão de como o orgânico “interage” com o psíquico ou como o biológico dá origem à “[...] forma de vida altamente organizada” (VYGOTSKY,

[1927] 2018a). A primeira saída pensada por Vigotski, registremos que apenas do ponto de vista metodológico, é a inclusão da linguagem dentro do princípio reflexológico. A hipótese para superação dos limites da reflexologia teve como base a consideração da fala do sujeito no arcabouço teórico da reflexologia. Vigotski acreditou que pensar linguagem enquanto um excitante que o sujeito utiliza consigo próprio para controlar seu comportamento seria uma forma de romper o dualismo da reflexologia. Expliquemos melhor essa questão.

O dualismo combatido por Vigotski, desde sua entrada na Psicologia soviética, diz respeito, sobretudo, a sua crítica ao dualismo tanto das vertentes idealistas quanto das materialistas mecanicistas. A Psicologia subjetiva, segundo o autor, compreendia a psique sem comportamento. Já a reflexologia, mesmo se propondo como uma forma de estudo científico e objetivo do comportamento, pressupõe um comportamento sem psique. Para a reflexologia, os fenômenos subjetivos e a consciência simplesmente acompanhariam os “reflexos concatenados” (VIGOTSKI, 1925/2004c).

Ao considerar apenas o fenômeno de um ponto de vista “materialista fisiológico”, os reflexólogos seriam idealistas, mas de um tipo peculiar, pois seria uma forma de “idealismo invertido” (VIGOTSKI, [1924] 1926/2004b). Essa forma de idealismo seria resultado de uma visão do estudo dos reflexos separadamente do estudo da psique, pois, ao fazerem isso, separaram esta do sistema geral do comportamento humano. Para Vigotski, não existiria psique sem comportamento, como não existiria este sem aquele.

A crítica feita por Vigotski à reflexologia foi que ela se limitava a estudar os reflexos condicionados elementares e não possuía métodos de estudo das interações muitíssimo complexas entre sistemas de reflexos, os quais seriam a totalidade do comportamento. Nesse sentido, ele se empenhou em propor uma fusão da metodologia da reflexologia com a metodologia da Psicologia experimental (VIGOTSKI, [1924] 1926/2004b, 1925/2004c). Vigotski pensava que se devia estudar também os reflexos verbais que não eram externalizados. Com base nesses reflexos, seria possível compreender o comportamento em sua totalidade. Portanto, ao propor o “interrogatório”, proveniente da Psicologia experimental, como uma ferramenta de estudo aliada às metodologias da reflexologia, seria possível chegar ao comportamento humano em sua totalidade, ao “comportamento real”, hipótese de trabalho que não durou muito.

Vigotski concebia a “psique” e o pensamento como reflexos inibidos. Toda sua argumentação caminha no sentido de considerar a linguagem como produtora de excitantes que geram outras respostas. Essa seria a saída dada por ele, para explicar por que não simplesmente reagimos a um estímulo externo, mas também nos adaptamos ativamente ao

ambiente. Vigotski recorre a Marx, a fim de demonstrar como a nossa consciência tem como base a “experiência duplicada”. Ou seja, que no processo de trabalho nós projetamos idealmente a modificação da natureza, antes da sua realização efetiva. A principal característica da consciência seria sua capacidade de criar excitantes que levariam à cadeia de respostas reflexas. As palavras, assim como as respostas fisiológicas, teriam a capacidade de se tornarem excitantes para o próprio organismo. Ele, portanto, iguala a palavra com os demais excitantes fisiológicos.

Seria a palavra, enquanto um estímulo reversível, isto é, que é ao mesmo tempo reflexo e excitante, que possibilitaria a “[...] comunicação social e a coordenação coletiva do comportamento, o que indica, entre outras coisas, a origem social da consciência.” (VIGOTSKI, [1924] 1926/2004b, p. 17). A linguagem, como estímulo social, teria a capacidade de reproduzir em nós excitantes, os quais, convertendo-se em estímulos reversíveis, determinariam nosso comportamento de forma distinta. Nessa ideia estaria a pré-história da “lei genética geral do desenvolvimento cultural” desenvolvida por Vigotski, em função das suas pesquisas experimentais, e que foi sistematizada no final da década de 1930.

A peculiaridade da consciência seria sua capacidade de ser um “[...] mecanismo de transmissão entre sistemas de reflexos.” (VIGOTSKI, [1924] 1926/2004b, p. 15). A consciência seria uma atividade “correlativa” ao sistema nervoso, do corpo. Isso quer dizer que a consciência estaria ligada ao sistema nervoso. A consciência seria tanto a sensação das excitações corporais, isto é, a percepção dos estados internos, quanto produtora de sistemas de reflexos que guiam a atividade do homem. “A consciência se reduz, por completo, a alguns mecanismos transmissores de reflexos, que agem de acordo com leis gerais, de forma que cabe admitir que no organismo não há outros processos além das reações.” (VIGOTSKI, 1925/2004c, p. 73). Em outro texto, ele esclarece:

Dar-se conta significa transferir certos reflexos para outros [...] A consciência das próprias sensações significa apenas que elas atuam como objeto (excitante) de outras sensações: a consciência é a sensação das sensações, exatamente da mesma forma que as simples sensações são sensações dos objetos. (VIGOTSKI, [1924] 1926/2004b, p. 14).

Em outros termos, a saída para o dualismo entre processos conscientes e processos fisiológicos é alcançada, ao se propor que a consciência é forma complexa de cadeias de reflexo que tem a peculiaridade de converter reflexos em novos excitantes. Desse modo, o cérebro tem, para Vigotski (1925/2004c), o papel de coordenação dos reflexos provenientes do sistema nervoso periférico. O sistema nervoso seria integrado pela totalidade do indivíduo.

Conforme Vigotski, o reflexo condicionado não poderia se converter no “conceito

principal da psicologia”, porque o trabalho de cada órgão, seu reflexo, não é isolado e estático, mas existe dentro do funcionamento e do estado geral do organismo.<sup>64</sup> “O sistema nervoso funciona como um conjunto [...] que deve servir de base para a doutrina do comportamento.” (VIGOTSKI, 1925/2004c, p. 61). Esse “estado geral” do organismo seria o comportamento. Vigotski sugere que este deveria ser o foco de estudo da Psicologia. O comportamento deveria ser abarcado no seu nascimento, estrutura e composição. Dessa maneira, por um curto período de tempo, o comportamento foi alçado a objeto da Psicologia.

Dois componentes devem ser levados em conta, no comportamento humano, em contraste ao comportamento dos animais, que têm como base hereditariedade (comportamentos inatos) mais os comportamentos adquiridos (condicionados). O primeiro deles seria a experiência que se transmite de pai para filho, através do nascimento, que é a experiência histórica. Somado a esse componente histórico, Vigotski situa a experiência social, com outras pessoas, como um componente essencial do comportamento humano. O componente social e histórico do nosso comportamento diz respeito a tudo aquilo que nos é transmitido para além da nossa experiência imediata com o meio que nos cerca. Quando Vigotski ressalta esses dois componentes, ele está propondo que, para se colocar a consciência como um objeto de estudo da Psicologia, deve-se considerar esses componentes que nos definem enquanto seres diferentes dos outros animais.

O aspecto corporal possui certa preponderância nesse processo, mesmo quando se considera as formas de excitante que surgem da sociedade. Ou seja, os estímulos reversíveis, as palavras, mesmo surgindo dos outros, quando se transfere ao indivíduo, se transformam em instrumento do próprio sistema nervoso para o indivíduo estimular a si próprio.<sup>65</sup>

Do ponto de vista da teoria do conhecimento, a tentativa de união metodológica entre a reflexologia e a Psicologia experimental deriva de uma mudança na orientação ontológica, isto é, a qual compreende que existe uma unidade entre fenômenos corporais e fenômenos psíquicos. No entanto, conjecturamos, não é possível dizer que ele resolve o problema do dualismo, pois ele trata somente da fusão arbitrária de duas metodologias, e não de uma imposição do próprio objeto. Isso significa que essa proposta é uma espécie de “manifesto” em favor da conciliação entre esses fenômenos que estavam separados na ciência de sua

---

<sup>64</sup> É possível constatar que, nesse período, ele já estava preocupado com a “integralidade” da experiência consciente e buscava combater as formas reducionistas de sua explicação. Essa noção, como apontado anteriormente, foi requalificada pelas noções de sistemas psicológicos e relações interfuncionais.

<sup>65</sup> Teremos oportunidade de demonstrar, a partir de dados recentes oriundos dos seus arquivos, que, na fase final da sua obra, Vigotski troca essa predominância do aspecto corporal para o mental. Expressão disso é o fato de Vigotski ter deixado de pensar o reflexo condicionado como organizador da experiência subjetiva.

época. O caminho para superar esse dualismo viria, segundo Vigotski, da adoção do “interrogatório”, o qual seria uma forma de “introspecção real” auxiliar para a metodologia reflexológica. Desse modo, para ser de fato uma concepção monista, essa fusão deveria render frutos. Esses frutos seriam explicações teóricas que surgissem de um sistema teórico geral, os quais, por sua vez, deveriam ser subsidiados por dados empíricos.

O otimismo de Vigotski em relação ao método de “interrogatório” e sua articulação com a reflexologia perdeu força rapidamente. É possível que ele tenha percebido o limite da reflexologia para interpretar os relatos das pessoas submetidas a situações experimentais. Ele passou a notar a necessidade da reconstrução do fenômeno, que não pode ser captado pelo testemunho dos sujeitos, sobretudo porque entra em contradição com o método genético, pois não se pode interrogar uma criança pequena que ainda fala muito pouco. A compreensão da palavra enquanto uma cadeia de reflexos foi modificada, muito provavelmente ao perceber sua limitação explicativa. Antes de desenvolver suas pesquisas calcadas no método instrumental, ele abordou o problema psicofísico em dois manuscritos. É sobre eles que discorreremos, na sequência.

### 7.2.3 Reorientação do problema psicofísico

A tentativa de conciliação entre a reflexologia e a Psicologia experimental não durou muito tempo. Entre o final de 1925 e início de 1926, Vigotski já começa a se afastar dessa hipótese de trabalho. Um dos temas centrais, durante o tempo em que esteve internado no Hospital de Zakharino, foi entender a origem da mente. Nesse período, Vigotski lança as primeiras bases do seu método instrumental, o qual seria a base do seu projeto futuro.

Como demonstramos, no segundo capítulo, é possível notar que Vigotski ressalta, em vários momentos, a origem social da consciência. A base de sua concepção foi a ideia de que a gênese do fenômeno mental seria externa, porque ele afirma que “[...] a subjetividade pressupõe absolutamente a objetividade.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 78). Nesse momento, ele já deixa explícito ser contrário à ideia do paralelismo psicofísico, ao destacar que a ciência seria supérflua, se adotasse tal hipótese da Psicologia empírica.

O princípio ontológico que deriva dessa hipótese tem como sustentação o materialismo dialético. Isso implica uma posição filosófica frente ao problema, que nega a identificação entre fisiologia e matéria, em contraponto à visão da mente como tendo uma natureza espiritual. Vigotski identifica essa visão em Frankfurt, uma vez que esse autor teria misturado essas instâncias. Sua concepção, ao contrário, compreende que “[...] tanto a mente como a fisiologia são propriedades da matéria.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 90).



Assim, não existiria nada nessa relação que não possuíisse origem terrena, portanto, material.

### 7.2.3.1 Estatuto ontológico do fenômeno mental

Como estamos argumentando, a posição materialista de Vigotski procura escapar ao reducionismo que iguala a mente aos processos fisiológicos. Ele faz isso, quando afirma que “[...] nós podemos evitar a fusão da mente com o movimento, com a fisiologia e, no entanto, entendê-la [ainda] materialmente.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 90). Junto a essa afirmação, existe a menção “cf. sociologia”, a qual, provavelmente se remete ao fato de que esse reducionismo fisicalista seria resolvido com a concepção sobre a natureza social do fenômeno mental. Adiante, na argumentação, ele se pergunta: “[...] do que o assim chamado não-físico é feito? De relações humanas (mercadoria).” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 91). Interpretamos que, nesse momento, ele reconhecia que a origem da mente está nas relações sociais, que são externas e objetivas, mesmo não sendo necessariamente físicas. Ou seja, o “[...] fenômeno mental é uma relação entre dois indivíduos sociais (interpsicologia) ou entre o corpo e o ‘ego’ (como o social em nós).” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 78). É possível perceber certo avanço nessa argumentação, em relação à tentativa de estudar a consciência com base na reflexologia. É provável que agora ele não pensasse mais na relação direta entre linguagem e sua hipotética função de excitante.

Nesse ponto da sua reflexão, está nitidamente antecipado aquilo que formaria o fundamento filosófico da sua interpretação das evidências experimentais, que é a “[...] lei genética geral do desenvolvimento cultural.” (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a). Essa lei diz que toda função psicológica superior é antes de tudo uma relação entre pessoas, interpsicológica, para, posteriormente, se tornar uma função intrapsicológica.

Ao ser contrário à ideia do paralelismo psicofísico, Vigotski era crítico das concepções que julgavam que fenômenos mentais e processos fisiológicos existiriam de maneira correlata. Ao ressaltar a origem social da mente, há implícita a ideia de que, justamente pelo fato de ter origem externa e não ser a realização de processos fisiológicos, esta seria apenas uma **condição** para a emergência dos fenômenos mentais.

No processo, ao levantar hipóteses a respeito da relação entre a base biológica e a estrutura social no processo de constituição da consciência, Vigotski lança uma tese que caracteriza como “arriscada” ao propor que o “[...] bio é inconsciente e sócio é consciente.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 74). É muito provável que, nesse momento, ele estivesse interpretando a consciência como tendo origem estritamente social, enquanto compreendia que o inconsciente era constituído pela base biológica. Essa divisão demonstra

que somente no processo de socialização do substrato biológico a “pessoa” poderia se desenvolver. Essa questão aparece de forma precisa, na seguinte passagem: “É impossível **compor** uma pessoa a partir dos processos nervosos assim como é impossível compor a sociedade de Robinsons; ao contrário, nós devemos compreender os processos nervosos a partir da pessoa e desta a partir da sociedade.” (VYGOTSKY, 2018c, p. 84, grifo do autor). Em última instância, o que Vigotski está propondo é que, tal qual a sociedade não se reduz à simples soma de indivíduos isolados, a pessoa não é composta a partir dos processos nervosos, mas das relações sociais.

Quando Vigotski anota que o “[...] indivíduo é organizado de acordo com o tipo de estrutura social” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 73), há aqui uma hipótese de trabalho sobre a gênese dos fenômenos mentais, tal como estamos apontando. Contudo, como se daria esse processo? Para responder a essa pergunta, Vigotski possui também algumas suposições. Essa argumentação está na sua reflexão sobre as relações entre pensamento e linguagem, as quais antecipam algumas formulações futuras sobre essa conexão. Ele discorda de autores que dizem que a palavra é uma relação entre som e a palavra que ele denota, como destacado na descrição do método semântico. Na verdade, para o autor, não há a relação pura entre pensamento e linguagem, mas entre um falante e um ouvinte, que se direcionam a um dado objeto. A questão central é: por detrás da estrutura linguística da “[...] relação visível entre coisas existem relações entre pessoas.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 74). Portanto, vemos aqui uma diferença em relação às proposições anteriores, as quais supunham que as palavras eram formas de excitantes. Linguagem agora é vista enquanto relação social, cuja base é a comunicação.

Acompanhado a reflexão sobre o caráter social da linguagem, há a alusão ao estatuto dado por Marx à mercadoria. Para o pai do socialismo científico, a mercadoria teria sua dimensão objetiva compreendida somente se ela fosse pensada enquanto resultante das relações entre pessoas. Da mesma forma, não são as qualidades da mercadoria que determinam sua constituição, todavia, as relações sociais que a sustentam, igualmente, para Vigotski, não são os processos fisiológicos e neurais que determinam o fenômeno mental, “[...] mas são as relações sociais por trás [desses processos] que lhe dão esse significado.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 79). Seriam as relações sociais, que se tornam possíveis por meio da linguagem, que dão significado aos comportamentos e processos “nervosos”, não sendo em si “atos comportamentais”. Assim Vigotski sintetiza esse argumento:

Devemos descobrir a consciência, o fetichismo dos fenômenos mentais assim como o fetichismo das mercadorias. O fenômeno mental é, assim como uma mercadoria,

uma coisa sensorial-supersensorial; a parte super-sensorial é a relação social, reificada, social projetada em uma coisa (sobre a palavra). (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 78).

Essa ideia é complementada pela comparação entre o “ego” e o “valor” da mercadoria. Ele crê que, da mesma forma que o valor da mercadoria é uma ficção que não acrescenta nada à soma das propriedades físicas da mercadoria, o “ego” também seria uma forma de ficção, porque não acrescenta nada às propriedades físicas do nosso corpo. Desse modo, o “ego” seria o resultado do “social em nós”, ou seja, é “[...] uma certa conexão societal e [uma] organização dos processos intracorpóreos e nervosos.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 79). Assim, Vigotski não reduz o objetivo ao material, pois a mercadoria, à parte sua instância física e concreta, só existe em razão das relações sociais, que seriam essencialmente objetivas, portanto, materiais:

O “ego” é formado a partir do modelo das relações entre as pessoas. O “ego” é para o corpo como o “ego” é para você. O “ego” é para o corpo como o preço é para o valor. Daí a natureza mental não-material da mente - deriva das relações sociais. Marx: A essência do homem é o conjunto de relações sociais (dentro e fora do corpo). A criança ainda não é um “ego”; o ego se desenvolve a partir da experiência social com base na fala. Que isto é assim evidente a partir do (1) fato da percepção do “ego” dos outros (2) o fato de que os próprios fenômenos psicológicos devem ser objetificados antes que possamos observá-los (cf. o pensamento sem imagem é o inconsciente). Na verdade, apenas o inconsciente é subjetivo, mas precisamente o inconsciente é inobservável, e o que estamos cientes é o que encontra o “ego” como um objeto (cf. o inconsciente está fora da fala, Freud e Watson). Consciência é *objetiva* [...] o inconsciente consiste em processos nervosos não sociologizados, mas a consciência é sociologizada. (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 79).

Vigotski argumenta contrariamente ao paralelismo psicofísico ao propor que a “mente” que tem origem nas relações sociais. Isto é, ela tem o papel de “organizar” os processos corporais e não simplesmente acompanhar tais processos. Dessa maneira, ele também afirma que a mente não é um processo físico em si, portanto, não consome energia, pois é “[...] a qualificação societal dos processos nervosos; não é uma coisa e não um processo, mas uma relação entre processos.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 79). Querer procurar a mente no gasto de energia, afirma ele, é o mesmo que “[...] procurar o número de oscilações de uma melodia à parte dos sons.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 79).

Ou seja, os processos mentais não são a expressão introspectiva dos processos fisiológicos, mas a relação societal de processos nervosos; sua expressão social e introspectiva num segundo plano [ocorre] porque introspecção é uma atividade do “ego”, ou seja, uma atividade social. (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 79).

Ainda sobre o estatuto ontológico da mente, Vigotski adiciona novos elementos na sua reflexão sobre seu caráter objetivo e o papel do corpo, na sua organização. Ele se utiliza da analogia de uma mesa diante do espelho para explicar sua posição. “A mesa é para o reflexo

da mesa o que o Ser é para a consciência.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 90). Vemos, nessa afirmação, sua filiação ao princípio marxiano da consciência como reflexo da realidade. No entanto, ele complementa o conteúdo dessa afirmação, ao apontar que “[...] o reflexo da mesa é para os feixes refratados como a consciência é para a fisiologia, o cérebro.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 90). Ou seja, da mesma forma que não são os feixes que “produzem” o reflexo, também não são os processos fisiológicos que produzem a consciência. Concebemos ainda, por meio dessa analogia, que ele compreendia que o cérebro e os processos fisiológicos teriam o papel de “refratar” a realidade objetiva ou o “Ser”.

Desse modo, nossa hipótese é que, além da tentativa de afastar-se do reducionismo do mental ao físico, houve também uma tentativa de superar uma certa interpretação de que a consciência seria “cópia” da realidade. Acreditamos que esse processo de “refração” do cérebro impossibilitaria uma compreensão da consciência como cópia exata da realidade. Mais à frente, ele nos dá pistas da impossibilidade da consciência como cópia da realidade, ao ressaltar que, “[...] se nós víssemos (fossemos conscientes) de tudo, nós não veríamos nada.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 92). Logo, a mente teria o papel de organização da realidade, para que possamos agir nela.

Em razão da definição de processos mentais como relações sociais e sínteses de relações entre processos, Vigotski argumenta que a “[...] psicologia é a ciência da pessoa” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 79) e não do comportamento ou do fenômeno mental, pois ela não estuda fenômenos particulares, mas a “alma” compreendida socialmente. A alma é definida aqui como “[...] relações sociais dentro do corpo” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 79). Vigotski esclarece que “alma” tem no seu núcleo o conceito de “ego”. Ele reconhece, portanto, que a Psicologia é uma ciência abstrata como a ciência política, pois não estuda fenômenos físicos, mas “realidades sociais”. Sua ideia é sustentada pela afirmação segundo a qual o paralelismo psicofísico é um método provisório de investigação, pois, para essa visão, “[...] algo fisiológico corresponde a cada fenômeno psicológico, mas nenhuma energia é gasta na mente, assim como na economia política na produção de uma **mercadoria**, nenhuma energia adicional é gasta para além do gasto com a produção de botas.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 80).

Retomando o papel da palavra, nesse processo, notamos que sua essência era entendida, nesse período, como sendo de “[...] estímulo criado artificialmente.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 75). Aqui já há a famosa analogia entre a palavra e o instrumento de trabalho. O comportamento verbal diferiria do comportamento não verbal, segundo Vigotski, tal como o trabalho difere da adaptação do animal. A essência seria que o instrumento está

fora do organismo, isto é, “[...] é um órgão da sociedade.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 75). Nessa perspectiva, a palavra seria um estímulo especial para regulação e organização do comportamento, seja do comportamento dos outros, seja do nosso próprio. De forma análoga ao instrumento de trabalho, que serve para produção de outras coisas e que é superior à adaptação biológica dos animais, o comportamento verbal “[...] não é necessário em si mas [serve] para evocar outro comportamento,” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 75). No entanto, Vigotski acrescenta que “[...] aqui nada é sobrenatural. Técnica não é a introdução de novas forças, mas o uso das existentes. Da mesma maneira, a palavra é um uso artificial de forças nervosas existentes.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 75). Com isso, podemos pensar a consciência, ou os fenômenos mentais, como formas superiores de organização das relações entre as “forças nervosas” já existentes. Nesse sentido, não haveria paralelismo, porque os processos fisiológicos seriam organizados de maneira intencional, quer por outra pessoa, quer pelo próprio indivíduo, a depender das relações sociais.

Na sequência da reflexão, Vigotski pontua que a palavra não é simplesmente uma substituição do objeto. Seu significado funda-se na relação de diálogo entre pessoas mediado pela fala e orientado a objetos que são simbolizados. Em outras palavras, o significado da palavra se expressa “[...] entre cada um dos falantes e o mundo (coisas)-empatia.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 75). Podemos refletir que a palavra “empatia” foi aí utilizada, porque esse processo de diálogo e de direcionamento dessa relação ao mundo objetivo pressupõe tanto a identificação com os outros como uma compreensão (afetiva) do mundo.

Somente uma visão passiva do comportamento do homem pode conter uma interpretação paralelista da relação entre processos naturais e fenômenos mentais. Essa questão se expressa na crítica de Vigotski à visão do comportamento como um sistema de reações. Essa visão parte do entendimento de que o fenômeno mental seria diretamente uma resposta passiva (fisiológica) a uma situação ambiental. Dessa forma, não há paralelismo psicofísico, para Vigotski, porque o comportamento não é compreendido como uma resposta passiva ao ambiente, mas como uma ação que muda a situação e que o faz intencionalmente. Em suas palavras: “Minha ação muda a situação e não apenas é determinada pelas situações anteriores, mas pelo processo de mudança como um todo- tanto externamente como internamente.” (VYGOTSKY, 2018c, p. 75). Comportamento, portanto, é uma ação e não uma resposta. Essa diferença é sintetizada na seguinte anotação: “O comportamento humano [difere] do comportamento animal: (1) estímulo artificial-natural [...], (2) o mecanismo é trazido para fora (empatia), (3) reações artificiais-fala etc. O cão saliva para qualquer estímulo,

mas não pode ler, escrever ou falar.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 76).

A discussão sobre a relação entre linguagem e o papel ativo do homem nos traz de volta a discussão sobre o estatuto objetivo da vida mental – sua ontologia. Sobre essa questão, Vigotski fornece outra aproximação à sua concepção sobre a relação entre corpo e mente, ao sugerir que a “[...] mente é tão objetiva quanto a digestão.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 76). Ele alude ao fato de que a mente é “[...] intracorpórea, talvez a excitação intranervosa do sensorio, ou seja, fenômeno mental de origem não periférica.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 76). Ele completa, afirmando que geralmente a “[...] mente é a percepção da experiência intracorpórea e intranervosa, é a organização da experiência intracorpórea.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 76).

Vigotski dá o exemplo do medo e da doçura, para esclarecer essas relações. Ambos seriam respostas secundárias, um como percepção da “palidez” e outro da “doçura”. Tanto um como outro seriam a reflexão, ligados a estados “intraorgânicos”. O que podemos conjecturar é que, para além da relação com o dado objetivo externo, o fenômeno mental também seria a expressão da percepção dos próprios estados corpóreos. Consequentemente, o fenômeno mental seria tanto a expressão do “social em nós” quanto da percepção dos próprios estados internos do nosso corpo. Tal ideia fica evidente na seguinte passagem: “Mente é a percepção de processos intra-corpóreos, assim como nós percebemos o mundo externo.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 77).

Em razão da natureza objetiva da mente, Vigotski se opõe a autores para os quais a mente não influencia o corpo. Contrapondo-se a essa visão, ele se pergunta: “Mas a representação feita pelo arquiteto do resultado não influencia o prédio de uma casa?” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 89). Ele assinala que podemos operar com as representações da realidade e, ao mesmo tempo, modificá-las. Desse ponto de vista, ele sustenta que a mente, enquanto percepção objetiva, torna a linguagem possível. Interpretamos essa ideia no seguinte sentido: dado o fato de nossa mente ser o resultado da nossa capacidade de perceber objetivamente o mundo, sendo, portanto, precisamente uma produção objetiva, podemos, com isso, expressar/interpretar esse mundo por meio da linguagem. O mental, portanto, existe enquanto resultado objetivo e como possibilidade para objetificar (conhecer) o mundo objetivo, por meio da linguagem. Em outras palavras, mente é objetiva, porque existe como resultado de relações objetivas tanto quanto pelo fato de poder modificar fisicamente o mundo objetivo.

Em síntese, procuramos evidenciar que Vigotski enxergou limites na reflexologia e buscou superá-la. O núcleo da sua crítica foi o reducionismo metodológico propiciado por ela,

na uniformização dos “fenômenos mais primitivos” ao complexo comportamento humano. Como saída inicial, Vigotski entendeu que deveria se “fundir” a metodologia da reflexologia com o da Psicologia experimental. Desse modo, ele ainda entendia a linguagem como um reflexo condicionado que deveria ser levado em conta, na pesquisa reflexológica. Do ponto de vista da relação mente corpo, haveria uma compreensão quantitativa que separava os fenômenos mentais inferiores dos superiores. Foi possível notar que essa concepção se modificou. A ideia da consciência como reflexo inibido não se apresenta, nos cadernos de Zakhharino (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a). Ele passou a compreender a pessoa como o “social em nós”.

#### 7.2.3.2 Psicologia dialética e a unidade entre o psíquico e o fisiológico

No final da década de 1920, o problema psicofísico ainda encontrava espaço nas reflexões de Vigotski. Podemos perceber que ele altera algumas posições tomadas anteriormente e se orienta no sentido de procurar estudar a “integralidade do comportamento”. É interessante notar que, nesse momento, a questão do inconsciente é colocada de maneira mais contundente, dentro da sua compreensão do problema psicofísico. Tal orientação irá culminar na sua concepção sistêmica da consciência, desenvolvida a partir da constatação do desenvolvimento dos conceitos.

A relação entre a psique, a consciência e o inconsciente tornam-se centrais para o encaminhamento de sua “psicologia dialética” (VIGOTSKI, 1930/2004d). Segundo o autor, as diferentes explicações desses três termos levaram ao desenvolvimento distinto das correntes psicológicas. A Psicologia objetiva de Pavlov excluía os fenômenos psíquicos. Já as orientações subjetivistas consideram tais fenômenos partindo deles mesmos, sem levar em conta as questões da fisiologia e do comportamento. Havia ainda uma terceira tendência, conforme Vigotski, que colocava o inconsciente como conceito central. Essa corrente procurava conhecer a psique através do inconsciente. Ele, por sua vez, ao contrário dessas orientações, viu a necessidade de a Psicologia científica e objetiva atentar para a integralidade do fenômeno que contém esses três elementos.

Vigotski permaneceu contrário à irreducibilidade do psíquico ao fisiológico. Não haveria a redução dos processos psíquicos aos fisiológicos, porque essa concepção leva ao apagamento das diferenças entre os comportamentos superiores e as formas primárias de adaptação da psique. Foi exatamente por isso que seu foco foi o estudo das “funções psicológicas superiores” (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a).

Partindo da perspectiva da Psicologia dialética, ele propõe que existe uma unidade entre esses processos. A psique seria parte da natureza e não algo além dela, pois está “[...] ligada diretamente às funções da matéria altamente organizada do nosso cérebro.” (VIGOTSKI, 1930/2004d, p. 144). Desse modo, a psique não seria um complemento acima ou estaria separada dos processos cerebrais, mas seria “[...] expressão subjetiva desses mesmos processos, como uma faceta especial, uma característica qualitativamente especial das funções superiores do cérebro.” (VIGOTSKI, 1930/2004d, p. 144). Em outros termos, seria somente no âmago dos processos psicofisiológicos que os processos psíquicos adquirem significado e sentido.

A consideração da unidade entre os fenômenos psíquicos e fisiológicos acarreta uma nova exigência metodológica. Com isso, passa a ser necessária a abordagem do processo em sua totalidade, “[...] o que implica considerar ao mesmo tempo os aspectos subjetivos e objetivos.” (VIGOTSKI, 1930/2004d, p. 145). A necessidade de um objetivo único e integral para a Psicologia levou à opção metodológica de Vigotski de chamar todo o processo de “psicológico”. Em suas palavras:

A **psicologia dialética** renuncia a ambas as identificações, não confunde os processos psíquicos com os fisiológicos, reconhece o caráter irredutível da singularidade qualitativa da psique e afirma apenas que os processos psicológicos são únicos. Chegamos, por conseguinte, ao reconhecimento de processos psicofisiológicos e singulares e únicos, que constituem as **formas superiores de comportamento do homem**, aos quais propomos denominar **processos psicológicos**, diferentes dos psíquicos e por analogia aos chamados processos fisiológicos. (VIGOTSKI, 1930/2004d, p. 146, grifo nosso).

A totalidade dialética entre o psíquico e o fisiológico é muitas vezes interpretada equivocadamente, conforme Vigotski, como a contraposição entre esses processos, o que, por sua vez, “[...] suscita a ideia de que a psicologia dialética deve ser constituída pelo estudo puramente fisiológico dos reflexos condicionados e pela análise introspectiva, que se unem mecanicamente entre si.” (VIGOTSKI, 1930/2004d, p. 146). É curioso o fato de que essa união mecânica entre os reflexos condicionados e a análise introspectiva foi uma proposta do próprio Vigotski, alguns anos antes (VIGOTSKI, [1924] 1926/2004b), tal como explicitado anteriormente. Possivelmente sua postura “antidialética” se transformou em uma compreensão dialética da relação unitária entre os processos psicológicos e fisiológicos. Vigotski sugere, diferentemente da concepção anterior alinhada à matriz explicativa da reflexologia, que o objeto de estudo da Psicologia dialética “[...] não é outro senão o processo integral do comportamento.” (VIGOTSKI, 1930/2004d, p. 146).



A Psicologia até então teria se equivocado na formulação do problema. Vigotski assinala que, primeiro, se retirava uma certa qualidade de um processo integral e depois se perguntava sobre suas funções, como se existissem isoladamente, de forma independente do processo integral do qual seria uma propriedade. Perguntava-se da “função biológica da psique”, por exemplo. Vigotski analogamente usa, de forma hipotética, a separação do calor da totalidade do sol. Segundo ele, não se pode perguntar que ação pode exercer o calor, se retirado da integralidade do sol.

E, no entanto, é precisamente assim que a psicologia agiu até agora. Descobriu a vertente psíquica dos fenômenos e depois tentou demonstrar que não serve para nada, que essa vertente psíquica é incapaz de produzir por si mesma a menor mudança na atividade cerebral. A própria formulação da questão encerra a falsa suposição de que os fenômenos psíquicos podem influir sobre os cerebrais. **É absurdo perguntar se essa qualidade pode atuar sobre um objeto do qual é qualidade.** (VIGOTSKI, 2004l, p. 148, grifo nosso).

Vigotski destaca que não há “inter-relação” entre os processos psíquicos e os processos cerebrais, seja pela ação dos processos psíquicos sobre os cerebrais, seja pelo funcionamento paralelo entre essas instâncias. A função biológica da psique somente pode ser compreendida em sua totalidade. Deve-se perguntar não sobre o significado biológico dos processos psíquicos na adaptação, mas dos processos psicológicos:

Esse ponto de vista monista integral consiste precisamente em analisar um fenômeno em sua totalidade como uma configuração e suas partes como elementos orgânicos da mesma. Por conseguinte, a tarefa fundamental da psicologia dialética consiste precisamente em descobrir a conexão significativa entre as partes e o todo, em saber considerar o processo psíquico em conexão orgânica nos limites de um processos integral mais complexo. (VIGOTSKI, 1930/2004d, p. 148).

Vigotski emprestou de Marx a ideia da não identidade entre essência e aparência, no processo de produção de conhecimento. Eles concordam que, se a essência e sua manifestação coincidissem, toda ciência seria supérflua. Esse princípio também se aplicaria ao “mundo da psique”, conforme Vigotski. Ao tomar como objeto da Psicologia o processo psicofisiológico integral do comportamento, ou seja, não mais simplesmente a psique, coloca-se o problema da autoconsciência desses processos. Segundo o autor, nunca temos acesso totalmente à integralidade do fenômeno. “Pode parecer que fazemos algo por uma causa determinada, mas na realidade a causa é outra.” (VIGOTSKI, 1930/2004d, p. 151). Ou seja, a causa está inconsciente a nós e, em razão do limite do acesso a totalidade do fenômeno psicológico, não podemos conhecer a integralidade do processo.

É precisamente pela não identificação entre processos psíquicos e processos fisiológicos que se pode falar em processos inconscientes. Vigotski alerta para o fato de que a

Psicologia tradicional também via o inconsciente de forma dualista, quer como algo psíquico, quer como algo fisiológico. Lembremos que, entre 1925 e 1926, ele próprio aventou essa possibilidade, como apresentado anteriormente (ele anotou que o “bio” é inconsciente e o “sócio” consciente). Outra via de explicação, completa Vigotski, foi dada por Freud. Para este, o inconsciente seria algo real e não apenas uma forma de expressão. Contudo, Vigotski assevera que Freud não explica qual a natureza desse “algo inconsciente”:

No entanto, na psicologia dialética o problema do inconsciente se coloca de uma forma totalmente distinta: era natural que a questão “é psíquico ou fisiológico?” se formulasse ali onde o psíquico era considerado como absolutamente desgarrado dos processos psicológicos e de qualquer fenômeno. (VIGOTSKI, 1930/2004d, p. 156).

Em essência, Vigotski argumenta que, em razão da consideração da psique para além da sua vertente consciente, sendo, portanto, parte integrante de um processo complexo, é completamente lícito tratar psicologicamente do consciente e do inconsciente, pois “[...] o inconsciente é potencialmente consciente.” (p. 156). Vigotski conclui que “[...] o ponto de vista dialético afirma que o inconsciente não é nem psíquico nem fisiológico, mas psicofisiológico, ou, sendo mais exatos, psicológico.” (VIGOTSKI, 1930/2004d, p. 157).

#### 7.2.4 O método semântico e uma nova alternativa de resolução do problema psicofísico

Na década de 1920, Vigotski refletiu sobre os problemas do dualismo psicofísico e postulou a necessidade de leitura desse processo em sua integralidade, como já aludido anteriormente. O problema central, por conseguinte, era superar o dualismo. Observamos como ele procurou solucionar esse problema, assentado na conciliação do método da reflexologia com o método da Psicologia experimental. Também vimos o abandono desse caminho e o seu direcionamento ao que hoje conhecemos como Psicologia Histórico-Cultural. Contudo, em razão das dificuldades encontradas nas suas pesquisas com o método instrumental – o qual estava sendo insuficiente para responder de forma convincente como ocorria a passagem do externo ao interno (o problema da transferência) –, encontrou no problema psicofísico um beco sem saída. Foi, então, a partir da mudança de orientação do seu método, que caminhava para uma concepção semântica da consciência, que o problema psicofísico pôde ser compreendido com base em uma nova chave explicativa.

Vigotski, ao final da sua vida, operou um movimento teórico-metodológico em direção a conceitos integrativos, tais como “significado da palavra”, “sentido” e “vivência [*pereživânie*]” (DAFERMOS, 2018; GONZÁLEZ REY, 2013; ZAVERSHNEVA, 2014). Esses conceitos estavam submetidos a uma compreensão da consciência enquanto um sistema

que não englobava somente o indivíduo particular, mas o ambiente social e a experiência histórica. O psicofísico foi concebido enquanto uma totalidade, assim como haveria uma totalidade entre pensamento e linguagem e indivíduo e meio.

Vigotski desenvolveu o método semântico como último esforço teórico. Esse método representou uma mudança da sua compreensão do papel da linguagem no sistema psicológico. Esse novo método de estudo foi compreendido por Vigotski como uma releitura do seu trabalho anterior “[...] sobre o estudo dos processos mediados à luz de uma nova hipótese.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 243). Essa nova hipótese diz respeito ao estudo do significado. Vigotski afirma que a Psicologia que não tornar o problema da relação palavra-pensamento seu centro e tentar resolvê-lo não chegará um passo mais perto do entendimento materialista da mente (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 252).

É de se imaginar que essa modificação no curso do seu método e de suas pesquisas o levaram também a novas hipóteses para a resolução do problema psicofísico. Isso tem uma razão de ser. Vigotski assegura que sua hipótese é a de que o problema psicofísico tem lugar central em todo sistema psicológico (VYGOTSKY, 2018a).

Em 1932, ele estava convencido de que a ideia de uma interação entre os processos mentais e fisiológicos era equivocada. Segundo o autor, a ideia de interação levaria inevitavelmente ao paralelismo. Este seria um acordo entre o pensamento físico-matemático e o pensamento religioso. Alguns negariam o problema, como teria feito o behaviorismo, já outros tomariam o problema psicofísico, mas teriam caído novamente no paralelismo, caso da Teoria da *Gestalt*, Wundt, Goldstein, dentre outros. Contra essa ideia, Vigotski demonstra que a própria biologia coloca em xeque essa concepção. As razões para isso seriam: 1) “[E]m vez do cérebro hipotético, a neurologia avançou no cérebro real.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 245); 2) além disso, a biologia postula que a mente se desenvolve e não existiu desde o começo, ou seja, a consciência teve uma função biológica na história evolutiva do homem. O fato de ela ter surgido ao longo da história humana denota que os processos psicológicos não são resultado da biologia, mas da história. Contra o paralelismo, Vigotski postula que o mais importante é “[...] a possibilidade de um novo movimento – uma nova mudança dos processos psicofisiológicos, um novo tipo de desenvolvimento, em particular, de um tipo histórico.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 244). Esse desenvolvimento de tipo histórico seria proporcionado pelo desenvolvimento do significado.

Além do paralelismo, outro aspecto que levaria à cisão entre mente e cérebro, dentro do problema psicofísico, decorreria da controvérsia expressa nas posições de Bergson e Binet, tal como já apresentada, sob outra ótica, no início do capítulo. Demonstramos que Bérghson,

conforme Vigotski, opera uma separação entre o corpo e a percepção, sendo esta “puro espírito”. Já Binet funde os problemas ontológicos e epistemológicos, isto é, iguala o estatuto do ser com a forma com que esse ser conhece. O cérebro, para esse autor, é um “órgão sensório” e a percepção ocorre “materialisticamente”.

Vigotski, contrariamente às concepções anteriores, aponta que o sistema psicofisiológico é organizado pela “totalidade” [*unity*] e “supremacia”, os quais surgem de um desenvolvimento de tipo novo, histórico. Remetendo-nos primeiramente à unidade, Vigotski deixa claro que esta não se confunde com “identidade”, quando critica a Teoria da *Gestalt*. Segundo o autor, essa teoria teria promovido um retorno ao paralelismo, porque, apesar de propor um “paralelismo sobre a base da unidade e identidade da estrutura”, haveria um “lapso” nesse paralelismo. Ele a questiona da seguinte forma: “[...] se as estruturas são idênticas, a estrutura mental não muda estritamente nada no processo fisiológico - para que precisamos da mente [?]” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 245). Sua concepção, ao contrário, como mencionado, propõe uma “supremacia” do mental sobre o fisiológico.

Passemos agora para sua ideia de “supremacia”. Compreendemos que essa ideia seja diversa da ideia de “determinação”. Vigotski resgata, em um determinado momento da sua análise, um pressuposto de Espinoza, para o qual a mente não pode “determinar” o corpo para o movimento, nem o corpo “determina” a mente para pensar. Esta seria uma forma de causalidade mecânica na qual Descartes teria incorrido. Em outros termos, a concepção de Vigotski da “supremacia” da mente sobre o corpo pode ser lida com base na influência de Espinoza. Vigotski se refere à “Ética” de Espinoza, ressaltando que o conteúdo dessa concepção é a teoria dos afetos. No estudo da teoria dos afetos de Espinoza, Vigotski afirma que o problema central da Psicologia seria a “liberdade”. Ele sustenta que a possibilidade real de liberdade “[...] é a possibilidade real de uma vida guiada pela razão, isto é, sobre a influência da mente sobre o corpo e que isso é o mais forte - na verdade, a única - refutação do paralelismo.” (VYGOTSKY, [1933] 2018a, p. 216).

Podemos entender um pouco mais sobre a ideia da “supremacia”, com base na sua discussão sobre o caminho de resolução do problema psicofísico, a despeito de ele não ter desenvolvido nos seus manuscritos essa ideia de forma acabada. Por isso, o que aqui temos é uma tentativa preliminar de interpretar sua conceituação.

Nesse momento, a relação entre o pensamento e a linguagem se tornara o problema central de toda a Psicologia histórico-cultural, como destacado anteriormente. Vigotski (VYGOTSKY, [1932] 2018a) argumenta que somente através do problema da relação entre pensamento e fala que a relação entre pensamento e cérebro pode ser desvendada. O problema

psicofísico deixa de ser conceituado, portanto, com base no binômio mente e cérebro, para ser orientado pela relação entre pensamento e fala. Como o próprio autor esclarece, seria nesse processo que ocorreria a “materialização” e a “objetivação” da unidade mente e cérebro. Vigotski sintetiza essa ideia na seguinte passagem:

O problema psicofisiológico (as questões agudas sobre o espiritual e o material na consciência humana) consiste [...] não na relação entre mente e cérebro [...] mas na relação entre pensamento e fala [*riétch*], que é sua materialização, sua objetificação, sua incorporação, que continuamente realiza a transição do externo para o interno e do interno para o externo, a unidade real e não imaginária, a luta de oposições (talvez a principal questão no desenvolvimento histórico da consciência). Cf. Marx: a natureza material da consciência em sua conexão com a fala. Isso é materialismo histórico (seu princípio concreto) em psicologia e **pensamento e fala é o problema central e a “estrada real” de toda a psicologia histórica.**<sup>66</sup> (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 251, grifo do autor).

É de suma importância chamarmos atenção para dois aspectos que são centrais nessa nova formulação do problema. O primeiro deles diz respeito ao fato de que a relação entre pensamento e fala é expressão da unidade mente e cérebro, na medida em que possibilitam a transição do “externo para o interno e do interno para o externo”. Para ele, como veremos a seguir, o problema da transferência entre esses dois polos era o problema central da Psicologia. Desse ponto de vista, Vigotski deixa sublinhado que essa “luta de oposições” talvez fosse “a principal questão do desenvolvimento histórico da consciência”. O outro aspecto central da sua interpretação é compreender o desenvolvimento histórico da consciência. O movimento introduzido desde fora, através das relações sociais, é essencialmente histórico, como o próprio processo de enraizamento, que segue um desenvolvimento histórico:

O nosso ponto de vista: a unidade [*unity*] do processo psicofisiológico e a supremacia do aspecto mental; o estudo dos processos **psicológicos**; o ponto de vista do ápice no problema psicofísico. **Mais importante:** a possibilidade, introduzida pela consciência, de um novo movimento, uma nova mudança nos processos psicofisiológicos, de novas conexões, de um novo tipo de desenvolvimento de funções, em particular, do desenvolvimento **histórico** com uma mudança das conexões interfuncionais. Isso é um evento **impossível no plano orgânico de desenvolvimento:** o sistema psicológico. Um exemplo: a palavra e seu significado. A inadequação de estruturas fisiológicas e psicológicas. Cf. a inadequação de estruturas químicas e fisiológicas. A possibilidade da experiência consciente **social**, e por isso a primazia das estruturas conscientes construídas a partir do exterior através da interação social: O que é impossível para um é possível para dois. A concretização desse ponto de vista reside no problema do desenvolvimento psicológico e da localização. Cf. as conexões extra-cerebrais. A ideia da fisiologia psicológica. (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 246, grifo do autor).

---

<sup>66</sup> É bem provável que Vigotski tivesse em mente a passagem de Marx, mencionada na epígrafe deste trabalho, sobre a “estrada real para a ciência”. A “estrada real”, que levaria até a psicologia histórica, seria aquela que passa pelo problema do pensamento e da fala.

A passagem acima possui vários elementos para avançarmos na sua compreensão do problema psicofísico. O primeiro deles seria a já aludida “supremacia” do mental sobre o psicofisiológico. Porém, o que Vigotski chama de “mental” tem uma origem histórica e social, não sendo uma força “espiritual”. Ou seja, é graças ao desenvolvimento histórico que é possível essa supremacia. Para ele, as “interações sociais”, que são a gênese das “conexões extracerebrais”, tornam possível a “experiência consciente social” construída a partir do exterior. Se, em um primeiro momento, o reflexo foi compreendido como permitindo a saída da biologia para a sociologia, agora, nessa nova hipótese, o significado da palavra permite o salto da biologia para a história. Ou seja, diferentemente de seus trabalhos anteriores, o significado da palavra tem agora um novo estatuto e uma nova definição, o que reorganiza sua compreensão do fenômeno psicológico. Em outros termos, a palavra e o significado teriam a função de condensar essa realidade social e histórica que é externa ao indivíduo. Na sequência, abordaremos em maiores detalhes como o problema da transferência entre externo e interno e vice-versa foi abordado por Vigotski, nos seus trabalhos pedológicos e na prática clínica.

### **7.3 O problema do meio na investigação psicológica**

Como explicitado no primeiro capítulo, Marx considerou que o ponto de partida do conhecimento científico é o destacamento de “determinações comuns” do objeto investigado. A esse processo de extração das categorias ele deu o nome de abstração razoável. A base desse procedimento é a generalização de elementos comuns a uma série de fenômenos que são isolados através da comparação. Na sua análise da sociedade capitalista ele deu como exemplo de uma abstração razoável desse modelo econômico a “produção em geral”. Esta abstração destaca os elementos comuns dos sistemas produtivos particulares desenvolvidos ao longo de séculos e em diferentes contextos. Cada um desses momentos reuniu uma produção particular, mas com elementos gerais que são universais a todos. Além do destacamento das abstrações, a análise do fenômeno precisa encontrar as mediações entre elas. Foi nesse sentido que procurou analisar as relações entre produção, distribuição, troca e consumo.

No início do presente capítulo, demonstramos a diferença entre o método de análise por unidades em contraposição ao método de análise das partes componentes, ou seja, dos elementos. Foi possível notarmos que Vigotski parte do mesmo princípio de Marx, o qual busca as categorias mais gerais, as abstrações razoáveis, que podem sintetizar a esfera universal do fenômeno. O significado da palavra, como vimos, foi a unidade de análise que condensa tanto os aspectos inerentes ao pensamento e a linguagem. Isto é, nela está a totalidade do fenômeno que se estabelece entre pensamento e linguagem. Também existem as

particularidades que se processam em cada relação singular comunicativa e de pensamento, no decorrer do tempo. Contudo, a unidade do fenômeno é explicada através da análise do significado da palavra, ou seja, o elemento geral a todos os casos particulares. O significado da palavra tem existência real, pois é a base da comunicação e do pensamento e, por outro lado, é uma unidade de análise, um conceito. O significado é uma abstração razoável, assim como a produção o é, para Marx. No entanto, somente o significado da palavra não explica a totalidade do fenômeno psicológico, assim como a produção sozinha não explica o sistema capitalista.

Apontamos ainda, no primeiro capítulo, que não se produz ciência com apenas uma abstração razoável. A tradução do objeto somente é feita com a delimitação e a articulação de várias abstrações razoáveis. É isso que Marx faz, quando tenta explicar a relação entre produção, distribuição, troca e consumo. Todos esses conceitos são abstrações razoáveis. A chave da explicação estaria na busca das conexões íntimas entre essas várias abstrações. É por meio dessa conexão que é possível expor o movimento real do objeto. Chasin (2009) evidencia que a busca pela articulação entre essas abstrações não é uma operação do intelecto, todavia, segue os nexos do próprio complexo examinado. Marx criticou os economistas clássicos, por encadearem os referidos conceitos de forma superficial. O que ele descobriu foi que a produção, distribuição, troca e consumo não são idênticos, mas são “[...] elementos de uma totalidade, diferença dentro de uma unidade.” (MARX, [1857] /2011, p. 75-76). Desse modo, a chave para a explicação dessa totalidade seria compreender como essas abstrações se articulam.

Vigotski também extraiu diversas abstrações razoáveis, no seu processo de “escavação do real”. A totalidade entre pensamento e linguagem, psíquico e físico e indivíduo e meio foram analisados experimentalmente. Além disso, a relação entre aprendizagem e desenvolvimento foi abstraída e captada, com base na análise da Zona de Desenvolvimento Proximal, que sintetiza tanto o nível do desenvolvimento em que a criança se encontra como o processo de ensino-aprendizagem promotor do desenvolvimento aos níveis mais elevados.

Marx ([1857]/2011) identificou que, no movimento do real, existem “momentos predominantes” [*ubergreifende Moment*] que são o ponto de partida do movimento do real. Chasin (2009) chamou de “determinações reflexivas” as abstrações que somente têm validade no interior do complexo fenomênico. O momento predominante é a categoria que estrutura o todo concreto. É a abstração razoável que se destaca, que ordena todas as outras abstrações. Como apresentado, Chasin esclarece que é a abstração razoável que sobredetermina “[...] as demais com seu peso ordenador específico.” (CHASIN, 2009, p. 135). As determinações

reflexivas são o conjunto de categorias “[...] cuja conexão é indissolúvel, de tal modo que a apreensão efetiva de cada um de seus membros depende da apreensão recíproca dos outros.” (CHASIN, 2009, p. 135). As categorias não se homogeneízam, porém, reafirmam sua “diversidade abstrata” na conexão com as outras categorias.

Segundo indicado no primeiro capítulo, Marx identificou que a produção é o momento predominante da mercadoria, pois seria o ponto de partida efetivo que desencadeia os demais. Apesar de ser a categoria que ordena a totalidade do fenômeno, a produção somente existe em conexão direta com o consumo, porque produzir algo significa ao mesmo tempo também consumir. Ao se produzir, consomem-se a matéria-prima, os meios de produção e as forças vitais daquele que produz. Em síntese, as determinações são reflexivas, porque existem em articulação dentro de uma totalidade, na qual as unidades desse todo perdem sua qualidade quando separadas.

Retirar qualquer elo da conexão entre produção, distribuição, troca e consumo seria um disparate, pois é a totalidade dessas categorias que “produz” a mercadoria, célula da sociedade capitalista. Assim, queremos enfatizar que tanto o momento predominante como as determinações reflexivas não se caracterizam como uma operação do pensamento de Marx, mas são a constatação da dinâmica do movimento do objeto real. A concepção oposta a essa é a aquela tal como a de Hegel, o qual “[...] caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento [...]” (MARX, [1857]1939/2011, p. 76).

Vigotski (1934/2001a, p. 169), referindo-se ao processo de desenvolvimento do adolescente, chegou à conclusão de que o momento determinante e essencial [*opredeliaiushchim i sushchestvennim momentom*] do desenvolvimento qualitativo do pensamento é a formação de conceitos e a decorrente utilização da palavra. Quer dizer, o “momento predominante”, para seguir a utilização de Marx, da totalidade da relação entre a pessoa e a realidade social é o uso da palavra significativa no **ato comunicativo de fala**. Em suas palavras:

O processo de formação de conceitos é irredutível às associações, ao pensamento, à representação, ao juízo, às tendências determinantes, embora todas essas funções sejam participantes obrigatórias da síntese complexa que, em realidade, é o processo de formação de conceitos. Como mostra a investigação, a questão central desse processo é o emprego funcional do signo ou da palavra como meio através do qual o adolescente subordina ao seu poder as suas próprias operações psicológicas, através do qual ele domina o fluxo dos próprios processos psicológicos e lhes orienta a atividade no sentido de resolver os problemas que tem pela frente. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 169).

É esse emprego que permite o contato social e a apropriação da experiência histórico-cultural, pois nela está generalizada a realidade e condensa a história das relações sociais. É



por meio da palavra que se desenvolvem as novas formações [*novoobrazovaniie*], isto é, por meio do significado que as funções elementares são organizadas em sistemas psicológicos, que criam formações psíquicas originais, superiores, que são dominadas pela pessoa, não apenas respondendo às funções psicológicas, como ocorre com os outros animais. Logo, é a palavra significativa que permite a existência da totalidade entre físico e psíquico, totalidade esta que toma forma através do conteúdo das generalizações. A unidade de análise da relação entre ensino-aprendizagem [*obutchénie*] e desenvolvimento é a Zona de Desenvolvimento Proximal [*zona blijáichego razvítiia*], entretanto, nesse processo, há o predomínio do ensino-aprendizagem, pois sem esse não há desenvolvimento. Contudo, parece-nos óbvio que, sem o emprego funcional da palavra, esse processo é impossibilitado.

Além disso, a palavra significativa como momento predominante também tem capacidade de explicar o desenvolvimento de outra abstração desenvolvida por Vigotski, a vivência [*pereživânie*]. Essa seria a unidade de análise da totalidade da relação entre indivíduo e meio. Veremos, logo abaixo, como Vigotski explicou as diferentes “vivências”, por meio de diferentes “entendimentos” do meio, os quais são determinados pelo nível de desenvolvimento do significado, que, segundo já mencionado, é a base para o desenvolvimento da visão de mundo. Em suma, assim como as conexões entre produção, distribuição, troca e consumo não são idênticas, mas “[...] elementos de uma totalidade, diferenças dentro de uma unidade” (MARX, [1857] 2011, p. 75-76), é possível constatar – e é isso que estamos buscando demonstrar – que, para Vigotski, existe uma intrínseca conexão entre o emprego funcional da palavra, as vivências, novas formações, Zona de Desenvolvimento Proximal (e demais abstrações extraídas para explicar a totalidade do fenômeno psicológico), os quais somente possuem existência em conjunto.

Isso quer dizer que não existe uma hierarquia entre essas unidades no adolescente e no adulto, apenas um momento predominante que estrutura essa totalidade. Isso não significa, como apresentaremos, que, no movimento do objeto, essa relação dinâmica se processe desde o início do desenvolvimento. Em cada uma das idades, predomina uma função sobre a outra. Na ontogênese, o contato da criança com a realidade passa pela percepção e pela atividade objetual. Ao avançar no desenvolvimento, a fala adquire papel central no desenvolvimento e assim por diante. A mesma analogia pode ser feita com as abstrações de Marx, já que a dinâmica, analisada pelo pai do socialismo científico, entre produção, distribuição, troca e consumo diz respeito à forma mais desenvolvida das formações sociais, o capitalismo. Mas isso não quer dizer que, ao longo da história, um ou outro processo não foi organizador das relações sociais.

A seguir, focalizaremos o conceito de vivência [*pereživânie*] e demarcaremos sua importância, na análise de Vigotski da personalidade consciente. Contudo, antes disso, demonstraremos como o problema do meio se configurou, durante a investigação de Vigotski e, além disso, como o significado da palavra estava implícito no seu trabalho, desde o início da sua incursão na Psicologia.

### 7.3.1 Visão geral do problema do meio na obra de Vigotski

O problema da influência dos fatores sociais na constituição da consciência fez parte das preocupações de Vigotski, desde pelo menos meados da década de 1920. No momento em que operava sua análise, através dos princípios da reflexologia, ele buscou desenvolver uma metodologia de estudo do papel da experiência social e da comunicação para o desenvolvimento da consciência. Em outros termos, ele tinha como meta investigar como as relações sociais orientavam o desenvolvimento da consciência. Ele estava convencido de que o princípio explicativo da consciência não estava nela própria, mas nos fatores externos a ela. Desse modo, podemos supor que o problema do meio estava colocado já nesse momento, porque uma das questões principais era responder como a realidade imediata e a realidade mediada, que continham em si a história geral da humanidade, reorganizavam e impulsionavam os processos psicológicos.

Vimos, no segundo capítulo, como Vigotski, por volta de 1926, era inteiramente contrário à concepção do comportamento como reação a um estímulo, como um ser passivo ao ambiente. Sobre isso, ele anotou “Minha ação muda a situação e não é apenas determinada pela situação anterior, mas pelo processo de mudança como um todo - tanto externamente quanto internamente.” (VYGOTSKY, [1925-1926] 2018a, p. 75). Ou seja, já nesse período, ele buscava compreender a relação global entre o indivíduo e o meio, pois entendia que o próprio indivíduo altera o meio e modifica a totalidade da relação.

Constatados os limites da reflexologia, Vigotski desenvolveu o estudo do ato instrumental para verificar como a criança interage com seu meio circundante e utiliza as ferramentas nele disponíveis, a fim de controlar seu próprio comportamento. Isto é, o signo foi o menor elemento comum do meio social que foi elevado a objeto central da análise. Estava implícito, nos experimentos realizados por Vigotski e seus colaboradores, o fato de o ambiente impor à criança uma nova forma de relação, não direta, mas mediada, instrumental. O meio coloca problemas e tarefas para a criança, a qual, com a ajuda dos instrumentos objetivos ou psicológicos, controla o próprio comportamento, para superar os limites impostos pela ação imediata. Por isso, diversas pesquisas foram organizadas, no intuito de colocar

tarefas que exigiam que as crianças empregassem instrumentos ou signos para a sua resolução. Foi nesse processo que Vigotski e Luria (VYGOTSKI; LURIA, [1930]1984/2007) descobriram que a fala egocêntrica não apenas acompanha a atividade da criança, mas a revoluciona, orienta a ação.

As pesquisas com crianças deficientes implicitamente consideravam a centralidade da relação da criança com seu meio. A análise de Vigotski (VYGOTSKI, 1927/1997a) centrou-se no fato de que o principal problema colocado pelo defeito era quebra do vínculo com a realidade social. Na medida em que se criam vias alternativas de contato da criança com tal realidade, refaz-se o seu vínculo com o meio e assim se garante a possibilidade do seu desenvolvimento.

O estudo dos conceitos incorporou as mesmas preocupações anteriores. Ele ainda se questionava sobre como as formas superiores de pensamento se desenvolviam, do ponto de vista ontogenético. Ao constatar que a chave para tal desenvolvimento estaria no desenvolvimento do pensamento conceitual, na adolescência, Vigotski se defrontou com uma nova forma de abordar a relação entre indivíduo e meio. Ele percebeu que não é simplesmente o signo, ou melhor, o conceito, que promove o desenvolvimento das funções psicológicas, mas a relação estabelecida entre a comunicação e a realidade refletida nos conceitos. Nesse sentido, o aspecto central do experimento que utilizou conceitos artificiais foi a colocação de um problema ou tarefa, para que a criança, em contato com os objetos, desenvolvesse paulatinamente os conceitos. Em outras palavras, ele buscou verificar como o meio social coloca problemas para as crianças e como o emprego de conceitos para resolvê-los faz com se surja uma nova relação com a realidade.

A preocupação sobre a formação da visão de mundo do adolescente levou Vigotski (VYGOTSKI, 1931/2006a) a formular algumas hipóteses sobre a relação entre o meio e o desenvolvimento do adolescente. Ao se questionar sobre como se desenvolve a ideologia de classe, na adolescência, Vigotski conclui que ela é o resultado tanto do desenvolvimento do pensamento conceitual quanto da influência do meio sobre o indivíduo. Ele foi contrário às concepções dominantes da sua época, tais como as de Stern e Kretschmer. Stern era representante da posição que negava a relação intrínseca entre forma e conteúdo do pensamento. Esse autor acreditava que a formação da visão de mundo do adolescente seria o resultado da formação da sua intuição. Para Stern, na fase de maturação sexual, o adolescente entende “[...] instintivamente o mundo de modo metafísico, [e] que tal entendimento é hereditário a sua idade.” (VYGOTSKI, 1931/2006a, p. 66).

Kretschmer, por sua vez, também estaria equivocado, na concepção de Vigotski, ao explicar o pensamento do adolescente com base na biologia. A concepção da visão de mundo como um processo “hereditário” da idade de transição expressa o dualismo entre forma e conteúdo do pensamento, segundo Vigotski. Ao contrário, para ele, a visão de mundo do adolescente não se formaria simplesmente pela imitação, mas pela participação da criança em uma “[...] comunidade de vida, atividades e interesses.” (VYGOTSKI, 1931/2006a, p. 65). Ou seja, para que o adolescente chegue a adentrar ao “mundo da consciência social objetiva”, é preciso que haja tanto o desenvolvimento do pensamento conceitual como a participação do adolescente numa “comunidade de vida”. Desse modo, já se colocava, nesse momento de sua obra, a importância do meio para o desenvolvimento da personalidade. Não se desenvolveria uma ideologia de classe, se a criança não formasse o pensamento conceitual que lhe permita ultrapassar a aparência da realidade imediata e nem se o meio social não oferecesse as condições para que o adolescente participasse do seu meio social. Logo, depreende-se que é um duplo movimento, do indivíduo ao meio e deste para aquele, formando uma totalidade.

Destacamos também, no capítulo quarto, sua preocupação com o meio social para explicar o desenvolvimento do pensamento, através das pesquisas realizadas na Ásia Central. O objetivo de Vigotski e Luria foi investigar em que medida as modificações socioeconômicas, do meio social e cultural, modificam o pensamento dos habitantes daquela região.

Como indicado na primeira parte deste capítulo, Vigotski retornou aos mesmos problemas já investigados desde fins da década de 1920, porém, ele cria novas situações para verificá-los. Assim, ele retornou ao concreto, mas agora como “concreto pensado”, pois o seu sistema de abstrações estava mais desenvolvido e saturado de determinações. O conhecimento do fenômeno, em seus aspectos mais abstratos, fez com que ele reorganizasse o processo de apreensão dos dados factuais.

Com isso, o problema do meio foi requalificado e tomou uma dimensão central, para sua explicação do desenvolvimento da personalidade consciente. Ele constata, como vimos, que a chave para o desenvolvimento da fala egocêntrica estava nas condições existentes no meio. Este deveria oferecer condições para a vocalização, monólogo coletivo e para a ilusão de compreensão, sobretudo através da convivência e contato social com outras crianças e na colocação de tarefas, para que a fala egocêntrica fosse impulsionada. Se o meio, ao invés de favorecer esses processos, colocar um limite para o seu surgimento, como vimos nos experimentos criados por Vigotski, se interpõe um claro limite para o desenvolvimento infantil, o qual acabará certamente prejudicando o desenvolvimento da fala interna, o qual,

como destacado, se completa como decorrência da fala social que tem na fala egocêntrica o seu momento intermediário. Além disso, também podemos perceber tal processo com o desenvolvimento dos conceitos científicos. Se o meio não fornece as condições necessárias para que os conceitos científicos sejam desenvolvidos, tal forma de pensamento não se eleva às suas formas mais superiores.

Nos últimos anos de sua produção, segundo já aludido, Vigotski se dedicou a teorizar sobre o problema do meio no desenvolvimento infantil. Na sequência, veremos como ele compreendia o meio, não como um dado absoluto, mas relativo, e como se articulam as abstrações criadas para explicar essa relação.

### 7.3.2 Meio social, desenvolvimento infantil e o conceito de vivência

Após o esclarecimento de que Vigotski não privilegiou o estudo do meio apenas no final de sua produção, agora podemos analisar o impacto do método semântico, na sua última elaboração sobre esse tema. O meio é problematizado por ele principalmente nos textos pedológicos, isto é, nas suas reflexões sobre o desenvolvimento infantil (por exemplo, em VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b; VIGOTSKI, 1934/2018b<sup>67</sup>). Sob essa perspectiva, a análise da ontogênese do desenvolvimento não deveria tomar a hereditariedade e o meio separadamente, todavia, como uma totalidade.

Na pedologia, o problema da hereditariedade é colocado diferentemente da forma como é apresentado na biologia. A genética estuda a expressão direta dos genes nas características adquiridas. Por sua vez, na pedologia, estuda-se a influência conjunta entre hereditariedade e meio. Outra tarefa do pedólogo é investigar como as “inclinações hereditárias” conduzem certos tipos de desenvolvimento comuns a todas as crianças. Além disso, procura-se igualmente investigar como a hereditariedade influencia a dinâmica, ao longo de todo o processo de desenvolvimento da criança. A relação entre herança e meio é um “[...] processo ininterrupto, que se autocondiciona e não uma marionete manobrada com dois fios.” (VIGOTSKI, [1931]1936/1997c, p. 325).

Conforme Vigotski (1934/2018b), o método principal de estudo da relação entre hereditariedade e meio seria proporcionado pela pesquisa comparativa com gêmeos.<sup>68</sup> Tal

---

<sup>67</sup> Não existe a confirmação de que os textos referentes às aulas de pedologia foram escritos por Vigotski ou foram anotações feitas a partir de sua fala. Valsiner e Van der Veer (2009) argumentam que os indícios de oralidade presentes no texto levam a deduzir que se trate de uma transcrição da conferência.

<sup>68</sup> Luria e Yudovich (1987) desenvolveram diversos estudos comparativos sobre o desenvolvimento das funções psicológicas em gêmeos.

pesquisa deveria investigar pares de gêmeos univitelinos e bivitelinos, para se poder determinar o grau de influência da hereditariedade no desenvolvimento:

[É] por meio do estudo de características complexas nos gêmeos univitelinos e bivitelinos, [que] temos a possibilidade de estudar a influência da hereditariedade na formação e no desenvolvimento de características complexas e dinâmicas que são determinadas não apenas pela hereditariedade, mas também pelo meio. (VIGOTSKI, 1934/2018b, p. 65).

Como já aludido, a relação entre a pessoa e o meio compreende uma totalidade que também precisou de um método de análise para se proceder à sua investigação. A unidade elencada por Vigotski para estudar essa relação foi a vivência [*pereživânie*]. Esse conceito não foi exaustivamente desenvolvido por Vigotski. Portanto, ele não usou apenas esse conceito nos estudos pedológicos, mas foram neles que essa unidade foi examinada em articulação com as demais abstrações.

Esse conceito pode ser mapeado em vários momentos de sua produção (DELARI JÚNIOR; PASSOS, 2009). Contudo, a utilização desse conceito em períodos anteriores não estava articulada a outras abstrações centrais para sua explicação, como o conceito de significado da palavra. Nossa atenção se deterá nos trabalhos desenvolvidos por Vigotski em seus últimos anos de vida. Vigotski elaborou uma definição aproximada desse conceito, por exemplo, nos seguintes textos: “Quarta aula - O problema do meio na pedologia” (VIGOTSKI, 1934/2018b), “A crise dos sete anos” (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b), “Sobre o problema da psicologia do trabalho criativo do ator” (VYGOTSKY, [1932] 1936/1999b), “O desenvolvimento do pensamento do adolescente e a formação dos conceitos” (VYGOSTKI, 1931/2006a) e demais textos pedológicos.

O argumento central do texto “Quarta aula - O problema do meio na pedologia” (VIGOTSKI, 1934/2018b) é evidenciar que o meio é fonte de desenvolvimento, que nele estão contidas, desde o início, as formas de pensamento que se espera que a criança desenvolva no final do seu desenvolvimento. As características especificamente humanas, superiores, “[...] surgem inicialmente como formas de comportamento coletivo da criança, como formas de colaboração com outras pessoas.” (VIGOTSKI, 1931/2006a, p. 91). Vigotski classifica tais formas superiores como formas ideais:

A maior particularidade do desenvolvimento infantil consiste no fato de que ele se realiza em condições de relação recíproca com o meio, quando a forma ideal, terminal, a que deve surgir ao final do desenvolvimento, não somente existe no meio contíguo à criança desde o início, como realmente interage e exerce influência sobre a forma primária, sobre os primeiros passos do desenvolvimento infantil, ou seja, sobre algo que deve se formar ao final e, de algum modo, influencia os primeiros passos do desenvolvimento. (VIGOTSKI, 1934/2018b, p. 85).

Para exemplificar como a forma ideal está presente desde o início do desenvolvimento, Vigotski cita o caso da linguagem. Esta integra o meio social da criança, desde o seu nascimento. A forma superior de linguagem impulsiona o desenvolvimento dessa função na criança. O oposto também é verdadeiro, pois, se a forma ideal correspondente estiver ausente do meio da criança, ela não irá se desenvolver. Vigotski dá o exemplo de uma criança que nasce no meio de pessoas surdas. Sua fala não irá se desenvolver, porque sua forma ideal está ausente. Com isso, é preciso que a forma ideal esteja desde o início presente no desenvolvimento infantil, a fim de que as características superiores e especificamente humanas se desenvolvam. Com essa análise, Vigotski (1934/2018b, p. 89) procura demonstrar como

[...] o meio se apresenta como fonte de desenvolvimento para as formas de atividade e das características superiores especificamente humanas, ou seja, exatamente a relação com o meio é a fonte para que surjam essas características na criança. Se essa relação for violada por força de circunstâncias inatas da criança, as características superiores não surgirão. [...] [O significado teórico dessa proposição é que] o homem é um ser social e, fora da relação com a sociedade, jamais desenvolveria as qualidades, as características que são resultado do desenvolvimento metódico de toda a humanidade.

O desenvolvimento filogenético e sociogenético não possuem essa peculiaridade apontada por Vigotski. Nem a história do desenvolvimento biológico do homem nem a história social têm essa característica, isto é, em nenhuma delas a forma final ou “terminal” estava colocada desde o início do processo de desenvolvimento. Esse é o caráter distintivo e original do desenvolvimento individual. É precisamente por essa razão que nem a filogênese nem a sociogênese se repetem, na ontogênese. Também é por essa razão que não é possível utilizar a natureza biológica da criança, para explicar o seu desenvolvimento, muito menos se repetem, na história individual, os mesmos passos traçados pelo homem na sua história social. A atividade prática de trabalho, que foi a característica fundante do desenvolvimento histórico do ser social (LUKÁCS, 2018), não pode ser empregada como princípio para a explicação do desenvolvimento do indivíduo.

Na história da humanidade, não estavam dadas as formas ideais desde o início. No desenvolvimento individual, ao contrário, essa é sua originalidade em relação às outras formas de desenvolvimento, como estamos argumentando. Existe um momento predominante, no desenvolvimento ontogenético, que é diferente do momento predominante da formação do homem como ser social no decurso do seu desenvolvimento histórico. Por essa razão, outras categorias devem ser extraídas do fenômeno, para que possamos explicar essa peculiaridade. É dessa constatação que Vigotski busca estudar a unidade entre a criança e o meio, isto é, os

fatores peculiares do desenvolvimento individual. Em síntese, essa relação não se dá de forma direta e unidirecional, porém, é dialética, isto é, não é meio social que determina inteiramente o desenvolvimento da criança, mas também a sua vivência desse meio.

Para explicar a dinâmica entre a criança e o meio, Vigotski utiliza-se do método de análise das unidades, como já mencionado. A vivência [*pereživânie*] define a relação que a criança estabelece com o meio. Isto é, na vivência estariam tanto aspectos inerentes à criança quanto ao meio. O objetivo central de Vigotski, no estudo da ontogênese do desenvolvimento, é compreender a totalidade entre a criança e o meio. Isso implica analisar esses dois polos em uma relação dinâmica e não reducionista a um ou outro polo. Por conseguinte, deve-se examinar o meio em seu aspecto relativo e não absoluto:

O meio não deve ser estudado como um ambiente de desenvolvimento que, por força de conter determinadas qualidades ou características, já define pura e objetivamente o desenvolvimento da criança. É sempre necessário abordá-lo do ponto de vista da relação existente entre ele e a criança numa determinada etapa de desenvolvimento. (VIGOTSKI, 1934/2018b, p. 74).

Portanto, o caráter relativo do meio existe, porque ele nunca é o mesmo, ao longo do desenvolvimento infantil, muito menos para crianças diferentes. Ele varia em razão dos diferentes níveis de entendimento de que a criança dispõe, em relação a esse meio. Retomando o exemplo da linguagem, Vigotski argumenta que a linguagem de um determinado meio pode não se alterar, ao longo do desenvolvimento da criança. O nível do vocabulário, a quantidade de palavras e o contexto cultural podem permanecer os mesmos. Contudo, esse mesmo meio é inteiramente diferente, quando a criança não compreende a fala, quando está apreendendo a falar e quando já tem a fala desenvolvida. Isto é, na medida em que a criança aprende a linguagem, em seus diferentes níveis, seu entendimento sobre o meio também se modifica.

No início da sua exposição, Vigotski já alerta sobre o papel central do significado nessa relação. Mesmo o meio se modificando muito pouco, o significado desse meio pode se alterar radicalmente. “Um evento que tem determinado significado desempenha um papel numa idade específica. Todavia, dois anos depois, começa a ter outro significado e a desempenhar outro papel por força de mudanças da criança. Ou seja, a relação da criança com aqueles eventos do meio mudou.” (VIGOTSKI, 1934/2018b, p. 75).

Em um dos raros momentos nos quais Vigotski (1934/2018b) usa exemplos de pessoas reais, ele apresenta o estudo de caso de três crianças, para evidenciar como surge uma vivência e como ela poderia ser explicada. Ele relata o atendimento clínico de três irmãos que exibiram diferentes sintomas, depois de passarem por um incidente familiar. A mãe deles



bebia e sofria de transtornos nervosos. Eles vivenciaram uma mesma situação, no qual, em certa ocasião, a mãe tentou atirar uma das crianças pela janela e agiu violentamente com as demais. Vigotski dá a tônica do contexto vivenciado: “As crianças viviam num ambiente de pavor e terror.” (VIGOTSKI, 1934/2018b, p. 75). Cada uma teve uma reação diferente, diante da mesma situação.

Vigotski atribui essa diferença ao nível de entendimento que cada uma tinha da situação. A criança menor reagiu com uma série de “sintomas neuróticos”. Ela reagiu defensivamente, porque se sentiu oprimida “[...] pelo pavor em relação ao que estava acontecendo.” (VIGOTSKI, 1934/2018b, p. 76). Por outro lado, a segunda criança desenvolveu um estado de extremo sofrimento. O sentimento em relação a sua mãe era contraditório. Ela estava vivenciando um conflito interno, pois a mãe era ao mesmo tempo objeto de ligação e fonte de medo. De maneira oposta aos dois irmãos menores, o terceiro irmão reagiu de modo compreensivo e, de forma precoce, apresentou preocupação com sua mãe. “Esse filho entendia a situação, entendia que sua mãe era doente e sentia pena dela; percebia que as crianças mais novas estavam em perigo quando a mãe se enfurecia.” (VIGOTSKI, 1934/2018b, p. 76). Nesse sentido, em razão da sua compreensão do meio, ele passou a cuidar da mãe e se tornou o chefe da família.

A constatação óbvia de que cada uma das crianças vivenciou uma mesma situação e reagiu de maneira inteiramente diferente é explicada por Vigotski pelos diferentes sentidos atribuídos a uma mesma situação:

Uma a vivenciou sem lhe atribuir um sentido, sem compreender o pavor que a introduzia numa situação de indefensibilidade. A outra a vivenciou de forma consciente como um conflito agudo entre uma relação afetiva intensa e sentimentos de medo, ódio e raiva. A terceira, até certo ponto, como um menino de 10 ou 11 anos poderia vivenciá-la, como uma desgraça que se abateu sobre a família e que exigia deixar tudo de lado para, de alguma forma, tentar suavizá-la, ajudar a mãe doente e as crianças. Então, a influência que a situação exerceu sobre o desenvolvimento das três crianças foi diferente em função do aparecimento, nas mesmas, de três vivências distintas acerca da mesma situação. (VIGOTSKI, 1934/2018b, p. 77).

Vigotski conclui, com a apresentação desse estudo de caso, que situações como essa evidenciam que a pedologia não deve estudar o meio como tal, independente da criança, todavia, o seu papel e a influência no curso do seu desenvolvimento. A pedologia deveria encontrar “[...] o prisma que refrata a influência do meio sobre a criança. Ou seja, ela deveria saber encontrar a relação existente entre a criança e o meio, a vivência da criança, como ela toma consciência, atribui sentido e se relaciona afetivamente com um determinado

acontecimento.” (VIGOTSKI, 1934/2018b, p. 77). Assim, a atribuição de sentido é a base para o estudo da relação entre a criança e o meio.

A vivência enquanto unidade de análise da totalidade entre indivíduo e meio sempre se relaciona a algo que está fora da pessoa, ao fato vivenciado. Por outro lado, também condensa as particularidades da personalidade da criança que vivencia o meio. Vigotski sublinha, com isso, que a personalidade se relaciona com os traços constitutivos do acontecimento, isto é, nunca a totalidade da personalidade comparece na vivência de uma situação. Numa vivência, apenas algumas das particularidades da criança desempenham papel principal. “Para nós, é importante saber não apenas quais são as particularidades constitutivas da criança, mas quais delas, em dada situação, desempenharam papel decisivo na definição da relação da criança com determinada situação, enquanto em situação distinta, outras o fizeram.” (VIGOTSKI, 1934/2018b, p. 78).

O sentido e o significado que uma criança dá a uma determinação situação irão determinar sua forma de reação. Vigotski resume essa ideia na seguinte passagem: “De forma breve e simples, poderia dizer que **a influência do meio no desenvolvimento da criança, junto com as demais influências, será medida também pelo nível de compreensão, de tomada de consciência, de atribuição de sentido ao que nele acontece.**” (VIGOTSKI, 1934/2018b, p. 79, grifo do autor). A essência é que a influência de uma situação para a vivência da criança não depende apenas do conteúdo vivenciado, mas o “[...] quanto a criança o compreende e lhe atribui sentido.” (VIGOTSKI, 1934/2018b, p. 79).

A vivência não se define apenas pelo entendimento que a criança tem do meio, mas também em relação aos acontecimentos vivenciados. Eis como Vigotski (1934/2018b, p. 78) se refere a essa relação:

[...] a vivência não representa apenas a conjugação dessas particularidades pessoais da criança, que, por sua vez, definem como esta vivenciou determinado acontecimento, mas também os diversos acontecimentos vivenciados de diferentes maneiras pela criança. Uma mãe embriagada ou psicologicamente doente é o mesmo que uma babá psicologicamente doente, mas não é o mesmo que um pai ou um vizinho embriagado<sup>69</sup>. Isso significa que o meio, que, nesse caso, apresentou-se como uma situação concreta, também é sempre representado numa determinada vivência.

Um dado extremamente importante deve ser ressaltado. A vivência não é a reprodução de uma dada situação na consciência da criança, isto é, não é um espelhamento, muito menos sua “construção” ideal, mas sua “refração”. Essa refração é produzida pelo nível de

---

<sup>69</sup> Se analisarmos criticamente, nem mesmo uma babá é o “mesmo que uma mãe embriagada ou psicologicamente doente”. O significado dado por uma criança para a babá pode ser diametralmente oposto ao significado dado a uma mãe, por exemplo.

desenvolvimento do significado da criança. A generalização da realidade é parte constitutiva da produção de sentido de uma situação. Corroborando essa assertiva a constatação de, na sequência da sua argumentação, Vigotski iniciar a argumentação sobre o significado da palavra. É precisamente nesse sentido que estamos argumentando que o método semântico foi a base para a sua interpretação do desenvolvimento da criança na relação com o meio social. Em outros termos, a abstração central que faz a mediação com a “vivência”, enquanto outra abstração, é o significado da palavra.

Cabe pontuar que, dados os diferentes níveis do desenvolvimento do significado, as crianças vivenciam de modo muito diferente o meio, comparando-se com a vivência de um adulto. A criança atribui sentido de forma diferente, precisamente pela diferença em relação aos significados dos adultos. Em suma, Vigotski conclui que “[...] o significado das palavras infantis define uma nova relação que pode existir entre o meio e determinados processos de desenvolvimento.” (VIGOTSKI, 1934/2018b, p. 82).

Em síntese, gostaríamos de destacar que a relação entre a criança e o meio não se dá de forma direta, mas é atravessada pela formação do sistema conceitual da criança. Somente com a análise da concepção que a criança tem do mundo e dos fatos que são vivenciados é que se pode compreender a relação entre a criança e o meio. Desse ponto de vista, a lógica infantil não se desenvolve diretamente da “percepção” do meio, porém, através da dinâmica entre criança e meio social, que é mediada pelos graus de significação estabelecidos em cada fase do desenvolvimento. “Não é apenas a criança que muda, mas também a sua relação com o meio, que começa a influenciá-la de uma nova maneira. Essa compreensão dinâmica e relativa do meio é o mais importante de tudo que podemos haurir quando falamos do meio na pedologia.” (VIGOTSKI, 1934/2018b, p. 84). Desse modo, a lógica infantil não se desenvolve em dependência direta da sua atividade no meio, nem está separada e se desenvolve independentemente dele. A lógica infantil surge em razão, principalmente, das formas ideais presentes no meio, mas, mais do que isso, da vivência desse meio que é estruturada pelo conteúdo do desenvolvimento e pelas formas de significação.

Para esclarecer como Vigotski compreendia a dinâmica entre indivíduo e meio, nas diferentes fases do desenvolvimento ontogenético, a seguir, faremos descrição da sua explicação sobre o desenvolvimento que congrega várias das suas abstrações. Veremos como ele coordena e sintetiza importantes princípios metodológicos, de sorte a explicar a ontogênese do desenvolvimento, tais como situação social de desenvolvimento, momentos de crise, novas formações, vivências, significado etc.

### 7.3.3 O meio social e as crises do desenvolvimento

Na seção anterior, observamos como o meio deve ser analisado em seus parâmetros relativos, porque a compreensão que a criança tem do meio se modifica. Contudo, essa não é a única peculiaridade de tal relação. A análise do problema do meio, feita por Vigotski, não é subjetivista, ou seja, que limita a uma suposta modificação da criança. Como frisamos, essa relação é dialética. O próprio meio se modifica, na medida em que a criança se desenvolve, ou seja, a criança também é parte do meio. O meio social se modifica e se adequa às novas características da criança.

Delari Júnior (2017) critica as leituras que compreendem a “novidade” da análise de Vigotski como sendo limitada ao mundo subjetivo da criança que vivencia o meio. O próprio texto de Vigotski não permite tal interpretação, pois, como descrevemos, ele afirma que o acontecimento também é determinante para a vivência. É possível imaginar, com base no exemplo citado, que a reação que cada uma das crianças teve também foi determinada pela posição que ocupava, diante do acontecimento. A criança que foi quase jogada pela janela não vivenciou exatamente o mesmo meio que outra que presenciou a cena: o meio não era o mesmo para elas. Portanto, o meio social não se restringe a um fato objetivo. O fator determinante da vivência é o significado atribuído ao meio, bem como as relações que se instauram entre as pessoas. Delari Júnior (2017) argumenta que, no referido exemplo, a mãe não pode ser considerada como uma “figura coisificada do meio social objetivo”, porque seu modo de ser não é “objetivamente estável” (p. 8). Ao contrário, a mãe é também um sujeito de relações intersíquicas, nas quais as crianças são parte de sua vivência. O autor questiona:

Ela [a mãe] não estaria também num momento sofrido do desenvolvimento histórico de sua vida consciente? Será que abstrair que a mãe também vive a dialética entre subjetivo e objetivo não gera coisificação da dinâmica e estrutura de sua personalidade, como algo constante e estável? Quando ao tratar do desenvolvimento das crianças se está dizendo justamente que o ser humano não pode ser visto como determinado de modo mecânico ou imutável? (DELARI JÚNIOR, 2017, p. 8).

Bozhovich (2009) reafirma essa posição, ao asseverar que, mesmo considerando a análise da vivência da criança, “[...] nós ainda somos forçados a retornar e examinar todas as circunstâncias de sua vida e todas as características existentes de sua personalidade.” (BOZHOVICH, 2009, p. 67). Outro argumento contra a análise objetivista do meio pode ser observado, quando Vigotski afirma que ele é fonte de desenvolvimento e, portanto, também possui uma “forma ideal”, que não é estática, precisamente por ser formada por relações sociais.

O meio se modifica em resposta ao desenvolvimento da criança. Vigotski ressalta esse fato, quando analisa a ontogênese do desenvolvimento (VYGOTSKI [1932-1934] 1984/2006b), no texto “O problema da idade”. Para tanto, como veremos a seguir, ele articula os conceitos de situação social de desenvolvimento com o conceito de vivência, de maneira a explicar como, em cada período do desenvolvimento, o meio se modifica, colocando novas exigências para a criança, desencadeando estados de crise no seu processo de desenvolvimento, os quais são fundamentais para que as formas ideais sejam apropriadas e para que seu desenvolvimento se processe, no sentido das funções psicológicas especificamente humanas, criando novas formações, superiores.

Ao discutir o problema do estudo das idades infantis, Vigotski (VYGOTSKI [1932-1934] 1984/2006b) critica as orientações da época, que tomavam como base de estudo os períodos isolados. Essas orientações partiam de uma concepção evolucionista do desenvolvimento, que reduzia o processo às mudanças quantitativas. As teorias se dividiam entre aquelas que acreditavam que não surgia nada de novo no desenvolvimento, o que aparecia era considerado como resultado das mudanças nas capacidades inatas; e aquelas que entendiam que o desenvolvimento é automovimento, sendo somente a permanente aparição do novo. Esta posição seria idealista, porque partiria da ideia do desenvolvimento como um impulso autônomo. Por outro lado, também remeteria à concepção materialista, porque se baseia no desenvolvimento material e psíquico.

Vigotski era contrário a essas visões e propunha uma análise do desenvolvimento, não através da eleição de um único indício para determinar as idades, nem da investigação do processo no seu aspecto externo, entretanto, através da dinâmica entre criança e meio, na sua faceta qualitativa. Além disso, a “verdadeira periodização” deveria transcender a aparência do fenômeno e captar as mudanças internas do próprio processo, através das novas formações que surgiriam em cada período:

Entendemos por formações novas o novo tipo de estrutura da personalidade e de sua atividade, as mudanças psíquicas e sociais que se produzem pela primeira vez em cada idade e determinam, no aspecto mais importante e fundamental, a consciência da criança, **sua relação com o meio**, sua vida interna e externa, todo o curso de seu desenvolvimento no período dado. (VYGOTSKI [1932-1934] 1984/2006b, p. 254-255, grifo nosso). .

É preciso, ainda, analisar não somente a estrutura da personalidade em cada fase do desenvolvimento, mas a dinâmica de uma idade a outra. Vigotski toma principalmente de Blonski a concepção de que os estágios da vida infantil são separados entre si por crises mais ou menos violentas. Em alguns momentos do desenvolvimento, o curso do processo é lento,

marcado por uma certa estabilidade, quando não se produzem mudanças bruscas. Esses períodos são aqueles em que ocorrem mudanças “microscópicas”, as quais, ao longo do processo, se manifestam como uma “[...] repentina formação qualitativamente nova de uma idade” (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 255). Cronologicamente, predominam os períodos estáveis, isto é, de mudanças “subterrâneas”. Estas foram objeto de estudo muito mais do que os momentos de crise. Por outro lado, as situações de crises se diferenciam dos momentos estáveis, pelo seu ritmo revolucionário. Em pouco tempo se produzem mudanças bruscas, na personalidade da criança. As crises foram consideradas pelos teóricos da época como “enfermidades do desenvolvimento”, como um tipo de desvio da norma. Ao contrário dessas concepções, Vigotski declara:

A primeira peculiaridade de tais períodos consiste, por um lado, em que os limites entre o começo e o fim da crise e as idades próximas são totalmente indefinidos. A crise se origina de forma imperceptível e se torna difícil determinar o momento do seu começo e fim. Por outro lado, a acentuada exacerbação da crise que geralmente ocorre no meio desse período é muito típica. A existência de um ponto culminante da crise é uma característica de todas as idades críticas, diferenciando-as sensivelmente das etapas estáveis do desenvolvimento. (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 256).

Uma segunda peculiaridade importante das crianças, no período de crise, é que são difíceis de serem educadas. “Nas idades críticas, o desenvolvimento da criança geralmente é acompanhado de conflitos mais ou menos agudos com pessoas do seu entorno. Na sua vida interna a criança pode sofrer vivências dolorosas e conflitos íntimos.” (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 256).

A variação entre o desenvolvimento das idades em diferentes crianças levou diversos autores a questionarem se o desenvolvimento infantil não era um produto exclusivo das condições externas. Vigotski é categórico, ao afirmar que as condições exteriores determinam o desenvolvimento dos períodos críticos. Contudo, como já mencionado, o meio social não deve ser considerado do ponto de vista absoluto, todavia, deve-se analisar a lógica interna do processo, que parte do meio na sua esfera relativa, ou seja, que pressupõe a relação singular entre cada criança e o meio. O meio não determina a criança, mas provoca e estimula o surgimento de momentos de crise no seu desenvolvimento. Em suas palavras:

Distintos nas diversas crianças [as condições exteriores], condicionam as variantes extremamente dispares e multiformes da idade crítica. Sem dúvida, o estudo dos índices relativos nos convence de que a lógica interna do próprio processo de desenvolvimento é a que **provoca a necessidade de ditos períodos críticos**, pontos de virada na vida da criança e não a presença ou a ausência de condições específicas externas. (VYGOTSKY, [1932-1934] 1984/2006b, p. 256-257, grifo nosso).

A terceira peculiaridade do período crítico do desenvolvimento, realçada por Vigotski, e que ele caracteriza como a mais importante, do ponto de vista teórico, no entanto ainda pouco clara, trata-se da “[...] índole negativa do desenvolvimento” (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 257). Diversos autores da época já haviam descrito que existe um período “destrutivo” e de “freio temporário”, no desenvolvimento. Esse processo de involução e de destruição do que foi construído antes é descrito da seguinte forma:

Passam ao primeiro plano os processos de extinção e retrocesso, decomposição e desintegração de tudo que se formou na etapa anterior e caracteriza a criança em dita idade. A criança mais perde o que conseguiu antes do que adquire o novo. O surgimento dessas idades críticas não se distingue pela aparição de novos interesses, de novas aspirações, novos tipos de atividade, novas formas de vida interna. A criança que entra em um período de crise é mais apta a ser caracterizada por traços opostos: perde os interesses que antes orientavam toda a sua atividade, que tomavam a maior parte de seu tempo e atenção, agora poderia se dizer que as formas de relações externa se esvaziam, assim como sua vida interior. Lev Nikoláievich Tolstoi, metaforicamente e com precisão, chamou um desses períodos críticos do desenvolvimento infantil de deserto da adolescência. (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 257).

Muitos autores, assinala Vigotski, estavam convencidos de que, nos períodos críticos, todo o desenvolvimento é negativo. Por isso, muitos chamam a adolescência como fase rebelde, de obstinação etc.

Tendo em vista o papel central dado por Vigotski aos momentos de crise, no processo de desenvolvimento, ele classificou a ontogênese do desenvolvimento com base nesses períodos. Ele não criou essa divisão, entretanto, empregou a produção existente na época e também as suas observações, bem como de seus colaboradores. O desenvolvimento seria dividido por vários períodos críticos, os quais, como estamos apontando, não são resultado da simples maturação da criança, mas da sua relação com o meio social.

Vigotski classifica os períodos de crise em seis, com períodos de estabilidade entre eles: 1) Crise pós-natal (separa o período embrionário do primeiro ano); 2) Crise do primeiro ano (separa o primeiro ano da primeira infância, que vai até os três anos); 3) Crise do terceiro ano (transcorre da primeira infância até mais ou menos a idade pré-escolar, por volta dos sete anos); 4) Crise dos sete anos (configura a ligação da idade pré-escolar com a idade escolar, transcorrendo até mais ou menos os 12 anos); 5) Crise dos treze anos (coincide com um ponto de virada na transição da idade escolar para a puberdade, até mais ou menos os dezessete anos); 6) Crise dos dezessete anos (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 261). Ele considera apenas o estudo dos períodos até a puberdade, porque acreditava ser difícil que o desenvolvimento, após esse período, estivesse sujeito às mesmas leis do desenvolvimento infantil.

Os períodos críticos alternam-se com períodos estáveis e são pontos de virada no desenvolvimento, confirmando mais uma vez que o desenvolvimento da criança é um processo dialético em que a transição de um estágio para outro não se dá pela via evolutiva, mas sim ao longo de um percurso revolucionário. (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 258).

Vigotski está afirmando que o desenvolvimento da criança não é contínuo, ou seja, não transcorre sempre numa única via, sendo caracterizado por momentos de crise, de negação e destruição do que foi construído antes, para que, assim, o novo possa surgir. Haveria uma dialética entre indivíduo e meio e não um processo de crescimento quantitativo da criança independente do meio, muito menos o meio forneceria conteúdos que preencheriam uma possível estrutura da consciência pré-formada.

Os períodos críticos não são caracterizados apenas pela desapareição de velhas estruturas formadas. Isso não esgota a importância das idades críticas. “O desenvolvimento nunca interrompe seu trabalho criativo, mesmo durante os períodos críticos observamos processos construtivos de desenvolvimento.” (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 259). Vigotski afirma que o desenvolvimento negativo é somente a face inversa das mudanças positivas da personalidade. Em cada um dos períodos críticos, o sintoma negativo expressa novos ganhos em relação à fase anterior. “Por trás de cada sintoma negativo está escondido um conteúdo positivo que consiste, geralmente, na transição para uma **forma nova e superior.**” (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 259, grifo nosso).

A essência dos períodos críticos é a formação do novo. O que foi construído em uma idade é destruído e reconstruído em outra idade. Nas suas conferências de pedologia, Vigotski (1934/2018b) dá o exemplo do balbucio. Depois que a criança aprende a falar, é quase impossível ela repetir o balbucio, que é a forma de fala predominante nos períodos mais precoces do desenvolvimento. O novo, que é a fala articulada, superou por incorporação o velho, o balbucio, revolucionando-o. A linguagem, que é uma função predominante na primeira infância, deixa de predominar, quando a criança entra na educação escolar. A função visual-direta que predomina durante boa parte da idade pré-escolar passa para segundo plano na adolescência, período no qual a compreensão, dedução e pensamento abstrato predominam. Na crise dos sete anos, por exemplo, juntamente com os sintomas negativos se constituem muitos ganhos. A criança se torna mais independente e sua atitude em relação a si e aos demais se modifica. Dada a importância desse período crítico para a explicação de Vigotski do conceito de vivência, abordaremos em maiores detalhes mais adiante.

Com esses exemplos, Vigotski também demonstra que não se pode eleger somente um indício para classificar o processo de desenvolvimento, porque em cada período predomina



uma função. Essa função que predomina, chamada por Vigotski (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 262) de “linha central de desenvolvimento”, se “relaciona de maneira mais ou menos imediata com a nova formação principal”. Os processos “parciais”, ou as mudanças que se produzem em cada idade, receberam o nome de “linhas acessórias de desenvolvimento”. Desse modo, a linha central se modifica em cada idade, bem como a relação com as linhas acessórias. O que é central em uma idade se converte em acessório, na idade seguinte e *vice-versa*.

Em cada uma das idades o desenvolvimento não modifica os aspectos isolados da personalidade da criança, mas reestrutura toda a personalidade em seu conjunto; no desenvolvimento há uma dependência inversa: a personalidade da criança se modifica em sua estrutura interna como um todo, e as leis que regulam esse todo determinam a dinâmica de cada uma das partes. (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 262).

Em outros termos, em cada idade se modifica a “estrutura geral da consciência”, e cada uma se distingue da outra por um “[...] sistema determinado de relações e dependências entre seus aspectos isolados, entre as distintas formas de sua atividade.” (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 263). Portanto, no desenvolvimento histórico da relação entre criança e meio social, há o predomínio, em cada idade, de um processo específico, central para cada uma delas, seja a relação objetual, seja a percepção, a linguagem, a vivência, o pensamento abstrato etc. A constatação de que o significado da palavra é o momento determinante em relação às outras abstrações, como é esperado, parte da generalização das formas mais desenvolvidas, isto é, após o período da adolescência. Essa diferenciação deve ser pontuada porque, como já mencionado, existem o objeto e os conceitos criados para explicar esse mesmo objeto. O objeto real respeita uma regularidade variável, que abstrações buscam generalizar.

Retomando a argumentação de Vigotski, reforçamos que essa modificação observada em cada período não se dá unicamente na criança, mas a criança é compreendida na sua relação com o meio. Isto é, o meio se modifica em cada uma das idades. Esse meio social específico em cada período Vigotski (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b) chama de “situação social de desenvolvimento” [*sotsiálnaia situátsiia razvitiia*]. Essa situação é o ponto de partida para todas as mudanças dinâmicas, em cada uma das idades:

Ela determina plenamente e totalmente as formas e o caminho que permite a criança adquirir novas propriedades da personalidade, já que a realidade social é a verdadeira fonte de desenvolvimento, o caminho pelo qual o social se transforma em individual. Assim, a primeira questão que devemos responder ao estudar a dinâmica de qualquer idade é explicar a situação social do desenvolvimento. (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 264).

Por conseguinte, as novas formações, que surgem na consciência em cada momento do desenvolvimento, são o resultado da existência social da criança, em cada uma das idades. Para estudar a dinâmica do desenvolvimento, é preciso investigar, além da influência do meio para a nova estrutura da consciência, a modificação que essa nova formação traz para a reestruturação da vida da criança, isto é, como sua existência social se diferencia em relação à idade anterior, em razão da nova função. “A nova estrutura da consciência adquirida em determinada idade, significa, inevitavelmente, que a criança percebe de maneira distinta sua vida interior, assim como o mecanismo interno de suas funções psíquicas.” (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 264). Ou seja, essa nova formação construída socialmente modifica a relação da criança consigo mesma e com a realidade. Com isso, o “[...] sistema de relações da criança de uma idade e a realidade social” também se modificam, pois se a “criança se modificou de maneira radical, é inevitável que essas relações se reestruturem.” (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 264). Quando se produz essa mudança na criança, a situação social que existia antes se desintegra e se configura uma nova situação social, a qual se converte em ponto de partida para a nova idade. Essa seria a característica principal da dinâmica das idades críticas. Vigotski sintetiza esse processo na lei da dinâmica das idades. Conforme essa lei,

[...] as forças que movimentam o desenvolvimento da criança de uma idade a outra levam a negar e destruir a própria base do desenvolvimento de toda a idade, determinando, por uma necessidade interna, o fim da situação social do desenvolvimento, o fim da etapa do desenvolvimento e o passo a etapa seguinte, ou a uma idade superior. (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 265).

Após a descrição da relação entre situação social de desenvolvimento e a concepção de Vigotski do problema das idades, com base na ideia de crise do desenvolvimento, exporemos, brevemente, a crise dos sete anos como forma de exemplificar essa dinâmica e relacioná-la com o conceito de vivência.

A crise dos sete anos surge na criança que está na transição da idade pré-escolar para a idade escolar. Como em outras etapas críticas do desenvolvimento, as crianças se tornam difíceis de ser educadas, durante esse período. Um dos sintomas centrais dessa idade é a perda da espontaneidade e da ingenuidade, características da idade anterior. Vigotski (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b) enfatiza que a espontaneidade surge da não diferenciação entre a vida interior e exterior da criança. A espontaneidade da idade pré-escolar significa que a criança expressa externamente como é por dentro. Como a modificação central dessa idade é precisamente o desenvolvimento dessa diferenciação, a criança passa a ter uma consciência maior de si, a “[...] se comportar de maneira estranha, de forma não compreensível, um tanto

artificial e forçada.” (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 378). Vigotski explica que isso ocorre, porque “[a] perda da espontaneidade significa que incorporamos na nossa conduta o fator intelectual que se insere entre a vivência e o ato direto, o que vem a ser o polo oposto da ação ingênua e direto da própria criança.” (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 378).

Vigotski faz a ressalva de que isso não significa que a criança passa de uma vivência direta, ingênua, para o seu oposto. Ocorre que o momento intelectual começa a se manifestar na vivência. É durante esse período que surge a “[...] vivência atribuída de sentido” (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 378). Isso significa que a percepção da criança começa a se orientar pela significação dos objetos. Ela não se separa do pensamento visual direto, todavia, ele é reorientado pelo significado da palavra. “O processo de pensamento visual-direto está unido com a denominação semântica dos objetos.” (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 378).

Demonstramos essa questão no capítulo quarto, quando enfocamos a análise de Vigotski do processo de desintegração do sistema conceitual. A destruição da generalização prejudica tanto a percepção da realidade quanto a percepção de si. É precisamente essa ligação entre a percepção e a generalização que surge como uma nova formação, a qual se desenvolve durante a crise dos sete anos. “Ao dizer que a nossa percepção é uma percepção atribuída de sentido, significa dizer que toda a nossa percepção é uma percepção generalizada.” (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 378). Portanto, vemos aqui, mais uma vez, a ideia de que o desenvolvimento do significado é central para a vivência e também para a dinâmica das idades. Se alguma barreira for colocada entre a criança e o contato social, dificilmente essa percepção atribuída de sentido irá se desenvolver. Com isso, a criança não irá perder a espontaneidade infantil, tal como Vigotski relata, mesmo que a criança atinja os sete anos de idade.

A linguagem se desenvolve não só para designar os objetos da realidade, mas também para expressar os nossos estados internos. Em razão do pouco desenvolvimento da linguagem, uma criança pequena não tem condições de generalizar a realidade como um adulto, o qual pode compreender a realidade em sua totalidade. A criança pequena ainda não tem as ferramentas necessárias para perceber a relação entre os objetos da realidade. O mesmo também vale para a própria percepção dos estados internos, pois a falta de um sistema semântico impossibilita a percepção da sua própria vivência. Por essa razão, Vigotski comenta que a criança pequena fica alegre, mas não sabe que está alegre. Ela não conhece suas próprias vivências. O que surge com a crise dos sete anos é uma “estrutura de vivências” que permite à criança entender o que significam suas próprias vivências. É exatamente por

isso que a criança perde a espontaneidade, porque ela praticamente pode se ver de fora, pelo olhar do outro, fato que gera certo desconforto e que a leva a desenvolver aqueles comportamentos descritos por Vigotski. Isto é, a criança passa a julgar a si própria. Nesse período, surgem funções novas, como o amor próprio e a sua valorização, a “lógica dos sentimentos” (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 380).

Vigotski esclarece que, ao asseverar que as vivências da criança se transformam, significa que uma nova unidade entre a criança e a situação social de desenvolvimento se faz possível, nessa nova etapa de sua vida. Esse momento de crise acontece, porque a relação do meio com a criança é distinta, pois o próprio meio é distinto. Vigotski tem sempre em vista a criança “ideal”, que passou pelas crises anteriores propiciadas pela educação pré-escolar e que entra na educação escolar. Desse modo, ele está operando uma generalização.

Isso não significa que tal fenômeno ocorra da mesma forma em todas as épocas e sociedades particulares, nem nas crianças nem nas diferentes crianças em suas singularidades. A tese geral à qual Vigotski chega, que resume a discussão empreendida até o momento, é a que preconiza que “[...] o meio determina o desenvolvimento da criança através da vivência desse meio.” (VYGOTSKI, [1932-1934] 1984/2006b, p. 383). A vivência do meio da criança, na crise dos sete anos, se altera radicalmente, fato que modifica sua relação com o meio. Com isso, o meio também se altera, ou seja, a situação social de desenvolvimento se modifica, fato que desencadeia uma nova vivência da criança, a qual gera um novo período de crise, impulsionando o seu desenvolvimento continuamente.

O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal [*zona blijáichego razvítiia*] tem relação direta com a concepção do meio como fonte de desenvolvimento e com o conceito de crise. O meio social coloca certas exigências que estão para além da zona de desenvolvimento atual da criança e fazem com que ela seja projetada e orientada ao desenvolvimento das funções que estão dentro da zona de desenvolvimento potencial, isto é, que são aqueles aprendizados que ela adquire com o auxílio de alguém mais desenvolvido. Desse modo, dialeticamente, na medida em que a criança se “estabiliza”, o meio se modifica para essa nova configuração e, continuamente, a faz avançar, colocando outros desafios, os quais a colocam em crise novamente, num processo ininterrupto de articulação entre a criança e o meio, que leva às formas superiores de pensamento, à Psicologia do ápice.

Como constatado, a noção de crise do desenvolvimento está inteiramente relacionada ao conceito de vivência. O significado da palavra russa *perejivânie* é “vivenciar” um acontecimento, pois a raiz da palavra é *jít* (viver) e o prefixo *pere* confere um sentido de atravessar, passar por algo. Portanto, vivenciar é atravessar uma determinada situação, passar

por uma experiência emocional única. É precisamente isso que os momentos de crise suscitam. A crise desestabiliza a criança e produz uma experiência emocional a qual ela deve atravessar. Por essa razão, concordamos com Veresov (2010), quando ele destaca que são as situações dramáticas que produzem essa experiência emocional, que exige a nossa reorganização para podermos superá-la. Acreditamos que é esse o sentido de crise o qual Vigotski está descrevendo.

Em suma, a essência da análise de Vigotski sobre o problema do meio demonstra o caráter dinâmico e complexo que se estabelece entre a criança e o meio social, ao longo da ontogênese. Não é a criança que se modifica e por isso tem um novo entendimento do meio, mas é o próprio meio, como fonte de desenvolvimento, que orienta o desenvolvimento infantil. Contudo, como evidenciamos, não é uma concepção ambientalista mecanicista, para a qual é somente o meio que determina o desenvolvimento da criança. Ao contrário, ele demonstra como existe uma relação dinâmica entre criança e meio e que a situação social do desenvolvimento, em cada fase do desenvolvimento ontogenético, coloca exigências e problemas à criança, que a põem em crise e assim exige a sua reorganização psíquica, para que ela possa superar os limites impostos pelo meio.

Nesse processo, são desenvolvidas novas formações que possibilitam à criança superar os limites impostos pelo meio, que surgem pelo incremento do seu sistema de significações. Desse modo, tem-se como resultado uma “nova” criança, com novas vivências desse meio e, com isso, o meio também se torna outro e volta a iniciar o ciclo, ao colocar novas exigências para a criança que, num movimento incessante, precisa reorganizar suas funções psicológicas a fim de superar os novos limites impostos pelo meio. Em síntese, a tese de Vigotski é que a explicação da ontogênese passa por compreender a relação dialética entre criança e meio social, a totalidade entre esses dois polos que se processam no decorrer do desenvolvimento infantil.

#### 7.3.4 Sobre a relação entre interno e externo

Como exposto acima, a vivência [*pereživânie*] é a unidade de análise da totalidade entre a criança e o meio. Precisamos destacar o fato de que Vigotski muito provavelmente compreendia esse conceito e os outros a ele vinculados, a partir da relação entre afeto e intelecto. Desse modo, acreditamos que a vivência não era concebida apenas como uma experiência “emocional”, mas, ao contrário, abarcaria toda a personalidade consciente, ou seja, tanto a esfera afetiva quanto a intelectual, tal como frisado sobre o desenvolvimento da “lógica dos sentimentos”, durante a crise dos sete anos.

Isso quer dizer que o significado, enquanto ordenador da vivência, não se limita aos processos cognitivos da consciência. Ao contrário, no significado, estão condensadas essas duas dimensões da personalidade consciente. Além disso, um problema central identificado por Vigotski no desenvolvimento infantil é precisamente aquele da relação entre a dinâmica entre interno e externo, ou seja, entre a criança e o meio social. Ao utilizar o método instrumental, ele compreendeu essa relação de forma direta. A criança, no início do seu desenvolvimento, usaria os instrumentos psicológicos externamente para, depois, empregar internamente. Esta era entendida como uma “transferência” imediata. Essa compreensão se modificou nas suas investigações sobre o desenvolvimento dos conceitos e sobre as idades. Ele constatou que havia um longo período de desenvolvimento da relação entre os processos internos e externos e que não havia uma passagem direta, porém, um crescimento interno.

Apresentaremos, a seguir, como o problema da transferência apareceu nas suas investigações sobre a relação entre intelecto e afeto, na criança com algum grau de deficiência e também nos pacientes acometidos pela doença de Pick. Por trás desses dois fenômenos, estava sua preocupação com a dinâmica entre o campo do pensamento e o campo da atividade.

#### 7. 3. 4. 1 Totalidade entre afeto e intelecto e a dinâmica entre pensamento e ação

Na sua análise da desintegração da consciência pela via da destruição do sistema conceitual, como mencionado no capítulo anterior, já se abordava a dinâmica entre afeto e intelecto. Referimo-nos àquela apresentação na qual, para Vigotski, o sentimento por uma pessoa entra em relação com a compreensão da mesma pessoa. O meio, portanto, nunca é vivenciado apenas do ponto de vista cognitivo ou afetivo, mas através da unidade dinâmica entre essas qualidades do pensamento. Vigotski analisou e teorizou sobre essa unidade, quando procurou replicar os experimentos de Kurt Lewin. Ao fazer isso, ele se apropriou criticamente da teoria do campo desse autor e criou o conceito de “campo de sentido” ou “campo semântico”, para explicar a referida unidade.

No artigo “O problema do atraso mental”, publicado em 1935, Vigotski (1935/1997d) demonstra sua concepção da relação entre afeto e intelecto. Ele identificou um problema sério nas pesquisas sobre crianças com “atraso mental”. Esse problema seria a limitação dos estudos aos aspectos intelectuais e a desconsideração de outros aspectos da personalidade, como a vontade, notadamente pertencente à esfera afetiva. “Muitos investigadores não veem nenhuma diferença afetiva e volitiva essencial entre essas crianças [com deficiência] e as crianças normais.” (VYGOTSKI, 1935/1997d, p. 262). Segundo sua análise, era preciso analisar o “defeito mental” dentro da desordem geral da vida mental, a qual teria na desordem

afetiva um papel primário. Por conseguinte, a “desordem afetiva” se tornou o centro do problema, em comparação com as teorias da época.

Por meio dos dados experimentais, Vigotski fez uma interpretação diametralmente oposta à de Lewin. Este entendia a inteligência como algo uniforme e o afeto como diferenciado da estrutura do sistema psicológico. Segundo Vigotski, ele interpretava os processos afetivos como independentes dos processos mentais como um todo. Ao contrário dessa visão, Vigotski afirma que, “[...] no curso do desenvolvimento, mudam e se aperfeiçoam não somente as funções intelectuais, mas também a relação entre o intelecto e o afeto.” (VYGOTSKI, 1935/1997d, p. 261). A chave do problema estaria precisamente na dinâmica entre afeto e intelecto. Portanto, Lewin não veria que essa fundação dinâmica muda no curso da evolução da vida mental, isto é, que depende das mudanças na totalidade da consciência. Vigotski (1935/2014) completa a crítica da seguinte forma:

[Lewin] não conhece a regra dialética de que no curso do desenvolvimento a causa e o efeito mudam de lugar, que as formações psíquicas superiores, uma vez surgidas sobre a base de certas premissas, exercem uma influência inversa nos processos que as geraram, que no desenvolvimento, o que é inferior é substituído por o que é superior, que no desenvolvimento se modificam não somente as funções fisiológicas em si, mas em primeiro lugar mudam os nexos e as relações interfuncionais entre os processos singulares, em particular entre o intelecto e o afeto. Lewin analisa o afeto fora do desenvolvimento e fora do vínculo com o restante da vida psíquica. Supõe que o lugar do afeto na vida psíquica se mantém inalterado e constante em todo o curso do desenvolvimento e que, por conseguinte, as relações do intelecto e do afeto são uma magnitude constante. Mas na realidade, Lewin somente toma um caso particular de toda a diversidade de relações entre intelecto e afeto, que se observam efetivamente no desenvolvimento, o caso particular que se refere precisamente as regularidades dos níveis mais baixos e mais primitivos do desenvolvimento, e eleva este caso particular a categoria de lei geral. (VYGOTSKI, 1935/1997d, p. 262).

Essa crítica complementa uma outra, na qual Vigotski argumenta que o limite da Psicologia Estrutural estaria no desprezo da análise histórica do fenômeno psicológico. Analisando a concepção estruturalista do interesse ele argumenta que “[...] não leva em conta a natureza histórico-social dos interesses humanos.” (VYGOTSKI, 1931/2006a, p. 21). Eles relegavam a explicação do interesse à base biológica.

Vigotski propõe que a condição para resolver o problema entre o afeto e o intelecto é encontrar a unidade [*unit*] indivisível entre eles. Para isso, seria preciso olhar para a “conexão teórica” presente no argumento de Lewin. Vigotski afirma que, para Lewin, existiriam dois tipos de dinâmica, uma delas, mutável e dinâmica e outra, lenta e inerte. A primeira seria o pensamento e a outra, uma atividade real numa situação presente. Conforme a interpretação de Lewin, esses dois tipos de dinâmicas, do pensamento e da atividade real, existem independentes da inteligência. No entanto, Vigotski entende que essa análise seria incorreta.

Na verdade, esses sistemas dinâmicos não estão separados, mas se relacionam. Na vida real, “[...] nós observamos em cada estágio a transformação do pensamento em ação e da ação em pensamento” (VYGOTSKI, 1935/1997d, p. 266). Vigotski sintetiza sua análise crítica na seguinte passagem:

Não existem dois tipos de dinâmica, independente do caráter das funções que são postas em movimento pelos processos dinâmicos, nem dos tipos de atividade, independentes dos sistemas dinâmicos que estão na sua base, mas que existem duas unidades funcionais dinâmicas: o pensamento e a atividade real. Um e outro possuem seu aspecto dinâmico. Isso significa que é próprio do pensamento, como uma classe determinada de atividade, uma dinâmica de uma espécie e um tipo determinado, exatamente igual a ação real e seu próprio sistema dentro dos sistemas dinâmicos também de determinado tipo e propriedade. Fora de um determinado aspecto da realidade concreta não existem dinâmicas de dois tipos. **Se fizermos uma abstração- com fins de estudo teórico- podemos separá-los das classes de atividades vinculadas com eles, mas, ao fazê-lo, sempre devemos recordar que abstraímos do estado real das coisas e que na realidade a dinâmica não existe separado da função que a coloca em movimento.** (VYGOTSKI, 1935/1997d, p. 265-266, grifo nosso).

Portanto, não se separam pensamento e atividade real, na dinâmica da consciência. Eles somente se separam, quando abstraídos. Na vida real, formam uma totalidade.

Vigotski (1935/1997d) explica que existem três fases, na transição da dinâmica da ação para a dinâmica do pensamento e *vice-versa*. Os momentos dinâmicos desse processo seriam os seguintes:

A transição da dinâmica da ação para a dinâmica do pensamento e o inverso revela, como mostra o experimento, três fases fundamentais que correspondem a três problemas fundamentais da dinâmica afetiva: 1) a conversão da dinâmica do campo psicológico, da dinâmica da situação para a dinâmica do pensamento; 2) o desenvolvimento e desdobramento de processos dinâmicos do próprio pensamento, sua conversão inversa em dinâmica de ação; 3) a ação refratada pelo prisma do pensamento se converte já em outra ação, revestida de sentido, consciente, e por conseguinte, arbitrária e livre, ou seja, está em outra relação fundamental com a situação do que a ação que está condicionada diretamente pela situação e não passou pela conversão direta e inversa da dinâmica. (VYGOTSKI, 1935/1997d, p. 267).

Ele complementa a argumentação, mais à frente, afirmando:

A dinâmica do pensamento não é a relação dinâmica, refletida especularmente, que domina a situação real. Se o pensamento não mudasse nada na ação dinâmica, ele seria absolutamente desnecessário. É claro, que a vida determina a consciência. Ela emerge da vida e forma apenas um de seus momentos. Mas, uma vez nascido, o próprio pensamento determina a vida, ou; mais exaustivamente, a vida pensante determina a si mesma através da consciência. À medida que separamos o pensamento da vida, da dinâmica e da necessidade, a privamos de todas as atividades, fechamos todos os caminhos até a revelação e o esclarecimento das propriedades e a missão mais importante do pensamento: determinar o modo de vida e de conduta, modificar nossas ações, dar-lhes uma direção e libera-las do domínio da situação concreta. (VYGOTSKI, 1935/1997d, p. 269).



Vigotski explicita que não há relação direta entre o pensamento e a ação. Ou seja, não há a conversão direta, espelhada, da ação no pensamento. Por outro lado, a ação não é causada diretamente pela situação, contudo, ela surge da conversão na consciência, através da refração do prisma do pensamento. Essa refração é produzida por meio de um estágio intermediário entre esses sistemas, que é o campo do sentido. Essa interpretação corrobora a análise aqui empreendida, a qual pretende demonstrar o impacto que o método semântico teve, na sua interpretação do fenômeno psicológico.

Retomando o problema da criança com deficiência e da criança “normal”, Vigotski destaca que a dinâmica entre pensamento e ação pode ser constatada no estudo comparativo entre elas. Para observar esse processo, ele replicou três séries de experimentos de Kurt Lewin, com a diferença de que ele buscou não se restringir ao aspecto afetivo, mas também abarcar a face intelectual, no processo de resolução de problemas.

O primeiro experimento procurou investigar comparativamente o processo de saciedade da atividade da criança deficiente mental e da criança dita normal. A diferença em relação ao experimento de Lewin foi que Vigotski transformou o significado da situação na variável a ser pesquisada. A saciedade de uma atividade é medida pela tendência que a criança tem de retornar a uma atividade, quando é interrompida. Vigotski verificou, no início do referido artigo, que as crianças com deficiência têm uma tendência maior do que as normais de retornar a uma atividade interrompida. Essa era sua compreensão de saciedade de uma ação. Desse modo, o experimento consistia na apresentação de uma tarefa para a criança e, após a iniciada a atividade, o experimentador esperava que ela entrasse no estágio de saciedade. Vigotski não especifica que tipo de atividade foi dada às crianças. Ele apenas explicita que não se limitaram a observar o término da atividade e que o experimento apenas começava, quando percebiam que a criança estava chegando ao ponto máximo da saciedade. Quando percebiam que esse momento estava próximo, eles tentavam compelir a criança a continuar a ação para, dessa forma, estudar os significados que tornariam possíveis a realização da tarefa. A conclusão obtida com os experimentos foi que a “criança mentalmente atrasada” apenas continuava a atividade, se a situação em si fosse alterada:

Na criança com atraso mental, era necessário modificar a própria situação, torná-la mais atraente, renová-la para tornar positivo seu caráter negativo. Portanto, era necessário substituir o lápis preto por um vermelho e azul, este por um conjunto de lápis de cor, este por aquarelas e um pincel, as aquarelas e o pincel por giz e um quadro negro, o giz comum para giz colorido, para que a criança mentalmente fraca continuasse a atividade após a saturação. (VYGOTSKI, 1935/1997d, p. 270).

Vigotski constatou que, para a criança “normal” continuar a atividade, ao contrário da criança com deficiência, “[...] bastava mudar o sentido da situação sem modificar nada nela, a fim de provocar uma continuação não menos enérgica da atividade da criança já saturada.” (VYGOTSKI, 1935/1997d, p. 270). A tarefa adquiria um novo sentido e isso já era suficiente para ela continuar a atividade por um longo período, mesmo depois de a criança ter abandonado a atividade, reclamando de dor. “O sentido da situação determinou para a criança toda a força do impulso afetivo ligado à situação, independentemente do fato de que a situação havia perdido gradualmente todas as propriedades atraentes derivadas das coisas e da atividade direta com elas.” (VYGOTSKI, 1935/1997d, p. 270).

Vigotski notou que não era possível influenciar o afeto da criança com deficiência alterando apenas o sentido da situação. Logo, ele concluiu:

Assim, na primeira série de experimentos, fomos capazes de estabelecer que não apenas certas possibilidades de pensamento encontram uma limitação na inércia dos sistemas dinâmicos, mas que a mobilidade dos próprios sistemas dinâmicos pode depender diretamente do pensamento. (VYGOTSKI, 1935/1997d, p. 270).

Em outros termos, percebeu-se que, na criança com deficiência, o pensamento estava limitado pela situação oferecida na atividade real.

A segunda série de experimentos seguiu o experimento de Lewin e ainda buscou investigar a “[...] tendência de retornar à ação interrompida sob um estímulo afetivo não diminuído.” (VYGOTSKI, 1935/1997d, p. 270). Vigotski também não detalhou a atividade proposta. Sabemos apenas que foi uma “situação visual gráfica”. A conclusão a que ele chegou foi que a criança com deficiência retornava para a tarefa

[...] somente em uma situação visual-direta quando o material da ação interrompida está diante dos olhos, enquanto [na criança normal] é revelado independentemente da evidência da situação, independentemente do material estar visível aos olhos ou não. Assim, a própria capacidade de recordar, imaginar e pensar sobre a ação interrompida criava a possibilidade de preservar as motivações afetivas associadas à ação. [...] A criança mentalmente atrasada retornava à ação interrompida somente quando a situação a estimulava, a impulsionava a fazer, quando o objeto não terminado estimulava o término da ação interrompida. (VYGOTSKI, 1935/1997d, p. 270-271).

Na terceira série de experimentos, a investigação centrou-se na natureza da substituição de uma tendência afetiva em ações interrompidas, tanto nas crianças com deficiência quanto nas “normais”. As crianças receberam a tarefa de moldar um cão de argila como atividade principal. Após iniciada a atividade, ela foi interrompida e modificada para uma com sentido similar, a qual foi desenhar um cão. Logo a tarefa foi novamente interrompida por outra relacionada à natureza da atividade principal, que foi moldar trilhos de

trem com argila para um vagão que estava sobre a mesa. O experimento mostrou diferenças entre as duas crianças. As conclusões foram as seguintes:

A pesquisa mostrou a diferença substancial nessa situação experimental entre crianças com deficiência e as normais. Enquanto na maioria das crianças normais a tarefa de **significado análogo** (desenhar um cachorro) agia como uma ação substituta em uma extensão muito maior do que a tarefa análoga pelo caráter da atividade (modelagem dos trilhos), nos mentalmente atrasadas se observou o seu oposto. A tarefa de significado análogo quase não tinha valor substitutivo, enquanto a tarefa análoga pela natureza da atividade em quase todos os casos mostrava uma unidade da ação presente e da que era substituída. (VYGOTSKI, 1935/1997d, p. 271, grifo nosso).

Os resultados obtidos com os experimentos demonstraram que a diferença entre as crianças ditas normais e as com algum tipo de deficiência não estava no afeto ou no intelecto, separadamente, mas na relação existente entre eles. Acima de tudo, a diferença estaria no caminho que essa unidade toma, no desenvolvimento de uma outra.

O pensamento pode ser escravo de paixões, seu servo, mas também pode ser seu mestre. Como se sabe, os sistemas cerebrais que estão diretamente ligados às funções afetivas são organizados de uma maneira muito peculiar. Eles abrem e fecham o cérebro, são os sistemas mais elementares, antigos e primários do cérebro e também sua formação superior, o mais recente e especificamente humano. O estudo do desenvolvimento da vida afetiva da criança - de suas formas primitivas até as mais complexas - demonstra que a passagem das formações afetivas de baixo para alto está ligada à mudança de relações entre o afeto e o intelecto. (VYGOTSKI, 1935/1997d, p. 272).

A conclusão central obtida por Vigotski com essas investigações e que, segundo ele, seria a principal descoberta da Psicologia daquele período seria o postulado de que as relações entre afeto e intelecto são variáveis e não constantes, formando uma totalidade:

Tudo reside no fato de que o pensamento e o afeto representam partes de um todo único - a consciência humana. Em outras palavras, qualquer etapa do desenvolvimento psicológico se caracteriza por uma estrutura peculiar, própria dos sistemas dinâmicos, semânticos, como uma unidade integral e indivisível. (VYGOTSKI, 1935/1997d, p. 268).

Destacamos o papel central dos sistemas semânticos para o desenvolvimento da dinâmica entre afeto e intelecto. Vigotski observou, a partir da situação experimental, que a mudança do sentido da ação foi determinante para a ação da criança. Nessa perspectiva, com esse experimento, ele pôde constatar que a dinâmica entre a ação e o pensamento é complexa e que possui um desenvolvimento subordinado ao desenvolvimento dos “sistemas dinâmicos semânticos” (p. 268).

A sua exposição não nos permite concluir que o sentido seja oposto ao significado, tal como é afirmado em nota à tradução do artigo ao inglês (VIGOTSKI, 1935/2004j). Vigotski

(VYGOTSKI, 1935/1997d) afirma que o significado é a variável que foi investigada. Ao mesmo tempo, frisa que a atividade precisava adquirir outro sentido, para que a motivação de sua realização não cessasse. Ou seja, nossa hipótese é que ele alude ao significado por ser esfera mais estável e que seria alterada em um sentido determinado pelo experimentador. Os experimentos demonstraram a ele que não era possível modificar o afeto de fora, por meio da alteração do “sentido da situação”. O sentido era introduzido pela comunicação significativa. Ou seja, as crianças deficientes não eram afetadas pelo sentido produzido pelo experimentador e assim não se motivavam a continuar a atividade. O porquê dessa impossibilidade de modificação do sentido não é problematizado por Vigotski. Apenas podemos inferir que o sentido atribuído pela criança deficiente se limita à “ação real”. O campo de sentidos produzidos pelo experimentador não possibilitaria a passagem do pensamento para a dinâmica da ação. Quer dizer, o campo psicológico estaria limitado à dinâmica da situação. Mas essa constatação não explica essa impossibilidade de mudança do sentido. Para explicar isso, seria preciso demonstrar como o significado se desenvolve nessas crianças. Até onde temos notícias, Vigotski não se debruçou sobre esse problema.

#### 7. 3. 4. 2 Doença de Pick e o problema da transferência entre pensamento e ação

Através das pesquisas com pacientes acometidos por transtornos mentais, Vigotski buscou dados factuais para corroborar sua análise da relação entre o campo do pensamento e o campo da atividade real. Com essas pesquisas, podemos ter alguns indicativos do problema da transferência e na sua relação com o desenvolvimento do significado e entre o “campo psicológico”, “campo de sentido” e dinâmica da ação ou atividade real. É muito provável que as reflexões sobre esses pacientes tenham sido o último esforço intelectual de Vigotski, como mostram seus manuscritos (VYGOTSKY, [1934] 2018a).

Os dados que subsidiaram suas reflexões foram obtidos através de análises de casos clínicos realizados no Instituto Experimental de Defectologia (SAMUKHIN; BIRENBAUM; VYGOTSKY, 1934). Os pacientes identificados como K e Z foram analisados e corroboraram a análise crítica feita da posição de Lewin sobre a separação entre intelecto e afeto. Esses pacientes psiquiátricos foram acometidos com a doença de Pick, a qual é um tipo de alteração neurológica grave que abarca vários sintomas, tais como comportamentais (ações inapropriadas, apatia e falhas de julgamento) ou linguísticos (problemas com a fala, dificuldade para encontrar as palavras e nomear objetos). É uma condição rara, que tem uma prevalência em 5% na população. Esse transtorno produz sintomas similares aqueles que se apresentam no Alzheimer (BARLOW; DURAND; HOFMANN, 2018).

Os autores examinaram dois pacientes em detalhes (SAMUKHIN; BIRENBAUM; VYGOTSKY, 1934). Eles começam a análise com uma descrição dos casos clínicos para, no final, produzirem uma análise comparativa entre os dois casos. O paciente K possuía 51 anos e era dentista. Ele deu entrada na clínica, em 1933. Os autores não encontraram nenhuma patologia significativa na família de K que fosse relevante para a análise clínica. Ele trabalhou como dentista desde os 13 anos de idade, tendo se casado aos 27 anos e, desde 1915, vivia em Leningrado. A partir de 1925, portanto, quando estava com 43 anos, passou a ter dores de cabeça constantes. Depois da separação de sua mulher, em 1927, passou a ter surtos de intensa emoção. Em alguns episódios, chegava a desmaiar.

Ele desenvolveu vários sintomas de confusão e desamparo, ao longo de alguns anos, sendo internado em um sanatório. Os familiares começaram a notar que, durante as conversas, ele confundia palavras e as esquecia. O distúrbio da fala impedia que ele se comunicasse com os médicos e os pacientes do hospital. Ele estava desorientado no tempo e no espaço e tinha dificuldade de travar uma comunicação significativa, apesar de ser capaz de nomear objetos. Essa nomeação era associativa. Os experimentos evidenciaram que o paciente tinha a capacidade de reter o conteúdo das frases, mas não as palavras. Ao ser perguntado, por exemplo, se a “água extingue o fogo”, ele não conseguia julgar o que é certo e errado. Para responder a essa questão, ele precisaria se concentrar nos significados e, principalmente, na relação entre eles. No entanto, o entendimento da frase foi desintegrado. Outro exemplo da ligação do paciente com a realidade concreta imediata foi observado, quando os psicólogos perguntaram quantas mãos ele tinha. O paciente somente respondeu a essa questão, quando manteve as mãos na frente dos seus olhos.

A partir desses exemplos, vê-se que a palavra agora indica o objeto, e a seguir o paciente é capaz de falar apenas sobre o objeto, mas não sobre a palavra. Isso é especialmente visível no último exemplo. Assim, o paciente estabelece de maneira exata uma comparação entre objetos grandes e pequenos, pois ele compara objetos, porém não consegue motivar suas comparações, pois ele nele prevalece a correlação objetual da palavra, que desvia o paciente da operação com conceitos. Essa é a regra geral para a fala do paciente: ele não nota a palavra como tal, com não notamos um vidro totalmente transparente através do qual analisamos um determinado objeto. A função mais inicial e primitiva da palavra aparece em primeiro plano e esgota totalmente a função semântica da linguagem. O paciente pode falar algo sobre a mesa como objeto, mas não pode falar da mesa como palavra. Ele simplesmente não a nota, como não notamos o gesto de apontar, e vemos apenas aquilo que o gesto aponta. (SAMUKHIN; BIRENBAUM; VYGOTSKY, 1934, p. 123).

Com isso, os autores constataram que qualquer situação que exigia a concentração do paciente nas palavras ou no seu significado era impossível.

A paciente Z era uma mulher de 54 anos que também era dentista. Seu primeiro idioma era o alemão, mas também falava francês e inglês. Ela se apaixonou na adolescência, engravidou, mas acabou perdendo o bebê. Desde então, não teve outro relacionamento. Ela se formou aos 22 anos. Os pacientes que Z atendia começaram a perceber que ela estava ficando distraída. Ela passou a se queixar de dores de cabeça constantes. A partir de 1923, principiou a tirar licenças médicas periódicas, porque não conseguia mais trabalhar. Passou então a frequentar sanatórios e casas de repouso. A partir de 1930, veio a desenvolver pensamentos persecutórios. A paciente achava que as pessoas iriam roubá-la ou matá-la. Ela foi transferida para uma ala de deficientes do hospital e, depois disso, parou de ler e perdeu a orientação em relação ao ambiente.

Em 1931, a paciente tornou-se impotente para cuidar de si. Ela deu entrada na clínica do instituto, em 1933. Os autores constataram que ela estava desorientada no tempo e no espaço. Ela acreditava que possuía 12 anos. “Durante a conversa, era difícil para B-naia se fixar em algo, suas respostas não tratavam da realidade circundante, ela não vive no mundo real, nunca fala de comida, do sono, não apresenta nenhuma queixa, exceto de quando reclama de dor de cabeça.” (SAMUKHIN; BIRENBAUM; VYGOTSKY, 1934, p. 108). A passagem a seguir expressa a situação da paciente Z:

Z é totalmente incapaz de conversar sobre uma situação concreta que se encontre diante de seus olhos. Ela fala como se não notasse a situação real. Não é capaz de apontar seu reflexo no espelho: “Esta é Iulia”, este é fulano, mas não ela, embora ela se reconheça em fotografias. Klein relata fenômeno análogo em seu paciente, e vê nisso a expressão uma perturbação ainda mais geral: a impossibilidade de correlacionar objetos do mundo exterior. O mesmo sintoma foi encontrado por Jakob em um de seus casos, mas experimentos posteriores mostraram que essa perturbação geral de nosso paciente está relacionada não tanto com a impossibilidade de correlacionar objetos do mundo exterior, mas com a impossibilidade de correlacionar os significados verbais com os objetos. Z não tem condições de dar nome ao que vê na janela. Ligar sua fala com aquilo que está diante de seus olhos, fazer com ela passe da palavra para o objeto concreto e do objeto concreto à palavra é totalmente impossível. Quando ela emprega suas frases estereotipadas, que parecem plenas de indicações de lugares, objetos, etc., isso não quer dizer absolutamente nada no sentido da situação concreta. (SAMUKHIN; BIRENBAUM; VYGOTSKY, 1934, p. 130).

De modo geral, as condições patológicas dos pacientes K e Z eram antagônicas (VYGOTSKY, [1934] 2018a). O paciente K ficou “escravo do campo visual”, tendo perdido a capacidade de se posicionar “acima da situação”. Por outro lado, de maneira oposta, a paciente Z perdeu quase totalmente a capacidade de contato com a realidade concreta, tendo ficado à mercê de suas próprias emoções. Em K, havia “atividade sem ações, [já em Z] existe fantasia sem atividade” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 495). O que se preservou em um foi a dinâmica do campo, enquanto no outro foi a dinâmica do pensamento. Nenhum dos dois

tinha a capacidade de alternar entre o plano da realidade e o plano do pensamento (emoções, fantasias etc.), limitando-se a um ou a outro. Portanto, o que foi destruído foi a dinâmica entre os dois campos, que é produzido pelo campo semântico. A pessoa “normal” consegue colocar-se acima do campo, porém, sem se desligar totalmente dele. Sobre essa questão, os autores argumentam:

Contudo, na pessoa normal, junto das forças subordinadas do campo, observamos na maioria das vezes certa arbitrariedade em seu comportamento nas situações; frequentemente nos limitamos à situação, superamos a confusão, ou seja, não somos escravos do campo, mas temos a possibilidade até certos limites de transformá-lo arbitrariamente e, assim, colocar-se acima da situação (*über Situation stehen*<sup>70</sup>). A possibilidade de dominar a situação, a superação das forças do campo é alcançada graças a procedimentos psicológicos muitos complexos, que aqui não conseguiremos esclarecer inteiramente. O aspecto mais característico e importante para nós é que a personalidade, saindo temporariamente do campo ou permanecendo dentro dele, mas restringindo-se de certa forma ao campo ou apenas permanecendo nele, altera sua estrutura e seu significado relativo para si. As alterações na estrutura do campo e seu significado são antes de tudo definidas por mudanças complexas dentro do sistema psíquico da personalidade, pela inserção de estímulos afetivos isolados em exigências mais amplas e centrais, de exigências especiais mais difusas em outras camadas da personalidade etc. (SAMUKHIN; BIRENBAUM; VYGOTSKY, 1934, p. 116-117).

Vigotski (VYGOTSKY, [1934] 2018a) destaca que a concretude do pensamento de K é diferente da concretude do esquizofrênico. O esquizofrênico “[...] preserva as necessidades vitais e a rica concretude”, que, em K, é pobre (VYGOTSKY, [1934] 2018a p. 488). Ele também comparou a condição dos pacientes com o pensamento das crianças, ao afirmar que “[...] **a criança combina Z e K no sentido da mudança dos sistemas dinâmico-semânticos:** Há mais voo e mais relacionamento com os objetos.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 488, grifo do autor). O paciente K seria semelhante a uma criança, porque, para esta, a palavra é uma propriedade da coisa e, portanto, voa baixo (se é que podemos assim dizer) e não transcende os níveis mais abstratos e imaginários da ação prática. Ao mesmo tempo, K também seria semelhante a um idoso. É “[...] oposto a uma criança e similar a ela.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 488). Sua memória também é prejudicada por causa da ausência de significados. O que existia era apenas a relação com os objetos. “Memória requer a transição de uma situação para outra: do campo real para o campo semântico. Quando o campo semântico e o significado desaparecem, surge a amnésia.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 495).

Nesse sentido, sua falta de espontaneidade seria resultado da ausência de significados. Vigotski (VYGOTSKY, [1934] 2018a) sintetiza que “[...] a rigidez da dinâmica exclui a

---

<sup>70</sup> Do alemão: “colocar-se acima da situação”.

dinâmica do campo semântico em K porque não há fluidez.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 495). Já a paciente Z perdeu a “hierarquia gramatical” que deu vazão a um “anarquismo verbal”, ou seja, as operações com palavras se tornaram impossíveis (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 490). Sua fala não era predicativa, isto é, não tinha a função de condensar os significados das palavras numa sentença coerente:

Ao mesmo tempo em que em K [...] observa-se a desintegração total do significado da palavra com a manutenção da correlação objetual, em Z observa-se o quadro inverso: a palavra como tal não está ligada à correlação objetual, o significado se separou totalmente do objeto designado pela palavra e vive como que uma vida independente; por trás dele não se oculta algo real e concreto. Mas isso não é em nenhuma medida o significado abstrato da palavra. Em certo sentido, ele é tão concreto quanto em K. Antes de tudo, Z vivência na palavra não seu sentido objetivo determinado, mas seu **significado afetivo**. (SAMUKHIN; BIRENBAUM; VYGOTSKY, 1934p. 129, grifo nosso).

Nos manuscritos de Vigotski (VYGOTSKY, [1934] 2018a), existem anotações feitas sobre uma apresentação de Kurt Lewin, realizada em 1933, em Moscou, que também nos ajudam a compreender o problema levantado anteriormente. Vigotski critica Lewin e detalha sua concepção sobre o “campo semântico”, que complementa as análises feitas sobre a unidade afetivo-cognitiva e sobre os pacientes K e Z. Ele afirma, em uma das passagens, que o significado não é uma “estrutura psíquica”, mas uma “estrutura social”, isto é, o significado possibilita a estruturação da consciência como uma relação social. O significado enseja “[...] minha relação ao meu ambiente.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 405). Em outro excerto, ele comenta que a fala interna cria o campo semântico e a fala externa faz uso desse campo. Vigotski demarca que a fala não é uma produção do pensamento; ao contrário, a

[...] palavra não se desenvolve a partir das necessidades do pensamento, mas das necessidades de comunicação. Contudo, o processo de comunicação mental leva a objetivação do pensamento [...]. Ou seja, a comunicação não deixa aquele que se comunica inalterado. Além do entendimento do outro, que é principal objetivo da palavra, a palavra leva ao entendimento de si mesmo. A comunicação de um pensamento muda o pensamento. Comunicação com outra pessoa (uma função interpsicológica) sempre leva a comunicação consigo próprio (isto é, uma função intrapsicológica): esta última está implícita na primeira. Ou seja, o que é possível para dois ao mesmo tempo se torna possível para um. Isto é, na comunicação, não apenas a relação com outra pessoa muda, mas também o relacionamento consigo próprio. Toda comunicação é atividade extracortical- um cérebro transcende seus limites. A comunicação é possível em generalizações e não de outra forma: em contraposição à comunicação instintiva (que, aliás, também tem generalização). (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 406-407).

Com essa passagem, fica evidente o papel do sistema de significação para a compreensão não só do “ambiente” e do outro, mas também de si próprio. Por consequência, na medida em que essa ponte entre o campo visual e o campo mental é rompida, perde-se a possibilidade de entendimento da realidade, seja externa, seja interna.



Por trás da questão sobre o campo semântico está o problema da transferência, que era compreendido como um “problema central” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 406). Segundo Vigotski, a Psicologia da *Gestalt* seria insuficiente para explicar esse processo. A sua anotação sobre questão está como se segue:

Transferência [*perenós*] é o problema central: transferência estrutural e transferência semântica [de sentido]. Insuficiência da teoria estrutural da transferência. A transferência no campo semântico tem suas leis, que são distintas das leis do campo ótico em física ingênua [*Naive Physik*]. Esta é a chave para tudo: a transferência (ação) no campo semântico. Sua liberdade, racionalidade. *A pessoa pensa* – eis o novo, o que distingue a criança no campo prático do chimpanzé: o pensamento [*Nur-Gedachtes*] que segundo Köhler não determina *nada* no comportamento do chimpanzé, determina *tudo* no comportamento humano. (VIGOTSKI, [1934] 2017b, p. 466).

Para superar esse limite da teoria estrutural, seria preciso criar uma teoria semântica da percepção. Essa teoria repousaria entre “[...] o intelectualismo de Stern e o estruturalismo de Wallon e Koffka.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 407). Isto é, não seria nem um impulso inerente ao pensamento que determina a percepção, nem uma estrutura do campo óptico, como para a Psicologia da *Gestalt*. Com isso, ele critica Kurt Lewin:

Não é verdade que a dinâmica do campo (Lewin) é preservada no pensamento-Zeigarnik e Birenbaum. Se isso fosse verdade, não haveria qualquer problema, seja ele qual for: Homem pensa, não haveria nada de novo. A dinâmica do campo semântico seria o espelho [imagem] da dinâmica do campo externo e não mudaria nada nele [no pensamento]. (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 410).

Acreditamos que ele tinha em mente que, se assim o fosse, isto é, que a dinâmica do campo é preservada no pensamento, bastaria dizer que o homem simplesmente pensa. O campo da atividade real seria espelhado na consciência e não refratado. Desse modo, a explicação do pensamento estaria nele próprio e independente do seu conteúdo.

Vigotski dá a entender que a chave para essa teoria semântica da percepção seria precisamente investigar como o campo semântico se desenvolve. Parte desse projeto ele iniciou com o estudo do desenvolvimento dos conceitos, como destacado no capítulo anterior. “Os níveis de desenvolvimento do conceito são os níveis de transformação da dinâmica (do afeto) da ação real na dinâmica do pensamento.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 488). Ele se remete à sua filha Asya, ao anotar que, na primeira infância, existe a coincidência entre o campo semântico e visual. O mais importante, nas primeiras perguntas das crianças, é que “[...] não são sobre nomes, mas sobre significado.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 407). Ele também afirma que, na adolescência, ocorre uma nova transformação na dinâmica do campo. A dinâmica do campo primeiro se transforma na dinâmica do pensamento e depois volta para a dinâmica do campo. “A dificuldade é justamente transformar a dinâmica do pensamento

com sua liberdade na dinâmica da ação.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 410). Ele reafirma as três fases do processo. citadas acima. A fase intermediária entre dinâmica do pensamento e dinâmica da ação é a “[...] dinâmica do significado (campo semântico): **Significado é um sistema dinâmico *sui generis* com relações dinâmicas complexas [...]**” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 410, grifo do autor).

Pelo que foi exposto até agora, o campo semântico seria entendido por Vigotski, muito provavelmente, como uma “tradução” da realidade para o pensamento, tal como vimos no desenvolvimento do pensamento conceitual. Com isso, ele se afasta e supera a posição de Kurt Lewin, ao assumir que apenas haveria a preservação do campo externo no campo semântico, no início do desenvolvimento. Ao longo desse processo, essa relação direta se tornaria mediada, indireta, permitindo ao pensamento se libertar da situação visual imediata.

Permeia esses comentários sobre o campo semântico e sobre a transferência o problema da liberdade. Tal questão já estava presente nas pesquisas sobre o desenvolvimento do conceito e ganhou a atenção de Vigotski ainda mais, com o desenvolvimento do método semântico. Ele anotou que “[...] a principal coisa no pensamento é a liberdade: *Ich kann was ich will*<sup>71</sup>. De lá [do pensamento] é transferido para a ação. Mas a liberdade nasce do pensamento.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 404). Vigotski utilizou frequentemente o paradoxo filosófico do burro de Buridan, para comparar o homem com os demais animais. Na explicação pautada no ato instrumental, ele cita que um burro é colocado diante de duas fontes de alimento e com isso fica paralisado, em razão de ambas terem a mesma força de estimulação. Ele afirma que, ao se colocar hipoteticamente o homem na mesma situação, o resultado seria diferente. “Um homem, no lugar do burro de Buridan, confiaria na sorte e dominaria assim a situação.” (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a, p. 72). Ele emprega um “estímulo auxiliar”, criado artificialmente, para resolver o problema da escolha. O experimento filosófico é colocado puramente no âmbito do instrumento que possibilita ao homem resolver o problema que é realizar uma escolha dentre duas opções.

Ao se amparar no método semântico, a explicação do experimento filosófico mudou radicalmente. Vigotski (VYGOTSKY, [1934] 2018a) aponta que a questão definidora da relação do homem diante do problema da escolha colocada seria entre perecer ou permanecer vivo, a qual somente se realizaria através da generalização. A necessidade do animal e do homem seria a mesma, viver ou morrer, mas, no caso do homem, essa é uma necessidade

---

<sup>71</sup> Do alemão: “Eu posso fazer o que eu quiser” (ZAVERSHNEVA; VAN DER VEER, 2018).

consciente. Isto é, a necessidade é reconhecida como sendo do próprio ao homem, que se relaciona e afeta sua vida.

O homem difere do asno não porque (Descartes) ele viola a necessidade por seu livre-arbítrio, mas pelo fato de que ele agirá com a mesma necessidade, mas porque a **sua** necessidade é determinada de outra maneira: reconhecimento da necessidade. Para ele a escolha não é a mesma por causa da generalização: perecer ou permanecer vivo. O afeto mais forte (a preservação da vida) é posto em jogo e supera o equilíbrio dos dois mais fracos, porque o homem compreende o **significado de sua inércia, o equilíbrio e o perigo**: Algo deve ser decidido. A capacidade de tomar qualquer decisão, para encontrar a motivação **não no campo**, mas **acima** dele; a escolha que determina a força do motivo aqui decide a questão. Logo, no homem como ser consciente [*res cogitans*], desenvolve uma **nova relação com a situação** em comparação com o animal. A novidade é que o pensamento (o campo semântico) **introduz um novo afeto**, reorganiza as relações dos afetos, na aparência viola as leis da necessidade afetiva, mas na verdade [na essência] leva a uma forma superior – ao reconhecimento da necessidade. Pensar preserva, mas reorganiza os afetos, seus *ordo et connexio*.<sup>72</sup> (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 409, grifo do autor).

Durante a sua orientação pelo método instrumental, o problema se colocava apenas no nível da possibilidade de escolha criada por um estímulo-meio que auxiliaria o homem. Vigotski deixa isso explícito quando anota: “Vamos retornar ao asno de Buridan: Não é um reflexo condicionado, mas completa o significado de toda a sua vida com seus afetos e necessidades.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 411). Com isso, ao se orientar pelo método semântico, a explicação ganhou complexidade, incluindo a possibilidade de se posicionar acima do campo, de generalizar e desenvolver um campo semântico que reorganiza as relações afetivas. Ele completa a anotação anterior, remetendo a Sócrates: “Sócrates não se sentou [na prisão], porque ele pensou que isso seria justo, mas [porque correspondia com seu] modo de vida (seus estudantes não teriam ficado, mas teriam fugido).” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 411). A “escolha” de Sócrates somente pode ser compreendida, considerando-se a sua vida e os seus ideais. O homem é tão livre que pode “escolher” até mesmo acabar com sua própria vida!

Voltando ao burro de Buridan, o problema não é a escolha do objeto por sua valência (para utilizar um conceito de Lewin<sup>73</sup>), porém, o significado (carregado afetivamente) da sua inércia frente ao problema colocado. Assim, ele escolhe não porque precisa ou tem a

<sup>72</sup> Do latim “ordem e conexão”. Os editores dos manuscritos de Vigotski afirmam que “[...] a real e necessária ordem que existe entre ideias e coisas, ou causa e efeito, e que diferem da ordem imaginária que os humanos pressupõem.” (ZAVERSHNEVA; VAN DER VEER, 2018, p. 231).

<sup>73</sup> Dentro da teoria do campo de Lewin, as valências indicam a tendência de um campo em atrair as forças psicológicas. Objetos, pessoas e coisas, com uma “valência positiva”, tendem a atrair o indivíduo. Em uma observação de sua filha Asya, Vigotski (2018a) utiliza a teoria do campo para explicar sua mudança na estrutura do afeto, a qual lembraria a estrutura da percepção. Ele indica que a mudança do afeto da criança teria se transformado, em relação ao pai, quando a mãe apareceu. Ou seja, a mãe entrou no campo visual da criança e esse fato modificou o seu afeto em relação ao pai.

liberdade de fazer a escolha entre dois estímulos, utilizando um estímulo auxiliar, mas porque, diferentemente do burro, compreende o sentido que essa escolha representa para sua vida. A liberdade, portanto, só existe através da tomada de consciência da sua condição, que é possibilitada pela generalização e formação do campo semântico.

Pensamento e afeto formam uma unidade, porque, para generalizar e conhecer o mundo, é preciso também senti-lo. Logo, Vigotski afirma que, “[...] no pensamento, há restos de emoções sobre as coisas.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 410). Desse modo, o mesmo problema, o qual foi tomado puramente do ponto de vista cognitivo, prático, sob um novo método, ganha uma nova orientação, a qual considera a dinâmica entre afeto e intelecto. Vigotski também anota que “[...] a escolha determina o motivo.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 410). Em nossa interpretação, ele indica que aquilo que se apresenta na realidade determina a motivação e o afeto implicado, no sentido da escolha que deve ser feita. O burro de Buridan é considerado por Vigotski “o começo e o fim” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 411). Ou seja, acreditamos que ele indica que esse problema é um exemplo paradigmático do problema da liberdade e de sua resolução.

Logo [*ergo*], o problema do ato volitivo é o problema do relacionamento afetivo - intelecto e campo semântico - campo situacional. 2. Agora conhecemos a lei do interesse: por que abordamos um tema de pesquisa com outro afeto (um livro, um evento) do que uma questão prática: outra fonte de energia [*Energiequelle*]. Cf. Spinoza sobre o problema de dois tipos de dinâmica (de pensamento e de ação): O afeto motiva a agir e pensar em uma determinada direção: Logo [*ergo*], há outra dinâmica do afeto no plano do pensamento do que no plano do campo real. (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 411).

Em síntese, a explicação produzida sob a égide do método semântico claramente supera, negando por incorporação, a explicação produzida, utilizando os princípios do método instrumental.

Como deixamos evidente, em outros pontos deste trabalho, Vigotski entendia que a “vida determina a consciência”. Portanto, não é o pensamento que é o demiurgo da liberdade, mas a vida concreta, organizada pelas relações sociais. Por isso, é a “estrutura social” que, expressa no significado da palavra, diferencia o homem dos outros animais. Ele afirma que o campo semântico é o que distingue a ação da criança e do chimpanzé, no âmbito prático. O pensamento, no comportamento do chimpanzé, não determina nada, enquanto, no comportamento humano, determina tudo (VYGOTSKY, [1934] 2018a):

A consciência determina a vida (seu estilo), mas ela se desenvolve a partir da vida e forma um dos seus aspectos: Logo, a vida determina a vida através da consciência. Assim que nós separamos o pensamento da vida (da dinâmica), nós o vemos como um conceito psíquico e não como um conceito do psicológico. Nós bloqueamos

todas as estradas para o esclarecimento e explicação de sua propriedade mais importante: determinar a estilo de vida e comportamento, agir, influenciar. (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 487).

Essa passagem é de extrema importância, porque Vigotski explicitamente demarca que a consciência surge da vida, porém, não se separa dela, ou seja, não se torna simplesmente uma dinâmica psíquica, mas um fenômeno psicológico. Essa ideia é complementada, quando ele ressalta que “[...] o critério da unidade [*unity*] do intelecto e do afeto é a relação fundamental com a situação no sentido da restrição e liberdade: Esta é a unidade [*unity*] genuína do afeto-intelecto.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 488). Em outros termos, Vigotski está frisando que totalidade entre afeto e intelecto somente existe na relação com uma dada situação, isto é, não seria uma unidade ou uma função que existe abstratamente, apenas como um automovimento do pensamento e inerente à consciência. Ao contrário, a consciência só existe relacionada à realidade material. “O nível do voo da generalização do objeto determina o nível de transformação do **afeto da coisa em afeto do conceito.**” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 488, grifo nosso).

Essa constatação se associa a uma concepção central na interpretação de Vigotski, para quem aquilo que funciona determina como funciona. Ou seja, o conteúdo do pensamento organiza e estrutura o seu funcionamento. E o conteúdo advém da realidade objetiva, que é generalizada por meio dos significados. Daí a importância dos pacientes K e Z. Eles demarcam que o fenômeno psicológico não se produz acima da vida ou restrito a ela, mas **com a vida** – e que, sem o campo semântico, a ligação entre vida e consciência se desintegra. Parafraseando a fala de Polônio, na peça *Hamlet*, Vigotski declara que “[...] há um método (sistema) em sua loucura” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 196). Seria preciso, portanto, estudar esse “método”, para explicarmos como a consciência “sadia” opera.

Essa interpretação da dinâmica entre pensamento e atividade real complementa a descrição da dinâmica entre indivíduo e meio social, bem como realça o papel do sentido dado a um contexto como determinante, para que a pessoa opere livremente nesse meio.

Em síntese, a chave para a mediação entre o pensamento e a ação é a formação do sistema de significação. Vigotski descobriu a importância dessa dinâmica e, com isso, pretendia explicar tanto o processo de desenvolvimento, o qual deve levar em conta a unidade afetivo-cognitiva, quanto os processos de desorganização da consciência, como nos casos clínicos. Além disso, o campo semântico deveria explicar a liberdade e como o pensamento humano pode ser superior ao dos demais animais. Dessa maneira, ele nos leva a crer que vivemos em dois mundos que são estruturados pelo campo do sentido, o qual, se rompido,

desestrutura e impossibilita a comunicação e a atividade logicamente consciente e livre, possibilidades unicamente humanas. A despeito desse reconhecimento, ele não produziu uma análise exaustiva do desenvolvimento do sistema semântico. A escassez de dados factuais para comprovar as suas generalizações demonstra o caráter provisório e incompleto de sua explicação.

Em síntese, apresentamos, neste capítulo, o desenvolvimento de uma nova hipótese que reorientou o projeto de pesquisa de Vigotski, nos seus últimos anos de vida. Como indicado, o método semântico, que começou a se tornar o centro de sua atenção em meados de 1932, revolucionou sua produção e reorientou os seus problemas. Ele consolidou a tomada de consciência dos limites impostos pelo método instrumental e teve condições de descobrir que o significado se desenvolve. Essa descoberta fundamental se deu, como destacado, pela imposição dos fatos. Diferentemente da sua interpretação do desenvolvimento dos conceitos, realizada pela força dos fatos disponíveis, todavia, limitantes, os quais o levaram a entender que cada fase do desenvolvimento se fechava em si mesma, Vigotski avançou na sua descoberta, ao se dar conta, na análise de novos fatos, que o conceito não era criado e reconstruído em cada etapa do desenvolvimento, mas se desenvolvia por meio de uma cadeia de conceitos. Ele descobriu que os significados se desenvolvem através de uma rede de outros significados, por generalização de generalizações. Essa cadeia de significados permitiu a formulação da explicação do processo, intuído no início de 1930, de que a consciência se estrutura como sistemas psicológicos. Como vimos, tal descoberta teve impactos diretos na possibilidade de estudo da consciência.

Apontamos um princípio metodológico central, na análise da relação entre a criança e o meio. Vigotski enfatiza que a forma ideal já está dada no meio social, desde o desenvolvimento inicial da criança. As características especificamente humanas que são conseguidas no final do desenvolvimento já estão presentes desde o início, no meio social. Como destacamos, Vigotski argumenta que essa é a natureza original do desenvolvimento ontogenético, em comparação com o desenvolvimento filogenético e sociogenético. No início do desenvolvimento de ambos, a forma final não se fazia presente. Por essa razão, não se pode analisar a relação direta da atividade da criança com o meio, como princípio explicativo para o seu desenvolvimento. A relação direta do homem com a natureza, operada pelo trabalho, foi fundante para o desenvolvimento do homem como ser social. Contudo, esse mesmo princípio não pode ser utilizado para analisar a história individual. Por isso, Vigotski aponta que a utilização da palavra significativa é o “momento determinante” do desenvolvimento das

funções psicológicas superiores e não a atividade prática, apesar de pensamento e atividade formarem uma totalidade.

Salientamos que Vigotski desenvolveu diferentes abstrações, de sorte a explicar a personalidade consciente. O método de estudo das unidades de análise, congregado com a análise genética e funcional, orientou sua tradução do objeto pesquisado. As abstrações produzidas formam uma totalidade, a qual é determinada reflexivamente. Cada uma das abstrações existe em dependência direta das outras. Sem o desenvolvimento do significado, não é possível investigar a vivência. Ao mesmo tempo, sem as novas formações, não há o desenvolvimento das generalizações, que são o resultado da coordenação de diferentes funções em um sistema complexo. Acima de tudo, sem a compreensão da totalidade existente entre fala e pensamento, não há o desenvolvimento ontogenético. Ao mesmo tempo, a dinâmica entre o pensamento e a atividade real também existe, enquanto uma totalidade, não diretiva, entretanto, mediada pelo significado, formando o que ele chamou de “campo semântico”. A chave para essa relação dinâmica entre esses processos está na descoberta de que a explicação da consciência não está nela própria, mas na sua relação com o meio social. Ou seja, como ele próprio apontou, a “transferência” [*perenós*] é o principal problema da Psicologia.

## 8 PARA UMA LEITURA HISTÓRICA DO MÉTODO NA OBRA DE VIGOTSKI

*Ensinar o pensamento significa ensinar a dialética, a habilidade de ver a contradição e logo encontrar sua verdadeira solução mediante a observação concreta da realidade, e não mediante manipulações verbais que encobrem a contradição.*

(ILYENKOV, 1962).

Como anunciado na introdução deste trabalho, o objetivo principal da presente pesquisa foi tentar compreender o desenvolvimento histórico do problema do método e da metodologia, na obra vigotskiana. Isso implicou direcionarmos nossa atenção não somente para o que ele escreveu sobre os problemas “metateóricos” intrínsecos ao problema do “caminho de cognição” dos fatos psicológicos, mas também para a sua prática de pesquisa. Esse entendimento remete aos próprios parâmetros sobre a obtenção de conhecimento adotados por Vigotski, igualmente aqui utilizados para refletir sobre a sua pesquisa, que são aqueles devedores de Marx. Isso significa que, para compreender os “caminhos de cognição”, não devemos tratá-los, nos dizeres de Chasin (2009), como mera “antessala” do conhecimento, contudo, como dependentes do movimento de transformação da prática, neste caso específico, da prática de pesquisa.

Ora, no presente texto, faremos uma síntese dos principais achados encontrados, ao longo de nossa pesquisa. Colocaremos em perspectiva alguns princípios metodológicos de Vigotski. Tentaremos, para isso, responder às seguintes perguntas: 1) qual o objeto da Psicologia para Vigotski?; 2) qual o princípio explicativo para o objeto de análise da Psicologia? 3) como se desenvolveu o método de análise para de estudo do objeto?; 4) qual o modo de proceder tal análise?<sup>74</sup> De maneira subjacente a todas essas perguntas está a indagação principal, que seria: qual a relação entre as reflexões de Vigotski sobre a filosofia da ciência e sua prática de pesquisa? Para responder a essas perguntas, adotaremos nossos achados feitos durante a pesquisa, bem como empreenderemos um diálogo com outros pesquisadores, a fim de podermos enriquecer a análise com diferentes formas de interpretação desses problemas.

Antes de buscarmos as respostas para as referidas perguntas, julgamos ser necessário tocar num ponto fundamental, que é a relação da obra de Vigotski com a tradição teórico-prática iniciada por Marx.

---

<sup>74</sup> Essa forma de categorização do problema da metodologia foi inspirada em Delari Júnior (2015).



## 8.1 Vigotski e o método de Marx

Conforme realçado em vários momentos do trabalho, o problema do método marxiano atravessou toda a obra de Vigotski. No entanto, essa relação ainda está longe de ser completamente compreendida (SÈVE, 2018). Podemos apresentar, no capítulo terceiro, que Vigotski não deixa dúvidas sobre sua intenção de criar *O Capital* da Psicologia. Marx e os clássicos do marxismo foram uma inspiração central para o seu projeto de reformulação dessa ciência. As referências a Marx não se esgotam na referida publicação, todavia, podemos percebê-las em toda a sua trajetória subsequente. Contudo, apesar das inúmeras pistas deixadas por Vigotski sobre sua relação com a obra marxiana, ainda existem muitas dúvidas quanto ao real impacto que tal produção teve em sua obra. Desse modo, as respostas às perguntas de pesquisa feitas anteriormente passam pela inevitável tentativa de elucidação dessa relação.

A despeito de diversas provas dadas por Vigotski, no que se refere à sua adesão aos princípios de Marx, vários autores minimizam tal influência ou mesmo a negam. Autores que negam a filiação de Vigotski aos princípios metodológicos de Marx o fazem, utilizando o velho argumento da imposição ideológica. Já apontamos, no primeiro capítulo, que a limpeza do método de Marx da obra de Vigotski respondeu a um contexto sociopolítico singular, no qual predominou o antimarxismo e o anticomunismo. Citamos Bruner como exemplo de autores que usam o argumento ideológico para desqualificar o papel do materialismo dialético, na obra do psicólogo soviético.

Autores como Veresov (2005) problematizam sobre os aspectos marxistas e não marxistas contidos na obra de Vigotski. Ele credita várias das formulações de Vigotski a autores como Shpet, Blonski, Sorokin e Meierhold. Haveria ainda outras fontes para sua produção, como a cultural russa, mais especificamente aquela da “Era de Prata”. O autor afirma que a lei geral do desenvolvimento cultural formulada por Vigotski expressaria essa influência. Não podemos deixar de pontuar que tal hipótese nada mais é do que uma expressão de um ponto de vista lógico-gnosiológico. O autor credita tal lei, que foi proposta com base nos dados factuais, às origens externas à relação sujeito e objeto do conhecimento. É perfeitamente lícita a busca pelas influências culturais, científicas e filosóficas, na obra de Vigotski. Entretanto, nossa posição vai na direção oposta das concepções que tratam o fundamento materialista dialético como mais uma das suas influências. Se assim o fosse, Vigotski poderia ser considerado um eclético, pois emprestaria contribuições de diferentes disciplinas. Contudo, reafirmaremos, nas próximas páginas, como ele partiu do princípio da

prática social como critério de verdade. Ele não só afirmou tal princípio, como podemos observar a sua expressão na sua obra.

Abordaremos uma posição oposta a essas duas anteriores, ou seja, aquelas que negam completamente as bases do materialismo dialético na produção de Vigotski e aquelas que consideram essa influência, mas a justificam, afirmando que foi apenas mais uma de várias outras influências. Tal posição limita o crédito da filosofia marxiana e marxista ao período da sua utilização do método instrumental. Ao operarem tal análise, interpretam a produção de Vigotski também dentro do ponto de vista lógico-gnosiológico, ou seja, que crê na existência de uma filosofia anterior ao trato do objeto. Com isso, não levam em conta a produção de Vigotski constituída sobre a chave heurística do método semântico. Por conseguinte, não inscrevem tal fase de sua produção dentro dos princípios do materialismo dialético. Em suma, desconsideram as próprias críticas de Vigotski aos limites da análise da atividade instrumental.

Iarochevski e Gurguenidze (2004) afirmam que Vigotski dominou, como nenhum psicólogo de sua época, os princípios metodológicos do marxismo. Mas o que isso significa, tendo em vista que, diferentemente do ponto de vista lógico-epistemológico, método para Marx não é uma produção racional anterior ao contato com o objeto? Demonstramos, ao longo do trabalho, que Vigotski não “aplicou” uma suposta lógica a um objeto. Pelo contrário, o método de Marx se faz presente, quando Vigotski “reproduz” as categorias do fenômeno pesquisado, isto é, quando parte de uma postura ontológica frente ao objeto. Obviamente, como apontado no terceiro capítulo, ele, antes de produzir o seu projeto de pesquisa, fez uso do “laboratório da história”, tal como os autores citados acima denominam, ou seja, Vigotski empreendeu uma extensa revisão sobre problemas da filosofia da ciência, do marxismo e da Psicologia de sua época.

Sobre essa questão, concordamos com Sève (2018), quando assinala que é um erro supor que Vigotski tenha deixado clara a adesão ao marxismo, quando faz referências diretas aos seus autores, seja a Marx, seja a outros clássicos, tais como Engels, Lenin, Plekhanov ou Trótski. Ainda segundo o autor, esse foi o equívoco das traduções das obras de Vigotski da década de 1970, as quais buscaram suavizar o marxismo em sua obra, eliminando tais referências. Na verdade, supor que Vigotski tenha aderido ou não ao método de Marx, usando como medida para tal a frequência de citações, expressa, precisamente, a concepção que estamos contraponto neste trabalho. Vigotski seguiu os princípios de Marx, mesmo quando não o citou (SÈVE, 2018). Os princípios metodológicos de Marx é verificado nas modificações do seu procedimento de pesquisa e de suas hipóteses, quando do “embate” com

o objeto de pesquisa. Este se impôs e revelou os limites dos procedimentos de pesquisa e dos métodos de análise, forçando Vigotski a reorganizá-los.

Sève (2018) argumenta que, se a justificativa ideológica e protocolar das citações de Vigotski dos clássicos do marxismo estivesse correta, deveríamos esperar apenas uma referência a elas nas suas publicações e não nas suas anotações particulares. Contudo, nos seus manuscritos, são abundantes as referências a Marx e aos clássicos do marxismo, como já mencionado ao longo do trabalho. O SHCP, que é um manuscrito, deveria servir para se negar esse tipo de argumento. Os recentes manuscritos publicados inviabilizam essa forma de análise e revelam como o projeto de criação de uma Psicologia marxista foi consistente até o final da sua vida. Exemplo disso é uma anotação de 1931. Nela, Vigotski escreveu: “Na construção da Psicologia Marxista, nós não devemos proceder a partir de citações, mas do espírito e sentido geral da teoria – em particular, na solução da questão do desenvolvimento histórico da mente.” (VYGOTSKY, [1931] 2018a, p. 320). Ou seja, a Psicologia Marxista seria construída não citando os clássicos do marxismo, mas resolvendo as questões metodológicas sobre o desenvolvimento histórico da mente.

Em suma, o método de Marx não comparece como uma entidade abstrata, na obra de Vigotski, ou, para aludir a uma concepção bíblica, não é um dogma religioso que, depois de recebido, começa a fazer parte imediatamente da vida daquele que a ele adere. O método de Marx, se faz presente, em diferentes níveis, ao longo de toda a produção de Vigotski. Veremos, adiante, como aspectos desse método se “materializaram” no projeto de Vigotski. Também teremos oportunidade de destacar que, mesmo consciente de alguns princípios, foi somente na relação com o objeto que tais princípios se tornaram presentes. Esse fato mais confirma sua filiação a Marx do que o contrário.

## **8.2 Dialética entre teoria e prática**

O problema sobre a relação entre teoria e prática, na obra de Vigotski, se expressa naqueles autores que buscam fazer uma periodização da sua obra, separando-a em fases. As modificações operadas na produção de Vigotski são justificadas por uma mudança na sua reflexão, ou seja, imputam-se às diferentes formas de explicação dos fenômenos psicológicos as modificações teóricas e metodológicas. Essas análises produzem uma caricatura do seu processo de pesquisa, construindo uma visão estanque da sua produção. Com isso, perdem-se de vista os momentos de crise suscitados pela dinâmica entre teoria e prática. Portanto, as hipóteses desenvolvidas por Vigotski devem ser analisadas historicamente.

A relação entre teoria e prática nos remete para a relação entre sujeito e objeto do conhecimento, tal como discutido no primeiro capítulo. Naquele momento demonstramos que, diferentemente da concepção lógico-gnosiológica, a qual parte do sujeito racional, a orientação ontológica parte do objeto. O conhecimento é fundamentado e comprovado por meio da prática. Podemos ver essa postura na obra de Vigotski, ao analisar sua relação com as diferentes manifestações do seu objeto de pesquisa. Evidenciamos, no terceiro capítulo, que Vigotski, na sua análise da crise da Psicologia, colocava a prática como sendo a instância orientadora da teoria. Essa seria a pedra angular e determinante para a reformulação da Psicologia, que havia sido abandonada. Desse modo, Vigotski está inteiramente filiado ao princípio ontoprático do conhecimento, proposto pela teoria marxiana.

O primeiro movimento no sentido da postura ontológica face ao objeto pesquisado pode ser observado pelos estudos de Vigotski ([1925] 1965/1999a) compilados no seu livro *Psicologia da arte*. A investigação das obras de arte, em especial a literária – na forma de romance, tragédia e fábula – deixa evidente as intenções de Vigotski em estudar o objeto em si, em sua forma objetiva. Isto quer dizer que, diferentemente de outras abordagens anteriores da experiência estética, notadamente aquelas elaboradas por Freud (FREUD, 1910/2013, 1914/2012), por exemplo – que partiu da Psicologia do autor, isto é, investigando os traços psicológicos encravados na obra de arte, ou da perspectiva do receptor, que concerne ao efeito psicológico frente a obra de arte –, Vigotski buscou abordar a obra de arte nos seus traços objetivos, estruturantes. Sobre isso, ele afirma: “É necessário tomar por base não o autor e o espectador, mas a própria obra de arte. É verdade que, por si só, ela não é, de modo algum, objeto da Psicologia, e nela o psiquismo como tal não é dado.” (VIGOTSKI, [1925] 1965/1999a, p. 25).

Acreditamos que essa pesquisa pode ser considerada o início de uma abordagem ontológica, porque possibilitou extrair as determinações da obra de arte em si mesma. Ele demonstra uma postura aberta em relação à obra, que não buscou “colocar” nenhuma categoria do pesquisador no objeto. Seu objetivo foi extrair as determinações da obra, isto é, abstrair e analisar quais eram as relações entre o conteúdo e a estrutura da obra e por que ela suscitava certos sentimentos no apreciador. Em suma, seu objetivo foi investigar a recepção estética, mas partindo da obra e não do produtor da obra ou do seu receptor.

Apesar de Vigotski deixar explícita sua intenção de analisar a obra de arte, objetivamente, alguns autores tendem a ignorá-la e justificar as modificações subsequentes na sua obra, pela via racional ou por questões externas, de ordem política, por exemplo. Citamos a análise de González Rey (2013) como exemplo paradigmático desse tipo de interpretação.

Esse autor afirma que há um retrocesso na produção de Vigotski, entre as pesquisas sobre a obra de arte e aquelas do ato instrumental, as quais são pautadas pelo método instrumental. Ele credita esse fato a uma possível inflexão no pensamento teórico de Vigotski. Ao comentar sobre o caminho de Vigotski até o “método instrumental” e suas diferenças em relação, principalmente, à sua produção sobre a *Psicologia da Arte*, González Rey (2013) assim se expressa:

O deslumbramento pela nova ideia sobre o instrumento cultural, associado à diferença qualitativa entre as funções psíquicas superiores e as primárias, irá, em minha opinião, exercer um papel em sua orientação predominante para as funções e a mediação semiótica no segundo momento da sua obra. Algumas das ideias do primeiro momento da sua obra desaparecem, para o que pode ter influído o recrudescimento da repressão stalinista que coincide com esse segundo momento de seu trabalho. (GONZÁLEZ REY, 2013, p. 58).

É hegemônica a teoria do conhecimento que interpreta a teoria como partindo da reflexão do pesquisador e não da reprodução do seu objeto de pesquisa. González Rey parece não perceber que existe a possibilidade de as mudanças teóricas resultarem dos limites impostos pelas situações experimentais organizadas por Vigotski, e não da sua reflexão. Ademais, o argumento do stalinismo não é coerente, se olharmos para a história da União Soviética. Wertsch (1985b) aponta que, malgrado a Psicologia soviética ter sofrido com um clima político dogmático, Vigotski não vivenciou esse processo tão profundamente. Lembremos que os processos de Moscou, os quais marcaram um período de perseguição aos opositores de Stalin, tiveram início em 1936, portanto, dois anos após a morte de Vigotski. Esse argumento teria validade, se o “deslumbramento” de Vigotski tivesse perdurado após o final da década de 1920. Porém, o que Vigotski fez foi rigorosamente o contrário, isto é, ele buscou superar a abordagem reducionista do fenômeno psicológico, a qual se desenvolveu sob punho de ferro do stalinismo. Além disso, a justificativa do papel do stalinismo não nos convence, pois, ao invés de ser celebrado como alguém que estava produzindo uma teoria coerente com a orientações do Partido Comunista, observamos seu oposto. Vigotski e seus colaboradores, especialmente Luria, foram duramente criticados, durante a década de 1930 (TALAKIN, 1931/2002). A sua teoria foi considerada idealista. Mesmo colaboradores próximos, como Leontiev, censuraram a nova orientação de Vigotski, no final da sua vida (TOASSA, 2016; 2020).

Nossa tese vai em direção oposta daquela interpretação proposta por González Rey (2013), pois acreditamos que esse aparente retrocesso seja uma expressão do próprio processo de construção teórica em sua relação com seu objeto e não somente uma mudança do pensamento de Vigotski. É evidente que uma obra de arte suscite abstrações relacionadas à

esfera afetiva muito mais do que os experimentos que estudam o início do desenvolvimento e que enfocam a atividade mediada de uma criança. Uma obra de arte sintetiza as formas mais elevadas da emoção humana. Ao contrário, na criança, tais formas ainda estão em processo embrionário. Como demonstrado no quarto capítulo, foram os limites impostos pelo desenho das situações experimentais que inviabilizaram Vigotski de tomar o objeto, na sua totalidade. Em outros termos, o retrocesso é, na verdade, aparente, pois o que o orientou não foi uma mudança do ponto de vista da cognição dos fatos, mas se submeteu às formas com que os diferentes objetos se mostraram, dadas as diferentes ferramentas para tal empreendimento utilizado em cada caso.

Além desse argumento, é preciso ter em mente o grande esforço que ele e outros colaboradores fizeram, para comprovar as teorias à luz dos fatos. Discutiremos, nas próximas páginas, como a análise da atividade mediada foi uma importante etapa no processo de abstração dos processos psicológicos. Foi com base nela que Vigotski iniciou o processo de ascensão do concreto ao abstrato. Já frisamos que Vigotski considerava que a análise deveria partir dos aspectos mais gerais do objeto, para depois abordar suas formas particulares. Prova disso é o que ocorreu em outras ciências, pois não vimos as ciências biológicas descobrindo primeiro o DNA e depois a célula, porém, o seu inverso, porque foi preciso descobrir o elemento “mais geral”, mais amplo (mínimo divisor comum ou a base dos organismos vivos) para então penetrar naquilo que contém toda a informação necessária para o desenvolvimento da vida enquanto um sistema, em suas particularidades. Em outras palavras, foi necessário criar um modelo geral da célula, para depois se analisar a sua especialização em cada nível de desenvolvimento animal. Não fazemos essa comparação por acaso, uma vez que o próprio Vigotski enfatizou, no final da sua obra, que o conceito é a célula do pensamento.<sup>75</sup>

Outra abordagem comum do problema entre a metodologia e a prática de pesquisa operada pelo autor está nas análises que consideram o SHCP como uma síntese do método, em Vigotski. Já citamos, no primeiro capítulo, o exemplo de autores como Langford (2005), os quais entendem que o método de Vigotski não se desenvolveu desde meados da década de 1920. Esse tipo de interpretação, conforme nossa análise, está duplamente equivocado. Se o “método” for considerado como procedimentos de pesquisa, ainda assim essa afirmação é errônea, pois, como demonstramos ao longo do trabalho, eles se alteraram inúmeras vezes.

---

<sup>75</sup> Em suas palavras “Desse ponto de vista, poderíamos dizer que todo conceito deve ser tornado em conjunto com todo o sistema de suas relações de generalidade, sistema esse que determina a medida de generalidade própria desse conceito, da mesma forma que uma célula deve ser tornada com todas as suas ramificações através das quais ela se entrelaça com o tecido comum.” (VIGOTSKI, 1934/2001, p. 294).

Além disso, tomando o método como metodologia do conhecimento, o mesmo argumento não se sustenta. Como vimos, o método de análise se modificou continuamente, no decorrer dos últimos dez anos de sua produção, em resposta aos novos fatos descobertos.

É notório que Vigotski não dedicou nenhum outro trabalho especificamente ao problema do método, com a mesma profundidade que ele o fez no SHCP. Contudo, alguns autores, como Friedrich (2012), consideram esse texto os prolegômenos para o seu projeto de pesquisa. Davydov e Radzikhovskii (1985, p. 48), por exemplo, afirmam que “[...] a formulação e resolução desses problemas [metodológicos] nesse manuscrito permaneceu inalterada.” Discordamos desses autores, na medida em que os principais problemas metodológicos foram, de fato, formulados, mas não resolvidos. Chamamos atenção para o fato de que Vigotski refletiu, nesse manuscrito, sobre os principais problemas da Psicologia daquele período e propôs um caminho para sua resolução, que seria escolher uma entre as orientações em litígio. No entanto, os pressupostos lá esboçados não redundaram imediatamente na sua prática de pesquisa. Esse fato não desqualifica o texto, apenas reafirma a sua tese central, de que é a prática que orienta a teoria.

Davydov e Radzikhovskii (1985) salientam que as análises da obra de Vigotski não têm atentado para o problema da metodologia. Existiu, conforme os autores, uma tendência na União Soviética em analisar Vigotski como o criador de uma corrente psicológica concreta, ou seja, avaliando apenas sua atividade como psicólogo. Isso implicou que as premissas filosófico-metodológicas foram ignoradas ou simplesmente mencionadas, sem o devido aprofundamento. Desse modo, para os referidos autores, existiria um Vigotski “metodologista” e outro “psicólogo”. A essência da compreensão da obra de Vigotski estaria precisamente no vínculo entre metodologia e Psicologia, que é o que funda o seu trabalho. Sobre essa questão, os autores ressaltam:

Nos trabalhos de Vigotski nós podemos separar dois aspectos, o metodológico e o psicológico. Eles formam uma sequência lógica mais do que cronológica. Vigotski, o metodologista, formulou os requisitos normativos para a construção e análise de teorias psicológicas. Vigotski, o psicólogo, buscou realizar esse programa metodológico e conseguiu resultados em forma da criação de uma teoria psicológica concreta. (DAVYDOV; RADZIKHOVSKII, 1985, p. 59).

Concordamos com o fato de que o vínculo entre a metodologia e a prática de pesquisa ficou eclipsada nas análises da produção de Vigotski. Contudo, discordamos da análise dos autores, os quais separam esses dois momentos na sua produção. Apesar de mencionarem o vínculo entre a metodologia e a prática de pesquisa, tal vínculo é tratado como unidirecional, isto é, da metodologia para a pesquisa. Exemplo dessa separação pode ser encontrado, quando

os referidos autores afirmam que Vigotski desenvolveu sua teoria em dependência direta da “tradição filosófica marxista” (DAVYDOV; RADZIKHOVSKII, 1985, p. 58). Os autores argumentam que Vigotski tomou como base a tradição filosófica para uma formulação científica concreta, “[...] em cada estágio checando a lógica da formulação da teoria com a lógica da tradição filosófica original.” (DAVYDOV; RADZIKHOVSKII, 1985, p. 58).

Tal postura beira a tradição lógico-epistemológica que estamos criticando aqui. Ao propor que Vigotski checou a “lógica da formulação da teoria com a lógica da tradição filosófica”, os autores vão na contramão do que disse Lênin: “Marx não deixou uma Lógica, deixou a lógica d’*O capital*.” (LÊNIN *apud* PAULO NETTO, 2011a, p. 28). Desse modo, a “lógica” da origem e funcionamento da consciência não estaria em uma lógica alheia ao próprio objeto, mas sim no processo próprio de reprodução do seu movimento real. Em outros termos, o parâmetro de checagem foi a prática e não a tradição filosófica, ou seja, o parâmetro de verdade foi a correspondência entre a abstração e o objeto de pesquisa, não a filosofia marxiana em si, como uma construção abstrata. A tradição filosófica marxiana não pode ser a garantidora da verdade, porque o objeto de Marx era diferente daquele de Vigotski, apesar de certos aspectos serem intercambiáveis. O que existem, e isso estamos buscando evidenciar, são pressupostos que orientam a reprodução ideal do fenômeno.

Em outro momento da reflexão, Davydov e Radzikhovskii (1985) citam a existência de algumas contradições, na obra de Vigotski, para argumentarem que não foi “aplicada” corretamente a lógica marxista à sua pesquisa. Sobre essa questão, os autores comentam:

Nos últimos trabalhos de Vigotski, o problema do significado adquiriu um caráter independente, enquanto a ideia de atividade como um princípio explicativo e a ideia da determinação através da atividade (mesmo que indiretamente) não foi representada como logicamente necessária. Entretanto, ela estava implicitamente em todo o seu trabalho. Precisamente nessa conexão, vários autores (por exemplo, Galperin, Leontiev e Luria) tem repetidamente notado contradições internas nos seus últimos trabalhos. Essa é uma contradição entre a posição metodológica básica e sua realização. É importante compreender as causas dessa contradição (não apenas para propósitos histórico, mas também quando considerar prospectivamente para pesquisas futuras). (p. 57-58).

A justificativa dada pelos autores para as contradições surgidas no final da obra de Vigotski é que a “[...] teoria Marxista da atividade não havia sido reconstruída em nenhum detalhe pelos filósofos e psicólogos da década de 1920”, nem a “[...] **lógica dialética** do marxismo não havia sido suficientemente elaborada.” (DAVYDOV; RADZIKHOVSKII, 1985, p. 58, grifo dos autores). Há, ainda, nesse argumento, a ideia de que existe uma “posição metodológica básica”, antes da confrontação com o objeto de pesquisa. As supostas “contradições internas” da obra final seriam o resultado da não adequação dela aos princípios



da atividade, predominantes na utilização do método instrumental. Ou seja, há uma redução da metodologia a uma espécie de “lógica” que deve ser “aplicada” ao objeto de pesquisa. Eis um exemplo de como, mesmo tentando afirmar o marxismo do método de Vigotski, se produz uma incompreensão sobre sua obra.

Nossa hipótese para a elaboração desse tipo de argumento está na tentativa, por parte de alguns autores, que seguem a tradição da Teoria da Atividade, em justificar a modificação da hipótese de trabalho de Vigotski e afirmá-lo como ligado diretamente a tal teoria. Alguns autores têm apontado as diferenças entre a orientação de Vigotski e a Teoria da Atividade (MARTINS, 2013; TOASSA, 2016a, 2016b). O abandono de Vigotski daquelas pesquisas calcadas no método instrumental foram justificadas por Davydov e Radzikhovskii, como sendo resultado da falta de conhecimento de Vigotski da “teoria Marxista da atividade” e da “lógica dialética” não elaborada no momento de sua produção. Não por outra razão. Houve uma tentativa sutil dos autores de desqualificar os trabalhos finais de Vigotski, porque eles entram em contradição com a “posição metodológica básica” (DAVYDOV; RADZIKHOVSKII, 1985, p. 57).

Nossa tese aqui é oposta. A reorientação de sua hipótese, que não partia mais da atividade como momento predominante, foi resultado dos limites que Vigotski enfrentou, na prática de pesquisa, os quais demonstraram a fragilidade do método instrumental para explicar a totalidade do fenômeno psicológico. Mais à frente, abordaremos o fato de que Vigotski não abandonou o papel da atividade, na formação da consciência: ele provavelmente a compreendeu, no final da sua vida, como uma unidade. O problema estaria na transferência do plano da atividade ao do pensamento. Nesse sentido, essa modificação expressa, ao contrário de uma fragilidade em relação à posição metodológica, sua verdadeira reafirmação.

Como exemplo da separação feita pelos referidos autores entre metodologia e prática de pesquisa, citamos o problema da unidade de análise. Conforme Davydov e Radzikhovskii (1985, p. 50), “Vigotski tentou utilizar a unidade de análise como um dos indicadores do princípio explicativo latente de uma teoria.” Os autores assinalam que tal princípio estava colocado para Vigotski no momento da escrita do “Significado histórico da crise da psicologia”. Será mesmo que Vigotski considerou que o instrumento psicológico teria condições de ser um método de análise das formas superiores de pensamento, como aquelas existentes no adolescente? Como analisamos, ele percebeu esse limite e buscou um novo método de análise.

Esses autores não questionam o fato de que o “ato instrumental” não foi considerado por Vigotski uma unidade de análise, e que tal unidade somente foi desenvolvida no final da

sua obra, por meio das unidades significado e vivência, por exemplo. Desse modo, a unidade de análise não é analisada historicamente, isto é, os autores não questionam as condições concretas de pesquisa nas quais Vigotski usa esse método. É dado a entender que o método de análise por unidades foi transposto imediatamente para a prática de pesquisa, fato que, como argumentamos nas páginas anteriores, não ocorreu.

Obviamente, Vigotski partiu de algum lugar. O método de Marx e mesmo de outros pesquisadores da época, tais como Pavlov, Kohler, Adler, dentre outros, foram alguns dos seus pontos de referência. Todavia, foi somente no contato com seu objeto que tais métodos “provaram” a sua capacidade de alcance da verdade objetiva. Na nossa compreensão, não há a diferenciação entre o Vigotski “metodologista” e o “psicólogo”, pois, como vimos ao longo da tese, foram os achados do Vigotski “psicólogo” que reorientaram a metodologia e *vice-versa*. Dessa maneira, é a “psicologia dos fatos” que orienta os meios de cognição desses fatos. Como discutido no quarto capítulo, foi a forma mais desenvolvida do seu objeto, o adolescente, que “demonstrou” para Vigotski o limite do seu método de estudo da gênese do desenvolvimento. Mesmo tendo escrito, no SHCP, tal como discutido no terceiro capítulo, que a “anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco”, ou seja, o mais desenvolvido explica o menos desenvolvido, foi somente no confronto com o objeto que esse princípio se concretizou.

Ao destacar a condição de devedor dos princípios do marxismo e apontar que há uma dependência da prática em relação à teoria, não estamos sustentando que a orientação de Vigotski se volta para um objetivismo ou “pragmatismo” puro. Afirmar isso seria ir totalmente contra sua posição de crítica às pesquisas que se orientam apenas pelos fatos, como já destacamos em outros momentos deste trabalho. A abstração é central para o método de Vigotski. Contudo, ela pressupõe o conhecimento de diferentes pontos de vista sobre um mesmo problema. O leitor atento da obra de Vigotski percebe facilmente a sua preocupação em apresentar uma revisão acurada do tratamento dado por outros autores aos mesmos problemas que os seus. Na maioria das vezes, esse tratamento não é apenas expositivo, mas tem como objetivo a incorporação crítica e a superação dos diferentes pontos de vista.

Nesse sentido, seguimos Delari Júnior (2015), quanto à sua afirmação de que essa postura de Vigotski é “dialógica”. Esse autor retoma o conceito de diálogo de Bakhtin, para asseverar que, “[...] para se produzir um melhor entendimento sobre as coisas, é necessário o confronto entre pontos de vista distintos, das hipóteses em que se pautam, das teses que defendem.” (DELARI JÚNIOR, 2015, p. 52). O diálogo se opõe ao dogmatismo, que parte da imposição de um ponto vista sem questionamento. Além disso, o dogmatismo se baseia na

aceitação irrestrita de uma tese e obediência à autoridade. Nessa posição, não se questiona o que não se conhece ou se conhece de modo imperfeito (DELARI JÚNIOR, 2015). O autor alerta que o método dialógico não pressupõe o oposto ao dogmatismo, que é o relativismo. Essa postura redundaria, segundo ele, num “monólogo coletivo”, no qual cada um tem sua verdade e pensa sem a necessidade de ouvir o outro. A base do relativismo está na retórica e não na correspondência com a realidade objetiva. O autor resume esse problema da seguinte maneira:

[...] para o dialogismo, a parcialidade do conhecimento individual se apresentará como desafio à produção coletiva e histórica de um melhor entendimento possível no tocante à totalidade. Só coletivamente se pode buscar e atingir uma noção melhor sobre o conjunto do processo sobre o qual se busca um conhecimento crítico. Porém, mesmo que necessário, o confronto dialógico não é suficiente para haver objetividade, cabe também o confronto com a realidade material mediante a ‘intervenção’ prática sobre ela, no interior dela, como componente da mesma. (DELARI JÚNIOR, 2015, p. 53).

O “diálogo” travado por Vigotski com diversos autores e orientações demonstra como o conhecimento não é reduzido a uma relação neutra e desinteressada do sujeito com respeito ao seu objeto de pesquisa. Vigotski em nenhum momento propõe ou parte dessa postura, no trato com os fatos. Como já mencionado, ele era completamente contrário à concepção de que os fatos falam por si mesmos. Ao estudar a obra de arte, a criança deficiente, a atividade mediada, a formação conceitual, as psicopatologias etc., ele o fez sempre tendo como base uma gama de referências e de interpretações das mais variadas possíveis. Essa “fortuna crítica” analisada foi o que possibilitou o seu deslocamento da relação imediata com o objeto e partir para uma relação mediada, portanto, geral e abstrata.

Como indicamos, no primeiro capítulo, a propósito dos princípios de Marx, a base para o processo de produção de conhecimento são os fatos, o concreto, que, por meio das abstrações, permitem ir em direção ao objeto, ao mesmo tempo em que se afasta dele. O concreto fornece as bases para o conhecimento, os dados empíricos, mas essas abstrações que são elaboradas pelo pesquisador devem retornar ao concreto, como “concreto pensado”, para validar o conhecimento produzido. É a realidade objetiva que deve validar ou refutar a abstração. Ambos, “[...] pesquisa e prática [devem estar] juntos: dois polos de um único todo dinâmico.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 284). Se a abstração não possibilita a compreensão das múltiplas determinações do objeto e se não explica as mediações entre as abstrações, então, a abstração deve ser reformulada, partindo-se novamente dos fatos e, desse modo, incessantemente, até produzir a reprodução mais fiel possível do objeto. Esse seria o

movimento dialético da relação entre teoria e prática. Vigotski expressa essa concepção na seguinte passagem:

**A necessidade de uma nova etapa** na pesquisa não decorre do surgimento de uma nova ideia, ou porque uma nova ideia se tornou interessante, mas porque o desenvolvimento da pesquisa em si exigia isso. Os novos fatos nos impelem a procura de novas explicações mais complexas. A natureza limitada, convencional e estreita do ponto de vista mais antigo levou a uma avaliação incorreta dos aspectos centrais, que tomamos como secundários: as conexões interfuncionais. (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 274-275, grifo do autor).

Apesar desse reconhecimento de como uma teoria se desenvolve, não podemos esquecer que ela não se dá no vácuo, mas determinada socialmente. Portanto, um certo período histórico pode favorecer tal desenvolvimento, assim como pode impedir ou orientar uma teoria justificadora da ordem vigente. Vigotski (VYGOTSKY, 1928/2012) atesta, de sua própria pena, a necessidade da compreensão da Psicologia em uma perspectiva histórica. Ele evidenciou como a teoria do reflexo condicionado floresceu na União Soviética, em razão do “[...] parentesco entre as ideias da revolução e a nova teoria.” (VYGOTSKY, 1928/2012, p. 92). Tal análise se enquadra na determinação social do conhecimento fornecido pelo método de Marx, tal como apresentado no primeiro capítulo.

As pesquisas realizadas na Ásia Central são um exemplo de como o poder político da União Soviética influenciava as ciências. Segundo já aludido, Vigotski, em vida, passou a sofrer duras críticas. Em certo momento, durante a década de 1930, ele apresentou seus estudos sobre as emoções a um grupo de especialistas em Psicologia militar e foi muito criticado. Os presentes desaprovaram fortemente sua concepção, alegando que seria “[...] teórica e [que] não lida com o Exército Vermelho.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 227). Outro exemplo da interferência política na sua produção pode ser constatado quando da sua apresentação do plano de um livro, que futuramente culminaria no *Pensamento e Linguagem*, a um comitê de membros do Partido que trabalhavam no Instituto de Psicologia. Esse encontro ocorreu provavelmente em 1932. Um dos críticos possivelmente questionou: “O livro é consistente do ponto de vista da teoria marxista?” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 313). Na anotação de Vigotski desse encontro, ele escreveu: “Onde não seria marxista [?]”. Ele então justificou: “historicismo do ponto de vista marxista.” Além disso, há as palavras “trabalho” e “cérebro” após essa anotação. Elas nos dão a entender que se trata de indicações sobre as bases materiais de sua pesquisa sobre o significado, o núcleo do projeto do seu livro.

Não são apenas os fatores políticos e econômicos que podem favorecer ou prejudicar o desenvolvimento de uma teoria científica. Os procedimentos de pesquisa existentes num dado período também podem obscurecer ou impulsionar o desenvolvimento teórico. Com isso,

o desenvolvimento da pesquisa de Vigotski deve igualmente ser lido com base nesse princípio. Apresentamos, no capítulo três, como Vigotski se inspirou nas situações experimentais de Kohler, as quais tinham como objetivo investigar o comportamento dos chimpanzés, para criar as situações experimentais que estudaram a atividade instrumental da criança. O modelo de coleta de dados limitado a situações experimentais controladas, usado tradicionalmente naquele período, tanto por psicólogos quanto por reflexólogos, influenciou ainda Vigotski. É muito provável que os procedimentos de pesquisa calcados nos ambientes controlados perderam sua rigidez, no final de sua produção. Em síntese, o princípio da determinação social do conhecimento pode ser constatado, ao analisarmos historicamente a produção de Vigotski. Isso mostra que a relação entre o sujeito e o objeto do conhecimento nunca é neutra e é sempre multideterminada.

Nosso objetivo foi demonstrar, portanto, que o seu método não foi um encontro de um sujeito, puro e abstrato, com um fenômeno, objetivo e concreto, no qual o primeiro apenas descreve o segundo de forma mais fiel, tal como lhe aparece. Isso produziria apenas uma descrição e não uma explicação do fenômeno. Na verdade, o seu contato com o objeto é prenhe de mediações oportunizadas pelos dados e teorias produzidas por uma infinidade de outros autores, fato que remete a uma produção que é social e histórica. Precisamente por essa razão, tal método difere do método positivista de pesquisa, o qual crê na existência de uma observação “pura” do fenômeno e a criação de uma hipótese sobre ele que não se relaciona a nada, a não ser ao próprio objeto. Como vimos, no capítulo primeiro, os próprios racionalistas críticos, como Popper, compreenderam o limite de tal postura de produção de conhecimento.

Na sequência, abordaremos o problema da relação entre objeto de estudo, princípio explicativo, modo de proceder a análise e do método de análise. Cabe ressaltar o fato de que esses aspectos estão intimamente conectados, na produção de Vigotski. Contudo, não são aspectos metodológicos que se autodeterminam reciprocamente, independentemente do objeto. Ao contrário, eles se relacionam por meio da dialética entre a teoria e a prática de pesquisa.

### **8.3 Objeto de estudo e princípio explicativo**

Vigotski reafirmou, ao longo de sua obra, a possibilidade e a necessidade do estudo da consciência. Como enfatizamos, tal indicação remonta ao período inicial da sua reflexão sobre os fundamentos da Psicologia. Sua convocação se refletiu numa “batalha pela consciência (DAFERMOS, 2018). Foi uma batalha, porque foi preciso negar o que se produziu até aquele momento e desenvolver os procedimentos que tivessem condições de explicar a consciência.

Assim como não existe uma única definição em Marx sobre o que é o “capital”, pois as categorias “[...] expressam formas de ser, determinações de existência” (MARX, [1857] 2011, p. 85), o mesmo pode ser constatado em Vigotski. Marx alerta que as categorias econômicas não começam, quando se empreendem os primeiros discursos sobre elas, mas “[...] sua ordem é determinada, ao contrário, pela relação que têm entre si na moderna sociedade burguesa, e que é exatamente o inverso do que aparece como sua ordem natural ou da ordem que corresponde ao desenvolvimento histórico.” (MARX, [1857] 2011, p. 87). Ou seja, a categoria “começa” pelo final, pela relação inversa ao desenvolvimento histórico do objeto. Desse modo, Marx trata da relação entre categorias “simples” e as categorias concretas, sendo uma mais ligada diretamente ao objeto e outra mais abstrata. Sobre essa questão, Marx ([1857] 2011, p. 79-80) afirma:

[...] as categorias simples são expressões de relações nas quais o concreto ainda não desenvolvido pode ter se realizado sem ainda ter posto a conexão ou a relação mais multilateral que é mentalmente expressa nas categorias mais concretas; enquanto o concreto mais desenvolvido conserva essa mesma categoria como uma relação subordinada. [...] A partir desse ponto de vista, portanto, pode ser dito que a categoria mais simples pode expressar relações dominantes de um todo ainda não desenvolvido, ou relações subordinadas de um todo desenvolvido que já tinham existência histórica antes que o todo se desenvolvesse no sentido que é expresso em uma categoria mais concreta. Nesse caso, o curso do pensamento abstrato, que se eleva do mais simples ao combinado, corresponderia ao processo histórico efetivo.

Dessa maneira, não encontramos uma “definição” em Vigotski, ao gosto da lógica formal, do que seja a consciência ou a personalidade consciente. O que temos são inúmeras formulações, ou aproximações sucessivas ao objeto, porém, que não o esgotam. Portanto, em Vigotski, é possível verificar o processo de elevação da sua explicação de formulações mais simples às mais concretas, no decurso do processo de desenvolvimento histórico da sua prática de pesquisa.

A consciência, por exemplo, pode ser analisada na relação entre as funções psicológicas elementares e superiores. Temos uma primeira aproximação, que parte da relação condicionante entre aspectos biológicos e culturais envolvidos na constituição da consciência. Essa relação explica o desenvolvimento histórico do objeto, mas, como destacado acima, não esgota suas determinações. Foram necessárias outras aproximações ao objeto.

Vigotski também compreende a consciência como reflexo da realidade (VIGOTSKI, 1934/2017a). Entretanto, essa constatação também não explica a consciência, porque ele aponta que não é o reflexo direto, mas o reflexo generalizado. Assim, essa caracterização também não “define” o objeto, pois se deve implicar que a generalização é um produto da comunicação [*obschenie*] entre duas pessoas.

Para desvelar essa natureza social e mediada pela generalização, fez-se necessário, por sua vez, recorrer a estudo do desenvolvimento do indivíduo, de sorte a se captar o papel desses dois aspectos (generalização e contato social), no processo de reflexo da realidade. Dessa forma, a consciência é também um sistema psicológico engendrado pela formação conceitual. A fim de realizar a aproximação ao aspecto semântico da consciência, foi preciso, por sua vez, investigar os aspectos externos e internos relativos ao desenvolvimento da linguagem.

Com isso, tem-se uma generalização ascendente, que parte dos aspectos mais imediatos (sua relação imediata com a base filogenética) e avança para as formas mais abstratas de sua explicação, que implica seu estatuto ontológico à formação conceitual e ao contato social. Além disso, sua aproximação ao seu objeto de estudo também pressupõe a dinâmica entre o pensamento e a atividade, somada aos aspectos afetivos ligados no sobrevoo do pensamento, o qual, ao mesmo tempo que ascende e se desliga da realidade imediata, ainda mantém com ela uma relação estreita, pois, como vimos, com os pacientes acometidos com a doença de Pick, a perda do contato com a realidade leva a um processo de descolamento da realidade exterior e interior. Em síntese, vemos, nesse movimento de aproximação ao objeto, a “lógica da concreção” da qual fala Marx, porque não encontramos em Vigotski uma única definição do que seja a consciência, mas a elevação do concreto ao abstrato, que, munida das determinações do objeto, pode retornar a ele, porém, não ao objeto na sua forma imediata, mas como “concreto pensado”.

A elevação da consciência ao objeto da Psicologia redundou num efeito em cadeia sobre os aspectos metodológicos, como o princípio explicativo. Sobre essa questão, Davydov e Radzikhovskii (1985, p. 46-47, grifo do autor) assim se expressam:

Como ele [Vigotski] notou, é necessário dar a consciência um status metodológico diferente. É necessário colocá-la na posição de um objeto de estudo independente [...]. Para isso, por sua vez, foi necessário identificar um novo princípio explicativo para a psicologia. Em outras palavras, foi necessário identificar um extrato da realidade que determina a consciência. Isso envolve começar com uma reconstrução **não-reducionista** da consciência. Essa foi a principal tarefa abordada por Vigotski como resultado da análise do problema da consciência, e também foi o principal resultado da sua análise. A resolução desse problema se tornou uma das tarefas básicas do trabalho científico de Vigotski.

Concordamos com os autores nesse ponto, pois o princípio explicativo não pode ser desvinculado do objeto na produção de Vigotski. Os procedimentos de pesquisa criados, juntamente com as formas de análise do objetivo considerado, são a expressão do princípio explicativo. Esse princípio explicativo, para fugir tanto do subjetivismo da Psicologia como

do reducionismo objetivista da reflexologia, deveria ser capaz de explicar, de uma forma não-reducionista, o “estrato da realidade” que determina, ou melhor, condiciona a consciência.

A busca por um princípio explicativo não reducionista permeou toda a produção de Vigotski, culminando com a ideia da origem social da consciência. Dentro desse percurso, gostaríamos de destacar alguns pontos centrais que se tornaram evidentes a esse respeito, ao longo da nossa pesquisa.

Como vimos anteriormente, a análise comparativa foi um recurso essencial para Vigotski explicar a gênese social do seu objeto de pesquisa. Ele buscou, na história da espécie humana e nos dados antropológicos sobre o desenvolvimento das culturas, subsídios para a explicação do comportamento consciente. Foi por meio dessa análise histórica que ele teve condições de formular o seu projeto de pesquisa experimental. É possível notar que, na entrada da década de 1930, ele também passou a se interessar pela análise da história do desenvolvimento das línguas. Ele compreendia que havia um paralelo entre a história da linguagem, na sociogênese, e a história da linguagem, na ontogênese. Ele afirmou, nos seus manuscritos, que “[...] a relação entre fala e pensamento não pode ser resolvida sem a história da linguagem.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 314).

Apesar da constatação da importância da análise comparativa, ele era categórico ao negar a possibilidade repetição, na ontogênese, do mesmo caminho trilhado pela espécie humana ou pela história social do homem, enquanto gênero humano. Como já argumentado anteriormente, a explicação da personalidade consciente deveria levar em conta que a forma ideal está dada desde o início, no desenvolvimento da criança. Esse fato não é observado nas outras duas linhas de desenvolvimento, a filogenética e a sociogenética. Por conseguinte, aquilo que pode explicar tal desenvolvimento deve ser buscado nas relações sociais e não unicamente na atividade prática da criança, menos ainda na sua constituição biológica, exclusivamente. Desse modo, tal premissa para o estudo do desenvolvimento humano entra em acordo com o “método reverso”, isto é, com o princípio de estudo do mais desenvolvido para explicar o menos desenvolvido. Conforme citado, Vigotski considerava um erro se concentrar no início do desenvolvimento. Para ele, “[...] a coisa mais importante não ocorre no começo, mas no final, pois o final contém o começo.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 247).

Como tentativa de esclarecermos essa posição, discorreremos sobre a relação entre epistemologia e ontologia, relação essa já mencionada, entretanto, que merece ser retomada, para fundamentar a análise de Vigotski sobre os processos que fazem a consciência se desenvolver. Veremos que, por trás dessa relação, existe o problema sobre o surgimento da



lógica do conhecimento. Vigotski era contrário à posição que considera a fixação de uma lógica na consciência como decorrente da ligação direta da atividade prática do homem. Passemos aos argumentos que justificam tais afirmações.

Observamos, no decorrer de nossa pesquisa, que Vigotski foi crítico das concepções que separavam ou fundiam epistemologia e ontologia. Comentamos que os casos paradigmáticos citados por Vigotski foram as posições antagônicas de Bergson e Binet. O primeiro teria dividido o problema ontológico e epistemológico. Conforme Vigotski (VYGOTSKY, [1932] 2018a), para esse filósofo, o cérebro é entendido como um órgão motor, mas a percepção é “puro espírito”. Isso mostra que, na interpretação de Vigotski, Bergson admite que o estatuto ontológico, ou a qualidade do ser, seja separada da forma que esse Ser conhece a realidade. A posição de Binet seria o extremo oposto. De modo divergente a Bergson, para Binet, haveria uma fusão entre os problemas ontológico e epistemológico, na medida em que compreende o cérebro como um “órgão sensório”, ao mesmo tempo que admite que a percepção ocorre “materialisticamente”. Em Binet, portanto, a qualidade do Ser seria o ponto de partida para o conhecimento da realidade, não havendo nenhuma forma espiritual de percepção. Em outros termos, para esse autor não haveria nenhuma mediação entre o ser e a realidade.

Vigotski não cita a Teoria da *Gestalt*, nessa crítica, mas acreditamos que ela possa ser filiada a uma posição similar àquela de Binet, pois, para Vigotski, a “[...] psicologia estrutural é uma psicologia naturalista, assim como a reflexologia.” (VIGOTSKI, [1932] 1968/2004i, p. 178). Nesse sentido, as posições naturalistas possuem uma tendência de fundir epistemologia e ontologia. Nossa hipótese é que a teoria piagetiana, pelo menos parte dela, também poderia ser enquadrada dentro dessa tradição. Piaget, segundo Vigotski (1934/2001a), construiu uma teoria do conhecimento que parte de um realismo ingênuo. A teoria autística do desenvolvimento infantil pressupõe uma determinação do conhecimento à base biológica. Em suas palavras, Vigotski afirma que “[...] o realismo ingênuo, atribuído à criança indica evidentemente que desde o início a própria natureza da consciência determina o fato de ela **refletir a realidade objetiva.**” (VIGOTSKI, 1934/2001, p. 88, grifo nosso). Lembremos que essa foi a posição da “epistemologia genética” de Piaget. Ou seja, fundar uma teoria do conhecimento, tendo como base as “estruturas” cognitivas que seriam construídas no contato da criança com a realidade.

Vigotski descobriu que a chave para a mediação entre o campo da atividade e o campo do pensamento é o significado da palavra. Dessa forma, para Vigotski, a consciência não seria o resultado da relação direta que a criança estabelece com a realidade. Já indicamos que ele

estava plenamente de acordo com o princípio de Marx, segundo o qual a vida determina a consciência. Conforme Vigotski (1934/2017a), a consciência reflete a realidade, mas não reflete da mesma forma, seja na história da sociogênese, seja da ontogênese. O que torna esse reflexo variável e não constante é o processo de generalização. Em suas palavras:

A generalização, como mostra Lenin, é uma forma extremamente diferente de reflexo da realidade. Não é um molde morto e especular, mas um ato em ziguezague que exige distanciamento da realidade e o retorno a ela, que inclui em si um pedacinho da fantasia e a fala, por um lado, está relacionado a *obschenie* e, por outro, à nova forma de refletir a realidade. Ele também diz que a forma generalizadora do reflexo da realidade pode ser colocada como a pedra angular no estudo da evolução da consciência infantil. (VIGOTSKI, 1934/2017, p. 214).

Vigotski deixa explícito, nessa passagem, que a generalização está relacionada à comunicação [*obschenie*]. Logo, “[...] generalização e a *obschenie* são duas faces da mesma moeda. *Obschenie*, no sentido geral da palavra, é possível apenas na relação com a generalização.” (p. 213). Existe uma relação dialética entre a comunicação entre duas pessoas ser possível por meio da generalização e o fato de esta surgir apenas do contato humano. Desse modo, a generalização não é algo “morto”, porém, é uma nova forma de refletir a realidade que se produz historicamente. Sobre a relação entre reflexo da realidade, generalização e desenvolvimento histórico da sociedade, Vigotski (1934/2017, p. 213) assim se expressa:

[...] a consciência humana não é o produto do desenvolvimento individual, mas um produto do desenvolvimento histórico da sociedade humana e, conseqüentemente, a consciência humana surge, cresce, altera-se na *obschenie* das pessoas. Ou seja, é fato que não ocorre de tal forma que na cabeça de cada um cresce sua própria consciência e que a pessoa efetua uma troca do produto pronto, mas a consciência cresce e cria funções fundamentais no processo de *obschenie*. Este fato necessita de explicação e também precisa que a ele seja dado um lugar correspondente quando falamos sobre o reflexo da realidade na consciência da pessoa.

Como citado no quinto capítulo, Vigotski criticou K. Lewin, por limitar o campo do pensamento ao campo da situação real. Conforme Vigotski, para Lewin, não haveria nenhuma mediação entre a realidade e a percepção dessa realidade. O pensamento seria o reflexo da realidade. Ao contrário, para Vigotski, a realidade é refratada na consciência, a partir do campo semântico. Assim, a explicação da origem do conhecimento e do desenvolvimento humano passa, em Vigotski, pela análise do papel do desenvolvimento dos sistemas conceituais.

No estudo do desenvolvimento dos conceitos, Vigotski (VYGOTSKI, 1931/2006a, p. 68) afirma que o “[a]dolescente com a formação de conceitos entra numa via de desenvolvimento que conduzirá mais tarde ao pensamento dialético.” Essa forma de

pensamento, a qual se consolida no desenvolvimento na adolescência e que se separa do pensamento visual-direto, permite a compreensão da realidade, nos seus vínculos mais essenciais:

**O caminho para o pensamento avança gradualmente através da linguagem** e, na idade de transição, é evidente o caráter duplo da situação. Por um lado, o adolescente, pela primeira vez, domina o pensamento conceitual, que é absolutamente **independente de ações concretas** e, por outro lado, justamente por causa do pensamento conceitual, pela primeira vez, as primeiras formas de relacionamentos específicos aparecem para o ser humano entre **pensamento e ação**, um processo que se distingue pela complexa **síntese hierárquica** de uma maneira ou de outra. (VYGOTSKI, 1931/2006a, p. 162, grifo nosso).

Para Vigotski, a consciência não reflete diretamente a ação prática, mas existe um caminho que “avança gradualmente através da linguagem”. Na medida em que se forma o caráter “duplo da situação”, isto é, quando a atividade real é “duplicada” na consciência, o adolescente se liberta das “ações concretas”. Com isso, uma forma específica de pensamento surge, que entrelaça “pensamento e ação”. Ocorreu uma “síntese hierárquica” e não uma tradução direta da ação no pensamento.

Tal posição de Vigotski é justificada, trazendo à baila o problema do surgimento da lógica do conhecimento. Apontamos, no capítulo quarto, que Vigotski se remete a Engels, para argumentar a favor da não separação entre o método lógico e histórico. O método da lógica seria o mesmo que o histórico, sem suas particularidades. Seguindo seu raciocínio, não há uma lógica separada da explicação do desenvolvimento psicológico. Além disso, a lógica também não se desloca um centímetro da prática. Para fundamentar essa questão, Vigotski alude à análise de Lênin da lógica de Hegel:

Como é sabido, Hegel buscou analisar em várias ocasiões a atividade prática do ser humano e, em particular, o emprego das ferramentas como uma dedução lógica desse emprego. V. I. Lenin em suas anotações sobre a obra de Hegel “A lógica” disse com referência às categorias lógicas e prática humana: “Quando Hegel tenta e, as vezes, se esforça e se empenha, até para fazer coincidir a atividade racional humana com as categorias lógicas, dizendo que essa atividade é a “conclusão” (Schluss), que o sujeito (o homem) desempenha o papel de “um membro” na “figura” lógica, de uma “conclusão”, etc.- **Não se trata somente de uma ideia forçada, de um jogo, há nela um conteúdo muito profundo, puramente material, é preciso colocá-la de cabeça pra baixo. A atividade prática humana teve que trazer à consciência do ser humano repetições incessantes de diversas figuras lógicas a fim de que possam adquirir o significado de axiomas.**” (LÊNIN, *Obras completas*, tomo 29, p. 172 *apud* VYGOTSKI, 1931/2006a, p. 162-163, grifo do autor).

Interpretamos, com essa passagem, que a consolidação de uma lógica na consciência, seja na história da sociedade, seja na história individual, não decorreu da passagem direta da atividade prática para a consciência. Ou seja, dizer que a **lógica** não se separa dos processos

psicológicos não significa dizer que ela surgiu de modo paralelo à prática humana. Portanto, a lógica seria o resultado da fixação no pensamento de “axiomas” gerais, que são o resultado da incessante dinâmica da ação humana na realidade prática. Por essa razão, a ação não se converte imediatamente em pensamento, mas se dinamiza a partir da mediação com a realidade, a qual é proporcionada pela linguagem. A ação se converte em pensamento, não de forma imediata, porém, mediada. Sobre essa questão Vigotski comenta:

A ação forma na linguagem juízos, converte a linguagem em um processo intelectual, fato que observamos nos experimentos com as crianças. O que a criança pensa na ação, isto é, o fato de empregar ferramentas utilizando ao mesmo tempo a linguagem, não somente modifica seu pensamento ao introduzir através da linguagem novas formas de utilização da experiência, mas modifica a própria linguagem, estruturando-a segundo um princípio intelectual, conferindo-a uma função intelectual. Também no plano filogenético, o qual falou V. I. Lenin, a **linguagem**, aparentemente, **desempenhou um papel decisivo ao consolidar na consciência humana figuras lógicas repetidas milhões de vezes na prática humana**. (VIGOTSKI, 1931/2006a, p. 163, grifo nosso).

Os processos lógicos, portanto, seriam as formas de pensamento mais gerais que “desconsideram” as formas particulares que se desenvolvem na história humana ou na história individual. Conforme Vigotski (1931/2006a, p. 80), a análise lógica do conceito proporciona a chave para o estudo psicológico. Para justificar essa interpretação, faremos uma última citação, desta vez, dos seus manuscritos:

Para o psicólogo, o conceito é movimento. O psicólogo e o estudioso da lógica estudam várias formas ou tipos de movimento do conceito: o primeiro [estuda] na cabeça e <ilegível> na consciência humana, e desconsiderando isto move-se no sistema de conhecimento objetivo; o segundo [estuda] no sistema de conhecimento objetivo, e desconsiderando o caráter único do aqui e a agora [*hic et nunc*] da consciência, desconsiderando **quem está pensando** (e descartando as conexões do conceito com as outras funções da consciência, mas para o psicólogo exatamente o último é o mais importante). Lévy-Bruhl e Piaget, em particular, misturam lógica e psicologia. (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 293, grifo do autor).

Em outro momento, Vigotski (1931/2006a) afirma que a contraposição entre o lógico e o psicológico, no estudo dos conceitos, é fruto de uma postura neokantiana. Ou seja, que admite a existência de uma lógica prévia ao desenvolvimento real dos processos psicológicos.

Em alguns manuscritos (VYGOTSKY, 2018a), Vigotski deixa evidente que o significado e o pensamento não coincidem. Em nossa hipótese, não coincidem, porque, para expressar a “lógica” do pensamento, é preciso acompanhar o seu desenvolvimento histórico, algo que uma palavra ou um conceito por si não permite condensar. Lembremos que significado somente pode existir como um sistema. Desse modo, o pensamento somente poderá ser compreendido através do sistema conceitual e, sobretudo, no referencial objetivo contido nesse significado. O caso da paciente Z expressa o que se dá com um pensamento que

é puro significado, sem o seu referencial. Além disso, nossa hipótese para a crítica de Vigotski a Piaget por “misturar lógica e psicologia” vem do fato de o psicólogo genebrino ter reduzido a lógica ao realismo ingênuo, tal como apontado, e não articulada com o papel da linguagem no processo de fixação da ação humana na consciência. Logo, a lógica seria reduzida ao início do desenvolvimento psicológico e não ao final, às formas mais abstratas e superiores do ser humano. Muito menos as relações sociais seriam o princípio explicativo.

Em síntese, Vigotski dá a entender que, por meio do significado, se pode conhecer o desenvolvimento do pensamento e, conseqüentemente, a lógica do conhecimento, apesar de não coincidirem. Com efeito, a lógica é consolidação da relação prática do homem sem as particularidades do seu intercâmbio com a realidade, quer na história da humanidade, quer no desenvolvimento individual.

Em suma, Vigotski compreendeu, no final da sua produção, que a explicação da origem social da consciência passa pelo reconhecimento de que a formação da personalidade não ocorre com a passagem direta da ação à consciência, mas se dá por meio da generalização, a qual é a face oposta do contato social. E o fundamento metódico por trás dessa premissa está no fato de que a explicação do desenvolvimento humano deve ser buscada nas suas formas mais desenvolvidas e não somente no início do processo de desenvolvimento.

#### **8.4 Modo de proceder à análise**

Vigotski aperfeiçoou metodologias e desenvolveu outras para guiar sua prática de pesquisa. Ele fez isso, durante toda a sua produção em Psicologia. O estudo de correntes teóricas e metodologias de pesquisa (bem como a crítica delas), juntamente com a prática investigativa, perduraram até o fim de sua vida. Desse modo, podemos observar que, ao longo da sua trajetória, ele se apropriou e desenvolveu alguns enfoques de pesquisa, que se alteraram, no contato direto com o objeto de análise, pois, como temos defendido, existiu uma relação dialética entre metodologia do conhecimento e procedimentos de pesquisa. A seguir, faremos uma síntese desses procedimentos e como eles se desenvolveram, ao longo da sua obra.

##### **8.4.1 Em busca da análise indireta do fenômeno psicológico**

A principal crítica de Vigotski às correntes psicológicas da época foi que elas pretendiam desenvolver uma teoria objetiva do homem, limitando-se à observação direta do fenômeno. A reflexologia e o behaviorismo são exemplares, nesse sentido, porque admitem a impossibilidade de estudo da consciência e se concentram nos indícios externos do

comportamento. Diante dessa situação, um dos principais problemas metodológicos de Vigotski era criar uma forma indireta de análise da consciência.

A sua tentativa de articulação dos métodos reflexológicos e psicológicos (VIGOTSKI, [1924] 1926/2004b) e, depois, a manifestação da necessidade de estudo da relação entre consciência e comportamento (VIGOTSKI, 1925/2004c) refletem metodologicamente seu principal objetivo. Todavia, foi somente com o estudo da atividade instrumental que Vigotski colocou em prática os princípios e procedimentos de pesquisa que favoreciam abordar a consciência de forma indireta. É preciso ter em vista que os procedimentos de análise desenvolvidos tiveram como ponto de partida o seu entendimento de que objeto de análise e princípio explicativo não se fundem. Isto é, ele somente colocou como tarefa o estudo da consciência para além do seu aspecto observável, porque ele observava o princípio de que existem elementos exteriores à consciência que a condicionam.

Para Vigotski, seriam falsas as premissas de acordo com as quais somente podemos estudar aquilo de que “[...] temos consciência imediata.” (VIGOTSKI, [1925] 1965/1999a, p. 25). Essas premissas seriam falsas, porque diversas áreas do conhecimento estudam os seus objetos indiretamente, através de analogias, hipóteses, conjecturas, deduções etc. Conforme Vigotski, “[...] assim se criam, por exemplo, todos os quadros do passado, que restabelecemos através de variadíssimas estimativas e hipóteses baseadas em material que freqüentemente não apresenta nenhuma semelhança com esses quadros.” (VIGOTSKI, [1925] 1965/1999a, p. 25). Este é o caso, por exemplo, da zoologia. Essa ciência, segundo ele, obtém inúmeras conclusões sobre os animais antepassados apenas com base nos seus vestígios fossilizados. Outros exemplos seriam o historiador e o geólogo, que estudam o passado com base nos vestígios deixados, sendo obrigados a “[...] recriar o seu objeto de estudo com auxílio de métodos indiretos, isto é, analíticos.” (VIGOTSKI, [1925] 1965/1999a, p. 25). Outra analogia utilizada por Vigotski é aquela que compara o fenômeno psicológico com um crime, no qual o delegado ou juiz tem diante de si apenas vestígios, pistas, provas e testemunhas do crime. Analisando a possibilidade de análise objetiva da obra de arte, assim Vigotski sintetizou sua posição sobre o estudo indireto:

Da mesma forma age a psicologia, quando recorre a depoimentos do leitor ou do espectador. Mas de forma alguma decorre daí que o juiz deva recusar-se terminantemente a ouvir as partes interessadas, uma vez que as priva antecipadamente de confiança. Da mesma forma o psicólogo nunca se recusa a usar esse ou aquele material, embora este possa ser de antemão reconhecido como falso. Só confrontando toda uma série de teses falsas, submetendo-as à verificação através de testemunhos objetivos, provas materiais, etc. o juiz estabelece a verdade. O historiador também tem de usar quase sempre materiais notoriamente falsos e parciais, e, exatamente como o historiador e o geólogo que antes recriam o objeto do

seu estudo e só depois o levam a estudo, o psicólogo é levado a recorrer mais amiúde precisamente a provas materiais, às próprias obras de arte, e com base nelas recriar a psicologia que lhes corresponde, para ter a possibilidade de estudar essa psicologia e as leis que a regem. (VIGOTSKI, [1925] 1965/1999a, p. 25).

Essa passagem evidencia a posição de Vigotski em relação ao estudo indireto do fenômeno. Para ele, é preciso recorrer a todo tipo de vestígio disponível para analisar o fenômeno psicológico. Por isso, ele levava em conta a necessidade de utilização de “multimédodos”, isto é, o testemunho deveria ser uma dentre outras ferramentas de pesquisa, necessitando de outros procedimentos complementares, para lhe conferir objetividade.

No artigo no qual discutia a necessidade de articulação dos métodos reflexológicos e psicológicos, Vigotski ([1924] 1926/2004b) expressou mais diretamente o seu enfoque de análise dos indícios indiretos do objeto. De maneira mais aprofundada do que na discussão sobre os métodos de estudo psicológico da arte, nesse texto, há uma valorização do “interrogatório” como procedimento de análise. Vigotski aponta que o interrogatório deve ser valorizado pelos “psicólogos objetivistas” de forma diferente da que empregam os reflexologistas e a Psicologia subjetivista. Os reflexologistas desconsideravam qualquer indício que pudesse denotar os “reflexos inibidos”, semi-inibidos ou interrompidos. Esses pesquisadores somente lidavam com os reflexos manifestos, observáveis pelo experimentador.

O valor do testemunho, nessa fase de sua produção, estava no fato de que “[...] os reflexos não-manifestos (fala silenciosa), os reflexos internos, inacessíveis à percepção direta do observador, podem com frequência manifestar-se indiretamente, de forma mediada, através de reflexos acessíveis à observação e em relação aos quais desempenham papel de excitante.” (VIGOTSKI, [1924] 1926/2004b, p. 13). Vigotski salienta, dada a importância da palavra como excitante, que seria um “[...] suicídio para a ciência, dado o enorme papel que a psique - isto é, o grupo de reflexos inibidos - desempenha na estrutura da conduta, renunciar a ter acesso a ela através de um caminho indireto.” (VIGOTSKI, [1924] 1926/2004b, p. 13). Desse modo, a palavra já era considerada, nesse momento, como a via de acesso indireto à consciência.

Isso não quer dizer que esse interrogatório seja o mesmo que a introspecção. Vigotski deixa isso claro. Ele destaca a importância do testemunho, mas se nega a conceber esse procedimento nos moldes dos psicólogos subjetivistas, os quais viam o sujeito como um observador do seu próprio pensamento. Nessa metodologia, Vigotski afirma que o sujeito não é a testemunha de um crime, contudo, o próprio criminoso, no momento do crime. Ele se remete a Koffka, ao ressaltar que a observação da vivência interna modifica o próprio objeto (VIGOTSKI, [1924] 1926/2004b). Ou seja, quando o observador se funde com o observado,

modifica-se o objeto da observação. Ao buscar observar internamente a vivência de medo, por exemplo, no momento do relato dessa observação, esse medo ou não existe mais ou já perdeu a sua força. Portanto, diferentemente da introspecção, o objetivo do interrogatório não é extrair as vivências do sujeito. Por essa razão, ele reafirma que a testemunha deve ser reorientada por uma metodologia objetiva.

A despeito da importância do testemunho para a metodologia de pesquisa, este somente poderia ser aplicado plenamente ao sujeito adulto “normal” (VIGOTSKI, [1924] 1926/2004b). Este foi um limite encontrado por Vigotski, na análise do interrogatório como procedimento de pesquisa. Em razão disso, em nossa opinião, Vigotski deixou de lado o estudo baseado no interrogatório, ao criar o método instrumental. Isso ocorreu, porque o interrogatório entrava em conflito com o princípio do estudo genético, isto é, por meio dele não seria possível recorrer ao testemunho das crianças de maneira objetiva. Para sair desse limite metodológico, Vigotski e seus colaboradores passaram a desenvolver situações experimentais que não necessitassem, em tese, da total confiança no testemunho. Ou seja, situações experimentais que tornassem externos os mecanismos internos do pensamento. As pesquisas utilizando o ato instrumental não tinham como objetivo coletar o interrogatório, apesar de a comunicação entre pesquisador e pesquisado ser totalmente baseada na linguagem verbal. Por outro lado, as pesquisas que colocavam as crianças em situações-problema e verificavam o papel da linguagem na sua resolução observavam indiretamente o “interrogatório” da criança.

Destacamos, na apresentação da mudança efetivada por Vigotski do uso do método instrumental para o estudo da formação dos conceitos, que este também se orientava pela transformação de processos psicológicos internos, em sua expressão externa. As situações experimentais foram criadas para que a dupla estimulação suscitasse certos comportamentos capazes de denotar os processos internos desenvolvidos para a realização da tarefa. Era preciso avaliar as reações desencadeadas pelos estímulos (objetos e palavras) externamente e observar o seu papel genético e funcional.

É possível notar a volta da importância do interrogatório, durante a década de 1930. Os estudos de casos clínicos, como demonstrado no capítulo quarto, se baseavam amplamente nos testemunhos dos pacientes. Samukhin, Birenbaum e Vigotski (1934) realizaram um verdadeiro trabalho de detetive, a fim de analisar os pacientes K e Z. Eles buscaram testemunhas da vida pregressa dos pacientes e adaptaram o interrogatório, para tornar a patologia evidente. Como vimos, a análise do discurso dos pacientes, sobretudo no que dizia respeito à relação entre o significado e o pensamento, possibilitaram aos pesquisadores inferir



os danos e limites operados pela psicopatologia. Além disso, as pesquisas de Luria, na Ásia Central, também expressam essa importância dada ao testemunho como instrumento metodológico. Nesses diferentes procedimentos de coleta, o discurso do sujeito experimental é utilizado como elemento de análise da sua forma de pensamento.

Do ponto de vista das pesquisas sobre o desenvolvimento dos conceitos espontâneos e científicos, observamos uma implicação do pesquisador, ao criar situações nas quais havia o desenvolvimento do conceito na relação com o pesquisador, diferentemente da redução deste a mero observador do processo de resolução de problemas da fase instrumental e nas pesquisas com conceitos artificiais. Dessa maneira, a diferença em relação ao método clínico de Piaget estaria no fato de que as situações experimentais de estudo dos conceitos científicos, elaboradas por Vigotski e Chif, não partiam do conceito já pronto, ou tal como a criança já havia desenvolvido. Entretanto, ao contrário, organizavam aulas nas quais os conceitos científicos eram ensinados. Após esse ensino, as crianças eram colocadas diante dos problemas. Nessa linha, as definições dos conceitos não eram limitadas aos conceitos já desenvolvidos espontâneos, mas focalizavam os científicos, que eram aqueles que seriam desenvolvidos por meio do ensino.

Em suma, o objetivo de Vigotski foi criar procedimentos para superar a “velha Psicologia”, principalmente as orientações reducionistas e descritivas, que se negavam a explicar cientificamente os processos psíquicos. Para que os fenômenos superiores pudessem ser observados indiretamente, Vigotski se valeu de alguns outros enfoques metodológicos, os quais apresentaremos nas próximas seções.

#### 8.4.2 Historicidade como fundamento metodológico

O núcleo duro da análise de Vigotski é a consideração do desenvolvimento humano como um processo histórico. Ele foi um dos primeiros a buscar explicar a formação histórica da consciência. Esse aspecto da teoria é tão forte, que faz parte da forma com que os próprios psicólogos soviéticos se referem à teoria, chamando-a de “teoria histórico-cultural” ou “teoria histórico-social” (SCRIBNER, 1985).

O valor da análise histórica de Vigotski não se limita simplesmente ao desenvolvimento do indivíduo, mas também compreende historicamente a filogênese, a base biológica, quanto a sociogênese, a formação social. Isso quer dizer que, para o psicólogo soviético, o desenvolvimento da ontogênese não se restringe à história individual, mas é síntese da história do desenvolvimento da nossa espécie e da sociedade. Assim, todas as produções culturais são vistas por esse prisma.

Desde as suas pesquisas sobre a Psicologia da arte, a perspectiva da análise histórica já estava desenvolvida. Naquele momento, Vigotski deu extrema importância para a análise estética que considerasse os condicionamentos históricos e concretos da sociedade na qual determinada obra de arte foi produzida (VIGOTSKI, [1925] 1965/1999a). A arte seria uma forma de “ideologia” que surgiria condicionada por certos fatores sociais e econômicos que são historicamente determinados. Como já aludido, o próprio fazer científico seria determinado social e historicamente.

Mencionamos o fato de que, em meados da década de 1920, Vigotski tinha como objetivo coordenar uma visão que considerava as relações entre consciência e comportamento. Essa coordenação levou à sua investigação sobre a história do comportamento, inspirado por Blonski. Mostramos, no capítulo terceiro, que ele empreendeu estudos nos campos da Psicologia comparada e da Antropologia, a fim de entender os determinantes históricos do aparecimento do comportamento cultural. Nessa perspectiva, ele colocou como tarefa da Psicologia a investigação do desenvolvimento histórico e cultural do homem, de modo geral, do qual a história individual era apenas uma parte de sua explicação.

Vigotski criticou as correntes da sua época, por não conseguirem explicar, de forma científica, as funções psicológicas superiores, isto é, aquelas genuinamente humanas. As orientações naturalistas concebiam que tanto as funções elementares como as superiores eram explicadas pelas leis da biologia. Nenhuma das suas orientações conseguiu explicar satisfatoriamente a origem dos processos mentais superiores. Desse modo, explicação de Vigotski foi que apenas olhavam para o comportamento e perdiam de vista sua constituição histórica.

Portanto, o estudo histórico do gênero humano o levava a distinguir diferentes formas de funcionamento mental. Ele localizou as formas elementares ligadas ao aparato biológico e as formas superiores, ao domínio dos instrumentos culturais. A origem social dos instrumentos culturais, em consonância com o materialismo dialético de Marx e Engels, está na atividade de trabalho, a qual é a atividade especificamente humana que permitiu a nossa espécie se libertar das determinações biológicas criando uma outra natureza, sócio-histórica (CARMO, 2008).

Ao colocarmos em pauta a relação formulada por Vigotski entre a ontogênese e a sociogênese, surge, imediatamente, a polêmica envolvendo a comparação feita por ele entre o

pensamento do “homem primitivo”<sup>76</sup> e o da criança (VIGOTSKI; LURIA, 1930/1996). Alguns podem interpretar que, ao comparar o desenvolvimento, nessas duas situações, Vigotski estaria afirmando que um sujeito que viveu em tempos remotos ou em sociedades não industrializadas dos tempos modernos se compararia ao pensamento infantil. Em outros termos, essa interpretação julgaria que Vigotski partiria de uma visão de que a ontogênese repete a sociogênese, isto é, que o desenvolvimento infantil repetiria a mesma forma de aparecimento das formas superiores de pensamento, tal qual na história social do gênero humano.

Scribner (1985) afasta a possibilidade de realizarmos tal interpretação. A autora argumenta que as fontes de controvérsia desaparecem, quando nós saímos da análise superficial e adentramos na análise profunda que a comparação entre a história social e a ontogênese tem, para a teoria de Vigotski. Em primeiro lugar, o próprio Vigotski anunciou que era contrário ao paralelismo entre homem “primitivo” e criança. Em suas palavras, Vigotski assevera que “[...] no desenvolvimento da criança estão presentes (embora não repetidos) ambos os tipos de desenvolvimento psíquico que, de modo separado, encontramos na filogênese: o desenvolvimento do comportamento biológico e o histórico, ou o natural e cultural.” (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a, p. 35). Para que houvesse uma concepção de recapitulação de uma linha de desenvolvimento em outra, deveriam existir provas de que os processos de aquisição de instrumentos psicológicos pelas crianças repetem aqueles operados pelas formações sociais originárias.

Contrariamente a isso, Vigotski sustenta que as crianças assimilam sistemas de signos e desenvolvem processos superiores, através da apropriação dos produtos culturais já prontos. Os adultos, ao longo da história humana, inventaram e elaboraram tais sistemas de signos culturais. Portanto, existiria uma diferença grande entre criar um sistema de signos e usar os mesmos sistemas. Ademais, faltaria à posição de Vigotski uma característica fundamental das teorias “paralelistas”, que é a “teoria dos estágios” da história da cultural, os quais podem ser transferidos para os estágios da ontogênese.

Conforme Scribner (1985), não haveria nenhuma evidência de que Vigotski incorpora a doutrina dos estágios culturais. Historicamente, todas as sociedades humanas desenvolveram formas superiores de comportamento e pensamento. Ao criarem signos culturais, possibilitando a comunicação, todos os humanos incorporaram um sistema consciente, semântico. Por conseguinte, dado que adultos em distintas culturas desenvolveram

---

<sup>76</sup> Essa era a forma de tratamento empregada pelos pesquisadores, no início do século. Ela carregava uma forte carga eurocêntrica. Atualmente, utiliza-se o termo “povos originários”.

formas superiores de signos, impõe-se uma limitação para as interpretações das diferenças entre as populações adultas. As diferenças recairiam sobre a função que os instrumentos psicológicos possuem, em cada contexto. Vigotski não ofereceu uma progressão das culturas em estágios, isto é, ele não apresentou uma progressão linear das formas de comportamento.

Acrescentamos que, em função da necessidade metodológica criada por Vigotski de estudo das formas “fossilizadas” de comportamento, tanto na criança como na história geral, ele se viu obrigado a buscar essa analogia como ponto de partida para sua investigação. Ou seja, ao eleger, por exemplo, o surgimento da utilização de instrumentos para contar, pela criança, a sua busca pela explicação de como essas habilidades surgiram, ao longo da história social, foi uma derivação natural. Portanto, a própria busca da gênese das funções psicológicas na história social, de certo modo, já restringe a forma de estudo na ontogênese. Nesse sentido, Vigotski, seguindo Engels, comenta que o histórico e o lógico não se separam. A lógica do conhecimento deriva tanto da história do desenvolvimento do homem, no decurso da história social, quanto na história da formação do indivíduo. Por essa razão, há analogias entre o desenvolvimento da linguagem na história social e na criança, mas não uma recapitulação, já que, quando a criança nasce, a língua já está pronta.

Scribner (1985) complementa a sua análise, apontando que a metodologia de Vigotski passou por quatro momentos. O primeiro deles consistiu na observação do homem adulto contemporâneo. Ele observou as “formas rudimentares” de comportamento do homem adulto contemporâneo que pudessem expressar os vestígios do desenvolvimento histórico do comportamento. Vigotski ([1931] 1960/2000a) cita, por exemplo, o uso do nó no dedo como instrumento de memorização e a contagem utilizando os dedos. O segundo momento da investigação foi “observar” o chamado “homem primitivo”, por meio de registros “etnopsicológicos”. Ao analisar esses dados, ele percebeu que ocorriam transformações similares em diferentes formas culturais de comportamento. Isto é, ele observou que existia uma relação entre as formas de regulação social, portanto, externa, e as formas internas de regulação do comportamento. Por meio desses dados, ele entendeu ser possível analisar analogamente a ontogênese. Em razão da sua natureza hipotética, baseada em evidências documentais, surgiu a necessidade de tornar sua hipótese científica. Isso foi realizado por meio da elaboração de situações experimentais para a coleta de material factual. Esse teria sido o terceiro momento da sua pesquisa. “A genialidade de Vigotski leva em consideração a sequência histórica que pode servir como um modelo para um processo artificialmente evocado das mudanças nas crianças, um processo evocado através das situações experimentais.” (SCRIBNER, 1985, p. 136).

Vigotski partiu do princípio de que os experimentos deveriam ser adotados para investigar crianças em diferentes idades. Com isso, o pesquisador seria capaz de traçar o caminho interno percorrido pela transformação das formas psicológicas rudimentares em formas superiores. No entanto, como indicado nos capítulos anteriores, sua explicação que reduzia a passagem das formas externas de comportamento, nas crianças, para as formas internas, do adolescente e do adulto, não explicitava satisfatoriamente como ocorria o desenvolvimento histórico desse processo. Apesar da importância do experimento para modelar e controlar o processo, foram necessárias pesquisas orientadas para observações do comportamento da criança, em suas atividades diárias, nos diversos períodos de seu desenvolvimento, sobretudo na sua relação com o meio social. Esse foi, segundo Scribner (1985), o quarto momento da pesquisa de Vigotski.

Em suma, concordamos com Scribner (1985), quando ressalta que, malgrado as ambiguidades surgidas nesse caminho traçado por Vigotski, seus propósitos foram heurísticos. Ele procurou avançar na pesquisa objetiva e, para isso, desenvolveu uma hipótese de estudo do surgimento das funções psicológicas superiores. Entretanto, como destacado em diferentes momentos, tal orientação metodológica se mostrou limitadora.

Em que pese sua competente análise dos usos da história feitos por Vigotski, Scribner (1985) reconhece que sua análise se limita ao tratamento sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e não aborda a totalidade da formação dos conceitos e seu papel para o desenvolvimento das mudanças sócio-históricas do pensamento.

Ora, Scribner afirma que Vigotski falhou em sua metodologia histórica, ao não abranger “[...] uma gama completa do ‘fenômeno em movimento’ da histórica geral nem da história individual.” (SCRIBNER, 1985, p. 138). É provável que a autora não tenha tido acesso a textos como “Sobre os sistemas psicológicos”, pois, como demonstramos, em tal texto há a confirmação de que o próprio Vigotski percebeu essa falha. A autora se alinha à nossa análise de que Vigotski, no período em que utilizou o método instrumental, separou o estudo das funções psicológicas superiores do desenvolvimento geral da criança. Esse mesmo foco no estudo da atividade mediada foi reproduzido no estudo da formação dos conceitos.

O estudo da gênese histórica dos processos psicológicos superiores se mostrou insuficiente para explicar a formação da consciência. Vigotski percebeu que era indispensável voltar-se para o estudo tanto das formas superiores quanto do processo de desintegração delas. A análise histórica ainda tinha um valor central para ele, na entrada da década de 1930. Contudo, vendo a importância dos conceitos para a formação da consciência, como assinalamos no capítulo quarto, ele entendeu que seria preciso explicar como os conceitos se

formavam, ao longo do desenvolvimento individual. Uma forma complementar do estudo também foi estudar como esses conceitos, desenvolvidos em suas formações superiores, regrediam, em condições psicopatológicas. Nesse caso, ainda havia uma preocupação com a história, porém, com uma história “reversa”, isto é, que pretendia compreender o processo histórico da desintegração da consciência.

Vigotski teve na abordagem histórica um dos principais enfoques da sua pesquisa, até o final da sua vida. Como demonstrado nos capítulos quarto e quinto, o estudo do conceito, em sua processualidade histórica, foi almejado no início da década de 1930. As pesquisas realizadas em parceria com Sakharov, para o estudo dos conceitos, utilizando conceitos artificiais, tinham com princípio estudar os conceitos em suas modificações, ao longo da ontogênese. Também como descrito nos capítulos quarto e quinto, vimos que a análise histórica foi a base para as pesquisas sobre o desenvolvimento infantil, levadas a cabo entre 1933 e 1934. O conceito de situação social de desenvolvimento, crises do desenvolvimento e vivência são extremamente úteis e frutíferos, a fim de se levar em consideração a dinâmica operada entre o indivíduo e o meio social, em diferentes momentos da ontogênese.

#### 8.4.3 Método reverso

Fez parte das preocupações teórico-metodológicas, conforme destacado no capítulo terceiro, a necessidade de estudo da forma mais desenvolvida do fenômeno, tal como proposto por Marx. As pesquisas utilizando o paradigma instrumental não colocaram em prática esse procedimento, pois, como vimos, ao elevar a ato instrumental como método de análise, Vigotski ficou refém da observação do fenômeno, em sua fase inicial. Esse limite da pesquisa deve ser creditado, em parte, à influência das pesquisas de Kohler. Vigotski tomou como base para o desenho das situações experimentais as pesquisas desenvolvidas por esse autor com chimpanzés. Nessas pesquisas, Kohler buscou investigar como os chimpanzés usavam instrumentos para resolver determinadas tarefas. As pesquisas foram feitas no contexto da Psicologia Estrutural, com o objetivo de demonstrar a relação entre leis da percepção e do pensamento. Assim, ao transferir situações análogas aos estudos com chimpanzés para a resolução de tarefas pelas crianças, empregando instrumentos físicos e psicológicos, Vigotski acabou por limitar a observação aos processos psicológicos elementares.

Em nossa hipótese, o que Vigotski fez, inicialmente, teria sido o mesmo que os economistas clássicos, os quais buscaram explicar a sociedade burguesa estudando as sociedades primitivas. As categorias econômicas, na sociedade burguesa, possuem determinações diferentes daquelas que estavam presentes no percurso histórico das sociedades

primitivas. Lembremos a passagem de Marx, citada acima, em que a categoria é definida pela forma inversa daquela que aparece no desenvolvimento histórico. O mesmo processo pode ser verificado na explicação de Vigotski da relação entre as funções psicológicas. Estas, na adolescência, organizadas pelos conceitos, possuem uma determinação diferente do período inicial do desenvolvimento psicológico, no qual os conceitos ainda não estão formados e, portanto, redundam numa dinâmica distinta da forma superior de relação interfuncional. Vigotski constatou esse fato somente ao fazer o caminho inverso, no estudo do desenvolvimento, isto é, ao investigar a forma mais desenvolvida da função psicológica, notadamente a adolescência e, ao mesmo tempo, comparar com o processo de desintegração desse processo constituído nessa fase do desenvolvimento.

Conforme ressaltado, no capítulo terceiro, outro parâmetro de pesquisa para o estudo da atividade mediada foi o estudo dos comportamentos “fossilizados”, isto é, dos processos “psíquicos automatizados e mecânicos”. O experimentador

[...] deve transformar frequentemente sua natureza automática, mecanizada e fossilizada da forma superior, retraindo seu desenvolvimento histórico, fazendo com que retorne experimentalmente à forma que nos interessa, aos seus momentos iniciais para ter a possibilidade de observar o processo no seu nascimento. (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a, p. 105).

Ao observar o adolescente e verificar que os conceitos completam o seu desenvolvimento, nessa fase da vida, Vigotski se deparou com os limites do estudo do comportamento mediado. Ao final da sua produção, os estudos dos comportamentos fossilizados foram percebidos como insuficientes para a investigação das estruturas superiores da consciência. Por isso, ele reorientou os procedimentos utilizados nas pesquisas com os conceitos artificiais, para abarcar o desenvolvimento dos conceitos, em várias etapas do desenvolvimento, sobretudo aquelas fases intermediárias entre o pensamento visual-direto e os abstratos. Apesar do benefício dessa reorientação da sua pesquisa, nossa hipótese é que ela ainda se restringiu ao estudo dos comportamentos fossilizados, ou seja, automáticos. As crianças manipulavam as peças, encontravam os padrões e resolviam a tarefa, criando certos “conceitos” pré-determinados. Não era uma generalização que se desenvolvia livremente, na vida cotidiana, com base no processo de comunicação e relação com a realidade objetiva.

Após a elevação do significado da palavra a unidade de análise da consciência, ficou claro que o estudo do comportamento fossilizado era um limite para a pesquisa experimental. O método de estudo do comportamento fossilizado é incompatível com o princípio da “unidade de análise”, na medida em que, para se ter uma unidade, é preciso existirem processos em relação dinâmica. Ao invés disso, o “fóssil” não permite captar essas interações

“vivas”, em sua processualidade. Para continuar na analogia, aquilo que está fossilizado é algo morto, inerte, diferente das exigências que o próprio Vigotski impôs, isto é, de estudar o processo e não o objeto.

Em outras palavras, podemos asseverar que existe uma contradição entre a proposta de estudo dos “comportamentos fossilizados” e o enfoque do estudo do processo e não do objeto, além da explicação e não descrição, pois como podemos estudar o processo de um objeto que é inerte? Do mesmo modo, como podemos explicar algo que é “mecânico e automatizado”? Veresov (2014) tem por princípio o estudo do início do processo como sendo o fundamento do método de Vigotski. O estudo da gênese é fundamental para o estudo do sistema psicológico, contudo, Vigotski, no final de sua produção, não se limitou ao estudo da gênese. Em resumo, tal limite é uma expressão do método de análise das partes componentes.

A metáfora empregada por Vigotski e citada acima, de que a pesquisa do psicólogo deve ser inspirar na pesquisa do arqueólogo e do historiador, não é mais do que isso, uma metáfora, se considerarmos o limite do estudo do comportamento fossilizado. Vigotski se deu conta de que o seu objeto é um objeto vivo, dinâmico, o qual pode ter sua processualidade analisada em “tempo real”. O arqueólogo e o historiador não têm, cada qual, o seu objeto diante de si. Por essa razão, o princípio da “reconstrução” do fenômeno, em sua obra, deve ser analisado tendo em vista esse problema.

Mesmo o estudo da gênese das funções psicológicas superiores passou a levar em conta que a forma final do desenvolvimento já está presente no início do desenvolvimento infantil, na sua forma “terminal”. Desse modo, o estudo da criança veio a ser organizado pela análise da forma ideal presente no meio social. Este foi um avanço significativo em relação às pesquisas experimentais que utilizavam o método instrumental, o qual apenas captava a relação da criança com o meio, de uma maneira muito limitada, que não passava pela análise das formas iniciais.

No final de sua vida, Vigotski reafirmou a necessidade de estudo das formas mais desenvolvidas, que ele caracterizou de “Psicologia do ápice”. A análise semântica da consciência deveria explicar as formas superiores de generalização. Vigotski percebeu que o mais importante era o que vinha ao final do processo de desenvolvimento e não o seu início, apesar, obviamente, da importância dada ao estudo genético, segundo já mencionado. A mudança do seu estudo das formas de comportamento menos desenvolvidas para as mais desenvolvidas pode ser conferida na análise dos procedimentos práticos usados para a coleta de dados. Sobre essa questão, discutiremos na sequência.



#### 8.4.4 Os procedimentos de pesquisa

Entender a diferença entre a metodologia do conhecimento e os procedimentos de pesquisa é essencial na análise do problema do método, na obra de Vigotski. Como já mencionado, existe uma unidade entre uma forma e outra, no processo de escavação do real. A metodologia do conhecimento, para a orientação materialista dialética, não é determinada pela racionalidade do pesquisador. O mesmo ocorre com os procedimentos práticos de pesquisa. Eles não são entes abstratos que independem das condições históricas, tanto do fazer científico quanto da condição histórica do objeto. Sobre essa questão, Vigotski (VYGOTSKY, [1927] 2018a, p. 110) alerta: “A primeira coisa que nós devemos evitar é considerar os métodos<sup>77</sup> em uma forma puramente abstrata, fora do tempo e do espaço. O papel do método nesta ou naquela ciência particular é sempre dependente, subordinado, ao objetivo.” Além disso, Vigotski discorda da concepção que relega a observação a uma relíquia do passado. Para ele, nada é mais incorreto, “[...] anti-histórico do que seguir o raciocínio histórico”, ou seja, aquele que diz que os métodos mais novos são melhores. “A idade não é o critério mais importante para se julgar um método.” (VYGOTSKY, [1927] 2018a, p. 110). O autor, por consequência, continua reafirmando a importância da observação para a metodologia experimental da Psicologia. Ele arremata a discussão com a seguinte reflexão:

Os psicólogos irão concordar comigo. Não uma hierarquia de método, mas a cooperação de todo tipo de método, os fundamentos da matéria e da dialética em princípio. A questão não deve ser colocada dessa forma: Um método é qualitativo, o outro quantitativo, e um terceiro subordinado. Estou convencido de que o experimento terá o mesmo papel na pedagogia como tem nas ciências naturais, mas eu não gostaria de fazer “parte da luta” e defender essa opinião. Nós devemos respeitar o trabalho científico de outras pessoas, nós devemos respeitar o nosso próprio trabalho e evitar a condenação peremptória de todos os métodos, exceto os nossos, e não devemos provar a fraqueza das palavras dos outros, mas nossa própria força na prática. O futuro decidirá cujo mérito histórico na criação de uma pedagogia marxista genuína será mais substancial. A tarefa do presente é usar todos os métodos científicos, ideologicamente sólidos, de boa qualidade, sem brigar com antecedência, como maus trabalhadores, sobre quem fará mais. Devemos estar felizes por haver muitos métodos; **Deveria haver ainda mais**; somos pobres porque existem poucos métodos até agora; Devemos estar felizes, digo, pois, caso contrário, o trabalho criativo coletivo se transformará na execução servil de uma e mesma tarefa. (VYGOTSKY, [1927] 2018a, p. 111, grifo do autor).

Transcrevemos essa longa passagem para demonstrar como Vigotski pensava os procedimentos de pesquisa. A essência de sua posição é que nem a teoria do conhecimento nem os procedimentos de pesquisa são estáticos. Eles devem ser orientados pela “força na prática”. Devem estar em constante mudança. Um procedimento de pesquisa inadequado não

---

<sup>77</sup> Aqui, no sentido de procedimentos de pesquisa.

favorece o conhecimento do fenômeno como também pode limitar a sua reprodução. Ademais, o pesquisador não deve condenar os métodos alheios, todavia, precisa provar a fraqueza dos seus próprios métodos. A trajetória de sua pesquisa, desde a tentativa de conciliação dos métodos reflexológicos e psicológicos, passando pelo desenvolvimento do método instrumental e do estudo dos conceitos artificiais, culminando no método semântico, tanto a prova dos procedimentos à prática, quanto a crítica de Vigotski à fraqueza dos próprios métodos.

O interrogatório foi visto por Vigotski, em meados da década de 1920, como a saída metodológica para o problema da análise da consciência. Ele seria aliado à concepção das palavras como estímulos reversíveis, os quais, ao transmitirem a história social, levam ao desenvolvimento da consciência. Vigotski, como vimos, logo abandonou a centralidade conferida a esse procedimento de pesquisa. Por influência do modelo de investigação experimental e pela sua necessidade de estudar a gênese do desenvolvimento, ele voltou sua atenção para as situações experimentais, ao estilo daquelas de Kohler. Com essa modificação, a metodologia da dupla estimulação passou a se tornar central, na sua investigação. O encadeamento de uma série de dois estímulos foi a base para as pesquisas do ato instrumental.

Como temos sublinhado, na década de 1930, Vigotski percebeu que o método instrumental era insuficiente para o estudo da consciência. Em 1932, ele escreveu que focalizou a atenção no signo, em detrimento da operação com o signo. No mesmo ano, ele afirmou que faltou um método análogo ao método de dupla estimulação. O novo método seria encontrado, segundo o autor, na análise do conceito. Mostramos, no capítulo quarto, que Vigotski, juntamente com Sakharov, principiou a estudar os conceitos através da replicação de pesquisas de outros cientistas. Após perceber os limites dessas pesquisas, eles as adaptaram e desenvolveram um novo modelo experimental. Contudo, ao longo do tempo, ele também percebeu os limites desse tipo de método experimental. Como abordado, o caráter artificial foi tanto a força como a fraqueza das investigações.

É possível notar, no estudo dos conceitos artificiais, que Vigotski tinha em mente os mesmos procedimentos de pesquisa adotados no estudo do método instrumental. O método de dupla estimulação é o procedimento que liga um modelo de pesquisa a outro. O objetivo principal era reconstruir o processo de formação conceitual. A base dessa reconstrução, seguindo sua orientação anterior, era o estudo da gênese do processo. Mas, diferentemente do estudo do método instrumental, que se limitava ao início da relação da criança com um instrumento psicológico, no estudo dos conceitos artificiais ele buscou acompanhar as várias fases pelas quais, em tese, o conceito se desenvolveria. Essa foi a diferença que marcou a

passagem do método genético-experimental para o método dos cortes genéticos. A novidade dos estudos com conceitos artificiais em relação às pesquisas sobre a atividade mediada está no fato de que Vigotski pretendia observar a forma “superior” de utilização dos signos, não simplesmente como instrumentos psicológicos, porém, como a base para o pensamento com conceitos.

Analisando os seus cadernos e anotações recentemente publicados, podemos vislumbrar os motivos para ter visto tal procedimento de pesquisa restritivo para a pesquisa sobre a formação dos conceitos. Vigotski afirma que errou nas avaliações dos experimentos de Sakharov, ao assumir que havia “[...] um conceito e não um sistema.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 263). Vigotski resume essa questão da seguinte maneira: “O signo é o fator mais importante na criação do sistema, mas o signo é apenas parte de todo o processo, cujo outro polo e parte interna integral é o significado, sem o qual não há o completo entendimento da operação com o signo.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 257).

Uma das funções principais das situações experimentais é a possibilidade do controle do fenômeno. Contudo, tanto no caso das pesquisas amparadas no método instrumental como no estudo dos conceitos artificiais, esse controle veio seguido por uma limitação da observação do fenômeno. As investigações que empregaram a metodologia dos conceitos artificiais foram igualmente limitadas, porque, como mostramos, elas não possibilitaram a observação da formação do sistema conceitual na vida cotidiana, característica nuclear dos conceitos. Na situação experimental, eles não possuíam sua característica principal, que era a ligação sistêmica, proporcionada pelo contato social e com a realidade objetiva. Com isso, a reconstrução do fenômeno como procedimento de pesquisa entrou em crise, no início da década de 1930. Desse modo, Vigotski buscou outros procedimentos que pudessem contribuir para a análise indireta do fenômeno psicológico.

Os novos procedimentos foram encontrados por Vigotski e Luria fora das situações experimentais. Dois contextos se destacam, como discutido no capítulo quarto. Eles foram as expedições à Ásia Central e os estudos de casos clínicos de pacientes com distúrbios neurológicos, como a afasia, e psicopatológicos, como a esquizofrenia. Dentre os procedimentos de pesquisa usados por Luria, nas coletas de dados realizadas em regiões remotas do Uzbequistão, enfatizamos o método de definições. Ele foi a base para as investigações, alguns anos depois, dos conceitos espontâneos e científicos. Apesar da “saída” do laboratório, observamos que as pesquisas de Luria podem ter carregado vários “vícios” procedimentais das situações experimentais, além de desconsiderar o contexto político e econômico das regiões visitadas. Já os casos clínicos foram extremamente fecundos para

Vigotski “observar”, de forma inversa ao processo de desenvolvimento, suas hipóteses da existência de um sistema psicológico organizado pela formação conceitual.

Podemos notar que Vigotski alia as interpretações dos dados experimentais com materiais de outros campos do conhecimento, para subsidiar sua análise. Esse foi um procedimento de pesquisa adotado em várias de suas obras. Ele foi um grande conhecedor de História, Literatura, Linguística, Antropologia, Psicologia e Psiquiatria do seu tempo. Em sua análise do processo de formação dos conceitos, discutido no capítulo quarto, Vigotski remete à história das palavras, a exemplos cotidianos, dados sobre a aprendizagem da linguagem (observados por outros pesquisadores), dados antropológicos e casos clínicos, para corroborar sua análise de que a palavra, em sua forma de complexo, é um estágio do pensamento conceitual inerente a todas essas situações. Portanto, ele argumenta que, apesar de a situação experimental não captar o contexto real de aparecimento do conceito e apresentar sua “lógica”, essa lógica pode ser observada em outros contextos (surdos-mudos, sonhos etc.). Desse modo, apesar da importância dos experimentos, ele era consciente dos seus limites e da necessidade de buscar dados de outros campos, de sorte a fundamentar os dados experimentais.

Além de seguir o desenvolvimento “normal”, somou-se à sua abordagem o estudo de casos em que o desenvolvimento era impedido por algum déficit orgânico, fato que caracterizou seus estudos defectológicos. Ao lado do estudo das patologias, Vigotski chamou a atenção para a importância do estudo dos casos excepcionais, nos quais a pessoa possuía alguma função psicológica superdesenvolvida. O estudo da memória excepcional de Shereshevsky foi exemplo desse procedimento de pesquisa. Após a morte de Vigotski, Luria (1968) dedicou um livro inteiro ao estudo desse caso. Vigotski o compreendia como fundamental para o estudo da consciência. Nas suas palavras, “Shereshevsky deve ser polido como um diamante; um diamante brilhante e precioso que vai cortar a estrutura de nossos problemas e resolvê-los como um diamante corta o vidro.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 272). Vigotski deu igualmente imenso valor ao domínio excepcional da língua pelos poetas, o qual seria fundamental para estudar o desenvolvimento dos significados.

Como exposto no capítulo quinto, a investigação experimental que buscou evidenciar a diferença entre os conceitos espontâneos e científicos foi uma das únicas expressões do método semântico. Diferentemente da investigação dos conceitos experimentais, passou-se ao estudo dos conceitos reais. Os pesquisadores saíram dos laboratórios e foram observar os conceitos, na vida cotidiana. Esses estudos foram o *experimentum crucis*, nas palavras de Vigotski (1934/2001a), para resolver o problema sobre a relação entre essas duas formas de pensamento. Depois da descoberta da importância decisiva de que o desenvolvimento dos

conceitos possui uma nova qualidade na adolescência, Vigotski retornou ao estudo do seu processo de gênese, agora com novos procedimentos de investigação. Segundo já realçado, ele retornou ao concreto, mas agora como “concreto pensado”.

Como resultado dos estudos levados a cabo por Chif, Vigotski chegou à conclusão de que os conceitos não são construídos e destruídos em cada etapa do processo de desenvolvimento, mas se relacionam em graus de generalização, ou seja, cada conceito novo reconstrói as generalizações anteriores, formando um novo significado. Essa nova investigação corroborou a análise anterior, ao demonstrar que os conceitos não são apropriados já prontos, mas possuem um processo histórico de desenvolvimento. Também ocorreu a descoberta de que a solução do estudo dos conceitos espontâneos em comparação com os científicos levou a uma “solução acessória” do problema geral das relações entre aprendizagem e desenvolvimento (VIGOTSKI, 1934/2001, p. 389).

Esse novo procedimento de pesquisa pode ser considerado, em nossa opinião, o retorno do interrogatório<sup>78</sup> como uma metodologia de pesquisa. Após o interrogatório ser provado ineficiente para o estudo da gênese da atividade mediada, ele ganhou uma nova roupagem, no estudo do desenvolvimento dos conceitos científicos. A base dessas pesquisas foi o “método de definições”, como já aludido. Sobre o seu valor, Vigotski escreveu: “O método de definir conceitos [...], quando modificado e reconvertido do nosso ponto de vista, pode ser um dos métodos básicos para determinar a estrutura do conceito.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 361). Lembremos que tal método foi apropriado dos autores alemães que investigaram os conceitos. Além disso, a colocação de tarefas foi incluída no processo de definição dos conceitos, de maneira a captar o processo do seu desenvolvimento.

Colocar tarefas para que os processos psicológicos fossem reconstruídos foi uma marca de vários procedimentos de pesquisa de Vigotski. Esse procedimento se relaciona diretamente a uma premissa basilar da sua teoria, de que é o meio social que promove o desenvolvimento, através da cooperação com alguém mais desenvolvido. O método instrumental, os experimentos de formação de conceitos, as pesquisas realizadas na Ásia Central, a investigação da formação dos conceitos científicos, a replicação dos experimentos de Lewin e mesmo a análise clínica dos pacientes K e Z tiveram como base a colocação de tarefas e problemas. O princípio desse procedimento era criar situações nas quais fossem simulados os processos psicológicos exigidos nas atividades cotidianas.

---

<sup>78</sup> Entretanto, como já mencionado, não é o mesmo interrogatório do método clínico de Piaget.

As pesquisas sobre o desenvolvimento dos conceitos científicos foram menos artificiais que aquelas do método instrumental e tiveram como objetivo captar o desenvolvimento interno dessa forma de pensamento. A utilização do método semântico trouxe inúmeras vantagens. Dentre elas, há o desenvolvimento de uma nova abordagem do problema do conceito, na idade escolar. Do ponto de vista prático, ela possibilitou a análise efetivamente psicológica do desenvolvimento infantil. Ademais, tais achados podem redundar em orientações pedagógicas para o ensino de várias disciplinas acadêmicas. Apesar das conquistas desse procedimento de pesquisa, em comparação com o anterior, amparado no método de dupla estimulação, Vigotski (1934/2001a) afirma que ele exibiu algumas falhas.

Todas as falhas anunciadas por Vigotski decorrem da estrutura geral da investigação. Como seu foco foi responder à questão central sobre o caráter original do desenvolvimento dos conceitos científicos, não foi possível descobrir as ligações internas entre os conceitos. Uma das falhas foi que a investigação se centrou nos conceitos científicos de áreas restritas, não podendo esclarecer

[...] as diferenças existentes dentro de determinadas modalidades de conceitos científicos (aritméticos, conceitos das ciências naturais, das ciências sociais) não podiam tornar-se objeto de investigação antes que fosse traçada uma linha demarcatória deparando os conceitos espontâneos e científicos. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 390).

Ou seja, antes de desvendar as particularidades entre os conceitos das áreas restritas, ele precisou demarcar as propriedades mais gerais de tal formação conceitual. Com isso, ele seguiu o principal anunciado por ele próprio, de que a pesquisa científica primeiramente parte do geral e depois penetra nas particularidades.

Ainda como expressão do caráter genérico da investigação, a segunda falha diz respeito à impossibilidade de não se poder elucidar a diferença das relações de generalidade inerentes à estrutura dos conceitos, e das funções que são determinadas por essa estrutura. Quer dizer, não foi possível elaborar uma explicação satisfatória sobre os sistemas de conceitos e das relações de generalidade. Em acréscimo, a investigação também levou ao apagamento das “fronteiras etárias” dentro da idade escolar (VYGOTSKY, 1934/2001a, p. 392).

Como terceira falha da investigação, Vigotski destaca que a pesquisa não resolveu, por via experimental, a natureza dos conceitos espontâneos na infância. A investigação futura deveria elucidar o processo de desenvolvimento do conceito espontâneo como resultado da aprendizagem pré-escolar. Além disso, também não investigou a “[...] questão do desenvolvimento da tomada de consciência e da arbitrariedade a partir do sistema emergente,

questão central de todo o desenvolvimento intelectual do escolar.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 392). Em outros termos, a futura investigação, nos seus dizeres, deveria demonstrar as relações dominantes existentes entre aprendizagem e desenvolvimento em cada idade.

No final de sua vida, Vigotski foi muito influenciado pelos procedimentos de pesquisa de Lewin. Tivemos oportunidade de apontar a replicação dos experimentos sobre a análise do campo psicológico, em crianças com alguma deficiência. Contudo, como era característico de Vigotski, ele se apropriou desses procedimentos, superando-os. Ele reorganizou os experimentos, diante de suas descobertas sobre o papel do sistema semântico, no desenvolvimento da consciência. Assim, ele transformou o significado da ação na base do experimento. Como também realçado, o problema da transferência nos casos dos pacientes K e Z modificaram igualmente sua análise clínica. As entrevistas e os “interrogatórios” centravam-se na tentativa de captar a “lógica” do pensamento dos pacientes afetados pela doença de Pick. Eles eram colocados em situações-problema, para que sua forma de pensamento se tornasse observável de maneira indireta.

A observação foi um dos principais procedimentos de pesquisa utilizados por Vigotski. Seu objetivo foi observar indiretamente os processos psicológicos ocultos à observação direta. As observações de sua filha Asya são emblemáticas de como ele valorizava tal perspectiva metodológica. Também notamos que a observação foi importante na sua análise pedológica, sobretudo para estudar a vivência. Vigotski utilizou-se de suas observações de um caso clínico para demonstrar como a vivência se encontrava em dependência direta do desenvolvimento dos significados.

A descoberta de que o meio é fonte de desenvolvimento também influenciou suas pesquisas sobre a relação entre ensino-aprendizagem e desenvolvimento. Ele modificou seu entendimento sobre a avaliação psicológica, ao introduzir o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal. Os procedimentos de pesquisa deveriam incidir sobre as funções que ainda estavam em processo de desenvolvimento e não naquelas que já haviam se concluído. Além disso, sua elaboração sobre a crise das idades também tomou como base suas observações e de outros autores. Como afirmamos, sua relação de diálogo com os autores da época foi de crítica e de superação. Contudo, ele valorizava enormemente o material factual fornecido por eles. Mesmo discordando das análises empreendidas, ele pôde se aproveitar dessas observações para fundamentar os seus achados.

Os limites e contradições dos procedimentos acima analisados reforçam a tese aqui defendida de que há, por trás da análise da trajetória de Vigotski, claramente o emprego da dialética. Em todos os momentos de crise, sua saída foi dar um passo atrás e perguntar aos

fatos o porquê de a teoria ser insuficiente para explicar o fenômeno. Em cada um desses momentos Vigotski reorganizou seu método, de sorte que eles pudessem expressar o fenômeno naquilo que ele tinha de mais humano, ou seja, nos seus extratos mais superiores do pensamento. Como indicado na nossa epígrafe do início do texto, o pensamento dialético é um ato de observação da realidade concreta e não produto de uma lógica apriorística. Foi isso que Vigotski nos ensinou, em sua curta trajetória. Essa foi a essência do seu método.

## **8.5 Considerações sobre o problema do método de análise na obra de Vigotski**

A relação entre o objeto de análise e o princípio explicativo não se faz diretamente, mas necessita de uma unidade de análise (DELARI JÚNIOR, 2015). O método de análise diz respeito, portanto, às formas de abstração do fenômeno a ser pesquisado. Além disso, também é definido pelos dados fornecidos pelos procedimentos de pesquisa, os quais, como vimos, podem permitir ou dificultar o acesso ao fenômeno.

Com a análise por unidades, Vigotski procurou superar um dos principais limites metodológicos da Psicologia da época, que era a análise do fenômeno em seus elementos. Essa forma de análise impossibilitava a explicação do fenômeno, em sua totalidade. Como descrito no capítulo quinto, na maioria das vezes, os autores mais generalizavam uma descoberta do que a analisavam. O mesmo poderia ser dito sobre sua crítica à Psicologia da *Gestalt*, pois afirmar que a percepção tem uma estrutura em diversos seres vivos não diz nada sobre o problema concreto que deve ser buscado pela análise. Por essa razão, tais psicólogos transformaram o problema em postulado (VYGOTSKY, [1933] 2018a). Com a presente reflexão, pretendemos revisar a trajetória de Vigotski até o método de análise por unidades e seus impactos nos seus procedimentos de pesquisa e para sua explicação do fenômeno psicológico. Antes de sumarmos como o problema da unidade de análise se desenvolveu, na sua obra, ofereceremos uma justificativa para a análise histórica desse problema.

### **8.5.1 Sobre a necessidade de uma abordagem histórica ao método de análise**

O problema sobre o método de análise do fenômeno psicológico, na obra de Vigotski, é tão complexo que diversos autores incorrem num erro comum, que é a desconsideração do desenvolvimento de tal método de um ponto de vista histórico. Em decorrência disso, são feitas interpretações que mesclam diferentes formas de análise utilizadas por Vigotski, criando uma confusão na compreensão do processo de desenvolvimento do seu método.

Blunden (2020) mapeou as origens do método de análise por unidades na história da filosofia. Ele afirma que a origem desse princípio remonta ao filósofo alemão Johann



Gottfreid Herder, que viveu na segunda metade do século XVIII. Ele é considerado o fundador da Antropologia e introduziu a ideia de “ponto forte” [*schwarpunkt*]. Seu ilustre amigo, Johann Wolfgang von Goethe procurou usar essa ideia em seus estudos de botânica, durante sua viagem à Itália, em 1786. Seu objetivo teria sido compreender as semelhanças e diferenças entre as plantas de várias regiões daquele país. “Goethe chegou à ideia de um *Urphänomen* - não uma lei ou princípio, mas um fenômeno simples e arquetípico no qual todas as características essenciais de todo um processo complexo são manifestadas.” (BLUNDEN, 2020, p. 1).

Outro filósofo alemão que emprestou a ideia de Goethe foi Hegel. Conforme Blunden (2020), foi esse filósofo que deu fundamento lógico para essa ideia, no seu livro *Ciência da Lógica*. A ideia de unidade de análise como uma célula foi desenvolvida por Hegel como um “conceito”, o qual seria uma unidade [*unit*] da “formação da consciência”. Nesse livro, Hegel descreve como um conceito se desenvolve. O conceito abstrato, como uma “célula”, reconstrói o fenômeno como uma *Gestalt*, “um organismo inteiro”, “[...] através dos desdobramentos das contradições inerentes a esta célula, uma vez que interage com outras células.” (BLUNDEN, 2020, p. 2). Não nos cabe, a esta altura, reproduzir o traçado histórico do método de análise por unidades. Apenas nos remeteremos a uma passagem de Hegel, destacada por Blunden, que ecoa tanto nos trabalhos de Marx quanto nos de Vigotski:

O progresso, próprio do Conceito (*Begriff*), do universal ao particular, é a base e a possibilidade de uma *ciência sintética*, de um *sistema* e de *cognição sistemática*. O primeiro requisito para isso é, como mostramos, que o começo seja feito com o objeto na forma de um *universal* (*Allgemeinen*).

Na esfera da realidade, seja da natureza ou do espírito, é a **individualidade concreta** (*die konkrete Einzelheit*) que é dada à **cognição subjetiva e natural** em primeiro (*das Erste*) lugar; mas na cognição ela é *compreendida*, pelo menos na medida em que tem a forma da Noção basilar, o primeiro, então, deve ser, ao contrário, **algo simples** (*das Einfache*), **algo abstraído do concreto**, porque somente desse modo o objeto toma forma de **universal auto-relacionado** ou de um imediato baseado no conceito. (HEGEL, 1816 *apud* BLUNDEN, 2020, p. 2-3)<sup>79</sup>.

Nessa passagem de Hegel, fica evidente a ideia do conceito como uma abstração do concreto. Podemos também entender que a “noção basilar”, ou o conceito que é abstraído, deve ter uma forma “simples”, se comparado com a realidade, com a “individualidade concreta”. Desse modo, essa forma simples da realidade, em conceito, permite relacionar o objeto com sua forma universal, a qual, por sua vez, se associa com outros níveis da concretude da realidade.

---

<sup>79</sup> Os destaques em itálico são de Hegel e os em negrito, de Blunden.

Delari Júnior (2015) comenta igualmente as “influências teóricas” de Vigotski implicadas na sua noção de “análise por unidades”. Diferentemente de Blunden (2020), que remete tal método aos clássicos da filosofia, Delari aponta a influência dos psicólogos da *Gestalt*, para os quais “[...] o todo é mais do que a justaposição das partes.” (WERTHEIMER, 1938 *apud* DELARI JÚNIOR, 2015, p. 60). Delari ainda afirma que o vínculo com a *Gestalt* seria o mais evidente, se comparado à análise de Marx da mercadoria, que seria um “vínculo mais nuançado”.

Parece-nos óbvio, tal como indicado pelos autores acima, que a orientação metodológica que busca abstrair uma unidade que represente a totalidade de um fenômeno não foi uma criação de Vigotski. É bem provável que Vigotski tivesse em mente essas referências, quando formulou sua explicação da formação da consciência. Contudo, como estamos argumentando, o princípio basilar do método usado por Vigotski é aquele em que a realidade “ensina” o pensamento. Assim, foi ela quem fez Vigotski produzir certas unidades e não outras. Como já mencionado no SHCP, Vigotski tinha conhecimento de que a mercadoria era a unidade do capitalismo, para Marx, mas isso não o fez, de maneira imediata, “encontrar” a mercadoria da Psicologia. Em síntese, buscar as influências teóricas e filosóficas do método de Vigotski é fundamental, todavia, não explica a sua forma de abordagem, se sua obra não for analisada historicamente.

Como apresentado no quarto capítulo, Vigotski constatou os limites de sua forma de análise, ao se defrontar com o desenvolvimento do adolescente. Logo, analisando como Vigotski chegou à compreensão do papel do conceito para o desenvolvimento ontogenético, verificando o limite da explicação elementarista do desenvolvimento, fica patente que a análise do conceito como responsável pela estrutura sistêmica da consciência não foi o resultado de influências teóricas, porém, da confrontação com o objeto, o qual fez com que os limites do método de análise anterior se tornassem evidentes.

A explicação calcada na atividade mediada não poderia servir para explicar o desenvolvimento do conceito no adolescente, assim como o processo de desintegração da consciência, além do papel dos conceitos para o desenvolvimento de processos psicológicos em suas formas superiores, tais como a memória lógica e a percepção semântica.

Como exemplo de autores que interpretam o problema do método de análise, na obra de Vigotski, desconsiderando o seu desenvolvimento histórico, citamos as elaborações de Minick (1987), as quais partem do método de análise do final da obra de Vigotski para analisar as fases intermediárias e iniciais. A seguinte passagem exemplifica tal situação:

Entre 1925 e 1930, o foco de Vigotski foi a **unidade [unit] de análise** que ele chamou de “ato instrumental”, uma unidade [unit] da atividade mediada por signos que são utilizados como ferramentas ou instrumentos para controlar o comportamento. Durante essa fase de sua carreira, a suposição de que a unidade [unit] estímulo-resposta fornece a base comum para a aprendizagem e para o comportamento em humanos e animais foi fundamental para a teoria de Vigotski. (MINICK, 1987, p. 17, grifo nosso).

Zinchenko (1985) argumenta na mesma linha interpretativa, ao colocar o instrumento psicológico como uma unidade [unit] de análise da mente. Aparentemente essa afirmação parece correta. No entanto, o equívoco está na leitura do “ato instrumental”, que se baseou em uma forma de análise dos elementos, por meio das lentes de outra forma de análise, por unidades. O método de análise adotado por Vigotski, nas pesquisas do “ato instrumental”, é aquele próprio da reflexologia. Nas palavras de Vigotski, esse método de análise é da decomposição em “partes componentes” (VYGOTSKY, 1928/1994, p. 59). Ou seja, esse método não busca a “unidade” [edínitsa] entre dois ou mais processos, mas a redução do fenômeno à sua forma mais elementar, aos elementos que são “[...] processos psicológicos naturais.” (VYGOTSKY, 1928/1994, p. 59).

A leitura feita por Minick (1987) parte do que temos chamado de compreensão lógico-epistemológica da origem do conhecimento. Prova disso é o argumento utilizado sobre as mudanças no “pensamento” de Vigotski, no período entre 1924 e 1934. Ao se compreender o caráter dependente do “pensamento” para a pesquisa, perde-se a compreensão de que, para Marx e para Vigotski, o que orienta o método é a prática.

Gostaríamos de nos remeter a outro aspecto da análise de Minick (1987), a fim de colocar em tela o problema da confusão entre objeto de análise e método de análise. Seguindo o raciocínio empreendido para tomar o “ato instrumental” como uma unidade de análise, o autor repete a mesma operação, para sustentar que outra unidade de análise foi o “sistema psicológico”. O autor assim expõe sua posição:

Em uma palestra proferida em outubro de 1930, Vygotsky (1982a) mudou o foco de sua pesquisa para uma **unidade analítica** que ele chamou de “sistema psicológico”. Nesta palestra, Vygotsky argumentou que a pesquisa psicológica deve se concentrar não no desenvolvimento de funções mentais individuais, mas no desenvolvimento de novas relações entre funções mentais, no desenvolvimento de sistemas psicológicos que incorporam duas ou mais funções distintas. Assim, onde Vygotsky havia argumentado que o uso da palavra como estímulo-signo fornece a base para uma forma mais avançada e mediada de memória, ele agora argumentava que esse uso da palavra constitui a formação de uma nova relação funcional entre a memória e fala, a formação de um novo sistema psicológico. Ficou visível no trabalho de Vygotsky, entre 1930 e 1932, a ausência de qualquer tentativa sistemática de explicar como ou por que novos sistemas psicológicos se desenvolvem. (MINICK, 1987, p. 18, grifo nosso).

Mais uma vez, discordamos da interpretação de Minick (1987). Em primeiro lugar, pelos mesmos motivos pelos quais discordamos anteriormente, ou seja, que lê as produções intermediárias do autor pelas lentes dos métodos criados ao final. Mas, além disso, discordamos da sua classificação do “sistema psicológico” como uma unidade de análise. Se o próprio autor garante que não existiu qualquer tentativa sistemática de explicar como ou por que os sistemas psicológicos se desenvolvem, como podemos crer que os sistemas psicológicos são uma forma de explicação? Os sistemas psicológicos são uma unidade de análise ou é aquilo que deve ser explicado? Minick cai numa argumentação circular do problema. Fica claro, nesse questionamento, que o sistema psicológico faz parte do objeto de estudo de Vigotski e não é uma forma de explicação de tal objeto. Se o sistema psicológico é uma unidade de análise, qual seria a totalidade que ele procura explicar? Outra prova de que Minick (1987) interpreta o sistema psicológico erroneamente como uma unidade de análise encontra-se quando ele assevera que a função psicológica superior e o sistema psicológico, em diferentes momentos, são constructos que representam o “objeto analítico” geral de Vigotski. Ou seja, o sistema psicológico não pode ser ao mesmo tempo “objeto” e unidade de análise. O objeto é a totalidade do fenômeno que a unidade de análise busca desvelar, sendo uma abstração operada pelo sujeito pesquisador.

Acreditamos que a passagem acima possuía ainda outro equívoco. Ele afirma que Vigotski não buscou explicar como os sistemas psicológicos se desenvolvem, entre 1930 e 1932. Tal afirmação é incorreta, se olharmos para as produções desse período. Tal como evidenciamos, durante o trabalho, as pesquisas com pacientes com sintomas típicos da esquizofrenia contribuíram para sua análise dos sistemas psicológicos (VYGOTSKY, 1934/1994c). Além disso, ele investigou o papel da formação conceitual nas várias funções psicológicas (percepção, memória, pensamento, emoções, imaginação e vontade), ao longo da infância. (VIGOTSKI, 1960/1998c). Mesmo as investigações realizadas na Ásia Central podem ser enquadradas no seu esforço em desvendar os sistemas psicológicos.

Para fechar o diálogo com Minick, ainda existe outra passagem na qual o autor confunde o método de análise por elementos com o método de análise por unidades. O autor declara que, na fase final da obra de Vigotski, ele teve que rejeitar a hipótese de que a “[...] **unidade** [*unit*] estímulo-resposta é o **elemento** básico do comportamento.” (MINICK, 1987, p. 22). Ora, como o “estímulo-resposta” pode ser uma unidade e ao mesmo tempo “elemento básico do comportamento”? Repetindo nossa análise, tal equívoco se dá, porque o autor não diferencia o método de decomposição das partes componentes da análise por unidades. Ele lê o método instrumental pelas lentes do método semântico, sem se dar conta disso.

Como apontado no capítulo quinto, a unidade de análise que poderia contemplar a explicação do sistema psicológico surgiu após 1932, que foi a compreensão do significado da palavra como organizador sistêmico da consciência. Pensamos que as pesquisas com os conceitos artificiais foram um momento de transição entre a análise por elementos e a análise por unidades. É sobre isso que discorreremos a seguir.

#### 8.5.2 Método de análise e a imposição dos fatos

Diversos autores têm destacado os limites, contradições e tensões do período em que Vigotski se utilizou do método instrumental (BLUNDEN, 2017; VAN DER VEER; VALSINER, 2009; VERESOV, 1999; ZAVERSHNEVA, 2014). Por outro lado, de modo geral, a literatura sobre a teoria de Vigotski não aborda satisfatoriamente o seu projeto de uma Psicologia monista, desenvolvido na fase final de sua produção (JORNET; ROTH, 2016; ROTH; JORNET, 2017). Conforme Blunden (2017), a teoria de Vigotski sobre o instrumento e o signo no desenvolvimento humano expressa uma tensão dentro da teoria marxista que persiste até hoje. Essa tensão se abriga na relação entre linguagem e trabalho, que, por sua vez, evoca o antagonismo entre Marx e Engels. Lançamos a hipótese de que se evita colocar em relevo as contradições e problemas desse período em razão dessa tensão ideológica. Demonstrar os problemas desse período poderia ser interpretado como um questionamento dos fundamentos marxianos da Psicologia vigotskiana. Já apontamos os motivos para os equívocos desse tipo de argumentação. No entanto, faremos uma breve análise do desenvolvimento das abstrações produzidas por Vigotski, a fim de demonstrar como a elevação do significado da palavra como método de análise não pode ser considerada como antagonica aos princípios marxianos, mas, ao contrário, a sua tentativa de efetivá-los.

Anunciamos, anteriormente, a relação intrínseca entre objeto e princípio explicativo, na elaboração teórica de Vigotski. Citamos Davydov e Radzikhovskii (1985), para os quais Vigotski buscou extratos da realidade que tivessem a capacidade de explicar a ligação intermediária entre a realidade objetiva e a consciência. Para esses autores, os programas de pesquisa de Vigotski se resumiram na análise dos seguintes extratos: 1) consciência como “reflexo de reflexos”; 2) consciência como problema da “estrutura do comportamento”; 3) mediação de funções mentais elementares (naturais) pelos conhecidos instrumentos psicológicos.

Concordamos que o objetivo de Vigotski foi buscar os fatores externos à consciência para a sua explicação. Contudo, discordamos da análise dos autores citados, uma vez que eles examinam a obra de Vigotski apenas até o seu programa calcado na atividade mediada pelo

signo. Contudo, como tivemos oportunidade de destacar, no capítulo quinto, foi a imposição do seu objeto de estudo que o fez reorganizar a sua forma de análise, o que acabou levando à descoberta das diversas unidades de análise, sobretudo o significado da palavra. Portanto, aos três programas referidos por Davydov e Radzikhovskii acrescenta-se mais um.

O último extrato da realidade que serviu para explicar a ligação entre consciência e a realidade externa foi o significado da palavra. Como apresentado, o significado teria capacidade de virtualmente resolver o problema da “transferência”, central para Vigotski, e que explicaria a relação entre pensamento e atividade. Como também apontamos, tal transferência não ocorreria de forma direta, simplesmente pela passagem das formas externas para as formas internas do comportamento, mas se desenrolariam durante um complexo processo de desenvolvimento. Esse último extrato da realidade, diferente do anterior, não se limitou ao funcionamento mental, mas foi metodologicamente investigado na sua vinculação com a interação e comunicação social. Como resultado dessa mudança, abriu-se também uma nova camada de compreensão do objeto de pesquisa, a qual foi a concepção da formação da consciência como um sistema semântico.

Os dois primeiros programas não foram efetivados e logo foram abandonados. Porém, serviram de fundamento para o desenvolvimento do terceiro programa. Este, por sua vez, foi suplantado pelo método semântico, o qual incorpora a noção de atividade mediada e tem no estudo da formação dos conceitos sua fase intermediária.

Cabe registrar que não ocorreu uma articulação imediata entre objeto, princípio explicativo, método de análise e procedimentos de pesquisa. Exemplo disso está na marca que a reflexologia deixou, na produção de Vigotski. Ele não demorou muito para abandonar a ideia de que a consciência era constituída de “reflexos de reflexos”, como demonstramos no capítulo terceiro. Esse abandono aconteceu, porque tal concepção era incompatível com o princípio explicativo de que a origem da consciência estava fora dela própria. Porém, esse abandono não redundou na rejeição imediata dos métodos de análise da reflexologia. O método de análise elementarista, típico da reflexologia, foi a base para a criação do método instrumental.

Se considerarmos a influência do método de análise da reflexologia, teremos ainda que discordar da interpretação de Davydov e Radzikhovskii (1985), para quem a influência da reflexologia, na obra de Vigotski, foi pouco duradoura. Ao contrário, os procedimentos de pesquisa do método instrumental foram pré-requisito e produto dessa orientação. Por essa razão, acreditamos ser muito difícil definir a obra de Vigotski em fases, pois mesmo as pesquisas instrumentais guardam relação direta com o método reflexológico. O mesmo

ocorreu, como destacado, com a análise da formação dos conceitos, os quais se relacionam diretamente aos procedimentos da análise do ato instrumental. O método de dupla estimulação foi comum a ambos. Por sua vez, o método semântico supera por incorporação as pesquisas utilizando os conceitos artificiais. Além disso, a noção de instrumento psicológico está implícita do significado.

Já método desenvolvido na fase instrumental para investigar o desenvolvimento cultural da criança não foi suficiente para explicar o desenvolvimento da infância até a adolescência, porque, como estamos tentando evidenciar, o estudo do signo não permitiu a Vigotski captar o desenvolvimento dos conceitos e, principalmente, a formação dos sistemas conceituais, fundamentais para o desenvolvimento da personalidade. Na análise do signo, Vigotski não teve a possibilidade de acessar o desenvolvimento do significado, fato que foi seu foco na análise, no final da sua vida. Esse fato se deu, porque a “decomposição” em partes componentes, isto é, que busca os processos psicológicos “naturais”, foi insuficiente para mostrar a relação entre a palavra e o pensamento. As seguintes anotações de Vigotski, datadas de maio de 1932, comprovam como ele tinha consciência da relação entre signo e significado:

A essência da transição do problema do sistema psicológico e a conexão entre o nível novo e antigo é a fórmula: signo-significado. Assim, o método significativo (=ambos signo e significado) expressa melhor tanto a unidade [*unity*] dos dois níveis e o que é novo: sistema e semântico.

[...] Como mostramos, a mudança sistêmica de funções já está presente no signo: domínio, substituição, outra relação com a personalidade, a cooperação das funções, etc. Agora devemos revelar a formação do sistema na psicologia através da análise do significado.

Significado é o maior problema das operações com signos. Assim como não há comportamento superior sem o signo (sem a função do signo), não há nenhum sistema psicológico sem significado. (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 300-301).

A relação entre signo e significado surge como um golpe, mas se desenvolve. Nesse sentido, a função instrumental seria apenas sua pré-história. Portanto, foi limitadora a criação de situações experimentais que somente ensejaram olhar para o início do processo, para seu momento primordial. No capítulo quarto, apontamos como tal problema foi reconhecido. Vigotski expõe essa questão da seguinte forma: “Até agora, o defeito de nossas investigações decorreu do fato de nos limitarmos à idade infantil precoce e pouco nos interessarmos pelos adolescentes.” (VIGOTSKI, [1930] 1982/2004g, p. 117). Dessa maneira, Vigotski renunciou ao que ele mesmo havia estabelecido como princípio, tomado de Marx, sobre a necessidade de se estudar o mais desenvolvido para se compreender o menos desenvolvido (VIGOTSKI, [1927] 1982/2004a). No final da sua produção, ele reafirma esse princípio, ao declarar que “[...] o mais alto [vem] por último.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 331).

Olhar apenas para a idade infantil foi um dos problemas centrais do método instrumental, porque a decomposição não tem a capacidade de explicar as propriedades concretas (VIGOTSKI, 1934/2001a). Essa mudança de orientação é descrita, no último capítulo do livro *Pensamento e linguagem*, da seguinte maneira:

Procuramos substituir a análise que aplica o método da decomposição em elementos pela análise que desmembra a unidade complexa do pensamento discursivo em **unidades várias**, entendidas estas como produtos da análise que, à diferença dos elementos, não são momentos primários constituintes em relação a todo o fenômeno estudado mas apenas a alguns de seus elementos e propriedades concretas, os quais, também diferentemente dos elementos, não perdem as propriedades inerentes à totalidade e são suscetíveis de explicação mas contém, em sua forma primária e simples, aquelas propriedades do todo em função das quais se empreende a análise. (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 397, grifo nosso).

O método do reflexo condicionado nada mais é do que a separação dos comportamentos em elementos, para que possam ser analisados separadamente. Nesse sentido, é impossível afirmar que processos complexos, como o aprendizado de um conceito, uma vivência emocional ou o desenvolvimento de uma visão de mundo possam ser explicados simplesmente pelo ato instrumental, muito menos pelo reflexo. Este está para o estudo do fenômeno psicológico como, em Química, está o hidrogênio para o estudo da composição da água. Nem o instrumento nem o hidrogênio possuem as propriedades essenciais do todo de que são derivados. São elementos que fazem parte da totalidade, mas que não possuem em si as características que definem o fenômeno a ser estudado. Em resumo, ao se decompor o fenômeno em elementos, faltam as características nos elementos que são inerentes à totalidade do fenômeno.

O essencial dessa mudança metodológica foi perceber que a mente humana é um complexo sistema e, por isso, não deve ser analisada como uma forma mecânica de interação entre elementos. Essa questão nos remete à caracterização feita por Kopnin (1978) a respeito dos limites da máquina. Em certo sentido, o ato instrumental está muito mais próximo do processamento de um computador (mecânico ou eletrônico) do que do pensamento humano. Nos dizeres do autor:

A máquina não opera as imagens ideais dos objetos; lida apenas com a variedade de **sinais sensoriais** e opera somente com o conteúdo material deste. É o homem que, no processo de pensamento, compete a usar a máquina e interpretar os resultados desses sinais e relacioná-los com certo **significado**. (KOPNIN, 1978, p. 138, grifo nosso).

O estudo do desenvolvimento dos conceitos, na adolescência, expressou uma mudança significativa de abordagem do fenômeno. A base do método instrumental era a análise genético-experimental, a qual se orientava pelo estudo da gênese do processo e não do objeto,



pela análise do comportamento fossilizado e pela explicação e não descrição. Tal método foi superado e suplantado pelo método dos cortes genéticos, o qual pretendeu não se limitar ao início do processo, como o anterior, preservando a análise do processo em diversos momentos do desenvolvimento, além de também se orientar pela explicação e não descrição. Conjecturamos que o estudo genético do comportamento fossilizado foi abandonado, nas pesquisas que empregaram o método semântico. No entanto, acreditamos que ainda era o fundamento das pesquisas que utilizavam conceitos artificiais. O abandono da análise do comportamento fossilizado levou Vigotski a analisar o fenômeno, na vida cotidiana, em contextos de observação menos limitados que aqueles das situações experimentais.

Conforme ressaltado no capítulo quarto, ao estudar o desenvolvimento da linguagem, desde a infância até a idade de transição, Vigotski ([1930] 1982/2004g) passou a extrair as determinações da relação entre as “funções psíquicas superiores”, de maneira mais integrada, articulando-as com o desenvolvimento dos conceitos. O conceito passou a ser visto como um organizador do sistema psicológico. Essa perspectiva permitiu ao autor sair da visão estática promovida pelo “signo” e passar para uma concepção mais complexa e dinâmica dos sistemas conceituais. Em suas palavras:

Em primeiro lugar, o conceito não consiste na fotografia coletiva, nem depende de que se apaguem os traços individuais do objeto, mas no fato de que o conhecemos em suas relações, em suas conexões, e, em segundo lugar, no conceito o objeto não é uma imagem modificada mas, como mostram as investigações psicológicas atuais, a predisposição a toda uma série de apreciações. (VIGOTSKI, [1930] 1982/2004g, p. 121).

Veresov (1999) demonstra que a ideia de totalidade e a identificação dessas unidades podem ser definidas como um esforço de Vigotski, na tentativa de superar a fronteira entre “externo” e “interno”. A mente passa a ser entendida como um contínuo que vai de uma instância a outra, isto é, que existe na fronteira. Realizar-se-ia num campo discursivo intersubjetivo, em uma realidade intersubjetiva. Segundo Mikhailov (2006), esse campo suplantou “[...] a ideia da mediação semiótica” (p. 35). Nesse mesmo sentido, Zavershneva (2010b) sugere que é possível ter a impressão de “[...] que os mecanismos de mediação social não são importantes para ele em si mesmos, e que eles não representam a essência do homem para ele, mas que eles serviram como uma escada para uma nova ‘Psicologia do ápice’.” (p. 70).

Os procedimentos de pesquisa refletem a regularidade do objeto. Assim, existe uma relação dialética entre os procedimentos de pesquisa e os métodos de análise. Já mencionamos que os procedimentos usados no estudo da atividade mediada restringiram a apreensão do

objeto pesquisado. Por outro lado, os procedimentos foram fundamentais para a extração das categorias do objeto, tal como nas pesquisas com os conceitos experimentais. Sobre essa questão, Vigotski (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 277, grifo do autor) escreveu:

Os métodos refletem a regularidade básica: **O método da dupla estimulação é a lei básica da mediação**, a qual é o método de transferência para a lei da relação entre o pensamento e prática, entre pensar e realidade. A transferência é a pergunta fundamental para os métodos como para a metodologia.

Ao longo do processo de investigação, os procedimentos, dialeticamente, encobriram e, ao mesmo tempo, revelaram a regularidade do objeto. Demonstramos como esse caminho foi da análise do signo para o conceito e culminou no significado da palavra. Também apontamos que Vigotski tinha consciência plena dessas diferentes formas de abstração. Apesar de Vigotski ter lamentado que a noção de sistema foi introduzida tarde demais, ao mesmo tempo reconhecia a importância da trajetória percorrida. Isso fica evidente na seguinte anotação feita, provavelmente, em 1932:

Até agora, desconsideramos o sentido e o significado. Isso é (nas experiências com memória), não fizemos distinção entre o nó e a palavra, ou seja, com a palavra nos concentramos no que tem **em comum** com o nó e não o que é específico a ela. Esta foi uma abstração legítima e necessária, da qual devemos nos sentir orgulhosos. Foi importante mostrar a **essência** da função psicológica superior: as funções rudimentares se adequavam melhor a esse objetivo; foi necessário mostrar o mecanismo psicológico do signo. Para fazer isso, a memória lógica em certo sentido teve que ser reduzido ao nó. (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 300, grifo do autor).

O risco da generalização é abstrair uma característica que não corresponde às determinações mais essenciais do fenômeno, isto é, que tem o potencial de explicá-lo em suas múltiplas determinações. Como a passagem acima denota, Vigotski tinha plena consciência desse limite. Porém, mesmo assim, reconhece que igualar o nó e a palavra foi uma abstração legítima para a pesquisa. Essa forma de análise segue o próprio princípio anunciado por ele, realçado no quinto capítulo, de que a ciência parte de abstrações gerais e somente depois destas é possível analisar as particularidades. Foi necessário primeiro igualar o nó e a palavra para, depois, buscar as suas particularidades, o que era específico e íntimo a cada um.

Por essa razão, acreditamos ser válido o mesmo princípio para o estudo de sua produção científica. Quer dizer, olhar para o final da sua produção nos permite vislumbrar as abstrações particulares, específicas, que explicam as abstrações mais gerais, dos períodos anteriores. Com isso, é possível descobrir como Vigotski modificou sua abstração do signo para o significado. Este, apesar de parecer se deslocar do fenômeno, perdendo seus traços concretos, permite ir mais longe, isto é, explicar a consciência de forma mais aproximada do seu movimento real.

Assim como a criança utiliza a palavra sem ter plena consciência do seu significado, podemos perceber, na produção de Vigotski, o mesmo fenômeno. Ele se utilizou das noções de signo, significado e conceito, ao longo de sua produção, mas somente tomou consciência do valor de cada uma, no final da sua vida. Isso não se deu por um limite de sua reflexão. Ao contrário, analogamente ao desenvolvimento do pensamento infantil, a lógica do seu conhecimento somente se desenvolveu, quando os conceitos que ele usou anteriormente se enriqueceram com determinações do objeto, permitindo, assim, o desenvolvimento de um sistema de significação de ordem superior em relação aos momentos iniciais de sua produção. Sobre essa questão Vigotski anotou: “Como com Sakharov. Nós, **inconscientemente, espontaneamente, tivemos** o que nós observamos no **Adolescente**. Ele morreu sem suspeitar. Este não é o caminho a seguir, mas o **problema do significado e do sistema foi imposto a nós** por esse estudo.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 272, grifo do autor). Sakharov estudou os conceitos e não suspeitou do problema do significado e do sistema. Vigotski dá a entender que ele e Sakharov empregaram as noções de conceito e significado, mas sem ter plena consciência delas.

Como discutido no capítulo quinto, a constatação do desenvolvimento do significado da palavra foi sua principal descoberta. O significado se desenvolve tanto do ponto de vista da história social quanto da história individual. A chave explicativa para o desenvolvimento da consciência estaria na demonstração de como o significado, criado socialmente e vinculado com a realidade objetiva, é apropriado e transformado pelo indivíduo, ao longo do seu desenvolvimento. Ele também foi entendido como determinante para o contato com as formas ideais de funcionamento mental, as quais orientam o desenvolvimento da personalidade consciente.

Na sua última obra, *Pensamento e Linguagem*, Vigotski (VIGOTSKI, 1934/2001a) salienta que o significado é tanto um fenômeno do pensamento quanto um fenômeno do discurso. Portanto, sua materialidade advém do seu aspecto físico, sonoro (exterior), e do seu vínculo com a realidade, porque, em sua origem, “[...] generalização e significado da palavra são sinônimos.” (VIGOTSKI, 1934/2001a, p. 398). Isso quer dizer que, enquanto generalização, o significado é o resultado de um complexo processo de funcionamento cerebral. Por outro lado, também se origina da materialidade das relações sociais, relações entre pessoas, que operam com o significado discursivamente, conforme Vigotski argumentou: A “[...] relação entre fala e pensamento não pode ser resolvida sem a história da linguagem.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 314). Além disso, o significado possibilita o reflexo da realidade, que é independente do homem. A vida determina a consciência. Nesse sentido, o

significado como unidade de análise não se desloca um centímetro do materialismo marxiano, pois “[...] o signo que significa [...] tem relação com a realidade. Logo, **a prática** não é um caso especial, mas **permeia tudo**.” (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 277, grifo nosso).

A materialidade do significado também advém do fato de que ele somente pode ser decifrado no seu contexto. Ele não surge de atos de pensamento descolados da realidade. Ao mesmo tempo em que se afasta da realidade, mais perto dela ele se encontra. O significado também não se limita à palavra, mas abarca a palavra em ação (VYGOTSKY, 2018a). Desse modo, ele somente existe em relação. Primeiro, como relação social, depois, como relação consigo próprio. Não existe significado sem um sujeito, o qual possui um corpo e um cérebro e se relaciona socialmente, nem sem a realidade, muito menos sem as relações sociais constituídas histórica e culturalmente. A materialidade do significado vem dessa premissa básica.

O significado da palavra, como uma abstração razoável, superou, por incorporação, o signo e o conceito. O significado é próprio do signo. Por outro lado, o conceito é semelhante ao significado. Apesar da aproximação entre as duas formas de abstrações (conceito e significado), nossa hipótese é que o significado expressa mais claramente a relação entre instâncias internas e externas, isto é, entre o indivíduo e o meio. Essa forma de abordagem amplia aquela centrada nos processos psicológicos do estudo do pensamento conceitual. Dessa forma, o significado condensa tanto o problema da interação social quanto o desenvolvimento do pensamento. Em outros termos, o conceito diz mais sobre a estrutura de pensamento e o significado abarca tanto as formas de pensamento como as relações sociais, as quais fornecem o conteúdo para o pensamento.

Por essa razão, no capítulo quinto, lançamos a hipótese de que, dentre as abstrações razoáveis criadas por Vigotski, a utilização da palavra significativa é o momento predominante da atividade consciente. Segundo destacado, é o significado que permite a criação do campo semântico, intermediário entre o campo real e o campo psicológico. Ademais, também é o significado que determina o entendimento do meio social e que refrata esse meio, através da vivência.

As funções psicológicas foram explicadas, tendo como princípio explicativo os dados obtidos com o método instrumental, como funções dependentes do domínio do signo. Malgrado Vigotski (VYGOTSKI, [1931] 1960/2000a) ensaiar uma tentativa de articulação entre as funções, elas foram compreendidas isoladamente. Por meio da noção de sistemas interfuncionais, desenvolvidos pelo significado, as funções foram integradas numa perspectiva sistêmica. Cada função somente pode ser analisada na sua relação com as demais.

Tal análise passa pela formação do sistema semântico. “Todas as funções constituem um complexo sistema hierárquico onde a função central é o desenvolvimento do pensamento, a formação de conceitos.” (VYGOTSKI, 1931/2006a, p. 119). O aparecimento de novos conteúdos no pensamento foi entendido por Vigotski (VYGOTSKI, 1931/2006a) como a chave para explicar as formas superiores de pensamento. Ou seja, a relação entre forma e conteúdo é central para o desenvolvimento da consciência e dos sistemas psicológicos. Enfim, para a personalidade consciente como um todo.

Relembramos o leitor, algumas páginas antes, que Vigotski tinha plena consciência do pressuposto de Marx de que a essência e a aparência não são idênticas. Por essa razão, deve existir no processo de produção de conhecimento a dinâmica entre abstrato e concreto ou entre a teoria e a prática. Da mesma forma que o método de análise por unidades não foi imediatamente extraído do objeto de pesquisa, Vigotski também não penetrou na essência do fenômeno, nas primeiras tentativas de sua tradução. O método instrumental apenas revelou a aparência do fenômeno, a sua face externa. Esse é o caráter limitador desse método. A aparência constatada foi: na ontogênese, os instrumentos psicológicos são utilizados externamente e, na fase final do desenvolvimento, passam a operar internamente. Essa constatação, puramente aparente, foi reformulada, quando Vigotski percebeu que o processo era muito mais complexo que essa passagem direta do interno ao externo. Coerente com a abordagem ontológica, Vigotski (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 245) afirma que “[...] algo está errado com a teoria, não com os fatos.” Nesse sentido, a teoria deveria se adequar aos novos fatos. A adequação foi alcançada com a possibilidade da análise interna da consciência, com a ajuda do significado.

Paulo Netto (2011b) afirma que os *Grundrisse* são um “texto de fronteira” na produção de Marx, porque expressam a sua trajetória de investigação. Isso significa que neles está contido o contato de Marx com os dados factuais do seu objeto, o sistema de produção capitalista. Na exposição d’*O Capital*, os dados apresentados antes não aparecem na mesma sequência, porque Marx explicita nessa obra os resultados da investigação sintetizada no referido manuscrito. Nossa hipótese é que o texto de Vigotski “Sobre os sistemas psicológicos” também possa ser enquadrado nesses parâmetros, isto é, como um “texto de fronteira” da sua produção. É o próprio Vigotski que afirma que a apresentação contida naquele texto não é uma teoria acabada, mas se limita à exposição dos fatos. A citação a seguir justifica nossa hipótese:

Duas palavras a respeito de como vou distribuir o material. É conhecido de todos o fato de que muitas vezes o processo de exposição segue um caminho contrário ao da

investigação. Teria sido mais fácil para mim abordar o material de uma perspectiva teórica e não fazer referência às investigações levadas a cabo no laboratório. **Mas não posso fazer isto: ainda não possuo um ponto de vista teórico geral que explique esse material, e considero um equívoco teorizar antes do tempo.** Exporei de forma simples e sistemática a escala conhecida de fatos, que vão de **baixo para cima**. Tenho de reconhecer previamente que ainda não sou capaz de abarcar toda a escala dos fatos em um nível teórico realmente compreensivo, estabelecendo correspondências lógicas termo a termo entre os fatos e as relações que os unem. Indo de baixo para cima quero me limitar a mostrar a enorme quantidade de material acumulado que encontramos com freqüência em outros autores, para colocá-la em relação com os problemas para cuja solução este material desempenha um papel primordial: recorrerei para isso concretamente ao problema da afasia e ao da esquizofrenia em patologia e ao da idade de transição na psicologia genética. Permitir-me-ei ir expondo as considerações teóricas ao mesmo tempo: creio que, hoje em dia, é o único que temos para oferecer. (VIGOTSKI, [1930] 1982/2004g, p. 106, grifo nosso).

Após essa justificativa, ele segue descrevendo os dados factuais proporcionados pelo problema da afasia, pela psicopatologia expressa na esquizofrenia e pelo adolescente. Ele partiu, portanto, de baixo para cima, diferentemente das suas formulações feitas no *Pensamento e Linguagem*, principalmente os dois últimos capítulos, os quais partiram de cima para baixo. Portanto, assim como os *Grundrisse*, trata-se da investigação e não da exposição acabada das suas descobertas, de sua teoria geral dos sistemas psicológicos. Daí a importância desse texto, para observarmos o seu laboratório de pesquisa.

Vigotski constatou que sua descrição do desenvolvimento infantil era aparente. Ela não estava incorreta, entretanto, não era mais do que isso, uma expressão da aparência. Tanto não estava incorreta que, tal como demonstramos no capítulo quinto, a passagem das formas de relação entre os homens, interpsicológicas, para as relações das crianças consigo mesmas, intrapsicológicas, permaneceu um princípio até o final de sua vida. Após a análise do desenvolvimento dos conceitos e dos significados, ele verificou que a dinâmica entre o “externo” e o “interno”, ou seja, entre realidade e pensamento, não se dava diretamente, mas por meio de um enraizamento [*vrashivanie*] (VYGOTSKY, [1932] 2018a, p. 354). Ou seja, não ocorre a passagem direta do externo ao interno, porém, o crescimento e o enraizamento dos significados em uma cadeia generalizante que permite a compreensão ação do sujeito no mundo e a formação de sua personalidade.

A busca pela essência do fenômeno somente é possível com a elevação do concreto ao abstrato. Quando Vigotski descreve a atividade mediada, ele está pouco afastado da concretude do fenômeno. Como ele assinalou, no SHCP, a interpretação é um *salto vitale* que, para alguns saltadores, se transforma em um *salto mortale*. O salto vital operado por Vigotski, o qual possibilitou abstrair o concreto e depois retornar ao “concreto pensado”, somente começou a se efetivar com a descoberta do desenvolvimento dos significados. Essa descoberta

lhe permitiu penetrar nas determinações mais essenciais do fenômeno e, assim, reproduzir sua dinâmica contraditória. Tal contradição do fenômeno pode ser evidenciada na sua explicação dos momentos de crise como propulsores do desenvolvimento. É extremamente contraditória a explicação que aponta que aquilo que coloca em crise e faz destruir as funções desenvolvidas possa ser, ao mesmo tempo, precisamente o fator que promove o desenvolvimento. Essa constatação somente foi possível, com o retorno ao concreto, depois da sua descoberta fundamental.

Para concluir, é preciso apontar o caráter limitado e provisório das elaborações de Vigotski. Isto é, mesmo modificando o método de análise dos elementos para as unidades, ele muito provavelmente não resolveu o problema da transferência [*perenós*], ou seja, a relação entre pensamento e realidade. No que foram anotações para sua provável última conferência, que versaram sobre os resultados das investigações feitas com os pacientes K e Z, Vigotski (VYGOTSKY, [1934] 2018a) expressou a contradição vivenciada por ele, naquele momento. Por um lado, elas nos indicam como ele concebia a relação entre as unidades de análise da consciência, mas, por outro lado, também demonstram o caráter incompleto de suas formulações. Como temos apontado, as unidades de análise elaboradas para o estudo da totalidade da relação entre o indivíduo e o meio foram muitas. Em uma nota, em referência à unidade [*unity*] entre afeto e intelecto, ele assinala que esta “[...] **não** corresponde com a unidade [*unit*] do significado. Existem dois sistemas de unidades interferentes no pensamento.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 500, grifo nosso).

Nossa hipótese é que a totalidade entre intelecto e afeto não se restringe ao significado como unidade, mas a outra unidade, a qual ele não esclarece, porque, segundo já apontamos, o critério para a unidade [*unity*] entre intelecto e afeto é relação com a situação. Na medida em que o significado enseja a elevação da consciência para além da situação, a unidade afetivo-cognitiva de alguma forma se ligaria ainda à situação, impedindo a completa irrealidade. Dessa maneira, na relação da pessoa com o meio ou do pensamento com a atividade real, operariam duas unidades “interferentes” e que levariam à relação dinâmica entre esses dois polos. Em suas palavras:

A unidade [*unity*] do afeto e intelecto (correto)- **encontrar a unidade** [*unit*]. Mas, aparentemente, a dinâmica fluida não existe **fora do pensamento** (essa é a essência da **unidade** [*unity*]); Logo [*ergo*], na medida em que são encontradas na dinâmica do campo, **são introduzidas lá a partir do pensamento. Não é assim:** existem dinâmicas de dois tipos (fluídos, livres e estelares, restritas), **independentes** do intelecto (os elementos: hidrogênio), e existem dois tipos de atividades (pensamento e atividade real) independentes da dinâmica, e esses dois tipos de dinâmica podem se misturar em diferentes combinações (oxigênio e hidrogênio). **Mas assim:** existem duas totalidades [*edinstvu*] de atividade dinâmica: pensamento e atividade real.

Ambos têm seu **aspecto dinâmico**, ou seja, existe um sistema dinâmico *sui generis* de um tipo específico. Fora da atividade, **os dois tipos de dinâmica não existem em abstracto. Este é o mais importante e fundamental.** (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 496, grifo do autor).

Acreditamos que essa passagem sintetiza o problema enfrentado por Vigotski, no estudo da consciência. Ela complementa e sintetiza o limite na análise empreendida em outro fragmento. Neste, ele anotou: “[...] o erro em nossa análise de K e Z é que a análise é conduzida em dois planos: no campo externo e no campo semântico, não há unidade [*unity*] mas paralelismo e correspondência.” (VYGOTSKY, [1934] 2018a, p. 488). Isto é, compreendemos dessa citação que, quando ele separa o fenômeno em pensamento e atividade real, ele poderia estar realizando ainda uma análise que decompõe, ao invés de analisar o fenômeno como uma totalidade.

Portanto, em uma das suas últimas anotações, ele fez uma autocritica de sua análise. Não se deveria analisar o plano externo e o interno separadamente, em paralelo. Ao contrário, tanto pensamento quanto atividade real formariam uma totalidade cada qual. Ambas possuem uma dinâmica própria. Porém, fora da relação entre vida e consciência, essas duas dinâmicas não podem existir, isto é, essas duas abstrações somente fazem sentido na dinâmica reflexionante entre elas. Esse aspecto tão importante e fundamental, tal como ele anuncia, traria, possivelmente, uma reformulação de vários de seus conceitos. Conjecturamos que esse limite tenha sido resultado da influência da teoria do campo de Kurt Lewin. Ao tomar como base a replicação dos seus experimentos e utilizar esses conceitos para analisar o caso dos pacientes K e Z, Vigotski foi induzido a examinar o processo como processos paralelos e não em sua totalidade.

Assim, Vigotski caminhou rumo à verdade mancando! Porém, como ele mesmo disse, existem “[...] problemas aos quais não se pode chegar voando, sem mancar, e que nesses casos não é um pecado mancar, como diz francamente Freud. Aquele que vir nisto apenas uma claudicação está cego metodologicamente.” A ciência também necessita de livros que não encontraram a verdade, “[...] mas que ensinem a buscar a verdade, ainda que não a tenham encontrado.” (VIGOTSKI, [1927] 2004a, p. 267). Apesar de ter mancado rumo à verdade, ele deixou pavimentados os caminhos para alcançá-la. Este foi o papel do seu método.



## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Como posso saber quem vem primeiro  
Se o começo eu jamais alcançarei  
Tantos povos no mundo e eu não sei  
Qual a força que move o meu engenho  
Como posso saber de onde venho  
Se a semente profunda eu não toquei?  
E eu  
Não sei o que fazer  
Nesta situação  
Meu pé...  
Meu pé não pisa o chão.*

(Canção do Mestre Ambrósio)

Findamos a nossa jornada em busca dos fundamentos metodológicos de Vigotski. Acreditamos que a análise da produção de um autor tão criativo como ele não se reduz a um academicismo diletante. Ela reflete a nossa própria busca da essência do humano em nós, da nossa liberdade, do que “move o nosso engenho”. A elevação da nossa consciência a suas formas mais superiores é o resultado do “social em nós”. Consequentemente, uma das suas maiores lições foi que nós não caminhamos sozinhos rumo à verdade, mas o seu conhecimento somente pode ser obtido em comunhão.

Esta não foi uma viagem sem tropeços. Ao longo do caminho, enfrentamos estradas sinuosas e irregulares, que pareciam levar a lugar algum. Avançamos e retrocedemos muitas vezes. Construimos e reconstruimos o nosso mapa, constantemente. Contudo, além dos percalços, também surgiram faróis que iluminaram nosso caminho, que nos deram um norte. Uma das principais lições que aprendemos foi que não existe atalho para a verdade. Qualquer tentativa de simplificar a sua busca foi e será inócua. Por isso, temos a certeza de que o caminho escolhido foi adequado. Não poderíamos tratar dos caminhos trilhados por Vigotski rumo à verdade sobre a essência do humano, sem refazer o seu trajeto, quer aqueles que o colocaram na sua direção, quer aqueles que o impediram de alcançá-la. No entanto, não interrompemos nossa jornada, porque encontramos a verdade do seu método, mas porque as condições objetivas e afetivas assim o exigiram.

Acreditamos que, com este trabalho, conseguimos traçar apenas parte de sua “estrada real rumo à verdade”. Com isso, resta-nos somente, neste momento, retirar os pés do chão mais uma vez e sobrevoar a estrada traçada. Viagens futuras deverão ser enveredadas pelas estradas secundárias abertas por Vigotski. Faremos algumas indicações desses caminhos. Por fim, citaremos alguns viajantes que podem se unir ao caminhar iniciado por esse brilhante autor, de sorte que, assim, possamos chegar ainda mais longe que ele.

Nesta tese, evitamos nos referir ao empreendimento teórico de Vigotski como Teoria Histórico-Cultural. Preferimos, no lugar, projeto científico de Vigotski. Essa opção não foi ao acaso. Assim o fizemos, porque tal denominação foi dada à sua produção pelos seus críticos. Ela também foi utilizada pelos seus continuadores. Ele se referia ao seu esforço e de seus colegas como Psicologia dialética. Ele assim a denominava, porque a Psicologia dialética é a dialética do homem como objeto da Psicologia. Desse modo, optamos por não empregar o termo teoria histórico-cultural, porque nosso objetivo foi realizar um retorno à obra de Vigotski, sem a interferência dos seus críticos nem dos seus continuadores. Gostaríamos de ouvir Vigotski por ele mesmo.

Optamos pela análise das obras de Vigotski em ordem cronológica. Acreditamos que esta foi uma opção acertada, tendo em vista a necessidade metodológica da compreensão histórica da produção do conhecimento. Sua produção final foi a mais desenvolvida, mais abstrata. Porém, ao mesmo tempo, aquela que chegou mais perto do seu objeto – a consciência.

Analisar sua obra final, sem a perspectiva histórica, poderia redundar numa falsa impressão de que as hipóteses criadas por Vigotski foram obra de sua reflexão, do seu pensamento. Como ele mesmo assinalou, uma coisa é a investigação e outra, a exposição. A exposição segue o caminho inverso da investigação. Portanto, a exposição dos seus achados mais desenvolvidos começou pelo final, pelas conclusões que os dados factuais provocaram. Acreditamos que uma das causas para as leituras lógico-gnosiológicas seja precisamente a confusão entre sua investigação e sua exposição. Como demonstramos anteriormente, em alguns momentos, ele expôs puramente os dados factuais, sem uma teoria que subsidiava esses dados, como no caso da sua constatação dos sistemas psicológicos. Já em outros momentos, ele começou pelo final, pelas conclusões gerais desenvolvidas a partir da análise dos fatos. Desse modo, pensamos que os resultados aqui enfatizados conseguiram expressar, minimamente, essa relação entre investigação e exposição.

Esta tese, ao final de sua construção e não no seu início, percebeu a intrínseca relação entre a trajetória de Vigotski e a Introdução aos *Grundrisse*, de Marx (1857/2011). Como argumentamos anteriormente, podemos constatar que a lógica do conhecimento contida na obra de Vigotski expressa o método de Marx, tal como orientado na referida publicação. Observamos como Vigotski partiu do concreto e desenvolveu inúmeras abstrações do fenômeno psicológico. Também argumentamos como ele retornou ao concreto como “concreto pensado”. Conforme Chasin (2009) demarca, essa propositura de Marx é oposta

àquelas das orientações lógico-gnosiológicas. Logo, foi com base na análise histórica da produção de Vigotski que aventamos essa hipótese.

Outro princípio intimamente ligado à conclusão anterior é a determinação ontoprática do conhecimento. Também analisamos como esse princípio é central, para se compreender a produção de Vigotski. Foi nessa postura adotada por ele, diante do objeto do conhecimento, que podemos localizar a expressão do método dialético em sua obra. A dialética não é uma lógica, mas é o processo de reprodução do fenômeno com base na realidade objetiva, o qual “ensina” o pensamento, mediante o questionamento e a validação do conhecimento, tendo como determinante a própria realidade e não um artifício do pensamento.

Em face do exposto, esta tese discorda de duas posições antagônicas, com relação ao papel do legado de Marx na obra de Vigotski. A primeira diz que, em razão da situação política da URSS, as relações de Vigotski com o marxismo foram apenas “polidas” e que suas citações de textos oficiais foram feitas por “razões táticas” (IVANOV, 2014, p. 505). Outra posição é aquela que compreende que Vigotski se tornou consciente do método de Marx já em meados da década de 1920.

Na verdade, nenhuma das duas pode conduzir e responder o problema dos caminhos da cognição na obra de Vigotski, se não adotar a perspectiva histórica. Tanto a relação com o seu objeto quanto o seu conhecimento do método de Marx se desenvolveram durante sua produção. Como questionamento da primeira posição, poderíamos recorrer a um argumento simples. Se as referências a Marx foram protocolares, por que mesmo os manuscritos de Vigotski estão repletos de referências à filosofia marxiana? O que demonstramos foi que as proposições marxianas de Vigotski estão, não nas citações “polidas”, mas na sua relação frente ao objeto.

A visão oposta analisa a obra de Vigotski por meio de uma concepção simplificadora do marxismo. Constatamos que a tomada de consciência de Vigotski dos princípios marxianos não desembocaram diretamente na expressão desses princípios, na sua reprodução do objeto pesquisado. É por isso que, geralmente, as posições que pretendem reafirmar o marxismo da obra de Vigotski se limitam à fase instrumental, pois seria o momento de sua produção mais afeita à visão marxista mecanicista desenvolvida na URSS. Acreditamos que Ivanov, ao afirmar que Vigotski fez citações protocolares, procurou desvencilhar o marxismo de Vigotski da concepção simplificadora do marxismo. Contudo, a saída por anular completamente a influência do método de Marx acaba por desfigurar sua obra, fato que somente serve para contribuir com as interpretações idealistas e pós-modernas de seu legado.

Diante da amplitude das conclusões que este trabalho alcançou, faremos uma breve apresentação da tese aqui desenvolvida. Podemos resumi-la da seguinte maneira:

1) É incorreta a interpretação de que o método de Vigotski não se desenvolveu desde meados da década de 1920. Tanto o método do conhecimento quanto os procedimentos de pesquisa se modificaram;

2) Essas modificações não se deram por uma alteração na reflexão de Vigotski, mas pela imposição dos fatos;

3) De forma complementar à assertiva anterior, concluímos que Vigotski não operou a partir do ponto de vista lógico-gnosiológico da produção do conhecimento científico, todavia, seguiu a orientação ontológica devedora de Marx;

4) Isso implica que, a despeito da importância para a discussão metodológica do seu texto “O significado histórico da crise da psicologia”, não podemos concordar com a argumentação de que ali estão os fundamentos metodológicos do projeto de pesquisa de Vigotski. Em razão da determinação da prática para o processo de conhecimento, entendemos que a tomada de consciência de alguns princípios metodológicos não foi o que orientou imediatamente sua prática de pesquisa. Segundo argumentamos, alguns desses princípios somente foram extraídos e não aplicados ao objeto, no final da sua produção;

5) É incorreta a interpretação de que houve um retrocesso na sua pesquisa, na fase instrumental. Esse período de produção expressa a aproximação de Vigotski ao seu objeto. Ocorreram abstrações legítimas que, apesar do caráter limitado, fizeram parte da elevação do concreto ao abstrato. Suas conclusões sobre a atividade mediada foram limitadas pelos procedimentos de pesquisa, orientadas pelo método de análise das partes componentes;

6) Foi o contato com o adolescente, ou seja, a forma mais desenvolvida do seu objeto de pesquisa, que exigiu a reorganização do seu método, tanto no que diz respeito à metodologia de pesquisa quanto aos procedimentos.

7) O texto “Sobre os sistemas psicológicos” pode ser considerado, em nossa opinião, como um “texto de fronteira”, pois expressa o seu caminho de investigação e de reformulação teórica.

8) O contato com os dados factuais obtidos a partir do método instrumental, das pesquisas sobre o desenvolvimento dos conceitos e aqueles conseguidos com a análise semântica expressam diferentes níveis de abstração do fenômeno. Nos dois primeiros momentos, Vigotski partiu dos fatos, elevando sua análise do concreto ao abstrato. Ele se deu conta do limite das abstrações produzidas para explicar as mediações entre as abstrações. Com o método semântico, Vigotski retornou ao concreto, como “concreto pensado”, porque

saturou suas abstrações de determinações do objeto e pôde explicar, de maneira mais satisfatória, as mediações entre as demais abstrações. Desse modo, Vigotski se filia tanto à teoria das abstrações de Marx quanto à sua “lógica da concreção”.

9) A reorganização do seu projeto de pesquisa o levou a produzir uma nova hipótese de trabalho. O método de análise das partes componentes foi substituído pela análise por unidades. Desde meados da década de 1920, Vigotski procurava a “mercadoria” da Psicologia. Com a descoberta do significado, essa busca se concluiu.

10) Em nossa investigação, chegamos à seguinte hipótese: diante das unidades de análise desenvolvidas, a palavra significativa pode ser considerada como um momento predominante do desenvolvimento humano. As demais abstrações, reflexivamente, se reorganizam na relação com o significado. Isso não exclui a dependência do significado com respeito às vivências e à atividade prática. Apenas que o significado da palavra, na análise de Vigotski, predomina no processo de formação da personalidade consciente.

11) O mais importante, para Vigotski, é o que vem por último, no decorrer do processo de desenvolvimento, isto é, as formas mais desenvolvidas. Em nossa hipótese, o mesmo vale para o desenvolvimento humano como para o processo de produção do conhecimento. A produção mais desenvolvida de Vigotski aconteceu no seu período final. Isso não significa desconsiderar as produções anteriores, mas se deve compreendê-las no seu desenvolvimento histórico. A produção mais desenvolvida explica a menos desenvolvida e não o oposto. Dessa maneira, acreditamos ser infrutífera a busca pela compreensão das abstrações produzidas no final da sua produção, por meio da análise das obras de sua juventude. Ora, como já apontado, os conceitos desenvolvidos não foram puramente o resultado de sua reflexão, porém, a tradução do objeto de pesquisa. Ou seja, os dados factuais no final da sua investigação não foram os mesmos do início. Como mencionamos, os conceitos devem ser analisados na sua relação sistêmica.

12) Vigotski não separou nem fundiu epistemologia e ontologia. Ele foi contrário à concepção de que a percepção e a produção do conhecimento seriam independentes do estatuto do ser, da sua natureza ontológica. Ele também negou qualquer determinismo da percepção às leis da ótica ingênua ou da estrutura do cérebro. Ou seja, era contra a ideia de que o conhecimento é determinado pela base biológica do ser humano ou pelas estruturas do pensamento. Para ele, o pesquisador é um ser social e, enquanto tal, percebe e conhece tendo como fundamento as formas ideais elaboradas ao longo da história do gênero humano.

13) Desse fato decorre que Vigotski não separa o **lógico** do **psicológico**. Parafraseando Marx ([1843] 2010), a partir dos aportes de Vigotski sobre a relação entre o lógico e o

psicológico, poderíamos asseverar que a lógica não serve à demonstração do psicológico, mas o psicológico serve à demonstração da lógica.<sup>80</sup> Desse modo, a lógica do desenvolvimento do seu processo de produção de conhecimento não se distingue da sua análise do desenvolvimento psicológico. Ao utilizar e dar um sentido próprio para conceitos como signo, instrumento psicológico, atividade mediada, dentre outros, ele estava partindo do fenômeno em sua forma imediata, denotando um exercício de abstração do seu objeto. No entanto, da mesma forma que o conceito infantil ainda está preso ao aspecto externo e imediato da realidade (visual-concreto), é possível perceber – e essa é nossa hipótese – o mesmo ocorrendo com o seu “sistema conceitual”. Ao elevar o concreto ao abstrato e retornar ao concreto, como concreto pensado, Vigotski perdeu o contato com a imediatez do fenômeno e afastou-se, ao mesmo tempo que chegou mais perto dele. Ele pôde captar seus aspectos mais internos e essenciais, num movimento complexo de “generalização de generalizações”, as quais articularam diversas abstrações, tais como significado, sentido, vivência, novas formações, funções psicológicas superiores, campo do pensamento, campo semântico, campo da atividade etc. Em suma, ele procurou penetrar na essência do fenômeno. E as “ferramentas” usadas foram os conceitos que se enriqueceram, com o aumento da extração das determinações do fenômeno pesquisado.

14) Vigotski defendeu a ideia de que o meio é fonte de desenvolvimento. Nele estão as formas ideais que a criança deve desenvolver, ao final do seu desenvolvimento. Essa peculiaridade do desenvolvimento ontogenético não é observada no desenvolvimento filogenético nem sociogenético. Por essa razão, o desenvolvimento infantil não deve ser analisado por meio dos mesmos princípios do desenvolvimento biológico e da sociedade. Tanto em um quanto em outro, a forma “terminal” não estava colocada desde o início. A atividade de trabalho foi determinante para o desenvolvimento da sociedade, contudo, não é o momento predominante do desenvolvimento infantil. Dizer isso não implica desconsiderar o papel da atividade. Como apontamos, no final da nossa análise, Vigotski cogitou a possibilidade de pensamento e atividade serem ambas unidades. Entretanto, mantemos a posição de que, na ontogênese, o momento predominante é a formação conceitual. A atividade é sobredeterminada pela totalidade entre pensamento e linguagem. Os dados factuais de Vigotski demonstram que a fala reorganiza a atividade da criança. O desenvolvimento infantil deve ser examinado na relação entre generalização e comunicação, sobretudo o papel que o desenvolvimento do significado exerce, nessa relação.

---

<sup>80</sup> A passagem de Marx referida está como se segue: “A lógica não serve à demonstração do Estado, mas o Estado serve à demonstração da lógica.” (MARX, [1843] 2010, p. 38-39).

As conclusões apresentadas aqui não esgotam os problemas metodológicos, na obra de Vigotski. Muitas questões surgiram, ao longo da investigação, e ainda precisam ser respondidas. Algumas delas seriam:

1) Qual o papel dos clássicos do marxismo, no projeto de pesquisa de Vigotski? Lenin, por exemplo, principalmente nos seus *Cadernos filosóficos*, subsidiou a reflexão de Vigotski sobre o papel dos conceitos no processo de abstração. Dessa maneira, seria fundamental um estudo para desvendar essa influência. Além disso, as inspirações de Engels, Trótski, Plekhanov e outros precisam ser investigadas.

2) Além do diálogo de Vigotski com os clássicos do marxismo, sua relação com a Psicologia da *Gestalt* precisa ser esclarecida. Alguns autores, como Yasnitsky (2016), advogam a tese de que tal influência foi determinante para a pesquisa de Vigotski. Ele chega a afirmar a existência de uma “Psicologia Cultural-Histórica da *Gestalt*”. Discordamos de tal posição. O autor propõe tal filiação, a partir de fontes externas ao empreendimento científico, tais como publicação das obras dos gestaltistas na URSS, cartas, encontros pessoais etc. Não há uma justificativa coerente, do ponto de vista teórico-metodológico. Como evidenciamos, em alguns pontos desta tese, Vigotski foi um forte crítico da teoria estruturalista. Apesar disso, não temos como negar, por exemplo, a influência dos experimentos de Kohler e Lewin para sua investigação. Os experimentos de Kohler serviram de base para o desenvolvimento das pesquisas com o método instrumental. Observamos como eles foram limitantes para a sua análise do real. Por outro lado, também mostramos como os experimentos e as concepções de Lewin, especialmente sua teoria do campo, foram apropriadas criticamente por Vigotski, nas suas últimas pesquisas. Apesar de replicar seus experimentos e mesmo partir da sua concepção do campo, ele negou suas conclusões. Logo, o esclarecimento dessas questões ainda está por ser realizado.

3) O método semântico deve ser também objeto de investigação. Vigotski não desenvolveu exaustivamente esse método. É preciso reconstruí-lo em detalhes. Para isso, é necessário analisar como ele investigou o desenvolvimento do significado, na infância. Acreditamos que tal investigação passa pelo estudo da percepção semântica, em sua obra.

4) O problema da transferência, na obra de Vigotski, também deve ser objeto de uma investigação aprofundada. Tal como indicamos, ele é fundamental para compreender tanto o desenvolvimento infantil quanto as alterações neurológicas e psiquiátricas. A indicação feita por ele, de que sua análise do campo interno e externo foi paralelista, deve ser o foco de investigações futuras.

5) Outra tarefa urgente é o exame das pesquisas sobre o desenvolvimento dos conceitos vigotskianos pelos seus continuadores, sobretudo quanto aos seus aspectos metodológicos. Destacamos as pesquisas sobre a formação dos conceitos científicos, na infância. Que inovações metodológicas e teóricas esses autores produziram, para o estudo dessa forma de pensamento? Esses estudos os colocam como devedores da explicação de Vigotski sobre a formação conceitual ou eles se distanciam?

6) Soma-se a isso o esclarecimento da relação entre as produções teóricas de Vigotski e Leontiev. Tal relação ainda necessita ser analisada em profundidade. Em termos metodológicos, acreditamos que ambos partiam da concepção de que a consciência “reflete” a realidade. Contudo, a forma de explicação dada por cada um parece diferir. Vimos que Vigotski, próximo da sua morte, conjecturava que pensamento e atividade seriam duas totalidades dinâmicas. Ademais, é preciso ler a obra de Leontiev historicamente, para compreendermos como ele desenvolveu seus métodos de pesquisa e quais foram as relações instauradas com o método de Vigotski.

6) Munidos dos achados obtidos com essa investigação, também se faz necessária uma análise cuidadosa das metodologias de pesquisa psicológica que se dizem devedoras de Vigotski, tais como aquelas formuladas por González Rey e Martínez (2017) e Ratner (1997).

O desenvolvimento histórico do método de Vigotski, revelado por esta pesquisa, tem o potencial de frustrar as interpretações que intencionam aproximar sua obra das tradições pós-modernas. A pós-modernidade foi um fenômeno cultural que atravessou várias áreas da sociedade contemporânea, passando pelas artes, arquitetura, filosofia e ciência (WOOD, 1999). Essa tradição responde ao processo de crise da modernidade, no seu aspecto racional de previsão, controle e emancipação do homem e da sociedade. De modo geral e, em especial, no âmbito da produção do conhecimento, tal tradição parte de uma perspectiva subjetivista, a qual coloca o homem como regente desse processo de produção. O conhecimento seria o resultado do “olhar” individual sobre a realidade e, no máximo, seria produzido pelo consenso grupal (SHOTTER, 2001). Como resultado dessa perspectiva, apaga-se qualquer possibilidade de conhecimento da realidade e da existência da verdade.

A citação de Vigotski colocada na epígrafe deste trabalho demonstra o seu antagonismo em relação a essa orientação. Para ele, a verdade existe e a ciência é a forma de alcançá-la, mesmo que através de erros. Se a verdade é alcançável, então, ela existe independentemente das intenções dos homens. Disso decorre que o polo regente do conhecimento observado na produção de Vigotski não é o sujeito, mas o objeto. A garantia do conhecimento não estaria no consenso, porém, na prática. Além disso, como abordado,



Vigotski partia do princípio de Marx de que essência e aparência não são idênticas. É possível ver esse princípio em toda sua obra, em especial na sua crítica à posição de Piaget, o qual se limita aos fatos tais como eles se apresentam. Outro exemplo é a crítica direcionada à concepção de Lewin de que o campo do pensamento é o espelhamento do campo real. A posição pós-moderna também é contrária a essa distinção e se restringe a descrever a aparência dos fenômenos.

A preocupação de Vigotski com o desenvolvimento dos conceitos também expressa claramente seu antagonismo em relação às perspectivas pós-modernas. O conceito e o significado, nos seus níveis mais amplos de abstração, não são o resultado de um consenso ou de uma produção do pensamento que constrói individualmente o conhecimento, mas a aproximação progressiva ao mundo objetivo. Conforme ressaltado, trata-se da liberação do mundo imediato, a qual possibilita, simultaneamente, a aproximação à essência desse mundo. Em acréscimo, os casos clínicos analisados por ele e pelos seus colegas demonstram precisamente o que ocorre, quando o elo entre o pensamento e a realidade é rompido. O resultado é a ligação da pessoa com a imediatez do mundo ou a perda do contato com ele, que acarreta a fusão entre realidade e fantasia.

Reafirmamos que as descobertas de Vigotski não nos permitem uma análise semiologizante do desenvolvimento infantil, nem da produção do conhecimento. A linguagem não é um ente abstrato que paira sobre nossas cabeças ou é criada individualmente. Logo, esperamos que, com a exposição da relação entre a criança e o meio, tenha ficado evidente que não é a linguagem que faz a criança entrar em crise e se reorganizar, mas as exigências do meio social e da própria realidade material. A linguagem é o momento predominante, mas não determinante ou definitivo para o seu desenvolvimento. Lembremos que, para Vigotski, a linguagem se desenvolve em uma tríade entre criança, o outro e a realidade – e não mecanicamente, entre a criança e a realidade ou entre a criança e o outro.

A mais recente expressão dessa visão idealista da linguagem pode ser constatada em Kinzler (2020). Conforme essa autora, raça, classe e gênero são subordinados à forma como falamos. A linguagem é, para ela, a responsável por formar a visão de mundo e a personalidade. Que fique claro que Vigotski não autoriza dar suporte para esse tipo de afirmação. Vale repetir que, para ele, é a vida que determina a consciência, não o contrário.

Evidenciamos que as análises lógico-gnosiológicas da produção de Vigotski não são exclusividade dos pós-modernos. Estes possuem uma concepção relativista do conhecimento, que serve à justificação do sistema capitalista. Realçamos, em nossa análise, que mesmo alguns autores marxistas incorrem em tal interpretação. Citamos o exemplo de Davydov e

Radzikhovskii (1985), os quais desconsideram o valor das últimas produções de Vigotski e justificam as supostas “contradições” da sua explicação pela inexistência de uma suposta “lógica dialética” bem desenvolvida, durante o período em que ele viveu e produziu. Nossa hipótese é que esse tipo de análise se vincula ao reducionismo da filosofia marxiana operada sob o stalinismo. Toassa (2016a, 2016b) nos dá indicações que corroboram essa análise.

Além das implicações que os resultados obtidos com este trabalho trazem para o estudo da obra de Vigotski, eles também podem proporcionar a análise dos dados factuais fornecidos por diversas áreas do conhecimento, após o desaparecimento de Vigotski. Ou seja, tal como Vigotski aponta que os problemas não estão nos fatos, mas na teoria desses fatos, acreditamos que analisar novos fatos através das considerações feitas por Vigotski possa ser frutífero, tanto para pensarmos os métodos adotados pela Psicologia contemporânea quanto para fazer a crítica as teorias que ainda tendem a reforçar o idealismo, o materialismo mecanicista ou o caminho alternativo a essas duas orientações. Além disso, podem fazer sua teoria ser confirmada ou refutada pelos fatos, possibilitando avançarmos rumo à verdade.

Com efeito, ainda hoje existem teorias psicológicas que desconsideram as relações sociais para o desenvolvimento humano. Diversas teorias procuram explicar o comportamento humano, por meio da sua base fisiológica ou se voltando para o estudo da sua evolução. Por trás dessas orientações está a justificativa dos comportamentos do homem moderno. Pululam concepções que, a despeito de considerarem as relações sociais, elas o fazem, fetichizando-as. Com isso, negam a máxima de Marx adotada por Vigotski de que a vida determina a consciência. Certas concepções, como o construcionismo social, semiologizam a realidade e desconsideram o papel da realidade e das relações sociais, na constituição da linguagem. Vigotski, como demonstramos em outro momento (COSTA, 2015), era contrário a essa posição.

Diversas áreas do conhecimento podem se beneficiar das contribuições metodológicas de Vigotski. Dentre elas, as neurociências são um primeiro exemplo. Os pesquisadores dessa área, nas últimas décadas, têm percebido a impossibilidade de se compreender a consciência e os processos psicológicos, reduzindo a pesquisa às “observações” da atividade cerebral. Reflexo disso foi o surgimento da “neurociência social”, a qual procura partir do cérebro “encarnado”, o qual se liga a um corpo marcado e condicionado pelas relações sociais. Os neurocientistas também estão se dando conta de que os métodos de neuroimagem são praticamente inúteis, se tomados isoladamente (ELLIOTT; KNODT; IRELAND, 2020), pois investigar a ativação cerebral, que é um subproduto dos pensamentos, não leva a explicar o

próprio pensamento, ou seja, o seu conteúdo, o qual, como indicamos, condiciona o próprio funcionamento e que tinha origem nas relações sociais.

A pesquisa de Sievers, Welker, Hasson, Kleinbaum e Wheatley (2020) é um exemplo de análise do cérebro que procura não se limitar às técnicas de neuroimagem. Elas tomam como objeto de análise um problema central para Vigotski, que é a formação da visão de mundo. Eles demonstram como a comunicação muda nossa mente e alinha nossos cérebros. Eles confirmam, com base em técnicas modernas, a premissa de Vigotski de que nós constituímos nossa visão de mundo, tendo como base a mediação das outras pessoas.

A possibilidade de estudo da consciência foi negada em vários momentos e por várias vertentes, ao longo do século XX. Temos observado um retorno ao estudo da consciência, nas últimas décadas. O surgimento de diversas teorias da consciência são um indicativo desse fato. A base dessas teorias varia desde abordagens cognitivistas, computacionais, neurofisiológicas e há até mesmo aquelas que partem da teoria quântica. Doering, Schuger e Herzog (2019) sugerem que tamanha diferença entre essas teorias da consciência se deve à falta critérios rigorosos no trato dos dados empíricos. Segundo os autores, as explicações sobre a consciência, em sua maioria, são motivadas por uma postura puramente empírica. Desse modo, as críticas de Vigotski às teorias psicológicas da sua época, as quais negavam a possibilidade de estudo da consciência, bem como seus próprios caminhos trilhados para tal estudo, ecoam no contexto científico contemporâneo. Essas teorias não estariam buscando a explicação da consciência no cérebro ou nos próprios processos cognitivos? Talvez Vigotski ainda tenha muito a dizer para as pesquisas futuras, nesse campo.

Na esteira da discussão sobre a consciência, certos autores, como Gallagher (2020), têm feito a pergunta básica da teoria da mente: como nós conhecemos outras mentes? Tal questão pressupõe uma compreensão privada das outras mentes, antes de que possamos nos relacionar com as pessoas que a possuem. Esse autor rejeita essa premissa e propõe que o que vem primeiro é a interação e não a compreensão. Ele ainda demonstra que a ciência cognitiva não é neutra e que está fundamentada no racionalismo individualista. Ele conclui que não é útil questionar como os chimpanzés veem o mundo e depois transferir essa lógica para os humanos (BAGGS, 2020). Nesse sentido, tal posição entra em acordo com as descobertas de Vigotski, sobretudo na sua crítica à explicação autística da ontogênese infantil e na sua teoria sobre o desenvolvimento. Além disso, é possível notar que ainda hoje se adota o método de estudo do menos desenvolvido para explicar o mais desenvolvido, fato que também é percebido atualmente como limitador para a investigação. Como vimos, desde a década de 1920, esse método era criticado por Vigotski.

Vigotski também tem sido resgatado para fundamentar uma visão não reducionista dos transtornos psiquiátricos (BOLIS; SCHILBACH, 2018; SCHILBACH, 2015). Essa orientação compreende a psicopatologia articulada com as relações sociais. Para esse ponto de vista, o transtorno mental não é o resultado apenas de uma disfunção neuroquímica do cérebro, mas é retroalimentada pelas relações sociais. Essa psiquiatria parte de uma concepção ecológica do sofrimento psíquico.

A Psicologia do desenvolvimento também vem seguindo uma perspectiva metodológica, a qual procura analisar não somente a criança, mas como ela se desenvolve no contato com o outro e na sua relação com o meio social. Tomasello (2019) tem evidenciado como a relação com o outro é o fundamento do desenvolvimento ontogenético. Ele tem descoberto quais estruturas cognitivas, que não são inatas, permitem tal relação. O próprio autor reconhece os méritos de Vigotski e aponta que sua pesquisa é “neovigotskiana”. Acreditamos que o método de Vigotski seja fundamental para se examinar os métodos por trás desses achados. Esses resultados também parecem comprovar várias das premissas de Vigotski, tais como sua hipótese de que a “[...] empatia faz o organismo social.” (VYGOTSKY, [1925-26] 2018a, p. 75).

Tomasello (2019) tem defendido que o desenvolvimento e a aprendizagem infantis necessitam de uma operação psicológica que não é inata, contudo, que depende do contato social para se desenvolver, que é intencionalidade compartilhada, a qual, por suposto, depende da atenção conjunta. Esta diz respeito à coordenação do olhar de duas pessoas a um mesmo objeto. Porém, é mais do que isso, pois as pessoas devem estar conscientes de que ambas estão olhando para o mesmo objeto, seja externo, seja imaginário. Battich, Fairhurst e Deroy (2020), por sua vez, questionam que o mecanismo visual não é suficiente para explicar esse fenômeno. Por meio de dados factuais, eles ampliam a noção de atenção conjunta, a fim de mostrar a relação entre a coordenação da atenção e os mecanismos não visuais, como os gestos, palavras e sentidos compartilhados. Os próprios autores se remetem aos trabalhos de Vigotski, para justificar a importância de se considerar os processos perceptivos e atencionais para além do mundo visual direto.

O debate “*ature vs nurture*”, isto é, a discussão sobre a relação entre os aspectos inatos e adquiridos, no desenvolvimento infantil, também tem muito a ganhar com as contribuições metodológicas de Vigotski. Na verdade, esse debate tem grandes chances de ser superado por uma perspectiva vigotskiana do desenvolvimento ontogenético. Ao se colocar o problema do desenvolvimento dos significados, de sorte a explicar a totalidade entre o pensamento e a linguagem, tem-se uma poderosa arma contra esse debate reducionista do desenvolvimento.

Ainda está por ser feita uma ontogênese infantil amparada nos preceitos vigotskianos do desenvolvimento da linguagem, que possa dar conta daqueles limites constatados por ele, no estudo da formação conceitual, tais como uma investigação do desenvolvimento dos conceitos espontâneos, na primeira infância.

As conclusões aqui alinhavadas também trazem implicações para as investigações da prática pedagógica. Evidenciamos a importância, para Vigotski, do estudo do conceito e do significado. As pesquisas que procuram replicar as investigações de Vigotski devem ter clareza dos limites e potencialidades de cada procedimento. Ademais, devem compreender a metodologia do conhecimento por trás de cada procedimento, ou seja, suas finalidades, para que as mesmas tenham uma coerência teórico-prática. Todavia, acima de tudo, a replicação dos seus experimentos deve compreender os seus limites e possibilidades. Eles devem visar ao desenvolvimento futuro da teoria psicológica. Tendo isso em vista, o método semântico tem grande potencial para subsidiar as pesquisas educacionais. Além disso, suas descobertas sobre a unidade entre a criança e o meio têm um grande potencial de contribuir para os processos de ensino e aprendizagem. Em acréscimo, a crítica aos testes psicológicos e ao modelo de avaliação educacional podem igualmente se beneficiar das descobertas de Vigotski sobre a unidade entre aprendizagem e desenvolvimento, sintetizada no conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal.

O conceito de vivência [*perejivanie*] também possui imenso valor para a pesquisa psicológica e educacional. Esse conceito foi resgatado nas últimas décadas e diversas pesquisas empíricas têm buscado se orientar por ele (FLEER; GONZÁLEZ REY; VERESOV, 2017). Contudo, deve-se evitar mistificar esse conceito e reduzi-lo a uma orientação subjetivista, já que Vigotski o articulou com as demais unidades de análise, indicando especialmente a necessidade de análise do desenvolvimento do significado, para compreendê-lo.

O estudo da história da linguagem foi considerado por Vigotski como central, para a compreensão do desenvolvimento do pensamento. Nesse sentido, a Linguística moderna pode tanto se beneficiar do seu método como colaborar para uma compreensão mais acurada da relação entre pensamento e linguagem. Historiadores da linguagem, tais como Everett (2017), corroboram as análises de Vigotski, ao preconizar, com base em pesquisas antropológicas, arqueológicas, linguísticas e psicológicas, que a linguagem surgiu gradualmente através dos símbolos inventados culturalmente. Esse autor possui uma compreensão do desenvolvimento da linguagem que é antagônica à daqueles que advogam a hipótese da existência de uma gramática universal inata (CHOMSKY, 1998). Aquele autor comprova sua tese,

demonstrando que a recursividade, fundamental para o desenvolvimento do sistema semântico, diga-se de passagem, não é inata e depende de fatores contextuais para se desenvolver em uma comunidade.

As teorias reducionistas, reacionárias e justificadoras da ordem têm, na perspectiva de Vigotski, um forte adversário. O seu método nos fornece munições para negarmos as explicações do comportamento humano que o reduzem à história evolutiva. Ele também se mostra fundamental para podermos avançar nesses diversos campos citados, os quais se desenvolveram no decorrer do século XX, tendo como base o reducionismo tanto criticado por ele. A constatação da situação desses vários campos, os quais atravessam o estudo da pessoa, comprovam a atualidade e a relevância da sua produção.

Desse modo, o que esta pesquisa propôs demonstrar foi rigorosamente o processo da construção daquilo que permitiu a Vigotski vislumbrar a aludida “terra prometida”. Também constatamos que ele reconheceu seus limites, para desenvolver tal tarefa. Por outro lado, sua contribuição pode ser medida por aquilo que deixou potencialmente, principalmente na forma de hipóteses de trabalho e de método e metodologia de pesquisa. Nesse sentido, suas ideias nos auxiliam, para que tenhamos consciência de que os seus feitos constituíram um projeto não concretizado e que não deve ser lido como algo estático e relegado ao passado, contudo, ao contrário, como um projeto cujo potencial pode ser continuado e, por isso, pensamos que sua obra deve ser abordada sob uma perspectiva histórica e dialética, uma vez que, como ele mesmo enfatizou, “[...] desenvolvimento é o nosso principal método.” (VYGOTSKY, 2018a, p. 223).

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. Advertência aos leitores do livro I d' *O Capital*. In: MARX, K. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 56-85.
- AQUINO, P. M.; TOASSA, G. Apontamentos sobre a pedologia de Vigotski: alguns conceitos importantes em seu contexto histórico. **Obutchénie: R. de Didat. e Psic. Pedag.**, v. 3, n. 2, p. 1-19, 2019.
- BAGGS, E. **Book Review**: Action and Interaction. **Front. Psychol.**, v. 11, p. 1598, 2020.
- BARLOW, D.; DURAND, V.; HOFMANN, S. **Abnormal psychology**: an integrative approach. 8. ed. Boston/MA: Cenage Learning, 2018.
- BATTICH, L.; FAIRHURST, M.; DEROY, O. Coordinating attention requires coordinated senses. **Psychonomic Bulletin & Review**, 2020. No prelo.
- BLUNDEN, A. Tool and Sign in Vygotsky's Development. In: COLUMBUS, A. M. (ed.). **Advances in Psychology Research**, v. 121. New York: Nova Science, 2017.
- BLUNDEN, A. **The unit of analysis and germ cell in Hegel, Marx e Vygotsky**. 2020. Disponível em: [https://www.ethicalpolitics.org/ablunden/pdfs/unit\\_and\\_cell.pdf](https://www.ethicalpolitics.org/ablunden/pdfs/unit_and_cell.pdf). Acesso em: 6 maio 2020.
- BOLIS, D.; SCHILBACH, L. "I interact therefore I am": The self as a historical product of dialectical attunement. **Topoi**, v. 39, p. 521-534, 2020.
- BOZHOVICH, L. I. The social situation child development. **Journal of Russian and East European Psychology**, v. 47, n. 4, p. 59-89, 2009. (Trabalho original publicado em 1968).
- BRUNER, J. Introdução. In: VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BULHÕES, L. F.; MARTINS, L. M. A relação intrínseca entre a psicologia histórico-cultural e a epistemologia marxiana. **Psicologia em Estudo**, v. 23, p. 47-58, 2018.
- CARMO, F. **Vigotski**: um estudo à luz da centralidade ontológica do trabalho. 2008. 201f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- CARMO, F. M.; JIMENEZ, S. V. Em busca das bases ontológicas da psicologia de Vygotsky. **Psicologia em Estudo**, v. 18, n. 4, p. 621-631, 2013.
- CASTAÑON, G. **O cognitivismo e o desafio da psicologia científica**. 2006. 387f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CHASIN, J. **Marx**: Estatuto ontológico e resolução metodológica. São Paulo: Boitempo, 2009.

CHOMSKY, N. **Linguagem e mente**: pensamentos atuais sobre antigos problemas. Tradução de L. Lobato; revisão de M. Ridd. Brasília: Editora da UnB, 1998.

COSTA, E. M. **Psicologia como retórica**: uma análise das apropriações dos conceitos vigotskianos pelo construcionismo social. 2015. 236 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, 2015.

DAFERMOS, M. Vygotsky's analysis of the crisis in psychology: Diagnosis, treatment, and relevance. **Theory & Psychology**, v. 24, n. 2, p. 147-165, 2014.

DAFERMOS, M. Critical reflection on the reception of Vygotsky's theory in the international academic communities. In: SELAU, B.; CASTRO, R. F. (ed.). **Cultural-Historical Theory: Educational Research in Different Contexts**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. p. 19-38.

DAFERMOS, M. **Rethinking Cultural-Historical Theory**: A dialectical perspective to Vygotsky. Singapore: Springer, 2018.

DANIELS, H. **Vygotsky e a pesquisa**. Tradução de E. Bini. São Paulo: Loyola, 2008.

DAVYDOV, V. V.; RADZIKHOVSKII, L. A. Vygotsky's theory and the activity approach in psychology. In: WERTSCH, J. (ed.) **Culture, communication and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

DELARI JÚNIOR, A. Questões de método em Vigotski: busca da verdade e caminhos da cognição. In: TULESKI, S. C.; CHAVES, M.; LEITE, H. A. **Materialismo histórico-dialético como fundamento da psicologia histórico-cultural**: método e metodologia de pesquisa. Maringá/PR: EDUEM, 2015.

DELARI JÚNIOR, A. **Vigotski e “o problema do meio em pedologia”**: contestação a leituras simplistas. In: “Estação Mir”, Arquivos digitais, 2017.

DELARI JÚNIOR, A.; PASSOS, L. **Alguns sentidos da palavra “perejivanie” em L. S. Vigotski**: notas para estudo futuro junto à psicologia russa. 2009. Disponível em: <http://www.estmir.net/delari/>. Acesso em: 23 jul. 2020.

DOERING, A.; SCHUGER, A.; HERZOG, M. Hard criteria for empirical theories of consciousness. **Cognitive Neuroscience**, 2020. No prelo.

DUARTE, N. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. **Educação e Sociedade**, v. 71, p. 79-114, 2000.

DUARTE, N. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

DUPONT, J. C. Qui doit élaborer la psychologie et comment le faire. Psychophysiologie et critique de l'idéalisme en Russie au temps de Setchenov et de Kavelin. **Revue d'histoire des**



**sciences humaines**, v. 21, p. 29-54, 2009.

ELHAMMOUMI, M. Vygotsky's scientific psychology: Terra incognita. **Cultural-Historical Psychology**, v. 5, n. 3, p. 49-54, 2009.

ELKONIN, D. B. Epílogo. In: VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas IV: Psicología infantil**. Tradução de L. Kuper. 2. ed. Madrid: Visor, 2006. p. 377-412.

ELLIOTT, M.; KNOTT, A. R.; IRELAND, D. What Is the Test-Retest Reliability of Common Task-Functional MRI Measures? New Empirical Evidence and a Meta-Analysis. **Psychological Science**, v. 31, n. 7, p. 792-806, 2020.

EVERETT, D. **Linguagem: a história da maior invenção da humanidade**. Tradução de Maurício Resende. São Paulo: Contexto, 2019.

FEUERBACH, L. **Necessidade de uma reforma da filosofia**. Tradução de A. Morão. Covilhã: Lusosofia, 2008a. (Trabalho original publicado em 1842).

FEUERBACH, L. **Princípios da Filosofia do Futuro**. Tradução de A. Morão. Covilhã: Lusosofia, 2008b. (Trabalho original publicado em 1843).

FLEER, M.; GONZÁLEZ REY, F.; VERESOV, N. (org.). **Perezhivanie, Emotions and Subjectivity: Advancing Vygotsky's Legacy**. Singapura: Springer, 2017.

FRASER, J.; YASNITSKY, A. Deconstructing Vygotsky's victimization narrative: a re-examination of the "Stalinist suppression" of Vygotskian theory. In: YASNITSKY, A.; VANDER VEER, R. (ed.). **Revisionist Revolution in Vygotsky studies**. New York: Routledge, 2016. p. 50-65.

FREUD, S. O Moisés de Michelangelo. In: FREUD, S. **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (Trabalho original publicado em 1914).

FREUD, S. Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci. In: FREUD, S. **Obras completas (Vol. 9)**. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (Trabalho original publicado em 1910).

FRIEDRICH, J. **Lev Vigotski: mediação, aprendizagem e desenvolvimento: uma leitura filosófica e epistemológica**. Tradução de A. R. Machado e E. G. Lousada. Campinas/SP: Mercado das letras, 2012.

GALLAGHER, S. **Action and interaction**. Oxford: Oxford University Press, 2020.

GERGEN, K. J. **Social Construction in Context**. London: Sage, 2001.

GOERTZEN, J. R. On the possibility of unification: the reality and nature of the crisis in psychology. **Theory & Psychology**, v. 18, n. 6, p. 829-852, 2008.

GONZÁLEZ REY, F. L. **O pensamento de Vigotsky: Contradições, desdobramentos e desenvolvimento**. Tradução de L. L. Oliveira. São Paulo: HUCITEC, 2013.

GONZÁLEZ REY, F. L.; MARTÍNEZ, A. M. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

GOODALL, J. Tool-Using and Aimed Throwing in a Community of Free-Living Chimpanzees. **Nature**, v. 201, p. 1264-1266, 1964.

HYMAN, L. Vygotsky's Crisis: Argument, context, relevance. **Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences**, v. 43, n. 2, p. 473-482, 2012.

IAROCHEVSKI, M. F.; GURGUENIDZE, G. S. Epílogo. In: VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em Psicologia**. Tradução de C. Berliner. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 471-515.

ILYENKOV, E. V. La escuela debe enseñar a pensar. **Educación popular**, n. 6, p. 1-29, 1964.

IVANOV, V. V. Cultural-historical theory and semiotics. In: YASNITSKY, A.; VAN DER VEER, R.; FERRARI, M. (Eds.). **The Cambridge Handbook of Cultural-Historical Psychology**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 2014. p. 488-516.

JORAVSKY, D. L. S. Vygotskii: The muffled deity of Soviet psychology. In: ASH, M. G.; WOODWARD, W. R. (ed.). **Psychology in twentieth-century thought and society**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 189-381.

JORAVSKY, D. **Russian Psychology: A critical history**. Oxford: Basil Blackwell, 1989.

JORNET, A.; ROTH, W. M. Perezhivanie—A Monist Concept for a Monist Theory. **Mind, Culture, and Activity**, v. 23, n. 4, p. 1-3, 2016.

KELLER, H.; POORTINGA, Y.; SCHOLMERICH, A. (ed.) **Between Culture and biology: perspectives on ontogenetic development**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

KINZLER, K. **How you say it: why you talk the way you do: and what it says about you**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2020.

KOPNIN, P. V. **A dialética como lógica e teoria do conhecimento**. Tradução de P. Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

KRAVTSOVA, E. Vygotsky's nonclassical psychology: The dual nature of the position of the subject. **Journal of Russian and East European Psychology**, v. 48, n. 4, p. 17-24, 2010.

LAMDAN, E. Who had illusions? Alexander R. Luria's Central Asian experiments on optical illusions. **Dubna Psychological Journal**, v. 6, p. 66-76, 2013.

LAMDAN, E.; YASNITSKY, A. Did Uzbeks have illusions? The Luria-Koffka controversy of 1932. In: YASNITSKY, A.; VAN DER VEER, R. (ed.). **Revisionist revolution in Vygotsky studies**. London and New York: Routledge, 2016. p. 175-200.

LANGFORD, P. **Vygotsky's developmental and educational psychology**. New York: Psychology Press, 2005.

LESSA, S. **Mundo dos homens**: trabalho e ser social. 3. ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LORDELO, L. R. A crise da psicologia: análise da contribuição histórica e epistemológica de L. S. Vigotski. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 4, p. 537-554, 2011.

LUKÁCS, G. Prolegômenos para a ontologia do ser social: obras de Georg Lukács volume 13. Tradução de S. Lessa; revisão de M. Andrade. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

LURIA, A. R. **The mind of a mnemonist**: A little book about a vast memory. Translated by L. Solotaroff. New York/London: Basic Books, 1968.

LURIA, A. R. **Cognitive development**: its cultural and social foundations. Tradução de: M. Lopez-Morillas e L. Solotoroff. Cambridge: Harvard University Press, 1976.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**: sensações e percepções (Vol. II). Tradução de P. Bezerra. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1979.

LURIA, A. R. **Fundamentos de neuropsicologia**. Tradução de J. A. Ricardo. São Paulo: USP, 1981. (Trabalho original publicado em 1973).

LURIA, A. R. **A construção da mente**. Tradução de M. B. Cipolla. São Paulo: Ícone, 1992. (Trabalho original publicado em 1979).

LURIA A. R.; YUDOVICH, F. I. **Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança**. Tradução de J. Abreu. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MAINARDES, J.; PINO, A. Publicações brasileiras na perspectiva vigotskiana. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n. 71, 2000.

MARTINS, L. G. Introdução aos fundamentos epistemológicos da Psicologia Sócio-Histórica. In: MARTINS, L. M. (org.). **Sociedade, educação e subjetividade**: reflexões temáticas à luz da Psicologia Sócio-Histórica. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. p. 33-60.

MARTINS, J. B. A importância do livro *Psicologia Pedagógica* para a teoria histórico-cultural de Vigotski. **Análise Psicológica**, v. XXVIII, n. 2, p. 343-357, 2010.

MARTINS, J. B.; SOUZA, M. P. Pedologia de Vigotski e a abordagem multirreferencial: aproximações. **Revista Interamericana De Psicologia**, v. 52, n. 3, p. 295-305, 2018.

MARX, K. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução de R. Enderle e L. de Deus. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K. **Grundrisse**: Manuscritos econômicos de 1857-1858: Esboços da crítica da economia política. Tradução de M. Duayer; colaboração de A. H. Werner e R. Hoffman. São Paulo: Boitempo, 2011. (Trabalho original publicado em 1939).

MARX, K. **O capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução de R. Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. (Trabalho original publicado em

1867).

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. Tradução de R. Enderle, N. Schneider e L. C. Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007. (Trabalho original publicado em 1921).

MIKHAILOV, F. T. Problems of the Method of Cultural-Historical Psychology. **Journal of Russian and East European Psychology**, v. 44, n. 1, p. 21-54, 2006.

MINICK, N. The Development of Vygotsky's Thought: An Introduction. In: VYGOTSKY, L. S. **The collected works of L. S. Vygotsky**, v. 1. Problems of general psychology. Translated by N. Minick. Edithors: R. Rieber e A. Carton. New York: Plenum Press, 1987.

PAULO NETTO, J. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011a.

PAULO NETTO, J. **Introdução à leitura dos *Gundrisse* de Karl Marx**. Lançamento da edição brasileira dos manuscritos de 1857-1858. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xhds6tHvb08>. Acesso em: 08 ago. 2020.

POLITZER, G. Psicologia mitológica e psicologia científica. In: POLITZER, G. **Os fundamentos da psicologia**. Tradução de A. Almeida. Lisboa: Prelo, 1973. (Trabalho original publicado em 1929).

PRESTES, Z. **Quando não é quase a mesma coisa**- Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil- Repercussões no campo educacional. 2010. 295 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Brasília, 2010.

PROCTOR, H. Kurt Koffka and the Expedition to Central Asia. **Dubna Psychological Journal**, v. 3, p. 43-52, 2013.

RATNER, C. **Cultural psychology and qualitative methodology**: theoretical and empirical considerations. New York: Springer, 1997.

RIVIÈRE, A. La psicología de Vygotski: sobre la larga proyección de una corta biografía. **Infancia y aprendizaje**, v. 27-28, p. 7-86, 1984.

ROBBINS, D. Vygotsky's non-classical psychology. **Intercultural Pragmatics**, v. 4, n. 1, p. 85-97, 2007.

ROTH, W.; JORNET, A. **Understanding Educational Psychology**: A Late Vygotskian, Spinozist Approach. New York: Springer, 2017.

SAKHAROV, L. Sobre métodos para pesquisa de conceitos. Tradução de G. Toassa; revisão de A. Delari Júnior. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 25, n. 3, p. 695-722, 2013. (Trabalho original publicado em 1928).

SAMUKHIN, N. V.; BIRENBAUM, G.V.; VYGOTSKY, L.S. K voprosu o dementsii pri bolezni Pika: klinicheskoe i eksperimental'no-psikhologicheskoe issledovanie [Sobre a questão da demência na doença de Pick: pesquisa experimental-psicológica e clínica]. **Sovetskaya Nevropatologiya, Psikiatriya i Psikhogigiena**, v. 3, p. 97-135, 1934. Título transliterado do russo.

SANTA, F. D.; BARONI, V. As raízes marxistas do pensamento de Vigotski: contribuições teóricas para a psicologia histórico-cultural. **Kínesis - Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, v. 6, n. 12, p. 1-16, 2014.

SCHILBACH, L. Towards a second-person neuropsychiatry, **Phil. Trans. R. Soc. B.**, v. 371, n. 1686, p. 1-11, 2016.

SCHULTZ, D.; SCHULTZ, S. **História da psicologia moderna**. Tradução de S. S. Cuccio. 8. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

SCRIBNER, V. Vygotsky's uses of history. In: WERTSCH, J. (ed.). **Culture, communication, and cognition**. New York/NW: Cambridge University Press, 1985. p. 119-145.

SÈVE, L. Where is Marx in the work and thought of Vygotsky? In: SEMINAIRE INTERNATIONAL VYGOTSKI, 7, 2018, Genebra, Vygotski et Marx, 2018. Genebra: Universidade de Genebra, 2018. Disponível em: [https://www.unige.ch/SIV2018/index.php/download\\_file/view/51/1/](https://www.unige.ch/SIV2018/index.php/download_file/view/51/1/). Acesso em: 20 jul. 2020.

SHUARE, M. **La psicología soviética tal como yo la veo**. Moscou: Progreso, 1990.

SIEVERS, B.; WELKER, C.; HASSON, U.; KLEINBAUM, A.; WHEATLEY, T. How consensus-building conversation changes our minds and aligns our brains, **Psyarxiv**, 2020. No prelo.

STURM, T.; MULBERGER, A. Crisis discussions in psychology: New historical and philosophical perspectives. **Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences**, v. 43, p. 425-433, 2012.

TOASSA, G. Is there a “Vygotskian Materialism”? Ontological and epistemological concerns for a contemporary Marxist Psychology (Part I). **Dubna Psychological Journal**, v. 1, p. 46-57, 2015.

TOASSA, G. Nem tudo que reluz é Marx: críticas stalinistas a Vigotski no âmbito da ciência soviética1. **Psicologia USP**, v. 27, n. 3, p. 553-563, 2016.

TOASSA, G. Criando uma psicologia materialista - fontes e influência de Espinosa nos trabalhos de Vigotski. In: OLIVEIRA, A. A. S. (org.). **Psicologia sócio-histórica e o contexto de desigualdade psicossocial: teorias, método e pesquisas**. Maceió: Edufal, 2017. p. 13-26.

TOASSA, G. Leontiev sobre matéria e consciência: sua crítica a Vigotski nos anos 1930s. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, p. 1-10, 2020.

TOASSA, G; DELARI JÚNIOR, A. Sakharov e os métodos para a pesquisa da formação de conceitos. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 25, n. 3, p. 645-658, 2013.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. Tradução de C. Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOMASELLO, M. **Becoming human**: A theory of ontogeny. London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2019.

TONET, I. **Método científico**: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

TOOMELA, A. Culture of Science: Strange History of the Methodological Thinking in Psychology. **Integrative Psychological and Behavioral Science**, v. 41, n. 1, p. 6-20, 2007.

TOOMELA, A. Methodology of cultural-historical psychology. In: YASNITSKY, A.; VAN DER VEER, R.; FERRARI, M. (Eds.). **The Cambridge Handbook of Cultural-Historical Psychology**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 2014a. p. 101-125.

TOULMIN, S. The Mozart of psychology [Review of the book, *Mind in Society*]. **New York Review of Books**, v. 25, n. 14, p. 51-57, 1978.

TROTSKY, L. **As questões do modo de vida**. Tradução de A. Castro. Lisboa: Antídoto, 1979.

VAISMAN, S.; ALVES, A. J. Apresentação. In: CHASIN, J. **Marx**: Estatuto ontológico e resolução metodológica. São Paulo: Boitempo, 2009.

VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. **Vygotsky**: uma síntese. Tradução de M. Marcionilo. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

VAN DER VEER, R.; YASNITSKY, A. Vygotsky the published: Who wrote Vygotsky and what Vygotsky actually wrote. In: YASNITSKY, A.; VAN DER VEER, R. (ed.). **Revisionist revolution in Vygotsky studies**. New York: Routledge, 2016a. p. 80-98.

VAN DER VEER, R.; ZAVERSHNEVA, E. To Moscow with love: Partial Reconstruction of Vygotsky's Trip to London. **Integr. Psych. Behav.**, v. 45, p. 458-474, 2011.

VERESOV, N. **Undiscovered Vygotsky**: Etudes on the pre-history of cultural-historical psychology. New York: Peter Lang, 1999.

VERESOV, N. Marxist and non-Marxist aspects of the cultural-historical psychology of L. S. Vygotsky. **Outlines**, v. 1, p. 31-49, 2005.

VERESOV, N. Forgotten methodology Vygotsky's case. In: TOOMELA, A.; VALSINER, J. (ed.). **Methodological Thinking in Psychology**: 60 Years Gone Astray? Charlotte/NC: IAP, 2010. p. 267-295.

VERESOV, N.; FLEER, M. *Perezhivanie* as a Theoretical Concept for Researching Young Children's Development. **Mind, Culture, and Activity**, v. 23, n. 4, p. 1-11, 2016.

VIGOTSKI, L. S. Metodika refleksologicheskogo i psikhologicheskogo issledovaniia [Os métodos de investigação reflexológica e psicológica]. In: KORNILOV, K. N. (ed.). **Problemy sovremennoi psikhologii**. Leningrad: GIZ, 1926. p. 26-46.

VIGOTSKI, L. S. K voprosu o pedagogii i smechnykh s neiu naukha [Sobre a questão da pedagogia e ciências afins]. **Pedologia**, v. 15, n. 3, 1931.

VIGOTSKI, L. S. Michliêníe i riétch: Psikhologicheskíe issledovaniya [Pensamento e linguagem: Investigações psicológicas]. Moscow: Gosudarstvennoe sotsial'no-ekonomicheskoe izdatel'stvo, 1934.

VIGOTSKI, L. S. **Mind in Society**: The Development of Higher Psychological Processes. Edição de M. Cole, V. John-Steiner, S. Scribner e E. Souberinan. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.

VIGOTSKI, L. S. Thinking and speech. In: RIEBER, R.; CARTON, A. (ed.). **The collected works of L. S. Vygotsky**: Volume 1- Problems of general psychology (Including the volume of *Thinking and speech*). Tradução de N. Minick. New York: Plenum Press, 1987. p. 39-288.

VIGOTSKI, L. S. The problem of the cultural development of the child. In: VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. (ed.). **The Vygotsky Reader**. Oxford: Blackwell, 1994a. p. 57-72. (Trabalho original publicado em 1929)

VIGOTSKI, L. S. The socialist alteration of man. In: VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. (ed.). **The Vygotsky Reader**. Oxford: Blackwell, 1994b. p. 175-184. (Trabalho original publicado em 1930).

VIGOTSKI, L. S. Thought in schizophrenia. In: VALSINER, J.; VAN DER VEER, R. (ed.). **The Vygotsky reader**. Oxford: Basil Blackwell, 1994c. p. 313-326. (Trabalho original publicado em 1934).

VIGOTSKI, L. S. El defecto y la compensación. In: VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas V**: Fundamentos de defectología. Tradução de J. G. Blank. Madrid: Visor, 1997a. (Trabalho original publicado em 1927).

VIGOTSKI, L. S. Acerca de la psicología y la pedagogía de la defectividad infantil. In: VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas V**: Fundamentos de defectología. Tradução de J. G. Blank. Madrid: Visor, 1997b. p. 73-97. (Trabalho original publicado 1924).

VIGOTSKI, L. S. Diagnóstico del desarrollo y clinica paidológica de la infancia difícil. In: VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas V**: Fundamentos de defectología. Tradução de J. G. Blank. G. Madrid: Visor, 1997c. p. 41-59. (Trabalho original publicado em 1936).

VIGOTSKI, L. S. El problema del retraso mental. In: VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas V**: Fundamentos de defectología. Tradução de J. G. Blank. Madrid: Visor, 1997d. p. 259-274. (Trabalho original publicado em 1935).

VIGOTSKI, L. S. Introdução à versão russa do livro de Buhler: Ensaio sobre o desenvolvimento espiritual da criança. In: VIGOTSKI, L. A. **O desenvolvimento psicológico na infância**. Tradução de C. Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1998a. p. 179-199.

(Trabalho original publicado em 1930).

VIGOTSKI, L. S. A percepção e seu desenvolvimento na infância. *In*: VIGOTSKI, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. Tradução de C. Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1998b. p. 3-27. (Trabalho original publicado em 1960).

VIGOTSKI, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. Tradução de C. Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1998c. (Trabalho original publicado em 1960).

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. Tradução de P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999a. (Trabalho original publicado em 1965).

VIGOTSKI, L. S. On the problem of the psychology of the actor's creative work. *In*: VIGOTSKI, L. S. **The collected works of L. S. Vygotsky**. Vol. 6. Scientific legacy. New York: Plenum, 1999b. p. 237-244. (Trabalho original publicado em 1936).

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas III: Problemas del desarrollo de la psique**. Tradução de L. Kuper. 2. ed. Madrid: Visor, 2000a. (Trabalho original publicado em 1960)

VIGOTSKI, L. S. Lev S. Vigotski: Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, v. 71, p. 21-44, 2000b.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do Pensamento e da linguagem**. Tradução de P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001a. (Trabalho original publicado em 1934).

VIGOTSKI, L. S. Pensamiento y lenguaje. *In*: ALVAREZ, A.; DEL RÍO, P. (ed.). **Obras Escogidas II: Incluye pensamiento y lenguaje/Conferencias sobre psicología**. Tradução de J. M. Bravo. 2. ed. Madrid: Visor, 2001b. p. 9-348. (Trabalho original publicado em 1934).

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Tradução de C. Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003. (Trabalho original publicado em 1926).

VIGOTSKI, L. S. Significado histórico da crise da psicologia: Uma investigação metodológica. *In*: VIGOTSKI, L. S. (ed.). **Teoria e Método em Psicologia**. Tradução de C. Berliner. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004a. p. 203-421. (Trabalho original publicado em 1982).

VIGOTSKI, L. S. Os métodos de investigação reflexológicos e psicológicos. *In*: VIGOTSKI, L. S. (ed.). **Teoria e Método em Psicologia**. Tradução de C. Berliner. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004b. p. 3-33. (Trabalho original publicado em 1926).

VIGOTSKI, L. S. A consciência como problema da psicologia do comportamento. *In*: VIGOTSKI, L. S. (ed.). **Teoria e Método em Psicologia**. Tradução de C. Berliner. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004c. p. 55-87. (Trabalho original publicado em 1925).

VIGOTSKI, L. S. A psique, a consciência, o inconsciente. *In*: VIGOTSKI, L. S. (ed.). **Teoria e Método em Psicologia**. Tradução de C. Berliner. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004d. p. 139-159. (Trabalho original publicado em 1930).

VIGOTSKI, L. S. Desenvolvimento da memória (Prefácio ao livro de A. N Leontiev). *In*:



VIGOTSKI, L. S. (ed.). **Teoria e Método em Psicologia**. Tradução de C. Berliner. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004e. p. 161-170. (Trabalho original publicado em 1931).

VIGOTSKI, L. S. **Teoria de las emociones**: estudio histórico-psicológico. Tradução de J. Viaplana. Madrid: Akal, 2004f.

VIGOTSKI, L. S. Sobre os sistemas psicológicos. *In*: VIGOTSKI, L. S. (ed.). **Teoria e Método em Psicologia**. Tradução de C. Berliner. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004g. p. 103-135. (Trabalho original publicado em 1982).

VIGOTSKI, L. S. O método instrumental em psicologia. *In*: VIGOTSKI, L. S. (ed.). **Teoria e Método em Psicologia**. Tradução de C. Berliner. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004h. p. 93-101. (Trabalho original publicado em 1982).

VIGOTSKI, L. S. O problema da consciência. *In*: VIGOTSKI, L. S. (ed.). **Teoria e Método em Psicologia**. Tradução de C. Berliner. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004i. p. 171-189. (Trabalho original publicado em 1968).

VIGOTSKI, L. S. The problem of mental retardation (A tentative of working hypotheis). **Soviet Psychology**, v. 26, n. 1, p. 78-85, 2004j. (Trabalho original publicado em 1935)

VIGOTSKI, L. S. Paidología del adolescente. *In*: VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas IV: Psicología infantil**. Tradução de L. Kuper. 2. ed. Madrid: Visor, 2006a. p. 9-248. (Trabalho original publicado em 1928-1931).

VIGOTSKI, L. S. Problemas de la psicología infantil. *In*: VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas IV: Psicología infantil**. Tradução de L. Kuper. 2. ed. Madrid: Visor, 2006b. p. 249- 386. (Trabalho original publicado em 1984).

VIGOTSKI, L. S. L. S. Vygotsky: Letters to students and colleagues. **Journal of Russian and East European Psychology**, v. 45, n. 2, p. 11-60, 2007.

VIGOTSKI, L. S. The Science of Psychology. **Journal of Russian and East European Psychology**, v. 50, n. 4, p. 85-106, 2012. (Trabalho original publicado em 1928).

VIGOTSKI, L. S. O pensamento do escolar. *In*: ORSO, P. J.; MALANCHEN, J.; CASTANHA, A. P. **Pedagogia histórico-crítica, educação e revolução - 100 anos da revolução russa**. Campinas: Armazém do Ipê, 2017a. (Trabalho original publicado em 2001).

VIGOTSKI, L. S. **Zapísnie kníjki L. S. Vygótskogo**. Izbrannoe. [Cadernos de notas de L. S. Vygótski. Uma seleção]. Organização Ekaterina Zavhershneva e René van der Veer. Moscou: Kanon+, 2017b.

VIGOTSKI, L. S. **Vygotsky's Notebooks: A Selection**. Editado por E. Zavershneva. Tradução de R. Van Der Veer. Singapore: Springer, 2018a.

VIGOTSKI, L. S. **Sete aulas de L. S. Vygotski**: Sobre os fundamentos da pedologia. Tradução de Z. Prestes, E. Tunes e C. C. Santana, C. C. Rio de Janeiro: E-papers, 2018b. (Trabalho original publicado em 1934).

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança**. Tradução de L. L. Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (Trabalho original publicado em 1930).

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **El instrumento y el signo en el desarrollo del niño**. Tradução de: DEL RÍO, P. Madrid: Fundación Infancia y Aprendizaje, 2007. (Trabalho original publicado em 1984).

WERTSCH, J. (ed.). **Culture, communication and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985a.

WERTSCH, J. **Vygotsky and the social formation of mind**. Cambridge: Harvard University Press, 1985b.

YAROSHEVSKY, M. **Lev Vygotsky**. Tradução de S. Syrovatskin. Moscou: Progress, 1989.

YASNITSKY, A. A transnational history of “the beginning of a beautiful friendship”: the birth of cultural-historical Gestalt psychology of Alexander Luria, Kurt Lewin, Lev Vygotsky, and others. *In*: YASNITSKY, A.; VAN DER VEER, R. (ed.). **Revisionist Revolution in Vygotsky Studies**. New York: Routledge, 2016. p. 192-214.

YASNITSKY, A. **Vygotsky: An intellectual biography**. New York: Routledge, 2018.

ZAVERSHNEVA, E. The Vygotsky Family Archive (1912–1934). **Journal of Russian and East European Psychology**, v. 48, n. 1, p. 14-33, 2010a.

ZAVERSHNEVA, E. “The Way to Freedom” (On the Publication of Documents from the Family Archive of Lev Vygotsky). **Journal of Russian and East European Psychology**, v. 48, n. 1, p. 61-90, 2010b.

ZAVERSHNEVA, E. Investigating L. S. Vygotsky’s Manuscript “The Historical Meaning of the Crisis in Psychology”. **Journal of Russian and East European Psychology**, v. 50, n. 4, p. 42-63, 2012.

ZAVERSHNEVA, E. The problem of consciousness in Vygotsky’s cultural-historical psychology. *In*: YASNITSKY, A.; VEER, R. V. D.; FERRARI, M. (ed.). **The Cambridge Handbook of Cultural-Historical Psychology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. p. 63-97.

ZAVERSHNEVA, E. Vygotsky the unpublished: an overview of the personal archive (1912–1934). *In*: YASNITSKY, A.; VAN DER VEER, R. (ed.). **Revisionist Revolution in Vygotsky Studies**. New York: Routledge, 2016a. p. 94-125.

ZAVERSHNEVA, E. “The way to freedom”: Vygotsky in 1932. *In*: YASNITSKY, A.; VAN DER VEER, R. (ed.). **Revisionist Revolution in Vygotsky Studies**. New York: Routledge, 2016b. p. 127-137.

ZAVERSHNEVA, E.; VAN DER VEER, R. (ed.). **Vygotsky’s Notebooks: A Selection**. Singapore: Springer, 2018. p. 483-501.

ZINCHENKO, V. P. Vygotsky's ideas about unit for the analysis of mind. *In*: WERTSCH, J. (ed.). **Culture, communication and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

ZINCHENKO, Y.; PERVICHKO, E. Nonclassical and postnonclassical epistemology in Lev Vygotsky's cultural-historical approach to clinical psychology. **Psychology in Russia: State of the Art**, v. 6, n. 1, p. 43-56, 2013.